JORNAL DO BRASIL

©JORNAL DO BRASIL LTDA. 1985 — Rio de Janeiro — Domingo, 5 de maio de 1985 — Ano XCV — Nº 27 — Preço: Cr$ 2 000

Tempo

Será nublado sujeito a chuvas esparsas com períodos de melhoria. A temperatura permanecerá estável. Foto do satélite e tempo no mundo **na página 30**.

Cidade

Neto de Giuseppe Martinelli, que foi um dos homens mais ricos do país, José Monteiro Martinelli é acusado de roubar de uma amiga um diamante de 7,4 quilates. (Página 21)

Revoltados com a segunda paralisação em dois dias, passageiros agrediram ontem funcionários do metrô na estação da Praça Saenz Peña. (Página 19)

R.V.G., um dos presos que viajavam na mesma viatura da PM que o estudante massacrado no Lins, desmentiu que o detetive Firmino tenha surrado Ricardo: "Foram só os nove PMs, e o mais violento era o sargento". (Página 22)

Política

Hipocondríaco para os amigos, o Presidente José Sarney prefere se considerar apenas um homem cauteloso, que faz um check-up por ano no Instituto do Coração, em São Paulo. (Página 7)

Em menos de dois meses a Nova República já revela a existência entre os seus ministros de uma rotina de intrigas. O Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, é uma espécie de alvo dos demais. Mas o Ministro do Planejamento, João Sayad, não está fora da mira. (Pág. 8)

Nacional

Cleusa, freira agostiniana desaparecida de Lábrea (AM) desde fins de abril, foi morta ao tentar apaziguar os caiapó. O corpo foi encontrado junto a um igarapé. (Página 13)

Governo enviou mensagem ao Congresso para que se pronuncie sobre a decisão da ONU fixando o mar territorial em 12 milhas. (Página 12)

Mundo

Os protestos surgem em várias partes da Europa e até em Washington, mas o Presidente Reagan visitará hoje o cemitério em que estão enterrados soldados nazistas. (Página 23)

A cada depoimento, no tribunal que julga os generais argentinos, surge uma nova história de terror. O caso da presa que deu à luz na prisão emocionou o país. (Página 26)

Negócios

A partir de 1986, o cruzeiro vai vigorar com menos três zeros. Será a terceira reforma do padrão monetário feita no Brasil. (Página 40)

Grupo de empresas está financiando o Projeto Futuro-Ermitão, inédito no mundo, que pretende construir uma casa submarina para moradia. (Página 38)

Esportes

Alemão e Jandir são as dúvidas do técnico Evaristo para escalar a Seleção Brasileira que enfrenta a Argentina, a partir das 17h, em Salvador. (Página 42)

Congresso terá última palavra sobre economia

Quando o Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, acabar seu pronunciamento sobre a situação da economia brasileira na próxima quarta-feira, no Congresso, os parlamentares vão enfrentar um sério desafio. Depois de anos criticando a centralização do poder pelo Executivo, deputados e senadores começam a se preocupar com a total falta de condições técnicas para decidir sobre as melhores opções para um país em crise.

Eles deverão decidir, por exemplo, qual a melhor saída para o refinanciamento do déficit público. No seu discurso, Dornelles dará também outra má notícia: a previsão inicial de um déficit de Cr$ 53 trilhões, até o fim do ano, foi superada e o Governo já trabalha com um número em torno de Cr$ 60 trilhões. (Págs. 36 e 37)

Sarney consegue do Senado apoio para Aparecido

Numa reunião com o presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, e o presidente regional do Partido em Brasília, Pompeu de Souza, às 22h da última sexta-feira, o Ministro da Cultura, José Aparecido, tornou-se Governador do Distrito Federal. A mensagem do Presidente José Sarney indicando seu nome será enviada amanhã ao Senado.

Sarney negociou, pessoalmente, o apoio prévio à indicação de Aparecido, inclusive junto ao PDS. Todas as reações foram favoráveis. Com a escolha, o Presidente da República evitou o prolongamento de uma luta que parecia não ter fim entre o Senador Mauro Borges (PMDB-GO) e o ex-Deputado Carlos Murilo, pela posse do Distrito Federal. (Página 3)

União gasta por mês com pessoal Cr$ 4 trilhões

Quatro trilhões de cruzeiros é o custo mensal dos salários, mordomias e despesas com os dois milhões de pessoas remuneradas de alguma forma pelo serviço público federal, correspondendo a 5% da força de trabalho, segundo dados preliminares do Ministro da Administração, Aluízio Alves, para quem a situação do pessoal da União "é um verdadeiro tumulto".

Os 780 mil servidores ativos e inativos dos ministérios e autarquias obrigam a uma despesa mensal, em vencimentos e proventos, de Cr$ 820 bilhões, mas este custo aumenta em 200% quando se considera a administração indireta. Existem 100 mil pessoas contratadas em regime excepcional, recebendo remuneração segundo uma tabela especial. (Página 18)

Coca defende 90% do mercado na luta com Pepsi

A histórica guerra nos EUA da Coca-Cola X Pepsi — que vive uma decisiva batalha, esta semana, com a entrada no mercado norte-americano de uma nova coca, com um sabor mais doce — já chegou ao Brasil. "Olha só quem está mudando para o sabor de vencer", ironizava o anúncio da Pepsi colocado nos principais jornais brasileiros no último fim de semana.

Com a superioridade de quem detém 93% do mercado nacional dos refrigerantes sabor cola, o diretor administrativo da Coca-Cola no Brasil, Luiz Lobão, nega-se a responder e promete "não entrar em bate-boca". Mas no Rio Grande do Sul, único Estado onde a Pepsi lidera o mercado, a Coca-Cola também trava uma violenta batalha, investindo pesado em **marketing**. (Página 32)

Foto de Evandro Teixeira

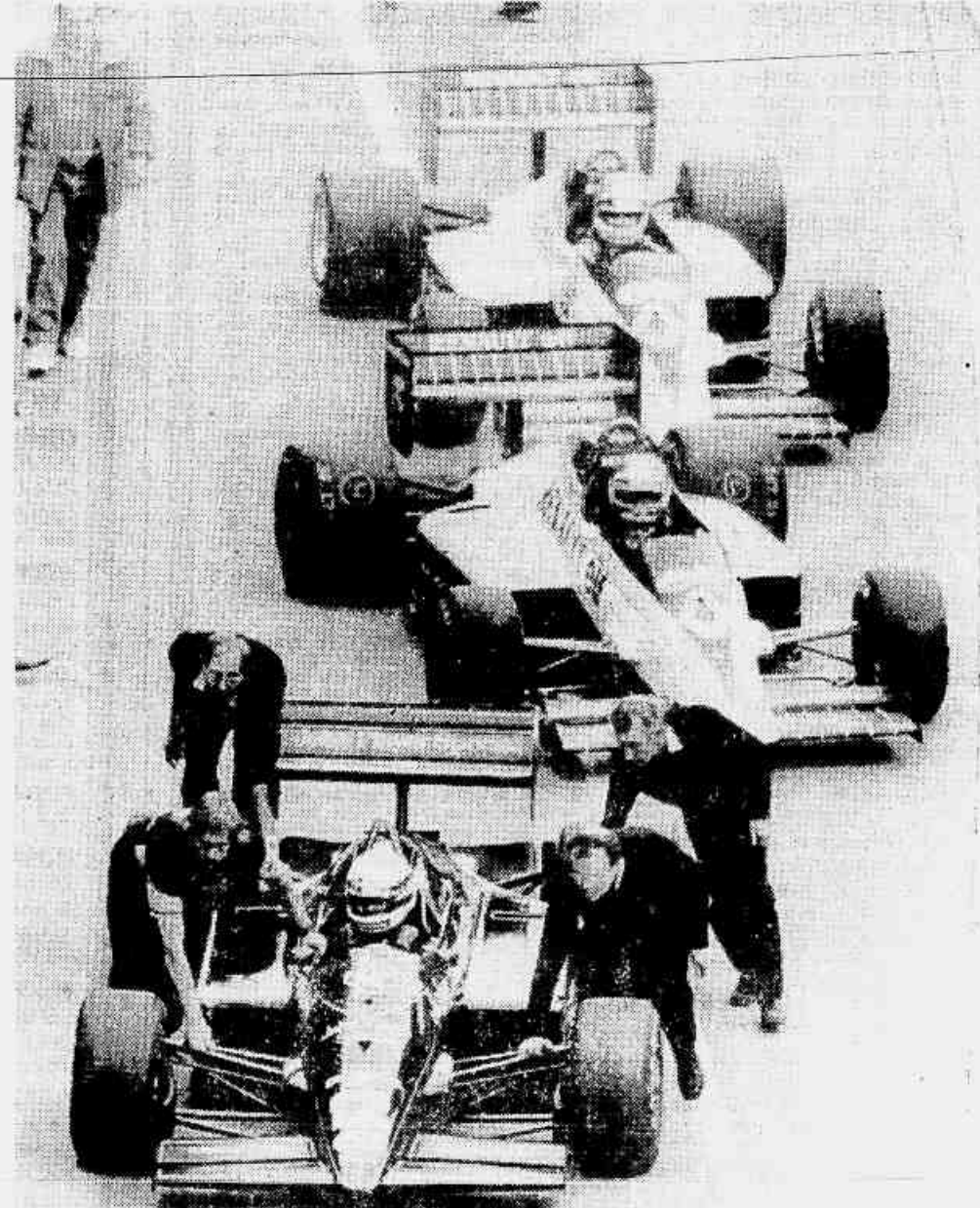
Brizola quer diretas e Constituinte simultaneamente

Brizola acusa Aliança de não querer eleição

O Governador Leonel Brizola advertiu que a Aliança Democrática poderá levar o País a "descaminhos da maior gravidade", ao recusar eleições diretas para Presidente da República em 1986, simultaneamente com a da Assembléia Constituinte. Disse que o PMDB e o PFL criam uma situação de "irracionalidade", quando defendem a permanência de José Sarney no poder até 1988.

Brizola argumentou que se o Presidente Sarney continuar na chefia do Governo após a convocação da Constituinte, isso significará "mais uma eleição indireta". Lembrou que, em 1934, a Constituinte deu quatro anos de mandato a Getúlio Vargas e o resultado foi o golpe de 1937, que instalou a ditadura do Estado Novo.

Para o Governador do Rio de Janeiro, "a incoerência maior é do PMDB", que forma com o PFL a Aliança Democrática. Acredita que os dois Partidos caminham para a formação de um bloco conservador e revela uma esperança: a de que Sarney "assuma a postura de magistrado e prepare o terreno para o advento de eleições livres e democráticas". (Página 4)

Imola, Itália/Foto de Ari Gomes

O carro preto de Senna larga de novo em 1º no GP de hoje

Pazzianotto prevê mais 40 dias de greves

No máximo dentro de 40 dias, o Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, espera que a onda de greves tenha terminado. Hoje, sua maior preocupação é com o descumprimento das decisões da Justiça do Trabalho, pelas partes envolvidas, e com a violência. "Greve é um fato normal no mundo das relações do trabalho", disse o Ministro.

Depois de 17 horas de negociação no Tribunal Superior do Trabalho em Brasília, os aeronautas decidiram suspender a greve. A sessão de conciliação começou na tarde de sexta-feira e só terminou na manhã de sábado. Foi a mais longa da história do TST. Os aeronautas acham que as conquistas econômicas não foram grandes, mas acreditam que houve ganhos políticos. Os aeroportos já operam normalmente.

Cerca de 10 mil metalúrgicos de São Bernardo e Diadema decidiram, em assembléia no Estádio Baeta Neves, continuar a greve, que entra hoje no seu 25º dia e atinge 30 indústrias dos dois municípios. Os metalúrgicos de São Caetano também se reuniram e aprovaram proposta do Grupo Independente de manutenção da "unidade do movimento".

Falando aos trabalhadores em São Bernardo, o presidente nacional do PT e diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, Luís Inácio Lula da Silva, disse que a categoria ainda tem fôlego para mais 30 dias de greve. Ele lamentou as críticas do Líder do Governo no Congresso, Senador Fernando Henrique Cardoso.

Hércules Correa, dirigente do PCB, justificou as greves como decorrentes dos baixos salários, mas disse que elas só devem ser adotadas como um último recurso. Disse que os sindicatos controlados pelo Partido Comunista não entraram nas greves, comandadas principalmente pelos membros da Convergência Socialista, o mais atuante entre os grupos da esquerda. (Páginas 12, 18 e 38)

ESPECIAL

Arquivos abrem debate sobre FEB na Itália

Quarenta anos depois, a participação da FEB na II Guerra Mundial é contada no Brasil com apoio em fontes históricas estrangeiras. A consulta aos arquivos da Alemanha e da Inglaterra revelaram fatos desfavoráveis à atuação das tropas brasileiras, mas os italianos se lembram dos pracinhas com carinho e elogiam a sua bravura. O método e o estilo de Evandro Lins e Silva fizeram escola no júri. No dia do Juízo Final, diz que pedirá ao Criador só duas horas para a própria defesa e a definitiva absolvição.

DOMINGO

Isabel se queixa da falta de Jaqueline

Uma levanta com precisão, a outra corta com violência. Nos últimos 13 anos Isabel e Jaqueline jogaram juntas e ajudaram, com o espetáculo de seus corpos elásticos, a popularizar o vôlei. Hoje separadas por problemas de renovação de contrato, Isabel se entristece com a situação da companheira. Custa caro aprender a beber vinho, Cr$ 500 mil o curso; quatro lições são de graça. Belas e resistentes, as árvores também contam a história do Rio.

Programa Stewart Granger esbanja seu poder de sedução em dois filmes de capa-e-espada este domingo, na Manchete e na Globo. A semana no cinema tem uma estréia que promove: **Um amor de Swann**, do alemão Volker Schlondorff, que ousou levar Proust para a tela. Ainda há tempo de ver Dusek, ator, e Caetano.

caderno B

Dona-de-casa calcula salário da empregada

Com o novo salário mínimo, quem tem empregada doméstica (elas são mais de 3 milhões, um quarto da mão-de-obra feminina no país) está com um espinho cravado na consciência. Quem está disposto, ou pode, a pagar Cr$ 333 mil? Uma ronda pelos quatro **sebos** de discos mais sortidos da cidade revela: LPs de Roberto Carlos ou 78 rotações de Francisco Alves, como **Pé de Anjo**, podem custar até Cr$ 1 milhão. O filme **Um homem, uma mulher, uma noite**, de Costa-Gavras, completa 21 semanas em cartaz. Outro filme dele vem aí: **Hanna K.**

COLUNA DO CASTELLO

A nova Assessoria da Presidência

CONFORME a qualificação das pessoas escolhidas para compor a Assessoria Especial do Presidente da República, imaginada nos moldes da que existe na Casa Branca, o Sr José Sarney poderá armar-se efetivamente para avaliar as propostas políticas dos seus ministros e com eles discutir, devidamente aparelhado, as alternativas de soluções para os problemas que forem levados à sua decisão. Os problemas que dependem da palavra final do Presidente abrangem o universo da administração pública, mas podem ser centrados em cinco ou seis setores vitais, como política externa, prioritária para um país como os Estados Unidos, impostos e assistência social, educação e cultura, política interna, planejamento econômico, trabalho e segurança nacional.

Por enquanto, o Presidente está sendo assistido apenas por um assessor qualificado, o Embaixador Rubens Ricúpero, cuja visão objetiva dos problemas o credenciou à atenção do presidente Tancredo Neves, a quem acompanhou na sua excursão pós-eleitoral. Se se mantiver nesse nível, o Presidente José Sarney poderá inovar no exercício da Presidência, substituindo a velha estrutura ou sobre ela montando uma nova estrutura de avaliação dos problemas do Estado que o capacite a examinar com os Ministros de Estado os problemas sobre os quais deva se pronunciar.

É claro que essa Assessoria não seria um superministério. Seria um escalão de estudos diretos da Presidência que dê ao titular as condições de discutir para optar e o libere da sujeição exclusiva às opções de ministros que nem sempre estão afinados com o pensamento profundo do Presidente ou com suas intenções políticas. Os Ministros nada teriam a perder. Antes pelo contrário, eles passariam a ter a certeza de que o Presidente, devidamente aconselhado, poderá examinar com mais propriedade as propostas de Governo que eles levarem à decisão. O Presidente afinal decide em função de fatores mais amplos, entre os quais se incluem o conhecimento de tendências da opinião pública e do Congresso, força de sustentação de qualquer Governo democrático. Os ministros constituem uma equipe de trabalho e de formulação de decisões mas o Presidente deverá estar sempre em condições de examinar os assuntos que lhe são propostos segundo ângulos pessoais.

Uma Assessoria de alta qualificação envolve problemas relacionados com a malsinada tecnocracia da qual estamos nos libertando. Não se pode, aliás, prescindir da competência técnica para o estudo de matérias importantes, e o Presidente poderá mesclar na sua assessoria o conhecimento científico e a ciência política para que possa melhor avaliar as questões e decidir sobre elas na base da inspiração e dos compromissos políticos que constituem a essência do seu poder. A idéia da Assessoria qualificada é excelente. Tudo depende do nível das escolhas, num país em que a camaradagem e o companheirismo costumam substituir-se à verdadeira competência.

Se o Presidente José Sarney, um escritor e um intelectual, sente necessidade de recompor o nível mental da clássica assessoria dos Presidentes brasileiros, é que ele deverá ter pesado as circunstâncias e os condicionamentos dessa difícil operação que é governar um país de crescente complexidade, como o Brasil de hoje. Por aí, seu poder se renova.

O Governo do Distrito Federal

É possível que, na pausa do fim de semana, o Presidente José Sarney possa resolver o difícil problema político legado por Tancredo Neves, de escolher o Governador de Brasília. O Governador da capital é o hospedeiro do Presidente da República e o responsável pela estrutura de trabalho, de condições de vida, de paz e tranqüilidade da população de uma cidade na qual vivem o Presidente, com seus Ministros, o Congresso e toda a cúpula do Poder Judiciário.

Como se sabe, Tancredo Neves tinha uma escolha para essa governadoria, sugerida por dona Sarah Kubitschek. Era o ex-Deputado Carlos Murilo. Surgiram, no entanto, problemas, como a reivindicação do Senador por Goiás, Sr Mauro Borges, de irrecusáveis credenciais para o cargo, e a impugnação ao nome indicado pela família de Juscelino por parte do PMDB brasiliense, comandado pelo líder democrático da cidade, o jornalista e professor Pompeu de Souza. Carlos Murilo, apesar de pertencer ao PMDB e de viver na cidade, não se saiu bem de uma reunião com a Executiva local do seu partido, que iria renegá-lo como candidato. O veto foi decisivo. Pouco adiantaram as intervenções do senador Alfredo Campos e do próprio presidente nacional do partido, Sr Ulysses Guimarães.

Armado o impasse, o Presidente Sarney tenta resolvê-lo na base de um nome do PMDB de Minas, de ressonância nacional e de grande prestígio político e pessoal, o Deputado e atual Ministro da Cultura, José Aparecido. A conciliação pode vir por aí, embora Minas não pretenda abrir mão também do Ministério da Cultura.

CARLOS CASTELLO BRANCO

Pemedebistas medem forças na convenção em S. Paulo

São Paulo — Foto de Wilson Santos

Quercia aposta em suas bases no interior

São Paulo — Uma convenção extraordinária do PMDB paulista — a primeira de sua história—, convocada para debater os rumos do partido, transformou-se no primeiro teste de popularidade a que se submeteram os dois principais candidatos pemedebistas à sucessão estadual: Vice-Governador Orestes Quercia e Senador Fernando Henrique Cardoso, presidente do Diretório Regional e líder do Governo no Congresso.

A presença, entre as 2 mil 500 pessoas reunidas no Parque do Anhembi, de 800 delegados à convenção — um terço do colegiado que escolherá o candidato do PMDB ao Governo de São Paulo — fez com que Quercia e Fernando Henrique se lançassem numa disputa na qual os pontos eram contados em número de faixas e apertos de mão.

A torcida por Quercia, pretendente mais antigo ao Palácio dos Bandeirantes e que tem as bases de sua candidatura nos diretórios do interior, foi mais ruidosa. Fernando Henrique, entretanto, não se deixou impressionar:

— Não pude lançar antes a minha candidatura porque tinha responsabilidades políticas a nível nacional. Mas o importante não é a antecedência com que um candidato se lança à disputa, mas a coerência e o apoio que ele possa reunir. Não fosse assim, o Presidente eleito não teria sido Tancredo Neves. Teria sido Maluf.

Quercia considerou a candidatura de Fernando Henrique "respeitável" mas apresentou as muitas razões para a escolha do seu nome, na convenção:

— Fui vereador, deputado federal, prefeito de uma grande cidade (Campinas), senador com a maior votação deste país. Tenho uma experiência política que me credencia a ser um bom governador.

Fernando Henrique defendeu a realização de prévias dentro do partido, mas não agora: "O ideal é que fossem no ano que vem, e com a escolha de delegados 30 dias antes, para evitar possíveis aliciamentos".

Para o Vice-Governador Orestes Quercia, a realização das prévias deve ser decidida pelo novo Diretório, a ser eleito em julho. Ele é favorável a ampliação da idéia, incluindo a supervisão da Justiça Eleitoral.

Divididos em 17 grupos de estudo, os convencionais pemedebistas debateram, durante a manhã e a tarde, temas como "Avaliação e perspectiva do Governo Montoro"; "Legislação Eleitoral, Partidária e Programa"; e "Política Econômica e Financeira".

Para o Governador Franco Montoro, que abriu a convenção e discursará no seu encerramento, hoje às 13h, "toda avaliação é válida porque mostra os aspectos positivos e negativos e orienta o administrador".

Suruagy diz que não teme diretas

Maceió — O Governador de Alagoas, Divaldo Suruagy, disse que os defensores das eleições diretas para Presidente da República em 1986 ficarão frustrados, se tentarem usar a campanha eleitoral para as Prefeituras das Capitais para pregar a redução do mandato do Presidente José Sarney. "Uma eleição localizada como a de prefeito de Capital não tem, nem de longe, a amplitude de um pleito presidencial. A diferença é a mesma que há entre o riacho e o oceano", comentou. Suruagy admitiu que o PFL pode formar uma coligação com o PDS e o PTB para concorrer à Prefeitura de Maceió.

Aliança já se entende no Sul

Porto Alegre — O presidente do PMDB gaúcho, Odacyr Klein, manterá contatos com o Partido da Frente Liberal em busca de um entendimento nas indicações aos cargos da Nova República no Rio Grande do Sul. A decisão foi tomada em reunião do Diretório Regional realizada na noite de sexta-feira. Na reunião também foi decidido encaminhar um telegrama ao Presidente José Sarney manifestando a estranheza do PMDB pela exigência de concordância do Partido da Frente Liberal para a indicação de pemedebistas, quando a norma não está sendo aplicada em relação a nomes do PFL.

Arraes é lançado para governador

Recife — O Deputado estadual Marcus Cunha, do PMDB, ligado ao Deputado federal Jarbas Vasconcelos, defendeu o lançamento da candidatura do Deputado federal Miguel Arraes a Governador de Pernambuco, em 1986. Segundo ele, as bases do PMDB tendem a consolidar uma aliança entre Jarbas e Arraes desde que o primeiro seja escolhido pelo partido para disputar a Prefeitura do Recife e o segundo para disputar o Governo do Estado. Cunha disse que Jarbas e Arraes "são o que de mais puro existe no partido em termos de fidelidade às causas do povo. Nada mais justo do que estarem sendo apontados como os dois mais fortes candidatos aos cargos".

Disputa começa com filiações

Belo Horizonte — A disputa pela indicação de candidato do PMDB à Prefeitura de Belo Horizonte deflagrou, entre os aspirantes ao cargo, uma competição pela conquista do maior número de novos filiados ao partido, com vistas às convenções dos oito diretórios zonais de Belo Horizonte, previstas para 7 de julho. Os pretendentes são os Deputados Paulo Ferraz, João Pinto Ribeiro, Sérgio Ferrara e Júnia Marize; e o Vereador Antônio Carlos Carone. Embora a Executiva Regional do PMDB tenha retirado dos diretórios zonais o direito de indicar o candidato, eles consideram que essa decisão é ilegal.

Sarney assegura aprovação de Aparecido para o DF

Brasília — O futuro Governador do Distrito Federal, José Aparecido Oliveira, começou a despedir-se do Ministério da Cultura num telefonema do ator Grande Otelo, preocupado com a troca de função:

— Eu tenho um compromisso com a cultura. Mas como posso recusar uma convocação do Presidente da República? — ponderou Aparecido. — É difícil. Me ajude a vender esta situação.

Amanhã o Presidente José Sarney enviará ao Senado mensagem com a indicação de seu nome, mas desde a sexta-feira o Governo tem a aprovação assegurada, inclusive com votos do PDS. O primeiro a saber da notícia, em Uberaba, onde Sarney visitava a exposição internacional de gado zebu, foi o Senador mineiro Itamar Franco (PMDB), assíduo interlocutor do Presidente.

Convite

Na viagem de volta a Brasília, Sarney convidou o Ministro da Cultura para acompanhá-lo: "Venha comigo. Essa situação do Governo do Distrito Federal está complicada. Ainda não conseguimos um nome de unidade". Durante o vôo, contudo, não trocaram uma palavra sobre o assunto.

Só às 22 horas de sexta-feira, após reunir-se com o presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, e com o Secretário de Educação do Distrito Federal, Pompeu de Souza, presidente do PMDB local, Aparecido tornou-se Governador. Ulysses acatou a escolha e delegou ao líder do Governo na Câmara, o Deputado Pimenta da Veiga, que articulasse a aprovação do nome. Pompeu, que vetara o ex-Deputado Carlos Murilo, um dos aspirantes, ameaçando demitir-se da Secretaria, na hipótese da indicação do adversário, também cedeu.

— Eu estou surpreso. Minha surpresa só não é maior que a sua — ironizou José Aparecido, ao ser convidado por Sarney, logo depois, numa conversa no Palácio do Jaburu. "Conversei com o Senador Mauro Borges e com o Carlos Murilo em meu nome. Você é o nome que preenche todos os requisitos e obtém a unidade do partido", determinou Sarney, antes de viajar para seu sítio, São José do Pericuma, a 50 quilômetros de Brasília, onde foi passar o fim de semana.

Quando Pimenta da Veiga telefonou ontem, para levá-lo à reunião com o Presidente do Senado, José Fragelli, e o Senador Alfredo Campos líder de 15 votos que seriam dados a Mauro Borges. Aparecido já estava relaxado o suficiente e prisioneiro da sua nova missão:

— Agora só falta você arranjar um emprego para o Itamar. Porque eu já estou fora do páreo — disse, numa referência à competição que o líder, o senador e o ministro sustentam pelo Governo de Minas Gerais, em 1986.

Planos

Bem-humorado, Aparecido acordou às 7h, vestiu um **blazer** azul e foi sondar a repercussão de sua escolha junto aos senadores. Para a imprensa, contudo, cunhou uma frase para driblar entrevistas: "No Brasil a gente não pode sofrer com as hipóteses. Já basta a realidade. Sou deputado e estou ministro. Só dou entrevista na segunda-feira".

Junto aos amigos, no entanto, já começou a fazer planos para Brasília, cidade onde gosta de viver e considera uma espécie de monumento da modernização brasileira. "Brasília é uma cidade menor de idade, como é menor de idade mais da metade da população deste país. Esta é uma cidade-síntese, uma cidade-monumento", comentou ele com um afilhado mineiro que foi visitá-lo antes do almoço.

— Eu morei em Brasília desde antes da cidade existir. Eu vi Brasília nascer do nada. Não se pode deixar acontecer com Brasíliao que aconteceu com Belo Horizonte, que de símbolo da **bele époque** foi violentada. Brasília tem que ser uma referência, um símbolo.

Aparecida adiantou que um de seus primeiros atos será dar à principal avenida da cidade-satélite de Taguatinga o nome de Geraldo Carneiro, secretário particular do ex-Presidente Juscelino Kubitschek, pioneiro na luta pela conquista da representação política do Distrito Federal. Ele era candidato a senador, queria as eleições diretas. Foi um grande lutador", disse.

No seu apartamento, o telefone não parava de tocar: os políticos se solidarizavam; os intelectuais e artistas perguntavam qual seria, agora, o novo rumo da política cultural. Aparecido atendia pessoalmente as ligações, explicava seus motivos, e nunca esquecia de pedir: "Você pode me ajudar muito agora".

Na semana passada, ele começará a discutir o futuro cultural da cidade por acaso, a partir das idéias de um de seus assessores, Marcelo Paiva, de transformar a Capital da República no Núcleo de um calendário turístico de grandes promoções cinematográficas, teatrais, de debates sobre cultura.

— Eu tenho muita devoção por esta cidade. Estou muito ligado a ela — dizia Aparecido ao telefone. — Mas sei que meus compromissos com a cultura não resultaram de qualquer benesse. Só que agora não posso fazer nada. Não posso nem conversar. Só posso conversar com o Presidente da República.

Aparecido invocou André Malraux, que foi Ministro da Cultura da França e admirador apaixonado das linhas futuristas de Brasília. "O Malraux disse que esta é a cidade do futuro. E é verdade. Temos uma dívida para com ela", comprometeu-se o futuro Governador.

Quando o Senador Franco saudou-o pela indicação, ele teve uma reação idêntica ao agradecimento que fez à Pimenta da Veiga: "Nessa campanha que vocês fazem para empobrecer a minha biografia agora me arranjaram mais esta. Vão dizer: o Aparecido foi Governador. Ponto. Só que **biônico**", completou ele, falando alto para acentuar o contraste da frase que repetiu numa roda de amigos que recebia.

Depois de conversar com Carlos Murilo e Mauro Borges, aos quais narrou as articulações de Sarney com a cúpula do PMDB, Aparecido discutiu com os líderes da Aliança Democrática os precedimentos para a aprovação de seu nome no Senado, logo após a chegada da mensagem do Governo. No final do dia, seguro da aprovação, continuava a fazer blague com sua nova missão:

— O PMDB do Distrito Federal é hoje um partido consolidado. Tão consolidado que tem até três correntes.

JOSÉ NEGREIROS

Brasília — Foto de Wilson Pedrosa

Aparecido, escolhido para unir o PMDB tem a seu favor também os votos do PDS

PMDB reúne senadores e avalia indicação

Brasília — A bancada do PMDB no Senado se reúne hoje para acertar os detalhes finais da indicação do Ministro da Cultura, José Aparecido, para Governador do Distrito Federal, segundo confirmou o Senador Alfredo Campos (PMDB-MG), um dos políticos que liderou o movimento pela escolha do Senador Mauro Borges (PMDB-GO) para o cargo.

Campos explicou que não deverá haver qualquer problema dentro da bancada do PMDB para a aprovação do nome de Aparecido, depois de informar que a mensagem solucionando a questão será encaminhada pelo Presidente José Sarney ao presidente do Senado, José Fragelli, nas primeiras horas de amanhã. Segundo a previsão do senador, já na terça-feira, o plenário do Senado aprovará o nome indicado pelo Presidente da República, "sem restrições".

Para o Senador Alfredo Campos o Senado, nestas circunstâncias, não age politicamente. Com isso ele quis deixar claro que a bancada do PMDB e a da Frente Liberal naquela casa aprovarão "qualquer nome que vier a ser indicado pelo Presidente Sarney, dentro dos critérios de probidade e eficiência".

Campos lembrou a situação do ex-Deputado Carlos Murilo, cuja indicação para governar o Distrito Federal somente não aconteceu devido a um veto do presidente regional do PMDB da capital, o jornalista Pompeu de Souza. Pompeu ocupa atualmente o cargo de Secretário de Educação e Cultura de Brasília, no Governo interino do Ministro Ronaldo Costa Couto.

Sobre sua posição pessoal, já que era o candidato da bancada do partido no Senado, Mauro Borges preferiu não adiantar nada porque prefere ouvir primeiro seus companheiros na reunião marcada para amanhã, na residência do presidente do Senado, José Fragelli.

Durante toda a tarde de ontem o líder do PMDB no Senado, Humberto Lucena, fez sondagens, por telefone, aos seus colegas, sobre a indicação de José Aparecido para o cargo de Governador. Segundo explicou o próprio Lucena as reações foram favoráveis.

Tombar Plano Piloto, primeira providência

Brasília — Uma das primeiras providências do futuro Governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira, será o tombamento do Plano Piloto, núcleo residencial e administrativo de Brasília, onde se concentram as principais obras arquitetônicas de Oscar Niemeyer, jardins de Burle Marx e a síntese do traçado do urbanista Lúcio Costa. No dia 12 de abril, por exemplo, Aparecido recebeu um relatório de três páginas sobre a situação da Catedral de Brasília, carente de reparos e obras de preservação.

— Eu não tenho a vocação do crime perfeito. Fiz isso a pedido do padre e como Ministro da Cultura. Jamais desconfiei que poderia se pensar em mim para Governador. Só estava preocupado com a cultura — alega Aparecido.

Pemedebistas capixabas brigam por cargos

Vitória — O líder do PMDB na Assembléia Legislativa do Espírito Santo, Deputado Valci Ferreira, vai hoje a Brasília para reclamar ao Presidente José Sarney e ao Deputado Ulysses Guimarães, presidente da Câmara e do PMDB, do comportamento da bancada federal capixaba que, segundo ele, "está dando uma rasteira nos deputados estaduais e no Governador do Estado", em matéria de indicações e preenchimento de cargos federais no Espírito Santo.

Valci Ferreira, que segue com delegação de todos os deputados estaduais do PMDB, lembrou como exemplo o fato de os deputados federais terem conseguido, com muito desgaste para o Governador Gerson Camata, impedir a reeleição de Carlos Gerhradt Santos para a presidência da Companhia Siderúrgica de Tubarão, depois de terem bloqueado nomeações já acertadas para a Companhia Telefônica do Espírito Santo e para a Companhia de Ferro e Aço.

Brizola diz que Aliança pode levar país a retrocesso

O Governador Leonel Brizola acusa a Aliança Democrática de ter criado uma situação de "irracionalidade" ao recusar eleições diretas para Presidente da República em 1986, simultaneamente com a convocação da Assembléia Constituinte. Ele teme que a insistência do PMDB e do PFL em permitir que o mandato do Presidente José Sarney vá até 1988 conduza o país a "descaminhos da maior gravidade."

Brizola defende a antecipação da escolha do Presidente porque em 1986 serão realizadas eleições gerais. "E qual o problema de que na cédula seja colocado mais um quadrinho e o povo venha a escolher para a nação um Governo plenamente legítimo?" —, pergunta.

O Governador do Rio de Janeiro argumenta que a eleição da Constituinte não pode desvincular-se da eleição presidencial, sob risco de "ser maculada pela influência de um poder que está pretendendo legitimar-se e consolidar-se". Lembra que, em 1934, a Constituinte deu um mandato de quatro anos a Getúlio Vargas e o resultado foi a ditadura do Estado Novo. "No caso atual, também o que se pretende é mais uma eleição indireta", denuncia.

Brizola acusa o PMDB de renegar seu passado de lutas contra o autoritarismo, ao manter indefinida a duração do mandato presidencial. Confia, porém, em que o Presidente Sarney assumirá a atitude de magistrado, preparando o terreno "para o advento de eleições livres e democráticas, de um Governo legítimo".

"Procuram prolongar essa transitoriedade além dos limites"

JB — Como o Sr define a situação política do momento?

Brizola — Acho que mesmo antes da morte do Presidente Tancredo Neves, logo a seguir à sua escolha pelo Colégio Eleitoral, foi ficando clara para mim uma questão. Para nós que fizemos oposição ao regime, a passagem pelo Colégio Eleitoral só poderia ter uma razão: chegar ao Governo para uma transitoriedade. A nossa legitimidade de exercer o Governo via Colégio estava na transitoriedade. Agora procuram prolongar essa transitoriedade além dos limites injustificáveis, que colocam o Governo na ilegitimidade. Por exemplo: não encontramos justificativas para que o período de transição ultrapasse 86, quando a nação vai ser convocada para eleições gerais. Todos os brasileiros vão votar. Para governadores, deputados estaduais, e principalmente para a renovação do Congresso Nacional. E qual é o problema de que na cédula seja colocado mais um quadrinho e o povo venha a escolher para a nação um Governo plenamente legítimo? Há ainda a questão da simultaneidade, que sem dúvida nenhuma constitui-se um dos fundamentos do regime presidencialista. Um governador deve ser eleito juntamente com os deputados estaduais; o Presidente, com os deputados federais e senadores. Então considero que há uma irracionalidade, que pode trazer descaminhos da maior gravidade para a reconstrução democrática.

JB — Quais seriam esses descaminhos?

Brizola — Primeiro porque a Constituinte poderia vir a ser maculada pela influência de um poder que está pretendendo legitimar-se e consolidar-se, como aconteceu em 34. Além do mais, faltariam condições para discussão dos verdadeiros impasses que estão oprimindo o país e o povo brasileiro. As questões locais é que teriam maior importância no curso da campanha eleitoral, porque só candidaturas presidenciais é que poderiam ensejar a existência de plataformas nacionais. Mais concretamente: só candidaturas presidenciais, em eleições simultâneas com a Constituinte, é que permitiriam a existência de um debate sobre os problemas nacionais, em função das respectivas plataformas.

JB — Qual a semelhança entre 1934 e hoje?

Brizola — Sei que a História não se repete, mas, sem nenhuma dúvida, oferece lições que podem ser consideradas noutras épocas, porque nos permitem identificar fatores que vão influir no curso dos acontecimentos. O exemplo de 34 é muito expressivo, precisava ser motivo de muita reflexão, nestes tempos que vivemos. Em 34, se tivessem ocorrido eleições presidenciais simultâneas com a Constituinte, não só o Presidente Vargas teria legitimidade plena, como a Constituinte teria autenticidade. Se isso tivesse ocorrido, não teríamos 37, porque nunca mais, em função daquela deformação, o país acertou o passo. A Revolução de 30 venceu em nome de ideais grandiosos, como o voto secreto, a Justiça Eleitoral, o voto feminino, contra os vícios da Velha República. Depois, um ano, dois anos e nada de voto, nada de eleições. Criou-se no país uma contrariedade muito grande, a ponto de São Paulo ter-se levantado em 1932, com a bandeira da Constituinte. Realizada a toque de caixa, sempre conduzida de acordo com os interesses de um Poder carente de legitimidade, a Constituinte criou instituições muitas delas casuísticas, com o propósito de consolidar aquele poder. Finalmente, quando se questionava a duração do mandato do Presidente Vargas, que se proclamava chefe de um Governo provisório, de transição, dizia-se: "Não, quanto ao mandato, é a Constituinte quem resolve." Uma colocação indefinida, exatamente como hoje. Em 34, a Constituinte deu um mandato de quatro anos ao Presidente Getúlio Vargas. Quer dizer: uma eleição indireta. No caso atual, também o que se pretende é mais uma eleição indireta. E pensar que nós condenamos, ombro a ombro com a população brasileira, este processo.

JB — Mas a decisão sobre a duração do mandato do atual Presidente foi entregue à Constituinte por Tancredo Neves.

Brizola — É verdade que o saudoso Presidente Tancredo Neves assumiu esta posição, embora revelasse, em muitas oportunidades, uma posição vacilante. De início, ele afirmou publicamente que dependia das forças políticas que viessem a apoiá-lo, e que ele, pessoalmente, não criaria nenhuma dificuldade a esse respeito. Mesmo depois de escolhido pelo Colégio, chegou a lembrar a idéia de um referendo. Com isso, demonstrava que tinha uma consciência da legitimidade relativa, limitada da investidura na Presidência via Colégio. Creio que os fatos de agora estão demonstrando que prevaleceu o ponto-de-vista do PMDB, corroborado com a posição da Frente Liberal e do PDS dissidente. Se hoje ainda esse ponto-de-vista permanece, francamente é de acreditar que foi o ponto-de-vista que influiu nas posições finais do Dr Tancredo. E elas estão aí, ainda hoje, prevalecendo. É exatamente isso que considero uma irracionalidade. A mim parece que se pretende montar um motor com peças trocadas. Dessa forma, dificilmente construiremos instituições legítimas, autênticas e estáveis.

JB — Quer dizer que, em sua opinião, o prazo da transição se esgotaria em 1986?

Brizola — Acho que 86 não é a única oportunidade. Afirmamos, sim, que uma visão prudente e razoável seria a realização de eleições diretas para Presidente até 86, no máximo em 86. Se houvesse um consenso para fazer eleições antes, perfeito. Nós próprios, querendo tirar da nossa cabeça certas ilações e interesses por candidaturas, chegamos a levantar a idéia de que o próprio Dr Tancredo viesse a concorrer para a Presidência através de uma coligação eleitoral, e assim buscar a sua legitimidade plena. E nos oferecíamos, gostaríamos de ser os primeiros a sentar a essa mesa, para discutir essa coligação e o respectivo programa.

JB — Diante disso que o Sr chama de irracionalidade, o que pode fazer o Presidente José Sarney?

Brizola — O Presidente Sarney foi surpreendido pelos acontecimentos. Naturalmente que, superada a fase de perplexidade, ele deverá assumir um papel, como a nação toda espera. Como cidadão, como dirigente partidário, cultivo a esperança de que ele venha assimilar todos os desafios desse período histórico, de tal modo que seu desempenho na Presidência venha a transformar-se numa magistratura que prepare o País para a normalidade. É cedo para qualquer exigência, para qualquer cobrança a esse respeito.

JB — Então o PDT abre um crédito de confiança ao Presidente Sarney?

Brizola — Creio que, depois dessa tragédia que foi a morte do Presidente Tancredo Neves, que estamos ultrapassando, o ponto primeiro de nossas definições deverá ser o de prestigiar e oferecer outro crédito de confiança ao Presidente José Sarney, inclusive da parte daqueles que questionam seu passado. Ele simobiliza o poder civil, uma ordem civil e também os espaços de liberdade que até aqui conquistamos. Naturalmente, essa atitude não poderá significar um crédito sem limitações, de forma incondicional. Por exemplo, nós proclamamos a sua legitimidade como um Governo de transição, da mesma forma que fizemos em relação ao Dr Tancredo. Toda a nossa expectativa em relação ao Dr Tancredo — em quem votamos e de quem nada reivindicamos — nós a transferimos ao Dr Sarney. Agora, a sua investidura, como era a do Dr Tancredo, para nós, é provisória, para uma transição do autoritarismo para uma ordem institucional e democrática. Quando falamos em transição queremos implicitamente dizer que a sua magistratura deverá se exercer dentro de um período razoável e prudente, além do qual estaríamos descambando para a ilegitimidade, exatamente como foram os Governos do regime de 64. E quando nos referimos a um prazo prudente, nos fixamos desde logo em 86, dado que em 86 obrigatoriamente deverão se realizar eleições gerais.

JB — O Sr fixa esse prazo por interesse pessoal em concorrer à Presidência?

Brizola — Tudo isso não tem a ver com qualquer projeto particular, específico do PDT nem do Governo do Rio de Janeiro e muito menos pessoal, do Sr Leonel Brizola. É uma visão que estamos em condições de justificar com os melhores argumentos. Não podemos marginalizar o nosso povo. Existem certas verdades, certos princípios que independem do tempo, como muitas das afirmações que fez o Dr Tancredo Neves durante a campanha das diretas e da sua própria campanha.

JB — Como o Sr encara as declarações de integrantes do Governo, de que o mandato de quatro anos para o Presidente Sarney é questão fechada?

Brizola — Os hierarcas do regime anterior também fizeram muitas dessas afirmações. O importante é que haja um ambiente para uma ampla discussão. E que, a despeito de algum ponto-de-vista que um ou outro possa assumir, incluídos os próprios partidos, tenham a necessária abertura para assimilar as melhores razões, os argumentos mais corretos e procedentes. Quanto a isto, gostaria de registrar a minha satisfação ao constatar que foi o próprio Presidente Sarney quem expressou, numa reunião de líderes da chamada Aliança Democrática, a sua intenção de promover uma ampla discussão sobre todos os temas, todas as questões e desafios que se colocam a todos nós neste momento. Isso realmente assinala um ponto de partida coerente e lúcido.

Fotos de Evandro Teixeira

Brizola liga "irracionalidade" à tentativa de manter o poder

JB — Quais as possíveis conseqüências da manutenção do mandato presidencial até 1988?

Brizola — Nas atuais condições em que se encontra o país, me parece realmente uma irracionalidade imaginar que a nação é administrável com as atuais instituições. Os que propugnam a tese de que o Governo tem que enfrentar os problemas, a crise, todo este mar de desacertos e dificuldades urgentemente, antes de quaisquer outras tarefas, estão enganados. Na verdade os problemas do país são candentes, mas todos os instrumentos existentes foram construídos para levar o Brasil às condições de hoje. O Governo de transição poderá gerir esses problemas, mas não resolvê-los. Mas essencialmente, deve dar prioridade à construção de instituições, que, estas sim, darão meios para as soluções definitivas. Não estou apenas fixando-me na Constituinte. Precisamos ir mais a fundo. E mesmo na fase anterior à Constituinte precisamos dar força a essa limpeza do chamado entulho do autoritarismo, e permitir que a sociedade se reestruture democraticamente. Isto é o mais urgente. O povo brasileiro precisa instrumentar-se para defender-se. Além das normas constitucionais precisamos ir a fundo.

JB — Onde está esse lixo do autoritarismo?

Brizola — O autoritarismo está no Executivo, e só subsidiariamente no Legislativo e no Judiciário, nos municípios e nos Estados. Está no Executivo federal. Foi lá onde se fez a concentração de poderes que permitiu a existência de um regime autoritário por mais de 21 anos. Quem precisa ser democratizado é o Poder Executivo, que comumente chamamos de Governo. É lá onde estão as estruturas autoritárias. Do contrário, teremos simplesmente a liberalização do autoritarismo.

"Nosso grande dever é aprofundar o processo de democratização"

JB — Como o Sr vê a recusa do Governo em aceitar a inclusão do princípio da eleição direta para Presidente, na emenda que restabelece a eleição dos Prefeitos das Capitais?

Brizola — Quando verifico que a atual situação resiste à simples revogação do Colégio Eleitoral, de uma instituição espúria, condenada pelo povo brasileiro, o que devemos pensar? É exatamente isto: está se desenvolvendo um clima de irracionalidade, inspirado talvez na preocupação da permanência e da consolidação do Governo. Triste engano. Creio que a história é rica de exemplos. Uma força política que ascende ao poder, seja por que caminho for, que não trata de implementar o seu programa e os seus compromissos, se debilita no conceito do seu povo. As oposições, mesmo ascendendo ao Governo via Colégio, só conseguirão prestigiar-se, afirmar-se, consolidar-se, concretizando os seus compromissos. Neste momento, o nosso grande dever é aprofundar a democratização. E aí nos defrontamos com uma espécie de animal sagrado, como está ficando, que são as eleições presidenciais. Num país como o nosso, de tradicionais estruturas autoritárias, que sai de um regime que enfatizou essas características, não se desenvolverá um processo de democratização real sem eleições presidenciais diretas. Somente depois disso é que realmente teremos condições de aprofundar o processo de democratização.

JB — O Sr faz distinção entre o comportamento do PMDB e o da Frente Liberal nessa questão?

Brizola — O PMDB tem compromissos muito mais profundos com o povo brasileiro, porque foi a principal força da oposição. De início, todos nós estávamos no antigo MDB, que, aliás, foi fundado com maioria de deputados trabalhistas. Depois fomos eliminados e novos líderes foram se incorporando ao MDB, inclusive muitos dissidentes do regime. E esse partido adquiriu as feições que hoje possui. Não se pode negar a sua representativadade oposicionista, que foi acumulada durante todo esse tempo e culminou com a campanha em favor das eleições diretas de imediato, no ano passado. Então, os compromissos do PMDB são mais fortes, mais profundos que os que possam ter as demais áreas políticas que dissentiram o partido do Governo. Portanto, a incoerência maior é do PMDB, exatamente em função desses compromissos.

JB — Qual a razão dessa incoerência?

Brizola — Nota-se que os quadros dirigentes do PMDB, após a morte do Dr Tancredo, e ao sofrerem esse impacto, passaram a enfrentar uma situação difícil. Ficaram desarvorados, vacilantes, tornando, por isso mesmo, muito mais difícil aquilo que poderíamos chamar de retomada dos rumos que sustentamos no curso desses anos.

JB — O Sr vê condições para que a Aliança Democrática se mantenha por muito tempo?

Brizola — A história política brasileira sempre demonstra que as forças políticas de natureza conservadora tendem a se identificar frente às grandes decisões. É possível que isso ocorra com relação ao PMDB, à Frente Liberal e ao próprio PDS. Exatamente isso se verificou no período anterior a 64, quando o PTB, somando diversas correntes populares, adquiriu uma expressão de tal ordem que levou as áreas conservadoras e liberais do PSD e UDN a se unirem.

JB — O papel da Oposição está reservado ao seu futuro Partido Trabalhista e Socialista?

Brizola — Vamos seguir a nossa linha, que chamamos de independente. Neste momento, especificamente, fazemos questão de ensejar o pouco que representamos ao Presidente Sarney como força de apoio e de colaboração, sem nada pretender em matéria de cargos ou funções, a não ser no estrito campo do interesse público. À medida que o tempo passe, iremos procurando definir as nossas posições sempre numa linha de coerência. Sustentamos algumas teses, queremos justificá-las, sem nenhuma pretensão de monopólio. Deveremos, por conseguinte, ocupar um lugar com outras correntes políticas, e, à medida que o nosso partido for se estruturando pelo país, viveremos essas responsabilidades, estabelecendo uma espécie de plataforma dos nossos propósitos e objetivos, em relação a todas as questões.

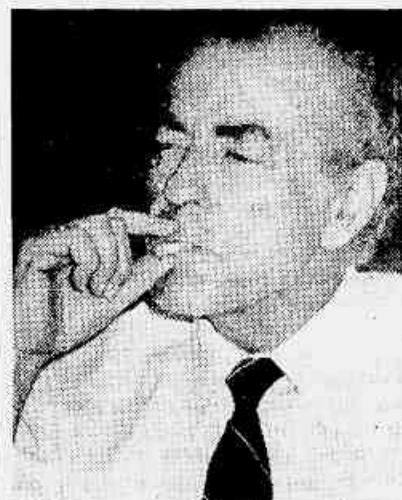
JB — O seu Partido pretende unificar as correntes socialistas?

Brizola — O nosso projeto é integrar o partido a nível nacional, reunindo nele todas as áreas, correntes e forças afins; todos os que se identifiquem com a idéia da democracia social, que afirmamos ser o socialismo democrático. Daí as nossas relações preferenciais com os socialistas europeus e também com todos os partidos democráticos do mundo inteiro. Agora mesmo estamos sendo convidados para uma segunda reunião que promove o Partido Democrata dos Estados Unidos, nos próximos dias 7 e 8 em Washington. Vamos organizar no Rio, em junho, um congresso socialista. É bem possível que o PDT assuma uma outra sigla. O que é certo é uma abertura para a nossa direita e para a nossa esquerda, para a integração de correntes representativas num novo partido. Nova República, novo partido.

JB — A eclosão de greves põe em risco a Nova República?

Brizola — Devemos encarar as greves com tolerância, compreensão, mas sobretudo com posições corretas, nada cedendo aos abusos à intolerância, à violência e procurando assimilar a situação corretamente. O surto atual de greves é uma espécie de lua-de-mel com a liberdade, ocasião em que sempre ocorrem certos excessos. Devemos coibir esses excessos, mas também comprendê-los.

JB — Essa foi a atitude do Sr em relação à greve dos metroviários no Rio?

Brizola — As greves não são homogêneas, iguais; não têm as mesmas inspirações e causas. De um modo geral, são todas diferentes, embora algumas, em relação a outras, possam guardar certas identidades. Por exemplo: estou certo de que a greve do Metrô do Rio de Janeiro nada tem a ver com

"Um grande papel pode estar reservado na História ao Dr Sarney"

as greves do ABC, como causa. A do Metrô do Rio teve causas irrelevantes, que de nenhuma forma justificavam uma greve. Isso foi julgado pela população do Rio. No caso do ABC, há uma disputa generalizada, em matéria de salários, com as multinacionais, essencialmente. Embora com causa justa, de nenhuma forma podemos aceitar que uma greve se transforme num ato de violação dos direitos dos demais. Penso que esse surto de greves vai passar. Há um alto nível de amadurecimento por parte do povo brasileiro. Quando falamos em povo brasileiro temos que considerar essencialmente o povo trabalhador. E é o povo brasileiro que tem dado as maiores demonstrações de equilíbrio em todo esse período de incertezas que estamos vivendo.

JB — Diante de todo esse quadro, o que o Sr espera do Presidente José Sarney?

Brizola — O Presidente Sarney foi surpreendido, de uma hora para outra, com sua investidura. Tanto que me incluo entre os que consideram que o Dr Sarney necessita muito mais de apoio, da colaboração de todos do que precisaria o Dr Tancredo, que era uma espécie de entidade própria, uma instituição, dada a soma de apoios que construiu. Não tenho dúvida de que o Dr Sarney irá assumindo o seu papel. O que desejamos é que ele venha a assimilar as aspirações gerais do povo brasileiro. Penso mesmo que um grande papel pode estar reservado na História ao Dr Sarney. Creio também que dificilmente ele conseguirá corresponder à expectativa do povo brasileiro, se não puder vencer essa visão imediatista de algumas áreas políticas que formam o situacionismo. Estou certo de que o que o povo espera dele é uma magistratura, para gerir todo esse quadro de crises, enfrentando toda a sorte de pressões internas e externas. Creio que para ter esse apoio ele precisa se dedicar essencialmente à causa do aprofundamento da democracia. Preparar o terreno para o advento de eleições livres e democráticas, de um Governo legítimo.

JB — Essa missão será mais difícil para ele do que seria para o Presidente Tancredo Neves?

Brizola — É verdade que a situação do novo Presidente é complexa e difícil, mas sem nenhuma dúvida podemos ver que se abrem amplos espaços políticos para o seu desempenho. Quem sabe se o Dr Sarney não virá dispor de muito maior autonomia que o próprio Dr Tancredo, que assumia em função de muitos compromissos anteriores? Tudo isso, naturalmente, dependerá essencialmente dele. Como cidadão, só desejo seu êxito e tudo o que puder fazer nesse sentido, farei.

Entrevista a LIMA DE AMORIM e GILBERTO NEGREIROS

Arquivo — 21/02/85

Granja do Riacho Fundo, que foi moradia de Médici e hospedou família de Tancredo

PFL marca concentração para o Rio

Na dependência da agenda dos Ministros de Minas e Energia e Educação, Aureliano Chaves e Marco Maciel, o Partido da Frente Liberal promovera em Duque de Caxias, entre os dias 10 e 15, a sua primeira concentração popular no Estado do Rio. Com ela, o PFL marcará a saída do Prefeito Hidekel de Freitas Lima do cargo e o ingresso, em suas fileiras, do Prefeito de Nova Iguaçu, Paulo Leone.

A intenção de Hidekel era a de iniciar, no dia de sua saída do cargo — Caxias é área de segurança e ele prefeito nomeado —, campanha para tentar conquistar a Prefeitura em eleições diretas. Ontem, o presidente nacional do PFL, Jorge Bornhausen, o alertou para as dificuldades que o Congresso terá para permitir, na emenda das diretas nas capitais, o direito dos prefeitos nomeados tentarem confirmar seus cargos nas urnas.

Em Caxias, o PFL começou a montar a sua mais importante base municipal, uma espécie de plataforma que pretende utilizar para tentar a conquista de todas as bases disponíveis na Baixada Fluminense. Além de Paulo Leone, já decidido a ingressar no Partido da Frente Liberal, os Prefeitos de Nilópolis e São João de Meriti, Miguel Abrahão e Manoel Valência, estudam propostas para seguirem os colegas de Duque de Caxias e Nova Iguaçu.

— Aureliano tem uma data aberta em sua agenda, no dia 11. Se ela coincidir com uma liberalização dos compromissos de Marco Maciel, os dois acertarão, então, a participação na concentração popular de Duque de Caxias, que apresentará uma novidade: a participação da Escola de Samba Beija Flor, pela primeira vez, numa festa política estranha ao PDS.

Escolha do Alvorada rompe tradição de 5 presidentes

Brasília — Ao escolher o Palácio da Alvorada para sua residência oficial, o Presidente José Sarney quebra uma tradição de 24 anos. À exceção de Castello Branco, todos os Presidentes desde João Goulart preferiam conviver diariamente com o ar campestre, morando nas granjas de Brasília, a enfrentar o ambiente pesado do Alvorada. Tancredo Neves, se estivesse vivo, manteria a tradição e moraria na Granja do Riacho Fundo.

Quando quiser respirar o ar campestre, Sarney irá para sua fazenda, a 50 quilômetros de Brasília, informa o Ministro da Administração, Aluízio Alves, que também adianta: "Sarney não sabe o que fará com as Granjas". Aluízio Alves já as ofereceu aos Ministros-Chefes dos Gabinetes Civil, José Hugo Castelo Branco e Militar, Rubens Bayma Denys, e eles não aceitaram.

Cocheiras e churrasqueiras

No tempo de Jango, as casas das granjas eram sóbrias. "Elas se tornaram suntuosas por obra dos Presidentes que vieram com a Revolução de 1964", revela Ernesto Silva, ex-presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital-Novacap — empresa que construiu Brasília.

O Presidente Costa e Silva fez na Granja do Ipê uma sala móvel para projeção de filmes. Emílio Garrastazu Médici construiu na Granja do Riacho Fundo a churrascaria **Querência dos Maragatos**, onde reunia os amigos nos finais de semana. Ernesto Geisel alternava o Palácio da Alvorada com a Granja do Riacho Fundo, onde desfrutava as delícias de uma piscina de oito por 10 metros e de uma quadra poliesportiva.

O Presidente João Figueiredo ficou por 15 anos na Granja do Torto. Chegou em 1969, quando ocupava a Chefia do Gabinete Militar de Médici. Continuou como Chefe do SNI e depois como Presidente. Nesse período, Figueiredo construiu dois pavilhões cobertos para seus cavalos (um deles com capacidade para abrigar 24 animais) e junto a eles um bar. Construiu ainda um picadeiro para os exercícios dos cavalos em dias de chuva, uma pista de equitação, uma ferradoria e um serviço de veterinária.

Áreas produtivas

Uma guarda militar fortemente armada separa a parte residencial das granjas de suas áreas produtivas. Quem administra a produção é a Fundação Zoobotânica. Segundo o chefe do Departamento de Terras Rurais da Fundação, Hiroshi Takano, a área produtiva da Granja do Ipê é de 357 hectares, do Torto 513 e do Riacho Fundo, 1 mil 132 hectares.

Atualmente são produzidas mudas de árvores frutíferas no Ipê, vendidas a preços subsidiados aos agricultores da região. Em 1984 foram produzidas 800 mil mudas. Na Granja do Torto há um parque de exposições agropecuárias (para este ano estão previstas 12) e no Riacho Fundo é desenvolvido um projeto de pesquisa com leguminosas e engorda de gado de corte.

Construídas em 1957 pela Novacap, as granjas tinham como finalidade original abrigar autoridades numa parte, e na outra possibilitar a administração coletiva (em cooperativa) por pequenos agricultores locais. A segunda parte do plano ainda é apenas uma idéia.

Projeto reabilita Goulart

Brasília — Estimulado pela decisão do Conselho Monetário Nacional de imprimir o rosto do ex-Presidente Juscelino Kubitschek nas futuras notas de Cr$ 100 mil, o Deputado Paulo Mincarone (PMDB-RS) vai pedir às lideranças na Câmara que dêem preferência à votação de projeto de sua autoria que reabilita o ex-Presidente João Goulart, cancelando todas as penas impostas a ele pelo regime militar, desde 1964.

O projeto, apresentado em 1983, já foi aprovado pela Comissão de Justiça e determina que sejam restituídas **post-mortem** ao ex-Presidente todas as condecorações nacionais, civis e militares, que lhe foram retiradas, além da reinclusão de seu nome no quadro das ordens honoríficas das quais foi excluído.

Assembléia alagoana busca 200 funcionários-fantasmas

Maceió — A Assembléia Legislativa de Alagoas está procurando cerca de 200 funcionários que nunca deram um dia de expediente, mas recebem seus salários todos os meses. Para isso instituiu o livro de ponto e está promovendo um censo através do preenchimento de um questionário entregue com os contracheques.

O novo presidente da Assembléia, Deputado Roberto Torres (PDS), já tem algumas pistas sobre o paradeiro dos funcionários: uma parte é "excedente" (não tem lugar para ficar), outra fica no interior e só aparece para receber, enquanto a terceira, mais privilegiada, vive fora de Alagoas e recebe por procuração. O gasto mensal com esses funcionários chega a Cr$ 80 milhões, considerando-se o salário médio pago na Assembléia (Cr$ 400 mil).

Supersalários

O presidente da Casa quer saber, além disso, se é legal a Assembléia pagar Cr$ 57 milhões mensais a seu diretor, Edvaldo Neiva, e Cr$ 43 milhões ao chefe da Consultoria Jurídica, ex-Deputado Mendes de Barros. Para esclarecer a questão foi contratado o professor de Direito Administrativo e técnico do Departamento de Administração do Serviço Público — DASP — Clenilsson Duarte. Ele já está em Maceió, levantando o histórico desses e outros supersalários.

Mas não há saída: desde 1971 o Supremo Tribunal Federal garante os supersalários, tendo julgado que eles são legítimos. Naquele ano, o Governo do Estado decidiu suspendê-los, mas foi obrigado depois a restituí-los. Ao todo há 20 funcionários no grupo, recebendo entre Cr$ 10 milhões e Cr$ 57 milhões mensais. O consultor jurídico Antônio Machado, com um salário de Cr$ 37 milhões, vive praticamente no Rio, onde possui uma empresa imobiliária. Toda a questão começou em 1961, quando os Deputados Claudenor Lima, cassado e afastado da política, Cleto Marques Luz, falecido em 1979, e Mendes de Barros, cassado e atual consultor jurídico da Assembléia, apresentaram um projeto alterando os vencimentos da Consultoria Jurídica. Mais tarde, como consultores, eles mesmos foram beneficiados.

O Presidente da Assembléia explicou que pretende mostrar à opinião pública a "irreversibilidade" desses supersalários, até porque o projeto do Deputado estadual Moacir Andrade, atual líder do PMDB, mesmo estabelecendo o óbvio — "ninguém pode receber mais que o Governador do Estado", que ganha cinco vezes menos que o diretor da Assembléia. — dorme há um ano no Legislativo, com o parecer contrário da sua Consultoria Jurídica. Por coincidência, depois do diretor-geral, são os consultores jurídicos que têm os salários mais altos na Assembléia.

O primeiro-secretário da nova Mesa, Deputado José Bernardes Neto (PFL), mandou fazer um levantamento no estacionamento da Assembléia Legislativa e descobriu que 97 vagas estavam sendo ocupadas por gerentes de bancos e lojas comerciais. Decidiu então: "Desse jeito não dá. O estacionamento é privativo e vou cassar todas as cortesias."

INFORME JB

O massacre

Em abril de 1970, no Governo do General Emílio Médici, o Ministro da Saúde, Rocha Lagoa, aposentou compulsoriamente, usando o AI-5, 10 pesquisadores de Manguinhos, que perderam também seus direitos políticos.

Eles ficaram impossibilitados de trabalhar no País, lecionam ou pesquisando, em instituições oficiais.

Rocha Lagoa havia sido pesquisador de Manguinhos e tinha divergências profissionais com os cientistas que, da maneira mais mesquinha, puniu.

■

Manguinhos se transformou na Fundação Oswaldo Cruz. A pesquisa aplicada foi entronizada, em detrimento da pesquisa de base, completamente despida de conotações ideológicas ou políticas, como a que praticava os cientistas vítimas da vingança do Ministro.

Um deles, o professor Herman Lent, trabalhava há 39 anos em Manguinhos. Como alguns de seus colegas cassados, ele foi obrigado a trabalhar no exterior. Esteve na Venezuela e nos Estados Unidos.

E foi em Nova Iorque através do American Museum of Naturalism, que pôde publicar uma monografia sobre transmissores da doença de Chagas.

■

A cerimônia de posse do professor Sérgio Arouca na Fiocruz, sexta-feira, sensibilizou todos os convidados. Principalmente os cinco cientistas aposentados que puderam comparecer para receber uma homenagem.

Entre eles o próprio Herman Lent, que registrou no livro O massacre de Manguinhos *todo o episódio, causador, na sua opinião, de um atraso de muitos anos à pesquisa feita pelo Instituto Oswaldo Cruz.*

A mistura de arrogância e incompetência que andou pelo poder nas últimas décadas parece ter poupado raros setores da administração pública.

Inocência

Pérola do secretário-geral do PCB, Giocondo Dias, em entrevista à revista **Socialismo e Democracia**, nº 5, a propósito da relação entre arte, política e socialismo:

"Eu nunca vi ninguém na União Soviética se queixar de censura".

Coitadinho, ninguém contou nada **pra** ele.

Cobec

Refeitas todas as contas, os técnicos do Ministério da Fazenda constataram que o rombo da Cobec é, por enquanto, de Cr$ 1.250 bilhão.

Pesquisa

A pesquisa foi feita pelo IBOPE no mês passado: se a eleição para Prefeito do Rio fosse hoje, ganharia com boa folga, numa lista de seis candidatos, o Deputado federal Jorge Leite, do PMDB. Ele teve 30,7% da preferência dos 417 eleitores entrevistados.

Em segundo lugar ficou o Deputado federal Rubem Medina, do PFL, com 20,6%. Em terceiro, o Deputado estadual Heitor Furtado, do PDS, com 9,1%. O líder comunitário Jó Rezende ganhou o quarto lugar, com 5,8% das preferências. Em penúltimo lugar ficou o Deputado federal Clemir Ramos, do PDT, com 2,2%. Fecha a lista o Deputado federal Fernando Carvalho, do PTB, com 1,2%.

■

A pesquisa incluiu uma pergunta sobre o apoio ao filho do ex-Governador Chagas Freitas, Cláudio Chagas, caso ele se candidate a Deputado federal.

Não menos de 32,4% das pessoas ouvidas apóiam a pretensão de Cláudio Chagas.

O dólar parado

O Banco Central suspendeu as remessas de dinheiro das empresas cinematográficas estrangeiras que atuam no Brasil, por causa da entrada em vigor da Lei Sarney Filho, que reserva o mercado para as nacionais.

O Governo dos Estados Unidos teria protestado junto ao Governo brasileiro contra a medida, através de sua Embaixada em Brasília.

Cultura

Confirmada a escolha do Ministro da Cultura, José Aparecido, para o Governo do Distrito Federal, intelectuais cariocas se mobilizaram em torno do nome do escritor Antônio Houaiss para substituir Aparecido.

Seria uma maneira de dar ao Rio um lugar no ministério.

Em Belo Horizonte, porém, o Governador Hélio Garcia cerrou fileiras com os políticos mineiros, para que a vaga continue com o Estado.

Mas o candidato mais forte parece ser mesmo o ex-Secretário de Cultura do MEC, o pernambucano Marcus Villaça, recém-eleito para a Academia Brasileira de Letras e requisitado pelo Presidente José Sarney para ser seu auxiliar.

Bndespar

Já está assinado o decreto nomeando Francisco Gros — que foi da CVM e está hoje na diretoria do Unibanco — para diretor do BNDES e superintendente da Bndespar.

Mudança

Os objetos que o Presidente Tancredo Neves e D Risoleta tinham levado para a Granja do Riacho Fundo chegaram anteontem à noite a Belo Horizonte.

Uma parte — quadros, louça, bebidas, um aparelho de videocassete, documentos, santos e material hospitalar — foi deixada no apartamento do Edifício Niemeyer, a 100 metros do Palácio da Liberdade, onde D Risoleta vai morar.

O resto seguiu para o Solar dos Neves, em São João del Rei.

A mudança saiu de Brasília num caminhão da Metropolitan, avaliada por uma seguradora em Cr$ 100 milhões, às 19h de quinta-feira.

O desembarque foi feito na manhã de ontem. Antes de seguir para São João del Rei, o caminhão deixou alguns objetos na casa do neto mais velho de D Risoleta, Aécio Neves Cunha.

Símbolos

O Ministro da Fazenda do Governo Castello Branco, Octávio Gouvêa de Bulhões, não foi à reunião do Conselho Monetário Nacional, quinta-feira, porque estava gripado.

Se fosse, teria certamente aplaudido a escolha da figura de Juscelino Kubitschek para ser homenageado na cédula de Cr$ 100 mil

Quando foi aprovada a cédula de Cr$ 5 mil, Bulhões achou infeliz a iniciativa de homenagear o Presidente Castello Branco exatamente naquilo que considerava ser o símbolo da inflação brasileira.

Mas para a nota de Cr$ 100 mil, símbolo 20 vezes maior da inflação, o ex-Ministro provavelmente acha boa a efígie de JK, o construtor de Brasília, que Bulhões nunca deixou de considerar — no que é contestado por economistas igualmente respeitáveis — uma das causas da inflação dos últimos 25 anos.

LANCE-LIVRE

• O jornalista Paulo Alberto Monteiro de Barros, Artur da Távola, candidato a candidato do PMDB à Prefeitura do Rio, está de olho num fator que considera decisivo: a campanha eleitoral não se fará mais sob as restrições da Lei Falcão, e a propaganda gratuita, concentrada em alguns candidatos, vai propiciar um bom esclarecimento do eleitorado.

• **O 2º Festival de Chope promovido pela Associação de Moradores do bairro Floresta, de Porto Alegre, vai consumir 80 mil litros da bebida neste fim de semana. Graças a liminar obtida na Justiça contra ação que alguns moradores ameaçaram impetrar, para não terem que aguentar o barulho.**

• O critério para a remoção de um médico da periferia de Brasília para os hospitais centrais é o da antiguidade. Cursos, trabalhos publicidade e pesquisas, por exemplo, não credenciam um médico a trabalhar no Hospital de Base. Ou seja, está prevalecendo a antigüidade sobre a competência.

• **O boletim da Associação dos Funcionários do BNH que circula esta semana faz alusão aos telex enviados ao Presidente José Sarney e ao Ministro Flávio Peixoto — e ainda a um contato pessoal da diretoria da entidade com o Deputado Sarney Filho — pedindo a destinação de diretorias técnicas unicamente para funcionários concursados de carreira.**

• **O PDT realiza hoje seminário sobre a organização do congresso nacional socialista que o partido vai promover em junho no Rio.**

• O Deputado federal Rubem Medina, candidato a Prefeito do Rio pela Frente Liberal, pretende montar nos próximos dias uma espécie de "secretariado" municipal: uma equipe de especialistas nas diversas áreas de atuação que possa desde já desenvolver planos para a Prefeitura do Rio, sem nenhum compromisso futuro de aproveitamento, caso Medina se eleja.

• **O presidente da Associação Profissional de Processamento de Dados do Rio, Sérgio Rosa, denuncia: há ameaça de novas demissões na Cobra. Segundo Sérgio Rosa, cinco pessoas ligadas ao Sindicato dos Metalúrgicos foram demitidas da Cobra desde 1981. Semana passada, foi demitida também a matemática Marília Rosa Millan.**

• O nome de Fabiano Villanova está sendo indicado para a presidência da Inmetro. A indicação obteve um raro consenso do PMDB fluminense, com apoio da Executiva e da totalidade das bancadas federal e estadual.

• **A Assembléia-Geral do Banerj que começou terça-feira, na hora de votar a renovação do mandato da atual diretoria, teve seus trabalhos suspensos. Isso significa que poderá haver mudanças.**

• O Partido realiza hoje às 18 horas, na sede da Associação Atlética do Encantado, ato público de encerramento do Encontro dos Comunistas do Subúrbio do Rio.

• **A Interbrás, subsidiária da Petrobrás que atua no comércio exterior, exerce um grande fascínio sobre os administradores brasileiros. Só assim se explica a briga de foice no escuro pela sua direção, que é disputada por oito candidatos.**

Planalto reforma sua máquina para ter mais poder de ação

Brasília — Nesta semana, o Ministro-Chefe do Gabinete Civil, José Hugo Castelo Branco, realizará uma série de reuniões com seus principais assessores, aos quais pedirá medidas e esforços para modernizar a máquina administrativa palaciana. O plano de José Hugo prevê a instalação de terminais de computadores do Serpro e do Prodasen na Presidência, como primeiro passo de um programa que atenda às necessidades do Gabinete.

A iniciativa de José Hugo integra-se a um esforço no qual está engajado o próprio Presidente José Sarney — para azeitar a máquina administrativa que tem afetado até mesmo o poder de nomear e demitir do primeiro escalão do Governo.

Um exemplo, entre uma dezena de outros, de desencontro administrativo aconteceu na Companhia de Telecomunicações do Maranhão-Telma. Indicado para permanecer no cargo pelo Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, o presidente da companhia, Danilo Imbroise, será destituído do cargo nesta semana, por ordem do Presidente Sarney. Para isso, a assembléia geral da Telma se reunirá pela segunda vez em menos de 15 dias.

O novo presidente que substitui Danilo Imbroise será Sérgio Braga, indicado pelo Deputado Cid Carvalho, do PMDB, através de acordo entre seu partido e o PFL, que o Ministro Antônio Carlos esqueceu de cumprir. Desde que assumiu, Sarney está preocupado em resolver problemas como este, que ele credita a uma resistência natural da máquina administrativa ao chefe.

Quando Sarney completou uma semana de poder, um de seus assessores atendeu a um telefonema de um funcionário do Serviço Médico do Palácio do Planalto, às 19h:

— O Presidente já foi para casa? — perguntou o médico.

— Ainda não — respondeu o assessor. — Ele só vai sair depois das 8 horas.

A reação do médico, do outro lado da linha, foi automática:

— Que coisa! E os nossos compromissos para hoje, como é que ficam?

Não obteve resposta, pois o assessor de Sarney achou a situação tão absurda que desligou o telefone. Só nesse dia a Nova República descobriu que são pouquíssimos os setores que dão plantão após as 18h no Palácio do Planalto.

Para evitar episódios semelhantes, o Gabinete Civil deverá alterar o rígido funcionamento do sistema de transportes do Planalto, cujo último ônibus parte impreterivelmente às 18h Da Praça dos Três Poderes, levando os principais servidores que dão apoio aos ministros e ao Presidente. "Depois que esse ônibus sai, o Palácio fica quase vazio", diz um assessor.

Além da modernização da máquina admistrativa, José Hugo Castelo Branco está montando um grupo de estudos capaz de alterar o atual perfil do Gabinete Civil, hoje com quatro Subchefias, que ele está dinamizando. Um exemplo é a Subchefia para Assuntos Parlamentares, confiada ao diplomata José Jerônimo Mascardo de Souza, que ganhou atribuições mais amplas, já que uma das prioridades do Gabinete Civil é o perfeito entrosamento com o Congresso.

O próprio Presidente José Sarney está preparando uma reforma estrutural do seu gabinete, com a transformação da Secretaria para Assuntos Extraordinários — para a qual Tancredo Neves nomeou o publicitário Mauro Salles — em uma Assessoria Especial de alto nível.

Nos corredores, sabor de festa

Brasília — A sauna do Anexo I do Planalto funcionava a pleno vapor. No campo de futebol, ao lado, 16 funcionários empenhavam-se em vigorosa partida. Eram 16h30min de sexta-feira. O Presidente José Sarney retornara de Uberaba e despachava na residência do Jaburu. No Planalto, os salões e corredores estavam cheios de funcionários. As salas, quase vazias. Pela manhã, um antigo auxiliar antecipava:

— Sexta-feira, o dia da cerveja.

Com o Presidente longe, as 11h o clima era descontraído no **hall** da entrada principal:

— Meu cachorro come um quilo de massa por dia — dizia um dos 13 funcionários que, naquele momento, espichavam-se em alguns dos 23 sofás e poltronas do salão. A intervenção de outro provocou gargalhadas:

— Ele é italiano?

A atenta platéia deliciou-se, também, com a atuação de um deputado baiano. Assim, Fernando Santana, do PMDB da Bahia, ocupou o ócio dos presentes:

— Na Bahia todo mundo tinha horror à tuberculose e, então, eu entrava nos bares e pedia sorvete bem gelado. Era um espanto.

Bom-humor não é o espírito predominante entre os mais antigos funcionários do Planalto. Remanescentes dos governos militares, eles não escondem o descontentamento diante das novas situações. O pessoal da segurança, por exemplo, circula pelos corredores procurando, basicamente, jornalistas sem credencial. No dia 15 de março, ministros chegavam ao **hall** para o ato de posse coletiva. Junto vinha Fernando César Mesquita, assessor de imprensa do então Vice-Presidente José Sarney. "O senhor não pode entrar", ouviu Mesquita à entrada do salão.

— Eu sou assessor do Vice-Presidente — esclareceu e, diante da nova negativa, completou:

— Acabou a ditadura.

A resposta veio rápida:

— Acabou lá fora, aqui dentro não.

A maioria dos seguranças e funcionários dos governos passados esconde-se no Anexo I. Sexta, às 17h, no corredor da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, a conversa era animada em frente a cada uma das dezenas de salas. Dentro delas, um ou outro solitário ruído de máquina de escrever. No Departamento de Fotografia, o novo chefe do setor, Gervásio Baptista, encontrou um quadro desolador: No almoxarifado sobram Cr$ 3 milhões em material químico. Outros Cr$ 3 milhões em material foram jogados no lixo na quinta-feira. Três máquinas **Hasselblad**, avaliadas em 1 mil dólares cada, foram encontrada imprestáveis. Ainda no anexo, outra sobra é evidente no setor da copa e cozinha. No caso, o excesso é de militares.

Pelo corredor circula, desocupado, um major. É o responsável pelo controle dos garçons. No entanto, apenas transmite as ordens, repassadas à copa pelo seu assessor mais próximo, um tenente. Um jornalista, conhecido, surpreso, as peculiaridades do Planalto, espantou-se ainda mais ao ouvir de um dos mais antigos assessores da Presidência:

— A herança não surpreende. Antes, na sexta-feira, o Figueiredo ficava vendo televisão à tarde e todo mundo caía fora.

Cauteloso, Sarney procura se manter longe de doenças

Brasília — Nos seus 55 anos, 70 quilos, caminhando 2 mil metros por dia e cavalgando um manga-larga nos fins de semana, o maranhense José Sarney assumiu a Presidência da República como um modelo de cinqüentão saudável, capaz de provocar previsões de longevidade nos seus médicos. Mas isso não o impede de ser extremamente preocupado com a saúde, inquietação que o remete todo ano para um **check-up** no Instituto do Coração em São Paulo.

Apesar de circular entre os amigos a versão de que é hipocondríaco, o Presidente da República prefere dizer que é um homem cauteloso, como devem ser todos os que têm a sua idade. O cardiologista José Murad, 64 anos, que o atendeu em São Luís (MA), em fevereiro de 1982, quando ele sofreu uma arritmia, atesta isso: "Eu não precisei prescrever nenhuma dieta para o Dr Sarney, porque ele come aquilo que eu como. Ele se alimenta de tudo, mas não come gorduras em excesso".

De fato, José Sarney evita gordura e quando vai cortar uma picanha separa criteriosamente a parte gorda, com receio de aumentar sua taxa de colesterol. Isso não o impede, entretanto, de entregar-se com prazer a ceias de bagrinho, sarapatel e mocotó, pratos típicos e bastante pesados da cozinha maranhense. Para contrabalançar esse excesso, o Presidente come com freqüência melancia, convencido de que essa fruta desintoxica e hidrata o organismo.

Remédios e vitaminas

No seu café da manhã é vista sempre uma bandejinha de prata com vitaminas A, C e E, compradas nos Estados Unidos, que constituem também a mania da maioria dos deputados e senadores com mais de 40 anos. Apesar de temer o uso excessivo de tranqüilizantes, o Presidente toma um comprimido de **diazepan** (antidistônico) toda noite e, assim mesmo, só consegue dormir cinco horas por noite.

Durante os 38 dias de agonia do Presidente Tancredo Neves, ele só conseguiu dormir depois de ingerir **valim-5**, tranqüilizante de que se valeu também em junho do ano passado, quando renunciou à presidência do PDS. Aliás, naquele período a pressão arterial do Presidente foi medida com muita freqüência, não por estar em níveis preocupantes, mas se a pressão está em 14 por 9, Sarney já fica preocupado, confidencia um amigo.

Foi bastante preocupado (o Presidente tem medo de morrer) que Sarney chegou, em fevereiro de 1982, na Santa Casa de Misericórdia de São Luís, queixando-se de uma perturbação no ritmo cardíaco. Foi então submetido a uma bateria de exames, como hemograma e dosagem de creatinina e uréia. Passou três dias sob vigilândia médica e teve alta com a recomendação de tomar tranqüilizantes à base de relaxantes como **dienpax**.

O provedor da Santa Casa, José Murad, atesta que aquele não foi um acidente cardíaco grave: O Dr Sarney está livre de precisar de uma ponte de safena". Ele toma esse tranqüilizante porque só um homem muito frio abre mão de tranqüilizantes no mundo de hoje".

Esse é também o prognóstico do médico José de Ribamar Serrão, para quem o único problema de Sarney é estar carregado de tensões resultantes do seu cargo. Amigo da família Sarney há 30 anos e cogitado agora para comandar o serviço médico do Palácio do Planalto, o Dr Serrão diz que qualquer homem na idade do Presidente tem de fazer dieta e exercícios.

Hipertenso moderado

Convecido disso, ao deixar a Santa Casa de Misericórdia, Sarney foi por conta própria para o Instituto do Coração em São Paulo, onde se certificou de que é apenas um hipertenso moderado. Daí surgiu o seu hábito de tomar aspirina para evitar a coagulidade do sangue e, conseqüentemente, os perigos de trombose. Ainda dentro dessa cautela, em janeiro deste ano ele abandou o prazer de tomar bebidas alcoólicas.

Sua pressão normal é de 13 por 9, mas isso varia conforme os acontecimentos nacionais. No dia que o General Newton Cruz cercou o Congresso Nacional, em 25 de abril do ano passado, quando foi votada a emenda das diretas-já, sua pressão foi a 16 por 12, limites atingidos também durante o período em que Tancredo Neves passou hospitalizado. Sempre que é visitado por um médico — José Serrão e Renault Mattos são os mais freqüentes em sua casa — Sarney aproveita para mediar a pressão.

Ele teve esse cuidado no dia 14 de março, quando, encerrado seu discurso de despedida do Senado, soube que a saúde de Tancredo não estava bem. No Senado, a ida de Renault Mattos a seu gabinete foi atribuída a uma crise de hipertensão motivada pela emoção do discurso. Todos sabem que Sarney é hipertenso, mas a maioria desconhece que ele sofre também de labirintite, embora há muito tempo não tenha essas crises, que combate se automedicando com **Monotrean**.

Ao contrário do ex-Presidente Figueiredo, um entusiasta de cavalos, Sarney só monta nos fins de semana e seu preferido é um manga-larga, presenteado pelo irmão Ronald (presidente do Tribunal de Contas dos Municípios). Quando morava no Edifício dos Senadores, na Superquadra Sul 309, Sarney costumava caminhar 2 mil metros nas imediações, correndo nos últimos 50 metros. Agora, pretende retomar esse hábito, no gramado do Palácio da Alvorada.

Supersticioso, corre do azar

Brasília — A decisão, tomada terça-feira da semana passada, pelo Presidente José Sarney, de apenas subir a rampa do Palácio do Planalto, deixando o prédio, ao fim do dia, pelo elevador privativo, não surpreendeu ninguém no Governo, mas deixou preocupados muitos maranhenses. Afinal, o José — como o chama sua mulher Dona Marly — por superstição jamais sai de um lugar por uma porta diferente da que entrou.

A explicação para isso é simples, conta o Deputado João Alberto (PFL-MA), seu amigo há mais de 20 anos: quando uma pessoa entra na porta de uma casa, seu anjo da guarda não o acompanha, fica do lado de fora, esperando. Ao sair, portanto, deve-se ter o cuidado de utilizar a mesma porta, a fim de reencontrar o anjo. Se não o fizer, o anjo vai demorar a achar o protegido, deixando-o desguarnecido.

João Alberto aprendeu isso em 1969, quando foi buscar Sarney em casa, para uma viagem pelo interior, na campanha para as eleições gerais. Na hora que chegaram na porta da rua, Sarney recuou: "Por aqui não, João. Ontem, eu entrei em casa pela porta da cozinha. Vamos sair por lá", alertou. Foi por isso que a decisão de apenas subir a rampa do Palácio a partir de agora surpreendeu os que o conheciam: "E como é que fica o anjo do Dr Sarney agora?", indagava uma funcionária que ele deixou no Senado.

Azar eleitoral

Como a maioria dos políticos, o Presidente é supersticioso e não esconde isso. Corre do azar como faziam Petrônio Portella e Tancredo Neves. Sarney deu demonstrações disso quando assumiu a presidência da Arena, em 1979. Na sede do Partido havia um quadro com uma paisagem amazônia que ornamentava a sala ocupada por Filinto Muller, quando este morreu num desastre aéreo em 1972.

Ao assumir a presidência do Partido, em 1973, Petrônio determinou a imediata remoção da obra, dizendo que ela dava azar. Francelino Pereira o sucedeu, reabilitou o quadro e em seguida veio a derrota da Arena nas eleições de 1978. Quando Sarney assumiu a presidência do Partido, no ano seguinte, não hesitou: mandou dar sumiço no quadro.

Em 1975, quando se encontrava em Sri-Lanka (antigo Ceilão), na Ásia, para uma conferência interparlamentar, o então Senador Tancredo Neves comprou um pequeno elefante de jade, com uma safira e um rubi na testa, por elevado preço. Ao mostrar o **souvenir** para o colega Danton Jobim, este o alertou para o fato de que, como o animal tinha a tromba virada para baixo, lhe traria azar. Imediatamente Tancredo entregou a valiosa peça para o primeiro asiático que viu passando.

Seguindo igual linha supersticiosa, hábito herdado do seu pai, Sarney de Araújo Costa, o Presidente da República não passa embaixo de escada e não admite que levem animais empalhados, conchas do mar ou jangadas em miniatura para sua casa. Os animais empalhados atraem os espíritos que estão soltos por aí; as conchas são desaconselháveis porque já contiveram seres vivos; e as jangadinhas têm maus fluidos porque são feitas por presidiários e trazem suas angústias.

Apesar de gostar de ternos escuros, o Presidente não usa roupa marrom, porque acha que essa cor não lhe traz muita sorte. Essa supertição foi explorada em 1965 pelo seu adversário Epitácio Cafeteira, Prefeito de São Luís, quando Sarney governava o Estado. Cafeteira se vestia de marrom para cruzar na rua com Sarney e deixá-lo irritado. Para evitar mau-olhado, Sarney usa um **agnus dei** (pequena medalha de latão) presenteada por sua mãe. A filha Roseana já tentou substituir essa relíquia por uma medalha de ouro, mas ele não aceitou.

Afinal, sua mãe, Dona Kiola, de quem herdou o hábito de rezar antes de dormir, é a sua idolatria. Sarney liga quase diariamente para São Luís, a fim de conversar com ela, e esse diálogo começa invariavelmente assim: "A bênção mãe". E não lhe faltam motivos para ouvir essa senhora antes de tomar uma decisão importante. Há 13 anos, foi ela quem o desaconselhou a partir no avião que caiu no aeroporto de Orly, matando, entre outros brasileiros, Filinto Müller.

Preocupado com os bons fluidos, Sarney não teve receio de se atritar com a Igreja em 1978, quando casou sua filha Roseana com Jorge Murad. Comandados pelo curandeiro Zé Apolônio, os centros de umbanda de São Luís decidiram lavar a Igreja da Sé, a fim de purificá-la para a cerimônia. Sarney não se opôs à iniciativa e o clero achou isso imperdoável.

TERESA CARDOSO

Ribamar, de suplente a Presidente

Por um lapso na preparação dos originais do **Dicionário histórico-biográfico brasileiro 1930-1980**, recém-lançado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas, ninguém identificará o suplente de deputado federal pelo Maranhão, em 1954, José Ribamar Ferreira de Araújo Costa como o homem que atualmente toma assento no Palácio do Planalto em Brasília — o Presidente José Sarney.

O suplente José Ribamar, eleito pela legenda do antigo Partido Social Democrático (PSD) merece um impreciso verbete de 13 linhas no primeiro volume da obra coordenada pelos pesquisadores Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Mas nenhuma remissão esclarece que José Ribamar Ferreira de Araújo Costa outro não é senão o Presidente José Sarney Costa, que em 1965 adotou legalmente este nome, do qual já se utilisava para fins eleitorais desde 1958.

O pesquisador Israel Beloch reconhece a falha no primeiro volume do **Dicionário**, dizendo que "foi uma coisa que escapou e que não teve mais jeito por falta da remissiva", mas adianta que no quarto e último volume, cujos originais acabam de ser enviados à gráfica, o consulente terá a informação correta.

Neste quarto volume, a cabeça do verbete é SARNEY, José, seguindo-se por extenso seu verdadeiro nome de batismo: José Ribamar Ferreira de Araújo Costa. O verbete informa que o político que hoje ocupa a Presidência se elegeu suplente de deputado federal — seu ingresso na vida pública — com 3.271 votos. E informa também que a mudança de nome se deu porque José Ribamar era mais conhecido no Maranhão como "Zé do Sarney, isto é, José filho de Sarney".

Beloch acrescenta que na redação do primeiro volume será incluída uma remissiva para sanar o lapso, uma retificação do qual, no próprio corpo do primeiro volume à venda, "não ia ajudar muito", segundo ele.

Garcia põe político na Cultura e desagrada os intelectuais mineiros

Belo Horizonte — Intelectuais e artistas mineiros estão reunidos, há 48 horas, na Praça da Liberdade, defronte à sede do Governo de Minas, para protestar contra a indicação do Deputado estadual Delfim Ribeiro, do PFL, como Secretário de Estado da Cultura. Um manifesto sintetiza o repúdio da intelectualidade mineira contra o ato do Governador Hélio Garcia. Até ontem, 4 mil assinaturas haviam sido apostas ao documento.

As assinaturas são colhidas na própria Praça da Liberdade. A banqueta sobre a qual repousa o manifesto fica ao lado de um caixão, com seis velas, coberto com uma bandeira em faixas verde e amarela, encimada por uma cruz que simboliza o enterro da cultura. Entre as faixas, uma logo se destaca pela força do apelo: "Cultura Já". Mais adiante, uma outra não poupa o Governador: "Hélio deu-fim à cultura".

O jornalista e cineasta Ricardo Gomes Leite, um dos líderes da manifestação, fez questão de salientar que o movimento "não é contra a pessoa do deputado Delfim Ribeiro, mas contra a decisão tomada pelo governador". Contou que, na campanha para governador, houve um compromisso do então candidato, Tancredo Neves, de que todos os cargos ligados à cultura no Estado não seriam preenchidos sem uma consulta prévia à classe cultural.

Os intelectuais acusam Garcia de fazer um "jogo político" com o Ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves (PFL), que pode determinar a extinção do Ministério da Cultura.

Intrigas entre ministros marcam rotina do Governo

Brasília — O Ministro Roberto Gusmão telefonou há 20 dias para seu colega da Administração, Aluízio Alves, e disparou: "O Fernando Lyra é o Abelardo Jurema da Nova República. Está enchendo o Ministério da Justiça de comunistas." A pé, Alves foi até o vizinho Ministério da Indústria e do Comércio para acalmar Gusmão. No sábado seguinte, selou a paz, contando tudo para o próprio Lyra, que telefonou para Gusmão e, em seu bom sotaque pernambucano, brincou: "Deixa disso, homem."

Gusmão e Fernando Lyra já eram naturais aliados internos e, com o empurrãozinho de Alves, um amigo comum, o episódio foi rapidamente superado. Não deixa de ser, contudo, um flagrante das relações no Ministério legado por Tancredo Neves ao Presidente José Sarney e no qual nem tudo são flores.

Acusação

Alves e Lyra preferiram considerar a manifestação de Gusmão como "de ciúmes", porque não estava sendo procurado tão assiduamente quanto antes pelo Ministro da Justiça. Mas não foi bem assim. Gusmão, um representante dos empresários paulistas no Governo, acusava Lyra de ter nomeado, por exemplo, o ex-Deputado Marcelo Cerqueira, ligado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), para a Consultoria Jurídica do Ministério. E sua acusação não era isolada.

No meio de um despacho de Lyra com o Ministro José Hugo Castello Branco, Chefe do Gabinete Civil, no Palácio do Planalto, ambos foram surpreendidos pela abrupta entrada de um assessor palaciano que, próximo a Lyra, disse: "Cuidado com alguns órgãos do seu Ministério. Tem gente que só está contratando comunistas."

A resposta do ministro foi rápida:

— Quem contrata comunista e demite corrupto em qualquer órgão do Ministério sou eu. Eu sou o responsável.

O episódio entre Gusmão e Lyra também não foi o único em que Alves representou o papel de conciliador. Ele tem o hábito de andar a pé pela Esplanada dos Ministérios, segundo testemunham outros ministros, para aliviar tensões. Num desses passeios, o interessado era ele próprio e o endereço, o Ministério da Fazenda.

Aluízio Alves havia anunciado pelos jornais a possibilidade de o Governo dar o 13º salário aos funcionários públicos e, no dia seguinte, Dornelles e Sayad haviam desmentido categoricamente. Daí porque o Ministro da Administração foi a Dornelles explicar que o anúncio da medida pretendia ser "uma esponja" para a tentativa, detectada pelo Governo, de outros setores do funcionalismo aderirem à greve esboçada em março pelos Correios.

— Não estranhe quando eu falar algo assim. Sempre terá um objetivo político — explicou Alves a Dornelles.

Mordomias

Foi nesse encontro informal entre os dois que acabou surgindo uma fórmula conciliadora entre as posições dos Ministérios da Fazenda e da Administração: a implantação gradual do 13º para os estatutários, com uma parcela este ano, uma nova parcela um pouco maior no próximo e assim por diante.

Os desmentidos de Dornelles a declarações de Aluízio Alves começaram porém antes disso, quando Alves anunciou à imprensa que ele, Sayad, José Hugo e Fernando Lyra tinham encontrado uma solução para o problema das mordomias oficiais: o uso das mansões da Península dos Ministros seria facultado, sob a condição de cada ocupante pagar suas despesas domésticas. A contrapartida seria o aumento do salário dos ministros, hoje em torno de Cr$ 5 milhões.

No dia seguinte, quando os jornais estamparam a idéia, Dornelles a recusou argumentando que o aumento dos salários dos ministros teria um impacto negativo junto à opinião pública. Por sorte, Alves havia dito que se tratava de um projeto que ainda seria submetido aos demais ministros e, assim, o episódio não chegou a caracterizar uma discórdia entre ministros, nem mesmo depois que Lyra, como reação a Dornelles, devolveu a chave de sua mansão a Alves.

Se o Ministro da Administração tem sido feliz em algumas de suas empreitadas conciliadoras, não tem conseguido unir um de seus mais íntimos companheiros de ministério, o ex-udenista José Aparecido de Oliveira, da Cultura, e Fernando Lyra. Aparecido é acusado pelos colegas de ter sólidos laços e fartos contatos com a imprensa e de usar esse trunfo para alfinetá-los pelos jornais.

Uma das acusações que lhe fazem, por exemplo, é a de ter informado, sem se identificar, que Fernando Lyra defendia as eleições diretas para 1987, quando o próprio Lyra tem dito, publicamente, que está com Sarney para o que der e vier. O primeiro encontro entre os dois ministros, depois da publicação da notícia e de Aparecido já saber, foi no Palácio do Planalto:

— Como é, Fernando, tem feito muita fofoca contra mim pelos jornais? — ironizou Aparecido.

— Bem que eu tentei, *Zé*, mas não tive sucesso. Não tenho a força que você tem e que bem usa — devolveu Fernando.

Verbas

O "Cristo" do ministério é mesmo Dornelles, mas Sayad também não escapa ileso. Seu discurso para o FMI, por exemplo, foi vetado em partes pelo banqueiro e Ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, incomodado com a defesa da instituição de juros fixos para a dívida externa do país.

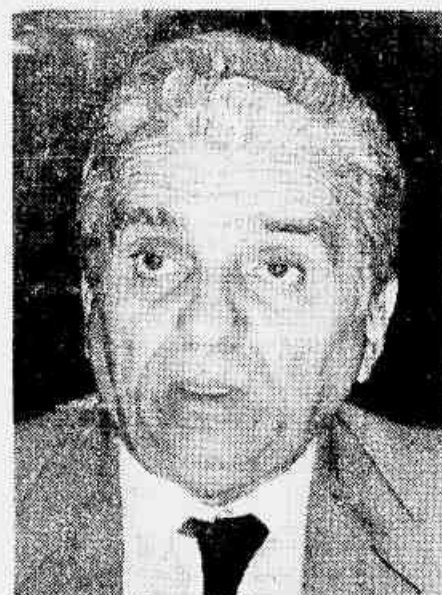
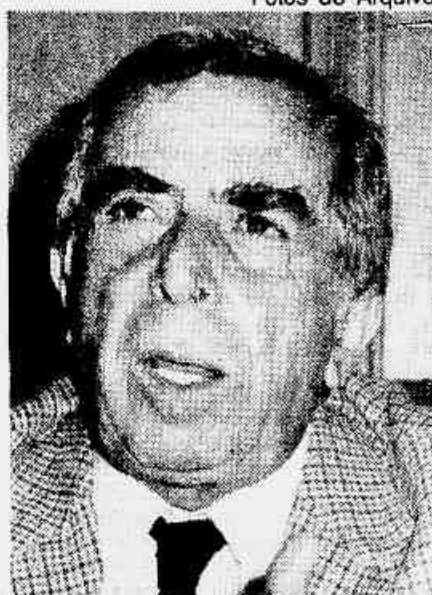
Sayad tem apoio do chamado "PMDB de Ulysses", que é controlado pelo presidente do partido e da Câmara, e abocanha as faixas de esquerda que atuam no Congresso, mas este não é o caso de vários colegas seus de ministério. Exemplo: Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, o único ministro do PDS.

Assessores de Antônio Carlos contam que ele está aborrecido com Sayad porque este se nega a autorizar a liberação de 30% de antecipação salarial para os 60 mil carteiros do país, que só serão efetivamente reajustados em setembro.

Sayad, um tributarista, tem sido influenciado pelos críticos de Dornelles, um monetarista, para combatê-lo. Tímido, Sayad tenta escapulir do confronto direto, mas obteve pelo menos uma vitória como troféu para os seus incentivadores: a garantia do Presidente Sarney de que irá executar um programa que Dornelles não queria — o das prioridades sociais de 1985.

O episódio mais real da aberta disputa entre as duas correntes econômicas do Governo foi a demissão do economista Sérgio de Freitas, ex-diretor da Área Externa do Banco Central. Ele foi indicado para o cargo pelo Ministro Olavo Setúbal, que sequer foi comunicado previamente de sua demissão por Dornelles e pelo presidente do BC, Antônio Carlos Lemgruber. Setúbal soube por um jornalista, na festa de casamento da filha de Cláudio Lembo, chefe de gabinete do Ministro da Educação.

ELIANE CANTANHEDE

Fotos de Arquivo

Aluízio Alves (E) conseguiu aplacar as críticas de Gusmão...

... a Lyra. Mas Antônio Carlos(D) está aborrecido com Sayad

Oposição se confunde com o excesso de porta-vozes

Brasília — O líder do PDS na Câmara, Prisco Viana (BA), está enfrentando uma singular dificuldade para fazer críticas ao Governo:"Não sei direito quem são seus porta-vozes, muita gente está falando de forma diferente sobre o mesmo tema", reclama Prisco.

Adversários à parte, o próprio Governo preocupa-se com a variedade de opiniões de ministros e líderes parlamentares sobre determinados assuntos. "Da parte do Governo, tudo bem", dizia na quarta-feira à noite o Ministro Fernando Lyra, da Justiça, sobre a possibilidade de inclusão de uma emenda restabelecendo as diretas para Presidente — sem prazo estipulado — no pacote de reformas que o Congresso votará na próxima semana.

Na quinta-feira de manhã, o líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, e os demais líderes da Aliança Democrática ouviam do Presidente José Sarney que as eleições diretas seriam restabelecidas — mas não agora. "Como se vê, não estava tudo bem", ironiza o líder do PDT na Câmara, Nadyr Rossetti que, junto com Prisco, soube pelo próprio Pimenta que as diretas não entrariam na votação.

Durante a semana, dois outros expoentes da Aliança davam declarações não exatamente semelhantes à idéia do Presidente. Para o líder do Governo no Congresso, Senador Fernando Henrique Cardoso, a emenda das diretas sem prazo era "uma hipótese a ser admitida". Para o presidente da Câmara e do PMDB, Ulysses Guimarães, merecia"o estudo dos partidos". Na sexta-feira, Pimenta da Veiga justificava: "A proposta precisa ser melhor detalhada".

"Posições homogêneas"

Pimenta não concorda que haja falta de sintonia entre alguns setores do Governo. Segundo ele, "as posições mostram-se homogêneas. O Governo está entrando nos trilhos". O líder do PMDB no Senado, Humberto Lucena, complementa: "No início, com a doença e morte de Tancredo Neves, houve, é certo, uma dificuldade de entrosamento. Agora tudo está bem".

Mas a explosão de dezenas de greves no país revelou novas disosnâncias. Enquanto Fernando Henrique e Fernando Lyra manifestavam preocupação com "grupos que buscam a desestabilização do Governo" e Almir Pazzianotto, Ministro do Trabalho, enxergava um "risco de retrocesso", o Chefe do Gabinete Civil, José Hugo Castello Branco, não via este perigo nem identificava a existência de grupos radicais interessados na derrubada de Sarney.

Os primeiros desencontros surgiram ainda durante a doença do Presidente Tancredo Neves. O Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, garantia que o programa de emergência contra a fome e o desemprego conseguiria obter, no máximo, Cr$ 8 trilhões. O Ministro João Sayad, do Planejamento, elevava o número para Cr$ 12 trilhões. No final de um período de ataques de bastidores entre os dois, Sayad saiu vitorioso e Sarney mandou tocar em frente o programa, contra o qual Dornelles nutria restrições.

Ambos consideravam que o salário mínimo não deveria ultrapassar 100% do INPC, preocupados com seu reflexo sobre a inflação. O Ministro do Trabalho pedia publicamente 106% e nas conversas reservadas, 112% — índice decidido, por fim, pelo Presidente José Sarney.

Para aparar eventuais disparidades de opiniões, Sarney assumiu a coordenação política do Governo (antes da morte de Tancredo o conselho político realizava reuniões sob a presidência de Fernando Lyra) e estipulou encontros semanais com seus líderes.

Nesta segunda-feira o conselho político discute, no Planalto, a reunião ministerial do dia seguinte e o pronunciamento que Sarney fará, detalhando seu Governo. "Com esse pronunciamento, as diretrizes ficarão mais claras", acredita o líder Humberto Lucena.

PDS do Espírito Santo já pensa na eleição de 1986

O PDS vai reunir hoje à noite, em Vitória, 250 de suas lideranças no Espírito Santo, para fazer um apelo ao empresário Camilo Cola no sentido de aceitar o lançamento de sua candidatura à sucessão do Governador Gerson Camata. Um parlamentar federal, ligado a Cola, revelou no Rio que ele vai aceitar o apelo dos pedessistas e iniciará imediatamente a sua campanha.

No Espírito Santo, o PFL começou a ser o partido das preferências dos malufistas, num fenômeno inverso ao que ocorre nos demais Estados, onde os antigos partidários do Deputado Paulo Maluf preferiram continuar no PDS. É malufista, por exemplo, o presidente regional do partido em terras capixabas, Deputado Emir de Macedo Gomes. A Frente Liberal foi também o caminho escolhido pelo Deputado Teodorico Ferraço depois da vitória da chapa Tancredo-José Sarney no Colégio Eleitoral.

Disputa

O ex-Governador Élcio Álvares, que foi deputado federal em 1970, depois de sua passagem pelo Palácio Anchieta, nomeado, não disputou mais nenhuma eleição. Ainda assim ele é visto como a principal força eleitoral do Estado, conforme atestam pesquisas de opinião. Sem espaço no PMDB e por se julgar em desconforto no PDS, Álvares entrou para o PFL e será seu candidato a Governador.

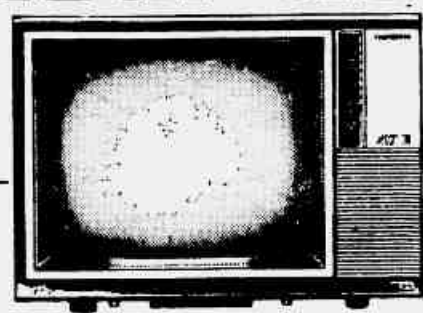
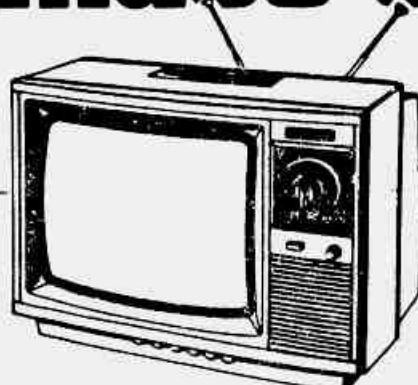
No PMDB, a disputa é mais dura e traumática. Anunciam, por exemplo, a intenção de postular na convenção partidária a legenda de candidato ao Governo do Estado, o Senador José Inácio Ferreira; o Prefeito de Vila Velha, Vasco Alves de Oliveira Júnior; o Vice-Governador José Morais; e os Deputados federais Nider Barbosa, Max Mauro e Wilson Haese. As preferências de Camata, embora discretas, favorecem o Senador José Inácio.

Embora tenha sofrido um processo de esvaziamento, depois da eleição indireta de 15 de janeiro deste ano, o PDS capixaba continua a expressar uma força considerável na política do Estado. Camilo Cola, candidato do partido ao Senado, em 1982, foi, individualmente, o mais votado, com seus 204 mil votos. O Senador José Inácio, do PMDB, que conquistou o mandato com 158 mil votos, beneficiou-se da soma das sublegendas pemedebistas, confiadas, respectivamente, ao Senador Dirceu Cardoso e ao atual Prefeito de Vitória, Berredo de Meneses.

Agora, como candidato à sucessão de Camata, Cola tem uma missão inicial: reorganizar o PDS, na capital e interior, e segurar, com o início de sua campanha, os remanescentes do partido que vinham admitindo se mudar para o PFL. Embora não diga, o empresário que o PDS foi buscar para candidato, mais uma vez, fechou as portas a qualquer entendimento com o PFL. Como o PMDB também não aceita se compor regionalmente com o Partido da Frente Liberal, a tendência dos pedessistas e pemedebistas, mais para o futuro, pode ser a de uma aliança que isole os pefelistas e o seu forte candidato, Élcio Álvares.

Por enquanto, cada partido estuda no Espírito Santo o melhor momento para oficializar seus esquemas visando às eleições governamentais de 1986. É que antes terão de se armar para a disputa, a nível municipal, das eleições de Prefeito de Vitória. Um pleito que já poderá, de acordo com os primeiros entendimentos entre pemedebistas e pedessistas no Estado, marcar o início da estratégia que eles procuram construir com o objetivo de marginalizar o PFL das grandes decisões políticas patrocinadas sob os auspícios da Nova República.

presentear é um ato de amor
presentear as mães é dever dos filhos

TV. PHILIPS A CORES
Mod. 16 CT 6010 - 41 cm. 16" Seletor de canais Seletronic com 8 teclas Short - Travel
À VISTA 1.459.000

TV. TELEFUNKEN A CORES
Mod. 517 - E. 51 cm. 20"
A mais avançada tecnologia num design moderno. Cores perfeitas e naturais, baixíssimo consumo de energia.
À VISTA 1.399.000

TV SANYO A CORES
Mod. 3722 - 36cm. 14" - Sintonia Fina. AFT.
À VISTA 1.250.000

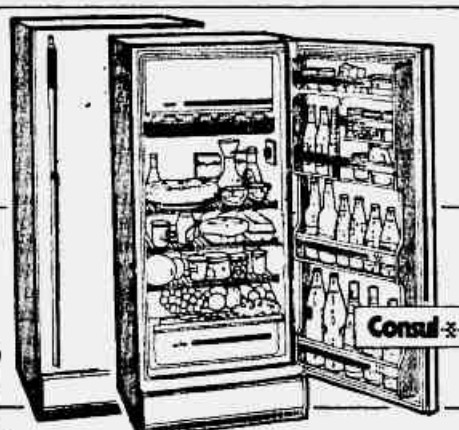
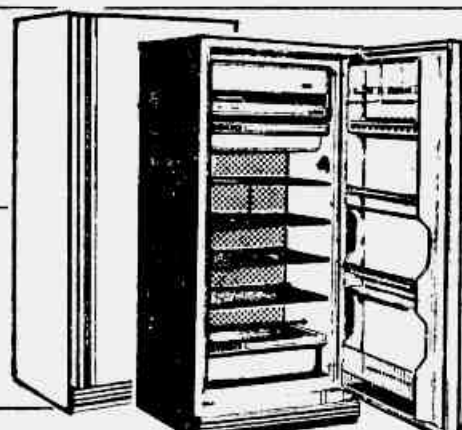
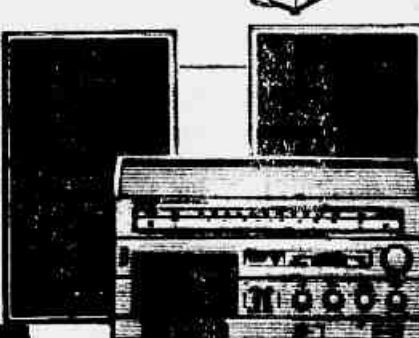
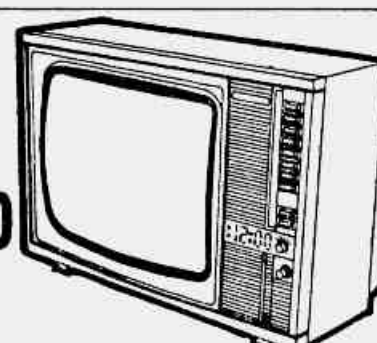
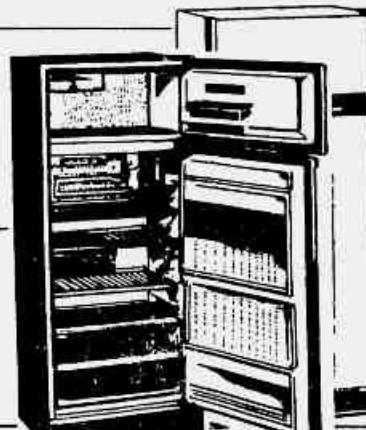
TV. SHARP A CORES
Mod. TV C. 1425-A - 37 cm. 14". Linear Vision - Canal VCR. Tecla AMI - Som frontal
À VISTA 1.375.000

ENTREGAMOS EM TODO ESTADO DO RIO

SYSTEM MODULAR PHILIPS 300 W.
Receiver AM/FM - Toca-Discos DC Drive - Tape Deck com Microcomputador - 2 caixas - Estante rack.
À VISTA 2.169.000

TV SANYO A CORES
Mod. 6720 - 51 cm. 20" - Digital. Tecla VCR.
À VISTA 1.399.000

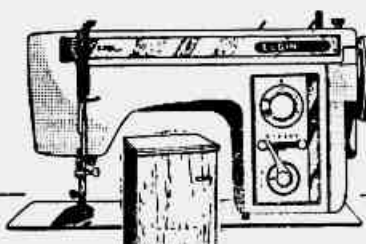
FREEZER VERTICAL CONSUL
Mod. 1807 - 180 litros. Fechadura c/chave Porta reversível
À VISTA 899.000

CRÉDITO NA HORA ATÉ 24 MESES ENTRADA ZERO

REFRIGERADOR CONSUL SENIOR
Mod. 2847 - 280 litros - luxo.
À VISTA 675.000

REFRIGERADOR PROSDÓCIMO ARTIC
290 litros. Congelador mais amplo
À VISTA 675.000

SYSTEM SHARP SG 12 B
Receiver AM/FM - Toca Discos Tape Deck - 2 Caixas acústicas
À VISTA 1.149.000

REFRIGERADOR BRASTEMP DUPLEX
Mod. 34-D. 340 litros. Duas portas degêlo automático. Porta reversível
À VISTA 1.250.000

REFRIGERADOR CLIMAX NOVAH
240 litros. Porta totalmente aproveitável.
À VISTA 650.000

APARELHO CHÁ CAFÉ WOLFF 7 PÇS.
Mod. Premier - Tamanho Grande - Aço INOX
À VISTA 149.500

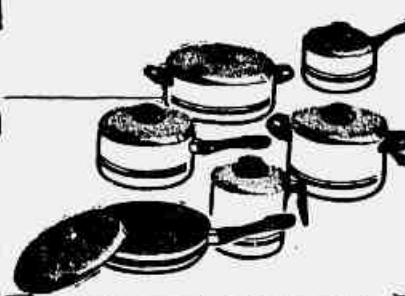
DIVERSOS

Produto	Preço
TV. PHILIPS PORTÁTIL — Mod. TX. 1572 - 31 cm. 12"	549.000
TV. TELEFUNKEN PORTÁTIL — Mod. 312 - 31 cm. 12" O menor TV	469.000
TORRADEIRA FAET — 10 graduações	59.500
RÁDIO PORTÁTIL SANYO. — 1250 c/alça.	42.500
MÁQ. DE COSTURA SINGER — Mod. 247/331 Zig-Zag c/motor - Maleta	448.500
MÁQUINA ESCREVER OLIVETTI — Lettera 82 - Portátil c/estojo	259.000
RÁDIO RELÓGIO PHILIPS. — 090 - Digital c/memória.	210.000
DEPILADOR LADYSHAVE. — A maneira de v. ficar lisinha.	129.000
SECADOR PHILIPS — Compact Jet - 600 watts	39.500
RÁDIO PORTÁTIL PHILIPS — Mod. 029 - OM	39.900
SECADOR ARNO JÚNIOR. — Portátil.	34.500
LIQUIDIFICADOR ARNO LA. — 3 velocidades c/copinho.	49.500
MÁQUINA DE COSTURA ELGIN — FUTURA - Portátil c/motor	195.000
NOVA CAFETEIRA WALITA CAFÉ 4 — Prepara de 1 a 4 cafezinhos	79.900
NOVA BATEDEIRA WALITA — Ultramoderna	73.500
LIQUIDIFICADOR WALITA — Alfa - 3 velocidades	49.900
NOVA CENTRÍFUGA WALITA. — Extrai sucos de qualquer fruta.	128.900
FERRO AUTOMÁTICO WALITA — Uma temperatura p/cada tecido	29.500
BALANÇA EXATA BRAUN — Pesa tudo que v. precisa	28.900
DEPILADOR DEPILER — Sistema completo de depilação à cêra	69.500
SECADOR ULTRA-RÁPIDO BRAUN — Portátil, porém de grande potência	33.500
CONJUNTO PARA BELEZA — Beauty Care c/acessórios p.massagem	32.900

MÁQUINA DE COSTURA ELGIN ZIG-ZAG
Mod. G. 21 — Caseia chuleia, prega botões. Motor e gabinete
À VISTA 415.000

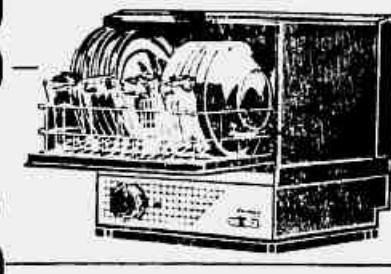
FOGÃO BRASTEMP MAISON
Mod. 51-P - 4 bocas c/estufa.
À VISTA 599.000

LAVADORA BRASTEMP ESPECIAL
Mod. 61-L - Totalmente automática -
À VISTA 1.139.000

PRESENTES

Produto	Preço
FAQUEIRO WOLFF 24 PÇS. — Aço INOX	16.900
FAQUEIRO HÉRCULES 24 PÇS. — Aço INOX	22.500
FAQUEIRO HÉRCULES 51 PÇS. — Mod. 1388 - SUPER LUXO - Aço INOX	89.900
FAQUEIRO HÉRCULES 101 PÇS. — Modelo Luxo - Aço INOX	89.500
3 FACAS MUNDIAL CORTE LASER — 6624 - tamanho grande - p/cozinha	14.700
MANTEGUEIRA WOLFF RETANGULAR — Aço Inox	15.500
BANDEJA MERIDIONAL INOX — BARROCO - Tamanho Grande	41.900
PRATO P/BOLO WOLFF C/PÁ — Aço INOX TAMANHO GRANDE	29.500
ESCORREDOR INOX P/24 PRATOS — DUPLO - FINÍSSIMO ACABAMENTO	54.500
BAIXELA WOLFF 8 PÇS. — JANTAR — Aço INOX	66.500
BOMBONIER HERING C/TAMPA — CRISTAL - Tamanho Grande	41.500
JOGO CAFÉ SCHMIDT 7 PÇS. — PORCELANA — c/cafeteira e 6 xícaras	16.500
JOGO CHÁ SCHMIDT 7 Pçs — PORCELANA — c/bule e 6 xícaras	25.000
AP. JANTAR SCHMIDT 42 PÇS. — FINÍSSIMA PORCELANA Dec. 480 e 670	299.500
APARELHOS JANTAR 21 PÇS CERÂMICA PORTO FERREIRA — Finíssimas Decorações	56.500
APARELHO GOYANA 30 PÇS. — JANTAR, CHÁ, CAFÉ- várias cores	125.500
CONJ. 6 PANELAS MARMICOC. — Mod. LEBLON - várias cores	128.500
FILMES KODAK 24 POSES — COLORIDOS — modelos 110, 126 e 135 Com 25% desconto na revelação	11.900
3 FITAS BASF C — 60 — Máxima Fidelidade em Som	19.500
CÂMARA KODAK — INSTAMATIC	25.900
CÂMARA 35 mm FOCAL 35 MF — C/Flash Eletrônico Embutido	249.000
CALCULADORA SHARP EL 230 — Raiz quadrada - % - memória	43.900

CONJUNTO MARMICOC 6 PÇS. PREMIUM COM TEFLON II
várias cores
À VISTA 161.000

Garantia plena de 3 anos.

FOGÃO CONTINENTAL 2001 ALPINE I - SUPER LUXO
Aço Inox - acendimento automático. Máscara blindada de cristal. 4 queimadores. Termostato.
À VISTA 1.399.000

LAVALOUÇAS ENXUTA
Pequena, versátil e prática
À VISTA 899.000

MICROCOMPUTADOR MICRODIGITAL TK-85
16 Kbytes memória RAM GRATIS: 2 programas
625.500 À VISTA

VENHA CONHECER A MAIS NOVA LOJA ESPECIALIZADA EM MICROCOMPUTADORES E PERIFÉRICOS, COM AQUELES PREÇOS QUE SÓ TELE RIO TEM. RUA DA CARIOCA Nº 12

O MENOR PREÇO OU NADA

Departamento ATACADO
Bonsucesso
R. Eng. Artur Moura, 268 2º andar

Loja DO DEPÓSITO
Bonsucesso
R. Eng. Artur Moura, 268 térreo

Centro • Rua Uruguaiana, 13
Centro • Rua Uruguaiana, 44
Centro • Rua Uruguaiana, 114 116
Centro • Rua 7 de Setembro, 183 187
Cinelândia • Rua Senador Dantas, 28 36
Copacabana • Av. Nossa Senhora de Copacabana, 807
Tijuca • R. Conde de Bonfim, 597 Madureira • R. Carvalho de Souza, 263 Madureira • Estrada do Portela, 36
Méier • R. Dias da Cruz, 213 • Alcântara • Praça Carlos Gianelli, 18 Caxias • Avenida Doutor Plínio Casado, 58
Niterói • Rua Visconde de Uruguai esquina com São Pedro Nova Iguaçu • Avenida Amaral Peixoto, 400 406
Bonsucesso • Praça das Nações, 394-A/B NOVA FILIAL — PETRÓPOLIS RUA PAULO BARBOSA, 2
Telefone: PBX 280-8822 Centro-Sul: PBX 221-1212

Centro • Rua Buenos Aires, 294
Centro • Rua da Alfândega, 261
Centro • Rua do Rosário, 174
Centro • Rua da Carioca, 12
Copacabana • Rua Santa Clara, 26-A B
Campo Grande • Rua Coronel Agostinho, 24

FAQUEIRO HÉRCULES 130 PÇS. CORTE LASER
Mod. 493 - O mais Luxuoso e Aristocrático de toda Linha Estojo Opcional.
À VISTA 619.500

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*

MAURO GUIMARÃES — *Diretor*

FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*

MARCOS SÁ CORREA — *Editor*

JOSÉ SILVEIRA — *Secretário Executivo*

Limites do Conselho

APESAR da impressionante pauta com mais de 40 assuntos arrolados, a primeira reunião do Conselho Monetário Nacional deixou resultados que muitos analistas consideraram magros, e, outros, errados ou fora de foco. É preciso recolocar as coisas em seus devidos lugares.

Muitas das críticas dirigidas ao Conselho parecem se alimentar de um desejo totalitarista que não combina com o espírito da Nova República e reflete almas calejadas, senão cansadas, com os procedimentos da Velha República. Deveria o Conselho legislar sobre todos os segmentos da economia, centralizando, como se fosse um superparlamento, a capacidade de fazer e desfazer política econômica?

A presença dos Ministros do Planejamento, Fazenda, Indústria, Agricultura, do Presidente do Banco Central e de representantes de vários outros órgãos não significa que o Conselho orienta a República, mas que reflete decisões consensuais e políticas sobre o que melhor convém à sociedade.

Naturalmente, em algum ponto dentro do Governo, deverá existir, senão um "condotiere", pelo menos quem articule metas e objetivos de médio, curto ou longo prazos que o Governo adote como sua política econômica, posicionando-se para defendê-la perante o Congresso e a sociedade. Talvez até mesmo o Conselho seja um foro adequado para o debate de linhas mestras, antes que elas sejam postas em prática. Para tanto, a presença de empresários é útil e instrumental, pois estes podem oferecer cooperações baseadas na sua experiência prática do dia-a-dia dos negócios.

Pedir, contudo, que o Conselho funcione como um imperador da economia significa trair o desejo de uma forma totalitária de planejamento, que os países de regimes fechados adotaram para desgraça de sua economia e oferecimento de baixos índices de produtividade. Muitas das armas levantadas contra o Conselho Monetário podem, portanto, refletir mais o desejo de um planejamento centralizado e absolutista do que a paixão pelos objetivos mais saudáveis de reconstruir neste país uma economia de mercado, cortando-se algumas das anomalias que efetivamente existem no sistema financeiro, reduzindo taxas de juros e contribuindo para o aumento do capital fixo das empresas e a retomada do desenvolvimento econômico.

O foco da questão está no próprio Estado e na administração dos interesses do Estado. Muitos economistas que participam da administração federal ainda procedem como se fossem candidatos ao primeiro escalão da burocracia, atirando contra alvos "reacionários" e jogando na "oposição". A "oposição", na verdade, é hoje o Governo. Se ela se eximir das responsabilidades básicas de controle fiscal, de enfrentar índices baixos de produtividade e orçamentos inchados de estatais, então terá falhado em sua missão essencial. Estará apenas abrindo caminho para os radicais. Ou para a substituição do Conselho Monetário por um monótono "Gosplan", com todos os vícios de que os mais irrequietos e inteligentes pensadores econômicos soviéticos estão procurando fugir, mas são desconhecidos aqui por falta de cultura e vivência histórica.

Desvio de Rota

POUCO depois de rejeitado, pela Câmara Federal, seu pedido de auxílio direto aos "contras" que, na Nicarágua, combatem o regime sandinista, o Presidente Reagan decreta um embargo comercial que corresponde à determinação de opor-se, por todos os meios, ao Governo hoje instalado em Manágua. Pode-se duvidar da sabedoria ou da oportunidade desta decisão.

O Presidente encontra-se, agora, na metade final de um período de Governo em que a política externa norte-americana mudou substancialmente de aspecto. Para entender essa mudança, é importante lembrar que a herança da era Carter ainda estava mergulhada na sombra projetada pelo drama do Vietnam — agora completando dez anos. Pode-se discutir, retrospectivamente, o que foi esse drama; pode-se pedir atenção para o fato de que, com a retirada norte-americana da Indochina, ocorreu na região um banho de sangue de proporções muito maiores do que o sugerido pelos próprios pessimistas. Nada disso anula o fato de que a participação dos Estados Unidos naquele conflito terminou por ser considerada, pela opinião pública norte-americana, como um grande desastre nacional — um equívoco de vastas proporções.

Essa percepção condicionou por bom tempo a conduta diplomática dos EUA — e está na base da hesitação congênita que marcou a era Carter. Por conta desta hesitação, a geopolítica mundial alterou-se em desfavor dos EUA. A política externa soviética passou a demonstrar um desembaraço e uma agressividade proporcionais ao "encolhimento" de Washington. A chegada dos primeiros cubanos em África, como instrumento dessa política, acompanhou de muito perto a queda de Saigon. Outros episódios deste ciclo foram a invasão do Afeganistão e a terrível humilhação imposta aos Estados Unidos pelo Governo "fundamentalista" do Irã.

Ronald Reagan elegeu-se para modificar este quadro — e nas questões centrais foi bem-sucedido. A confrontação verbal e política com a União Soviética atingiu um grau de intensidade nunca visto desde o auge da "guerra fria"; mas os soviéticos terminaram voltando à mesa de negociações em Genebra, mesmo se, neste ínterim, Washington apresentava um projeto — a "Guerra nas Estrelas" — que intensificou ao máximo uma atávica sensação de insegurança por parte dos homens de Moscou.

O problema dessa política em que o Presidente Reagan se sente tão à vontade — e que corresponde tão bem aos seus "instintos" — está em que ela é expressa, muitas vezes, numa retórica inepta; e que, sobretudo em relação ao continente americano, pode incorrer em sérios erros de avaliação.

Face a um problema como o da América Central (que exigiria um enfoque específico — e sofisticado), o Presidente misturou a sua "percepção central" — correta — com ênfases impróprias.

A herança da era Carter também era, neste terreno, comprometedora. Na sua desenvoltura inicial, o sandinismo pretendia reeditar o messianismo revolucionário dos cubanos de 1958. À ascensão do sandinismo correspondeu a intensificação da guerrilha em El Salvador. Assim como ocorrera na Indochina, falava-se num "efeito dominó" que levaria à entrada progressiva de todos os países da região no "ciclo revolucionário".

Se o efeito dominó falhou (como falhou na Indochina), talvez isto se possa creditar, em parte, às posturas "explícitas" do Governo Reagan. Incomodada em seu próprio território pela ação dos "contras", a Nicarágua moderou sua política de exportação da revolução, em relação a El Salvador, o que explica a situação mais confortável de que se beneficia agora o Governo salvadorenho. Em vez da pressão crescente contra o Governo, que não produziu o resultado almejado, Manágua passou a sugerir aos rebeldes de El Salvador a tática da negociação como forma de acesso ao aparelho do Estado.

Desde o começo da administração, entretanto, o Governo Reagan cometera erros de ênfase em relação ao problema — como a decisão do então Secretário de Estado Haig de considerar o conflito na região como um capítulo da confrontação global entre as superpotências. Esse enfoque errôneo foi modificado com a troca de Haig pelo atual Secretário, que fala e age em termos mais sofisticados.

Cerceado pelo Congresso em sua política de apoio aos "contras", o Presidente Reagan opta agora por uma "escalada" que reproduz a sua agressividade inicial — agora mais do que nunca defasada e contraproducente. É possível que o projeto político do sandinismo levasse, ao fim e ao cabo, a um Estado socialista em tudo semelhante ao cubano; o Governo Reagan, entretanto, age como se esse estágio já estivesse concretizado — e, assim fazendo, colabora para esse desfecho.

Acima de tudo, é inquietante para o continente o aspecto progressivamente "militar" da pressão de Reagan contra a Nicarágua — de que o embargo comercial é apenas uma diversão. Washington trata a questão nicaragüense como uma ameaça militar concreta — o que ela ainda não é. Isso resulta num tipo de obsessão que, endurecendo desnecessariamente os ângulos do problema, faz com que a política norte-americana para o continente termine antes de chegar à Venezuela. O Governo Reagan "escolhe" um adversário para executar uma demonstração de força. Poderia eventualmente, neste caminho, dobrar esse adversário — o que é improvável. Mesmo vitorioso, entretanto, teria transformado a Nicarágua em mártir aos olhos de um continente que julga com severidade o histórico norte-americano na América Central. O débil socialismo cubano e o ainda embrionário "comunismo" nicaragüense não poderiam desejar melhor presente para conquistarem uma importância histórica que não precisariam ter.

TÓPICO

Previsão

No Nordeste inundado pelas cheias, um Governo estadual, o de Alagoas, está preocupado em planejar a ampliação dos seus recursos hídricos para enfrentar o próximo período de seca, com início previsto para 1990. Não é tão absurdo quanto à primeira vista possa parecer. É antes uma atitude sábia, que para infelicidade do Nordeste não tem tido precedentes. Não pelo menos na área oficial. Porque tem um, altamente positivo, na esfera da iniciativa privada.

Em 1978, o Centro Técnico da Aeronáutica chegou à conclusão de que o Nordeste estava às vésperas de uma seca de cinco anos e alertou para o fato todas as autoridades interessadas, da Presidência da República aos governos da região. Ninguém levou a sério a advertência.

Ninguém a não ser uma empresa particular — a Maisa, sediada no Rio Grande do Norte —, que a partir dos dados contidos no relatório decidiu reformular todos os seus projetos, concebidos para época de normalidade. Pondo em prática um modelo original de irrigação intensiva, não apenas sobreviveu aos cinco anos de seca como chegou ao seu final na condição de um dos mais bem-sucedidos empreendimentos agroindustriais do país, responsável pela metade do consumo nacional de melão e com uma boa renda em moeda estrangeira obtida através da exportação de frutas e sucos produzidos no coração do semi-árido, onde o Governo desperdiçava milhões com inúteis obras de emergência.

LAN

CARTAS

Eleições

Estão discutindo sobre a exigência, ou não, de dois turnos para as próximas eleições, na comissão interpartidária para reforma da lei eleitoral. O Senador Fábio Lucena sustenta (dentro do ponto de vista da quantidade e não da qualidade) que os dois turnos é o sistema com legitimidade, e, por não ter sido adotado, o atual Governador do Rio de Janeiro foi eleito com apenas 27% dos votos apurados. (JB de 16/4/85)

A maioria dos integrantes da comissão interpartidária se manifestou favorável pelos dois turnos. Porém, os que foram contrários alegaram ser um processo oneroso. Mas, onerosos, também, ao erário público são os vultosos salários que percebem, além de outras vantagens, e isso não lhes convém.

O novo governo da República, que veio para mudar — **Mudanças já** — poderia iniciar uma reformulação na parte relativa à remuneração em todas as categorias, acabando com o abismo existente entre o mínimo e o máximo salários. **Jorge Baiardo Torres Gonçalves — Rio de Janeiro.**

Prisão necessária

Sem pretender entrar no mérito do caso **Brasilinvest**, não entendi o porquê da não decretação da prisão preventiva dos implicados, por parte do M. M. Juiz, a quem foi encaminhado pelas autoridades.

Enquanto não for ninguém para a cadeia, os larápios de colarinho branco continuarão lesando os pobres. E a Nova República, como vai reagir? Vai continuar dando cobertura aos Paims da terra? **Esperamos que não. Edilson Esteves — Rio de Janeiro.**

Niemeyer

Muito bem sugerido o nome do arquiteto Oscar Niemeyer para a Prefeitura do Município do Rio de Janeiro. Só um homem com a sua inteligência, criatividade e elevado descortino dos problemas sociais urbanos será capaz de resgatar o título de maravilhosa a esta cidade que tanto amamos. Está de parabéns o ex-Deputado e atual Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro Dr. José Gomes Talarico, pela indicação. **Francisco Câmara — Rio de Janeiro.**

Hipocrisia

PDS não mostra ainda oposição que quer fazer, página 4 da edição do dia 1/4/85. Fiquei realmente enojado com a hipocrisia com que políticos, antes fervorosos malufistas, dizem ser "tancredistas desde menino", outros, pior ainda, tentam se desculpar de suas omissões políticas na Velha República (leia-se 21 anos de perseguição política) afirmando que eram coibidos de expor suas idéias. Se tal fato realmente acontecia, por que estes senhores não passaram para a oposição? Por que só agora resolveram mostrar o quanto democrático são, defendendo a legalização dos partidos proscritos e o reatamento com Cuba?

Na verdade, foram cúmplices do regime militar, marionetes dos governantes, importando-se apenas com o próprio bem-estar e mandando às favas o país. Agora esses homens lutam para obter as facilidades com que estavam acostumados, fazendo bajulações ao governo atual. Como definiu bem um desses senhores: "O PDS está louco para se agregar ao Governo. Na minha opinião, o PDS nasceu no poder e não pode viver sem ele". **Maurício Mendonça Valença — Rio de Janeiro.**

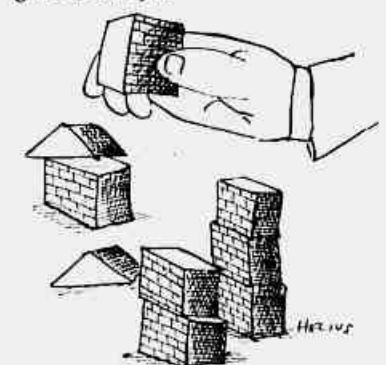
Uso do solo

Na edição de 30 de abril desse jornal, tive o dissabor de ler pontos de vista por mim externados durante o seminário realizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil — IAB, sobre o anteprojeto de lei Municipal de Desenvolvimento Urbano, serem resumidos em uma única frase, inoportuna e radical. Segundo a matéria, seria esta a resposta por mim preconizada ao gesto democrático do Governo Municipal, submetendo seu anteprojeto à apreciação dos arquitetos. É notório que o JORNAL DO BRASIL desenvolve uma oposição sistemática ao Governo Leonel Brizola.

Nem eu, nem o IAB, do qual tenho a honra de ser o vice-presidente, gostaríamos de ver confundidas com este tipo de oposição as eventuais críticas que lealmente possamos vir a fazer à atuação dos governos estadual e municipal. Em particular, não gostaria que fosse prejudicado ou malcompreendido o trabalho construtivo levado à frente pelo IAB com a participação dos inúmeros profissionais que compareceram ao seminário.

Durante o evento fiz uma exposição detalhada sobre o que julguei ser o pensamento dominante do plenário, resumida no JORNAL DO BRASIL a uma única frase. Tenho certeza de que esse jornal não tem interesse em obstruir o canal de entendimento e colaboração aberto entre o governo municipal e os arquitetos.

Contando com isto, gostaria de ver estas considerações iniciais, assim como minha opinião sobre a Lei de Desenvolvimento Urbano publicadas na sua íntegra. O anteprojeto de Lei de Desenvolvimento Urbano me decepcionou por não apresentar as mudanças institucionais, que, no campo do desenvolvimento urbano, esperava de um governo democrático.

Como se evidenciou durante o seminário o anteprojeto é um texto genérico quase totalmente desprovido de normas substantivas, podendo ser aplicado a qualquer outro município do país. Assim, todas as decisões que irão efetivamente disciplinar o parcelamento, a edificação e o uso do solo serão baixadas através de decretos sem nenhuma participação do Poder Legislativo. Neste sentido, paradoxalmente, o anteprojeto de lei é mais autoritário do que a legislação que pretende substituir, concebida em pleno regime de exceção.

Quanto à resposta do IAB esclareço que será formulada a partir do trabalho de nossa comissão de planejamento urbano, cujo parecer, enriquecido pelas contribuições do seminário, será submetido à aprovação de novo Conselho Deliberativo. Com relação ao anteprojeto, pessoalmente julgo inoportuno e mesmo injustificável que, às vésperas da eleição, em que pela primeira vez escolheremos nosso prefeito, venha a ser aprovada a toque de caixa uma legislação que pelo seu teor não terá qualquer conseqüência prática como instrumento para o atual governo. Julgo assim oportuna uma reflexão mais profunda sobre a Lei de Desenvolvimento Urbano, sem açodamento e com o efetivo envolvimento dos agentes responsáveis pela produção e apropriação de nosso espaço habitado. Isto não impedirá, entretanto, que uma legislação específica possa de imediato expurgar instrumentos indesejáveis como a mais — valia, a consulta prévia, e o direito de protocolo tal como acertadamente prevê o anteprojeto em questão. **Luiz Carlos de Menezes Toledo, vice-presidente do IAB — Instituto de Arquitetos do Brasil — Rio de Janeiro.**

Especulação

A ECT pretende, no dia 18 de maio próximo, lançar mão de um expediente altamente especulativo, prejudicando a maioria dos filatelistas brasileiros. Vai emitir um selo-bloco que só será vendido na cidade de Belo Horizonte e o qual terá uma insuficiente tiragem de 200 mil exemplares. Aliado ao alto valor facial de tal bloco — Cr$ 2 mil 900 —, essa peça será altamente especulada por alguns poucos comerciantes privados.

Tal prática é totalmente irregular, pois a ECT, sendo empresa nacional, tem a obrigação de colocar seus materiais à venda em todo território brasileiro, mormente nas capitais, como o faz com as demais. Solicitaria a intervenção do Sr. Ministro Antônio Carlos no sentido de se evitar tal especulação, determinando a venda de tal selo em todo território nacional e aumentando sua tiragem. **Heitor Vianna Posada Filho — Niterói (RJ).**

Seriedade

Há três meses aproximadamente, foi publicada nessa Seção uma carta minha na qual apontei alguns problemas que vinha enfrentando com os correios, tais como: extravio de cartas e revistas e abertura de cartas.

Logo a seguir à citada publicação, fui procurado por um funcionário categorizado da Diretoria Regional da ECT, Sr Salles, que me pediu mais detalhes das ocorrências, informando ainda que seria realizada uma investigação interna a fim de averiguar a situação.

Passados aproximadamente dois meses, fui procurado novamente pelo Sr Salles, que me colocou a par do andamento dos trabalhos, mostrando-me inclusive algumas falhas no endereçamento de cartas minhas vindo do exterior, as quais fariam com que normalmente não chegassem às minhas mãos, o que poderia ter acontecido, também, com relação às cartas extraviadas.

Independente de quaisquer resultados que ainda venham da investigação em curso, gostaria de deixar aqui registrado os meus agradecimentos pela atenção dispensada pela ECT e de congratulá-la pelo exemplo de seriedade, competência e interesse pela qualidade do seu serviço, demonstrado pelo pronto atendimento às minhas reclamações, mostrando com isso que a empresa continua como um exemplo raro de como deve ser administrada uma empresa de prestação de serviços de utilidade pública. **P. Crean — Rio de Janeiro.**

Solidariedade

Por um dever de consciência e uma dívida de gratidão, levamos ao conhecimento desse jornal o que se passou conosco no IML, na madrugada de 9/3/85.

Na oportunidade, tentávamos liberar o corpo de um nosso sobrinho — garoto de 14 anos —, vítima de brutal acidente com arma de fogo. As primeiras informações de quem nos atendeu no IML foram desalentadoras; em síntese, seria praticamente impossível liberar o cadáver antes das 8h da manhã, assim mesmo dependendo da prioridade que o corpo receberia para a necrópsia. Angustiados, apelamos para o Dr. Nelson Almeida Santos, legista de plantão que, deixando o sossego de seu lar, alta madrugada, veio nos ajudar de uma maneira solícita, humana e amiga.

É preciso ressaltar que sua atitude não era a do médico que por dever de ofício, e certamente bem remunerado, estava atendendo um cliente: tratava-se de um legista, para mais uma necrópsia entre milhares, apenas um desconhecido sem vida há muitas horas, para quem não fazia diferença a hora da liberação.

O exemplo de solidariedade humana e senso profissional a nós proporcionado pelo Dr. Nelson não poderia ocorrer sem digno registro. Cercado de horrores diuturnamente, compreensivelmente necessitando isolar-se das tragédias oriundas desta cada vez mais violenta cidade, o Dr. Nelson soube descer até a nossa desgraça, compreendê-la em toda a sua extensão, ser solidário. Sua atitude nos deu a força necessária para suportar naquele momento a tremenda provação por que passávamos.

Apelo, portanto, a esse jornal para registrar o excepcional padrão de homem e médico que o IML tem em seus quadros. **Newton Mousinho de Albuquerque — Rio de Janeiro.**

Termo vago

A crítica através da **charge** é uma das armas que mais profundamente penetram na consciência das massas, modificando-lhes, muitas vezes, suas opiniões e conceitos. Para que a **charge** tenha valor é preciso, no entanto, que trate de assuntos do conhecimento popular para que a mesma possa ser compreendida e analisada.

O Sr. Millôr, em sua seção do dia 28 de abril, não foi honesto para com os leitores ao se referir a três homens públicos como"antigos remadores de águas turvas". Do Sr. Hélio Garcia tenho pouco conhecimento de sua passada vida pública. Sei, porém, que se tem mostrado digno no cargo que Tancredo lhe deixou. Outro **acusado**, o Ministro Dornelles, é um homem que mereceu confiança na Antiga e na Nova República, recebendo de seu tio o Ministério de onde se originarão todas as mudanças no país, logo de extrema confiança e necessária competência.

Por último, o Chefe do Gabinete Civil, José Hugo, cujo passado, na memória dos mineiros, foi um irrepreensível mandato de deputado estadual na década de 60. Como presidente do BDMG e outras entidades, agiu com extrema dedicação e honestidade. Hoje, indicado por Tancredo para o Ministério, de sua íntima confiança, tem-se mostrado um homem discreto e de impressionante correção em seus atos.

Logo, "remadores de águas turvas" é um termo vago para a maioria, senão todos os leitores deste jornal. O Sr. Millôr saiu da área da crítica honesta para cair na malha vulgar da intriga. **André Fernão Martins de Andrade — Volta Redonda (RJ).**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

Antes que o povo a faça

NÃO é a primeira vez que um Presidente, vindo de vice, tem os problemas de que foi servido José Sarney. Não é nada de particular em relação a ele, mas privativo do cargo. E não será ainda a última, se o Brasil não adotar a solução radical de degolar — institucionalmente, bem entendido — o vice-presidente.

A Nova República extinguiu a vice-presidência por motivo de economia política, embora alegando corte de despesas. Pode ir em frente e liquidar o ocupante de uma função ociosa. A razão de ser do vice sempre se restringiu no passado a convocar nova eleição presidencial, quando a vaga ocorria na primeira metade do mandato. Para tão pouco o presidente da Câmara ou do Senado é perfeitamente apto.

Como qualquer apêndice que se preza, o vice-presidente não exerce função essencial. Ninguém toma conhecimento do apêndice exceto em casos de inflamação. A República está cansada de ser operada às pressas por apendicite aguda.

O vice não passa de um **alter ego** ocioso do Presidente. Não adianta reservar-lhe funções representativas como terapia ocupacional para evitar maus pensamentos. Ética e psicologicamente, sente-se obrigado a simular desinteresse pela eventual sucessão e acaba realmente se convencendo de que é um estranho no ninho. Todos acabam apanhados pela surpresa.

Obrigado a fazer voto de castidade, o vice está moralmente inibido de desejar a vaga do próximo, e o mais próximo dele é o Presidente. Que outra maneira teria o vice de evitar tentações senão ocupar-se de coisa diferente? Representar o Presidente em tudo que seja politicamente desimportante tem sido a recomendação. Presidentes da Câmara ou do Senado fazem isso muito melhor. E ficar sem trabalho não é bom sequer para vices: a ociosidade continua a ser a mãe preferida de todos os vícios e o poder, pai em disponibilidade, é polígamo por natureza.

O aspecto mais desconfortável deste momento é que o País vem com disposição constituinte desde o tempo de Figueiredo. Foi Tancredo Neves quem melhor percebeu nas condições objetivas e subjetivas brasileiras a predisposição à Constituinte. Podia ter proposto: façamo-la antes que o povo a faça. Mas economizou a ênfase em favor da Nova República e deixou que a classe média desse contribuição espontânea.

Não há à vista sinal de revolução, nem a prazo. No Brasil é assim: quando as condições objetivas a favorecem, as subjetivas não comparecem, e vice-versa. Sem umas e outras reunidas não há como cogitar do assunto. A não ser para suscitar um pouco de medo nos predispostos.

As greves da Nova República batem o ponto para fazer prova de comparecimento ao trabalho. A formalidade não tem, no entanto, qualquer valor de recibo revolucionário. O Brasil está muito mais para uma Constituinte do que para qualquer revolução, inclusive para a contra-revolução. Só há espaço para retrocesso nos argumentos de persuasão contra as greves que saudaram de mau jeito a Nova República. Os grevistas que ocuparam uma fábrica em São Paulo acabaram cordatamente voltando atrás e, em troca, pediram apenas a presença de um juiz como testemunha de que não causaram dano à propriedade.

Tamanho zelo pelo alheio nunca identificou, do ponto de vista social ou político, situação pré-revolucionária.

O Brasil do Presidente José Sarney vive bem perto da democracia e, no entanto, ainda anda longe. Com o equipamento institucional disponível, ele não conseguirá tão cedo aquilo que João Figueiredo pensava obter com bravata: fazer deste País uma democracia. Não fez, mas em compensação inviabilizou o autoritarismo por muito tempo. É tratar de aproveitar, portanto. O casuísmo revoltou-se contra os seus criadores e parece disposto a desservir aos seus sucessores. Realmente desconfortável é o problema da legitimidade.

M. Jourdan espantou-se ao descobrir que fazia prosa sem o saber. Nas mesmas condições ainda não nos demos conta de que estamos desde muito antes vivendo instintivamente — sem o perceber — situação constituinte. A lei distinguia entre greve legal e ilegal, e o direito de greve acabou auto-regulamentado na prática. Eram todas proibidas, mas o Estado se mostrou magnânimo (durante a abertura) com as greves que paralisavam as atividades privadas. As empresas públicas de serviços foram à luta por salários e o fato social legitimou a greve para todos.

Por que não podemos ser constituintes pelo método de M. Jourdan? Longe de ser revolução, é a Constituinte que está em marcha — lenta, gradual e segura — por meios mais práticos que teóricos. Os fatos, sem precisar de técnica jurídica, vão legitimando novas relações sociais e — por que não? — políticas, que nos aproximam da democracia e nos distanciam da revolução social.

Não há desta vez o menor risco. O vice-presidente transitou em julgado. Sarney já tem dois recordes: é o primeiro vice que recebe o mandato inteirinho de Presidente e o único que não foi questionado. O problema, aliás, é mais nosso que dele. O Brasil saiu da Velha República em melhores condições do que a França quando se desembaraçou do **ancien régime**. Luís XVI, coitado, empurrado, convocou os Estados Gerais que havia muito não se reuniam. Feita a eleição, descobriu-se tarde que a burguesia já era representativamente tudo. O clero e a nobreza, muito pouco para as necessidades. No jogo de empurra, os representantes da burguesia, em excelente saúde majoritária, trataram então de se estabelecer por conta própria: declararam-se Assembléia Constituinte e passaram a agir soberanamente como é de norma.

O Brasil precisa de muito menos. Tem uma classe média com hábitos de consumo e expectativas de melhorar sempre. Está tinindo de democracia mesmo sem se dar conta. Ora, a classe média equivale eleitoralmente a um terceiro Estado diante do qual os outros são pobres de votos. Esse respeitável potencial constituinte vem fazendo a transformação política e social que aliviará o trabalho da futura Assembléia Nacional. Só escrever o que já estiver em vigor.

Sarney não tem a menor culpa: a ilegitimidade do regime é anterior a ele. Na Nova República a antiga oposição chegou ao Governo por outros meios que não os recomendados por ela — e isto facilita um pouco. É verdade também que os ex-governantes em grande parte estão na oposição — e isto atrapalha, embora não muito, porque neodemocratas sempre são apressadinhos e intransigentes. Que consegue um oposicionista realizar no poder que não está democratizado? Democratizá-lo. Eleições — tão diretas quanto possível — revigoram, desde que não apenas para Prefeitos. Sem esquecer, porém, que governistas fora do poder também podem fazer muito em sentido contrário.

WILSON FIGUEIREDO

A restauração do poder civil

HÁ que reconhecer que coube a Tancredo Neves, no cenário brasileiro, o desempenho de funções essenciais, para que se transformasse em realidade a democracia fundada na influência popular. Ele percebeu, antes de todos, que era preciso arvorar bandeira, senão de conciliação, pelo menos de compreensão e entendimento, entre as diversas correntes que dominavam a política nacional. Uma bandeira menos de luta do que de paz, se se desejasse evitar uma guerra civil. Ou um confronto impossível com as Forças Armadas. Daí a criação do Partido Popular, que já aparecia como um trabalho, nessa orientação fundamental.

A presença de novas fórmulas do casuísmo continuísta o obrigou ao regresso ao MDB que era, desde o começo, o núcleo poderoso da contestação. Mas sem alterar a pregação pacificadora, ao tempo em que não poupava esforços para substituir a presença do poder militar, num Estado autoritário, pela restauração do poder civil, em que a força das armas viesse a ser substituída pela influência do voto, nas urnas livres abertas a todo o povo. E não apenas a um Colégio Eleitoral fabricado, exatamente, para a garantia do continuísmo, quando se arquivava o cidadão, para instaurar a supremacia das armas, responsáveis pela guarda da ordem e não pela conquista de postos do Governo. Porque há que distinguir entre os dois poderes. O poder militar exclui os civis, como vimos ao longo dos 20 anos do regime autoritário. O poder civil abre caminhos a civis e a militares, através do voto livre, nas urnas populares.

■

O regresso de Tancredo Neves ao MDB teve maior sentido que a sua presença no Partido Popular, quando a sua pessoa e a sua palavra se apoiou num partido maior, para a mesma pregação de entendimento e conciliação. Tanto mais que não havia nenhuma razão para explicar que a Presidência da República fosse privilégio de generais de quatro estrelas, como se verificou na condenação da candidatura de um general de três estrelas, o General Afonso de Albuquerque Lima. O movimento para a restauração do poder civil teria que vir de fora, e não de quem se valesse das classes armadas para a conquista da Presidência da República, argumento bastante para invalidar o desejo do Marechal Castelo Branco de transferir o cargo a um candidato civil, que teria sido um dos líderes da UDN, Bilac Pinto. Como convencer os companheiros de armas de que o Sr. Castelo Branco era o único militar a merecer o que não seria mais do que uma promoção na carreira militar, depois do golpe de Estado de 1964? E em face de um Colégio Eleitoral preparado especialmente para uma função homologatória?

A campanha pela eleição direta era indispensável para a mobilização de correntes populares, que se não dispunham a concordar com a sua marginalização, na eleição do Presidente da República. Duas grandes figuras emergiram da tribuna dos comícios, Ulysses Guimarães e Tancredo Neves. A campanha de Ulysses Guimarães vinha desde 1974. Mas ele teve a grandeza e a suficiente dose de desambição, para compreender que se tornara viável a candidatura de Tancredo Neves, com aquela bandeira de entendimento, que já o havia conduzido à fundação do Partido Popular.

Tanto mais que a candidatura de Paulo Maluf forçava à criação de uma dicotomia. Não havia margem senão para dois candidatos. De começo, aliás, o nome de Paulo Maluf parecia imbatível. Mas era uma candidatura que cometera a imprudência de desafiar o prestígio dos Governadores de Estado, conquistando votos à revelia dos chefes dos executivos estaduais, e não raro contra a vontade deles, sustentando o Sr. Andreazza. A partir dessa situação, o melhor candidato da contestação seria aquele que merecesse o apoio desses Governadores rebelados. Através do convívio nas reuniões da Sudene, Tancredo Neves se impusera a todos eles. E não havia como hesitar, quando o nome de Paulo Maluf corporificava, de fato, a continuação do regime anterior, com que se identificara profundamente. De nada valiam as suas declarações em contrário. Eram palavras ao vento.

O segredo maior da política está na conquista da credibilidade, quando passa a distinguir entre palavras iguais e afirmações idênticas. Quanto mais peremptórias as declarações de Paulo Maluf, menos confiáveis se tornavam. Enquanto crescia, em torno de Tancredo Neves, a confiança, num crescendo de apoio entusiástico. Que valeria a um alcoólatra inveterado jurar que detestava o vinho? As palavras se enquadram no conjunto de atitudes e de afirmações anteriores. E o julgamento final é tão complexo, que se poderia reconhecer que a credibilidade é o mistério da política. Tanto mais que à falta de credibilidade de Paulo Maluf se acrescentava outro argumento poderoso, o de que o seu contágio poderia concorrer para resultados eleitorais, como o registrado no pleito de Santos, quando o seu partido não foi além de 2,9% do eleitorado.

À medida que ia crescendo a concorrência nos comícios populares, registrava-se, também, a debandada dos seguidores de Paulo Maluf. E a popularidade de Tancredo Neves tomava proporções desconhecidas na história política do Brasil. O suicídio de Getúlio Vargas mobilizara imensa multidão. Mas em torno de Tancredo Neves já se tinha a impressão de caminhar no irreal, numa campanha que viera do povo, de início sem qualquer apoio dos meios de publicidade, espontânea e, por isso mesmo, irresistível, uma vez que tinha como finalidade a restauração do poder civil, o que vale dizer o apoio de toda a população, através do voto livre, nas urnas populares. Como se os comícios fossem uma espécie de catarse, para a purificação de um regime que tivera como norma e inspiração afastar o povo das decisões fundamentais do governo nacional. De um Governo que preferia o decreto-lei à intervenção do Poder Legislativo, que só era convocado sob a espada de Dâmocles dos projetos com decurso de prazo.

E que significa, afinal, a restauração do poder civil? Nada mais do que um regime em que todo o poder emana do povo. De um regime que, abrindo espaço aos civis, não exclui os militares, a que também ficam acessíveis as urnas populares. Numa democracia, a Presidência da República não pode ser privilégio de ninguém, mas direito e aspiração de todos os cidadãos.

Para chegarmos a esse resultado, foi que precisamos da inteligência de Tancredo Neves, de sua grande experiência, de sua compreensão das realidades brasileiras, numa campanha que tomou todos os tons de um apostolado. Não faltou, nem mesmo, o sacrifício final, como uma nota de heroísmo com que garantir a sua permanência na tão frágil memória das criaturas humanas, como uma experiência a orientar, para o futuro, a história da política brasileira.

BARBOSA LIMA SOBRINHO

Sarneyda

Capítulo XVII – Da crueldade e da clemência, e se mais vale ser amado que temido. Passo agora às demais qualidades requeridas dos que governam. Um príncipe deve evidentemente desejar a reputação de clemente, mas deve estar atento ao uso que faz dela. César Borgia foi tido como cruel; mas foi sua crueldade que lhe permitiu unir a Romagna aos seus estados e restabelecer nessa província a paz e a tranqüilidade, das quais estava privada há tempos. E, tudo bem considerado, é preciso confessar que esse príncipe acabou sendo mais humano do que o povo de Florença que, para não parecer cruel, deixou destruírem Pistóia. (Pistóia perdeu-se porque os florentinos não quiseram eliminar as duas famílias que dividiam a cidade entre facções rivais, em contínuas lutas intestinas.)

Quando se trata de conter os súditos nos limites do dever, não se deve ter medo da acusação de crueldade. No fim, o príncipe descobrirá que foi mais humano, ao dar um certo número de exemplos necessários, do que aqueles que por excesso de indulgência encorajam a baderna. Pois esses tumultos subvertem todo o Estado, enquanto que as penas infligidas pelo príncipe atingem apenas alguns indivíduos.

Tudo isto é ainda mais verdadeiro em relação a um príncipe novo, que não pode evitar o reproche da crueldade, pois toda nova dominação está cheia de perigos. Assim Dido, em Virgílio, se desculpa de sua severidade alegando a obrigação de sustentar uma realeza recente:

Res dura, et regni novitas me talia cogunt
Moliri, et late fines custode tueri.

(**Eneida I:** O momento é cruel; a novidade do meu poder me obriga a tais esforços e a uma ciumenta vigilância de todo o meu reino).

Mas, um príncipe não deve ter medo da própria sombra, nem dar muito facilmente ouvidos aos relatos assustadores que lhe são feitos. Deve, ao contrário, ser pausado no acreditar e no agir, misturando a calma à prudência. Há um meio-termo entre segurança insana e desconfiança desarrazoada.

(...) Os homens em geral estão mais inclinados a poupar aquele que é temido do que aquele que se faz amar. A razão disto é que a amizade, sendo um laço simplesmente moral de reconhecimento, não resiste aos cálculos do interesse; enquanto que o temor tem por base um castigo do qual a imagem permanece sempre viva.

O príncipe, no entanto, deve fazer-se temer de tal modo que, se não for amado, ao menos não seja odiado. Ora, para não ser odiado, basta-lhe respeitar as propriedades dos seus súditos e a honra de suas mulheres. Se for preciso punir com a morte, deve explicar por que e, sobretudo, não tocar nos bens dos condenados. Pois os homens, de fato, esquecem antes a morte de seus parentes do que a perda do seu patrimônio.

(...) Concluo, pois, voltando à minha primeira questão, que os homens, amando segundo o seu próprio capricho, e temendo ao contrário segundo os atos daquele que os governa, deve o príncipe se for sábio não contar senão com o que depende dele e não com o que depende dos humores de outrem. Precisa apenas, fazendo-se temer, evitar ser odiado.

Capítulo XVIII – Se os príncipes devem ser fiéis aos seus compromissos (...) Deveis portanto saber que há duas maneiras de combater: uma com as leis, outra com a força. A primeira é própria dos homens; a outra nós a temos em comum com os animais. Contudo, quando as leis são impotentes, não há remédio senão recorrer à força; um príncipe deve saber combater tanto como homem, quanto como animal.

É o que nos dão sutilmente a entender os poetas antigos na história alegórica da educação de Aquiles e de muitos outros príncipes da antigüidade pelo centauro Quirão, o qual, sob a dupla forma de homem e de animal, ensina aos príncipes que eles devem empregar alternadamente a arma peculiar de cada uma das duas espécies, posto que uma sem a outra não é de utilidade duradoura. Ora, os animais dos quais o príncipe deve saber revestir a forma são a raposa e o leão (...)

■

Os conselhos que o veterano Maquiavel dá ao nosso príncipe José Sarney são quase sempre sábios, embora sejam algumas vezes inconvenientes. Recolhi acima os que me pareceram mais adequados às circunstâncias da hora e do País. Um príncipe novo não pode deixar de ser duro e enérgico, ainda que deva evitar ser odiado. Em defesa do seu poder e do seu Estado, ele deve saber bater-se como homem e até como bicho, sempre que isto for necessário.

Desafios não faltam. "Um príncipe", ensina Maquiavel, "é desprezado quando se revela inconstante, leviano, pusilânime, irresoluto, afeminado — defeitos que deve evitar, esforçando-se para mostrar grandeza, coragem, seriedade e força em todas as suas ações".

Todas? Maquiavel era demasiado severo. No caso brasileiro, talvez possamos conceder a José Sarney uma margem de tolerância, digamos, de uns vinte por cento. Desde que ele não perca muito tempo.

FERNANDO PEDREIRA

Os vivos e os mortos

NAS comemorações dos 40 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, há algo mais a lembrar: não só os mortos mas também os vivos, não só os desastres do passado mas também as realizações destes últimos 40 anos.

A antiga inimizade entre a França e a Alemanha foi superada. O nacionalismo ainda é uma força dominante, mas a Europa Ocidental não está pensando nos cemitérios do passado mas lutando, mesmo lentamente, em busca da unidade econômica e, ocasionalmente, política.

Enquanto isso, os últimos 40 anos assistiram à mais dramática libertação de povos colonizados famintos em toda a história mundial. Eles enfrentam problemas desesperadores em sua fuga da escravidão, problemas que os Estados Unidos deveriam compreender, pois, 100 anos depois de iniciada sua história, precisaram lutar em uma guerra civil entre os estados para libertar os negros — e ainda enfrentam o problema.

O resultado da participação dos Estados Unidos na tragédia das duas guerras mundiais deste século não é muito claro. Poderiam argumentar que, se os EUA tivessem se comprometido antes com a defesa da civilização ocidental, e se armado para fazê-lo, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial poderiam ter sido evitadas — mas não o fizeram, porque o povo norte-americano não desejou isto.

Desde então, os Estados Unidos aprenderam duas lições. Primeiro, não podiam ficar à parte, devendo tornar claro que qualquer ameaça aos grandes países livres do mundo seria enfrentada por seu poderio militar. E, segundo, que precisavam ter poderio militar para tornar esta ameaça digna de crédito.

Assim, depois da Segunda Guerra Mundial, Washington assumiu mais compromissos de lutar pela liberdade e independência de mais países do que a Inglaterra e a França em sua longa história imperial. Isto foi feito com a aprovação dos dois partidos políticos em Washington, por Presidentes Republicanos e Democratas.

Nenhum historiador sério se recusaria a reconhecer que a União Soviética perdeu mais de 20 milhões de pessoas na última guerra e, portanto, tem o direito de defender suas fronteiras. Em Ialta, o Presidente Roosevelt concordou com esta proteção, desde que Moscou permitisse que os poloneses e demais habitantes da Europa Oriental pudessem decidir seus próprios assuntos — mas, no fim das contas, foi exatamente isto que o Kremlin rejeitou.

Justiça seja feita, mais uma vez com o apoio dos dois partidos, os Estados Unidos convidaram a URSS a participar da reconstrução da Europa depois da guerra, nos termos do Plano Marshall. Moscou recusou a oferta.

Washington também propôs o controle internacional, e até mesmo a abolição, das armas atômicas, com o Plano Baruch, o Plano Lilienthal e o Plano Acheson — mas novamente Moscou não aceitou, achando que se tratava de algum ardil.

Assim, tanto naquela época quanto agora, está clara a crise de confiança entre as duas potências; e as últimas controvérsias entre as duas, mesmo com Mikhail Gorbachev no poder e as negociações em andamento em Genebra, mostraram desacordo quanto ao controle das armas nucleares tanto em terra quanto no espaço.

Apesar de suas tolas complicações sobre quais os cemitérios a visitar, e de toda a gritaria para que mude os roteiros de sua viagem à Europa, o Presidente Reagan está em boa posição. Nunca na história das guerras os vencedores foram mais generosos com os vencidos do que os EUA o foram com os alemães e os japoneses, agora seus aliados e competidores no comércio internacional.

Se, 40 anos atrás, aqueles entre nós que passaram pela **blitz** em Londres, a ponte aérea de Berlim e as subseqüentes lutas na Coréia e no Vietnam imaginassem os problemas de hoje na política internacional, acho que teriam pensado que seriam terríveis mas talvez solucionáveis — e teriam ficado relativamente otimistas quanto ao futuro.

Afinal de contas, os europeus foram responsáveis pela política e ordem mundial durante 300 anos e, no espaço de 20 anos, se envolveram em duas guerras mundiais, enquanto os dois gigantes atuais, Estados Unidos e União Soviética, têm conseguido, pelo menos, evitar uma nova guerra mundial há duas gerações — talvez três, considerando a grande popularidade do sexo nos últimos tempos.

Em suma, os sacrifícios dos mortos nas duas guerras mundiais não foram, quando se olha para a Europa, um desperdício total. Não é a Europa dos sonhos de Jean Monnet, ou o mundo de Woodrow Wilson com seu sonho de uma Liga das Nações para terminar todas as guerras, ou de Paul Valéry com sua esperança não só de uma Liga das Nações mas também de uma Liga das Mentes. Mas o sonho continua, e, depois de 40 anos, mesmo agora parece mais razoável do que no fim da última guerra mundial.

JAMES RESTON
The New York Times

Governo acha que onda de greves ainda dura 40 dias

Brasília — O Governo espera que dentro de 30 ou 40 dias a onda grevista já tenha passado. Para o Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, entretanto, isto não significa que a partir daí não haja mais greve, pois elas sempre podem voltar quando ocorrerem negociações coletivas.

No momento, a maior preocupação do Ministro do Trabalho é com o descumprimento das decisões da Justiça do Trabalho e com a violência. Greve, para Almir Pazzianotto, "é um fato normal no mundo das relações do trabalho".

O ministro lamentou a falta de acordo entre os metalúrgicos e as montadoras de automóveis e disse que existe um grande complicador: o repasse do aumento salarial para o preço dos produtos, com o que não concorda o Conselho Interministerial de Preços.

A partir deste ponto, a interferência do Ministro do Trabalho passa a ser diluída entre outros ministérios da área econômica, pois a decisão de Governo de não repassar os custos para os consumidores teve a sua origem na área econômica. Pazzianotto está convencido de que este é um problema que o Governo será obrigado a estudar, se solicitado pelos empregados e patrões.

Almir Pazzianotto informou que tem recebido algumas sugestões para proceder a uma consolidação da legislação trabalhista rural. O assunto está em estudo pelos técnicos do Ministério do Trabalho mas ele é de opinião que não se deve mais partir para uma consolidação altamente abrangente. No entender do Ministro do Trabalho, este é o tipo de assunto que deve ser tratado setorialmente.

Aeroviários encerram movimento

Brasília — Foi difícil como pousar um Boeing. A negociação entre os aeronautas e as empresas de aviação, que pôs fim à greve, começou às 17h30min de sexta-feira e só terminou às 10h30min de sábado, quando a greve já entrava em seu quarto dia: 17 horas de reunião, suspensa seis vezes. Sem dúvida, a mais longa sessão de conciliação do Tribunal Superior do Trabalho.

O Ministro Marcelo Pimentel, vice-presidente em exercício do TST, teve que se desdobrar em exercícios de persuasão, mas não perdeu o bom humor. Desde sexta-feira ele já sabia que a sessão seria difícil."Na Nova República, está todo mundo se testando. O Governo, os sindicatos, os empresários, todos estão agora querendo medir suas forças", comentava o ministro. Houve acordo em nove dos 16 pontos discutidos.

Ganhos

Às 7h de sábado, consultados pelo Comandante José Lavorato, presidente do Sindicato dos Aeronautas, as assembléias reunidas no Rio e em São Paulo concordaram em voltar ao trabalho. A passagem do acordo para o papel durou três horas e meia. "A greve não trouxe benefícios para ninguém", lamentava-se o presidente do sindicato patronal, Aguinaldo Junqueira. "O acordo não é ideal, mas é um bom início", discordava o presidente do sindicato dos empregados: "Há uma certa frustração por não termos obtido tudo o que queríamos, mas acho que ganhamos em mobilização, pois há 22 anos nossa categoria não fazia uma greve", comentou o Comandante Lavorato, cuja habilidade na condução do movimento mostrou a paciência de um piloto experiente que soube aterrissar na hora certa.

Além do reajuste salarial baseado em 100% do INPC, retroativo a dezembro de 1984, os aeronautas obtiveram piso salarial de Cr$ 1 milhão 500 mil a partir de junho e um abono de emergência escalonado. Ganharão 20% sobre o salário, em março e abril, os que ganhem até 15 salários mínimos; obterão 30% em maio, os que ganhem até 10 salários mínimos; receberão mais 20% em setembro e outubro, os que ganhem até 15 salários mínimos; e 30% em novembro, os que ganhem, então até 10 salários mínimos. Aqueles cujos salários superem os tetos, receberão reposições de Cr$ 500 mil de março a maio e Cr$ 999 mil 360, de setembro a novembro. Ainda que isso configure, na prática, um reajuste trimestral, os acréscimos ganhos nas antecipações não serão incluídos nos cálculos feitos para os reajustes semestrais.

Também foi fixado um mínimo de Cr$ 1 mil 500 para os novos comissários, a partir de primeiro de junho. A diária para alimentação ficou em uma UPC (hoje, Cr$ 34 mil 166) por refeição. Os aeronautas conseguiram estabilidade no emprego, por três anos, para 11 representantes sindicais eleitos pelos funcionários. A partir de 31 de maio, ganham acomodação individual nos hotéis. Trabalho igual, renderá salário igual.

Através de uma comissão paritária a ser constituída, o sindicato das empresas e o sindicato dos empregados, discutirão os percentuais que serão aplicados sobre gratificação de equipamento, por língua falada, salários do co-piloto e do mecânico, tomando por base o salário do piloto e criação de creches permanentes, entre outras coisas.

Foto de André Câmara

A situação já era normal mas o movimento foi pequeno no Aeroporto Internacional

Vôos da VASP e da Varig estão normais

Desde o meio-dia de ontem, segundo informação das companhias, os vôos da Varig e VASP nos aeroportos do Rio foram normalizados, embora o movimento de passageiros permanecesse um pouco abaixo do comum, pois muitas pessoas ainda continuavam em dúvida sobre o fim da greve dos aeronautas e outros adiaram suas viagens por temerem o prolongamento do movimento.

No início da manhã não havia piquetes nos dois aeroportos e as companhias mantinham o pessoal de terra pronto para entrar em operação regular. No Aeroporto Internacional desembarcaram muitos passageiros vindos do exterior, enquanto o primeiro vôo doméstico da Varig ocorreu às 10h30min e o da VASP, às 12h15min, com destino a Cuiabá. No Santos Dumont, por volta das 15h, não havia filas ou grande concentração de passageiros e o ambiente era o de um dia normal.

Dificuldades

O primeiro vôo da Varig para o exterior saiu às 17h, para Buenos Aires, com escalas em São Paulo e Porto Alegre. À noite, decolaram aviões da mesma companhia para os Estados Unidos, Europa, América do Sul e África. "Ainda bem que a greve acabou, pois o movimento aqui caiu para a metade e nós já estávamos sofrendo muitos prejuízos", comentou o barbeiro Antônio Correa de Figueiredo, 55 anos, português radicado no Brasil há 30 anos, ao assistir à chegada de passageiros para o vôo da Varig, para Belo Horizonte, às 14h.

No salão do barbeiro — o único do Aeroporto Internacional — havia apenas um cliente e Antônio Correa de Figueiredo sorriu, satisfeito, quando ele chegou para "fazer a barba". Em frente, Vânia Barbosa, acompanhado da filha de 3 anos, esperava, com "certa angústia", o momento de embarcar para Minas Gerais.

— Saí de Nova Iorque às 15h de ontem (dia 3), no vôo 333 da Aerolíneas Argentina, já informada da greve no Brasil. Em Miami, o avião ficou lotado com a entrada de dezenas de brasileiros que foram desviados de vôos da Varig. Muitos não puderam embarcar, esperaram por outro vôo — recordou Vânia Barbosa, que regressou de uma viagem de 30 dias dos Estados Unidos, onde seu marido trabalha no momento.

Goiânia já tem ônibus nas ruas

Goiânia — Acabou a greve dos motoristas e cobradores de ônibus iniciada na quinta-feira. A decisão foi tomada no início da tarde, numa improvisada assembléia da categoria, em frente ao Palácio das Esmeraldas, logo após uma audiência do Governador Íris Rezende com uma comissão de trabalhadores. A principal reivindicação, o abono de 50% sobre os atuais salários, não foi atendida, mas houve garantias expressas de que não haverá punições e serão pagos os dias parados.

As empresas, que sempre se negaram a negociar, mantiveram a mesma atitude, escudadas na posição do Governo estadual de pressionar os trabalhadores a voltarem ao trabalho, diante da decretação da ilegalidade do movimento. Ontem de madrugada, ocorreram os primeiros incidentes, quando soldados da Polícia Militar agrediram e prenderam cinco motoristas. Depois de identificados criminalmente pela Polícia Federal, eles foram liberados. O Governador comprometeu-se com o sindicato da categoria a abrir um inquérito para apurar as responsabilidades.

As empresas privadas e a do Governo colocaram os ônibus para rodar, escudadas na decretação da ilegalidade da greve e na presença da PM. Goiânia amanheceu fortemente policiada, principalmente os terminais, as garagens e o Palácio das Esmeraldas. O transporte coletivo não se normalizou.

Pela manhã, houve uma assembléia no sindicato, que decidiu pela continuidade do movimento e por uma passeata até o Palácio das Esmeraldas, para uma audiência com o Governador. A passeata transcorreu sem incidentes.

Empresas ainda calculam prejuízos

O presidente do Sindicato Nacional das Empresas Aeroviárias, Agnaldo Junqueira Filho, não soube informar os prejuízos decorrentes da greve dos aeronautas, mas acrescentou que ouviu falar que a Varig/Cruzeiro perdeu cerca de Cr$ 7 bilhões. Segundo Agnaldo, os aeronautas não precisavam fazer a greve porque suas reivindicações poderiam ser discutidas na Justiça do Trabalho.

Depois de permanecerem toda a madrugada de sexta-feira e parte da manhã de ontem concentrados em frente à sede do seu sindicato, os aeronautas do Rio, consultados de Brasília por telefone, decidiram, em assembléia, encerrar a greve. A reunião, no auditório da OAB, mobilizou cerca de mil pessoas. Os líderes do movimento entendem que houve "mais uma vitória política do que uma conquista das reivindicações pretendidas".

Minoria

Para o presidente do sindicato das empresas aéreas, os grevistas eram uma minoria, o que ficou "bem manifestado" no fato de a Varig ter conseguido realizar alguns vôos. Os grevistas, destacou Agnaldo Junqueira, "por serem mais ativos" conseguiram se impor "sobre a maioria silenciosa". As concessões feitas pelas empresas representam um "custo perfeitamente suportável", explicou Agnaldo, afirmando que em caso contrário não haveria acordo.

Agnaldo disse que na greve não houve vencedores nem derrotados. Achou-a, porém, desnecessária e admitiu a possibilidade de ter havido alguma motivação política. Acrescentou que o acordo coletivo de trabalho não foi assinado em dezembro porque os aeronautas apresentaram uma pauta com 64 reivindicações, o que tornou difícil uma negociação.

Aeronautas

Embora pretendam realizar nos próximos dias uma assembléia para avaliar os resultados da greve, os aeronautas do Rio tinham, na manhã de ontem, consciência de que o movimento produziu poucos benefícios práticos, pois os pontos conquistados não são significativos e as empresas estariam mesmo dispostas a aprová-los.

— Desde 1962, isto é, há 23 anos, a categoria não fazia uma greve e, com o movimento de agora, demonstramos às empresas que elas não podem mais se recusar a discutir nossas reivindicações — declarou um aeronauta que não quis identificar-se.

Alguns deram destaque à unidade da categoria e reconheceram a preocupação com conseqüências do prolongamento do movimento: "Todos nós estávamos cansados: surgiram fatos como a operação montada pela Aeronáutica e, acima de tudo, há uma legislação rigorosa que poderia, a qualquer momento, decretar a ilegalidade da greve", disse um deles.

São Paulo só hoje regulariza tudo

São Paulo — Somente hoje a Varig e a VASP conseguirão regularizar seus vôos. Ontem, mesmo depois do término oficial da greve dos aeronautas, o movimento ficou 70% abaixo do normal. A Ponte-Aérea não funcionou durante a manhã e, até as 16 horas, só quatro vôos foram realizados para o Rio de Janeiro.

Das 18 partidas matutinas da Varig, só duas ocorreram e alguns funcionários de terra acreditavam que apenas metade dos outros 12 vôos previstos até a noite seriam confirmados. A VASP cancelou três dos cinco vôos previstos até as 12 horas. Outros cinco, segundo as previsões, também devem ser cancelados.

Segurança

A demora na reativação das operações devem-se à falta de tripulações aptas para assumir os vôos. Cerca de 500 pilotos e comissários estiveram reunidos até as 6h45min no Sindicato dos Aeronautas, votando as propostas passadas por telefone de Brasília. "Por isto," argumentou o Comandante Miguel Arnt, diretor do Sindicato, "recomendamos que só voltem a trabalhar aqueles que estiverem em perfeitas condições físicas, para não comprometer a segurança".

Somente quando se completar a distribuição dos aviões que ainda permaneciam em Congonhas para outros pontos do país e houver o rodízio de tripulações é que será regularizada a escala de trabalho.

O movimento de aviões no Aeroporto Internacional de Cumbica, em Guarulhos, na Região Metropolitana de São Paulo, só voltou ao normal às 20h, com a partida de três vôos internacionais da Varig: dois para Miami e um para Nova Iorque. Até este horário, a empresa cancelou 13 vôos que deveriam chegar ou sair do aeroporto. Em Viracopos, situado em Campinas, o movimento não chegou a ser afetado em profundidade em qualquer dos dias de greve e continuou, ontem, normal.

Durante todo o dia, os escritórios da Varig atenderam a passageiros que tentavam marcar suas passagens. A confusão foi grande, pois nem todos os pilotos e comissários da empresa que deveriam chegar ou partir de Cumbica haviam retornado ao trabalho e os vôos internacionais que fazem conexão no Rio continuavam suspensos.

Às 13h, a direção da empresa conseguiu embarcar seus primeiros passageiros no Aeroporto de Congonhas, pela Ponte Aérea, até o Aeroporto Santos Dumont. De lá, a empresa providenciou transporte para o Aeroporto Internacional.

À tarde, o saguão do Aeroporto de Congonhas apresentava um movimento normal, principalmente para o Rio e capitais do Nordeste. Animados com o fim da greve, mas "ainda desconfiados", segundo uma recepcionista da Varig, os passageiros acumulavam-se nos balcões. Muitos, entretanto, ouviam o anúncio do cancelamento de suas partidas e entravam reclamando nas listas de espera.

Simone Talinger, por exemplo, tentava embarcar para Belo Horizonte desde as 9h e somente conseguiu um lugar no vôo 392, das 14h, da VASP. Ari e Sueli Beneti, conformaram-se em ver seu vôo com destino a Campo Grande ser transferido das 11h45min para as 14 horas. Gary White, um norte-americano acompanhado de sua mulher, explicava no balcão da Varig que há três dias está tentando viajar de São Paulo para Porto Alegre para continuar suas férias e reclamou com uma palavra em português: "bagunça".

No Sul

Com o fim da greve dos aeronautas, três vôos da Varig e um da VASP saíram do Aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre. A tripulação dos aparelhos da Varig, informou o gerente de aeroporto da empresa, Fernando Farias, é baseada no Rio de Janeiro. O funcionário disse que hoje os vôos da empresa sairão normalmente da capital gaúcha.

O primeiro avião a decolar ontem, às 10h30min, rumo a Salvador, com escala em São Paulo, foi um Boeing-727, levando 90 passageiros. Às 15h45min, saiu um **Airbus** para Fortaleza, com escalas em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Natal, com 234 passageiros. Outro **Airbus**, vôo 935, decolou às 18h15min para São Paulo.

Estes três aviões faziam parte da frota de sete aparelhos trazidos pela Varig à capital gaúcha na madrugada de sexta-feira. Os outros quatro decolaram do Salgado Filho na noite da própria sexta. A empresa dispõe de mais um avião, um Boeing-727, no aeroporto gaúcho, que chegou no Rio de Janeiro na madrugada de ontem.

Também para ontem à noite estava previsto, mas não confirmado, um vôo, às 22h, para o Rio. A diretoria regional da empresa esclarecia que suas lojas e agentes estavam operando normalmente no Estado.

Jornalista tem alta com coração novo

Curitiba — Não fosse a máscara de proteção no rosto ninguém diria que Manoel Bitencourt Rebelo Neto, jornalista, 46 anos, pai de seis filhos, foi submetido há apenas 13 dias a um transplante de coração. Ontem, ao sair da UTI do Hospital Evangélico de Curitiba para uma clínica de repouso onde deverá ficar nos próximos dois meses, estava bem disposto, corado e falando muito. Ele se emocionou quando o filho mais novo, Dedé, de 2 anos, correu para seus braços.

De pé, com roupa comum, Manoel Rebello disse que a cirurgia realizada na segunda-feira, dia 22, apresentou menos problemas do que uma cirurgia de apêndice a que se submeteu há 12 anos. Revelou que se sente muito melhor do que antes da operação de transplante, quando sequer podia dormir tranqüilo. Ele sofria de cardiopatia isquêmica em fase final e tinha toda a arca coronariana comprometida. Recebeu o coração de um homem de 35 anos, que havia sofrido uma hemorragia cerebral.

Manoel, que durante 27 anos foi jornalista e radialista em São Paulo e depois em Cascavel, oeste do Paraná, onde mora atualmente, disse que dentro de 30 dias, se os médicos permitirem, voltará a trabalhar em rádio ou jornal.

— Pretendo estudar muito, durante esse período de repouso, a legislação que regula os transplantes de órgãos no Brasil. Quero contribuir para que a burocracia nessa área seja eliminada — afirmou Manoel. Ele lembrou que, para vencer os trâmites burocráticos para a doação do novo coração, os médicos paranaenses tiveram que lutar quase tanto como para fazer a cirurgia.

Segundo o médico Santon Rocha Loures, que chefiou a equipe responsável pelo sexto transplante realizado no Brasil, Manoel Rebelo se apresentou como um caso excepcional de recuperação após o período operatório. Não foi registrado nenhum sinal de rejeição do seu organismo e todas as funções estão em estado normal. Ele não sofreu também nenhum período de depressão após a cirurgia, comportamento comum na maioria dos pacientes. Nos primeiros três meses, ele terá chance de 80% de sobreviver, e de 50% nos próximos três anos. A alimentação é normal — com restrições a gorduras e alimentos fortes — e poderá andar quanto desejar, ao ar livre. Terá apenas que evitar contatos com pessoas em ambientes confinados, para diminuir riscos, de infecção.

O custo da cirurgia de Manoel Rebelo está estimado em Cr$ 200 milhões. Ele porém não pagou nada porque o principal medicamento — a Cyclosporina — foi doado pelo laboratório produtor, o Sandoz da Suíça. As despesas da cirurgia e do pós-operatório foram pagas por instituições médicas e empresariais do Paraná. Durante o período de dois meses em que ficará em Curitiba, Manoel será submetido diariamente a acompanhamento médico e a cada 15 dias deverá realizar exames para possível localização de pontos de rejeição.

Os médicos já encontraram o ponto ideal da dosagem da Cyclosporina para o organismo de Manoel e ele terá que tomar esse medicamente para o resto da vida. Ontem, ele disse que está rezando pelo gaúcho que há dois dias também recebeu um novo coração e disse que deseja que ele receba o mesmo tratamento em Porto Alegre que recebeu em Curitiba, no Hospital Evangélico, durante sua cirurgia.

Paciente no Sul já pode sentar

Porto Alegre — Depois de 48 horas de pós-operatório, o contabilista José Antônio Pires, de 40 anos, paciente do segundo transplante de coração do Estado, pôde deixar o leito e sentar numa poltrona. A informação consta de boletim médico divulgado pelo Instituto de Cardiologia, nesta capital, onde foi realizado o transplante.

Ainda de acordo com o boletim, as condições do paciente são estáveis do ponto de vista cardiovascular, pulmonar e renal e, ontem, ele iniciou os exercícios de fisioterapia. Como o quadro se encontra estável, o Instituto de Cardiologia, desde ontem, passou a divulgar apenas um boletim diário sobre o estado de José Antônio Pires.

Funcionário da Delegacia Regional da Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (Sudepe), José Antônio Pires sofria de uma cardiopatia isquêmica sem recuperação e deveria submeter-se a uma cirurgia de ponte de safena. Entretanto, seu estado levou os médicos a optarem pelo transplante, mas ele teve que esperar dois meses por um doador, que acabou sendo o menor Luis Felipe de Souza, de 15 anos.

Doença de Chagas ataca mais de 20 milhões de brasileiros

Salvador — O patologista e diretor da Fundação Gonçalo Muniz nesta capital, Zilton Andrade, ganhador esta semana do Prêmio Nacional de Ciência e Tecnologia, entregue em Brasília esta semana pelo Presidente José Sarney, revelou que mais de 20 milhões entre os 130 milhões de brasileiros têm doença de Chagas e esquistossomose.

Uma das maiores autoridades mundiais em pesquisas de combate às doenças tropicais, principalmente a doença de Chagas, Zilton Andrade afirmou que, na origem de todos esses males endêmicos está "a injusta estrutura social, que, através dos latifundiários, perpetua no campo a miséria, deixando milhões de pessoas sem acesso às condições mínimas de saneamento e saúde pública".

Para o diretor da Fundação Gonçalo Muniz, responsável pelas mais importantes descobertas científicas feitas no Brasil no campo da doença de Chagas, tanto a esquistossomose quanto a doença de Chagas são basicamente resultados do "atraso econômico na área rural, onde as populações não têm direito nem a uma casa caiada (que impede a propagação do **barbeiro** transmissor da Chagas) porque o seu proprietário tem medo de que isso venha a se configurar como uma benfeitoria na hora da indenização".

O patologista premiado faz questão de destacar, entretanto, que jamais deixou de reconhecer que as doenças endêmicas são perfeitamente evitáveis num país com as potencialidades que tem o Brasil. Com tais potencialidades, Zilton Andrade acha que a doença de Chagas e a esquistossome já deveriam estar controladas, mas, segundo ele, "por mais que a ciência pesquise, não conseguirá eliminar o vírus da injustiça social".

Nordeste tem 60% dos casos de raiva humana em todo País

Recife — Cerca de 60% dos casos de raiva humana registrados no Brasil se concentram no Nordeste, segundo denunciou ontem o secretário de Saúde da Prefeitura, Miguel Doerhty, acrescentando que, embora existam no Recife 100 mil 643 cães, a hidrofobia — manifestada no homem — praticamente desapareceu na cidade. Mas persiste em outros municípios da região metropolitana.

Segundo levantamento efetuado pela Prefeitura — utilizando números fornecidos pelo Ministério da Saúde — de 125 casos de raiva humana observados no Brasil, em 1982, 59 foram no Nordeste e 14 em Pernambuco. Em 1983, foram registradas 99 pessoas com a doença, sendo que 59 eram nordestinas de outros estados e 14 pernambucanas. Em 1984 não houve casos de raiva humana no Recife, mas as autoridades de saúde constataram sete em outras cidades do estado.

Como as vacinas para aplicação humana desapareceram desde o problema verificado no Rio Grande do Sul (uma partida de doses contaminadas) e o laboratório farmacêutico de Pernambuco deixou de fabricá-las, a Secretaria de Saúde resolveu apreender animais, para evitar que a doença se propague. E está instalando o Centro de Medicina de Saúde Pública e Veterinária no bairro popular de Peixinhos, assim como ampliando o número de postos de vacinação dos cães. Pretende imunizar 90% da população canina do Recife contra a raiva.

No Centro, segundo Doerhty, ficarão recolhidos cães em fase de observação e aqueles que forem considerados mais sadios serão doados à população, estimulando-a à criação orientada e a obedecer o calendário de vacinações. Segundo Doerhty, os cães doentes serão sacrificados em câmaras de gás, o mesmo acontecendo com os que passarem 48 horas no Centro e não houver interesse da população em adquiri-los.

Fortaleza — Foto de João Guimarães, de O Povo

Na Av. dos Expedicionários, crianças indicam o trajeto para os carros não afundarem

Chuva faz sumir calçamento de Fortaleza

Fortaleza — A capital cearense, quinta maior cidade brasileira em população, com 1 milhão 500 mil habitantes, foi literalmente destruída pelas chuvas deste inverno, o mais rigoroso dos últimos 30 anos. Todas as ruas e avenidas, sem exceção, perderam seu pavimento e as próprias autoridades municipais reconhecem que uma simples viagem de ônibus ou automóvel entre o centro comercial e o subúrbio é uma aventura.

A Prefeitura ainda não tem os números definitivos dos prejuízos que a chuva causou e vem causando à cidade, mas a Superintendência Municipal de Obras de Viação (Sumov) e a Secretaria Municipal de Transportes admitem que serão necessários Cr$ 20 bilhões para apenas recuperar, emergencialmente, 60 quilômetros intransitáveis dos principais corredores do sistema de transporte coletivo, cuja malha rodoviária tem 450 quilômetros.

Caos

De 1955 até agora, nunca choveu tanto sobre Fortaleza. Os números fornecidos pela Fundação Cearense de Meteorologia e Chuvas Artificiais (Funceme) chegam a assustar: nos últimos 30 anos, a média pluviométria anual registrada não passou de 595 milímetros; de janeiro a março deste ano — revela a Funceme, choveu na capital o equivalente a 1 mil 170 milímetros, registro que poderá alcançar a marca de 1 mil 400 milímetros depois de conhecidos os índices de abril da pluviometria, um mês de grandes chuvas também.

— Estamos enfrentando o caos e certamente seremos derrotados nessa batalha, se não contarmos imediatamente com a ajuda dos Ministérios do Interior e dos transportes, informa e lamenta o Secretário Municipal de Transportes, engenheiro Cyro Régis.

Para essa batalha, a Prefeitura elaborou um plano — já encaminhado aos Ministros Ronaldo Costa Couto e Afonso Camargo — que prevê a utilização de matéria-prima local e intensa mão-de-obra desqualificada. Além dos Cr$ 20 bilhões solicitados aos dois Ministérios há 20 dias, o plano das autoridades municipais de Fortaleza pretende, numa medida inédita mas há muito tempo reclamada, trocar simplesmente por paralelepípedos o asfalto e a pedra tosca que sempre pavimentaram a malha viária da cidade.

O paralelo pode e vai ser produzido pelas dezenas de pedreiras existentes nas cercanias de Fortaleza, e a mão-de-obra para a sua colocação é abundante e barata. Calcula a Sumov que há cerca de 2 mil calceteiros — operários que trabalham na colocação de calçamento de pedra tosca — nas ruas dos bairros da capital. Toda essa gente — a grande maioria está hoje desempregada — seria absorvida pelo plano de emergência de recuperação da malha rodoviária, que está totalmente destruída pela ação das chuvas.

O engenheiro Elizeu Becco, superintendente da Sumov, reconheceu que nenhuma das ruas e avenidas mantém, hoje, a sua pavimentação. "Pelo contrário, a grande maioria — a quase totalidade — transformou-se num buraco só e nos é quase impossível consertar o que está destruído, porque a chuva não pára de cair", explicou.

Críticos

Dos 450 quilômetros de extensão dos corredores principais de tráfego de Fortaleza, 60 "encontram-se em estado crítico, de intransitabilidade. É como se a cidade tivesse sido alvo de um bombardeio aéreo", comentou o Secretário de Transportes.

Na Avenida dos Expedicionários, nas proximidades do Aeroporto Pinto Martins, um trecho de aproximadamente 400 metros permanece inundado há quatro meses. É possível trafegar por lá, mas para isso o motorista do caminhão, ônibus ou automóvel de passeio terá de dar uma gorjeta de no mínimo Cr$ 500 a um grupo de 20 meninos, que caminham à frente do veículo, indicando, com gestos e requebros, o roteiro seguro. Quem se aventurar a atravessar o trecho sem essa ajuda dos meninos — moradores de uma favela ao lado — certamente cairá nos muitos e grandes buracos que a água cobriu. Mais de 50 veículos, cujos donos dispensaram o serviço dos guias-mirins, danificaram-se seriamente nos últimos 60 dias — informam os meninos.

A beleza de Fortaleza — a das praias, principalmente — continua a mesma. Para admirá-la, o sacrifício é grande, porque os caminhos que levam dos bairros ou do centro comercial à área litorânea estão completamente esburacados. A Avenida Perimetral, que circunda toda a cidade, numa extensão de mais de 40 quilômetros, "faz pena", na opinião do Secretário de Transportes da Prefeitura. Operários da Sumov trabalham constantemente, tentando consertar os buracos dessa avenida, mas algumas horas depois do serviço vem a chuva e os buracos se abrem outra vez.

Por tudo isso, repartições públicas, universidades, escolas, fábricas e lojas já não mais estão cobrando seus servidores, alunos e funcionários por atrasos na chegada. "Nós entendemos o que se passa na cidade, e seríamos desumanos se punissemos quem enfrenta esse caos para chegar ao trabalho", disse o presidente do Clube dos Diretores Lojistas (CDL), Herbert Aragão.

Mais problemas

O plano elaborado pela Prefeitura para a recuperação de Fortaleza pede apenas Cr$ 20 bilhões ao Governo federal, "porque estamos querendo, imediatamente, consertar os pontos críticos dos corredores principais de tráfego. Se quiséssemos, também, fazer esse trabalho paralelamente com o de drenagem, o Governo teria de nos repassar Cr$ 100 bilhões" — explica o Secretário Cyro Régis.

Para minimizar os custos desse programa de emergência — concentrando todos os esforços apenas na recuperação dos pontos críticos da malha rodoviária da cidade — o Prefeito Cesar Cals Neto resolveu pôr em prática uma idéia que há muitos anos tem sido defendida por arquitetos, engenheiros e urbanistas: trocar pelo paralelepípedo o pavimento de asfalto e pedra tosca que Fortaleza sempre teve.

Sem rede de esgotos (a que existe atende apenas 5% da população, exatamente uma faixa da elite do Bairro da Aldeota), Fortaleza é o que a imprensa chama de "uma cidade sobre fossas". Assim, quando as chuvas chegam — principalmente com a intensidade e intermitência das deste ano — o lençol freático facilmente se eleva, destruindo o pavimento e causando inundações. Há vários bairros que estão há três meses inteiramente alagados. No conjunto Ceará — com 10 mil casas e perto de 50 mil habitantes, no Sudoeste da Capital — os ônibus simplesmente não podem trafegar na área: todas as ruas e avenidas estão intransitáveis.

As vantagens do uso do paralelepípedo são inúmeras. A principal é a sua quase eterna durabilidade. A matéria-prima para a sua produção existe em abundância na Região Metropolitana de Fortaleza — há dezenas de pedreiras nos Municípios de Pacatuba, Maranguape e Caucaia, que, no entanto, nunca produziram esse material, mas somente pedra tosca — chamada também de "pedra poliédrica" — até hoje utilizada para a pavimentação pura e simples das ruas, ou como base para o pavimento asfáltico.

— Vamos usar agora, e definitivamente, o paralelepípedo como matéria principal e única do pavimento de nossa cidade. Garantiremos um pavimento duradouro, daremos emprego a milhares de pessoas e reduziremos os nossos custos, porque se trata de algo bem mais barato do que o asfalto, que é derivado de petróleo, justificou o Secretário de Transportes, Cyro Régis.

Se o Governo federal liberar logo os Cr$ 20 bilhões que a Prefeitura pediu para executar esse programa de emergência, "será muito possível que nos próximos 50 dias Fortaleza já tenha de novo em condições os seus principais corredores de tráfego". Por enquanto — porém — esses corredores estão intransitáveis.

EGÍDIO SERPA

Mar territorial volta a debate no Congresso

Brasília — A questão do mar territorial de 200 milhas está novamente em debate. O Congresso Nacional recebeu do Governo a mensagem 147, deste ano, para que se pronuncie sobre a Covenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, que, em 1982, fixou em 12 milhas marítimas o limite do mar territorial acatado pelos países signatários. A Convenção, que se realizou na Jamaica, é subscrita por 159 países, inclusive o Brasil.

Um parlamentar do PMDB que estuda o assunto antecipa que a Comissão de Relações Exteriores da Câmara dará voto contrário à redução do mar territorial de 200 para 12 milhas, ou seja, contra a Convenção da ONU. Entretanto, a questão ainda será submetida às comissões de Justiça e de Transportes, irá a plenário e, depois de apreciada pela Câmara, tramitará no Senado antes de uma palavra final do Legislativo.

Argumentos

A informação do parlamentar sobre a tendência de voto na Comissão de Relações Exteriores se baseia em consultas informais aos representantes dos demais partidos, inclusive o PDS, de oposição ao Governo. Ao todo, a Comissão tem 63 membros, que deverão se reunir para tratar do assunto já na próxima quarta-feira e pretendem ouvir vários especialistas no assunto antes de anunciar sua posição.

Sem o aval do Congresso, o Governo não poderá ratificar a convenção internacional. O parlamentar justifica que, desde a Colônia, o Brasil não tem um mar territorial tão grande quanto o atual, de 200 milhas, e que a diferença de 188 milhas entre este parâmetro e o limite de 12 milhas estabelecido na Conveção da ONU significa um quinto de todo o território nacional.

Ele explica: 188 milhas são, aproximadamente, 300 quilômetros que, multiplicados pelos 7 quilômetros da costa brasileira, são pouco mais de 2 milhões de quilômetros quadrados a mais no total de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados de todo o território terrestre nacional. Além disso, acrescentou o parlamentar, o mar territorial significa subsolo, solo e limite aéreo e, portanto, corresponde a uma importante área de segurança.

E mais: a costa brasileira e as 200 milhas marítimas são um ponto estratégico do Cone Sul e, por isso, por exemplo, os Estados Unidos instalaram em Natal, em 1940, uma base militar. É ali a parte mais estreita entre o continente americano e o europeu.

O parlamentar considerou "uma besteira" o argumento de que o Brasil não tem condições efetivas para exercer a fiscalização e o controle sobre as 200 milhas. Se a Comissão de Relações Exteriores e, depois, o próprio Congresso Nacional pensarem também assim, hegemonicamente, o texto da Convenção dos direitos do Mar não será ratificado.

Os argumentos do Governo ocupam 120 páginas de um documento sigiloso que o Itamarati elaborou e enviou ao Congresso, anexo à oficial. O parlamentar teve acesso ao texto integral, mas não quis falar sobre ele para não quebrar o compromisso de sigilo.

Marinha defende as 200 milhas

"A Marinha Brasileira não só é favorável a este detalhamento das 200 milhas, como acompanhou todas as reuniões da Convenção feitas ao longo dos últimos 10 anos para elaborar o novo Tratado de Direito do Mar", disse o Ministro da Marinha, Almirante Henrique Sabóia.

Segundo o Ministro, a Convenção não decidiu reduzir a área marítima brasileira. "Ela continua sendo de 200 milhas, sendo as 12 milhas iniciais de soberania nacional — de mar territorial — e o restante de zona econômica exclusiva, o que atende perfeitamente ao Brasil", informou.

Disse ele ainda que a determinação da Convenção visa, principalmente, liberar a navegação internacional da autorização do Governo brasileiro para transitar na zona econômica exclusiva. "A partir de agora, os países só necessitam de permissão para trafegar nas 12 milhas iniciais".

O novo sistema, segundo o Ministro, não facilitará, porém, a fiscalização e patrulhamento por parte da Marinha, que continuará com a incumbência de vigiar todas as 200 milhas com os poucos recursos de que ela dispõe. "Na crise econômica por que passa o Brasil não temos nem como pedir mais recursos para melhorar o serviço de patrulhamento. Se se criasse a Guarda Costeira, dando, ao mesmo tempo recursos para ela atuar, isto seria de grande valia. No entanto, o projeto de Guarda Costeira existente não previa o aumento de verbas e, logo que assumi o Ministério, mandei retirá-lo do Congresso. A sua aprovação, nestes termos, não ajudará e criaria mais problemas.

Segundo um alto oficial da Força, atualmente a patrulha das 200 milhas é feita pelos cinco distritos navais e com cerca de 25 navios e aviões da Força Aérea Brasileira. Cada distrito tem, em média, cinco embarcações, mas, dependendo dos indícios de pesca ilegal em um determinado ponto, deslocam-se para aquela área mais navios e aviões.

As fiscalizações, até 1982, eram feitas diariamente em cada distrito, mas hoje elas se restringiram a duas ou três viagens semanais e por sistema de amostragem. Enviam-se embarcações para determinado ponto e, em algumas vezes, a operação flagra irregularidades. As viagens de patrulhamento duram em média 15 dias e o gasto e combustível e muito grande.

Ato veio na marola do milagre

Brasília — Foi em plena época do **milagre brasileiro**, véspera da Copa do Mundo no México, inflação contida e AI-5 em vigor, que o Governo do Presidente Garrastazu Médici assinou o Decreto-Lei 1098, ampliando para 200 milhas a faixa do mar territorial do Brasil. A medida de março de 70, que apenas repetia as decisões já tomadas pela Argentina, o Chile, o Peru e o Equador, foi anunciada como uma vitória nacional sobre as grandes potências industriais como os Estados Unidos, União Soviética e França, e o Decreto presidencial mereceu até um samba de João Nogueira, **Das 200 para lá**, que liderou as paradas de sucesso, cantado por Eliana Pitman:

"Este mar é meu/leva seu barco pra lá deste mar".

O próprio General Médici, sobre um texto aprovado pelo seu taciturno Chefe do Gabinete Militar (e Secretário Geral do Conselho de Segurança Nacional) General-de-Brigada João Baptista de Figueiredo, justificou seu ato nos "consideranda":

"Que o interesse especial do Estado costeiro na manutenção da produtividade dos recursos vivos das zonas marítimas adjacentes a seu litoral é reconhecido pelo Direito Internacional;

"Que tal interesse só pode ser eficazmente protegido pelo exercício da soberania inerente ao conceito de mar territorial;

"Que cada estado tem competência para fixar seu mar territorial dentro de limites razoáveis, atendendo a fatores geográficos e biológicos, assim como as necessidades de sua população e sua segurança e defesa, decreta..."

Em uma contradição do destino, coube ao próprio General Figueiredo, já Presidente em fim de mandato, enviar ao Congresso Nacional, para ratificação, o texto da Convenção Internacional do Direito do Mar a que o Brasil aderiu em dezembro de 1983 e que vai obrigá-lo a rever a posição maximista de 1970, reduzindo a faixa de mar territorial a 12 milhas, com 188 seguintes sob o regime de zona de exploração econômica exclusiva.

Ao longo desses 15 anos, já com o Decreto-Lei regulamentado, o Governo brasileiro pode negociar acordos de pesca com Trinidad-Tobago, com Barbados, com a Guiana e até mesmo com os Estados Unidos, nesse caso, alcançando apenas um **desacordo de cavalheiros**, pois o documento final resultante de uma semana de reuniões entre o emissário norte-americano e o Ministro brasileiro Ronaldo Costa, no sub-solo do Itamarati, foram dois textos distintos, onde cada parte expunha suas posições de princípio e não fazia concessões de qualquer espécie à outra. Isso em termos, pois na contagem diplomática, o simples fato de os Estados Unidos chegarem à mesa das negociações já significava um reconhecimento implícito ao direito soberano brasileiro sobre a faixa das 200 milhas.

Por meio desse acordo, a Marinha brasileira passou a apreender sistematicamente os pesqueiros de bandeira norte-americana pilhados em atividades de pesca de camarões (nas costas do Amapá e Maranhão) sem a necessária autorização, pagando elevadas multas — em alguns casos até 20 mil dólares — e tendo sua carga confiscada e a embarcação apreendida até o resgate.

Nos últimos anos, porém, as embarcações piratas, de bandeira norte-americana, japonesa e coreana, aperfeiçoaram as suas técnicas e capacidade material para escapar à perseguição das corvetas e patrulhas costeiras e à vigilância dos **Bandeirulhas** (EMB-110-Patrulha) da FAB, usando de radares, sonares e motores potentes. Nesse caso, a frustração da Marinha somava-se à incapacidade prática de fiscalizar a faixa total das 200 milhas marítimas para as investidas dos submarinos nucleares soviéticos, britânicos, franceses e norte-americanos, num constrangedor jogo de avestruz: fingir-que-não-viu.

Pernambuco desenvolve medidor de laser

Recife — O Departamento de Física do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade Federal de Pernambuco vem testando dois protótipos de medidor de raios laser, equipamento indispensável — mas até hoje não fabricado no país — para a utilização desse recurso tecnológico já bastante disseminado na indústria e na medicina.

Os medidores de laser norte-americanos, como o Wavemater, da Burleigh, custam em torno de 10 mil dólares. Os protótipos pernambucanos são para medir emissões contínuas ou pulsadas de laser e um deles está praticamente concluído. Destina-se à espectroscopia em laboratórios, ou seja, ao estudo das propriedades das substâncias através do exame das cores emitidas ou absorvidas.

A espectroscopia permite, por exemplo, estudar os poluentes da atmosfera, acompanhar o preparo de materiais que exigem alto grau de pureza, estudar substâncias químicas ou biológicas (como em exames de sangue) e conhecer a exata composição de materiais utilizados na metalurgia e na indústria eletrônica.

Os protótipos resultam de um projeto implantado no ano passado com recursos de Cr$ 200 milhões, provenientes do Fundo de Incentivo à Pesquisa Técnico-Científica. O equipamento produzido mede o comprimento de onda do raio laser através de sua cor. Como não existe um só tipo de laser — há uma infinidade de cores — é necessário estudar as diversas freqüências de oscilação.

Um dos coordenadores da pesquisa, o professor José Rios Leite, explica que tanto o medidor de emissão contínua como o de emissão pulsada atuam em duas faixas, a de média e a de alta resolução. A faixa de média resolução obtém resultados comparáveis aos de um espectômetro com gradas de difração, equipamentos que há algumas décadas substituíram o prisma, com maior eficiência, para a decomposição da luz. Isso significa que esta medição é mais grosseira, porque detalha menos a freqüência das ondas de luz. A alta resolução consegue uma precisão que não pode obter-se com instrumentos convencionais.

Os dois protótipos funcionam à base da interferência ótica — interferência de ondas de luz que percorrem caminhos diferentes. "No caso do laser contínuo", explicou José Leite, "usamos o interferômetro de Michelson, instrumento que surgiu no século passado e que foi utilizado para evidenciar a teoria da relatividade de Einstein. Tal instrumento mede distâncias com alta precisão, de forma que o caminho que a luz percorre entre os espelhos do medidor é acusado com exatidão".

— Já existe o laser hene (hélio e neônio), que é um dos padrões usados internacionalmente — prossegue o professor. — A luz de um laser de comprimento de onda desconhecido é lançada dentro do medidor, juntamente com a luz do laser **hene**. A comparação das duas permite obter a freqüência do laser desconhecido.

— Usamos a ótica para fazer a interferência e a microcomputação para processar a contagem de máximos e mínimos do laser padrão e do valor desconhecido — complementa o professor, acrescentando que para medir o laser contínuo são necessárias duas estapas. Se o espelho móvel do interferômetro de Michelson percorrer pequena distância — até 1 centímetro — a resolução é média. Se o deslocamento for superior a 10 centímetros, a resolução começa a se tornar alta (mais detalhada).

Para o laser de emissão pulsada usa-se também a interferometria, com interferência de múltiplas reflexões em placas transparentes. A medida final é obtida por processamento eletrônico digital, utilizando-se arranjos de fotodiodos, que são produtos da microeletrônica semelhantes à memória dos computadores. Segundo o professor, os protótipos — além da aplicabilidade à indústria nacional — oferecem um subproduto importante: a ampliação da infra-estrutura de ótica e eletrônica do Departamento de Física, contribuindo para o surgimento da engenharia ótica.

A construção dos protótipos — também coordenada pelo professor Cid Bartolomeu de Araújo — envolve três técnicos, um engenheiro eletrônico, três estudantes de engenharia, dois professores com pós-graduação e dois pesquisadores.

São utilizadas 10 oficinas de apoio do Departamento de Física, como as de mecânica, eletrônica, criogenia, vidraçaria, evaporação e vácuo. Alguns dos componentes dos medidores são confeccionados na própria universidade, como os espelhos semitransparentes, os seus suportes mecânicos, os microprocessadores para controle do medidor e os espelhos retrorrefletores.

Outras peças extremamente sofisticadas são compradas no exterior, como as pastilhas de circuito integrado, do tamanho de uma unha, com 65 mil posições de memória, que são componentes usuais dos computadores.

O Departamento de Física é um dos cinco do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da UFPE. O nível de conservação e a qualidade dos equipamentos — há salas com máquinas avaliadas em 100 mil dólares — são exceções à regra nas universidades brasileiras, inclusive no restante da UFPE, onde o capim invade o campus e os prédios das Faculdades de Direito e de Medicina encontram-se em péssimo estado.

LETÍCIA LINS

Recife — Foto de Natanael Guedes

Professor José Rios Leite mostra um dos protótipos

Agrotóxico dá processo em Guaíba

Porto Alegre — A Secretaria de Saúde e do Meio-Ambiente autuou a Empresa Mercantil de Cereais Ltda, de Guaíba, por beneficiar arroz com maquinário e instalações contaminados com os agrotóxicos Aldrin e Dieldrin. A empresa já foi autuada por vender milho contaminado com Aldrin e por este motivo também está respondendo a processo movido pela Coordenadoria das Promotorias Criminais.

Uma equipe de técnicos da Divisão de Vigilância Ambiental da Secretaria esteve na empresa para uma vistoria de rotina, devido aos problemas anteriores, e constatou que a máquina de polir grãos e as instalações estavam com resíduos de agrotóxicos, havendo um estoque de 25 toneladas de arroz em casa e 1 mil 277 quilos de arroz beneficiado e já ensacado. Uma amostra do arroz foi levada para análises e o produto não poderá ser comercializado até a divulgação dos resultados.

Dentro de 15 dias, o Promotor Reginaldo Franco, da Coordenadoria das Promotorias Criminais, deverá encaminhar à Justiça o processo sobre o milho contaminado com Aldrin, cujas sementes foram comercializadas pela multinacional Pioneer e revendidas por outras empresas.

Homeopatia tem uso recomendado

Brasília — A Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior — ABEAS — apresentou proposta ao Ministério da Educação, para que seja feita uma pesquisa sobre a aplicação dos princípios da homeopatia no tratamento de pessoas e animais intoxicados com defensivos agrícolas.

Segundo o secretário-executivo da ABEAS, José Ferreira da Silva, o princípio homeopático — utilizar propriedades do próprio tóxico para fazer a medicação — pode ser aplicado nos casos das intoxicações agrícolas.

Freira agostiniana morre em briga dos caiapós em Lábrea

Porto Velho — Ao tentar apaziguar dois grupos de índios apurinãs que disputavam a partilha da produção de castanha, na semana passada, em Lábrea (AM), a 400 quilômetros daqui, a freira Agostiniana, conhecida por Cleusa, da Pastoral Indigenista daquela Diocese, foi morta sem qualquer resistência pelo cacique Raimundo. A 8ª Delegacia da Funai, em Porto Velho, e o regional do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) não souberam informar se ela morreu a tiros ou a flechadas.

Irmã Cleusa, de 52 anos, tentou separar os grupos liderados pelos chefes Agostinho Moreno dos Santos e Raimundo Apurinã — este último foi quem atingiu a religiosa. Anteriormente, índios liderados por Raimundo haviam matado a flechadas a mulher e um filho do cacique Agostinho.

O corpo da irmã Cleusa Carolina Rody Coelho. Foi encontrado no 3 no igapó do Rio Parcia, ela fora dada como desaparecida no dia 27, quando se dirigia ao ria Parcia, para tentar apaziguar um conflito iminente entre os índios apurinãs.

As informações repassadas por telefone, à Congregação das Agostinianas, em Manaus, ainda são evasivas, mas deixaram alguns dados novos tais como o de que o corpo de Irmã Cleusa já está em decomposição e provavelmente com uma das pernas desprendidas. A freira estava vestida, com parte do corpo n'água e outra parte na terra. A equipe da Prelazia, formada pelo frei Jesus Moraza e mais cinco homens da comunidade, foi quem efetivou a busca e localizou o corpo. A polícia, segundo informações, não se envolveu no caso sob a alegação de que isso era incumbência da Funai, e esta até ontem pela manhã não havia providenciado a remoção do corpo da religiosa.

O coordenador regional do Cimi Norte/1, Victor Kameyana, que passou todo o dia de ontem tentando alugar um taxi-aéreo, para enviar alguém a Lábrea, o que não conseguiu em face do preço cobrado (seis milhões e 300 mil cruzeiros). Ele mostrou-se muito preocupado com a morosidade da Funai em relação a este caso, que já resultou na morte de dois índios e da Irmã Cleusa.

Irmã Cleusa, uma terna defensora dos pobres

Manaus — "Uma mulher decidida quando se tratava de defender os empobrecidos, de jeito maternal e voz muito terna", assim o indigenista Ademir Ramos, membro do Conselho Indigenista Missionário Norte-1, define Irmã Cleusa Carolina Rody Coelho, e esta é a opinião da totalidade das pessoas que conheceram a religiosa agostiniana.

Irmã Paz, sua colega de congregação e de trabalho, dizia ontem, sem esconder as lágrimas, que "Cleusa não era apenas uma pessoa muito inteligente, tinha uma característica maior que a fazia sobressair dentre os demais: o seu espírito de pobreza. Tudo o que possuia era a roupa do corpo: nem relógio tinha; e em Lábrea, quando não estava com os índios, estava visitando os presos, os enfermos ou os hansenianos. Não parava um minuto para pensar nela, dedicava-se inteiramente aos desfavorecidos".

A Irmã Cleusa Carolina Rody Coelho nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, em 12 de novembro de 1933, tendo entrado para o noviciado, na Congregação Agostiniana, em 2 de outubro de 1952, fazendo em outubro de 53 os seus primeiros votos. De 1967 a 1969, depois de muita insistência das suas colegas de ordem religiosa, Irmã Cleusa aceitou ser superiora da Congregação, em Lábrea, onde atualmente era sub-coordenadora do Cimi.

Em Manaus, trabalhou como professora de religião nas escolas públicas. Em 1976, quando morava na Igreja dos Remédios, onde funcionava provisoriamente a sede da sua ordem, desenvolveu diversas atividades com menores de rua. Em 1956, co-fundou a escola mantida pela Congregação em Lábrea, e, anos antes, ajudou a criar um colégio em Vitória.

Irmã Paz exclui a possibilidade de a religiosa ter sido morta pelos apurinã. "Os índios não teriam feito nada com ela, isso eu posso afirmar, eles tinham grande carinho por ela e diziam sempre: Cleusa é nossa. Não foram os índios que a mataram". O corpo da Religiosa será enterrado no Município de Lábrea, na área da Congregação a que pertencia.

Deputado repele plano para extinção do Finor

Recife — O Líder da Frente Liberal na Assembléia Legislativa de Pernambuco, Deputado Fernando Bezerra Coelho, denunciou que "técnicos dos Ministérios do Planejamento e Fazenda que assessoram a comissão criada pela Presidência da República para reexame do sistema de incentivos fiscais" pretendem submeter aos Ministros Francisco Dornelles e João Sayad a transformação radical ou extinção do Fundo de Investimento do Nordeste — Finor.

O deputado, que articula um encontro das Assembléias Legislativas nordestinas em Recife para discutir o problema do Nordeste, afirmou que todos esperam e defendem mudanças nas prioridades de aplicação dos recursos do Fundo, como a destinação da maior parcela a empresas industriais e agrícolas que privilegiem a absorção de mão-de-obra e estabeleçam outras melhorias de ordem social, "mas daí a eliminá-lo vai uma distância muito grande".

Coelho disse que teve informações precisas em Brasília de que a Seplan e o Ministério da Fazenda pretendem suspender a concessão de incentivos às atuais empresas credenciadas junto à Sudene.

Segundo ele, se isso ocorrer, o Nordeste perderá o único instrumento financeiro de que dispõe para motivar novos investimentos geradores de emprego e de riquezas e haverá grave restrição das operações financeiras por parte do Banco do Nordeste do Brasil, que utiliza os recursos dos incentivos para operações de curto prazo.

Também colocou como problema o fato de cerca de 800 projetos em implantação correrem o risco de parar por causa desta medida.

Jader concorda só em parte com demarcação

Belém — O Governador Jader Barbalho, ao ser consultado pelo Ministro Ronaldo Costa Couto sobre a demarcação da reserva dos índios caiapó no município de São Félix do Xingu — que abrange o garimpo de Maria Bonita e, provavelmente, terras sob o domínio do Estado que o Instituto de Terras do Pará utilizaria no seu projeto de colonização, o Trairão — disse-lhe que "concorda com a demarcação, mas o Governo do Estado se reserva o direito de, depois, fazer uma revisão do decreto a ser editado". Essa atitude, segundo Jader Barbalho explicou, é para facilitar um acordo com os índios sobre o garimpo, mas quando a demarcação for processada o Governo paraense defenderá seus direitos patrimoniais em negociação com os próprios índios.

Ministro revela ameaça de morte a Bispo de Altamira

Belém — O Bispo de Altamira, Dom Erwin Krautler — o mesmo que foi espancado por policiais militares na época dos conflitos entre os canavieiros e a usina Abrahan Lincoln, em 1983 — está ameaçado de morte, por pistoleiros que atuam na região. A denúncia foi feita pelo Ministro de Reforma e Desenvolvimento Agrários, Nélson Ribeiro, numa entrevista à Rádio Cultura do Pará. Ribeiro disse que a causa das ameaças é a atuação firme do bispo em defesa dos colonos. Duas freiras também estão ameaçadas.

O padre Ângelo Pansa, que passou vários dias escondido em Altamira, nas localidades de Cajueiro e Entre-Rios, vai a Brasília hoje para encontrar-se com Nélson Ribeiro e os Ministros Aureliano Chaves, das Minas e Energia, e Ronaldo Costa Couto, do Interior, para denunciar, pessoalmente, a situação de desespero dos colonos e índios da região. Eles são ameaçados pela firma de mineração Brasinor, que mantém um pequeno exército particular, para intimidar a população e religiosos. O padre Pansa, em sucessivas cartas, já fez as mesmas denúncias às autoridades, mas até agora não obteve resposta.

No Recife, o padre Angelo Pansa se encontrará com repórteres da França e da Itália, segundo revelou, para levar suas preocupações ao âmbito internacional. Ele disse que há, inclusive, uma tribo, a dos índios curuaia chipai, que está praticamente em extinção e nem a Fundação Nacional do Índio tem informações, como as que leva a Brasília, sobre a localização e o sistema social desses índios.

CNBB sugere a dioceses abertura para as pastorais

Recife — A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — está sugerindo a todas as dioceses brasileiras que adotem o "planejamento pastoral participativo" para superar "as tensões e mal-entendidos" que têm surgido entre os diversos grupos católicos a partir do engajamento da Igreja na "profética opção preferencial pelos pobres".

A sugestão está em um documento elaborado durante a 26ª Assembléia Geral da CNBB realizada em Itaici e publicado este final de semana pelo boletim da Arquidiocese de Olinda e Recife, destacando que as tensões entre grupos da Igreja existem "desde o tempo dos Atos dos Apóstolos" e explicando que os católicos podem chegar a um consenso sem que isto implique em todos adotarem a mesma opinião: "trilhar o caminho da unidade não é mesmo que uniformidade".

A CNBB destaca, como aspectos pastorais "que mais vem contribuindo para impulsionar a evangelização libertadora" e que devem ser "aprimorados e conservados": as comunidades eclesiais de base, a opção preferencial pelos pobres, o planejamento pastoral participativo, a crescente consciência eclesial dos leigos e a valorização da mulher, o engajamento pastoral dos religiosos e religiosas, a educação libertadora, maior liberdade pastoral face ao poder econômico e político e a defesa e promoção dos direitos fundamentais da pessoa humana.

Sobre as falhas e tensões que se encontram nesse caminho, aponta três tipos de divergências nascidas entre os diversos grupos que compõem a Igreja: "as nascidas da complexidade da realidade sócio-econômico-político-cultural e eclesial, vista e analisada de ângulos diferentes e a partir de situações, lugares e posturas sociais diversas "as divergências e conflitos" que podem ameaçar a unidade fundamental da fé e a união do amor que Jesus colocou como sinal distintivo da Igreja e que levam ao surgimento de grupos extremados, de tendências opostas, que se fecham entre si, criticando e condenando os demais "e "as divergências oriundas de interpretações teológicas diferentes: umas válidas, outras que suscitam dúvidas ou até parecem esvaziar aspectos essenciais da fé".

"Ao pensarmos nestas falhas e tensões dentro da igreja" — diz a CNBB — "temos que reconhecer seu aspecto humano e organizacional, porque ela está inserida na sociedade e sujeita a todos os condicionamentos dos grupos humanos. Não podemos, porém, esquecer que essa mesma Igreja é ministério e sacramento da presença de Jesus no mundo de hoje".

E adverte: "Ninguém deve se considerar detentor e único intérprete da verdade. Deve-se evitar interferências imprudentes, ataques pessoais, condenações públicas e de orientações e práticas de pastoral dentro de uma mesma igreja e entre igrejas locais".

Como orientação, além do planejamento pastoral participativo, a CNBB propõe que os católicos prossigam "na reflexão teológica que valorize a vida das comunidades cristãs, a ação pastoral da Igreja, o compromisso pela libertação do oprimido, numa espiritualidade de experiência do Deus vivo".

Recomenda, porém, "evitar, na reflexão teológica e na ação pastoral, unilateralismo e reducionismos que neguem ou excluam aspectos essenciais do mistério cristão e buscar uma síntese integradora dos diversos aspectos necessários à libertação integral como nem só pecado individual, sem só pecada social, nem só dimensão vertical, nem só dimensão horizontal, nem só ortodoxia, nem só ortopraxis, nem só dimensão espiritual, nem só dimensão sócio-política, nem só conversão do coração, nem só transformação das estruturas".

Funcionalismo federal chega a 5% da força de trabalho

Brasília — Cinco por cento (2 milhões) dos componentes da força de trabalho do País (40 milhões) estão de alguma forma vinculados ao serviço público federal, que paga Cr$ 4 trilhões, mensalmente, em salários e benefícios suplementares, popularmente denominados de mordomias.

Oitocentos e vinte bilhões de cruzeiros representam a despesa mensal do Governo Federal, somente com os salários do contingente de 780 mil servidores (incluídos os aposentados) da administração direta (ministérios e autarquias). As despesas triplicam, chegando a Cr$ 2 trilhões 500 bilhões se considerados os funcionários da administração indireta, estimados em 1 milhão 200 mil.

Os números, porém, são imprecisos, o que, segundo o Ministro da Administração, Aluízio Alves, configura o "verdadeiro tumulto" em que está envolvido o serviço público da União e seus mais de 2 milhões de funcionários, ou seja, quase 2 por cento da população do País.

Desse total, 780 mil (180 mil dos quais estão aposentados) são controlados pela Secretaria de Pessoal Civil do Ministério da Administração Pública (MAP), e estão divididos em estatutários - 225 mil, regidos pelo Estatuto do Funcionalismo Civil Federal — e celetistas — 275 mil, contratados pelo regime estabelecido na Consolidação das Leis do Trabalho.

Os 100 mil restantes são aqueles contratados de forma excepcional, através das tabelas especiais, também conhecidas como emergências, genuínos **trens-da-alegria** do Serviço Público. Criadas apenas para atender ao preenchimento de cargos em programas especiais de trabalho, com tempo de duração determinado, cedo, porém, tornaram-se artifício para a contratação exagerada de pessoal, em detrimento do processo normal de ingresso no serviço público, os concursos.

— O problema tem que ser corrigido de alguma forma, mas não adianta anunciarmos nenhuma medida drástica, como a demissão de todos os servidores contratados pelas tabelas, explicou o Secretário-Geral do Ministério da Administração, Miro Teixeira.

Ainda mais porque, no mar de problemas que inunda o Serviço Público Federal, trata-se de uma questão menor, segundo Miro. Nas empresas estatais, as distorções se configuram com maior gravidade. Nelas, os abusos são mais constantes, no que diz respeito, em especial, ao acúmulo de cargos e vencimentos, além dos benefícios suplementares.

— Há casos em que um diretor de uma estatal conseguiu acumular 10 cargos e as remunerações correspondentes. Infelizmente, não podemos impedir que eles continuem recebendo essas vantagens, pois é direito adquirido, revelou um assessor direto do Ministro Aluízio Alves.

O controle das despesas e outras questões relacionadas com as quase 500 estatais foge ao domínio do MAP. Quem administra as empresas do Governo, nesse particular, é a Secretaria de Controle das Estatais), vinculada à Seplan, que quase também não possui informações sobre assuntos internos. Segundo o Secretário-Geral adjunto da Seplan, Edson Nunes, cada empresa é responsável por seus funcionários e despesas.

Para modificar essa situação, a Comissão das Mordomias tem concentrado esforços no sentido de subordinar as estatais ao Ministério da Administração, pelo menos em relação aos imóveis funcionais e despesas de ocupação e manutenção.

Outro problema de grandes proporções no serviço público — talvez o de "mais difícil equacionamento", de acordo com Aluízio Alves — é o reposicionamento salarial e das promoções assinadas pelo Presidente João Figueiredo, através da Exposição de Motivos nº 77, de 22 de fevereiro de 1985, publicada no **Diário Oficial** de 13 de março, dois dias antes dele deixar o Governo.

Segundo Aluízio Alves, é fácil resolver essa questão, do ponto de vista jurídico: "Elas não têm valor legal, pois não foram concedidas nem por lei, decreto-lei ou mesmo decreto, mas por uma exposição de motivos", explica o Ministro. Mas admite que é "impraticável" revogá-las e pedir a devolução do que já foi dado.

Para o Ministro, essas promoções representaram "uma coisa desastrosa" para o Governo, sobretudo porque, sem critérios específicos, não alcançaram todos os servidores e fizeram com que funcionários antigos, de até 27 anos de casa, passassem a ganhar até 60% a menos do que muitos recém-contratados, que foram beneficiados.

Apesar do "tumulto", Aluízio Alves, se mantém otimista. Ele não pensa em reduzir o quadro do funcionalismo, nem estuda medidas de caráter retroativo. No momento, o Ministro se encontra mais preocupado com a Reforma Administrativa que reformulará o Plano de Classificação de Cargos, criará novo Estatuto do Funcionalismo e concluirá o Cadastro Nacional do Servidor.

Será, segundo ele, um ano de trabalho ininterrupto, mas que possibilitará "melhor funcionamento da máquina administrativa, já no próximo ano".

AUGUSTO GUERRA

Juiz gaúcho quer voz na Constituinte

Porto Alegre — Participar da Constituinte, alterar a forma de composição do Supremo Tribunal Federal e dos tribunais estaduais, revogar imediatamente a Lei Orgânica da Magistratura, fixar em pelo menos 5% a dotação do Poder Judiciário no orçamento dos Estados e reformar a legislação processual, reduzindo os prazos legais e a possibilidade de recursos — são as bandeiras de mudanças empunhadas pela Associação dos Juízes do Rio Grande do Sul (Ajuris).

Os juízes gaúchos pretendem que o Poder Judiciário tenha voz e voto na futura Assembléia Nacional Constituinte, mas as outras mudanças "já tardam e independem da nova Constituição", como diz o presidente da Ajuris, Juiz de Alçada Sérgio Pilla da Silva, 48 anos, 20 de carreira. Ele entende que só com elas o Poder Judiciário se desvencilhará do atrelamento histórico a que está submetido, causa principal do seu emperramento.

Formalismo

Embora não seja o ponto mais importante em termos de estrutura, mas sim no âmbito funcional, a legislação processual é vista por Pilla como razão primeira da pouca agilidade da Justiça. "A lentidão decorre do formalismo da lei, com seus prazos dilatados e ampla possibilidade de recursos. Tem-se que alterar os textos legais, garantindo a defesa das partes, mas, ao mesmo tempo, criando mecanismos que desestimulem o acesso ao recurso de ações não dignas, que são recorridas por mero capricho."

O magistrado afirma que a lentidão do Judiciário não deve ser creditada ao Poder em si, mas basicamente aos dispositivos legais — prazos e recursos. "Isso estufa de processos os tribunais, agigantando-os. Defendemos a edição de uma lei federal que proporcione aos Estados a confecção de suas leis processuais, de acordo com a realidade de cada um", disse.

Ao enfatizar que não se deve pretender "uma nova Justiça em função de uma nova República, mas uma Justiça adequada aos novos tempos", Pilla lembra que "na medida em que faltam recursos, falta tudo o mais".

— É um processo em cadeia e o Poder Judiciário dos Estados não pode mais continuar recebendo dotações ínfimas dos orçamentos. Os presidentes dos tribunais e os magistrados entendem que a dotação deve ser de, no mínimo, 5% e desejam ver isso estabelecido na Constituição, para que a Justiça possa administrar suas necessidades. Hoje são poucos os tribunais estaduais que recebem, por incrível que pareça, 2% do orçamento do Estado.

Composição

A Constituinte, defende o presidente da Ajuris, terá que alterar a forma de composição do Supremo Tribunal Federal, cujos ministros são nomeados pelo Presidente da República. "Não se justifica que a mais alta corte do país tenha apenas uma parte mínima de representantes do Poder Judiciário. Achamos que, por um dispositivo constitucional, se deve mudar essa situação, compondo o STF com pessoas escolhidas em listas feitas pelos tribunais federais e estaduais, as quais continuariam, ainda, sendo nomeadas pelo Presidente da República."

Porto Alegre — Foto de Jurandir Silveira

Sérgio Pilla defende reformas já para um Judiciário independente

Esta nova disposição, acentua Pilla, eliminaria a possibilidade de o chefe do Executivo nacional nomear ministros com vínculos políticos ou políticos que não tenham mais chance de se eleger e que, por isso, são acomodados no STF. "A composição do Supremo, que deve ser formado por técnicos da mais alta competência, familiarizados com o dia-a-dia da Justiça, é das questões mais relevantes na nova Constituição", afirma.

O juiz gaúcho defende também a exclusão do chamado "quinto constitucional", que desde a Constituição de 1937 estabelece a presença de advogados e promotores na proporção de um quinto dos magistrados nos tribunais estaduais. "Esta é uma questão polêmica, que irá ferir suscetibilidades, mas é ponto de honra para a magistratura nacional. Não há justificativa que sustente a permanência do quinto constitucional, que, se teve razão de ser, foi em 37, numa Constituição corporativista". Os tribunais passariam, então, a ser compostos somente por juízes de carreira.

Entre todas as inovações reclamadas pelos magistrados para ter um Judiciário forte e independente, a revogação da Lei Orgânica da Magistratura, decretada pelos Governos militares, é talvez a de batalha mais antiga. Para o presidente da Ajuris, entidade que congrega 688 juízes gaúchos, essa lei fere a autonomia dos Estados, que poderiam se autodisciplinar, como ocorria antigamente, por estatutos próprios, atendendo peculiaridades locais.

— A Lei Orgânica é nociva, mas foi ponto de honra para os Governos revolucionários que tinham a intenção de, com ela, extinguir os tribunais de alçada, o que acabou não acontecendo. Ela deve ser revogada imediatamente, devolvendo aos Estados o controle da disciplina dos juízes — disse Pilla.

Embora não saiba ainda como será possível aos magistrados — atualmente inelegíveis para qualquer instância do Legislativo — participar da Constituinte, Pilla garante que eles lutarão por isso: "Pretendemos lutar por esse espaço, pois também somos um segmento da sociedade. A forma ainda é nebulosa, uma vez que nem as regras da própria Constituinte foram definidas. Contudo, queremos estar presentes ativamente."

Carência

Como a maioria dos Estados brasileiros, o Rio Grande do Sul tem carência de juízes. São 330 magistrados na ativa que, sobrecarregados, atendem entre 1 mil 500 a 2 mil processos por ano, enquanto o ideal seria julgar apenas 500 causas anuais. "Temos dois terços a menos de juízes do que precisaríamos", diz Pilla.

Segundo ele, a carência se dá, em grande parte, pela falta de atrativos da carreira. "A sucessão de deficiências do sistema afasta os candidatos aptos, que se colocam em outras funções. Estamos certos de que a correção dos defeitos estruturais e uma melhor remuneração inverteriam esta realidade", concluiu o presidente da Ajuris.

CARLOS ALBERTO DE SOUZA

Brasil tem aumento na taxa de doença venérea

Brasília — Aproximadamente 2 milhões 600 mil novos casos de doenças sexualmente transmissíveis surgem por ano no Brasil, segundo estimativa da DNDS (Divisão Nacional de Dermatologia Sanitária) do Ministério da Saúde. Esse cálculo faz parte de um documento elaborado por técnicos do Ministério e servirá como instrumento inicial para a realização de um programa de controle dessas doenças.

— Já conseguimos sensibilizar até o Ministro — garante o diretor da Divisão de Dermatologia, Agnaldo Gonçalves. — Pela primeira vez — afirma — o Ministério está colocando as doenças venéreas na sua lista de prioridades. E pela primeira vez, também, um documento contendo tais informações é elaborado a nível oficial.

Situação complexa

Tentar conhecer a situação real das doenças sexualmente transmissíveis no Brasil não é nada fácil. Somente o Rio Grande do Sul tem um serviço de normatização e supervisionamento dos casos. No ano passado, foi identificado naquele Estado um total de 53 mil 812 casos de doenças venéreas atendidos em 800 unidades sanitárias. Destes, 5 mil 249 eram casos de sífilis, 17 mil 127, de gonorréia e 20 mil 808, de uretrites não gonocócicas.

Para Agnaldo Gonçalves, autor do documento oficial, a maior dificuldade é que até agora o Ministério da Saúde não se preocupou em colocar o problema das doenças venéreas na lista de suas prioridades. Com isso, não havia condições de elaborar um programa mais eficiente. Ele garante, no entanto, que seu trabalho pode ser considerado o primeiro passo para um programa de controle efetivo das doenças venéreas no país.

A própria estimativa anual de casos no Brasil tem sua comprovação dificultada. Para confirmar seus números, a Divisão Nacional de Dermatologia Sanitária recorre aos laboratórios farmacêuticos para saber quanto foi vendido por ano em medicamentos contra doenças venéreas.

— Os números deles **batem** com os nossos — afirma Gonçalves. Isto prova que nossa estimativa é bem aproximada da realidade.

A preocupação com as doenças sexuais transmissíveis cresceu nos últimos meses com a comprovação de que cada vez grupos mais jovens — incluindo recém-nascidos — são atingidos pela doença.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, do conjunto de nascidos vivos em todo o mundo, 1,5% apresenta uma infecção congênita por um tipo de vírus denominado citomegalovírus, e 3%, uma infecção perinatal (uretrite [illegible] específica). Esta percentagem corresponde, no total de doenças congênitas, a 15% dos casos de deficiência mental, 50% das conjuntivites e 20% das pneumonias em recém-nascidos, causadas por doenças venéreas transmitidas pelos pais.

Controle é possível

O documento do Ministério da Saúde considera impossível a erradicação das doenças venéreas, embora saliente que seu controle é possível. Afirma ainda que, se na década de 50 os casos de sífilis e gonorréia eram considerados raros — devido ao surgimento dos antibióticos — nos últimos anos essas endemias aumentaram de forma assustadora. Os motivos seriam as mudanças sociais — maior deslocamento de pessoas — culturais — liberalização da sexualidade e valorização do corpo — e tecnologia médica — em especial o uso dos anticoncepcionais. O documento afirma que o aumento do número de casos surpreendeu os órgãos sanitários no Brasil,"despreparados para controlar doenças venéreas".

A primeira medida que o documento do Ministério considera fundamental para prevenir o aumento nos casos é a educação sanitária: "a única saída para este problema e ensinar às crianças. Elas são o melhor meio de modificar os comportamentos", afirma Agnaldo Gonçalves. Ele julga possível, embora reconheça que seria preciso mudar até mesmo a mentalidade dos pais brasileiros, introduzir um programa de educação sanitária na educação escolar.

— Mas é preciso que tenhamos uma proposta bem realista daquilo que se pretende fazer para prevenir e controlar as doenças venéreas para podermos atingir o maior número possível de pessoas.

A princípio, o Ministério da Educação se mostra favorável à idéia de um programa de educação sanitária, diz a Coordenadora do Ensino de 1º e 2º Graus, Marilene Pedroso Leite. Mas ela ressalta:

— Somos favoráveis à discussão da idéia, e não a um projeto já pronto. No Ministério podemos traçar a estratégia, mas cada Secretaria Estadual de Educação é que pode decidir sobre montar ou não um programa desta natureza. É preciso observar a realidade local e cada Secretaria é que decide sobre a implantação.

No documento, o diretor da DNDS alerta ainda para a grande freqüência de casos de doenças sexualmente transmissíveis que são tratadas nas farmácias: a freqüência de autotratamento no Brasil atinge 80% dos doentes.

MARIA TERESA CUNHA

Belo Horizonte — Foto de Waldemar Sabino

O mais antigo e maior hospital da cidade já reduziu leitos e dispensou empregados

Santa Casa de Belo Horizonte faz campanha para se salvar

Belo Horizonte — Setecentos e trinta leitos a menos e a dispensa de 500 funcionários — com prejuízos principalmente ao atendimento de indigentes, sua principal finalidade — refletem a pior crise já enfrentada pela Santa Casa de Misericórdia. Para tentar solucionar os problemas e evitar o fechamento, o estabelecimento, o mais antigo complexo hospitalar da capital, está lançando a campanha Bônus da Vida. Com isso, espera obter uma receita líquida mensal de Cr$ 300 milhões, até setembro.

A idéia surgiu de uma campanha semelhante, feita no final de 1984, pela Santa Casa de Porto Alegre, com bons resultados. A mesma empresa gaúcha, a Promotor Geral de Empreendimentos Ltda, foi contratada para vender o bônus aos mineiros, com apoio de quatro bancos: Bemge (Banco do Estado de Minas Gerais), Banco de Crédito Real, Caixa Econômica Estadual e Banco Mercantil do Brasil.

Crise

O diretor-presidente da Promotor, David Berlim, disse que na primeira fase da campanha, iniciada segunda-feira passada, serão colocados à venda 300 mil bônus, ao preço de Cr$ 7 mil nos quatro primeiros meses e de Cr$ 9 mil nos quatro últimos. Além do apelo filantrópico, quem adquirir o bônus concorre a prêmios, como automóveis Fiat e Santana; passagens aéreas para o Rio, Salvador, Fortaleza e Manaus; geladeiras, fogões, televisores coloridos e video-games.

O estabelecimento é um complexo de três hospitais — A Santa Casa, o Hospital São Lucas e o Hospital Imaculada Conceição — além do asilo de velhos Afonso Pena. Sua administração já foi obrigada, pela crise, a desativar o Hospital Imaculada Conceição, especializado no tratamento da tuberculose.

Apesar das demissões e das desativações de leitos, que esvaziaram dois andares inteiros do prédio principal, as dificuldades financeiras continuaram aumentando. Segundo o ex-provedor da Santa Casa, Edgard Quinet de Andrade, que deixou o cargo no dia 30 de abril, sendo substituído pelo Desembargador Hélio Costa, toda a receita está comprometida com manutenção e pagamento de pessoal e, ainda assim, há déficit nessa área. Ele não quis revelar a receita total nem as despesas, afirmando apenas que a folha de pagamento é de Cr$ 670 milhões por mês.

— Com esta situação, não podemos manter a tradição de um dos hospitais melhor equipados do país, com tratamentos especializados e atendimentos em toda as especialidades, menos as doenças infecto-contagiosas. O pior é que o atendimento a carentes e não pagantes é o nosso maior objetivo e a Santa Casa é o único hospital filantrópico de Belo Horizonte, afirmou Edgard Quinet.

Equilíbrio financeiro

Para conseguir o equilíbrio financeiro e obter recursos que permitam a conservação e atualização dos equipamentos necessários a um atendimento médico de boa qualidade, é que surgiu a idéia do Bônus da Vida, cujo **slogan** é "A vida é o prêmio maior. A Santa Casa precisa viver".

— É uma campanha de obtenção de recursos, que procura dar retorno à pessoa que colabora, com a distribuição de prêmios, por sorteios, através da Loteria Federal. Segue a experiência de Porto Alegre, com modificações e adequações à realidade da Santa Casa de Belo Horizonte — explicou David Berlim. A campanha tem o custo total, nos oito meses da primeira etapa, avaliada em Cr$ 1 bilhão.

Os carnês podem ser adquiridos nas 700 agências bancárias dos quatro bancos que apóiam a iniciativa, espalhadas por todo o Estado, além de cerca de 500 vendedores autônomos credenciados. A participação da rede bancária, formada por três bancos do Governo e um particular — o Mercantil do Brasil tem como presidente, Osvaldo Araújo, integrante da mesa administrativa da Santa Casa — se estende também ao recebimento das mensalidades.

— É uma maneira atraente de obter contribuições, dando retorno aos colaboradores — acredita David Berlim, cuja empresa atua exclusivamente na venda desses tipos de carnês.

Os anúncios para televisão foram gerados gratuitamente pelos atores Lima Duarte e Paulo César Pereio. Criado pelo MPM, o anúncio veiculado em jornais é ilustrado por uma vela quase apagando, sob o título: "A Santa Casa não pode morrer. A Santa Casa precisa viver." O texto termina com um apelo: "Não deixe apagar esta chama. Você pode ajudar. Participando do Bônus da Vida, Você está contribuindo para manter viva a Santa Casa e ainda concorre a valiosos prêmios, que serão sorteados toda semana. Mas o prêmio maior é a vida."

Para o novo provedor da Santa Casa, Desembargador Hélio Costa, ex-Presidente do Tribunal de Justiça de Minas, a expectativa de sucesso da campanha é a melhor possível, especialmente pelo bom conceito do hospital na comunidade.

Além da boa imagem e da simpatia, contamos com a competência e experiência da empresa responsável pela campanha, o que nos faz acreditar que conseguiremos minorar nossos problemas financeiros — acrescentou Hélio Costa.

Ele afirmou que fará estudos visando à criação de outros projetos que possam contribuir para o equilíbrio da situação financeira da entidade, mas não revelou qualquer idéia, alegando que primeiro é preciso "tomar pé" de toda a situação. Nos seus anos de maior atividade, a Santa Casa teve como provedor o falecido político mineiro José Maria de Alkmin.

Mercado recebe medicamento natural em 86

Brasília — Os remédios disponíveis no mercado para diabéticos, hipertensos ou doentes com úlcera péptica, adquiridos por altos preços, poderão ser substituídos por simples extratos de unha de vaca, embaúba ou couve, no ano que vem, quando estiverem aprovados os 26 projetos financiados pela Central de Medicamentos (Ceme), através do programa de pesquisa em plantas medicinais.

"Os resultados dos projetos serão devolvidos à população, industrializados e a preços acessíveis", de acordo com o chefe da Divisão Médica Farmacêutica da Ceme, Acir Prado. A Ceme dá prioridade à pesquisa de plantas medicinais que, transformadas em remédios, curam as doenças que ocorrem com mais freqüência, sem causar efeitos colaterais.

Uma política

Prado informou que a Ceme financia projetos na área de plantas medicinais desde 1973, mas só em 1981 deu uma direção política ao seu programa, que começou a trabalhar com essa orientação em 1982. "Não havia uma política direcionando as pesquisas. Cada pesquisador solicitava um financiamento e estudava a seu bel prazer", revelou ele, ilustrando o que ocorria:

"Os pesquisadores resolveram desenvolver a aplicação do Metileugenol (anestésico local utilizado por dentistas), tirado da noz-moscada, como um anestésico ingerido por via oral, quando, no mercado, eram amplamente conhecidos e aplicados remédios como a aspirina, com o mesmo efeito", contou ele.

Acrescentou que os remédios desenvolvidos pela Ceme procuram preencher as lacunas existentes nos grupos terapêuticos cobertos pelo mercado, informando que a "flora brasileira é muita rica. Dos 120 mil espécimes vegetais existentes no País, 30 mil são medicinais". Mas a Ceme, atualmente detém-se em somente 26 plantas medicinais.

As plantas

A couve como antiulceroso péptico está sendo estudada pela Escola Paulista de Medicina, que, depois de inúmeros testes com cobaias, este ano, dirá em 1986 como administrar o novo remédio em seres humanos. "Em 1986 anunciaremos as novidades", afirmou Prado.

A Chefe da Divisão de Pesquisas da Ceme, Cyrene dos Santos Alves, enumerou outros projetos em estudo.

— O confrei e a aroeira estão em estudo para ação terapêutica como cicatrizantes e ou anti-sépticos locais. O urucu, cambará e guaco, como expectorantes ou broncodilatadores. O matruco e a lombrigueira, como antiparasitários.

Goiabeira e marupari, como antidiarréicos; embaúba e sete-sangrias, como hipotensores; abacateiro e quebra-pedra como diuréticos; maracujá, capim-santo e funcho, como sedativos; pedra-ume e unha-de-vaca, como antidiabéticos, e mentrasto e elixir paregórico, como anal[illegible] — disse ela.

PRESENTES QUE A MAMÃE QUER A PREÇOS QUE O FILHO GOSTA.

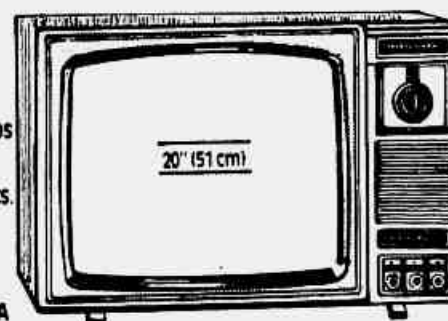
Mãe, você é a rainha da Casa Feliz.

CASA FELIZ É NO BONZÃO.

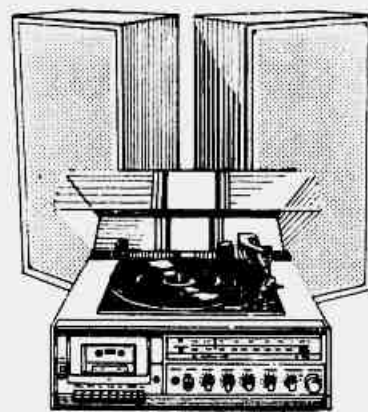
O PREÇO É O MELHOR DA CIDADE.

National
TV TC 212 (51 cm) 20" CORES.*
Sintonia automática.
110/220 volts.
1.395.000 À VISTA
OU EM ATÉ 24 MESES SEM ENTRADA

SHARP
TV C-1404-A 14" (36 cm) LINHA VERTICAL.*
Seletor eletrônico de canais.
Som frontal. Tecla VCR.
110/220 v. Com antena.
1.360.000 À VISTA
OU EM ATÉ 24 MESES SEM ENTRADA

TELEFUNKEN
TV 501-T 20" (51 cm).
Preto/branco. Controles rotativos para brilho, contraste e volume.
Estabilizador de som e imagem.
Seletor de voltagem 110/220 volts.
660.000 À VISTA
OU EM ATÉ 24 MESES SEM ENTRADA

INSTALAÇÃO GRÁTIS

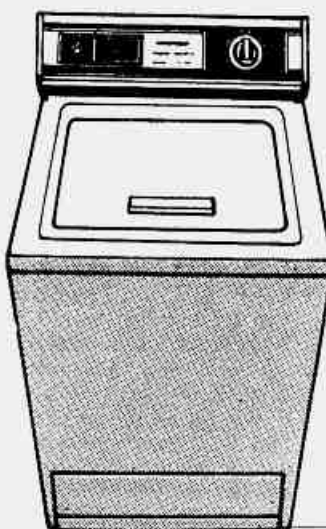
CCE
CONJUNTO TSUKUBA 300.
Tape-deck CD-130 aço metal tape. Toca-discos BD-5000 Grafite. Belt Drive. Receiver SR-6000 aço c/300 watts (IHF). 2 caixas acústicas CL-10-X c/130 watts e estante Rack SS-3000/3000 Grafite.
ESTANTE GRÁTIS
2.600.000 À VISTA
OU EM ATÉ 24 MESES SEM ENTRADA

AIKO
MICRO-SYSTEM S-3000.*
Sintonizador digital estéreo. Amplificador. Tape-deck. 2 caixas acústicas.
1.390.000 À VISTA
OU EM ATÉ 24 MESES SEM ENTRADA

National
ELETROFONE SS-5000.*
3 × 1. Toca-discos semi-automático. Tape-deck frontal. 2 caixas acústicas. Rack opcional.
898.000 À VISTA
OU EM ATÉ 24 MESES SEM ENTRADA

O CRÉDITO É FÁCIL E SIMPLES.

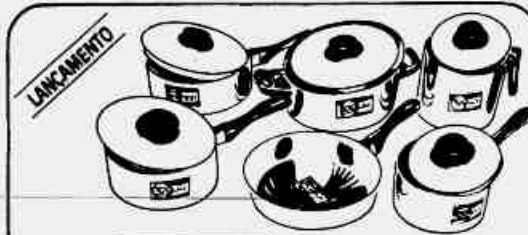
CURSO DE CONGELAMENTO DE ALIMENTOS GRÁTIS
Local: Loja Matriz
Rua Uruguaiana, 134/136
INSCRIÇÕES ABERTAS

Consul
REFRIGERADOR ET-3543 MAXI GRAN LUXO.
340 litros. Com degelo. Várias cores.
898.000 À VISTA
OU EM ATÉ 24 MESES SEM ENTRADA

Continental 2001
CAPRICE SUPER LUXO.
Totalmente em aço inox. Acendimento automático. Espeto rotativo. Tampa de cristal.
715.000 À VISTA
OU EM ATÉ 24 MESES SEM ENTRADA

BRASTEMP
LAVADORA BLG-61-S LUXO.
Programável. Nas cores azul ou branca.
1.298.000 À VISTA
OU EM ATÉ 24 MESES SEM ENTRADA

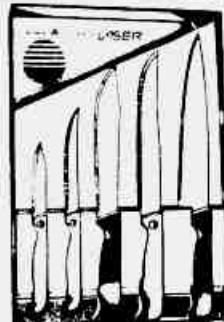
FORNELLO II ECO.
Para assar, cozer, gratinar, tostar, etc.
Descongelamento de alimentos. 2 termostatos independentes. Na cor caramelo.
565.000 À VISTA
OU EM ATÉ 24 MESES SEM ENTRADA

WALITA
LIQUIDIFICADOR BETA.
3 velocidades. Copo com capacidade para 2 litros.
Facas serrilhadas.
Excelente para moer carne.
68.000 À VISTA
OU PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO

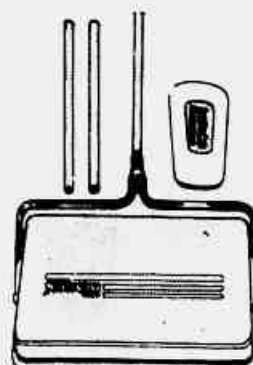
LANÇAMENTO

MARMICOC
CONJUNTO MARGARIDA.
Com 6 peças. Polidas.
Com tampa ocre/ marrom.
98.000 À VISTA
OU PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO

PENEDO
PANELA DE PRESSÃO.
Capacidade 3 litros. Polida.
25.000 À VISTA
OU PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO

Wolff
FAQUEIRO CAICÓ PRIMAVERA.
Com 24 peças. Em aço inox.
18.000 À VISTA
OU PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO

ARNO
SECADOR MODELADOR.
Resistente. 450 watts de potência.
58.000 À VISTA
OU PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO

MUNDIAL
CONJUNTO 5 FACAS ZIVI.
Com corte laser. Nunca precisa ser afiada.
20.000 À VISTA
OU PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO

ANÉIS REINE
Ouro 18 quilates.
Modelos exclusivos fabricados por ourives de renome.
À VISTA 187.500 ou em
5 × 37.500 = 187.500
37.500 MENSAIS

APARELHO DE JANTAR E CAFÉ GRES VULCANIC OU RUSTIC.
Com 72 peças em porcelana, acondicionada em belíssimo baú de madeira. Nas cores marrom ou bege.
255.000 À VISTA
OU EM ATÉ 24 MESES SEM ENTRADA

GRÁTIS 1 MINI FEITICEIRA

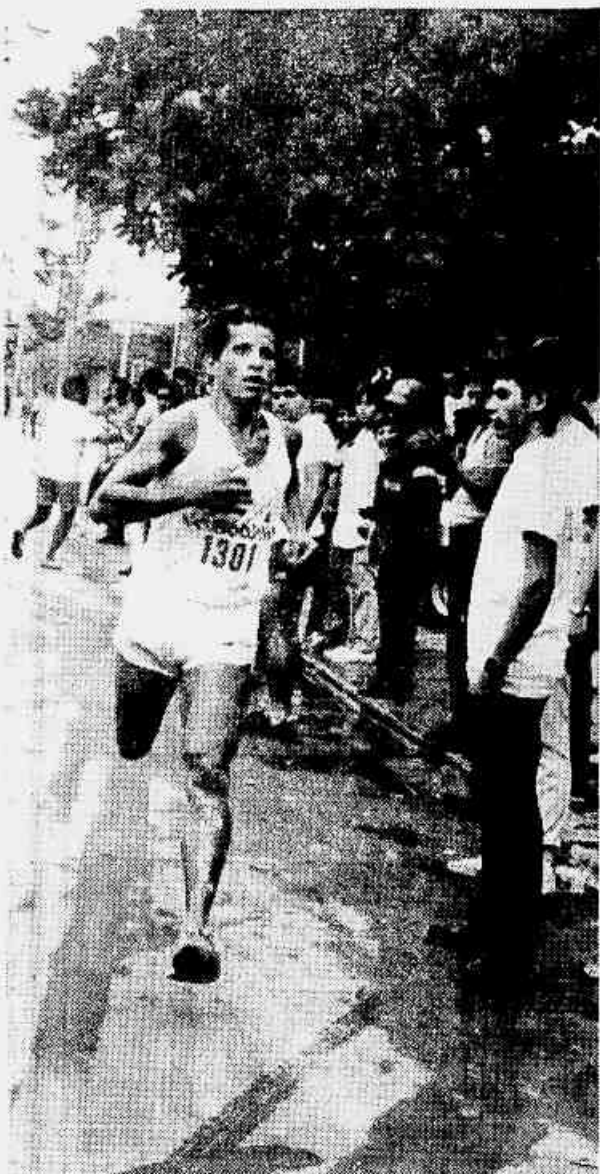
FEITICEIRA VARREDORA.
Ideal para tapetes.
38.000 À VISTA
OU PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO

JEAN MARCEL
ÓCULOS DE SOL.
49.000 À VISTA
OU PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO

PONTO FRIO
O MENOR PREÇO DA CIDADE
Barra • Ipanema • Copacabana • Centro (Carioca, Uruguaiana, Mal. Floriano) • Tijuca • Bonsucesso • Bangu • Penha • Méier • Madureira • Ramos • Nova Iguaçu • Nilópolis • Duque de Caxias • S.J. Meriti • Campo Grande • Santa Cruz • Ilha do Governador • Niterói • São Gonçalo • Alcântara

* PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

169 85

Fotos de Dilmar Cavalher

Charles, com ótimo preparo, ganhou o bicampeonato e recebeu o troféu do frei Dino

Corrida na Barra da Tijuca abre festa dos jornaleiros

Apesar do clima frio e cinzento de ontem à tarde, o ambiente esteve muito animado e colorido na Praça Euvaldo Lodi, na Barra da Tijuca, no início da festa de São Francisco de Paula, padroeiro dos jornaleiros. O JORNAL DO BRASIL promoveu e a Revista VIVA organizou a 2ª Corrida dos Jornaleiros, que abriu as festividades, com Charles Wellington da Silva Meira (nº 1301) conquistando o bicampeonato.

A noite houve missa celebrada pelo frei Constantino Mandarino, o Frei Dino, vigário da Paróquia São Francisco de Paula, e concerto com o coral da PUC. Hoje, as festividades prosseguem por todo o dia. Às 16h haverá missa presidida pelo bispo-auxiliar do Rio, Dom Afonso Felipe Gregory, e pelo padre Antônio Castiglione, Geral da Ordem dos Mínimos. Em seguida haverá procissão com a imagem do santo.

Festa

Estiveram presentes à largada da 2ª Corrida dos Jornaleiros, com 60 corredores, na Praça Euvaldo Lodi, o frei Dino, reverendo Castiglione, monsenhor Antônio Pisani, o Prefeito Marcelo Alencar e o Superintendente de Circulação do JORNAL DO BRASIL, Luís Antônio Caldeira. Frei Dino convocou os moradores da Barra da Tijuca para as festas de hoje. Virão grupos de jornaleiros de São Paulo, Juiz de Fora, Nova Friburgo, Petrópolis e Teresópolis.

Charles Wellington, bicampeão, tinha uma banca em Piedade e devido à importante vitória ano passado, na 1ª Corrida dos Jornaleiros, se dedicou mais às corridas tendo ganho até um patrocinador, a Lanchonete Bob's. O segundo colocado foi João Domingos Bezerra Mandarino (nº 1308), que trabalha com o pai, Wilson, em uma banca na Ilha do Governador. O terceiro, Élio Fábio (nº 1303), trabalha também com o pai, Élio, numa banca na Gávea.

A Praça Euvaldo Lodi está cheia de barraquinhas e haverá distribuição de brindes, **shows** musicais e queima de fogos. Os cônsules da Itália no Rio, Paulo Bruni e Pasquale Torraciano, estão convidados para a missa principal e a procissão de São Francisco de Paula. Haverá também missas a partir das 7h.

PCB compreende as greves mas não incita os seus sindicatos

Não existe "orquestração" por trás das greves dos últimos dias e nem há grupos especializados em promovê-las. As paralisações de indústrias e setores de transporte de São Paulo e Rio são conseqüência do período de renovação de acordos salariais que as principais categorias de trabalhadores estão vivendo e, é claro, da deterioração dos salários e do "ridículo salário mínimo, este sim, um verdadeiro maestro que deverá reger ainda muitas greves entre nós".

As opiniões são de Hércules Corrêa, responsável nacional pelas atividades sindicais do Partido Comunista Brasileiro. Mas são as mesmas de outros especialistas em lutas sindicais, todos com acentuadas divergências políticas. Hércules Corrêa — perseguido, até a anistia, pelo regime militar que via nele um dos principais insufladores de greves no país — acha, por exemplo, que atualmente a greve só é instrumento adequado de reivindicação se antecedida de amplas negociações. "Nos sindicatos onde predomina a nossa política", diz, "são raras as paralisações ultimamente".

"Turma de pelegos"

Para entender por que as greves são raras em alguns e freqüentes em outros sindicatos, é preciso primeiro conhecer a CUT (Central Única dos Trabalhadores) e a Conclat (Confederação Nacional das Classes Trabalhadoras), entidades que dividem hoje o sindicalismo brasileiro.

A CUT, dominada pelo PT, não aceita o pacto social proposto pela Nova República; e a Conclat, comandada pelos comunistas (PCB, PC do B e resquícios do MR-8, grupo que outrora pregava a luta armada), é pela reivindicação salarial negociada, não traumática, capaz de contribuir para a consolidação das liberdades no país. Da CUT participam o PT e todos os grupos que afinam com o PT: a Convergência Socialista, a Libelu (Liberdade e Luta), o MEP (Movimento de Emancipação do Proletariado), correntes progressistas da Igreja e a Ala Vermelha (dissidência do PC do B).

— Esse pessoal da Conclat é uma turma de pelegos — diz José Juarez Antunes, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, dominado pelo PT. — Eles se apegam muito aos cargos, são oportunistas. Mesmo assim, acho que devíamos, pelo menos na luta, tentar a união.

Perdendo terreno

É difícil, segundo Hércules Corrêa, traçar hoje um mapa de tendências do sindicalismo brasileiro. "Há, no país, uns 8 mil sindicatos que, além da CUT e da Conclat, têm ainda a dominá-los uma outra corrente, a do sindicalismo tradicionalista, que se espelha na Federação dos Trabalhadores dos Estados Unidos (AFL-CIO).

— Não sabemos quem está com a maior parte dos sindicalizados — diz Hércules. — Mas, a grosso modo, a CUT controla o ABC, espaço nobre do sindicalismo do país, e, agora, os bancários do Rio. Nós estamos na área do petróleo, petroquímicos, marítimos e transportes. O PCB, reconheço, está perdendo muito terreno para o PT e a CUT. Mas isso é conseqüência de um erro que vamos corrigir a partir da derrota dos Bancários do Rio".

— Continuo a achar que o PT não é um partido político — prossegue o dirigente do PCB — mas, sim, um partido sindical. E, como tal, não está preparado para entender e enfrentar o problema do poder político, podendo transformar-se, sem querer ou por ignorância, num instrumento de apoio às forças do autoritarismo.

Panela de pressão

Para o Vereador Antônio Pereira da Silva Filho, do PDT, que atua no movimento sindical bancário desde 58, as propostas de luta da CUT e da Conclat são diferentes porque "historicamente os pactos sempre foram contra os trabalhadores. Mas não há como enxergar motivação política por trás das greves que vêm ocorrendo no país. Primeiro, porque elas coincidem com um período de renovação de contratos de trabalho. Segundo, porque existe fome. Estamos numa panela de pressão, que ferveu durante 21 anos de autoritarismo. A insatisfação foi crescendo, crescendo e é normal que uma explosão aconteça durante um governo com pretensões democráticas".

Juarez Antunes, que lidera uma greve de 8 mil trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, vê o comportamento da Nova República como "normal perante os movimentos grevistas. O Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, tem tomado, segundo ele, "medidas avançadas em relação ao Governo que aí está e acredito até que esteja sofrendo algumas repreensões de seus superiores".

Arquivo/1980

Hércules Corrêa

Hércules Correa justifica a posição do PCB a favor do pacto social analisando o momento político e social do país: "Quem vai pagar a justa exigência dos trabalhadores: os que ganharam com o milagre econômico ou os que ficaram com a parte do leão? O movimento sindical e grevista está, hoje, diante dessa questão e precisa antes resolvê-la para não pôr tudo a perder outra vez. Não se pode agir como cabra-cega, porque dessa forma o sindicalismo corre o risco de ser marginalizado pela sociedade".

— O movimento grevista — diz — ocorre apenas entre os trabalhadores que têm poder de pressão. Os que ganham salário mínimo, e que são 40% da força de trabalho do país, não têm força de greve. E, perigosamente para todos nós, podem ficar contra os grevistas que ganham até 10 salários mínimos, os quais, diante deles, podem ser vistos como marajás. Outro efeito dessa fúria grevista é a pressão sobre as pequenas e médias empresas, que não têm condições de cumprir acordos e passam a praticar a rotatividade de empregados para livrar-se de encargos sociais.

— Como se vê — prossegue — não há vínculo de solidariedade entre quem faz greve e quem está na base da pirâmide salarial do país. Concordo que um metalúrgico com salários de Cr$ 2 milhões 500 mil por mês ganha pouco, sobretudo diante da lucratividade de seu patrão. Mas a imagem que ele, em greve, passa para a sociedade do salário mínimo não é boa. O trabalhador que ganha salário mínimo não se beneficia nem direta nem indiretamente com a greve dos metalúrgicos.

Contra a violência

O líder do PCB teme ainda que a fúria grevista chegue às empresas estatais, "peças importantes no processo produtivo". E não concorda com a violência. "Até outro dia, nós lutávamos contra a repressão e o DOI-CODI, que prendiam e torturavam, e agora os trabalhadores decidem tomar companheiros como reféns e ainda quebram vidros de ônibus. Isso não é luta operária, mas anarquia".

— Desse jeito — afirma Hércules Corrêa — o movimento sindicalista poderá acabar virando instrumento para a desestabilização política ou para a volta das forças derrotadas que formavam o poder passado. A greve, claro, é um instrumento legal, lícito e eficiente para reivindicar maiores salários. Mas não podemos correr o risco do retrocesso político. Nós, do PCB, somos pela preparação da greve, pelo seu desencadeamento se for necessário e, acima de sua realização, nós somos pela solução negociada de todos os conflitos, com ganhos efetivos para os trabalhadores. E essa idéia exclui a greve na base do tudo ou nada.

Convergentes são os novos radicais

Uma sociedade justa, sem explorados ou exploradores, dirigida por um governo sem caráter repressivo (voltado, unicamente, para a administração dos bens comuns) e sustentada por um modelo de produção desvinculado do lucro, produzindo apenas o que for suficiente para satisfazer os homens que a integram. Este é o Estado sonhado pela Convergência Socialista, um grupo radical de esquerda filiado ao PT que, greve a greve, vem ser firmando como o mais novo fenômeno político-sindical do país.

No entender do outrora radical Hércules Correa, do PCB, esse fenômeno deve-se ao fato de que seus integrantes, sem-compromissos políticos com a fase que o país atravessa, usam entre os estudantes e trabalhadores uma linguagem contundente e imediatista que, misturada às vozes do PT e da CUT (Central Única dos Trabalhadores), vem obtendo mais eco que os discursos dos hoje moderados comunistas, mais preocupados com normalização democrática que poderá colocá-los na legalidade.

Nascido há uns 10 anos no Rio, o movimento tem até telefone e sede central (funciona, há um ano, num velho sobrado alugado à Rua Visconde do Rio Branco, 35, próximo à Praça Tiradentes, no Centro) onde realiza suas principais reuniões e planeja suas ações, a maioria delas voltada para a luta nos sindicatos. Seus integrantes carregam no semblante um resto da mesma desconfiança que a esquerda, dez anos atrás, alimentava na clandestinidade e segundo seu líder no Rio, Ciro Garcia, não acreditam em José Sarney, um presidente "sem credibilidade perante os trabalhadores".

— Nós queremos diretas-já — diz ele

"Heavy metal"

Apontado pelo próprio Ministro da Justiça, Fernando Lyra, como um dos principais responsáveis pelas greves que vêm paralisando São Paulo e Rio (acusação que seus líderes repudiam) o grupo não revela o número de filiados que já possui "por uma questão de segurança", mas segundo Ciro, a Convergência é mais atuante no Rio, São Paulo e Belo Horizonte. "Somos bancários, estudantes secundaristas, professores, metalúrgicos e servidores públicos (na faixa dos 18 aos 30 anos) que levamos uma vida normal para a idade que temos."

— Eu, por exemplo, gosto de rock, do son **heavy metal** (ele não gosta que chamem a Convergência de ala **heavy metal** do PT), vou muito ao cinema, aprecio música (Milton Nascimento, Egberto Gismonti), trabalho como qualquer brasileiro (é funcionário há dez anos do Banco do Brasil, lotado na seção de FGTS da agência central da rua 1º de Março) e ainda torço pelo Botafogo.

Vida normal à parte, os "convergentes" exercem atividades que poucos jovens de sua idade apreciam. Neste fim de semana, por exemplo, era possível encontrá-los na sede do movimento, em plena tarde de sábado ou ainda em Vitória, onde dois outros líderes (Ana Luiza Figueiredo Gomes e Carlos Guilherme Haeser, ambos, como Ciro, da nova diretoria do Sindicato dos Bancários do Rio) participam de um encontro de bancários que está preparando uma campanha para reivindicar, a partir do dia 24, o reajuste trimestral para a categoria. A campanha será deflagrada antes mesmo da posse da chapa 2, prevista para o dia 29 deste mês , na direção do Sindicato dos Bancários do Rio, conquistada pela Convergência numa coligação com o MSB, Movimento Socialista Bancário, ligado ao PDT e com a OI, Organização Independente, ligada ao PT.

A estrela da Convergência começou a brilhar no cenário sindical do país justamente após essa conquista, que liquidou com um dos principais redutos do PCB. No Rio, o movimento atua ainda entre os metalúrgicos de Niterói e Volta Redonda, e metroviários. Em Minas Gerais, domina o Sindicato dos Metalúrgicos de Contagem, maior do Estado. E em São Paulo, está presente em todas as atividades sindicais lideradas pelo grupo PT/CUT, por acreditar que uma vitória sindical no ABC paulista abre caminho para conquistas trabalhistas em diversas frente, em todo o país.

Marxistas-trokristas

Segundo Ciro, um mineiro de 30 anos, nascido em Manhumirim, a Convergência mantém-se com a venda de um jornal semanal com tiragem de 8 mil exemplares, editado em São Paulo — **Convergência Socialista** é o nome, com preço de Cr$ 1 mil — e com contribuições dos filiados que variam "de acordo com a disponibilidade e o salário de cada um". As percentagens sobre o contracheque de cada contribuinte variam de 5% a 10%, repetindo uma prática comum à maioria dos partidos políticos que dependem de auto-sustentação. O dinheiro arrecadado mensalmente é depositado em contas bancárias e, eventualmente, movimentado no **open market**.

Para ocupar um imóvel no centro do Rio, a Convergência transforma-se numa empresa, a Associação Convergência Socialista Editora, que paga cerca de Cr$ 250 mil mensais de aluguel pelo velho sobrado, local onde o grupo ainda confecciona suas faixas e cartazes e prepara panfletos das campanhas políticas sindicais.

— Não há, no mundo, nenhum Estado que se aproxime, hoje, do modelo social que sonhamos. Somos **marxistas-trotskstas** (defendem o pensamento de Marx e Trotski, teóricos comunistas) e pretendemos a independência política e sindical dos trabalhadores. Essa, a meu ver, é a tendência do mundo inteiro, porque o capitalismo é um sistema falido que está vivendo uma de suas crises mais fortes, mesmo nos Estados Unidos, seu principal bastião.

Para o líder da Convergência, que lê Pablo Neruda e literatura russa, a Nicarágua é dirigida por um partido pequeno-burguês ("mas somos a favor da Nicarágua independente e livre do imperialismo"), Cuba é uma variante do **stalinismo** ("Stalin degenerou a revolução soviética") e o Sindicato Solidariedade, da Polônia, luta por um socialismo de fato em seu país.

ORIVALDO PERIN

Foto de Luiz Morier

Pelo velho sobrado, a Convergência paga Cr$ 250 mil

Foto de Gilson Barreto

O Cardeal deu a bênção aos doentes no Hospital da Lagoa

D. Eugênio condena a greve dos profissionais de saúde

No encontro com os representantes da Pastoral da Saúde, no Hospital da Lagoa, o Arcebispo do Rio, Dom Eugênio Sales, condenou a ameaça de greve dos profissionais de Saúde do Estado e município, por entender que os doentes serão as principais vítimas. Mesmo reconhecendo que as condições de atendimento são ruins, Dom Eugênio acha que a paralisação não é o meio ideal para corrigir as deficiências dos hospitais.

Além de benzer a imagem de Nossa Senhora das Graças no **hall** do hospital, o Arcebispo do Rio fez uma saudação aos doentes, falando sobre a esperança e a fecundidade da dor. "Aquele que não tem esperança, já começou a morrer" — disse Dom Eugênio, afirmando que "o sofrimento abre as portas para a bondade de Deus".

Violência

Terminado o encontro no Hospital da Lagoa, o Arcebispo da cidade falou aos repórteres sobre a violência policial que acabou provocando a morte do estudante Ricardo Augusto Castanheiro, no Lins. Na opinião de Dom Eugênio, a missão do policial é defender a ordem pública e os direitos humanos. Acrescentou ainda que a violência deve ser condenada, inclusive a dos assaltantes.

Sobre a possibilidade de greve dos profissionais de saúde dos hospitais estaduais e municipais, o Arcebispo disse que todos devem ter meios para trabalhar condignamente. "As reivindicações são justas — afirmou Dom Eugênio — mas a medicina é um sacerdócio e os doentes serão os principais prejudicados com a paralisação".

Desde sexta-feira em visita pastoral ao Vicariato Sul — que tem 28 paróquias, do Flamengo à Barra da Tijuca — Dom Eugênio Sales xplicou que a ida ao Hospital da Lagoa, fez parte do encontro com a Pastoral da Saúde que já existe há 12 anos, dando assistência espiritual aos doentes. Na hora da bênção à imagem de Nossa Senhora, a cantora Carmem Costa liderou o coro, cantando a música Maria Concebida, acompanhada pelos doentes que participaram da cerimônia.

Secretário garante atendimento

Com o reforço do atendimento dos PAMs do INAMPS e, se houver necessidade, o aumento de autorizações para internações em hospitais que têm convênio com a Previdência Social, a Secretaria Estadual de Saúde enfrentará a paralisação de advertência que cerca de 30 mil profissionais de saúde farão nas próximas terça e quarta-feiras. Amanhã haverá uma reunião para discutir o esquema, segundo informou o Secretário Eduardo Costa.

O objetivo é evitar que a população se prejudique durante as 48 horas em que mais de 100 postos de saúde, ambulatórios e hospitais estaduais e municipais de todo o Estado do Rio de Janeiro ficarão parados, em conseqüência do movimento dos servidores. Nos hospitais, porém, será mantido o atendimento de emergência. Caso o Governo não atenda as reivindicações dos funcionários a greve poderá continuar por mais tempo.

Os profissionais, que integram cerca de 60 categorias funcionais divididas em cinco faixas salariais, querem a efetivação dos contratados pela CLT; enquadramento definitivo dos desviados de função; realização de concurso público; criação do Plano de Cargos e Vencimentos para todos os funcionários da Área de Saúde e melhores condições de trabalho.

Metrô pára e causa ira de passageiros

Revoltados com a segunda paralisação do metrô em apenas dois dias, cerca de 100 passageiros que esperavam o momento do embarque na Praça Saenz Peña agrediram os funcionários de serviço e ameaçaram depredar — a socos e pontapés — os equipamentos eletrônicos da estação. Os passageiros acusaram os metroviários de "fazer corpo mole, parando os trens para pressionar o Governo a atender suas reivindicações." Rosa Maria, da Diretoria de Operações da empresa, quebrou um dos dedos do pé ao ser pisoteada por um homem não identificado.

A paralisação, segundo a Assessoria de Comunicação do Metrô, foi provocada pela quebra de um dos trens na Estação Saenz Peña e durou 40 minutos, de 12h06min às 12h46min. Sete composições deixaram de circular neste período em toda a extensão da linha 1. Em algumas estações — principalmente na Tijuca — a pronta intervenção da Polícia Militar e o fechamento das portas pelo corpo de segurança do metrô impediu que o tumulto atingisse proporções mais sérias.

Quando se preparavam para embarcar ontem à tarde na Estação da Praça Saenz Peña, cerca de 100 pessoas foram surpreendidos pelo anúncio, através do sistema interno de som, de que o trem parado na plataformas não sairia por estar com problemas técnicos. Os mais exaltados imediatamente começaram a protestar. O piloto foi cercado e acusado pelos passageiros de ter provocado a paralisação como forma de pressão sobre o Governo do Estado:

— É muita coincidência. Toda vez que os metroviários programam uma assembléia, alguma coisa acontece e o metrô pára. Foi assim no dia da passeata, no mês passado, foi assim ontem (sexta-feira), quando eles iam decidir sobre a volta da greve. Parece armação e a população, que não tem nada com isso, acaba sendo prejudicada — reclamou Márcio Pinto Reis, que, apesar de sua revolta, tentava acalmar os ânimos e impedir a depredação da estação.

Os funcionários, temendo por sua segurança, tentavam explicar que a quebra do trem nada tinha a ver com o movimento da categoria. O piloto afirmava que não seguiria viagem porque uma peça fundamental ao tráfego havia quebrado, e a segurança dos passageiros estaria em risco. Do lado de fora, os passageiros que chegavam também reclamavam por não poder entrar na estação, o que levou os três únicos seguranças do metrô a optarem pelo fechamento das portas temendo uma invasão.

Além das acusações contra os metroviários, os passageiros reclamavam por ter a paralisação ocorrido apenas um dia depois que as passagens foram aumentadas de Cr$ 480 para Cr$ 650, uma decisão tomada pela direção do metrô sem qualquer comunicação prévia à população. Patrulhas da PM foram chamadas para controlar a situação nas estações de Botafogo, Saens Penã e Afonso Pena, onde o tumulto foi maior. Aos sábados, o movimento do metrô é de 150 mil passageiros, em média.

"Cirandão da Saúde" vai ajudar médico do interior

"Estou isolado do mundo. Preciso de ajuda". O pedido de socorro do médico Leandro Vieira de Oliveira, de Oriximiná, no Pará, é um dos muitos, quase todos iguais, que chegaram ao Instituto de Farmacologia Clínica, no Rio, em razão de uma pesquisa sobre as principais necessidades dos médicos do interior no campo da atualização profissional. Se tiverem acesso a um telefone, esses poderão contar, já no segundo semestre, com um serviço computadorizado de informações sobre medicamentos.

Por enquanto, para poderem usar esse serviço, os médicos precisam ter, pelo menos, um microcomputador. E já são 1 200 os profissionais que se cadastraram, em todo o país, no programa de teleinformática **Cirandão da Saúde**, da Embratel. É um banco de dados baseado no **Manual de farmacologia clínica e terapêutica**, do especialista Darcy Roberto Lima, que, por telefone, transmite informações ao computador sobre os remédios registrados e em uso no Brasil.

Previsão

Daqui a cinco anos, o microcomputador vai ser um instrumento tão útil e corriqueiro como são o estetoscópio e o aparelho de pressão, prevê o autor da obra e diretor do Instituto de Farmacologia Clínica, Darcy Roberto Lima. Com ele, o médico terá informações instantâneas sobre seus doentes, os remédios e as doenças.

Para terem acesso ao **Cirandão da Saúde** os médicos precisam ter, em casa ou no consultório, um microcomputador com capacidade a partir do tipo CP-500, além de um **modem**, um modulador de emissão que transforma a onda do telefone — que contém o banco de dados do programa da Embratel — em caracteres no vídeo.

Para usar o **Cirandão da Saúde**, o médico tem que se cadastrar previamente na Embratel. O programa constitui um acesso facilitado ao **Manual** do professor Darcy Roberto Lima e as informações podem ser chamadas de várias formas: pelo fármaco, pelo nome comercial e pelos sistemas corporais, entre outros. Se o médico chamar **leite**, receberá, por exemplo, informações sobre medicamentos que são excretados no leite, ou que perdem sua ação quando são tomados com leite, como alguns antibióticos. Darcy Roberto Lima, que é PhD em Farmacologia Clínica pela Universidade de Londres, esclarece que os dados sobre cada remédio não são os das bulas ou os que fornecem os fabricantes, mas os que são divulgados pelas entidades internacionais de alta confiabilidade, como a American Medical Association ou a British Medical Association.

Cada medicamento é listado com indicações sobre seus usos, cuidados especiais na sua administração (com as contra-indicações), formas de eliminação pelo organismo, advertência sobre controle clínico para manifestações anormais, posologia, o nome comercial e a forma de apresentação.

Por telefone

Como a grande maioria dos médicos brasileiros não tem computadores, o Instituto de Farmacologia Clínica está planejando um serviço de informações por telefone. A partir do segundo semestre, um PABX instalado no Instituto ficará à disposição dos médicos para informações sobre medicamentos e seus efeitos. Um técnico fará a consulta ao computador e informará na hora ao usuário.

Um serviço semelhante deverá ser implementado também pela Embratel. Além disso, Darcy Roberto Lima já está motivando, com sucesso, hospitais públicos e privados para instalarem um serviço nos mesmos moldes destinado a doentes que tiverem alta e que estejam em dúvida sobre a administração de medicamentos prescritos pelos médicos: "Será uma forma prática de tirarmos dúvidas simples do paciente e evitar a sua vinda desnecessária ao hospital", esclarece o farmacologista.

O Instituto de Farmacologia Clínica é uma entidade particular, única no Brasil, que se destina a fazer pesquisas e divulgar informações sobre medicamentos. O setor de pesquisas estuda os efeitos de novos medicamentos sobre o ser humano. Isso porque remédios que se revelaram seguros nos animais mostraram, posteriormente, serem nocivos ao homem. A talidomina — um calmante que provocou o nascimento de crianças deformadas — é o exemplo clássico.

As fases da pesquisa

O teste dos novos remédios no homem é o próprio objeto da Farmacologia Clínica. Essa disciplina até há pouco era praticamente inexistente no Brasil. Os cursos de Medicina nem a incluem no seu currículo, restrito à Farmacologia Animal. Darcy Roberto Lima explica que o remédio primeiramente é testado num voluntário são, para ver como o novo produto age no organismo. Depois é aplicado num paciente, para se aferir a sua eficácia em relação à doença a cujo combate se destina.

A terceira fase é a do ensaio terapêutico, com a ampliação do número de pacientes, que passam a ser centenas, espalhados pelo país. Aprovado, nos testes, a última fase é a do **marketing** com a introdução do seu uso comercial.

A partir de junho, o Instituto já contará com um prédio próprio para pesquisas em Farmacologia Clínica, a primeira entidade criada para esse fim no país. Darcy Roberto Lima — que também é professor de Farmacologia Clínica da UFRJ — explica que a ausência de um programa nacional para o setor enfraquece a indústria farmacêutica local e nos torna totalmente dependentes da tecnologia de outros países.

"Nossa indústria não pesquisa. Já compra o pacote pronto e em dólar. E a matéria-prima importada para fazer o remédio acaba no fim sendo colocada no mercado em cruzeiros. O prejuízo é evidente. É urgente uma pesquisa farmacológica nacional em todas as suas etapas, para que nossa indústria possa renascer e desenvolver-se em bases viáveis. E além disso está cientificamente provado que o resultado de uma pesquisa com remédio novo num determinado padrão racial pode diferir substancialmente em outro padrão. O que faz bem, por exemplo, ao japonês pode fazer mal ao brasileiro."

História de Delfim Moreira é recusada

A doença do ex-Presidente Delfim Moreira — que governou o país há 66 anos e que, sem sequer ter cumprido menos da metade do mandato como Presidente, transmitiu o cargo a Epitácio Pessoa (fato rememorado durante a doença do Presidente Tancredo Neves) — divide as opiniões da família e de historiadores. A família nega a doença, enquanto os professores Américo Jacobina Lacombe e José Honório Rodrigues sustentam o contrário, afirmando que Delfim Moreira realmente sofreu de esclerose precoce.

Em carta dirigida ao JORNAL DO BRASIL, a filha do ex-Presidente, Maria A. de Capistrano Moreira, e mais sete netos de Delfim Moreira protestaram contra textos e uma charge do humorista Millôr Fernandes, "tais as inverdades que seus redatores têm dito a respeito de Delfim Moreira", que classificam como "torpe, covarde e, acima de tudo, como crescente agressão à sua memória".

Presidente Delfim Moreira, polêmica tardia

Tradição oral

Enquanto aqueles dois historiadores afirmam que o Vice-Presidente Delfim Moreira permaneceu doente após assumir a Presidência da República — devido à morte do Presidente eleito Rodrigues Alves, que não chegou a tomar posse —, um terceiro historiador, Hélio Silva, prefere evitar o debate, mas diz que era voz corrente que Delfim Moreira era um homem enfermo e quem governou de fato o país foi o Ministro da Viação, Afrânio de Melo Franco.

José Honório Rodrigues, sem entrar no mérito da discussão, diz que a doença de Delfim Moreira é fato verídico e tem tradição oral, sendo inúmeros os registros sobre a perturbação mental que afligiu o Vice-Presidente até transmitir o cargo ao seu sucessor, Epitácio Pessoa, eleito por exigência da Constituição de 1891, que determinava novas eleições caso a metade do mandato não fosse cumprida. O historiador cita como depoimento da época sobre o episódio da doença presidencial o livro de João Dunshee de Abranches **Governos e Congressos da República dos Estados Unidos do Brasil**, editado em 1918.

Américo Jacobina Lacombe também não tem dúvidas sobre a doença de Delfim Moreira, comentando inclusive uma frase da época: "O Brasil elegeu um presidente moribundo e um vice doente". Já o historiador Hélio Silva baseia suas afirmações sobre a doença de Delfim Moreira "no que sempre se escreveu sobre o assunto", mas se exime do debate ao dizer que, "como médico, teria escrúpulo em assegurar um caso de doença sem possuir provas".

— O que sempre se escreveu é que Delfim Moreira, então Presidente do Estado de Minas Gerais, queria ser candidato à Presidência, mas concordou em formar chapa como vice do paulista Rodrigues Alves. Vitoriosos, o presidente, muito doente, não chegou a tomar posse, e Delfim Moreira assumiu, mas também doente, em 1918, tanto que morreu menos de dois anos depois. E o Presidente de fato era o Ministro da Viação, Afrânio de Melo Franco, tido como uma espécie de regente até a eleição e posse do novo Presidente, que foi Epitácio Pessoa.

Há muitos detalhes — acrescenta Hélio Silva — escritos ou na tradição oral sobre a doença de Delfim Moreira. Quando escrevi sobre seu período presidencial, Bruno de Almeida Magalhães, mineiro, entrou em polêmica comigo, contestando a versão da doença e afirmando que o falecido presidente esteve sempre lúcido. "Não desejo, agora, voltar a esse assunto e muito menos entrar em nova polêmica com a família".

A família, contudo, mostra-se disposta a zelar pela memória de seu antepassado quando afirma na carta: "Basta elencar a fulminante trajetória de Delfim Moreira; bacharel em Direito, advogado, promotor público, deputado federal, senador, presidente de Minas, Vice-Presidente e Presidente da República, tudo isso numa curta vida de, apenas, 52 anos, para demonstrar que raros são os homens públicos que a ele podem se equiparar".

O professor Manoel Pereira Reis Júnior, no seu livro **Os Presidentes do Brasil**, editado em 1975, ao abordar a biografia de Delfim Moreira, escreve num dos trechos: "Estava (Delfim Moreira) com a saúde abalada e não tinha interesse pela sucessão. Substituiu o Ministro da Fazenda, Amaro Cavalcanti, por João Ribeiro de Oliveira e Souza, banqueiro e seu amigo de Minas Gerais, e entregou a Afrânio de Melo Franco, seu Ministro da Viação, todo o peso da administração, pois sua saúde não permitia emprestar contínua assistência à alta função que exercia."

Afonso Arinos

O jurista Afonso Arinos de Melo Franco, filho do Ministro da Viação de Delfim Moreira, Afrânio de Melo Franco, prefere não falar sobre esse assunto, já que seu pai foi grande amigo e ministro de Delfim Moreira. Sobre o período, Afonso Arinos escreveu o livro **Estadistas da República**, no qual destaca seu pai como figura importante na política da época.

A biografia política de Delfim Moreira da Costa Ribeiro revela uma rápida e bem-sucedida carreira. Nasceu no dia 7 de novembro de 1868 em Cristina, Minas Gerais, diplomando-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Iniciou-se na política aos 26 anos como deputado estadual por Minas Gerais e, em 1902, ocupou a Secretaria do Interior daquele Estado.

Em 1907, foi eleito Senador estadual, renunciando no ano seguinte para assumir pela segunda vez a Secretaria de Interior de Minas Gerais. Em 1914, foi eleito Presidente do seu Estado e, quatro anos depois, era eleito Vice-Presidente, na chapa que formou com Rodrigues Alves que, doente, não chegou a tomar posse como presidente, falecendo em janeiro de 1919.

Como havia cumprido menos da metade do mandato como Presidente da República, Delfim Moreira transmitiu o cargo, conforme rezava a Constituição de 1891, a outro Presidente eleito, Epitácio da Silva Pessoa, no dia 26 de julho de 1919. No ano, faleceu com 52 anos.

Diante dessa trajetória, mais ainda se indignam os familiares do ex-Presidente da República, que dizem em sua carta: "Causa-nos espanto verificar que o JORNAL DO BRASIL, órgão que pretende ocupar posição de liderança da imprensa nacional, abrigue em suas páginas indivíduos ignorantes da verdade histórica, que, revelando total desconhecimento e falta de escrúpulos e pseudo, decrépito e inoportuno humorismo, não titubeiam em veicular inverídicas e deturpadas informações, tentando macular a memória de um homem que teve participação decisiva na história de nossa pátria e sempre mereceu o respeito e a admiração de seus contemporâneos."

Neto de Martinelli é acusado de roubar diamante

Quando a polícia alfandegária de Nova Iorque encontrou segunda-feira passada um lote de pedras preciosas — entre elas um diamante de 7,4 quilates avaliado em cerca de 40 mil dólares — na bagagem de José Monteiro de Aquino Martinelli, 27 anos, começava a desmoronar o sonho do neto do famoso milionário Giuseppe Martinelli de se livrar da saga de uma família que hoje vive apenas das suas memórias. Zezito, como é conhecido na sociedade havia dias antes rouba a pedra de sua amiga Maria Carolina Andrade da Silveira em sua cobertura tríplex em Ipanema.

O diamante se encontra hoje sob custódia da alfândega americana, e José Martinelli, sob fiança, está em Nova Iorque em liberdade vigiada. Nas casas noturnas do Rio, ex-amigos especulam quantas foram as vítimas deste que chamam de "mais um alpinista social". Mas Zezito teve berço. Seu avô, o Comendador Martinelli, após desembarcar como imigrante em Santos em 1889, tornou-se uma das maiores fortunas de toda a América Latina. Fortuna jogada fora pelo pai de Zezito, José Benito Guilherme Mário Martinelli, que há alguns anos foi considerado a pedido da própria família — "pródigo" e acabou interditado num processo que envolve famílias e empresários hoje famosos.

Luxo

José Martinelli foi criado em meio a palacetes e coleções de carros de seu pai. Viveu o luxo e a total falta de dinheiro. Sempre se apresentava nas rodas sociais apenas como Martinelli, na esperança de que o nome famoso ainda lhe abrisse as portas. Há quatro anos freqüentava a casa de Maria Carolina Andrade da Silveira, uma advogada cearense de 45 anos, filha do rico comerciante e industrial de Fortaleza, José Carneiro da Silveira.

Zezito, como explicou Maria Carolina, adorava o seu apartamento tríplex com sauna e piscina na Rua Nascimento Silva, onde chegou a dar festas e a convidar sempre os amigos. À Maria Carolina dizia que era "exportador de pedras preciosas" e se interessava pelos brilhantes que ela guardava no cofre do apartamento. Iam às casas noturnas onde ele era conhecido, como o Hipopotamus, a Circus Discotec e o restaurante Pizza Palace. Maria Carolina diz que nunca teve sequer uma queixa do rapaz.

Na sexta-feira, dia 26 de abril, José Martinelli entrou em sua casa e, sob as vistas de duas testemunhas — o motorista Cláudio Manuel e de Maria Amélia Palmeira Guimarães, amiga de Carolina —, pediu o diamante à própria dona "para que um amigo texano, proprietário da Lear Jet", que estaria hospedado no Hotel Sheraton, "fizesse uma avaliação da pedra". Ela cedeu o diamante e foi a última vez que viu José Martinelli.

— Até o domingo à tarde eu esperei e não contei nada a ninguém. A mãe do José, Marisa Monteiro de Aquino, me telefonava e dizia que ele iria devolver o diamante a qualquer momento. Mas ela sabia de tudo e era cúmplice dele no crime — disse Maria Carolina, no quarto 932 do Hotel Paramount, em Nova Iorque, na noite de sexta-feira passada.

Providências

A advogada recorreu a amigos e no domingo à noite, dia 28 de abril, foi à 14ª DP, no Leblon, e registrou, sob o número 1361/85, o roubo de seu diamante. Começou então uma verdadeira caçada a Zezito por todo o Rio de Janeiro. Na casa de seu pai, José Benito, na Avenida Atlântica, 2806, não foi encontrado. A atual mulher de José Benito, a ex-vedete do teatro rebolado Carmem Vic, informou então que Zezito estava morando com o corretor de títulos e valores Jack Cannon, na Avenida Sernambetiba 2940.

Mas ele também não se encontrava mais no local e ali soube-se, segundo informações de policiais, que Zezito havia comprado uma passagem para Nova Iorque pela Lan-Chile e já há algum tempo vinha despachando malas — oito no total — para a cidade norte-americana, endereçadas ao apartamento de sua namorada Jan Robert. A polícia ainda tentou interceptar o avião, mas o vôo 148 partiu de Viracopos para Nova Iorque onde chegou às 12h30min de segunda-feira, dia 29 de abril.

Em tempo hábil, o delegado Wladimir Reale, da 14ª DP, avisou ao chefe da alfândega do Aeroporto John Kennedy, Steve Yagoda, de que José Martinelli chegaria a Nova Iorque com o diamante de 7,4 quilates roubado de Maria Carolina. Zezito foi preso logo que desembarcou e com ele estavam meio quilo de esmeraldas, diamantes pequenos, jóias em ouro, 16 mil dólares e dois diamantes. Um deles, o de Maria Carolina, que é herança de família e foi lapidado sem defeitos em Amsterdam, na Holanda.

Imediatamente a 14ª DP mandou a Nova Iorque o seu delegado-adjunto Edimir Moreira, em companhia de Maria Carolina Andrade da Silveira. Eles iriam identificar o criminoso e trazer o diamante de volta, mas, chegando lá, ficaram sabendo que José Martinelli havia sido preso por contrabando de pedras preciosas, e não por furto, e que, após pagar uma fiança de 3 mil dólares, estava sob liberdade vigiada.

E mais: teriam de provar que o diamante pertencia a Maria Carolina, pois Zezito insistia em dizer que era seu e que o havia comprado "nas ruas do Rio" a Fernando Malaguti de Souza. Tal pessoa foi exaustivamente procurada pela polícia, mas não foi encontrada. O diamante encontra-se agora sob custódia da alfândega americana até que Maria Carolina receba as provas de posse, entre elas uma declaração da **Neck Gemas** Comércio e Exportação, assinada por Antônio Nascimento, informando que no dia 4 de abril fez uma avaliação da pedra.

Abuso de poder

Como mesmo após uma acareação entre Maria Carolina e José Martinelli, as autoridades americanas resolveram não liberar a pedra preciosa, nem autorizaram o delegado brasileiro a trazer preso o criminoso, o advogado de Maria Carolina, Luciano Bonfim Marinho de Andrade, entrou na sexta-feira com uma representação interpelatória junto ao Consulado-Geral dos Estados Unidos da América, no Rio, contra a alfândega do aeroporto John Kennedy por "abuso de poder". (Neste documento estão relatados todo o episódio do roubo e as medidas adotadas.)

Ele reclama que as autoridades alfandegárias americanas permitiram que Zezito entrasse no país e constituísse advogado, o que acabará por levar o caso à Justiça americana. Luciano de Andrade não aceita tal hipótese e explica que o criminoso é brasileiro, a vítima também e que o delito ocorreu no Brasil. Portanto, o caso compete à Justiça brasileira.

Segundo informações de policiais, Zezito tem problemas no Brasil relacionados com a emissão de cheques sem fundo (agência Bradesco da Barra da Tijuca) e com a utilização de um cartão Credicard sem que possuísse dinheiro para cobrir suas compras. Outras informações dizem que ele pretendia se casar com a norte-americana Jan Robert para obter a permanência nos EUA.

A pedra não é a única da família Carneiro Silveira. Quando o pai de Maria Carolina morreu em 1975, deixou para a viúva, Sophia Marinho Andrade da Silveira, 75% da herança, que incluía a Imobiliária José Carneiro, a Organização Silveira Alencar, a revendedora de automóveis Silcar e a Fiação Ernesto Deoclesiano Tecelagem. Todos esses negócios são localizados em Fortaleza, no Ceará, onde a família é tida como uma das mais ricas e influentes do Estado. Às filhas — Maria Carolina e mais duas — ele deixou 25% da herança. Da mãe elas receberam de presente três anéis de diamante: um de 14 quilates para a filha mais velha; um de 11 quilates para a filha do meio — e um de 7,4 quilates para a filha caçula, Maria Carolina.

PAULO MOTTA

Martinelli, o filho gastador e o neto pobre

Decadência contrasta com a infância rica

José Monteiro de Aquino Martinelli, o Zezito, nasceu rico e passou a infância entre as paredes neogóticas do palacete da família, na Avenida Oswaldo Cruz, no Flamengo. O palacete foi demolido em 1975, já na decadência da família Martinelli, e em cujo terreno Sérgio Dourado construiu um prédio de 25 andares, o Edifício Signori del Bosco.

No entanto a saga da família começou bem antes, como revelou a revista **Veja** em 1982. No final do Século XIX, o imigrante italiano Giuseppe Martinelli chegava ao porto de Santos para, com um diploma de Belas Artes e a prática de comerciante, amealhar uma das maiores fortunas da América Latina. Dono de bancos, companhias de navegação, construtoras, minas de ferro e carvão, ele construiu o primeiro arranha-céu da América do Sul, o Edifício Martinelli, em São Paulo para os filhos.

Os filhos

Do primeiro casamento, teve duas filhas, entre elas a mãe da gravadora Maria Bonomi. Do segundo, com Rina Cataldi, filha de sua lavadeira, teve um filho: José Benito Guilherme Mário Martinelli. Quando morreu em 1946, a herança que deixou era tão colossal que só o inventário pesava em papel cerca de 30 quilos.

Em menos de 20 anos, porém, José Benito, pai do Zezito, liquidou com a parte que lhe coube na herança. Tinha, entre outras coisas, 24 casas em Botafogo, três terrenos à beira-mar no Flamengo, o dote da Companhia Imobiliária que incluía o palacete da família, o terreno onde está o Hotel Meridien, em Copacabana, e um edifício comercial na esquina de Presidente Vargas com a Rio Branco, o Rio Douro.

A família, vendo que ele entregava suas propriedades por quantias irrisórias, pediu e obteve na Justiça em 1982 a sua interdição.

Ele gastou desordenadamente e destruiu seu próprio patrimônio, caindo na miséria por sua própria culpa. Muitos enriqueceram às suas custas.

José Monteiro de Aquino Martinelli é filho do casamento de José Benito com Marisa Monteiro de Aquino. Nasceu e cresceu vendo a decadência da família.

Testemunha acusa só os PMs pela morte do estudante

R.V.G., um dos três rapazes detidos com o estudante Ricardo Augusto da Silva Castanheiro, espancado por policiais militares na Padaria Pelotense, do Lins, desmentiu ontem — ao contrário de que afirmara a família Castanheiro, na sexta-feira — que o detetive Firmino Francisco da Silva ou qualquer outro policial civil tenha participado do espancamento do estudante: "Foram os nove PMs que bateram no **cara**, principalmente o sargento Maurício, que era o mais violento deles".

Conhecido no bairro pelo apelido de **Açúcar**, R.V.G. afirmou ainda não estar disposto a prestar depoimento sobre a morte do estudante, nem na delegacia nem da Justiça, porque teme represálias da Polícia Militar. "Se eu for chamado para prestar declarações vou dizer que não vi nada e que não sei de nada. Estou revoltado, como todo mundo, com o que os **caras** fizeram. Mas se falar, sei que eles vêm aqui e me pegam". Ele receia também a reação de sua família, "que não sabe que eu estou **metido** nesta **parada**".

Relato

Procurado em sua casa no Lins de Vasconcellos, R.V.G., um rapaz magro, de cabelos curtos e barba por fazer, inicialmente não quis dar informações, mas acabou contando que, na noite de terça-feira, por volta de 20h, conversava com três amigos no interior do Corcel de seu pai, estacionado na subida do Morro do Amor, também no Lins, "um lugar que realmente é meio sinistro".

— Foi quando chegou uma Patamo da PM (520144), a mesma que levou o Ricardo para a delegacia. Os soldados desceram, deram uma revista no carro e nos bolsos da gente, mas nada encontraram de ilegal. Já se preparavam para ir embora quando um deles chamou o sargento Maurício e disse ter achado, escondido debaixo do tapete, três papelotes de cocaína.

RVG garante que a cocaína não pertencia ao grupo: "Foram eles que colocaram os papelotes no carro para ver se tiravam uma grana da gente. Mas se deram mal, pois ninguém tinha dinheiro". Os dois amigos de **Açúcar** foram colocados na parte traseira da Patamo. Ele seguiu para a delegacia no próprio Corcel, escoltado por um dos policiais. Ao passarem pela esquina das Ruas Dona Romana e Pelotas, em frente à Padaria Pelotense, os PMs perceberam o tumulto — duas patrulhinhas já estavam no local — e pararam para ver o que estava acontecendo.

— Quando a gente chegou a coisa já estava adiantada. Dava para ver que o Ricardo já não estava legal, tinha marcas no corpo. Mas ali eu não cheguei a ver ninguém batendo nele. Vi quando colocaram ele no banco da frente do camburão porque ele dizia ser cabo do Exército (na verdade era soldado que deu baixa recentemente).

Segundo a testemunha, quando a viatura chegou à delegacia, depois de dar muitas voltas pelo bairro, evitando seguir o caminho mais curto, os nove PMs, irritados, voltaram a agredir o estudante. R.V.G. não percebeu agressões feitas por policiais civis. "Mas, apesar de tanta pancada, o **cara** ainda estava em pé. Acho que foi no caminho da delegacia para o hospital que ele apanhou ainda mais, até morrer", contou ele, sempre com o olhar para baixo.

Segundo o depoimento de **Açúcar**, eles foram liberados pelo sargento Maurício na porta da delegacia. "Nós não pagamos Cr$ 100 mil para fugir da prisão. Não sei por que eles nos soltaram", afirmou, contrariando o que a irmã de Ricardo, Elizabeth, disse ter ouvido na sexta-feira. Ontem, o delegado da 25ª DP, Heitor Rosa, admitiu que as informações prestadas pela testemunha coincidem em muitos pontos com o que foi dito pelo detetive Firmino.

— Que estes três rapazes não entraram na delegacia eu acho praticamente certo porque não consta nada dos registros daquele dia. — comentou o delegado.

Música e moto eram a diversão de Ricardo

Ricardo Augusto da Silva Castanheiro, 19 anos, era um jovem como tantos outros de sua geração: gostava de **rock**, música brasileira e da velocidade que experimentava em sua moto de 180 cc, quando nos fins de semana subia o Alto da Boa Vista, para beber vinho branco com sua namorada Liliana.

Querido pelos amigos e amado pela família — a mãe Maria Iracema Silva Castanheiro e sete irmãos — Ricardo Augusto era considerado o irmão mais calmo. Antes de morrer nas mãos dos policiais do 3º BPM, Ricardo não esqueceu de dar comida para seu amigo mais fiel, **Falcão**, um pastor alemão, por quem o rapaz tinha um carinho especial. Entre as coisas que guardava no pequeno quarto, dividido com dois irmãos, havia alguns poemas escritos por ele mesmo.

Sonhos

Para D. Maria Iracema falar de Ricardo Augusto foi preciso muito esforço. Emocionada, não conseguia conter as lágrimas. É do Hospital Salgado Filho, onde o rapaz foi levado pelos policiais, que a mãe de Ricardo guarda suas piores recordações. Ela relata que seu filho saiu de maca, coberto até a cabeça e, pensando que ele ainda estivesse vivo, ela levantou o lençol e viu as marcas de violência estampadas no rosto de Ricardo. Ele estava morto.

Há um ano e meio, Ricardo teve que interromper o curso de "Técnicas Comerciais", no Senac, para se apresentar ao Exército. Foi lá que, segundo sua mãe, se tornou uma pessoa "mais madura" e, apesar de ter perdido um ano nos estudos, o rapaz "aprendeu muito com a vida de quartel".

Poupando seus proventos, ele conseguiu o suficiente para comprar uma motocicleta, que gostava de desmontar e lubrificar ("ele vivia com as mãos sujas de graxa na sala") na sua minioficina, nos fundos de casa. A família paga um aluguel de Cr$ 210 mil, por uma casa de dois andares, com três quartos, duas salas e dependências. Moram no Lins há nove anos, desde que chegaram de Belém, após a morte do pai, o Procurador da Justiça do Trabalho, Viriato Castanheiro.

Ricardo Augusto pretendia terminar o curso de técnicas comerciais — o que representava o 1º grau — para depois fazer um outro curso de contabilidade e ingressar na faculdade de administração de empresas. Era o seu sonho. Freqüentava a Praia de Copacabana e era muito requisitado pelos amigos da Rua D. Romana, para consertar aparelhos de som.

Além do **rock** estrangeiro, não dispensava as músicas brasileiras, como Chico Buarque e o Barão Vermelho, ouvidos em seu **head-fone** que ele já tinha consertado uma vez. D. Maria Iracema se lembra da última conversa "séria" que ela teve com Ricardo.

— Ele sentou na poltrona da sala, com as mãos sujas de graxa, pedindo um pouco de atenção. Conversamos e ele falou que precisava de Cr$ 60 mil para tirar carteira de habilitação. Disse para ele que não tinha problema algum.

Considerado "uma pessoa caseira", Ricardo encerava seu quarto e, às vezes, até fazia comida para seus outros dois irmãos. As quatro irmãs são casadas e não moram com D. Iracema e o outro irmão mora em Manaus, com a mulher. A mãe de Ricardo diz que ele não era muito de ler, mas gostava de Carlos Drumond de Andrade e Fernando Sabino.

— Ele transmitia alegria — afirmam seus amigos — e o **astral** dele era um dos melhores. Freqüentava a padaria para beber uma cerveja e **bater papo** com os amigos. Foi justamente nessa padaria que ele acabou encontrando o que ele mais repudiava, a violência.

Recentemente, sua namorada Liliana recebeu um poema de Ricardo Augusto: **Para um mundo melhor**.

"É isso que vocês querem deixar para nós?/ Não basta de violência, ódio e desarmonia?/ Nós crianças de hoje e do amanhã/ Precisamos de paz, amor, carinho, compreensão/ Por favor, não deixem que um estranho me adote/ Por favor, não deixem essa sociedade infantil que temos, hoje, abandonada, largada pelas ruas das grandes cidades do mundo/ Hoje em dia meus olhos já não suportam mais ver irmão matando irmão/ Essa violência desnecessária, essa horrível miséria que, a todo instante,/ O meu coração sente".

Arquivo

Após a agressão que resultou na morte de Ricardo, amigos e vizinhos depredaram a padaria, acusando o dono de ter chamado a PM

Lins, um bairro sem vida própria

Na Zona Norte do Rio, a 12 quilômetros do Centro, encravado entre o Méier e o Engenho Novo, cercado de morros e favelas. Um bairro estritamente residencial, sem cinemas, praças, agências bancárias, posto dos Correios, bar da moda, supermercado, hotéis ou motéis. Um subúrbio da Central sem estação de trem e com transporte precário — até os ônibus, 442 (Lins—Urca), 231 e 232 (Lins—Praça 15), 230 (Boca do Mato—Rodoviária) e M-63 (integração do metrô, Boca do Mato—Saens Peña), fazem ponto final no Méier e passam cheios por lá. E é no Méier que seus moradores fazem compras, almoçam ou jantam fora, vão a bailes no Clube Mackenzie e param nas esquinas para beber e conversar.

Este é o Lins de Vasconcelos onde morava Ricardo Augusto da Silva Castanheiro, de 19 anos, até ser brutalmente assassinado por policiais depois de seqüestrado na porta de uma padaria em que bebia com amigos, encostado no balcão — um hábito comum no bairro de poucos bares com mesas na calçada. Um subúrbio pequeno, com apenas uma clínica particular mas com dois grandes hospitais públicos — o Naval Marcílio Dias, onde o ex-presidente João Figueiredo foi operado no olho, e a Maternidade Carmela Dutra, uma das maiores e mais tradicionais do Rio.

Samba e favela

Nas 37 ruas do bairro — a principal é a Lins de Vasconcelos —, o Carnaval não é tão animado como antigamente, embora o Lins tenha dois blocos carnavalescos — Mocidade do Lins e A Pomba Rolou — e duas escolas de samba — a Unidos do Cabuçu, única presidida por uma mulher, Teresinha Montes, e a Lins Imperial, que prefere fazer seus ensaios no pátio de uma escola pública no Méier.

As 10 favelas, algumas com nomes poéticos como do Amor, do Céu, do Encontro e da Cachoeirinha, não chegam a tirar do Lins a imagem de bairro de classe média. Nos morros se equilibra boa parte dos 60 mil moradores do bairro que viram na última década as casas simples e coloridas serem derrubadas para dar lugar a prédios altos com nomes pomposos como Etoile, Val de Loir e Plaza Mayor, anunciados pelas incorporadoras como localizados "no melhor ponto do Méier".

— Parece que eles têm vergonha de dizer que moram no Lins — diz, chocado, o Sr. João Melo, 77 anos, há 34 no Lins, referindo-se aos novos moradores do bairro. "Antigamente o Lins era gostoso, tinha um bom clima, pouco barulho e muitas vilas. Hoje, só as vilas permanecem", lembra **seu** Melo que sente falta da animação dos carnavais da década de 50 quando saía na Banda do Lins. "O carnaval agora é **fraquinho**, o pessoal vai todo para a cidade".

Clube Alemão

Dona Argemira de Sousa, 78 anos, também se recorda da banda e do carnaval de rua do Lins. "A gente tirava licença para fechar a rua de 5 à meia-noite e pulava **pra** valer". E fala com saudade dos bailes do Colégio Sílvio Leite e das festas ao ar livre organizada no Dia 1º de Maio pelo Clube Alemão, na Rua Aquidabã. "Os alemães pagavam tudo, quem foi a uma dessas festas nunca mais se esqueceu".

Mas o Brasil entrou na Segunda Guerra contra os alemães, o Exército tomou o Clube e ali instalou o Crifa — Centro de Recuperação dos Inválidos das Forças Armadas. Hoje, no prédio reformado, funciona a 1ª Companhia de Comando do 1º Exército e o único clube do bairro, a Associação Recreativa do Lins, pouca gente conhece.

O clima ameno para um subúrbio, o ar puro e as muitas mangueiras das ruas levaram Dona Argemira a trocar Botafogo pelo Lins, há 52 anos. Neste tempo o clima não mudou muito e se as seis indústrias registradas na 13ª Região Administrativa não chegam a poluir o ar — duas são confecções — os carros e ônibus tornam o Lins barulhento e sujo.

— Antes isso aqui era uma só família. Todo mundo se conhecia. As pessoas davam festas, cada um levava um prato. Briga, só coisa leve, sem violência. Eu mesma já peguei em muito pedaço de pau para separar briga da garotada — conta Dona Argemira, corpo franzino, hoje quase cega. "E não se ouvia falar de maconha, não. Hoje, **eles** sobem os morros de **motoca** para comprar tóxico".

A facilidade com que se compra tóxico nas ruas do Lins parece assustar também **seu** Rodrigo, comerciante há 30 anos. "Agora, o tóxico está em toda parte", lamenta. Para ele, os maiores problemas do bairro são os acidentes no cruzamento das Ruas Aquidabã e Vilela Tavares e os assaltos.

Numa farmácia da Rua Pedro de Carvalho, o vendedor conta que às oito horas da noite nenhuma loja fica aberta. "O comércio fecha com medo de assalto. A Associação de Moradores do Lins quis instalar uma cabine da PM mas não conseguiu nem a décima parte do dinheiro necessário. A campanha fracassou e o dinheiro foi todo devolvido. O comércio do bairro — formado por lojinhas, quitandas e mercearias — continua à mercê dos assaltantes".

Faroeste na escola

As ruas próximas às favelas são evitadas por quem procura casa ou apartamento. (O aluguel médio de um apartamento de dois quartos é de Cr$ 300 mil, bem menos do que no Méier). "Não é um bairro valorizado por causa das favelas. Na encosta da estrada Grajaú—Jacarepaguá se mora bem e barato. Mas é perigoso", conta Maurício Coutinho, contador, há três anos no bairro.

Em ruas como a Cabuçu, Baronesa de Uruguaiana, César Zama, Heráclito Graça e Maria Luisa os moradores já se acostumaram a ouvir gritos e tiros trocados por quadrilhas de traficantes dos morros próximos. O pátio da Escola Municipal Ministro Gama Filho, na Rua Engenheiro Eufrásio Borges, já serviu de cenário para um tiroteiro no melhor estilo dos **westerns** de Hollywood. A escola fica em frente ao Morro da Cachoeira Grande.

— Aqui tem uma turma só de bandidos — conta Rosângela Silva, de 19 anos, estudante. Eles não nos assaltam, mas metem medo com seus gritos e tiros. E não falam com ninguém, com medo de serem delatados. Todo mundo sabe onde ficam as **bocas-de-fumo** e vem gente de outros bairros comprar tóxicos aqui".

No Lins, joga-se no bicho tão ostensivamente como em qualquer outro lugar do Rio. Os pontos do bairro pertencem ao banqueiro José Scafura, o **Piruinha**, que comanda tudo de sua central, na Abolição, segundo informa o empregado de um dos pontos. "E ele ainda financia o Carnaval da Lins Imperial".

— É um bairro saneado, com água, esgoto e luz elétrica na maior parte das favelas — explica Márcio Augusto Di Casafiori, presidente da Associação de Moradores do Lins. Com uma ponta de revolta pelo fracasso da campanha em favor da cabine da PM, ele define o morador do bairro como "classe média-média, acomodado". "Parece até que aqui não tem assalto".

Bandidos famosos

Morador no Lins há 30 anos, Márcio foi criado na Rua Pelotas, bem perto do local onde Ricardo Augusto foi assassinado. Seus filhos brincam, jogam bola e soltam pipa com as crianças da favela, "democraticamente". "A separação virá mais tarde", analisa ele. A Associação de Moradores tem muito trabalho. Orienta mutuários do BNH, reclama com a Comlurb limpeza das ruas e com a Cedae a renovação das galerias pluviais. Mas o problema maior é mesmo a falta de segurança.

— No passado, bandidos famosos como o **Lacraia** e o **Fantasma**, da quadrilha do **Cara de Cavalo**, fizeram fama no bairro. Hoje, **Tatão**, um menor com vários assaltos, homicídios, prisões e fugas no currículo é o terror do Lins. Mas um crime tão hediondo como a morte desde rapaz não vi ainda — conta Márcio que tem a ingrata tarefa de cobrar do 3º Batalhão da PM mais policiamento para as ruas.

— A polícia tem atendido a 90% de nossos pedidos. Só não faz mais porque não pode. Nosso relacionamento com o comandante do Batalhão, Coronel Jorge Francisco de Paula, é excelente. Antes de o Coronel assumir, o Lins estava entregue aos marginais — diz Márcio que compreende a dificuldade para um batalhão com, calcula ele, mil homens policiar mais de 20 bairros.

O Lins não tem nenhuma delegacia e para se registrar uma ocorrência policial é preciso anotar direitinho o endereço. Se for uma área mais próxima do Méier, o caso fica com 23ª DP. Se for para os lados do Engenho Novo fica com a 25ª DP. Um antigo morador do bairro diverte-se contando o caso de um amigo que levou horas para registrar um acidente na Rua Fábio da Luz.

— Os dois delegados insistiam em saber o ponto exato da ocorrência para saber em que delegacia registrar. É que cada metade da rua fica sob uma jurisdição.

A Administradora Regional da 13ª R.A., Marise Oberlainder Mello de Athayde, assumiu há duas semanas e ainda está "arrumando a casa". Conhece pouco do Lins. Sabe que ele depende do Méier para tudo e que suas ruas se confundem com as desse bairro e do Engenho Novo. Reconhece que vai ter muito trabalho para atender ao Lins e mais 10 bairros de sua região. Mas está otimista. "Das 27 favelas da área, 17 têm associações de moradores, o que torna tudo mais fácil", diz Marise.

ÂNGELA REGINA CUNHA

Arquivo/1930

Yolanda, R. G. Sul

Arquivo/1949

Jussara, Goiás

Foto de Viviane Rocha

Yolanda, a primeira brasileira a ser Miss Universo, esteve com Jussara, Marta e Jean

Arquivo/1954

Marta Rocha, Bahia

Arquivo/1960

Jean, Guanabara

Almoço reúne 12 misses Brasil pela primeira vez sem as mães

Só faltavam as mães. No almoço que reuniu ontem 12 misses Brasil, uma miss São Paulo, a organizadora Maria Augusta, o publicitário Walcir Viana (que está pesquisando para escrever o livro "**Dossiê das Misses**"), poucos artistas e vários amigos, inclusive o fotógrafo Antonio Rudge do extinto **O Cruzeiro** e da **Manchete** (Gervásio Batista, fotógrafo também dos concursos de miss não pôde vir por ser atualmente o fotógrafo oficial da Presidência da República) as conversas giravam sobre os filhos e recordações dos tempos em que representavam a beleza nacional, e três delas a internacional.

Yolanda Pereira de Oliveira, hoje com 75 anos, e Marta Vasconcellos foram Miss Universo. Lucia Petterle, segunda colocada no concurso de Miss Brasil de 1971, foi escolhida, porém, a Miss Mundo daquele ano, em Londres.

Bem vestidas e maquiladas, acompanhadas dos maridos ou filhos, as misses reviveram, na varanda da casa de Adalgisa Colombo Teruskin, no Joá, os tempos de pose, sorrisos e elegância estudada. Não se cansaram de ser fotografadas e filmadas para a televisão, e comportaram-se exatamente como Maria Augusta Nielsen, que as ensaiava na época dos concursos, sempre desejou: perfeitas.

Miss desde 1930

Sentada confortavelmente num sofá, com um vestido rosa em um xale branco, a decana das misses brasileiras, Yolanda Pereira de Oliveira, que em 1930 venceu os concursos de miss Pelotas, Miss Rio Grande do Sul e Miss Brasil, conquistando depois o de Miss Universo. Aos 75 anos, mãe de quatro filhos e esposa de um oficial da Aeronáutica, Yolanda se desculpava por não se levantar para cumprimentar as colegas que chegavam: eram problemas com as pernas. Doem muito e ela preferia ficar sentada, até a chegada de Marta Rocha e de Vânia Pinto, Miss Brasil em 1939, que, demonstrando uma audácia própria da época, posou para uma foto daquele ano vestindo um sóbrio vestido de fazenda xadrez mas com uma piteira presa entre os dedos da mão erguida até próximo do rosto. Bela naquele tempo, mantinha a beleza ainda, embora já não enxergue muito bem em ambientes fechados. Uma sobrinha a auxiliava a encontrar a bolsa e outros pequenos pertences espalhados pela sala florida e aconchegante da casa de Adalgisa Colombo.

Ana Cristina Ridzi, Miss Brasil 1966, estava lá com o marido Sérgio Kathar, um especialista em misses Brasil (já que como diretor da extinta TV Tupi promovia os concursos que a televisão transmitia) e os três filhos, duas bonitas meninas: Margareth, de 15 anos e Krisna, de 13; e Sérgio. Ana Cristina tem saudades das reportagens que **O Cruzeiro** fazia a cada concurso e lamentou que, com o fechamento da TV Tupi e da revista, os concursos perderam seus principais promotores.

"O concurso de Miss Brasil agora passou a ser mais um programa de auditório", afirma Adalgisa Colombo Teruskin, que também não tem acompanhado a eleição das misses desta década.

Waldir Viana, que está juntando material para publicar, ainda este ano, o **Dossiê das Misses** contando como eram feitos os concursos, acredita que ainda há como se fazer uma escolha de Miss Brasil como as de antigamente. Para ele Sílvio Santos ainda não conseguiu uma boa produção para o concurso. Maria Augusta, aquela que usava um bastão e a cada toque no chão as misses começavam a andar, rodopiavam ou ficavam de lado, de frente e de costas para o júri, diz que tem uma boa idéia "para levantar o concurso, mas não conto se não copiam". Dona do Studios Maria Augusta, que além de ensinar manequins, dá aulas de egiptologia e de controle da mente pelo método Silva, porque"atualmente a mulher não quer ser só boneca", Maria Augusta conta que um grande segredo para que seu trabalho desse certo era manter as mães longe das filhas.

"Muito amigavelmente eu conversava com elas dizendo que a presença junto às filhas só deixava as meninas mais nervosas e inibidas", conta. Além de ensaiar o andar, a paradinha, a meia volta e o sorriso das moças, Maria Augusta também ajeitava cabelos, dava retoques em maquilagens e sugeria modificações nos vestidos.

Revendo "as filhas", Maria Augusta se impressionou com a semelhança entre Jean MacPherson, Miss Brasil de 1960, e a filha dela. Ficou encantada com as filhas de Ana Cristina Ridzi e não sabia como fazer para falar com todas que estavam na sala, pois foi das últimas pessoas a chegar à casa de Adalgisa e o churrasco já estava prestes a começar.

Almoço sem fotos

Antonio Rudge não levou a máquina fotográfica para o almoço das misses, e preferiu conversar com todas, um pouquinho de cada vez, recordando o tempo em que, nervosas pelo estafante programa de fotos e gravações, as misses choravam, ou o procuravam para dizer o que estava acontecendo nos bastidores do concurso.

Grande figura é a Marta Vasconcellos, a baiana que foi Miss Universo, mas não teve a projeção de Vera Fischer, por exemplo, compara ele. "Vera me deu muito trabalho. Era muito introvertida e a gente tinha de ficar mandando "sorri Vera, olha para cá Vera, fica ali Vera", recorda-se Antonio Rudge.

Ontem Vera Fischer não pôde acompanhar as colegas no almoço porque tinha de atuar na matinée de sua peça **Negócios de Estado**, no teatro Clara Nunes. É atriz de sucesso.

Rejane Vieira da Costa, Miss Brasil 1972, comerciária de Pelotas, de onde saiu também Yolanda Pereira de Oliveira, foi apresentadora de telejornais no Rio Grande do Sul e é manequim, tendo antecedido Luiza Brunet como modelo exclusivo da Dijon. As primeiras fotos foram feitas com Rejane, que usa o sobrenome Goulart, do primeiro marido, primo do ex-Presidente João Goulart e pai de seu filho de seis anos, Rodrigo. Mais bela que em 1972, Rejane confessou que foi a primeira Miss que falsificou os documentos para poder entrar no concurso. Tinha 17 anos quando venceu a escolha de Miss Pelotas e até o tabelião da cidade ajudou no fornecimento de certidões que atestavam ter ela 18 anos, primeira condição para ser miss.

Waldir Viana, apaixonado pelas misses a ponto de fazer pesquisa para escrever um livro, acha que o concurso de misses ainda tem um certo charme.

"Minhas duas sobrinhas, de 8 e 9 anos, sonham em ser Miss Brasil. No fundo, no fundo, o que toda moça quer é ser uma segunda Marta Rocha", sentencia.

SANDRA CHAVES

Engenheiro diz que foi seqüestrado, embebedado e solto junto a motel

O engenheiro Carlos César de Carvalho Cerqueira, 40 anos, pesquisador do projeto de rastreamento de radar do Centro Tecnológico do Exército, em Guaratiba, foi seqüestrado às 18h30min de sexta-feira por três homens que ocupavam um Passat branco na Rua Carlos Góes, Leblon, e depois abandonado, ontem de manhã, na Barra da Tijuca, depois de tê-lo embebedado.

O engenheiro disse que durante o tempo em que permaneceu com os criminosos estes lhe perguntavam se ele era militar do Exército. Ele disse que era apenas engenheiro e funcionário civil deixando os seqüestradores surpresos. Pela madrugada, ele foi levado até o posto do Banco 24 Horas, no Barrashopping, onde digitou sua senha e sacou o saldo — Cr$ 240 mil — por ordem dos três homens. As investigações estão com 14ª DP e a PE do Exército. Ninguém da família deu queixa à polícia sobre seu desaparecimento.

Na 16ª DP, para onde foi levado por uma patrulha da PM, que o encontrou sentado na escada da igreja São Francisco de Paula, na Praça Euvaldo Lodi, o engenheiro disse que após o trabalho parou em um bar, no Leblon, onde bebeu. Depois foi ao consultório de sua dentista, onde iniciou um tratamento de canal. Ao deixar o consultório, foi a pé para sua casa, na Selva de Pedra, e, quando passava na Rua Carlos Góes, um carro Passat branco de quatro portas parou perto dele, dois homens saltaram e foi empurrado para o interior do carro.

Ficou deitado no chão do banco traseiro e o carro rodou muito. Quarenta minutos após o seqüestro, os bandidos lhe perguntaram se ele era militar do Exército, respondendo que não. Algum tempo depois, eles voltaram a insistir: "Mas você não é militar?", ao que ele voltou a negar. Mais tarde, o carro parou, um dos seqüestradores apanhou sua mochila com os documentos e foi em companhia de um comparsa para local distante. Carlos Cesar ficou no carro com o terceiro homem que o obrigou a beber meia garrafa de batida de limão. Três horas depois, os dois homens voltaram e disseram que "não tinha nada a ver". Então, o carro começou a rodar por várias ruas, até que parou no BarraShopping. Ali, ele entrou no Banco 24 Horas e os seqüestradores obrigaram-no a ele digitar sua senha para verem seu saldo. Tinha Cr$ 240 mil e eles mandaram sacar tudo. O engenheiro conta ainda que rodou mais algum tempo e foi largado na porta do Motel Hollyday, na Estrada de Furnas esquina com a Estrada do Itanhangá. Desnorteado, afirmou Carlos Cesar, que andou até a Praça Euvaldo Lodi, de onde ligou para seu pai, o Coronel Júlio Cesar Cerqueira e uma patrulha o recolheu, levando-o para a 16ª DP.

O delegado Cláudio Gonçalves iniciou as primeiras diligências e elaborou o retrato-falado de dois dos seqüestradores, o que foi feito pela própria vítima, que também é desenhista.

Comerciário é morto com 11 tiros

O comerciário Waldeck Barbosa Guida de 33 anos foi encontrado morto com 11 tiros, na Rua Saint Roman, em frente ao nº 95, em Copacabana — informaram policiais da 13ª DP. Ele usava calça **jeans** e camisa xadrez e não levava qualquer documento de identidade.

O delegado Hermano Rocha, da 13ª DP, está considerando a possibilidade de o corpo ter sido abandonado na Rua Saint Roman, já que Waldeck não era conhecido por nenhum morador das proximidades. Peritos do Instituto de Criminalística Carlos Éboli encontraram 11 perfurações de bala e marcas de pneu no corpo, indicando atropelamento no corpo do comerciário.

Ladrões roubam de casa em Santa Teresa roupa, TV, Som e Cr$ 150 mil

Marcelo Lana Braga Costa, 23 anos, funcionário do Instituto de Produções Culturais Univerta, teve sua casa na Rua Hermenegildo de Barros, 154, Santa Teresa, arrombada durante a madrugada de ontem. Os invasores entraram por um basculante e, enquanto Marcelo dormia, roubaram uma televisão colorida, um aparelho de som CCE, roupas e Cr$ 150 mil. A queixa foi registrada na 7ª DP.

Em Madureira, o médico Thaumaturgo da Silva Caio Júnior foi atingido por um tiro no pé, disparado por um dos dois homens que tentaram roubar seu Del Rey VU 3837. O carro estava estacionado debaixo do Viaduto Negrão de Lima.

Emanuel Freitas Atala — 43 anos, médico, mora em Ipanema. Teve sua capanga, contendo quatro talões de cheques e documentos, furtada no interior de seu consultório, na Rua Moncorvo Filho, no Centro.

Norma de Aquino Viana Tecly — mora em Botafogo. Seu carro, um Parati UŠ 2560, foi furtado na Rua Fonte da Saudade, Humaitá. A 15ª DP registrou.

Maria Elisabeth Salgado — mora em Botafogo. Um menor roubou seu relógio no interior do ônibus 584, linha Cosme Velho—Leblon.

César Augusto Almada Andrade — 32 anos — teve seu táxi, Voyage TM 0559, roubado por um homem armado na Avenida das Nações Unidas, em Botafogo.

Luís Roberto Falcão Ferreira — 31 anos, mora no Estácio. Dois homens armados roubaram seu relógio Champion e Cr$ 50 mil, na Avenida Paulo de Frontin, Rio Comprido.

Carlos Eduardo Bueno Neto — 41 anos, mora no Leblon. Foi à 14ª DP registrar queixa contra sua empregada, Cristina Penha, que fugiu de sua residência, após furtar um colar de ouro branco, uma aliança de ouro, uma mochila e um revólver calibre 38.

Márcio Souza Sampaio — 46 anos, mora na Cidade Nova. Deixou seu Monza UO 5442 na garagem do prédio, onde mora, na rua Afonso Cavalcanti. Na manhã de hoje, quando foi buscar o carro, percebeu que os faróis de milha do carro foram furtados.

Sérgio Renato Rocha, 22 anos, **André Luís Marinho**, 26 anos, e **Celso Batista**, 20 anos, moram em Belford Roxo. Os três foram presos quando tentavam derreter cerca de 150 quilos de cobre dos fios dos cabos telefônicos da Telerj, furtados na Rua Argentina em São Cristóvão.

Sérgio Dourado aguarda penhora para defender-se na CEF

A Sérgio Dourado Empreendimentos S.A, para defender-se, vai aguardar a penhora dos prédios hipotecados à Caixa Econômica Federal — Parque Atlântico Sul, Riviera Dei Fiori, Empreendimentos Apart-Hotel, Village São Conrado, Cidade do Leblon e Centro Comercial Cândido Mendes — conforme o artigo 655 do Código de Processo Civil, segundo explicou, ontem, o principal advogado da empresa, Sérgio Bermudes.

Na última sexta-feira a CEF entrou com uma ação, na 11ª Vara Federal, para a Sérgio Dourado pagar os Cr$ 130 bilhões que lhe deve. O presidente da Caixa, Marcos Freire, afirmou que todas as tentativas de composição amigável entre as partes foram feitas, mas o advogado Sérgio Bermudes salientou que, "no atual Governo, só houve um rápido encontro" quando a CEF ficou de estudar a proposta apresentada pela empresa. "Ao invés de uma contraproposta, houve o anúncio surpreendente que a CEF resolveu executar a dívida", declarou o advogado.

O principal advogado da Sérgio Dourado Empreendimentos S.A explicou que, depois de o juiz proferir sua sentença sobre a defesa apresentada pela empresa, esta ou a Caixa Econômica Federal poderá recorrer ao Tribunal Federal de Recursos e aguardar a decisão. Em seguida, uma das partes poderá recorrer ainda ao Supremo Tribunal Federal.

Os bens hipotecados irão a leilão. Se houver quem queira comprá-los (são três conjuntos residenciais de luxo, um apart-hotel e dois prédios comerciais), serão vendidos e o dinheiro entregue à Caixa Econômica Federal. Caso isto não seja possível, os imóveis ficarão com a Caixa. Enquanto não houver uma decisão, os compradores dos apartamentos e salas continuarão a ocupá-los.

Ação poderá evitar o leilão

A ação de embargo de terceiros é o caminho judicial para os compradores de imóveis cujas hipotecas não foram quitadas pelos incorporadores tentarem evitar o leilão para ressarcir o agente financeiro.

Nos recentes casos envolvendo a Caixa Econômica e a Sérgio Dourado, alguns advogados acham que os compradores têm possibilidade de ganhar a ação, pois o comportamento do agente financeiro pode ser questionado, sobretudo em relação ao pouco rigor que teria adotado na concessão de créditos.

Na hipótese de a Caixa Econômica, amparada por dispositivo legal, entrar com a ação contra a Sérgio Dourado no sentido de executar a hipoteca dos imóveis, os compradores serão obrigatoriamente informados e arrolados, ocasião em que terão oportunidade de entrar com a ação de defesa de seus bens. O esclarecimento é do advogado Marcelo Guimarães Rodrigues, que ano passado conseguiu retirar da hipoteca uma sala adquirida por seu pai no edifício Cidade do Leblon, após ingressar na Justiça contra a empresa Sérgio Dourado.

Alternativas

Segundo o advogado, a hipoteca em si, quando feita dentro de procedimentos corretos, não representa nenhuma ameaça: "ao contrário, tem sido uma instituição altamente eficaz para o desenvolvimento da construção civil, fato comprovado por estudos realizados nos Estados Unidos".

— A partir de 1945, quando a instituição da hipoteca passou a ser utilizada na construção civil, o mercado norte-americano do setor experimentou um crescimento bastante positivo. Na Alemanha, conforme artigos de autores especializados, a hipoteca impulsionou a construção de habitações e hoje não temos a menor dúvida de que a sua utilização no Brasil proporcionou a abertura de créditos e permitiu a execução de planos habitacionais", comentou o Marcelo Guimarães Rodrigues.

É usual, no Brasil e em outras partes do mundo, o órgão financeiro inserir a hipoteca no contrato com as empresas incorporadoras, pois ela é inscrita no Registro Geral de Imóveis e tornou-se um dispositivo de garantia real de ressarcimento do débito, se o empréstimo não for quitado. Praticamente, todos os grandes empreendimentos do setor privado da habitação no Brasil estão presos a esse dispositivo.

Para o advogado Marcelo Guimarães Rodrigues, o aconselhável é que os interessados em comprar imóveis pelo sistema de incorporação leiam com atenção os contratos, questionem todas as dúvidas e procurem mesmo uma assistência jurídica, embora a maioria dos documentos de compra e venda de unidades apresentados pelas empresas sejam padronizados.

Ele acentua que há itens subordinados à Lei de Incorporação Imobiliária, mas outros ficam ao livre arbítrio das partes contratantes "e quase sempre o comprador assina o documento aderindo às cláusulas estipuladas pelas empresas". Acima de qualquer suspeita, conforme frisa o advogado, "está o direito de as pessoas conhecerem o que estão firmando, razão pela qual devem estar atentas e bem informadas".

Foto de Gilson Barreto

O geólogo Antonio José e o engenheiro Fernando são seguranças

Serventes e contínuos da Câmara têm curso superior

A frustração na busca de um emprego para exercer a profissão para a qual estudaram vários anos levou para a Câmara de Vereadores, em concurso recente, além de inúmeros universitários, professores, engenheiros, economistas e advogados, que ocupam cargos de serventes, contínuos ou seguranças. "Isso acaba nos trazendo problemas", diz o Vereador Sérgio Cabral (PMDB), que vê a relação com esses servidores como "constrangedora".

Os servidores, no entanto, não demonstram nenhum constrangimento em exercer funções que nada têm a ver com a profissão em que se formaram. Um deles é o geólogo Antônio José Sartori Panaro, segurança do portão lateral da Câmara há dois meses. Ele está "muito feliz" em ter conseguido um emprego para "viver com tranqüilidade". Antônio José teve a imediata aprovação do que disse por seu irmão, o engenheiro civil Fernando Miguel, também recém-contratado como segurança da Câmara Municipal.

Sem opção

No último concurso da Câmara foram contratados 32 seguranças, com o salário de Cr$ 1 milhão, além de 40 serventes e 20 contínuos, ganhando salário mínimo. A maioria dos aprovados para esses cargos é composta de universitários ou tem curso superior. O maior número de formados faz parte do quadro de segurança, mas exercendo as funções de serventes e contínuos, além de vários universitários, há também engenheiros, advogados e professores.

Sergio Lassance O'Reilly, 25 anos de idade, solteiro, é professor de Educação Física e está no segundo ano de Engenharia. Trabalha como segurança na Câmara porque "faltou opção". Não se queixa da função que exerce e sim da falta de oportunidade ao terminar a faculdade. Atualmente, o professor de Educação Física precisa ter dinheiro para montar uma academia "senão dança". As oportunidades são dadas em maior número aos estagiários, que trabalham por salários mais baixos.

Sergio fez concurso para professor do Município e passou, mas desistiu porque o salário é muito baixo. Na Câmara, tem planos para o futuro. Um deles é propor a organização de uma colônia de férias para os vereadores e funcionários, "para ver se consegue se realizar profissionalmente".

Primeiro colocado

Primeiro colocado no concurso para a Câmara para o quadro de segurança, Antonio José Sartori Panaro, 25 anos de idade, solteiro, se formou em Geologia, há dois anos, pela UERJ e está no 2º ano de Direito. Até ser contratado pela Câmara, conseguiu, com a ajuda de um ex-professor de Metalogenia, um estágio na Companhia de Pesquisas e Recursos Minerais e saiu "por falta de perspectiva de um emprego".

Além de fazer concurso para a Câmara, Antonio José fez também concurso, e foi aprovado, para a Sunab, para a Polícia e para bilheteiro do Metrô. Com 1m90cm de altura e 109 quilos, ele garante que não foi o seu físico que o levou a trabalhar como segurança da Câmara. "O que faço aqui é mais um trabalho de relações públicas e, como procuro sempre tratar bem as pessoas, não tenho tido dificuldades na função."

Antonio José, no entanto, não pretende parar por aí. Pretende ser perito em geologia, no quadro da Polícia ou, como advogado, "meu sonho é chegar à Defensoria ou à Promotoria". Mas é com satisfação que fala de seu irmão Fernando Miguel, engenheiro civil, especialista em estruturas que, como ele, também foi aprovado em outros concursos.

Vereadores Debatem

O fato de pessoas com curso superior terem sido contratados para exercer funções que exigem apenas o primeiro ou segundo graus, na opinião do Vereador Wilson Leite Passos (PDS) deve ser visto de duas maneiras: como resultado da falta de emprego, que obriga as pessoas a buscarem uma função, mesmo não compatível com o seu nível de instrução, ou os que fizeram o concurso com certa malícia. Estes últimos, segundo o vereador, fizeram as provas já na expectativa de não exercerem a função e, posteriormente, pretenderem a reclassificação, alegando o nível superior que possuem. Alguns desses não querem trabalhar na função para a qual fizeram a prova. Nesse caso, acha o vereador que a Mesa Diretora deverá ser inflexível, moralizadora e, com base na lei, demitir quem não quer trabalhar".

Enquanto o Vereador Sérgio Cabral (PMDB) se diz "constrangido" em ter que dar ordens a um funcionário com funções não compatíveis com o seu grau de instrução, o Vereador Sidney Domingues (PDT), disse achar "ótimo que eles tenham conseguido um emprego e, por isso, me sinto muito bem em trabalhar com eles".

Já o Vereador Hélio Fernandes Filho (PTB) acha que esta situação está ligada à crise econômica do País. Mas, ao mesmo tempo, ele admite que houve uma distorção no ensino que levou "toda a classe média para as universidades". Quanto ao seu relacionamento com os novos servidores diz que é "ótimo" mas observa que fica "chateado de ver uma pessoa que se esforçou para ter uma condição melhor de vida e ter que optar por um cargo subalterno". "O pior", acrescentou, "são os que não passaram no concurso. Isso é que me constrange".

França diz não duas vezes a EUA na reunião de Bonn

Bonn — A oposição da França ao fim do 11º Encontro de Cúpula, que reuniu os sete países industrializados, impediu uma posição conjunta frente ao programa de defesa espacial Guerra nas Estrelas — ou Iniciativa de Defesa Estratégica — SDI, segundo a terminologia oficial — do Presidente Ronald Reagan.

— Na forma atual o SDI é interessante mas ainda não soluciona nossos problemas — disse o Presidente François Mitterrand.

Os países participantes acertaram a realização de uma nova rodada do GATT — Acordo Geral sobre Comércio e Tarifas, mas foram incapazes de fixar uma data. A resistência oferecida pela França prejudicou sobretudo o Governo americano, interessado em negociações em prazo breve.

O encontro terminou sem resultados ou brigas espetaculares, ofuscado em grande parte pela controvertida visita de Reagan, hoje à tarde, a um cemitério alemão da Segunda Guerra Mundial. Em diversas cidades alemãs, pelo menos 30 mil pessoas tomaram parte, ontem, em cerimônias lembrando os 40 anos do fim da guerra. Reagan foi severamente criticado.

[Reagan começa oficialmente hoje a visita oficial à Alemanha Ocidental com um discurso no campo de concentração de Bergen-Belsen, numa cerimônia que será boicotada pelo Congresso Mundial de Judeus em protesto contra a ida do Presidente americano ao cemitério de Bitburg. Bergen-Belsen ficará **judenrein** (sem a presença de nenhum judeu) durante a cerimônia, segundo o porta-voz da organização. Em Paris, centenas de pessoas gritaram **slogans** contra Reagan e contra o nazismo numa manifestação em frente à Embaixada americana.]

No centro de Bonn, a polícia enfrentou um grupo de 50 pessoas que atiravam pedras e garrafas, ao fim de uma manifestação pacífica em que cerca de 15 mil protestaram contra a política "neocolonialista, destinada à exploração do Terceiro Mundo, por parte dos países industrializados. Vitrinas de lojas foram quebradas e um grupo de **autônomos** (radicais) aproveitou para pichar edifícios e monumentos.

Aos países endividados, além de otimismo, as as sete nações industrializadas ocidentais tiveram pouco a oferecer. Os países credores fincaram pé na atual estratégia de renegociação da dívida externa dos subdesenvolvidos, tratando individualmente de cada caso e favorecendo a longo prazo para os que mostram progressos no reajustamento econômico.

Extremamente longo e inócuo em boa parte — entre outros, o Secretário de Estado George Shultz e o Primeiro-Minstro Yasuhiro Nakasone dormiram enquanto o chanceler Helmut Kohl o lia aos jornalistas — o comunicado final reflete consideráveis divergências também quanto à melhor estratégia de recuperação econômica: pela primeira vez cada país incluiu no texto seus objetivos particulares.

A delegação americana fez uma declaração de tom bastante forte, considerando essencial alcançar um rápido e apreciável corte nas despesas públicas, como maneira de reduzir o déficit orçamentário. De maneira geral, os participantes sublinharam a necessidade de manter políticas antiinflacionárias e de sustentar o crescimento econômico, mas ao contrário das expectativas despertadas pelos americanos não houve recomendações específicas sobre a melhor estratégia para reduzir o desemprego e **aquecer** economias.

Os países industrializados dedicaram um longo capítulo da declaração às relações com os países em desenvolvimento. Não houve qualquer modificação substancial em relação à posição adotada ao final do encontro de cúpula de Londres, no ano passado, no qual a resposta ao pedido de negociações políticas e globais, feito pelos países endividados, foi um sonoro "não".

"Crescimento do comércio mundial, taxas de juros baixas, mercados abertos e financiamento em termos apropriados a cada caso individual são essenciais para possibilitar aos países em desenvolvimento superar suas dificuldades. Em particular, o investimento direto de países industriais deveria ser encorajado. Nós acolhemos positivamente acordos de reestruturação da longo prazo entre países devedores e bancos comerciais", diz o comunicado.

Os países industrializados prometeram colocar recursos suplementares à disposição do Banco Mundial, e enfatizaram o"papel fundamental" reservado ao Fundo Monetário Internacional no tratamento de "caso por caso" de países endividados.

Quanto ao comércio, um tema de enorme importância na política interna americana no momento, os sete não conseguiram um consenso.

WILLIAM WAACK
Enviado Especial

Cidade do Vaticano — Foto da AP

Ao receber em audiência privada de 25 minutos a Primeira-Dama dos Estados Unidos, Nancy Reagan, o Papa João Paulo II condenou o uso de drogas, que qualificou de "mal social grave", e exortou à cooperação internacional para a erradicação do narcotráfico. O Papa elogiou a campanha contra as drogas iniciada por Nancy e afirmou que a Igreja Católica se preocupa com o problema dos entorpecentes, destacando que "a dignidade da pessoa humana é seriamente ofendida pela escravidão que resulta de sua dependência." O papa entregou à Primeira-Dama uma medalha especial do Vaticano e recebeu de presente um livro e uma caixa de vidro com uma miniatura da Casa Branca. À tarde, Nancy Reagan viajou para a Alemanha Ocidental

Bascos instalam bombas e depois avisam onde estão

Bilbao, Espanha — Guerrilheiros da organização separatista basca ETA advertiram, em comunicado a jornais de Bilbao e outras cidades bascas, ter colocado cinco bombas em balneários mediterrâneos na Espanha programadas para explodir ontem. A ETA revelou os locais onde estariam as bombas: a pousada Costa Blanca em Javea, o Hotel Melia em Alicante, o Hotel Montivoli em Villajoyosa, a praia de Majon e o clube La Dehesa de Campoamor.

A polícia foi colocada em total alerta nas áreas citadas mas ainda não tinha encontrado ontem nenhuma bomba. A ETA citou as explosões na quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira em praias próximo a hotéis nos centros turísticos de Bemidorm, Valença e Alicante e as bombas anunciadas ontem como parte de uma campanha para obter a independência das três províncias bascas ao norte da península: a ETA começou a operar em 1968 e assumiu até agora a responsabilidade pela morte de 525 pessoas, muitas delas policiais e oficiais militares.

Uma mulher alemã ocidental ligada ao grupo de guerrilha urbana liderado pelo terrorista Carlos Ramírez foi expulsa da França após cumprir uma pena de prisão por porte de armas. Um porta-voz do Ministério do Interior francês informou que Magdalena Kopp, 36 anos, completou a sentença imposta em abril de 1982 por um tribunal de Paris e foi escoltada até a fronteira com a Alemanha Ocidental.

Magdalena foi presa em fevereiro de 1982 no centro de Paris, junto com o suíço Bruno Breguet. Dez dias depois da detenção, Illitch Ramírez Sanchez (conhecido como **Carlos**) enviou uma carta à Embaixada da França em Haia ameaçando o Governo francês e exigindo a libertação dos dois.

Até descarga de carro assusta

Bruxelas — É só a descarga de um carro fazer um barulho maior em Bruxelas hoje em dia que todo mundo corre para se proteger. A"psicose da bomba", alertou um delegado de polícia, está afligindo os belgas desde que o grupo guerrilheiro Células Revolucionárias Comunistas (CCC) assumiu, esta semana, a responsabilidade pelas primeiras mortes de sua campanha contra alvos da OTAN.

Ao surgimento do grupo, os belgas reagiram quase com indiferença. Mas um atentado com carro-bomba contra os escritórios da Federação dos Empregadores belgas no 1º de Maio matou dois bombeiros e deixou 13 pessoas feridas. O que levou o Vice-Primeiro-Ministro belga Jean Gol a afirmar que uma rede internacional de guerrilha urbana está "ameaçando transformar Bruxelas na capital do terror na Europa".

Emergência

Repentinamente, a lenta caça às obscuras Células Revolucionárias passou à categoria de emergência nacional, com sessões especiais do Gabinete, mobilização política e incessante atividade policial. A **psicose da bomba** também trouxe à tona facetas condenáveis da natureza humana, informaram funcionários envolvidos na investigação dos atentados.

Policiais e oficiais paramilitares têm sido atormentados por trotes e denúncias falsas de bombas a cada hora que passa e dezenas de belgas vêm telefonando para a polícia para acusar inocentes vizinhos como possíveis extremistas, terroristas, criminosos ou suspeitos.

Funcionários da OTAN se dizem mais aliviados pelo fato de o Governo belga estar levando a sério as Células Revolucionárias, aumentando a segurança de alvos em potencial da guerrilha e reforçando com 400 homens a polícia.

As CCC inauguraram sua campanha de guerrilha em outubro do ano passado, com ataques a empresas de armamentos multinacionais ligadas à OTAN, sedes de partidos políticos de centro-direita e torres numa base aérea. Em dezembro, fizeram sua primeira ação espetacular: seis explosões numa só noite no oleoduto da OTAN na Bélgica.

Mas até meados de janeiro, quando houve num centro comunitário do Exército americano em Bruxelas, as CCC pareciam estar interessadas apenas em danificar propriedades e ganhar publicidade em vez de atingir pessoas. Só então o grupo emitiu um comunicado afirmando que já não encarava certas categorias da vida humana como sagradas e se dispunham a "matar ou ferir militares ianques e seus cúmplices". A advertência foi seguida por três meses de silêncio.

Quando as Células Revolucionárias voltaram à carga na quarta-feira, usaram a bomba mais complexa e potente de todos os seus ataques — uma caminhonete com 10 garrafas gigantes de gás e explosivos — detonadas por um coquetel molotov ligado a um marcador de tempo. A sofisticação da bomba e a variedade de explosivos utilizados pela CCC convenceram a polícia de que estão atrás de um especialista com ligações internacionais, talvez alguém com um **background** militar.

— O euroterrorismo parece ter uma rede de logística comum possivelmente concentrada na Bélgica — disse um investigador belga, lembrando explosivos semelhantes usados pela Action Directe, em Paris, em agosto do ano passado e pela Facção do Exército Vermelho alemã-ocidental em Oberammergau, Baviera, em dezembro.

PAUL TAYLOR
REUTERS

Honecker em Moscou busca reforçar unidade com URSS

Moscou — Para uma "visita amistosa", chegou a Moscou o líder alemão oriental Erich Honecker, que deverá se encontrar com o líder soviético Mikhail Gorbachev nas primeiras conversações plenas entre os dois Chefes de Estado. Honecker terá, com a visita, oportunidade de enfatizar a unidade entre Moscou e Berlim Oriental afetada no ano passado por divergências públicas sobre laços com a Alemanha Ocidental.

Honecker, que era considerado um dos mais leais aliados de Moscou no bloco socialista, cancelou uma visita à Alemanha Ocidental que tinha planejado para setembro do ano passado após a onda de críticas desfechada pelos meios de comunicaçao soviéticos contra os indícios de um descongelamento nas relações entre as duas Alemanhas.

Posteriormente, os dois países concordaram em coordenar a política externa, mas diplomatas dizem que persistiram algumas incertezas, refletindo a falta de contatos de alto nível devido ao estado precário de saúde do ex-Presidente Constantin Chernenko. No jornal do Exército soviético **Estrela Vermelha,** o Ministro da Defesa alemão oriental deixou entrever o tom dessa visita de Honecker, ao elogiar as relações entre moscou e Berlim Oriental e condenar a instalação de mísseis de médio alcance americanos na Alemanha Ocidental.

Confronto entre EUA e Nicarágua beira o rompimento

Dia a dia, novidade após novidade. O não diálogo dos Estados Unidos e Nicarágua chegou esta semana a um embargo comercial americano contra o Governo nicaragüense e a uma viagem do Presidente Daniel Ortega a países socialistas, iniciada pela União Soviética.

Os dois novos lances governamentais parecem ter provocado pelo menos um terceiro: o Congresso americano pode aprovar nesta semana que se inicia a "ajuda humanitária" aos contra-revolucionários nicaragüenses que havia rejeitado dia 23. Um quarto evento seria a constatação de que, definitivamente, o mundo olha para a América Central.

Viagem aguça crise

Os congressistas americanos, na sexta-feira, pareciam ter aceito a tese do Presidente Ronald Reagan de que a Nicarágua é um perigo para a segurança nacional dos Estados Unidos, simplesmente porque Ortega viajou a Moscou. Considerando-se que uma visita presidencial a vários países não se prepara de um dia para o outro, será que os congressistas não estavam informados da viagem que Ortega faria, pelos serviços secretos do mais poderoso país do mundo?

Desde que as ações clandestinas se tornaram públicas se soube, extra-oficialmente, que a CIA foi procurada por ex-guardas somozistas e que, com o apoio inicial de Honduras, coordenou a desestabilização da então Junta Civil-Militar de Reconstrução Nacional que estava no Poder na Nicarágua. Isso no final de 1981. As primeiras verbas para a CIA foram liberadas pelo Congresso mediante justificativa de que os contra-revolucionários iam ajudar a cortar o fornecimento de armas que Manágua estava fazendo à guerrilha esquerdista de El Salvador o que nunca foi provado por Washington.

Quando a atividade dos **contras** começou a crescer e o Congresso passou a ser informado pela imprensa americana de que a idéia era derrubar os sandinistas do Poder, isso no começo de 1983, as ações militares já haviam obrigado Manágua a adotar o estado de emergência (a 15 de março de 1982) e, como demonstraram jornais como **The Washington Post** e **The New York Times**, a investir maciçamente em armamento soviético.

Esse aumento de relações com os socialistas, seguido de uma radicalização sandinista contra a Oposição de esquerda e de direita, recebeu imediata crítica da Igreja católica, já insatisfeita com a saída da Junta de políticos moderados que lutaram contra o ditador Anastásio Somoza. Os sandinistas sempre assumiram o marxismo como linha ideológica, alegando, no entanto, que fazem uma experiência governamental diferente da adotada no bloco soviético.

Caminho certo

"Será a Nicarágua um Estado marxista-leninista? Seria já, ou estaria em vias de se tornar uma nova Cuba? Estas questões levaram Mario Vargas Llosa a passar um mês na Nicarágua e a escrever um artigo para **The New York Times Magazine** (edição de 28/4/85). O escritor peruano chegou à mesma conclusão do Instituto Internacional de Estudo Estratégicos, com sede em Londres: a política dos Estados Unidos para a Nicarágua é contraproducente. O diálogo americano-nicaragüense seria o caminho correto, como vem defendendo o Grupo de Contadora (México, Venezuela, Colômbia e Panamá).

A prova mais concreta disso vem do resultado que terá o embargo comercial contra a Nicarágua a entrar em vigor na terça-feira. Parlamentares democratas condenaram a medida adotada por Reagan, que se apoiou em legislação de emergência para a segurança nacional a fim de prescindir da aprovação do Congresso para seus atos. Disseram que esse boicote vai prejudicar o setor empresarial nicaragüense, atualmente com maiores possibilidades de lutar politicamente contra os sandinistas.

"A agricultura, a pecuária, o comércio e a indústria estão nas mãos da iniciativa privada", constatou Vargas Llosa, que no início de seu artigo fez questão de se defender da etiqueta de direitista que, por motivos que lhe escapam e a muitas outras pessoas, recebe "todo aquele que defenda a liberdade de expressão, eleições livres e pluralismo político na América Latina". E o escritor constatou mais ainda:

"A oposição política critica abertamente o regime através da Coordenação Democrática Nicaragüense (CDN), coalizão de partidos, sindicatos e grupos empresariais anti-sandinistas. E apesar de uma severa censura, críticas são veiculadas no diário **La Prensa**, no semanário **Paso a Paso**, e em dois ou três noticiários de rádio.

Luta política

Não são outras as informações que vêm divulgando os grandes jornais americanos, seja através de seus correspondentes, de parlamentares, de organizações humanitárias. É bem verdade que a severa censura existente, em conseqüência do estado de emergência em vigor, tem impedido por diversas vezes a publicação de edições do **La Prensa**. E também é verdade, como indicam as informações que veiculam as agências de notícias internacionais, que a política do "tudo ou nada" favorece mais os sandinistas do que a Oposição ou a Igreja.

Como bem lembrou Vargas Llosa, não é um traço marcante da ideologia sandinista o fato de os dirigentes nicaragüenses se agarrarem à legitimidade real que reside nas armas, mas uma certa tradição latino-americana. Quanto ao fato de a Oposição se marginalizar da realidade política, como foi o caso da não participação da CDN na eleição presidencial de novembro, o escritor peruano ofereceu uma mostra com o que registrou de sua conversa com Arturo Cruz, candidato presidencial da CDN e que, há alguns dias, reconheceu que o fato de ter recebido dólares da CIA o atrapalhou politicamente.

"Ele estava por alguns dias em Manágua e eu o encontrei em uma pequena casa em Altos de Santo Domingo. Cruz, que agora vive em Washington, é o mais importante líder da Oposição no exterior. Intelectual elegante, Cruz tornou-se presidente do Banco Central pouco depois da revolução e foi Embaixador do Governo nicaragüense em Washington antes de romper com os sandinistas. Perguntei-lhe o que a revolução produzira de bom.

"A reforma agrária é um projeto cuidadosamente concebido — responde — e a campanha contra o analfabetismo, o desenvolvimento rural, e a melhora no **status** das mulheres são todos pontos positivos. Mas sua realização mais importante é ter posto abaixo as tremendas barreiras de classe que antes dividiam a sociedade. O erro dos sandinistas é pensar que nenhuma dessas realizações é compatível com a liberdade".

Futuro da democracia

Esta não parece ser — mas é — uma declaração de um líder político oposicionista que está impedido de voltar a Manágua desde que assinou com chefes contra-revolucionários, em San José da Costa Rica, em fevereiro, um documento fazendo uma série de exigências que, se não atendidas até o final de março, levaria a uma ampliação das ações militares dos anti-sandinistas.

O Presidente Reagan encampou o ultimato dos **contras**, aos quais chegou a receber na Casa Branca, quando no dia 15 de abril iniciou campanha de propaganda para obter do Congresso 14 milhões de dólares em "ajuda humanitária" para os rebeldes, caso a Nicarágua não aceitasse o diálogo com a Oposição armada, visando a realização de nova eleição, conseqüentemente anulando as realizadas em novembro, que na opinião de Vargas Llosa "não foram mais fraudulentas que as eleições rituais do México ou as recentes do Panamá".

Nesta semana que se inicia, o Congresso americano — ao que tudo indicava na sexta-feira — poderá vir a aprovar algum tipo de ajuda aos **contras**. Se isso acontecer, ainda estará longe de acontecer o desejo-esperança expressado por Vargas Llosa, de que os Estados Unidos se dêem conta de que o regime sandinista não será derrubado pelos **contras** e que só se afastará a longo prazo da União Soviética e Cuba se houver negociação entre Washington e Manágua.

Ao contrário, como teme o escritor peruano, a causa da democracia na América Latina poderá estar rudemente ameaçada por uma futura intervenção militar direta americana. O bloqueio econômico foi um passo político dramático nesse sentido.

SEBASTIÃO MARTINS

Jalapa, Nicarágua — Foto da Reuters

A presença do miliciano, com armas modernas, é comum na fronteira com Honduras

Manágua — Foto da AP

As mulheres ampliaram sua participação política depois da derrubada de Somoza

Bloqueio comercial não afeta Cuba graças ao apoio da URSS

Havana — Cuba sobreviveu a 21 anos de embargo americano, semelhante ao que está sendo imposto agora à Nicarágua, graças à generosa ajuda soviética, a uma fatia do comércio da Europa Ocidental e a uma pitada de habilidade nacional. Os Estados Unidos romperam seus laços com a ilha do Caribe, três anos depois de os guerrilheiros de Fidel Castro terem marchado sobre Havana, em 1959, terminando quase meio século de dominação política e comercial americana.

Até então, Cuba era um virtual apêndice dos Estados Unidos, tendo uma indústria incipiente e dependendo quase totalmente dos produtos americanos, que iam de automóveis, refrigeradores e aparelhos de televisão ao trigo, à carne e à gasolina. O repentino rompimento, imposto pelos Estados Unidos em resposta à adoção do comunismo pelo regime de Havana, forçou Cuba a buscar ajuda urgente com seus novos aliados comunistas.

Fidel, visto por Ohlsson

Novo rumo

Petróleo e maquinaria pesada da União Soviética começaram a chegar aos portos construídos apenas para receber o tráfico quase diário dos barcos de passeio da Flórida. E o trigo do Canadá e o arroz da China contribuíram para evitar a fome. Uma dona-de-casa de Havana lembra agora que a vida era dura, naqueles tempos, pois os alimentos eram caros e nem sempre de boa qualidade.

Mas o caos do início dos anos 60 foi desaparecendo gradualmente, à medida em que a indústria e a agricultura locais passaram a ser administradas segundo os modelos soviéticos e os crescentes preços do açúcar no mercado mundial permitiram a Cuba um alívio econômico. Automóveis soviéticos foram, aos poucos, substituindo os Oldsmobiles, Thunderbirds e Pontiacs, enquanto engenheiros russos supervisionavam a construção de fábricas, hidrelétricas e siderúrgicas.

Em 1972, Cuba se tornou membro do Comecon — grupo econômico comunista —, embora aliados americanos, como Canadá, Europa Ocidental e o Japão participassem, então, com 40% de seu comércio. Cuba dependia, e ainda depende, do Ocidente para alimentos, medicamentos e peças de reposição que o bloco soviético não tem condições de fornecer.

Um funcionário cubano comentou, a propósito:

— Não se pode negar que o bloqueio criminoso nos causou sérios problemas. Mas também nos tornou mais auto-suficientes e mostrou ao mundo que podemos sobreviver, independentes dos Estados Unidos.

Até filmes

Diplomatas ocidentais afirmam, contudo, que a União Soviética injeta cerca de 6 bilhões de dólares anuais em Cuba, através de ajuda indireta como garantias de preços altos do açúcar e de mais baixos preços de petróleo. Além disso, a falta crônica de moeda forte e o declínio nos preços do açúcar fizeram com que o comércio com países que adotam o sistema de economia de mercado caísse para cerca de 13%. O bloco soviético garante o restante.

O Banco Nacional de Cuba calculou, no ano passado, que o embargo custou ao país mais de 9 bilhões de dólares em 20 anos de comércio não realizado, de turismo não concretizado e de elevados custos dos transportes. Mas o bloqueio, que Fidel Castro descreveu como "uma faca apontada para a garganta de Cuba", deu origem à mentalidade do "faça você mesmo", agora presente em todos os lares e locais de trabalho cubanos.

COLIN McSEVENY
Reuters

Embargo é mais gesto político do que eficaz arma econômica

Londres — Sanções como as decretadas pelo Governo Ronald Reagan contra a Nicarágua são consideradas por muitos Governos muito mais um gesto político do que uma eficiente arma econômica. Na maioria dos casos, não são suficientemente poderosas para gerar os efeitos esperados. Alguns analistas acreditam mesmo que são contraproducentes, causando maiores prejuízos econômicos a quem impõe o embargo do que a quem sofre suas conseqüências.

Aliados dos Estados Unidos não estão criticando abertamente o embargo comercial decretando contra a Nicarágua na quarta-feira, bem como não se mostram dispostos a adotar represálias semelhantes contra o Governo sandinista, com o qual simpatizam alguns Governos europeus.

Altos e baixos

O líder do Governo no Parlamento inglês, John Biffen, ao responder a uma pergunta sobre a atitude de Washington, não dissimulou uma crítica quando afirmou que as sanções comerciais não foram efetivas em muitas partes do mundo.

Os embargos têm uma história cheia de altos e baixos como arma política no século 20. A Liga das Nações, antecessora da Organização das Nações Unidas, impôs um boicote econômico à Itália, em 1935, pela invasão da Etiópia. A medida fracassou porque produtos estratégicos — como petróleo e aço — foram excluídos; o boicote durou menos de um ano.

Mais recentemente, os aliados ocidentais decretaram sanções contra a Polônia, em 1981, incluindo o **congelamento** nas negociações para o reescalonamento da dívida externa do país, depois que o regime de Varsóvia impôs a lei marcial. As represálias foram quase todas suspensas em meados de 1984, depois da abolição da lei marcial e da libertação de prisioneiros políticos. Dirigentes ocidentais acreditam que as sanções surtiram algum efeito:

— As sanções não foram decisivas, mas contribuíram para persuadir os poloneses de que a lei marcial dificultava o relacionamento normal com o Ocidente — disse um funcionário do Governo inglês.

Uma das crises mais sérias da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em 1982, teve como fato gerador as sanções que os Estados Unidos planejavam impor a empresas ocidentais que venderam equipamentos com licenças americanas à União Soviética, para uso em um gasoduto.

Washington desistiu das sanções, solucionando uma divergência que ameaçava cindir a aliança atlântica, depois que os europeus concordaram em estudar a adoção de controles mais rígidos para o comércio Leste-Oeste. Os aliados agora evitam exportar equipamentos estratégicos para a União Soviética.

Medidas limitadas

Os Governos da África negra e a Assembléia-Geral da ONU há muito defendem sanções econômicas compulsórias à África do Sul, como forma de pressão para tentar conseguir o abrandamento das leis de segregação racial.

Os países ocidentais rejeitam a idéia, argumentando que as sanções não levarão ao término do regime de **apartheid**, aumentarão a auto-suficiência de Pretória e sua resistência às pressões externas e afetarão muito mais a maioria negra do que os dirigentes brancos.

Vários Governos europeus, no entanto, adotaram medidas limitadas, como a suspensão de créditos bancários a Pretória. O Congresso americano está debatendo agora uma legislação semelhante, impedindo a venda de computadores fabricados nos Estados Unidos e a suspensão da compra de moedas de ouro sul-africanas.

Diplomatas ocidentais afirmam que algumas dessas sanções limitadas atingem seu alvo, mas, ao mesmo tempo, destacam que têm muito maior impacto como uma vigorosa desaprovação política do que uma arma econômica de efeitos devastadores.

No passado, os países atingidos pelos boicotes resistiram às represálias através da diversificação de suas fontes comerciais e de seus mercados.

— O povo estará sempre preparado a superar as dificuldades — comenta um diplomata da OTAN, em Londres.

O embargo decretado pelos Estados Unidos em 1977 à venda de armas para a África do Sul foi bastante eficiente ao reduzir o comércio oficial de armamentos, mas forçou Pretória a se tornar mais auto-suficiente na fabricação de armas.

A África do Sul também exporta armamentos e está entre os países que fornecem armas para o Irã usar na guerra contra o Iraque, segundo o prestigioso Instituto de Pesquisas pela Paz de Estocolmo.

As sanções dos Estados Unidos contra a União Soviética em retaliação à intervenção militar no Afeganistão, em 1979, não conseguiram a retirada das tropas russas. As medidas de Washington incluíram um embargo à venda de cereais — depois suspenso pelo Presidente Reagan — e o boicote aos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980. Em represália a essa última sanção, a União Soviética e seus aliados também boicotaram os Jogos Olímpicos realizados ano passado em Los Angeles.

Sanções prejudicaram a Rodésia, agora Zimbabwe, depois que os então dirigentes brancos da colônia inglesa declararam unilateralmente a independência, em 1965. As medidas não foram suficientes para derrubar o governo rebelde.

Comentaristas ocidentais manifestaram o temor de que uma das conseqüências das represálias de Reagan contra a Nicarágua será o maior estreitamento dos laços que ligam o Governo sandinista a Moscou. Lembrara o exemplo de Cuba, que sobreviveu 21 anos a um embargo comercial semelhante decretado por Washington graças à ajuda soviética, ao comércio com a Europa Ocidental e à engenhosidade do povo cubano.

JOHN ROGERS
Reuters

Papa corre risco na sua visita à Holanda esta semana

Roma — As sondagens de opinião pública que, por iniciativa do episcopado holandês, continuam a ser feitas sobre a receptividade que o Papa João Paulo II terá, do próximo dia 11 até 14, na Holanda, continuam a fornecer resultados e indicações preocupantes.

As notícias recebidas pela Secretaria de Estado da Santa Sé e por todas as redações de jornais italianos, procedentes de Amsterdam, insistem em prevenir que a próxima viagem de João Paulo II ao exterior — a 26ª de seu pontificado — tem tudo para ser uma aventura de conseqüências desagradáveis e imprevisíveis.

Sem multidões

O relatório de uma viagem de exploração do terreno e dos humores, feito e divulgado por dois enviados do semanário Panorama, o mais importante da Itália, com uma tiragem de 850 mil exemplares, não poderia ser mais assustador.

"Na Holanda, o Papa fará uma peregrinação ao inferno. Os cinco milhões de católicos holandeses (40% da população) ainda hoje continuam se manifestando contrários ou indiferentes à viagem de João Paulo II ao seu país. Na melhor das hipóteses, o Papa deve se preparar para não encontrar multidões de fiéis devotos e submissos ao seu carisma."

"Na melhor das hipóteses, ele terá que ler e tomar conhecimento de cartazes e faixas cheios de **slogans** antiautoritários, heréticos, reclamando o casamento entre homossexuais, a extensão do sacerdócio às mulheres, a favor do controle de natalidade, do divórcio, contra todas ingerências da Igreja de Roma na vida e decisões da Igreja e dos católicos holandeses" — afirmam Matteo Spina e Antonio Serao, os dois jornalistas da revista milanesa que foram ver de perto como a Holanda se prepara para receber João Paulo II.

A contestação, e até mesmo os episódios de intolerância que estão marcando as vésperas do desembarque de João Paulo II em solo holandês, vem-se repetindo e renovando todos os dias. Aquele cartaz, escrito também em italiano, em que se promete uma recompensa em dinheiro a quem atirar contra o Papa, continua a ser afixado nos muros das principais cidades do país, para o desespero da Polícia, que recebeu ordens para impedir sua difusão.

Os cemitérios católicos continuam a ser invadidos, dia e noite, por bandos de jovens que, desde que se confirmou a viagem de João Paulo II, vêm profanando túmulos, destruindo estátuas religiosas, sujando e ofendendo monumentos e igrejas católicas. Como a famosa Catedral de Utrecht que, de repente, foi coberta de grafites e dísticos ultrajantes do Vaticano. Comparados pelos contestadores holandeses ao governo do General Jaruzelski que tenta, a ferro e fogo, normalizar a Polônia mais rebelde.

Maior risco

Particularmente preocupados com a visita do Papa à Holanda, hoje se mostram seus homens de Governo e da polícia. Receoso das conseqüências políticas que podem advir dos cinco dias holandeses de João Paulo, o Primeiro-Ministro da Holanda, o democrata-cristão Ruud Lubbers, não perde ocasião para repetir que é inteiramente favorável à democracia baseada no princípio de pluralidade. Portanto, um governo pluralista, pluri-religioso, pluricultural, interessado apenas em evitar divisões e distinções entre gerações e credos religiosos.

Do chefe de Polícia da cidade de Veldhoven, que será o responsável pela segurança da viagem do Papa à Holanda, se conheceu uma afirmação que aumentou ainda mais a inquietação do Vaticano:

— Esse João Paulo II — admitiu o chefe de Polícia de Veldhoven — será o hóspede de mais elevado índice de risco que a Holanda já recebeu nos últimos tempos.

A agitação e intranqüilidade que a próxima viagem de João Paulo II vem provocando na Holanda, não se limitam, não se observam apenas na sua juventude, nos círculos políticos ou naqueles 70% de não católicos de sua população. Encontram-se e são refletidas com a mesma ou até maior intensidade pela comunidade católica do país. Dentro do clero e entre simples fiéis.

Três é demais

O comentário do teólogo Eward Schillebeeckx, principal inspirador do catecismo holandês que tanto escandalizou e revoltou a Cúria Romana e a Santa Sé desde os tempos de Paulo VI, oferece uma sintética e precisa explicação para o comportamento que, mesmo entre os católicos, vem se registrando a poucos dias do desembarque de João Paulo II:

— Os católicos holandeses gostam mais de protestar do que de aplaudir, de falar do que de escutar, de serem protagonistas do que de serem súditos.

Essas palavras de Schillebeeckx novamente confirmam uma observação mais pitoresca que sempre se fez a propósito dos católicos na Holanda:

— Um holandês é um crente. Dois holandeses são uma igreja. Três fazem um cisma.

A este Papa que está por visitar a Holanda, a principal objeção feita por um grande número de católicos — religiosos e laicos — é acionada por uma interpretação e uma aplicação que eles deram à Igreja do pós-Concílio Vaticano II. Em João Paulo II eles vêem um Papa que se está afastando — e com ele toda a Igreja — da orientação do Concílio Vaticano II.

Até hoje, um grande número de católicos holandeses continua a se sentir órfão da liderança progressista do Cardeal Bernard Alfrink e de sua equipe de colaboradores, que foram substituídos pela Cúria Romana por grandes conservadores, como Adrianus Simonis, de Utrecht, Hendrik Bormers, de Haarlem, Yoannes Gijssen, de Redermond, Joanes Terna, de Hertogen Bosch, todos bispos acusados de afastarem-se da realidade da fé holandesa.

Estudos e pesquisas muito atualizados dão ainda maior consistência à agitada, polêmica e perigosa recepção que a Holanda — que será o 57º país visitado por João Paulo II, desde janeiro de 1979 — promete fazer ao Papa de Roma.

Um sempre crescente número de fiéis católicos hoje são assistidos por sacerdotes casados. Sessenta e oito por cento dos católicos já se declararam contrários ao celibato dos padres. Cinqüenta e sete por cento querem que as mulheres possam também ministrar todos os sacramentos. Setenta por cento defendem o divórcio, 58% reivindicam o direito de escolher seus bispos através de eleições diretas, 62% chegam ao máximo de defender a legitimidade do aborto em certas situações.

Tudo isso que João Paulo II vê e condena como incompatível com a fé, a doutrina e a missão da Igreja Católica Apostólica Romana. E que pretende expor e defender aos agitados e avançados holandeses dirigindo-se a eles sempre e somente em holandês. Língua que, há quase seis meses, João Paulo II vem estudando e aprendendo como o mais atento e aplicado dos alunos.

ARAÚJO NETTO
Correspondente

Amsterdam, 17/4 — Foto da Reuters

No cartaz, terroristas oferecem recompensa a quem assassinar o Papa João Paulo II

Ida à Iugoslávia é difícil

Zagreb, Iugoslávia — O túmulo de um cardeal, em Zagreb, e o local de um campo de concentração, distante 90 quilômetros, são as duas barreiras simbólicas a uma visita do Papa João Paulo II a este país comunista, bem próximo de Roma. Dos países que visitou, poucos teriam tanto significado para o Papa como a Iugoslávia, onde uma histórica reconciliação entre o Cristianismo Oriental e Ocidental espera sua chegada.

Mas, embora próximos geograficamente, os fantasmas de um passado cruel estabelecem uma muralha entre o Vaticano e Belgrado. Na catedral neogótica de Santo Estevão, em Zagreb, o túmulo do cardeal croata Aloiz Stepinac, cercado de flores, está junto ao altar. Uma senhora que veio rezar por ele pede que não seja considerado um criminoso, mas um herói de seu povo. Mas, para um funcionário do governo comunista em Belgrado, Stepinac não passa de "um açougueiro traidor".

Rumo ao céu

Entre 1941 e 1945, as piores atrocidades contra civis foram cometidas perto de Zagreb, a Capital croata. Centenas de milhares de pessoas — a maioria judeus, ciganos e ortodoxos sérvios — foram assassinadas pelo governo fascista de Ustase, no Estado da Croácia, títere do nazismo.

Funcionários do governo contam casos — firmemente desmentidos pela Igreja — de padres celebrando missas para a conversão dos sérvios, antes que fossem executados, "para que pudessem ir para o céu".

E nenhum outro tema provoca maior irritação entre os sérvios ortodoxos e os croatas católicos do que Jesenovac, local do campo de concentração que o líder **partisan** Milovan Djilas descreveu como "pior do que os campos alemães porque, em vez de gás, usavam facas e marretas para os assassínios em massa".

Em Belgrado, funcionários do Governo calculam que 700 mil pessoas foram mortas em Jesenovac. Um funcionário da Igreja, em Zagreb, disse que "talvez, 60 mil foram mortos, ou mesmo 150 mil, mas nunca 700 mil". E acrescentou que, mesmo que apenas uma pessoa fosse morta, isto já seria um crime, mas acentuou que, ao exagerar o número de mortos, certos círculos de Belgrado tentam estender a culpa a todo o povo da Croácia.

Indo e não indo

— Se o Papa vier à Iugoslávia e não visitar Jesenovac, a Igreja sérvia não o receberá. Mas, se ele visitar, haverá problemas na Croácia. Se ele visitar o túmulo de Stepinac, os sérvios não o aceitarão. Mas, se não visitar, isto pode ser interpretado como um reconhecimento, por parte da Igreja, da culpa de Stepinac — disse Djilas.

Em 1981, a Presidência Coletiva da Iugoslávia convidou o Papa a visitar o país. Além disso, tendo assinado um protocolo com o Vaticano, em 1966, esta nação de 23 milhões de habitantes tem, tecnicamente, os melhores laços com a Santa Sé do que qualquer outro país comunista.

Mas, além destes evidentes problemas relacionados com o programa de visita do Papa, existem outros fatores a serem considerados. O Governo comunista cria a impressão de que o impedimento básico para a visita é o Cardeal Franjo Kuharic, de Zagreb.

— Ele simplesmente não reconhece a Iugoslávia como um país. Então, só queremos uma coisa antes da visita do Papa: que o Cardeal Kuharic faça uma declaração pública reconhecendo a legitimidade do Governo da Iugoslávia — disse um funcionário em Belgrado.

— O cardeal não pode fazer isto, porque seria um pronunciamento político e a Igreja não se envolve com política — respondeu um porta-voz da Igreja em Zagreb.

Não será tão cedo

Uma das preocupações básicas do Governo é que a visita do Papa possa reativar o nacionalismo croata, num momento em que os comunistas estão vulneráveis, devido à ressurreição da religiosidade na Croácia e aos três anos de crise econômica.

É também levado em conta o possível comportamento da imprensa ocidental, especialmente do pessoal de televisão. Aqui se admite que o Papa arrastará grandes multidões na Croácia, estimulando os jornalistas a fazer comparações com a Polônia, um país que começa a sair de um pesadelo político ainda não dissipado pelos comunistas iugoslavos.

— A Igreja da Croácia faz exatamente o oposto a tudo o que se refira a patriotismo — disse um funcionário, lembrando supostas colaborações da Igreja com invasores, incluindo os nazistas.

Mas tanto a Igreja como o Governo reconhecem que uma visita do Papa seria "um gigantesco passo ecumênico", capaz de curar feridas históricas que separam o Catolicismo Ocidental da Ortodoxia Oriental. E a Iugoslávia, mais do que qualquer outro país, simboliza a divisão do Mundo Cristão, porque a linha criada no ano 395, separando Roma e Bizâncio, passa exatamente onde está a Iugoslávia. Em termos de religião, o Oriente, realmente, encontra o Ocidente na fronteira da Sérvia e da Croácia, duas repúblicas da federação iugoslava.

ROBERT KAPLAN
The New York Times

Vaticano se mostra flexível e descobre a força da televisão

Roma — Poucos programas de televisão tiveram tão grande oportunidade de autopromoção ou tão importante selo de aprovação religiosa. Recentemente o Papa João Paulo II foi visto no programa **Today**, declarando-se particularmente satisfeito em receber uma equipe do canal de televisão americano NBC. Dias mais tarde, a NBC filmou o Pontífice enquanto rezava missa na Capela Paulina, no Vaticano. Ao final da cerimônia, o Papa cumprimentou, sorridente, toda a equipe, incluindo os apresentadores Jane Pauley e Bryant Gumbel, que pediram uma bênção para seus filhos.

Na tarde de Sexta-Feira Santa, após cinco dias de transmissões diretamente de Roma e do Vaticano, a NBC podia se gabar de ter tido acesso incomum a uma instituição historicamente arredia a organizações noticiosas e de televisão. O sucesso do programa **Today** se deveu em parte a ter escolhido com sagacidade a Semana Santa e a um trabalho de base iniciado antes com o envio de uma carta ao Papa, escrita em polonês, do vice-presidente da NBC, solicitando uma oportunidade de "rezarmos juntos com Sua Santidade".

"Close-up" inédito

Entretanto, a decisão do Vaticano de cooperar também reflete uma maior compreensão da parte de um Pontífice consciente do grande poder da televisão.

— Estamos aprendendo a fazer nosso trabalho sem a rede de proteção, como no circo — declarou Joaquim Navarro Valls, um leigo recentemente designado porta-voz do Vaticano e que vem defendendo uma maior abertura para a Igreja católica. — Uma visão mais de perto é sempre benéfica.

O Arcebispo John Foley, chefe da Comissão Pontifical para Comunicações Sociais, viu no programa da NBC uma forma de a Igreja divulgar o Evangelho de Cristo, como também de mostrar o que vem fazendo.

— Dez horas de transmissão direta de Roma é um compromisso sem precedentes de um canal de televisão — comentou Foley, acrescentando que o fato de ter sido escolhida a Semana Santa ajudara muito em relação ao interesse do Vaticano de mostrar a missa papal no vídeo.

O fato de Foley ser um americano de Filadélfia e ex-jornalista, familiarizado com a imprensa americana, só ajudou, bem como o de ser o cardeal John Krol, Arcebispo de Filadélfia, um íntimo assessor do Papa. Também não foi por acaso que o coro escolhido pela NBC para cantar durante a missa papal fosse o coro juvenil da arquidiocese de Filadélfia.

Entre os entrevistados pela NBC estiveram o Cardeal Agostino Casaroli, Secretário de Estado do Vaticano — em sua primeira entrevista à televisão americana, segundo a emissora —, o Cardeal Silvio Oddi, Prefeito da Congregação Para o Clero, Monsenhor John Magee, que foi secretário particular de três Papas e é agora chefe das cerimônias pontifícias, e a Irmã Mary Linscott, da Congregação Secular para os Religiosos, que ocupa o mais alto cargo no Vaticano já confiado a uma mulher.

Visão ampla

As entrevistas proporcionaram mais explicações do que revelações. O Cardeal Casaroli, por exemplo, disse que a decisão do Vaticano de não reconhecer Israel se baseara no desejo de manter as comunicações abertas com todas as partes no Oriente Médio.

No conjunto, porém, as entrevistas e os comentários em torno delas proporcionaram uma visão ampla sobre o pensamento do Vaticano. Do ponto-de-vista da Santa Sé, o programa serviu para abrir as portas do Vaticano, em transmissão direta, a um país cujo rebanho católico tem-se mostrado por vezes difícil.

Os cinco dias passados em Roma pela equipe da NBC não foram dedicados inteiramente ao Vaticano. O programa **Today** iniciou sua transmissão com uma visão do Coliseu e outros pontos de atração turística da Capital romana; na terça-feira e quarta-feira se estendeu até a Piazza di Spagna, e só na Quinta-Feira e Seta-Feira Santas é que as câmaras concentraram seu foco na Praça de São Pedro e adjacências.

Os entrevistados, fora do âmbito da Igreja, incluíram o costureiro Valentino, o cinesta Federico Fellini e os atores Marcellos Mastroianni e Peter Ustinov. O escritor Gore Vidal foi mostrado em Nápoles e Claudia Cardinale na Sicília. Os tópicos abordados variaram do futebol ao terrorismo, da polícia italiana à Máfia, da economia clandestina ao complô para assassinar o Papa.

E.J. DIONNE
The New York Times

Caso de mãe desaparecida comove tribunal argentino

Buenos Aires — Sílvia Mabel Isabela Valenzi era loura, tinha os olhos azuis e quem a conheceu diz que era linda. Tão bonita que a chamavam de "A Gata". Devia ter uns 25 anos quando deu à luz no Hospital Provincia de Quilmes, na Grande Buenos Aires. A filha, Rosa, morreu na incubadeira do Departamento de Neonatalogia do hospital. A mãe foi vista pela última vez quando era levada da mesa de parto a uma caminhoneta preta de chapa fria que estava estacionada no pátio do hospital. Depois desapareceu.

O caso de Sílvia Mabel Isabela Valenzi foi o primeiro de uma pessoa desaparecida, durante os anos de ditadura militar na Argentina, apresentado pelo Promotor Júlio Strassera com todos os relatos e todos os testemunhos aos seis juízes que, desde 22 de abril, presidem as audiências do processo movido contra os nove comandantes das três primeiras Juntas Militares que governaram o país de 1976 a 1982. O Caso Valenzi foi o primeiro a tirar o tribunal das conjecturas teóricas e partir para o relato circunstancial dos fatos acontecidos nos porões da repressão do chamado "processo de reorganização nacional".

Emoção

Durante toda a primeira semana de interrogatórios, no vigiado tribunal de Buenos Aires, a emoção compareceu poucas vezes. Rondou a sala solene quando o antropólogo e biólogo americano Clay Colin Snow demonstrou os métodos de reconhecimento de cadáveres sem identificação, os "NN". Mas o combate entre o solitário acusador, Júlio Strassera, e o batalhão de advogados de defesa se travou mais então em floreios jurídicos. Tratava-se de discutir o que são ou não "atos de guerra", "atos de serviço" etc. e os fatos foram deixados para depois.

Esta semana chegaram os fatos, nus e crus. Pousaram no tribunal (que se reúne todas as tardes e muitas vezes trabalha até a madrugada, cercada por um inédito esquema de segurança) na noite de segunda-feira e madrugada de terça, quando a física Adriana Calvo de Laborde, 37 anos, contou, durante duas horas, como sua filha menor Teresa, de 8 anos, nasceu no piso sujo de um carro de patrulha policial, na frente do Laboratório Abott, na estrada que liga La Plata a Buenos Aires. A defesa, que já dispunha de poucos argumentos, ficou atônita com o golpe desfechado pelo promotor.

— Não é que sou um gênio. Simplesmente estou com a verdade — comentou o Promotor Júlio Strassera, um moreno magro e de bigode que lembra um pouco Teotonio Vilela quando jovem, num intervalo de uma sessão, na sala de frente à da Câmara Nacional de Apelações, no Correcional e Criminal Federal.

Nos cinemas de Buenos Aires está sendo exibido o filme argentino que vai a Cannes. Chama-se "A História Oficial" e conta o drama de uma professora de História que adota uma menina nos anos da "guerra suja" entre as Forças Armadas e os guerrilheiros montoneros e passa a desconfiar que a filha adotiva, comprada pelo marido empresário, num hospital da capital argentina, seja filha de alguma das muitas moças desaparecidas em cárceres e campos de concentração clandestinos, na época. Com Héctor Alterio, o ator de "Cría Cuervos", de Carlos Saura, e Norma Alejandro, que também chega do exílio, o filme de Luís Puenzo tem sido aplaudido nas salas cinematográficas de Buenos Aires.

Mas a história de Rosita, o bebê prematuro de Sílvia Mabel Isabela Valenzi, que morreu com problemas respiratórios no Hospital Provincial de Quilmes, não saiu de um roteiro cinematográfico. Contado sinteticamente em "Nunca Mais", o relatório da Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas (presidida pelo escritor Ernesto Sábato) e que pode ser comprado em qualquer banca de jornais da Calle Florida, por algo equivalente a Cr$ 30 mil, o caso foi levado pelo Promotor Strassera ao tribunal com o esclarecimento pormenorizado e testemunhado de cada circunstância.

Um luxo

A primeira referência a Sílvia Valenzi no tribunal foi feita por Adriana Calvo de Laborde. No "Pozo de Banfield", ela ouviu de Maria Luisa Casteli, outra detida, a história da "Gata", que tivera direito a um parto numa cama de hospital assistida por médicos, enfermeiras e parteiras. Ela disse aos juízes que pensou que Casteli estava louca.

— Depois da experiência pela qual eu passei em meu parto e vendo o parto de Ines Ortega, pensei que aquilo era um luxo. Ines Ortega teve a filha com as mãos amarradas, deitada nua numa mesa suja e o cordão umbilical foi cortado por uma faca enferrujada de cozinha — disse a Sra.Laborde.

Maria Kubic Marcoff de Lefteroff, viúva, 54 anos, contou aos juízes que viu Sílvia Mabel Isabela Valenzi viva em janeiro de 1977 na Brigada de Quilmes, o"Pozo de Quilmes".

— Ela estava grávida de 4 ou 5 meses e estava mal, muito mal. Chorava muito e tinha sido barbaramente torturada — contou a Sra. Lefteroff, que ficou detida em Quilmes, cidade da Grande Buenos Aires, de 26 de janeiro a 4 de fevereiro de 1977.

Rosária Isabela Valenzi Sanches, 46 anos, viúva, contou no tribunal que sua irmã Sílvia foi seqüestrada em dezembro de 1976. Em abril de 1977, sua mãe recebeu uma carta anônima dando conta do nascimento de uma neta no Hospital Provincial de Quilmes. Três dias depois, foi ao hospital, onde recebeu a informação, dada pelos médicos Justo Horácio Blanco e Garcia, de que realmente uma presa com descrição semelhante à de sua filha dera à luz no hospital. Mas o diretor, Dr. Iriarte, negou, aborrecida e conclusivamente qualquer possibilidade de que isso viesse a ter acontecido.

— Mais tarde um ex-policial depôs na Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas —Conadep— e disse que minha irmã foi enterrada num cemitério clandestino no lugar conhecido como "El Vesúvio — contou Rosário Isabela Valenzi Sanchez.

Borrões

O obstetra Justo Horácio Blanco, 47 anos, confirmou, na Justiça, que a 2 de abril de 1977, às 3h15min da madrugada, armados e uniformizados, policiais da Província de Buenos Aires levaram ao hospital de Quilmes, onde dava plantão, uma moça loura em trabalho de parto. O médico exigiu a saída dos policiais da sala de parto e então a moça disse ao médico e à enfermeira que seu nome era Sílvia Mabel Isabela Valenzi, deu o nome e o endereço do pai e pediu que o avisassem do nascimento da neta.

O livro de partos do hospital foi apresentado como prova pela Promotoria. O registro continua lá, mas o nome da parturiente foi borrado. A ficha com a história clínica desapareceu. A responsável pelo setor de estatística do hospital, Norma Leonor Brola, também depôs, mas alegou que não sabe, nem se lembra de nada.

O chefe do Serviço de Neonatalogia do hospital, pediatra Adalberto Oscar Pérez Casal, contudo, lembrou-se perfeitamente de que tratara a pequena Rosa, filha de Sílvia, de um caso ("terminal, grave) de "membrana hialina". Contou que foi procurado por um homem em traje civil que comentou com ele:

— Nem o General Videla tira esse nenê daqui.

O Dr. Pérez Casal respondeu:

— Daqui ela só sai com a mãe.

— Levei o homem ao diretor do hospital, Dr. Iriarte, que me deu ordens para riscar o nome da criança dos registros do hospital, assim que ela morresse. Respondi-lhe que isso seria uma atribuição sua e não minha — contou aos juízes.

Solidariedade

A parteira Maria Luisa Martínez de Gonzáles estava de férias no dia em que Rosa nasceu. Mas, segundo contou sua filha, a professora Maria Leonor Gonzalez, 39 anos, passou pelo hospital para receber o salário e ouviu a história da "gerrilheira que teve um bebê", e resolveu avisar ao pai, cujo nome uma enfermeira havia anotado. Antes de fazer o aviso, contudo, a parteira procurou a sogra de sua filha, Ilma Salas de Zabaglia, professora aposentada, 72 anos, que resolveu escrever uma carta anônima dando a notícia do nascimento da neta dos Valenzi.

— Até hoje sinto remorsos por esse nosso gesto de solidariedade— disse no tribunal a Sra. Zabaglia.

O motivo do remorso não é vil. Na noite de 7 de abril de 1977, a Sra. Maria Luisa Martínez de González foi arrancada da cama, em que via, pela televisão, o filme "O Manto Sagrado", por um grupo de homens armados de metralhadoras, conforme contaram ao Tribunal as professoras Maria Leonor González e Ilma Salas de Zabaglia. Nunca mais a parteira do hospital de Quilmes apareceu. A última vez em que foi vista foi em maio de 1977, no campo de concentração clandestino conhecido como "El Vesúvio", conforme depois ficou sabendo sua filha nas investigações feitas pela Conadep.

— Maria Luisa tinha 51 anos e um problema de úlcera. Creio que ela não pôde resistir aos maus tratos — disse Ilma Zabaglia.

Na mesma época, foi seqüestrada a enfermeira Generosa Fratassi, que também tivera contato com o Caso Valenzi, no hospital de Quilmes. Sua mãe, Michelina Catiglio de Fratassi, de 70 anos, foi depor no Tribunal. Quando o presidente da Câmara Nacional de Apelações, no Criminal e Correcional Federal, em exercício, na segunda semana, Guilhermo Ledesma, lhe fez a pergunta de praxe se os acusados, os nove comandantes das três primeiras Juntas Militares, tinham causado algo que lhe afetasse a imparcialidade do testemunho, ela respondeu:

— Nada. Só levaram minha filha.

JOSÉ NÊUMANNE PINTO
Enviado especial

Autoridades enfrentam a pornografia infantil

Washington — As autoridades americanas iniciaram uma vasta campanha de repressão ao crescente tráfico de pornografia infantil importada da Europa, disse o Comissário de Alfândega William von Rabb a uma subcomissão do Senado.

Anteriormente, uma organização internacional dedicada à proteção das crianças depôs na mesma subcomissão dizendo que até 170 milhões de "meninos de rua" em todo o mundo correm o risco de ser atraídos para a prostituição infantil, tráfico e pornografia.

Pedófilos

Von Rabb disse que seu departamento investigou correspondências provenientes da Holanda, Dinamarca e Suécia, que, segundo ele, respondem por cerca de 85% de toda a pornografia importada nos Estados Unidos. O agente alfandegário Jack O'Malley disse à subcomissão que uma revista mostrava "um homem adulto tentando violentar uma menina que eu diria ter um ano e meio de idade".

Von Rabb disse que os agentes da Alfândega, usando os endereços da pornografia importada, prenderam muitos pornógrafos infantis, recebedores de pornografia infantil, os chamados pedófilos, que desejam sexo com crianças antes da puberdade, e molestadores de crianças. Explicou que vários recebedores de pornografia infantil, agora investigados por agentes da Alfândega, têm ocupações que os põem em estreito contato com crianças.

— Isso inclui professores, conselheiros de família, o clero e pessoal médico — disse Von Rabb à Subcomissão sobre Investigações, que examina a atividade criminal nos Estados Unidos.

Ele disse que a nova legislação melhorou a capacidade dos investigadores de classificar os modelos nas fotos como crianças, desde que a definição do menor agora inclui os de até 18 anos, em vez de até 16, como antes.

Atrás das barras

A Suprema Corte americana concedeu às autoridades da Alfândega poderes mais amplos para revistar correspondência que vem do exterior, acrescentou Von Rabb.

— Estamos detendo a importação ilegal de livros, revistas, filmes, videofitas e outros materiais pornográficos diariamente — ele disse, acrescentando: — E, o que é mais importante, estamos pondo os criminosos atrás das grades.

Kenneth Herrmann, membro do conselho do ramo americano do Defence for Children International, declarou que existe um mercado mundial para sexo com crianças.

— As crianças que entram nesse mercado, geralmente sem querer ou sem saber, são mais comumente meninos de rua — disse. — Das aproximadamente 170 milhões de tais crianças em todo o mundo, só cerca de 500 mil recebem apoio e assistência de instituições (públicas ou privadas) profissionais.

Ele pediu a criação de um banco de informação para identificar os que se ocupam de tráfico e prostituição infantil.

Holanda

A polícia e sociedades de proteção à criança holandesas afastaram como absurdo o relatório da Defence for Children International americana, segundo a qual as crianças são compradas e vendidas em leilões, em Amsterdã. O ramo holandês dessa organização disse que nunca soubera de leilões de crianças. Seu presidente, Jaap Doek, acrescentou que o comércio de crianças pode ocorrer ocasionalmente, "mas, que seja organizado em leilões, é um exagero".

Um porta-voz do Ministério da Justiça, em Haia, disse:

— A afirmação de que está havendo leilões de crianças é ridícula. Elas podem ter sido compradas e vendidas há séculos, mas não agora.

A Polícia também declarou que não tinha conhecimento de tais leilões em Amsterdã.

ALVER CARLSON
Reuters

Arquivo

A cega que pede esmolas é um símbolo das dificuldades crescentes que os pobres encontram para sobreviver

Aumento da pobreza nos EUA choca americanos

Wardensville, Virgínia Ocidental — Muitos americanos ficaram chocados recentemente quando estatísticas oficiais revelaram que a proporção da população que vive na pobreza aumentou pelo quinto ano consecutivo, chegando a 15,2%, ou seja, 35 milhões 300 mil pessoas.

Eles ficaram ainda mais chocados quando outra pesquisa, feita pela Universidade de Harvard, mostrou que cerca de 20 milhões de pessoas neste país poderoso e rico passam fome durante vários dias a cada mês.

Médicos que participaram da pesquisa disseram ter ficado atônitos de encontrar nos Estados Unidos doenças como **kwashiokor e marasmus**, provocadas por deficiência alimentar e conhecidas pelos americanos apenas pelas imagens da televisão da Etiópia e outros lugares atingidos pela fome.

Programas cortados

A pobreza está mais disseminada do que em qualquer época desde 1965, quando o Presidente Lyndon Johnson declarou uma "guerra à pobreza" e patrocinou diversos programas de assistência social, que agora estão sendo restringidos pelo Presidente Ronald Reagan.

Alguns desses pobres podem ser encontrados no vilarejo de Wardensville, nas montanhas da Virgínia Ocidental. O casal Smith vive com seus quatro filhos adolescentes numa pequena casa de tábuas. Eles não dispõem de ajuda do sistema de assistência social (**welfare**), embora seus ganhos estejam bem abaixo do limite oficial de pobreza, de 14 mil dólares anuais para uma família de seis pessoas.

Na mesma rua, Bob Payton, cabeça embranquecida pelos seus 81 anos, diz que está tentando conseguir um empréstimo de 3 mil dólares no banco, para pagar as despesas médicas feitas com a mulher, que faleceu. Ele acaba de pagar ao Governo 2 mil dólares por cupons para aquisição de alimentos que lhe foram mandados e a que ele não tinha direito.

— Os tempos são duros — diz Payton. — Mas o Senhor olha por mim e eu me safarei.

Favelas

Há ainda casos piores do que o de Payton e dos Smith, nas favelas das cidades, entre os negros do Mississipi (cujos barracos são semelhantes aos do Terceiro Mundo), nas regiões desérticas do Maine ou nas zonas de mineração da Virgínia Ocidental.

Os relatórios reacenderam o debate sobre a pobreza nos Estados Unidos, sobretudo sobre como defini-la ou lidar com ela no Governo Reagan, que se empenha em cortar as despesas de assistência social.

Críticos da idéia presidencial de transferir a responsabilidade do **welfare** para os Governos estaduais estão convictos de que mais apoio, não menos, é necessário para superar o problema da pobreza. Eles argumentam que a dimensão do problema é ilustrada pelo fato de que os níveis de pobreza aumentaram, apesar da recuperação ocorrida após a recessão de 1981-82, e que o fosso entre os ganhos dos pobres e dos ricos se tornou mais profundo.

"Os Estados Unidos gastam centenas de bilhões de dólares com o que chamam de defesa, mas gastam muitíssimo pouco para defender a saúde e o bem-estar de nossos cidadãos", diz um dos autores do relatório sobre a fome.

Tanto liberais como conservadores concordam com a necessidade de novas definições. Mas os liberais dizem que novos cálculos revelam ainda mais pobreza; os conservadores argumentam que as atuais estatísticas superestimam o problema.

Os conservadores afirmam que os pobres não estão ficando mais pobres num sentido absoluto, apenas relativamente. A ajuda deve ser restrita aos absolutamente pobres sob quaisquer padrões.

"É inconcebível para uma sociedade tão rica como esta permitir que qualquer um de seus cidadãos fique subnutrido, sem abrigo ou incapaz de receber a assistência médica necessária", escreveu a especialista em pobreza Anna Kondratas, da Fundação Heritage, uma conservadora influente na Casa Branca. E acrescentou: "Mas garantir a qualquer um mais do que isso, simplesmente por causa de sua posição relativa na sociedade, alteraria radicalmente a estrutura de incentivo de um sistema sócio-econômico de sucesso sem par."

MICHAEL BATTYE
Reuters

Américas

Estados Unidos — Washington e Moscou estão negociando o restabelecimento de tráfego aéreo entre os dois países, suspenso há três anos por decisão do Presidente Ronald Reagan, num boicote em resposta à implantação da lei marcial na Polônia, informou o jornal **Washington Post**. As negociações também envolvem o Japão, para que sejam fixadas novas rotas aéreas, destinadas a evitar outros incidentes, como o que resultou na derrubada do avião sul-coreano de passageiros, em setembro de 1982, por um caça soviético. O avião comercial havia invadido o espaço aéreo soviético em zona de alta segurança e se recusara a obedecer ordem do caça, por motivos até hoje não esclarecidos, de se retirar da área.

•

Douglas Ruhe e William Geissler, principais acionistas da agência americana de notícias UPI, deixaram de aplicar 2 milhões de dólares na empresa — como tinham prometido — para investir em negócios pouco seguros, que os beneficiariam diretamente. A denúncia foi feita por funcionários da companhia, que depuseram ante uma comissão de auditoria. Na semana passada, a UPI entrou com pedido de falência na Justiça dos Estados Unidos.

Belize — O Vice-Primeiro-Ministro e Ministro do Interior, Curl Thompson, anunciou que uma comissão especial regularizará a situação de 47 mil estrangeiros — muitos dos quais refugiados guatemaltecos e salvadorenhos — que estão na pequena nação centro-americana, de 152 mil habitantes. Disse que a presença destes estrangeiros poderia até ser "parte de um plano para desestabilizar Belize". Afirmando que em cinco anos os estrangeiros "poderiam controlar o destino do país", explicou que pretende "tornar sumamente difícil que estas pessoas se convertam em belizenses".

Chile — As companhias britânicas continuam vendendo armas que podem ser usadas para a repressão e equipamento nuclear ao Chile, informou o semanário londrino **New Statesman**. A revista disse ter recebido documentos de uma fonte do Ministério da Defesa britânico, revelando os nomes das empresas e o material que têm vendido ou oferecem atualmente ao regime militar do General Augusto Pinochet. O Ministério está de acordo com os industriais britânicos. Segundo a revista, em setembro de 1982, em pagamento à assistência militar chilena à Grã-Bretanha durante a Guerra das Falklands, o Governo britânico autorizou o envio de urânio enriquecido ao Chile, para o reator nuclear de Aguirre.

Argentina — Um plano subversivo que prevê uma escalada de ameaças para culminar em uma "jornada sangrenta" com atentados contra quase 500 pessoas foi denunciado pelo semanário independente **El Periodista**, em Buenos Aires. O objetivo desses golpistas — "setores da direita peronista e notórios militares" — é de "provocar uma comoção de tal magnitude que obrigue certas correntes nacionalistas do Exército e da Aeronáutica a se definir de uma vez" a favor do golpe militar. Segundo a revista, os conspiradores disseram que "para uma ação dessa envergadura (a "jornada sangrenta"), são necessários 200 homens bem armados e treinados e já os temos".

Europa

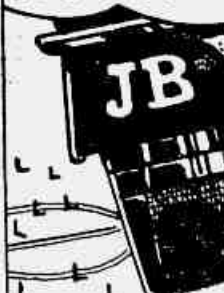
União Soviética — Milhões de trabalhadores em todo o país doaram um dia de trabalho gratuito ao Estado, ontem, para comemorar o 40º aniversário da vitória soviética sobre a Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Foi o segundo dia de trabalho sem remuneração — conhecido como **subbotnik** — em duas semanas. No dia 20 de abril, os soviéticos trabalharam de graça em homenagem ao aniversário do nascimento de Lênin. Em todo o país, os trabalhadores, usando distintivos e fitas vermelhas especiais, fizeram seu trabalho normal ou então se dedicaram à limpeza de ruas e jardins, pintura de portões e prédios. O "**subbotnik** leninista" de 20 de abril rendeu ao Estado 159 milhões de rublos que serão destinados à melhoria das redes de hospitais.

Iugoslávia — O quinto aniversário da morte do Presidente Josip Tito foi marcado por promessas do Governo de que serão mantidas as políticas do ex-líder iugoslavo: conciliação paternal e socialismo independente. O comércio praticamente parou em todo o país durante um minuto de silêncio, às 15h15min (hora local), a hora em que Tito morreu num hospital de Liubliana, no Norte da Iugoslávia, três semanas antes de completar 88 anos, em 1980. Cinco anos após sua morte, a Iugoslávia, um país de 23 milhões de habitantes com um Governo comunista, enfrenta grave crise econômica e problemas entre os diversos grupos étnicos que compõem a nação.

Tcheco-Eslováquia — Cerca de 25 mil homens das forças do Pacto de Varsóvia realizarão manobras militares conjuntas em território tcheco, de 25 a 31 deste mês, informou a agência soviética Tass. Acrescentou que o objetivo dos exercícios é verificar a coordenação das forças terrestres e aéreas dos países da aliança comunista.

África

África do Sul — Duas crianças negras — de três e cinco anos — morreram queimadas durante rebeliões na África do Sul, informou a polícia. Segundo os policiais, dois negros lançaram coquetéis-molotov contra suas casas, em New Brighton, na Província do Cabo, provocando o incêndio que matou as duas crianças; as mães escaparam. Em uma localidade perto de Uitenhage, um policial matou um negro que o atacara com uma faca para tentar roubar sua arma. Houve também distúrbios raciais em Oudtshoorn, onde policiais feriram dois negros que tentavam lançar bombas incendiárias contra uma cervejaria.

Nigéria — O Governo nigeriano ordenou a segunda expulsão em massa em dois anos de estrangeiros residentes em situação ilegal e deu prazo até 10 de maio para sair do país cerca de 700 mil pessoas procedentes de outros Estados africanos. Milhares de pessoas sem documentos — carregando colchões, roupas e utensílios de cozinha — começaram a deixar a Nigéria e na fronteira eram cuidadosamente revistados pela polícia, que só permitia que cada um viajasse com o máximo de 20 nairas, equivalente a pouco mais de 17 dólares. Durante o auge petrolífero da década de 70, a florescente economia nigeriana atraiu milhões de pessoas de países limítrofes, especialmente Gana. A Nigéria enfrenta agora sérios problemas econômicos.

Challenger passa dia tranqüilo

Centro Espacial de Houston — O penúltimo dia da missão científica da nave espacial recuperável Challenger transcorreu sem problemas e sua tripulação se preparava para a volta à Terra, amanhã. Os astronautas estavam satisfeitos, porque realizaram normalmente as experiências programadas e recuperam o tempo perdido.

Os sete tripulantes — entre eles dois médicos e três cientistas — se concentraram em experimentos de crescimento de cristais e com fluidos, de grande importância para o desenvolvimento de técnicas de fabricação espacial de materiais puros e componentes eletrônicos.

Os médicos Norman Thagard e William Thornton continuaram as investigações médicas neles mesmos, nos companheiros e em dois macacos e 24 ratazanas. Um dos macacos, que sofreu enjôo e cuja falta de apetite havia preocupado a tripulação, voltou a comer alimentos sólidos.

A tripulação trabalha em dois turnos para manter o laboratório em funcionamento o tempo todo. Devido a problemas no começo da missão, os astronautas tiveram que trabalhar dobrado, a fim de recuperar o tempo perdido.

Trégua pára os combates em Beirute

Beirute — Depois de violento combate durante a madrugada de ontem, que causou pelo menos um morto e 17 feridos, as facções político-religiosas rivais que lutam em Beirute estabeleceram uma trégua. Todas as posições cristãs e muçulmanas ao longo da **linha verde** que divide a Capital em dois setores foram bombardeadas.

A violência das lutas contrasta com o tom conciliador das declarações de seus protagonistas. As Falanges Libanesas (milícias cristãos direitistas) divulgaram comunicado, afirmando não ter "nenhuma intenção de desencadear uma batalha em Beirute".

Extremistas sikhs matam 2 policiais

Nova Déli — Extremistas sikhs mataram dois policiais em Chandigarh, Capital do Estado de Punjab, ao mesmo tempo que o Primeiro-Ministro indiano, Rajiv Gandhi, renovava o apelo à liderança sikh para responder às iniciativas de paz do Governo de Nova Déli.

Segundo a agência de notícias indiana PTI, os policiais foram atacados ao se aproximar de uma casa onde estaria acontecendo uma reunião de extremistas sikhs.

Gandhi exortou os dirigentes do Akali Dal, principal partido dos sikhs, a responder aos gestos de boa vontade das autoridades da Índia. O Governo de Nova Déli está disposto a libertar líderes sikhs presos e ordenar uma investigação judicial sobre as rebeliões que, em novembro do ano passado, causaram a morte de mais de 2 mil 700 pessoas, a maior parte sikhs.

Ataque tamil mata 31 em Sri Lanka

Colombo — Guerrilheiros separatistas tamis lançaram uma série de ataques contra o Exército e a Marinha de Sri Lanka. Pelo menos 28 guerrilheiros e três soldados morreram, informou o Governo de Colombo. Os guerrilheiros lutam pela criação de um Estado independente para a minoria tamil.

Os rebeldes atacaram a base naval de Karainagar, a mais importante da região Norte de Sri Lanka (ex-Ceilão), com granadas e bombas, numa batalha de duas horas. Testemunhas contaram que pelo menos 25 civis que moravam perto da base morreram na operação.

A base de Karainagar é responsável pelo patrulhamento do Estreito de Palk, a faixa do Oceano Índico que separa Sri Lanka da Índia. O Governo de Colombo acusa os guerrilheiros tamis — que têm bases e campos de treinamento no Estado indiano de Tamil Nadu — de atravessarem o Estreito de Palk a fim de fazer ofensivas contra as forças de Sri Lanka.

Os guerrilheiros, para evitar que o Exército ajudasse a base da Marinha atacada, fizeram incursões simultâneas contra dois postos de segurança em Jaffna, Capital da província Norte de Sri Lanka.

Nicarágua convoca embaixador nos EUA

Manágua — A Nicarágua chamou para consultas seu Embaixador em Washington, Carlos Tunnermann, informou o jornal oficial sandinista **Barricada**. O diplomata foi convocado pelo Vice-Presidente, Sérgio Ramirez, que substitui interinamente o Presidente Daniel Ortega, que chegou à Hungria, procedente da Romênia.

— Ele foi chamado de volta para consultas de urgência e poderia chegar a Manágua nas próximas horas — disse uma fonte governamental. A convocação foi feita quatro dias antes da entrada em vigor do embargo comercial dos Estados Unidos contra a Nicarágua, adotado pelo Presidente Ronald Reagan como forma de pressão para que os sandinistas abandonem sua linha marxista, comentou a agência UPI.

A Comunidade Econômica Européia (CEE) poderá fortalecer sua cooperação com a Nicarágua para evitar os efeitos negativos do embargo comercial americano, disseram fontes da CEE à agência AFP. Estas fontes afirmaram que a decisão de Reagan pegou de surpresa os dirigentes europeus, que consideram que a medida pode comprometer o processo de paz na América Central, a iniciativa do Grupo de Contadora.

As fontes da AFP lembraram que, há cinco meses, os 10 membros da CEE em reunião de cúpula, em Dublin, divulgaram comunicado indicando que "os problemas da América Latina **não** podem ser resolvidos por meios militares, mas unicamente com uma solução política procedente da própria região e que respeite os princípios de não intervenção e de inviolabilidade das fronteiras".

Em Amsterdam, cerca de 1 mil pessoas se concentraram na frente do Consulado dos Estados Unidos, na noite de sexta-feira para sábado, em protesto contra a decisão de Reagan de bloquear a Nicarágua comercialmente. Em um manifesto, acusaram Washington de ter ignorado a iniciativa de paz de Contadora, cujos Presidentes dos quatro países membros rejeitaram o embargo.

Vietnam serve de modelo para invasão

Nova Iorque — O Exército dos Estados Unidos já está analisando as possíveis ações militares e civis que seriam necessárias no caso de ser ordenada a invasão norte-americana na Nicarágua, informou o **The New York Times**. O estudo antecipado leva em conta os problemas surgidos no Vietnam.

Fontes do Governo do Presidente Ronald Reagan disseram, segundo o jornal, que o Pacto do Rio de Janeiro de 1948 (Tratado Interamericano de Assistência Recíproca — TIAR), que praticamente autoriza os Estados Unidos a enviar tropas à América Latina quando considerar que a segurança do Hemisfério está ameaçada.

Melhor adaptação

— Não nos adaptamos muito bem no Vietnam e temos que fazê-lo melhor da próxima vez — disse um oficial do Exército que o jornal não identifica. — Temos que responder à pergunta: O que ocorrerá se...?

Outras questões analisadas no estudo são:

- Que tipo de treinamento de artilharia seria necessário para impedir a morte de civis?
- Que tipo de pequena unidade tática é melhor para as operações antiguerrilha?
- Como se pode organizar uma ampla rede de espionagem que obtenha informação tática imediata?
- Como podem os soldados americanos ajudar os cidadãos de uma nação da América Central se assumir as funções do Governo local?

O estudo poderia ser também usado para treinar os jovens oficiais graduados depois que concluiu a guerra do Vietnam, informou o **New York Times**, lembrando que o Governo Reagan indicou reiteradamente que não tinha intenções de enviar tropas à América Central, exceto para manobras periódicas.

Obituário

Rio de Janeiro

Marechal do Exército Mário Poppe de Figueiredo, 81, de câncer, na Clínica Semic, em Botafogo. Casado com Maria Emília, tinha três filhos e netos. Nascido em Niterói, a 1º de março de 1904, lecionou em escolas públicas no primário, fez o secundário no Colégio Pedro II e o superior na Escola Militar de Realengo e na Escola Politécnica. Fez os cursos de Engenharia Civil, Engenharia da Escola Militar, Aperfeiçoamento de Oficiais, Estado Maior, Infantaria no Forte Leaverworth (EUA) e Superior de Guerra. Foi membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra e presidente do Conselho Nacional do Petróleo de 1956 a 1958. Foi o primeiro Comandante Militar do Planalto, durante o Governo Juscelino Kubitschek, e em 1964 Comandante do 3º Exército, no Rio Grande do Sul. Em 1965 foi passado para a reserva pelo Alto Comando do Exército porque foi voto contrário às cassações dos mandatos políticos de Juscelino Kubitschek e do Ministro de Relações Exteriores, Santiago Dantas, e de Jesus Soares Pereira, autor dos projetos de criação da Petrobrás e da Eletrobrás e do Plano do Carvão Nacional. Escreveu artigos no Caderno Especial do JORNAL DO BRASIL, em março e junho de 1968, sobre o Movimento Revolucionário de 64. Em 1970 lançou o livro **A Revolução de 1964, Um Depoimento para a História da Pátria**, de 105 páginas, sobre os acontecimentos vividos em Porto Alegre e Santa Maria antes e depois do dia 31 de março de 64. Seu corpo está sendo velado na capela H do Cemitério São Francisco Xavier, no Caju, onde será sepultado às 14 horas.

Abigail de Freitas Serra, 80, de parada cardíaca, no Hospital São Lucas. Mineira, viúva de Francisco Gallotti Serra. Tinha cinco filhos: Celeida, Ione, René, Iraci, Fernando; oito netos. Morava em Copacabana. Será sepultada às 10 horas no Cemitério São João Batista.

Francisco Baptista de Almeida Júnior, 68, de infarto, no Hospital dos Servidores do Estado. Carioca, advogado, foi diretor do Instituto Nacional de Educação de Surdos e diretor regional dos Correios e Telégrafos do Rio. Casado com Maria Luiza da Costa Almeida, tinha três filhos: Marita, Francisco José e Antônio Luís, advogados. Morava em Copacabana.

Maria dos Anjos da Conceição, 59, de atropelamento na Estrada do Galeão. Portuguesa, costureira. Viúva de Américo Rodrigues Duarte, tinha dois filhos: Arlete e Ruth; dois netos. Morava na Ilha do Governador.

João Antônio Madureira, 57, de arritmia cardíaca, no Hospital de Bonsucesso. Português, motorista aposentado. Casado com Gracinda de Fátima Gonçalves, tinha uma filha: Fernanda; uma neta. Morava em Santa Teresa.

Paulo Ribeiro Dias, 78, de acidente vascular cerebral, no Hospital da Rua Sorocaba. Carioca, casado com Alice Ribeiro Dias. Tinha dois filhos, morava na Urca.

Petrarcha da Cunha Mello Maranhão, 72, de infarto, em casa, na Rua Fernando Ferreira. Amazonense, advogado aposentado. Divorciado, tinha dois filhos.

Edna Cardoso Peixoto, 39, de carcinoma de cólon, na Rua Moura Brito. Carioca, desquitada de Jorge de Faria. Escriturária, filha de José Peixoto e Lacy Cardozo Peixoto. Morava em Niterói.

José Galbo, 70, de acidente vascular cerebral, em casa, em Copacabana. Paulista, médico. Casado com Yedda Galbo.

Adolpho Herculano, 52, de hemorragia digestiva, na Beneficência Portuguesa. Carioca, comerciante. Casado.

José Soares Pereira Bastos, 55, de derrame, no Iaserj. Carioca, servente aposentado. Casado com Maria Virgilina Conceição Bastos, tinha três filhos: José, Jorge e Juarez; seis netos. Morava em Niterói.

Gelta Muniz Nery, 73, de infarto, no Prontocor de Niterói. Fluminense, oficial administrativa do INAMPS. Solteira. Morava em Niterói.

Francisca de Souza Araújo, 46, de insuficiência respiratória, na Santa Casa de Misericórdia. Amazonense, casada com Genival Ulisses de Lima. Tinha oito filhos; um neto. Morava em Ramos.

Braz Valentim Dias, 53, de pneumonia, no Hospital Souza Aguiar. Carioca, comerciante. Desquitado. Morava em Santa Teresa.

Francisco Rebouças Freitas, 78, de insuficiência cardíaca, no Hospital da Rua Antônio Parreiras. Capixaba, viúvo de Judith Freitas. Tinha cinco filhos, morava em Copacabana.

Maria de Lourdes da Silva Mello, 79, de anemia, na Rua Campinas. Portuguesa, casada com Izidro de Mello. Tinha três filhos. Morava em Cachambi.

José Carlos de Souza, 49, de acidente vascular cerebral, na Ilha do Governador. Amazonense, casado com Iracema Oliveira Netto de Souza, médico. Morava na Ilha do Governador.

Hélio dos Santos, 32, de anemia, em casa, em Bangu. Carioca, bombeiro hidráulico. Solteiro, filho de Victor dos Santos e Sebastiana Maria dos Santos.

ALEGRIA WEISZ

(FALECIMENTO)

Família consternada convida para o sepultamento dia 05 às 9 horas no cemitério Israelita do Cajú.

LUIZ GONZAGA DIAS NUNES

✝ A família participa o falecimento e convida os amigos para o seu sepultamento hoje as 12:00 horas no cemitério do Caju.

RAYMUNDO EWALDO DINIZ

MISSA DE 7º DIA

✝ A Diretoria e Conselho Deliberativo do LAGOINHA COUNTRY CLUB, convidam para a Missa de 7º Dia que será celebrada pela alma de seu estimado sócio e conselheiro RAYMUNDO EWALDO DINIZ que será celebrada hoje, domingo, na Igreja S. José à R. 1º Março, às 12:00 h.

SALIM ZANANIRI

✝ Sonia Maria Zananiri, Renato Zananiri, Ricardo Zananiri e esposa e Helena Zananiri agradecem as manifestações de pesar recebidas e convidam parentes e amigos para a Missa a ser celebrada na terça-feira, dia 07, às 10 horas, na Igreja Ortodoxa São Nicolau à Avenida Gomes Freire, 569.

AMERICO MARQUES DA COSTA FILHO

30º DIA

✝ Janet Marques da Costa, Lilian e Harry Estill, Ana Beatriz Estill e Filhos, Clelia e Denis Estill e Filhos, Valerie Estill e Filhos, Ana Arruda Callado e Antonio Callado, Ana Maria e Marcos Azambuja, Ana e Leonel Kaz, Ana Mantel, Antonio Carlos Guimarães, Celina e Sergio Carneiro, Ceres Feijó, Dudu, Nando e Flavio de Aquino, Ceres e José Eduardo Ortigão, Dora e Pedro Alcantara, Dulce e Geraldo Carneiro, Elice e Sergio Augusto, Fernanda Esteves, Francisco (Chico) Almeida Roca, Gandhi Jorge Boujadi e Senhora, Guguta Brandão, Helena Londres, Ilka Soares, Isabel Noemia Maciel de Sá e Estevão Kranz, Ivone e Joel Ghivelder, Joan e Paulo Mendes Campos, Joaquim Tenreiro, Jorge Leão Teixeira, Luiz Acioli, Luiz Carlos Lacerda (Bigode), Manolo, Maria Amélia Diehl, Maria Clara Assunção, Maria Helena e Alberto Reis, Maria Urbana e Hélio Pelegrino, Mário Jurado, Mary e Haroldo Costa, Mary e Zuenir Ventura, Micheline e Carlos Leonam, Olga e Jorge Campelo, Rosamaria Murtinho, Sueli Spiguel, Teresa Aragão, Teresa Miranda, Vera Beatriz e Sérgio Rodrigues, Virgínia Vasseur da Costa, Wilma e Ziraldo convidam para a missa que farão celebrar pelos 30 dias de falecimento de seu querido AMÉRICO, às 19 horas de segunda-feira, 6 de maio, na Matriz de Nossa Senhora do Rosário, na Rua General Ribeiro da Costa, 164, Leme.

Turismo no Sul aumenta com o frio

Porto Alegre — O frio que tem ocorrido no Estado nos últimos dias aumentou o fluxo de turistas na região da serra e os hotéis estão com uma ocupação média de 70%, considerada alta numa época normalmente de baixo movimento. A temperatura mínima no Rio Grande do Sul, ontem, foi de 1,8 grau em Bom Jesus (a 222 km da capital) e em Porto Alegre a mínima foi de 7,2 graus às 6h30min.

Embora ainda esteja fazendo frio, a massa polar que se encontra sobre o Rio Grande do Sul já está se dissipando e, segundo o 8º Distrito de Meteorologia do Ministério da Agricultura, a partir de hoje haverá um aumento gradativo da temperatura. Ontem houve formação de geadas fracas em cinco municípios gaúchos.

Uberaba só tem 1 preso por chacina

Belo Horizonte — Dos quatro condenados a mais de 500 anos de prisão pela chacina de Conceição das Alagoas — quando 10 pessoas de uma mesma família foram mortas, em julho de 1981, por questões de herança — três já fugiram da cadeia pública de Uberaba: o terceiro, João Djalma Modesto, condenado a 187 anos, fugiu na madrugada de anteontem, serrando as grades, na terceira fuga coletiva, em apenas 20 dias.

Com ele fugiram ontem cinco presos: Marcelo Alves de Andrade (condenado a 35 anos, por latrocínio), Moacir Sebastião Fernandes (a 30 anos, por assalto), Luís Nelson Cardoso (a 26 anos, por assalto), Reinaldo Inácio Carneiro (a 57 anos, por dois homicídios) e José Carlos Tavares (a cinco anos, por furto). Somente os dois últimos foram recapturados ontem pela polícia, que cercou a cidade, antes da visita do Presidente José Sarney — que inaugurou uma exposição nacional de gado zebu.

Antes de João Modesto, haviam fugido da cadeia de Uberaba o pistoleiro Norberto Ferreira — único dos envolvidos na chacina que não chegou a ser julgado — e o mandante Pedro Vaz, que era casado com uma das filhas do fazendeiro Delfino Gonçalves Ramos, Aparecida Ramos. Apenas Fileto Ribeiro Borges, o quarto envolvido e, como os demais, condenado a 187 anos de reclusão, continua preso. Eles mataram sete homens e mulheres e três crianças da família Ramos, a tiros, machadadas e golpes de porretes.

— Agora, estou temendo que Fileto Borges também venha a fugir ou, até mesmo, que seus companheiros tentem retirá-lo da cadeia — disse o delegado regional de Uberaba, Mário Zucatto, que põe a culpa pelas fugas seguidas à inexistência de condições mínimas de segurança do prédio e à falta de preparo dos 24 guardas, que se revezam em três turnos de oito horas, com oito guardas em cada um.

Segundo o delegado, não há excesso de detentos, pois o prédio tem capacidade para abrigar 90 e está agora com apenas 65. "O problema é a falta de segurança do prédio, cujas grades são serradas com extrema facilidade. Aproveitamos a presença do Governador Hélio Garcia na cidade, onde veio participar da abertura da exposição de gado zebu, para reivindicar, mais uma vez, a reforma total do prédio e a liberação de verbas para contratar mais soldados e prepará-los adequadamente," disse.

Rio transborda com chuva e deixa Salvador alagada

Salvador — Novos desabamentos de encostas, ruas do Centro Histórico e da Cidade Baixa completamente alagadas, automóveis arrastados pela enxurrada com o transbordamento por meia hora do rio das Tripas, na Avenida Barros Reis, foram as conseqüências mais graves das fortes chuvas que voltaram a cair, após o breve período de estiagem. A cidade começa a se recuperar da destruição provocada pelas chuvas do mês passado, que provocaram 32 mortes.

A Comissão de Defesa Civil informou que os novos desabamentos não registraram vítimas fatais. A Prefeitura decidiu apressar o trabalho de desocupação de dezenas de casas construídas nas encostas, que estão ameaçadas de ruir, principalmente nas proximidades do conjunto residencial Novo Horizonte.

Para recuperar os estragos provocados pelas chuvas de abril em Salvador, o Prefeito Manoel Castro pediu ao Governo Federal Cr$ 261 bilhões 711 milhões. Esses recursos são destinados à execução do plano emergencial de recuperação da capital baiana, incluindo o programa de habitação para os mais de dois mil desabrigados que estão recolhidos ao Ginásio de Esportes Antônio Balbino.

Começa a se normalizar a situação no interior do Ceará, castigado pelas enchentes dos grandes rios. Nas cidades do baixo Jaguaribe, como Limoeiro do Norte, Itaiçaba, Quixeré, Jaguaruana e Aracati, o quadro ainda é sério porque as águas cobrem a área urbana e mantêm fora da sede municipal quase a totalidade dos seus habitantes, abrigados em barracas de lona e plástico ou em prédios públicos.

Em Iguatu, atingido quinta-feira por uma enchente do rio Jaguaribe — cujas águas invadiram o Centro comercial, inundando a agência do Banco do Brasil e todas as lojas comerciais —, a situação ontem era de calma: operários da Prefeitura limpavam a cidade, enquanto máquinas e funcionários do Departamento de Estradas de Rodagem cuidavam de recuperar a ponte sobre o rio, que foi parcialmente destruída.

PERNAMBUCO

As chuvas que caíram entre 1 e 19 de abril no Sertão pernambucano corresponderam ao dobro da média histórica dos últimos dez anos, ou seja, choveu neste ano 100% a mais do que vinha chovendo de 1975 para cá. A informação foi dada pela Comissão Estadual de Planejamento Agrícola.

Nos últimos dez anos caíram 1 mil 840 milímetros de chuva, em média, por ano, entre 1 e 19 de abril nos 15 municípios estudados. Este ano, no mesmo período, as precipitações foram superiores aos 3 mil 500 milímetros. No período de outubro a abril, nos mesmos municípios e nos últimos dez anos, caíram 7 mil 437 milímetros de chuvas. De outubro de 1984 até abril de 1985 as precipitações chegaram aos 11 mil 500 milímetros.

A Secretaria de Agricultura ainda não fez uma estimativa completa das perdas agrícolas mas, segundo o secretário Airson Lócio, já estão conhecidas as culturas que mais sofreram, entre elas as da cebola, da uva de mesa e do milho. No caso das duas primeiras as perdas são superiores a 50% da safra que estava para ser colhida, o que deverá ter reflexo no abastecimento nacional, pois a cebola e a uva colhidas nessa época do ano em Pernambuco são comercializadas em grande parte no Sul do país.

Outras culturas também prejudicadas, como as do feijão e de arroz, trarão menos problemas. O arroz pode ser replantado, pois as terras permanecem molhadas, e o feijão, por ter ciclo curto, também pode ser replantado e colhido dentro de 45 dias.

Porto Alegre — Foto do jornal Zero Hora

Ademar exibe o pepino com orgulho

Centenas de gaúchos vão à farmácia atraídos por um pepino de 26 quilos

Porto Alegre — Um pepino gigante, que pesa 26 quilos e tem 92 centímetros de comprimento por 80 de circunferência, colhido há seis meses no Município de Candelária (RS), está exposto numa farmácia de Gravataí, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Cerca de 100 pessoas vão ver o pepino diariamente. Apesar de ter sido apanhado há 180 dias, o fruto se encontra com ótima aparência.

O pepino foi trazido da zona rural pelo vendedor de implementos agrícolas Oswaldo Perez da Silva, sogro do proprietário da farmácia. Mesmo vivendo há anos no meio agrícola, ele disse que jamais tinha visto um pepino tão grande. A raridade continuará em exposição enquanto não se deteriorar.

Dias atrás, uma batata-doce de quase 15 quilos, maior que uma abóbora, foi colhida pelo agricultor Gastão Gehlar em Tucunduva, a 552 quilômetros da Capital. A batata ficará em exposição na feira do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, em Esteio.

Ônibus bate em caminhão e 7 morrem

Salvador — Sete pessoas morreram e mais de 20 estão internadas com ferimentos graves em hospitais e clínicas particulares da cidade de Juazeiro, no Vale do São Francisco, em conseqüência de um desastre na madrugada de ontem envolvendo um ônibus da empresa viação Itapemirim, que se chocou contra um caminhão na Rodovia Lomanto Júnior.

O ônibus fazia a linha São Paulo—Picos (PI) e era dirigido por Cícero Pereira. Segundo testemunhas, o caminhão estava parado na estrada.

SÃO PAULO

Um engavetamento envolvendo oito caminhões e um automóvel procovou ontem de madrugada ferimentos em sete pessoas, mas sem gravidade, e causou a interdição da rodovia dos Imigrantes — que liga São Paulo à Baixada Santista — das 4h10min, momento do acidente, até as 10h17min. A visibilidade quase nula em razão do nevoeiro e de fumaça de um "lixão", ao lado da estrada, foram apontadas pela Polícia Rodoviária como causas do acidente.

Todos os veículos se dirigiam a Santos. No Km 24, município de São Bernardo do Campo, na região industrial do ABC, um caminhão entrou no denso nevoeiro misturado à fumaça e brecou bruscamente. Os veículos que vinham atrás foram batendo e parte da carga dos caminhões — verduras, frutas, calçados, óleo de soja, carne e pedras — foi lançada sobre a pista, além de um "container".

GENERAL R 1
JOSÉ ODON DE PAIVA

FALECIMENTO

✝ A família pesarosa comunica seu falecimento. O enterro sairá às 10 horas de hoje da Capela E do Cemitério São Francisco Xavier (Caju) para mesma necrópole.

MARECHAL
MÁRIO POPPE DE FIGUEIREDO

✝ Maria Emília Corrêa Poppe de Figueiredo, Sérgio Poppe de Figueiredo, Sra e filhos, Carlos Henrique Poppe de Figueiredo, Sra e filhos, Marília Poppe de Figueiredo Fabião e Paulo Sérgio Fabião e filhos, Cézar Augusto Poppe de Figueiredo, Sra e filhos, profundamente consternados comunicam o falecimento ocorrido ontem de seu querido esposo, pai, sogro e avô Mário Poppe de Figueiredo e convidam parentes e amigos para seu sepultamento hoje, dia 5, às 14:00 horas, saindo o féretro da Capela H do Cemitério de São Francisco Xavier (Caju) para a mesma necrópole.

KARL RICHARD JUNG

(Carlos da ITA)

✝ Elisabeth Lydia Von Ihering Jung, esposa, Maria Von Ihering de Azevedo, Dora Von Ihering Bonança, Schwester Lina Jung e demais parentes de Baden-Baden (Alemanha), agradecem as manifestações de pesar por ocasião do falecimento do seu querido CARLOS e convidam para a Missa (comunitária) que será celebrada amanhã 2ª feira, dia 06 de Maio, às 9:30 horas, na Igreja de São Paulo Apóstolo, à Rua Barão de Ipanema, Copacabana.

Tempo

Satélite GOES W — INPE — Cachoeira Paulista, SP (4/5/85 — 18h)

N. da R. — A foto do satélite sofreu interferência nas condições de transmissão.

No Rio e em Niterói

A temperatura será estável, ainda sujeito a chuvas. O tempo estará encoberto e os ventos serão fracos a moderados. A visibilidade será moderada. Os termômetros registraram a temperatura máxima de 22.5 na Praça XV e a mínima de 15.7 no Alto da Boa Vista.

As chuvas — Precipitação em mm nas últimas 24 horas; 7.5; Acumulada este mês, 50.2; Normal mensal, 72.9; Acumulada este ano, 830.0; Normal anual, 1075,8.

O Sol — Nascerá às 6h12min, cruzando o meridiano às 11h48min e o Ocaso será às 17h25min.

O Mar — No **Rio de Janeiro** — Preamar — 02h31min/1.1 e 15h04min/1.3. Baixa-mar — 09h08min/0.3 e 22h04min/0.4. Em **Cabo Frio** — Preamar — 02h08min/1.2 e 14h28min/1.4. Baixa-mar — 08h19min/0.2 e 21h12min/0.2. Em **Angra dos Reis** — Preamar — 01h40min/1.2 e 14h13min/1.4. Baixa-mar — 08h50min/0.3 e 21h24min/0.2.

O Salvamar informa que o mar está meio agitado, com águas a 23 graus. O dia foi chuvoso, as praias não tiveram nenhuma frequência.

A Lua

Cheia 4/5 — **Nova** 19/05 — **Minguante** 11/05 — **Crescente** 26/5

Nos Estados

Amazonas: Nub a oeste enc c/chvs esp. Temp. estável. Máx. 30.7 e min. 23,1; **Acre**: Nub a oeste enc c/chuvs/esp. Temp. estável. Máx. 23.6 e min. 19.6; **Roraima**: Nub c/chvs. esp. Temp. estável. Máx. 28.5 e min. 23.4; **Pará/Amapá**: Nub a oeste enc c/chvs esp. Temp. estável. Máx. 29.3 e min. 22.7; **Maranhão**: Nub a oeste enc c/chvs esp. Temp. estável. Máx. 28.8 e min. 23.2; **Piauí**: Nub a oeste enc c/chvs esp. Temp. estável; **Ceará**: Nub c/chuvs esp. Temp. estável; **R. G. do Norte/Pernambuco/Paraíba**; nub. c/chvs. esp. temp. estável máx. 30.4 min. 23.1; **Alagoas/Sergipe**: Nub a pte nub c/chvs esp. Temp. estável. Máx. 29.3 e min. 23.3; **Rondônia**: Nublado. Temp. estável. Máx. 26.0 e min. 20.0; **Bahia**: Nub c/chvs/isol no lit demais reg nub a pte nub. Temp. estável. Máx. 27.0 e min. 23.2; **Mato Grosso**: Nub c/chvs/isol. Temp. estável. Máx. 27.5 e min. 19.0; **Mato G. do Sul**: Pte nublado. Temp. em elevação. Máx. 26.7, min. 16.1; **Goiás**: Nub c/chvs isol no E do Estado n. demais reg nub a pte nub. Temp. estável. Máx. 29.6 e min. 19.7; **Distrito Federal/Brasília**: Nub c/possib de pncs chvs isol. Temp. estável. Ventos E/fr/mod. visib. boa. Máx. 26.2 e min. 18.1; **Minas Gerais**: Pte nub oeste nub suj a chvs isol no W/N do Estado. Demais regiões enc/oeste nub ainda suj a chvs/esp. Temp. estável. Máx. 24.4 e min. 18.3; **Esp. Santo**: Enc oeste nub ainda suj a chvs esp. Temp. estável. Máx. 24.5 e min. 20.0; **Rio de Janeiro**: Enc oeste nub ainda suj a chvs esp. Temp. estável. Ventos qte N fracos a mod. visib. red oeste mod. Máx. 22.6 e min. 15.7; **São Paulo/Paraná**: Pte nub a oeste claro c/nvu ao amanhecer. Temp. em elevação. Ventos qte E/fracos/mod. Máx. 20.8 e min. 14.7; **Sta. Catarina**: Clr c/per de pte nub. nvo esp ao amanhecer no litoral. As condições ainda são favoráveis a formação de geadas fracas no Planalto Sul. Temp. estável. Máx. 20.8 e min. 9.9; **R. G. do Sul**: Clr c/per pte nub nvo esp ao amanhecer, as condições ainda são favoráveis a formação de geadas fracas no Plto. e Plto. Serra do Ne. Temp. estável. Máx. 19.3 e min. 6.0.

No Mundo

Amsterdã: 4, nublado; **Berlim**: 1, chuvoso; **Bogotá**: 7, chuvoso; **Buenos Aires**: 6, claro; **Caracas**: 19, nublado; **Chicago**: 6, claro; **Copenhague**: 3, claro; **Cairo**: 15, claro; **Francfurt**: 4, chuvoso; **Genebra**: 7, nublado; **Havana**: 22, nublado; **Lima**: 17, claro; **Lisboa**: 13, chuvoso; **Londres**: 8, nublado; **Los Angeles**: 14, claro; **Madri**: 13, nublado; **Miami**: 22, nublado; **Montevidéu**: 5, nublado; **Montreal**: 3, nublado; **Moscou**: 7, nublado; **México**: 14, claro; **Nova Iorque**: 9, claro; **Paris**: 7, claro; **Roma**: 7, claro; **San Francisco**: 10, claro; **Santiago**: 8, claro; **Toronto**: 0, claro; **Viena**: 7, nublado.

DR HILTON BRANDÃO

FALECIMENTO

✝ A família consternada comunica o seu falecimento e convida seus amigos para o sepultamento hoje, ás 12:00 horas, no Cemitério São Francisco Xavier (Caju) saindo o féretro da Capela J.

MARGOT GERBER E SYLVIO GERBER

"SLOSHIN"

A família comunica parentes e amigos para "SHOSHIN" do MARTIN MOSES GERBER, a ser realizado no dia 07.05.1985 às 18 horas na A.R.I.

NUTA BARTLETT JAMES

(CENTENÁRIO)

O Deputado Victorino James, filhas, genro, noras, netos, bisnetos, cunhada e sobrinhos da inesquecível D. NUTA, convidam para a Missa que farão celebrar pelo Centenário de seu nascimento, dia 08 de maio, quarta-feira, às 19,00 horas, no altar Mór da Paróquia de S. Francisco Xavier, na Rua S. Francisco Xavier, nº 75, Tijuca.

NUTA BARTLETT JAMES

(CENTENÁRIO)

A Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, por seu Presidente, Deputado EDUARDO CHUAHY, Comissão Diretora, Líderes Partidários, Deputados e Servidores, convidam para a Missa "in memoriam" da Sra NUTA BARTLETT JAMES, pelo Centenário de seu nascimento, dia 8, quarta-feira, às 19:00 horas, no Altar Mór da Paróquia de São Francisco Xavier, na Rua São Francisco Xavier nº 75 — Tijuca.

RENATO BARBOSA

MISSA 7º DIA

✝ A família e seus colegas do MOBRAL comunicam que farão celebrar no dia 06 de maio, às 11:30h, na Igreja de N. S. do Carmo, Rua 1º de Março, a Missa em sua intenção.

INFORME ECONÔMICO

Ermírio pede controle no comércio

São Paulo — É muito pouco conseguir uma inflação de 7,2% no mês de abril, quando a economia do País estava parada e, também, sob um rígido controle de preços", afirmou o empresário Antônio Ermírio de Moraes, diretor-superintendente do grupo Votorantim. Ele voltou a pedir que "o mesmo controle de preços, rígido, seja imposto ao comércio".

— De nada adianta o controle somente sobre a indústria. É no comércio que ocorrem as variações de preços. É confortável governar com um controle de preços sobre nossas cabeças. O problema continua, também, nos gastos públicos. É preciso acabar com as mordomias nesse País. São mordomias sustentadas com os impostos que a sociedade paga — afirmou o empresário.

Para Antônio Ermírio, qualquer aumento de impostos — uma das medidas comentadas como forma de reduzir o déficit público — deve ser submetido ao Congresso Nacional. "Não podemos mais ficar esperando aumentos de impostos, que são decididos unilateralmente. O Congresso Nacional deve estar atento a esse problema e até

Antônio Ermírio de Moraes

vigiando como é gasto o que o governo arrecada", afirmou Antônio Ermírio de Moraes.

— É preciso que se inicie um processo de moralização. Só isso vai acabar com a corrupção que existe no País — acrescentou.

Greves

Ao analisar o atual surto grevista, o diretor do grupo Votorantim considerou que "o movimento é político e parece que estão procurando pressionar o Sarney. São pessoas radicais que querem impor um socialismo que não leva a nada, a não ser à falta do diálogo e à ausência de democracia".

— Todo radicalismo só traz prejuízo. No momento, a situação do País é difícil e as pessoas de bom senso sabem disso. As reivindicações deveriam ser mais coerentes, mais justas. Os problemas têm que ser resolvidos aos poucos, não de uma só vez. É preciso muito juízo, alertou Antônio Ermírio de Moraes.

Ele se declarou contrário a uma redução repentina na jornada de trabalho. "Isso deve ocorrer de forma lenta e gradual, para que não se provoque um impacto negativo sobre a economia nacional", observou.

As prioridades da Frente Liberal

Brasília — O Partido da Frente Liberal considera como prioridade partidária o controle dos juros no mercado interno. Neste sentido vai buscar formas concretas para combate à alta de juros no mercado, conforme informou ontem o líder do Partido no Senado, Carlos Chiarelli (RS).

O senador disse que a bancada no Senado de 18 membros vai encaminhar ao presidente do Partido, senador Jorge Bornhausen (SC) uma proposta para que sejam encomendados dois estudos sobre o assunto e que servirão de base ao trabalho que o Partido pretende desenvolver. Esses estudos serão confiados a especialistas do próprio mercado.

O primeiro deles incluíra propostas para redução "progressiva e gradual da correção monetária". Segundo o senador, a correção monetária já funcionou como efeito social na convivência com a inflação, mas "hoje é um instrumento negativo". O segundo estudo deve apresentar formas concretas e reais de controle dos juros.

"O Governo criou mecanismos para controle de preços a nível de atacadistas e no varejo. No caso dos juros, temos que controlar as taxas na hora captação, pelos bancos, e no momento da aplicação. Este é um instrumento de controle da inflação" — disse Chiarelli.

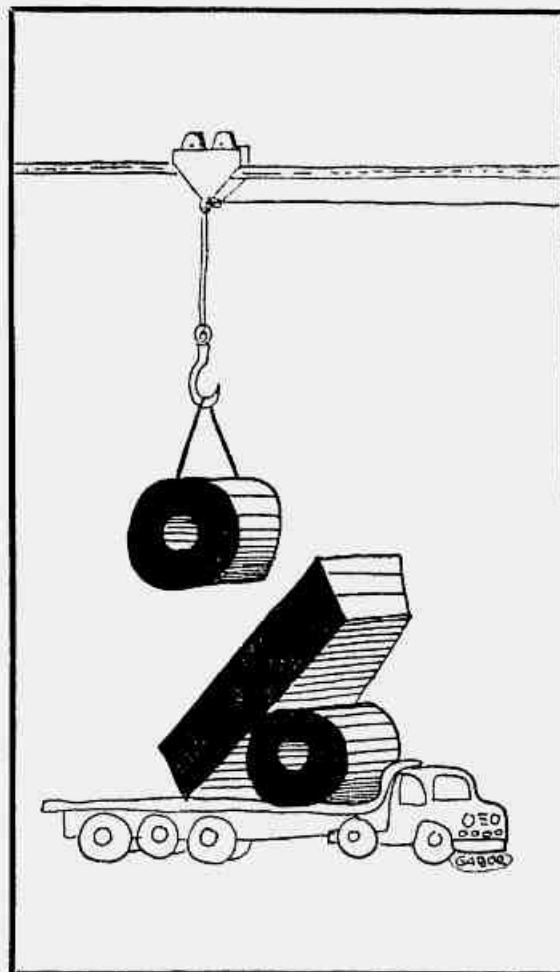
A manutenção elevada das taxas de juros, segundo o senador, acaba criando problemas para o próprio Governo, embora seja a emissão de títulos o principal elemento causador dessa alta. E foi com a alta dos juros que a dívida pública pulou, de um dia para outro, de Cr$ 121 para Cr$ 133 trilhões, no final do mês, segundo o senador.

Ele também se disse favorável a criação de novos tributos. "O problema não é ter medo de aumentar os tributos, mas saber de quem eles devem ser cobrados" — disse Chiarelli.

Juros podem reacender inflação

Recife — Se o Governo não acabar, gradativamente, com a correção monetária e tabelar os juros bancários, a inflação, que arrefeceu no mês de abril por causa do controle dos preços de alguns produtos, poderá voltar a explodir — denunciou, ontem, o presidente da Federação das Indústrias de Pernambuco, Gustavo Queiroz.

Embora tenha afirmado que ainda é cedo para se julgar a Nova República, ele explicou que o Governo vem se mostrando "tímido" diante do principal problema que deverá enfrentar: "os banqueiros". Queiroz acha que devem estar havendo pressões da área bancária sobre o Governo e diz temer que isto "possa vir a levar o País a uma situação perigosa, com os trabalhadores reclamando melhores salários e as empresas sem poder atender porque, embora o salário pese pouco diante dos custos totais, os bancos cobram até 15% ao mês para o desconto de uma duplicata.

O presidente da Fiepe disse que os Bancos estão ficando, no momento, com quase um terço dos recursos que as empresas recebem em pagamento dos produtos que vendem no mercado.

Cautela da Petrobrás nos "royalties" do Rio

O presidente da Petrobrás, Hélio Beltrão, com muita cautela, manifestou simpatia ao pagamento de **royalties** pelo petróleo extraído da plataforma continental, mas lembrou que o problema tem variadas implicações.

Na verdade, a boa dose da simpatia que ele manifestou pelo pleito do governo estadual, que conta também com o apoio dos demais Estados produtores, se deve ao fato de que todo carioca deseja mais recursos para sua região (o Rio produz cerca de 55% do petróleo nacional). Mas analisando a questão formalmente Hélio Beltrão faz questão de deixar claro duas coisas: trata-se de questão de política de petróleo e de um problema extremamente complexo, envolvendo entre outros fatores, alguns pontos juridicamente polêmicos.

Hélio Beltrão exemplifica a complexidade do problema explicando que há uma polêmica jurídica sobre a plataforma continental. Para as autoridades dos Estados produtores de petróleo no mar, ela pertence ao Estado, mas nem todos concordam com a tese.

— Na verdade, a plataforma continental pertence à União — sentencia o presidente da Petrobrás, advertindo sempre que caberá ao Governo definir politicamente uma posição.

Hélio Beltrão apresenta também uma segunda hipótese. Se for aceita a tese sobre o pagamento de **royalties** aos Estados produtores, que Estado deveria receber os **royalties**? Só o Estado produtor ou os adjacentes também? Seriam indagações não suficientemente respondidas pelos defensores do pagamento dos **royalties**, na opinião do presidente da Petrobrás.

— A melhor posição, no entanto, é calar a boca e esperar que o Governo decida politicamente — concluiu Beltrão.

Shell remaneja seus executivos

A Shell Brasil promoveu, nas últimas semanas, algumas mudanças na sua equipe de executivos, que atingiu diferentes escalões da empresa, incluindo sua diretoria. A razão dos remanejamentos, de acordo com Roberto Boetger, promovido do cargo de diretor de recursos humanos para o de diretor-vice-presidente do setor de óleos, foi o estudo de avaliação de desempenho preparado por uma firma especializada.

Segundo ele, diferentes interpretações sobre as mudanças ocorridas na direção da empresa — que entre 1970 e 1983 elevou seus investimentos no país de 70 milhões de dólares para 920 milhões de dólares — não procedem. Na verdade, toda grande organização empresarial que funciona num país com as dimensões do Brasil, em processo "permanente de mudança", está obrigada a rever seu métodos e sua organização a cada dois ou três anos, sob pena de ficar para trás em relação aos concorrentes.

— Se a Companhia não pára e se pergunta se tudo vai bem, ela acabaria ficando para trás — resume Roberto.

Com sua experiência na área de recursos humanos, onde atuou nos últimos dois anos, o novo vice-presidente para o setor de óleos — que responde por 20% das vendas no mercado nacional — justifica também os remanejamentos, argumentando que eles fazem parte do processo de formação dos executivos. Sua estrutura altamente diversificada e espalhada pelo país conta com 3 mil 200 empregados, sendo que 150 deles ocupam cargos de gerentes. A Shell Brasil apresenta ainda dois dados curiosos na área de recursos humanos: sua média de idade é jovem, girando em torno de 33 anos; e aos 55 anos seus executivos são aposentados, o que permitiria uma segunda carreira, dentro ou fora da empresa.

Roberto Boetger preferiu não adiantar os resultados do balanço de 84, que deverá ser concluído nas próximas semanas. No exercício de 83, no entanto, a Shell apresentou prejuízo, em função, certamente, do quadro recessivo que o país atravessou.

Boetger sobe à vice-presidência

Orçamento das estatais em 85 é elevado em Cr$ 83 trilhões

Brasília — A reformulação do orçamento global das 314 empresas estatais (incluindo ainda os bancos oficiais e a Previdência Social) deverá fixar os gastos totais para este ano em Cr$ 400 trilhões e os investimentos em Cr$ 50 trilhões, tendo por base uma taxa de inflação, ao final de 1985, da ordem de 200%.

Esses números foram revelados pelo Secretário de Controle das Empresas Estatais (SEST), Henri Philipe Reichstul, ao analisar a participação do Estado no atual estágio da economia brasileira. Segundo ele, até o final do mês a SEST terá concluído a revisão dos orçamentos das empresas estatais para, em seguida, submetê-los ao plenário do Conselho de Desenvolvimento Econômico (CDE).

Orçamento realista

Um orçamento austero e realista, assim o secretário da SEST define o trabalho de reformulação do item chamado "dispêndios globais das empresas estatais para 1985". No dia 19 de dezembro de 1984, o então Presidente Figueiredo aprovou o orçamento das estatais prevendo gastos gerais de Cr$ 330 trilhões em 1985, e investimentos de Cr$ 37 trilhões 124 bilhões.

Reichstul não quis entrar em detalhes sobre como será definido o cronograma de investimentos do setor público no decorrer deste ano, que, comparativamente aos totais de 1984, deverá apresentar crescimento zero. No entanto, segundo ele mesmo fez questão de esclarecer, não se trata de um orçamento linear. Assim é que projetos como os do setor siderúrgico (o da Açominas em particular) poderão ter incremento real de produção, já que o programa da Siderbrás está executando em mais de 80%, comparado com suas metas iniciais ainda nos primórdios do Governo Figueiredo, em 1979.

Ao contrário da tradição ocorrida no Governo anterior, a SEST não pretende fazer várias reformulações orçamentárias ao longo do ano. No ano passado, o ex-secretário Nelson Mortada, pressionado pelo descontrole inflacionário e pelas metas irrealistas sobre o comportamento do déficit público enviadas ao Fundo Monetário Internacional (FMI) acabou refazendo por três vezes o orçamento das estatais.

Agora será diferente, imagina Reichstul. No orçamento ainda em vigor imaginou-se uma inflação de 125%, a mesma adotada para o Orçamento Fiscal da União. A precaução, contudo, levou a Nova República a trabalhar com um índice inflacionário de 200% ao final do ano. Na verdade, o Ministério do Planejamento está imaginando uma folga nos organogramas financeiros das estatais, ao calcular ser possível terminar o ano com inflação da ordem de 180%. A Secretaria Especial de Abastecimento e Preços (SEAP), encaminhou à SEST previsões otimistas quanto à evolução dos preços nos próximos três meses, a ponto de prever para os meses de maio e junho uma inflação mensal da ordem de 5%.

Correção monetária

O secretário Reichstul não está alarmado com a nova fórmula da correção monetária (média geométrica dos últimos três meses), que em abril e maio está três pontos percentuais acima da inflação. No próprio Ministério do Planejamento houve críticas ácidas ao sistema, que teria provocado uma elevação do déficit público, somente em abril, de Cr$ 5 trilhões.

Reichstul, no entanto, imagina que o fundamental é a queda dos níveis inflacionários. Com a redução da inflação, assinala, haverá efeitos benéficos sobre o montante do déficit público facilitando assim as negociações com o FMI.

Outra mudança importante no perfil do setor público, conforme especificou o titular da SEST, é fazer o Estado voltar às suas funções tradicionais nas chamadas áreas de infra-estrutura (educação, saúde, transportes, alimentação e segurança pública).

CMN analisa previsão de bancos oficiais dia 22

Brasília — Todos os bancos oficiais, com exceção do Banco do Brasil, terão que encaminhar ao Departamento Econômico do Banco Central (Depec), até a próxima terça-feira, a proposta orçamentária para o exercício de 1985, que será discutida na reunião do Conselho Monetário Nacional prevista para o dia 22 de maio.

A informação foi prestada por uma fonte autorizada do Banco Central, salientando que o presidente da instituição, Antonio Carlos Lemgruber, já encaminhou correspondência às instituições financeiras oficiais, alertando que cada proposta deverá estar acompanhada de uma explicação detalhada sobre as fontes e usos de recursos.

A decisão do CMN alcançará o Banco do Nordeste, Banco da Amazônia, Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social, Banco Nacional de Crédito Cooperativo, Caixa Econômica Federal e Banco de Roraima. A fonte do Banco Central informou que Lemgruber deixou claro aos dirigentes das instituições financeiras oficiais que cada proposta orçamentária, para ser aprovada pelo CMN, terá que se enquadrar dentro dos parâmetros de contenção das operações de crédito efetuadas com o setor público.

Na reunião do Conselho Monetário marcada para o próximo dia 22, segundo revelou o presidente do Banco Central, será finalmente apreciado o voto que reduz de 180 para 90 dias as aplicações em títulos privados (Certificados de Depósitos Bancários e Letras de Câmbio). Essa proposta já foi aprovada pelas Comissões Consultivas Bancária e do Mercado de Capitais e seria examinada na reunião de anteontem.

Entretanto, esbarrou na oposição feita pelo setor de poupança, pois, para mexer nos títulos privados, o Governo terá também que alterar as condições oferecidas pelas cadernetas. E às sociedades independentes de crédito imobiliário, no momento, não interessa mudar as regras do jogo para as cadernetas.

O terceiro assunto que já está na pauta do CMN para o dia 22 é a criação das moedas metálicas de Cr$ 100, Cr$ 200 e Cr$ 500, que serão as frações de centavos na próxima reforma do padrão monetário, já confirmada por Antonio Carlos Lemgruber.

Pepsi e Coca travam também no Brasil guerra pelo sabor cola

A versão brasileira da já quase centenária guerra entre os dois pesos-pesados da indústria multinacional de refrigerantes — a Coca-Cola e a Pepsi — entrou no último fim de semana em novos lances, com o anúncio publicado pela Pepsi nos principais jornais brasileiros, valendo-se da notícia de que sua concorrente vai mudar de sabor para ficar mais doce.

"Olha só quem está mudando para o sabor de vencer", ironizava o anúncio da Pepsi. "Não vamos responder a isso. Não é da postura da companhia, em 42 anos de atuação no Brasil, fazer comparações desse tipo. Acabam virando bate-boca", desdenha o diretor administrativo da Coca-Cola, Luiz Lobão, com a superioridade de quem detém 92% do mercado nacional de refrigerantes sabor cola, estimado para este ano em 2,1 bilhões de litros.

Luta no Rio

A Coca-Cola vai ficar mais adocicada porque essa é a nova tendência do consumidor, justifica Lobão, referindo-se à decisão da matriz da empresa, na Geórgia, de promover a mudança de sabor, nos Estados Unidos e no Canadá, a partir do próximo dia 8. No Brasil, a Coca-Cola vai estrear seu novo paladar antes de novembro.

Mas, se decidiu não reagir à estocada do irônico anúncio, a Coca-Cola está atenta a todos os movimentos da concorrente. A mais recente batalha trava-se no momento no apetitoso mercado do Rio, que deverá absorver este ano mais de 900 milhões de litros de refrigerantes, dos quais metade no sabor cola.

Essa batalha foi deflagrada em janeiro, quando a Pepsi, depois de dois anos de ausência do mercado fluminense, foi relançada no festival Rock in Rio. Só nessa ocasião, a empresa vendeu algo em torno de 500 mil litros para quase 1 milhão de roqueiros. De lá para cá, vem se espalhando: "Já estamos presentes em mais de 70% dos 60 mil pontos de venda que pretendemos atingir no Estado do Rio", alegra-se o diretor de marketing da Pepsi, Roberto Abramson.

Cioso de seus números, Abramson não quantifica o desempenho da empresa. Mas garante que a meta de abocanhar 20% do mercado do Rio num prazo de 12 meses "será atingida com tranqüilidade". Para isso, seu maior trunfo é o contrato firmado no fim do ano passado com a poderosa cervejaria Brahma, que se encarregou do engarrafamento e distribuição da Pepsi no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro. E com uma verba de 10 milhões de dólares (cerca de Cr$ 50 bilhões) que está permitindo inundar as rádios e TVs com o slogan **Sabor de Vencer**.

— O contrato com a Brahma é a terceira tentativa da Pepsi de entrar no mercado do Rio — diz Lobão, da Coca-Cola.

De fato, confirma Abramson, em quase 30 anos de operação no Brasil, a Pepsi conseguiu se firmar nas praças do Rio Grande do Sul e do Ceará, mas tem fraca presença nos outros mercados. Nas tentativas anteriores de entrar no Rio, a empresa associou-se primeiro a um grupo venezuelano e depois à Perrier francesa. Não deu certo. "Agora, com a Brahma, temos um parceiro de porte e tradição no mercado brasileiro", comenta.

Contra-ataque

A Coca-Cola não menospreza essa poderosa parceria. "A Pepsi vai ter seu espaço no mercado, mas nós estamos trabalhando para que ele seja o menor possível", avisa Lobão. Assim, a empresa reforçou sua verba de **marketing** para este ano (20 milhões de dólares — pouco mais de Cr$ 100 bilhões — contra 15 milhões de dólares no ano passado), aumentou o espaço que ocupa nas prateleiras dos supermercados, conseguindo pontos adicionais de exibição de seu produto nas lojas e aumentou a freqüência de visitas dos vendedores aos cerca de 30 mil clientes que tem no varejo do Rio.

Mas não pretende seguir todos os passos da concorrente. Ao contrário do que fez no Rio Grande do Sul, onde lançou este ano a garrafinha **one-way** que a Pepsi havia lançado no final de 1984, a Coca-Cola não pensa em lançar no Rio a tampinha de rosca introduzida pela Pepsi para conquistar as donas-de-casa. "A rosca não garante vedação completa", diz Lobão.

Assim, para o consumidor, o mais visível movimento dessa luta é a batalha de promoções em que as duas empresas se empenharam nas últimas semanas. Alguns supermercados oferecem a Pepsi em litro por convidativos Cr$ 820. Outros vendem pelo preço normal (Cr$ 1 mil 480), mas dão o vasilhame de graça.

A Coca-Cola começou o contra-ataque há 15 dias, lançando-se numa promoção do tipo **pague 2, leve 3**. Pelo preço de dois litros de Coca — Cr$ 2 mil 960 — o comprador leva uma terceira ou um litro de Guaraná Taí ou de Fanta.

O consumidor — prêmio maior a ser arrebatado pelo vencedor da guerra — trata de aproveitar: "Adoro Pepsi, tem um sabor mais leve", dizia na manhã de sexta-feira a dona-de-casa Reneé Santos do Nascimento, enquanto colocava no carrinho do supermercado Disco, na Rua do Riachuelo, três garrafas de Pepsi vendidas por Cr$ 820 cada e uma garrafa de Coca Cola "para o sobrinho, que prefere Coca". No supermercado ao lado, a Sendas, outra dona-de-casa, Maria de Lourdes Oliveira, repetia: "Pepsi é mais suave." Mas colocava na sacola três litros de Coca. Talvez por essas ambigüidades dos consumidores é que o vice-presidente das Casas da Banha, Waldemar Veloso, diz que ainda é cedo para avaliar o desempenho das duas concorrentes no mercado. "Tanto a Coca, quanto a Pepsi estão vendendo muito bem, graças a essas promoções", diz ele. O tempo é que vai dizer se o sabor de vencer da Pepsi veio para ficar ou se Coca-Cola é que é.

TEREZINHA COSTA

EUA começam a provar nova fórmula

Nova Iorque — A partir desta semana e progressivamente até o final do mês, os consumidores americanos estarão provando uma nova coca-cola, mais doce, no mais recente (e espetacular) capítulo da guerra das "colas" envolvendo os dois gigantes mundiais da indústria dos refrigerantes: a Coca-Cola e sua arqui-rival há 87 anos, a Pepsi.

A Pepsi cantou vitória afirmando que o novo gosto da coca assemelha-se mais ao seu, mas um teste "cego" (no qual os provadores não sabem o que estão bebendo) feito pelo jornal **USA Today** revelou que a nova fórmula da Coca-Cola poderá ser um sucesso. Ela obteve 48 pontos, cinco à frente da velha Coca-Cola e 14 pontos adiante da Pepsi, cujo sabor chegou a ser classificado como "medíocre" por alguns provadores.

O anúncio da mudança do sabor da Coca-Cola, a primeira mudança significativa em sua fórmula em 99 anos, caiu como um raio no mercado. Segundo a agência McCann-Erickson, que tem a conta da Coca-Cola, 24 horas depois que a mudança foi anunciada, dois terços dos 250 milhões de americanos tinham consciência do fato, algo extraordinário num país no qual, apesar de toda a informação, pelo menos 30% de seus habitantes não sabem indicar os EUA num mapa.

Riscos

A mudança implica riscos, riscos que foram assumidos em função de uma perda constante de mercado por parte da Coca nos últimos anos. Ela ainda é o refrigerante número um nos EUA e no resto do mundo supera a Pepsi numa razão de dois para um. A Coca detém hoje 21,7% do mercado dos refrigerantes nos EUA, contra 18,8% da Pepsi. Mas no ano anterior a Coca vendia 0,8% a mais e a Pepsi exatos 0,8% a menos, um total importante nesse mercado de 25 bilhões de dólares, representando nada menos que 200 milhões de dólares de receita.

A Coca-Cola ainda é mais vendida em cadeias de lanchonetes e em máquinas espalhadas pelo território norte-americaano. As 5 mil 500 lojas da cadeia McDonald's só vendem coca. Mas, nos supermercados,, onde 45% dos refrigerantes norte-americanos são vendidos, a Pepsi estabeleceu uma vantagem de 3% sobre seu concorrente, vantagem conquistada no último semestre do ano passado graças a uma série de bons comerciais com Micchael Jackson, que recebeu nada menos que US$ cinco milhões de dólares para fazê-los.

Outro fato que preocupa a Coca-Cola é o estreitamento do mercado dos refrigerantes, minado por dentro pelos próprios refrigerantes **Diet**, do qual a **Diet-Coke** (cuja fabricação não foi permitida no Brasil) aparece como o grande nome, com 5,4% do mercado dos EUA. Por fora, os refrigerantes vão perdendo espaço para sucos naturais e para as águas. Na América, é possível chegar à sofisticação de tomar água mineral de quase qualquer país do mundo.

Em 1976, os refrigerantes tinham 53,2% do mercado, os sucos naturais, 9,5%, as bebidas alcoólicas (exceto vinho e cerveja), 2,8%, o vinho, 2,6% e a cerveja 31,9%. No ano passado, o panorama mudou e um americano mais preocupado com a saúde emergiu. Os refrigerantes caíram para 46% do mercado, enquanto o sucos subiram para 12%. A água mineral já detém 4%, e os concentrados de fruta, 6%. O vinho foi a única bebida alcoólica com algum ganho (3%), enquanto o consumo de cerveja e das demais bebidas alcoólicas caiu.

Desde a semana passada, as colas estão em guerra na TV. A Coca está relançando velhos temas, adotando um **jingle** que é — sem tirar nem pôr — **Águas de Março**, de Tom Jobim. Em cena, o comediante Bill Crosby vivendo um arqueoólogo que, em meio a antiguidades e segurando uma lata de Coca-Cola, diz: "Bom, se você bebe Pepsi, talvez isso já seja parte da história."

Mas a Pepsi tem seu próprio arqueólogo, que é mais objetivo. No século XXV, em meio a ruínas e cercado de jovens tomando latas de pepsi, o arqueólogo é questionado sobre uma garrafa de coca-cola que um dos alunos acha nas ruínas. "O que é isso?" pergunta um dos jovens. "Não tenho a menor idéia", responde o arqueólogo, contemplando a "relíquia" com ar assombrado.

É ainda meio cedo para afirmar quem ou o que vai sobreviver até o século XXV. A Coca-Cola aposta que será ela e — apesar da jogada arriscada — diz que baseou sua mudança de gosto numa detalhada pesquisa que mandou fazer entre 1981 e o ano passado em 25 cidades dos EUA e do Canadá, consultando 190 mil consumidores.

O sabor da nova coca surgiu quando a companhia estava pesquisando a **diet coke**. A nova fórmula, conhecida pelo esotérico nome de produto 7-x-100, repousa no mesmo cofre de banco, em Atlanta, onde está entesourada a velha 7x, fórmula criada há quase 100 anos pelo farmacêutico John Pemberton, que a vendia como um tônico para fortificar os nervos. A fórmula é tão secreta que os engaarrafadores recebem o concentrado pronto e quando o Governo da Índia exigiu que fosse fabricado no país, a Coca-Cola preferiu abandonar o mercado a pôr o seu segredo em perigo.

Mudar o gosto da coca não deve ter sido uma decisão fácil, mesmo para o atual presidente da companhia, o cubano formado em Yale, Roberto Goizueta, que começou a trabalhar na empresa em 1954 como químico e, desde que chegou à presidência, se dedica com fervor a demolir anos de imobilismo, criando novas bebidas com a marca "sagrada" e diversificando as atividades do grupo. Uma das empresas incorporadas, a Columbia, lançou vários filmes de sucesso no ano passado, como "Ghostbusters". (Os caça-fantasmas), "The karate kid", "Soldiers Story" e "Uma passagem para a Índia".

Mas bebida é, ou pode ser, outra coisa. Nas próximas semanas o mercado prenderá a respiração enquanto espera a reação dos consumidores. Na cabeça de todos está uma história exemplar: a da cerveja Schiltz, que nos anos 70 era a segunda mais vendida nos EUA. Em 1974, a cerveja anunciou que estava mudando de sabor. O desastre foi completo: os consumidores abandonaram o produto em massa. Nem mesmo a adoção de novo da antiga fórmula impediu que a Schiltz caísse para apenas 1% do mercado de cerveja dos EUA.

É obvio que a Coca-Cola é diferente da Schiltz, mas nas próximas semanas ela vai ter não apenas que manter seus consumidores como ir ao território adversário brigar pelo mercado jovem que a Pepsi, inquestionavelmente, domina com seu **slogan** "A escolha de uma nova geração". Quem beber verá.

FRITZ UTZERI
Correspondente

Briga no Sul foi com garrafas quebradas

Porto Alegre — No Rio Grande do Sul, único Estado onde a Pepsi historicamente sempre liderou o mercado, a guerra agora é de **marketing**, depois de ser, por vários anos, a guerra das garrafas. A Coca-Cola investe poderosamente para tentar, aos poucos, mudar uma imagem criada há mais de 30 anos pelo comendador português Heitor Pires que, percorrendo bares e armazéns dirigidos por portugueses, oferecia de graça uma ação da Pepsi, dizendo que "agora vamos participar de uma fábrica de refrigerantes".

O método do então controlador da Refrigerantes Sulriograndense (concessionária da Pepsi, agora controlada pela Brahma) deu certo, ampliado por uma vitoriosa campanha intitulada "A Pepsi é nossa", que deu uma imagem favorável, como se a Pepsi fosse gaúcha. "Nosso objetivo é manter a liderança no mercado", afirmou o gerente da Pepsi na Capital gaúcha, Carlos Alberto Tinoco, que, como representante da Brahma, assumiu o cargo há 17 dias. O advogado da Coca-Cola, Frederico Mottola, contesta esse domínio da Pepsi, citando Pelotas, "onde a Coca-Cola ja vende mais que a Pepsi".

A Pepsi possui quatro fábricas com franquias para a produção do refrigerante através da Brahma: Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria e Montenegro. Existe uma quinta fábrica, em Passo Fundo, da Olbra (razão jurídica no Brasil da Pepsi), subordinada diretamente à matriz norte-americana. A chamada "guerra das garrafas" começou em 1972, quando a Pampa Refrigerantes e a Refrigerantes Vontobel (concessionárias da Coca-Cola) acusaram a Pepsi de ter destruído 2 milhões de vasilhames. Acusada de abuso de poder econômico, a Pepsi foi condenada pelo CADE — Conselho Administrativo de Defesa Econômica, na primeira condenação feita pelo órgão do Governo em toda a sua história.

O CADE quis cobrar, por isso, uma multa de 500 vezes o maior salário mínimo, mas a Pepsi recorreu ao Judiciário e conseguiu a anulação da cobrança da multa. A Coca-Cola perdeu a ação de perdas e danos que moveu na Justiça contra a Pepsi. Mas, segundo Frederico Mottola, "conseguimos reaver as garrafas, em número igual às destruídas pela Pepsi".

JOSÉ MITCHELL

Bancos descobrem e investem maciçamente no mercado consumidor

O estágio atual de desenvolvimento da economia brasileira, as perspectivas de crescimento dos próximos anos e o tamanho da população fazem do mercado consumidor uma área de interesse e de grandes investimentos recentes por parte dos bancos e demais instituições prestadoras de serviços financeiros. Com a projeção de crescimento da economia brasileira de aproximadamente 5,7% nos próximos 5 anos, em média, podemos esperar que o consumo cresça a taxas bem mais elevadas, face ao nível reprimido em que se encontra hoje.

No âmbito internacional, a competição nesse mercado se tornou extremamente agressiva, na medida em que as barreiras de regulamentação interna de certos países foram sendo eliminadas nos últimos anos, principalmente nos Estados Unidos. Na Austrália, por exemplo, foi permitida a instalação de 16 bancos estrangeiros e de outras instituições locais no sistema de pagamentos.

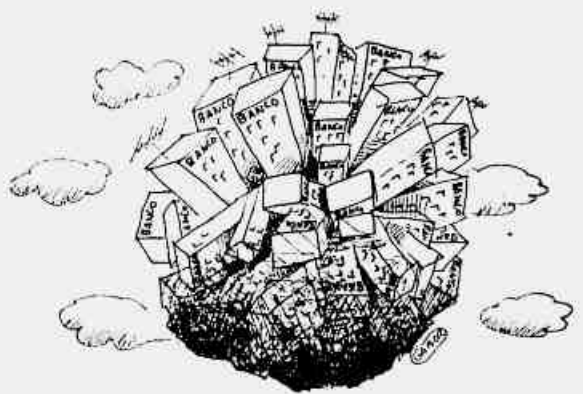
Além disso, organizações não financeiras (e quase financeiras) foram ocupando posições internacionalmente e penetrando em atividades que, por tradição, eram exclusivas de bancos comerciais.

O interesse pelo mercado consumidor é portanto recente e devido a vários fatores, tais como:

- aumento progressivo da capacidade de poupança e crédito dos indivíduos;
- estabilidade de negócios que proporciona a instituição, pela sua distribuição por um grande número de clienes; e
- da disposição, provável, do consumidor pagar por serviços financeiros sofisticados (banco eletrônico).

Essa tendência é vista como irreversível e vem proporcionando elevados retornos aos bancos e instituições que se dispuseram a investir maciçamente nesse mercado.

A prestação de serviços ao consumidor passou a ser uma das principais atividades da maioria dos grandes bancos internacionais. E muitos estão integrando suas unidades de **Consumer Banking** no mundo, inclusive no Brasil. É o conceito de **Global Consumer**, onde as mais avançadas técnicas de atendimento e prestação de serviços ficarão disponíveis mais rapidamente aos investidores do mundo inteiro.

Mas como conquistar esse mercado?

A chave para o sucesso na conquista do mercado consumidor, é o conhecimento das necessidades, atitudes e objetivos financeiros daquela parcela de clientes que se pretende obter. A instituição precisa estar capacitada a antecipar essas necessidades e interesses individuais e criar as conveniências e os serviços financeiros para atendê-los. O mercado precisa ser constantemente acompanhado e avaliado, pois não se pode forçar a venda de um serviço, ou seja, convencer os clientes a comprarem o que não precisam.

A identificação da tendência do consumidor em relação a fatores preponderantes de conveniência física, do tipo — proximidade da agência à residência ou local de trabalho —, em relação a outros fatores do tipo — atendimento, agilidade e flexibilidade na solução de necessidades — é fundamental para o estabelecimento da estratégia a ser desenvolvida pela instituição. Com o advento do banco eletrônico, os sistemas automáticos de caixa, o banco por telefone, o banco na residência passam a ser mais importantes do que a conveniência física de localização de uma agência bancária. Não obstante, o contato pessoal permanecerá, no nosso entender, indispensável para o completo relacionamento do indivíduo com a instituição, mas não na freqüência e pelas necessidades de hoje.

O atendimento ao mercado consumidor se transformou numa atividade extremamente complexa, como demonstrado, e ficará cada vez mais difícil no futuro, na medida em que o consumidor se tornar ainda mais sofisticado e exigente em relação aos serviços que recebe. Desconsiderar, ou mesmo simplificar, o tratamento diferenciado, consistente e de longo prazo que o consumidor exige é caminho certo para o insucesso.

O mercado consumidor brasileiro se apresenta, pelas razões mencionadas, como prioridade para diferentes instituições nacionais e internacionais. Vultosos investimentos estão sendo efetivados neste momento no Brasil para equiparar, ou mesmo suplantar, os avanços tecnológicos de outros países no atendimento a esse mercado. Isto é uma conseqüência natural para um país com 40 milhões de contas correntes e 60 milhões de cadernetas de poupança.

FERNANDO PINTO DE MOURA
Diretor Gerente do Chase Banco Lar

Auxiliar reformula sua operação para competir em áreas mais complexas

São Paulo — O presidente do Banco Auxiliar, Eduardo Pereira de Carvalho, confirmou o fechamento de 17 agências do banco em todo o país, com a conseqüente dispensa de 820 funcionários. Esta decisão faz parte de um plano de "reformulação operacional" destinado a torná-lo mais "enxuto" e apto a competir em faixas de atendimento especializado a operações financeiras complexas.

O banqueiro afirmou que "o ciclo de demissões está encerrado", rebatendo assim nota oficial publicada semana passada na imprensa paulista por cinco sindicatos de trabalhadores, segundo a qual o banco está promovendo demissões em massa, que chegariam a 2 mil 500 funcionários, segundo os seus dirigentes.

— As 17 agências fechadas estavam mal localizadas, não se adequando à característica típica do Auxiliar de ser um banco de atacado. Eram ineficientes e deficitárias — destacou Carvalho. A reestruturação do banco prevê a abertura de novas 17 agências — já que a instituição não perdeu as cartas-patentes — no segundo semestre do ano, em localidades a serem ainda definidas.

Sobre a informação dos sindicatos — bancários de São Paulo, da Bahia e de Piracicaba (SP), engenheiros de São Paulo e psicólogos de São Paulo — de que na "Bahia estão fechando 80% das agências, Eduardo de Carvalho afirmou que ela é verdadeira." Na Bahia, tínhamos cinco agências e resolvemos fechar quatro, o que dá exatamente 80%. As quatro estavam localizadas em praças de pouco movimento e não se enquadravam no padrão Auxiliar", observou.

Carvalho considerou "absurdos e ignorantes" alguns trechos da nota oficial dos sindicatos, segundo a qual o banco está passando por uma "crise", com "saques acima do normal" e "vem operando no vermelho na compensação geral de cheques". Para o banqueiro, estas informações são "inteiramente falsas". Segundo ele, apenas em fevereiro aconteceu algo que poderia ser definido como anormal uma redução de 20% nos depósitos a prazo.

A nota sindical termina reivindicando a readmissão dos funcionários dispensados. Sobre o pedido, Carvalho afirmou que "o que precisávamos fazer já fizemos".

Caso SulBrasileiro não afeta a previdência privada

Bradesco aumentou receita 266%

A Bradesco Previdência Privada teve um aumento de 266% em suas receitas de planos, comparando-se 1984 com o ano anterior, o Gboex de 163% e a Mongeral de 197%. A Aplub conseguiu, no ano passado, um número bem maior de associados, contando agora com 76 mil sócios, um patrimônio de Cr$ 154 bilhões e reservas técnicas de 117 bilhões, pagando em benefícios Cr$ 9 bilhões.

Das 116 entidades que operam no mercado de previdência privada no país, apenas o Montepio da Família Militar está sob intervenção, lembra Amaury Silveira, presidente da Anapp e da Aplub, acrescentando que, enquanto isto, no setor financeiro, liquidações e intervenções têm ocorrido com grande freqüência. O caso da Capemi — disse — está em vias de ser resolvido, com o levantamento da intervenção, pois encontra-se praticamente saneada. O patrimônio global da previdência privada no país é de 1 trilhão e 500 milhões, enquanto que as reservas a serem cobertas são de Cr$ 800 milhões.

Um dos problemas enfrentados hoje pelas entidades de previdência privada são os contratos de benefícios de contribuição antigos que não eram reajustados pela correção monetária e que foram mantidos sem sofrerem alteração. Por isso há inúmeras pessoas que recebem benefícios irrisórios, porque os contratos assumidos foram de valor constante. Com a regulamentação da lei 6.435 de previdência privada, em 1977, que determinou a elaboração de novos planos corrigidos pela ORTN, diversas entidades com grande número de associados avisaram seus associados e muitos optaram, segundo Silveira, pela mudança de planos de valor reciclado.

"Má-fé"

Com dezenas de ações na Justiça, representando mais de 1000 associados do Montepio da Família Militar, Ernesto Valdez é um dos advogados gaúchos que está colaborando na criação de uma Associação de Pensionistas que visa a resguardar seus direitos. Segundo o advogado, os associados sentem-se "lesados em sua boa fé junto às entidades que não esclareceram sobre as mudanças de planos e sobre os benefícios irrisórios que viriam a receber".

Ele próprio ingressou na Justiça estadual como sócio-pioneiro do MFM pleiteando o soldo de coronel para sua beneficiária (em caso de viuvez) atualmente equivalente a Cr$ 1 milhão e 800 mil. Lembrou que, em 1968, o MFM lançou um grande plano (GPMFM) e tantas eram as vantagens atribuídas que muitos associados pioneiros se transferiram dos planos de soldos de marechal (para aposentadorias) e de coronel (para viúvas pensionistas) para o grande plano. Ao final do período, as pensionistas receberam menos do que se tivessem permanecido nos planos pioneiros. Algumas ações de Ernesto Valdez visam, justamente, a anular as transferências de planos, já que ele considera que os pensionistas foram "induzidos" pelas vantagens oferecidas e não receberam o que lhes foi prometido. "Foram promessas mirabolantes que abusaram da boa fé do associado", observou.

Para Amaury Silveira, previdência privada é um contrato e não pode ser modificado unilateralmente. Sempre que há um contrato que envolva uma massa de pessoas, há uma insatisfação. Principalmente quando os planos levam 10 ou 20 anos para terminarem. "Seja qual for a solução para o problema do Sul Brasileiro, espero que os beneficiários do MFM sejam contemplados com uma parcela de seu patrimônio que é superior às suas reservas", disse.

O Presidente do Gboex (Grupo Beneficente de Oficiais do Exército), o maior do Rio Grande do Sul, com 323 mil sócios e patrimônio líquido de Cr$ 117 bilhões), Iese Rego Alves, que atua com pecúlio e pensões, disse que não sofre ações judiciais porque praticamente não dispõe de associados em planos antigos. "As promessas do MFM para seus planos eram maiores do que a empresa podia dar, e por isso já estavam perdendo a credibilidade no mercado gaúcho. Sua intervenção não foi uma surpresa para o mercado", disse.

Uma das propostas — que está sendo feita pela Anapp para aperfeiçoar a Lei 6.435 da previdência privada — ao Conselho Nacional de Seguros Privados é a criação de um fundo de liquidez e segurança, que dê garantias ao público subscritor dos planos da previdência privada. Para o fundo, contribuirão as entidades com um percentual determinado de sua receita social. Seu objetivo é socorrer alguma entidade com eventuais dificuldades ou até comprar uma carta-patente de uma firma com problemas.

Iese Rego Alves é contra o fundo. No seu entender, se alguma entidade vai mal "é porque foi mal administrada, e essas têm de sair do mercado". O fundo não pode proteger os maus administradores, diz ele. Defende a necessidade de uma maior fiscalização para evitar as intervenções no mercado.

Outra sugestão da Anapp é um fundo promocional da previdência privada que mostre ao público a necessidade de complementação previdenciária. Mas é preciso também, segundo a entidade, modificar algumas normas técnicas e operacionais para dar mais versatilidade aos planos previdenciários, tornando-os mais atraentes e com maior alcance social. O presidente da Anapp, Amaury Silveira, lembra que existe na Câmara Federal um projeto de lei em tramitação, transformando a Susep em instituto.

Porto Alegre — A intervenção no banco SulBrasileiro e em seu controlador Montepio da Família Militar, cujo patrimônio estava avaliado em Cr$ 200 bilhões, não afetou a credibilidade da previdência privada no país por parte do público. O mercado tem-se mostrado bastante receptivo, com o crescimento das receitas de planos.

— A opinião é do presidente da Associação Nacional de Previdência Privada (Anapp) e do Sindicato das Entidades de Previdência Privada no Estado, Amaury Soares Silveira. Segundo ele, que também preside a Aplub (Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil), a entidade teve, nos primeiros quatro meses do ano, um incremento de 16% em relação a igual período do ano passado. A previdência aberta pagou benefícios de Cr$ 60 bilhões, enquanto a previdência fechada pagou Cr$ 500 bilhões, em 1984.

Brasil só vende para o Oriente se comprar tapete

São Paulo — Uma exportação de produtos manufaturados para o Oriente Médio, no valor de 10 milhões de dólares, está adiada, pela impossibilidade de a empresa exportadora importar, como contrapartida, 1 milhão de dólares em tapetes, produto considerado supérfluo pela legislação brasileira.

Ao lado do fim dos incentivos fiscais e da alta do dólar no mercado internacional, esse é um exemplo de um novo entrave ao crescimento das exportações brasileiras, que começa a preocupar os empresários do setor, vítimas agora dos próprios mecanismos de restrição às importações determinados pelo Governo.

Com essas restrições, as exportações para o Oriente Médio foram adiadas, prejudicando a IAT — Companhia de Comércio, uma das maiores exportadoras de manufaturados do país, cujo presidente, Jacques Eluf, defende a liberação de importação até mesmo de produtos supérfluos, em casos específicos. "Não seria necessário sequer mudar a lei, mas apenas que o Governo nos dê a garantia de podermos, às vezes, importar um pouco para não termos que deixar de exportar muito", esclarece o empresário.

Mais flexibilidade

Para o diretor do departamento de comércio exterior da FIESP — Federação das Indústria do Estado de São Paulo, Jamil Nicolau Aun, é preciso haver, no mínimo, "um pouco mais de flexibilidade" na legislação do comércio exterior do país. Ele defende que haja contrapartidas também para a importação eventual de produtos com similares nacionais, desde que estes sejam, se possível, reexportados, a fim de garantir os mercados dos países cujos governos vêm exigindo importações por parte do Brasil.

Jacques Eluf, que também é vice-presidente da Associação Comercial das Empresas Comerciais Exportadoras (entidade que reúne os interesses das **trading companies**), propõe que o Governo libere algumas importações de supérfluos de alto valor. "Por que não permitir que se importem carros de luxo, sem similar nacional, não só pelo fato de evitar práticas ilegais várias vezes detectadas nessa área, como também para aumentar a arrecadação de impostos por parte do Governo?" pergunta.

Como exemplo, o empresário — cuja **trading** exportará este ano 120 milhões de dólares só em produtos manufaturados — calcula que a importação de 500 automóveis Mercedes-Benz, por ano, renderia ao Estado cerca de Cr$ 500 milhões cada um, somente em impostos, sem contar a Taxa Rodoviária Única (TRU), o que representaria uma arrecadação final de Cr$ 250 bilhões. "Nada mal para um governo que tem problemas de déficits internos", acrescenta, enfatizando que tal liberalização ainda contribuiria para aumentar o poder de fogo dos exportadores nacionais.

Aliás, Jacques Eluf já vê na prática algumas mudanças nessa situação. Ele cita os mecanismos do **counter-trade**, pelo qual o Brasil importa componentes industriais de um país para em seguida exportar produtos acabados para o mesmo.

— Isso tem funcionado — observa — muito bem em alguns casos. Um exemplo é a "troca" de componentes eletrônicos por produtos industrializados com o México, prática que vem agradando os industriais e exportadores dos dois países.

GRÁTIS:
Um toque de carinho, o monograma* da Mamãe!
O presente que você compra na Sears, leva também as iniciais da Mamãe aplicadas num monograma. Um toque especial no presente dela, grátis e exclusivo.
12 de Maio, Dia das Mães
(H) Vestido em jérsei de náilon estampado. Modelo com mangas longas. Diversas cores. Tam.: 42 a 52.
Preço Baixo é Sears! 59.000
(I) Vestido em jérsei de náilon estampado. Modelo com meia manga. Várias cores. Tam.: 42 a 52.
Preço Baixo é Sears! 49.000
(J) Penhoar acolchoado, liso ou estampado, e pijama em pluma, em modelos confortáveis e aconchegantes. Várias cores. Tam.: 42 a 52.
Preço Baixo é Sears! 37.000
(L) Pijamas em flanela tipo training, com estampa frontal. Várias cores. Tam.: 40 a 48.
Preço Baixo é Sears! 55.000
(M) Camisola em malha lisa, com renda no decote e nos punhos. Várias cores. Tam.: 42 a 52.
Preço Baixo é Sears! 27.000
Sears
Botafogo
BarraShopping
Satisfação garantida ou seu dinheiro de volta!

Dívida pública, um alvo de muitas críticas do PDT

— Eu não acredito em nenhum plano de combate à inflação que não passe pela redução dos encargos da dívida pública federal, que em março estava em Cr$ 133 trilhões, e pela negociação de melhores condições de pagamento da dívida externa — afirmou o Senador Saturnino Braga (PDT), criticando as alternativas que serão apresentadas pelo Ministro Dornelles de contenção do déficit público, no dia 8.

Apesar de o Congresso não ter prerrogativas para legislar sobre matéria econômica, Saturnino Braga acha que a ida de Francisco Dornelles ao Congresso é positiva e crê que haverá uma "espécie de votação" quanto às propostas que serão apresentadas pelo Ministro, além de um pronunciamento oficial dos líderes parlamentares. "De certa forma, portanto", comentou, "o Congresso deverá ter um poder decisório sobre essa questão".

Só que o Senador do PDT não aceita o "diagnóstico monetarista, imposto pelo FMI", de que o déficit público é gerado principalmente por gastos governamentais com custeio e investimento. Das quatro alternativas citadas por Dornelles — emissão de moeda, venda de títulos, aumento de impostos e corte nos gastos, ele só aceita o aumento de impostos sobre heranças e ganhos de capital. As outras três, afirmou, vão acabar prejudicando a classe trabalhadora:

— Emitir moeda é gerar inflação, o que recai sobre os assalariados, porque corrói o poder aquisitivo da moeda. Emitir títulos é levar a dívida pública à estratosfera, assim como os juros, acelerando também a inflação e prejudicando os assalariados. Cortar despesas, não vejo como. As mordomias e os supérfluos já foram cortados. Qualquer outro corte só vai gerar recessão e desemprego. São três soluções, portanto, que correspondem a um pacto de elite e não terão por isso nossa aprovação.

Quanto à quarta proposta, elevação dos impostos, "não pode incidir sobre os ganhos dos trabalhadores, que já são acentuadamente tributados", afirmou.

Mas a quinta alternativa e mais eficaz, que não foi mencionada pelo Ministro da Fazenda, na opinião de Saturnino Braga, está no resgate da dívida pública em títulos federais, "que sem dúvida alguma constitui uma das maiores parcelas do déficit governamental". Ele defende a troca compulsória dos títulos públicos por papéis de mais longo prazo e uma desindexação parcial, com um corte na correção monetária.

Sem atacar a dívida pública e a dívida externa, o Senador não crê que seja possível a realização de um pacto social, pois a economia não poderá voltar a crescer a suas taxas históricas e a inflação não cederá significativamente. O déficit de Cr$ 60 trilhões, afirmou, é uma brincadeira diante dos juros da dívida externa e dos encargos da dívida interna.

O parlamentar é contra a negociação da dívida externa que vem sendo feita pelo BC por várias razões:

— Em primeiro lugar, aceita o pagamento integral dos juros, o que elimina a possibilidade de um programa de retomada econômica. Em segundo lugar, aceita a ingerência do FMI nas decisões internas do país, até 1990. Além disso, não estão previstos novos empréstimos (dinheiro novo), havendo apenas a possibilidade de uma redução nos **spreads** (taxa de risco).

Saturnino Braga espera que a Carta de Intenção seja levada ao Congresso, assim como o acordo com os bancos, para que o problema econômico do país "possa ser analisado em toda sua dimensão".

Saturnino Braga

"Cr$ 60 trilhões é um absurdo"

O economista Dercio Munhoz, da Universidade de Brasília, considera absurdo o déficit público de Cr$ 60 trilhões divulgado pelo Governo, diante, por exemplo, de um Orçamento Fiscal estimado inicialmente, para este ano, em Cr$ 83 trilhões. Segundo ele, deve estar ocorrendo uma confusão entre o conceito de déficit e o de necessidade de recursos, que é o empregado pelo FMI.

Para Dercio Munhoz, muito mais preocupante do que esse "déficit", sobre o qual gostaria de ter maiores informações, são os encargos da dívida pública federal, no mercado e dentro da carteira do Banco Central, e o prejuízo operacional desse banco oficial. Ele calcula que só com a correção monetária os encargos com a dívida pública atingirão, este ano, Cr$ 250 trilhões, enquanto os juros reais deverão representar Cr$ 43 trilhões, o que, somados ao prejuízo operacional do BC (Cr$ 37,5 trilhões), representam um rombo de Cr$ 330,5 trilhões.

A fim de solucionar esse problema, que não costuma ser mencionado pelas autoridades — "dívida pública para o Governo e para o FMI é apenas aquela que está em poder do mercado, não se analisando as contas internas do BC" —, o economista propõe um pacto social entre o setor financeiro e o Governo, que resulte na venda de títulos com correção monetária parcial e na recompra das Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional em circulação, a fim de que as perdas sejam administradas ao longo dos próximos 10 a 15 anos.

Ele admite que as regras do jogo do setor financeiro não podem ser alteradas de uma hora para a outra, pois acarretariam quebras não apenas nesse segmento da economia, mas, também, no setor real.

As outras alternativas apresentadas pelo Ministro Dornelles não são nem analisadas por Munhoz, porque considera que "não interessam, face à questão muito mais séria da dívida pública em títulos federais".

Ainda sobre a questão conceitual de déficit, o economista faz algumas observações:

— Para o Fundo Monetário Internacional, gasto com a compra de equipamento pela Petrobrás, por exemplo, pode ser a origem de um déficit, tese com a qual não concordo, assim não vejo como déficit empréstimos do Banco do Brasil ao setor agrícola. Empréstimo não é déficit, porque pode ter retorno através de correção monetária plena e juros. Investimentos em Tubarão podem ser lucrativos no futuro. Enfim, necessidade de recursos não é déficit.

Arquivo

Dercio Munhoz

Rafael discute a questão externa

— A divulgação de um déficit de Cr$ 60 trilhões em 1985, sem uma explicação objetiva e comprovada de onde provém essa diferença entre receita e despesa, parece um quadro terrorista montado para pressionar e inibir o Congresso Nacional, quanto a uma definição de política econômica. Provavelmente o Congresso, por carência de informações, por falta de análise, se sinta impotente para ajudar a decidir e devolva a questão para o executivo — afirmou o advogado Rafael de Almeida Magalhães, co-autor do programa do PMDB.

E a questão preliminar, na discussão que o Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, pretende abordar no Congresso, não está sendo levantada, na sua opinião. O problema central, disse, está no equacionamento do endividamento externo, e por via de consequência na dívida interna, para que o Governo tenha de fato margem de manobra para poder articular um Pacto Social.

O Brasil não tem condições de remeter 12 bilhões de dólares (Cr$ 60 trilhões) ao exterior em 1985, na forma de pagamento de juros da dívida externa de 104 bilhões de dólares, enfatizou Rafael de Almeida Magalhães. "A proposta de capitalização de juros feita pela Copag (Comissão do Plano de Ação do Governo) não é radical e propiciaria uma disponibilidade de recursos internos, evitando que o Congresso tenha de fazer uma sinistra escolha para reduzir o déficit público."

— O que deve de fato ser discutido é a forma de resolver a dívida externa e não se vamos cortar gastos para reduzir o déficit, ou optar por emissão de moeda, aumento da dívida pública e a carga tributária para financiá-lo — frisou Almeida Magalhães, lembrando que um déficit de Cr$ 60 trilhões e tributando o patrimônio e lucros excessivos de empresas que se beneficiaram com a crise econômica o Governo teria em mãos o instrumento perfeito para articular o Pacto Social.

Jogo de cena

Defendeu a tese do Congresso voltar a ter prerrogativas para decidir sobre matérias econômicas, financeiras e tributárias. "É preciso deixar de lado as discussões formais, buscar o debate útil e a troca de idéias. Não tem sentido fazer apenas um jogo de cena, uma discussão cênica em torno de informações limitadas e, principalmente, trabalhadas", disse o ex-Deputado Rafael de Almeida Magalhães.

O Congresso Nacional deveria tentar assegurar, na Nova República, um fluxo de informações constantes e uma participação efetiva na fase de elaboração do orçamento e do Plano Nacional de Desenvolvimento, com poder de voto em temas conflitantes, como por exemplo o déficit de Cr$ 60 trilhões previstos para 1985. "Basta uma lei complementar para que o Congresso deixe de ser passivo nessas decisões, para de atuar no sentido apenas de homologar decisões do executivo".

Cifra surpreendente

Rafael de Almeida Magalhães disse estar surpreso com a cifra de Cr$ 60 trilhões, de repente levantada, e que conflita com todos os números anteriores, alguns dos quais até apontavam um superávit. A Copag em nenhum momento encontrou número tão elevado, disse ele, propondo que a origem do déficit seja bem esmiuçada. O número é inibidor, e foi levantado em um momento que se discute a necessidade de novas despesas sociais para fazer face ao Programa de Emergência. É claro que o consenso, dado o valor tão elevado do déficit, será de cortar despesas.

— O Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, se estiver realmente empenhado em conseguir o apoio do Congresso, para dividir responsabilidades, deve, após seu pronunciamento no dia 8 de maio, defender a volta das prerrogativas do Congresso Nacional, para que deputados e senadores possam legislar sobre assuntos econômicos, financeiros e tributários. E, principalmente, praticar e estimular o **disclosure** (abertura total das informações) — afirmou.

Arquivo

Rafael de Almeida Magalhães

Carvalho apóia debate público

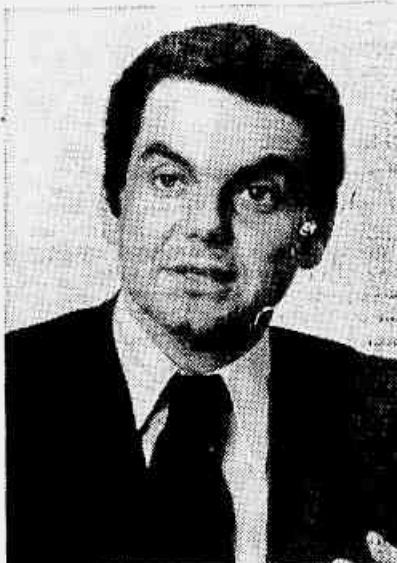
O Deputado Fernando de Carvalho (PTB-RJ), membro da comissão de economia da Câmara e escolhido para questionar, dia 8, o Ministro Dornelles, considera que mesmo não tendo prerrogativas para legislar sobre economia, o Congresso pode ter poder decisório na escolha do caminho mais correto para reduzir o déficit público de Cr$ 60 trilhões, previstos para 1985. Ele vê sinceridade na ida de Dornelles ao Congresso, "pois deve ter, no mínimo, o objetivo de dividir a responsabilidade da decisão".

— O fato do Ministro da Fazenda buscar os representantes da sociedade para decidir em conjunto como resolver uma questão delicada, merece todos os elogios. Dizer que é apenas uma formalidade fica por conta da perplexidade de todos quanto a essa iniciativa. O Congresso certamente fará um esforço de criatividade para que se chegue ao melhor caminho na redução do déficit — afirmou.

Não se terá na reunião no Congresso Nacional uma resposta definitiva para o problema, mas também não deverá haver uma posição contestatória, mas sim construtiva, para que se encontre a forma mais conveniente para a Nação, explicou o Deputado e candidato a Prefeito do Rio de Janeiro, Fernando Carvalho. "A posição será tomada a nível de uma participação recíproca com o Executivo."

Os caminhos que o Ministro vai apontar para a redução ou financiamento do déficit público são: corte dos gastos públicos; emissão de moeda; aumento da carga tributária; e captação de recursos via emissão de títulos da dívida pública.

Para Fernando de Carvalho, empresário do mercado financeiro e ex-presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, certamente a opção será por um **mix** das quatro alternativas. "Um mínimo de emissão de moeda e um adicional bem limitado de títulos da dívida pública, para não pressionar mais os juros, uma redução substancial nos gastos públicos e uma pequena elevação na carga tributária."

Dizendo desconhecer a composição do déficit público, avaliado em Cr$ 60 trilhões, Fernando de Carvalho disse estar mais preocupado com o tamponamento dos preços administrados — petróleo e derivados, energia elétrica, comunicações e, trigo —, pois o congelamento vai gerar um déficit adicional para o Governo (que ele não sabe se já está incluído na previsão dos Cr$ 60 trilhões).

Esse adicional, segundo ele, resulta por exemplo, no caso da Petrobrás, em uma redução do poder de compra de óleo, já que os preços internos se distanciarão dos externos, provocando um déficit na conta petróleo. Hoje, estimado por Fernando de Carvalho, entre Cr$ 80 e 100 bilhões por dia (cerca de Cr$ 10 trilhões em três meses).

Sobre a redução da inflação para 7,2% em abril, e a estimativa de 5% em maio, feita pelo Ministro da Fazenda, Fernando de Carvalho disse temer que seja uma glória efêmera. "Se os níveis de inflação estiverem sendo conseguidos a custo do aumento do déficit público, vamos ter números explosivos no segundo semestre".

Fernando de Carvalho

A Economia pós-Tancredo

JOÃO PAULO DE ALMEIDA MAGALHÃES

1 — Ponto de acordo, até o momento, entre os analistas da economia da Nova República e a de que estavam em choque a orientação da Fazenda e do Planejamento. Donde a inferência, aparentemente lógica, de que o Presidente Sarney deverá optar por uma das duas equipes. Puro erro. Dentro das áreas respectivas, tanto Sayad como Lemgruber são altamente competentes. Mais que isso, suas propostas, vistas de uma ampla perspectiva temporal, podem mesmo ser complementares conforme se mostrará abaixo. O importante é consequentemente que as duas concepções de política econômica sejam coordenadas.

Não era isso que se vinha fazendo até o momento. A visão monetarista da Fazenda predominou enquanto se acreditava na rápida recuperação de Tancredo Neves. Na medida em que se reduzia a probabilidade da volta do Presidente eleito, passou a comandar o processo algo usualmente classificado como as teses do PMDB paulista, valorizadas pelo alto patrocínio do Dr. Ulysses Guimarães. É claro que a melhor forma de se optar por estratégias econômicas divergentes não é levando em conta a força política relativa dos seus partidários.

2 — Não há qualquer motivo para que o Dr. Sarney renuncie à competência do Professor Lemgruber ou do Professor Sayad ou ainda que dispense o "drive" e capacidade executiva do Dr. Dornelles. Sua escolha deve ser entre alternativas de política econômica e estas são bastante claras: (a) jogar tudo no controle da inflação aceitando o risco de uma forte recessão; (b) partir de imediato para uma ação de amplo espectro social correndo o risco de uma inflação de nível argentino; (c) estender temporalmente as opções concentrando-se durante dois anos na contenção antiinflacionária e dedicando o resto do seu Governo à ação social. Há inclusive quem defenda que, neste terceiro caso, a ordem possa ser invertida, com um programa social de dois anos e inflação estável aos níveis atuais, passando-se, no período seguinte, à contenção de preços.

Estou certo de que se a opção for clara as equipes que aí estão se disporão a implementá-la ainda que sua preferência não tenha sido atendida. Erro fatal será optar pelas duas coisas ao mesmo tempo, partindo para um pouco de controle de inflação com um pouco de programa social. O risco nesse caso é perpetuarmos o modelo Delfim Netto, ou seja, muita inflação com muita recessão.

3 — E se as opções parecem ser as três acima listadas os instrumentos disponíveis vão além dos aventados nesses primeiros quarenta dias da Nova República. Uma política de rendimentos (a exemplo da explícita ou implicitamente proposta por Lara Rezende, Chico Lopes e outros) embutida num grande pacto social é perfeitamente compatível com qualquer das três estratégias acima e reduzirá substancialmente os sacrifícios nelas implícitos. Em suma, as coisas não são tão negras como parecem à primeira vista.

Eudes quer Congresso mais forte

— O Congresso só participará realmente das decisões econômicas quando lhe forem devolvidas as prerrogativas que dão direito aos parlamentares de legislarem sobre matéria tributária, fiscal e de pessoal — afirmou o deputado federal José Eudes, ex-PT e atualmente sem legenda.

Para Eudes, se o Governo tivesse uma intenção verdadeira de democratizar o debate sobre a política econômica e a tomada de decisões, bastaria que o Executivo, através de uma emenda constitucional, reestabelecesse essas prerrogativas.

— O que o Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, está querendo fazer — comentou — é apenas dividir os **pepinos** com os representantes políticos da nação, sem dividir o poder. O Congresso, no dia 8, não vai votar. Vai apenas ouvir a exposição de Dornelles, argüi-lo e se posicionar através do debate, que será encerrado pelo próprio Dornelles. Esse é o regimento interno nessas questões.

A consequência dessa "jogada política", na opinião de José Eudes, é a de que o Ministro da Fazenda vai tornar o Congresso co-responsável por uma política econômica provavelmente cruel, de contenção do déficit público, legitimando medidas antipáticas para a maioria da população brasileira.

Além de dotar os deputados e senadores de poderes para legislar sobre matéria econômica — "hoje no máximo aprovamos ou rejeitamos alguns projetos" — o deputado defende a unificação dos orçamentos do Governo, para que os parlamentares pudessem influir realmente sobre as decisões a respeito da alocação dos recursos públicos.

— Deveríamos ter uma participação real na escolha das prioridades da política econômica e não apenas nos pronunciamentos a favor ou contra, determinando orçamento ou projeto. Além do mais, não interessa a nós apenas debater o déficit público e suas formas de financiamento. Eu, pessoalmente, por exemplo, quero saber tudo sobre a negociação externa e a Carta de Intenção do FMI, a dívida interna, aonde são alocados os recursos dos fundos sociais de Governo e a real situação do desemprego no país.

A respeito da Carta de Intenção, disse ainda que espera que o Governo a apresente ao Congresso para que seja analisada. E quanto aos fundos sociais, que no ano passado representavam uma disponibilidade de recursos de Cr$ 13 trilhões e que este ano devem deter um orçamento de Cr$ 30 trilhões, José Eudes afirmou que espera que não estejam sendo empregados para cobrir déficits governamentais. Ele acha que esses fundos deveriam ser geridos com autonomia e aplicados especificamente nas áreas que objetivavam atender quando foram criados.

Guedes propõe corte de despesa

Para o economista Paulo Guedes, PhD pela Universidade de Chicago, a única alternativa que o Governo da Nova República tem, face a estimativa de Cr$ 60 trilhões de diferença entre receitas e despesas, "é reduzir drasticamente o déficit público, pois já se esgotaram todas as fontes de financiamento e os ajustamentos econômicos feitos até agora foram profundamente assimétricos, penalizando os assalariados e o setor privado".

Optar pela redução dos gastos é forçar o Governo, através do Congresso Nacional, a explicitar prioridades. "Não poderá mais simplesmente gastar. Terá de escolher. A maior presença do Governo social terá de ser amparada pela punção do inchaço, do tumor Governo empresário, fruto de um regime fechado, que favoreceu interesses setoriais com uso de dinheiro público, em detrimento de classes sem poder político (superdimensionamento de alguns setores, como o industrial, e subdimensionamento de educação, saneamento, saúde e habitação).

— O Congresso Nacional tem de ser mais que para discutir o rumo da política econômica. Não pode ser ingênuo sobre matérias econômicas, sob pena de o Brasil marchar rapidamente para o caos, sem ninguém para exorcizar. É preciso fugir ao populismo, à demagogia e aos regionalismos. A contrapartida da abertura política é uma democracia econômica — afirmou o economista.

Defendeu, paralelamente à redução drástica do déficit público, uma reforma tributária de emergência, para devolver aos Estados o comando sobre os recursos públicos, de forma a atender às aspirações populares e com isso dar legitimidade ao programa de austeridade.

"Os recursos para os Estados e Municípios é que vão dar a base política no Congresso Nacional para deflagrar o encolhimento do Governo empresário, dentro de um plano de austeridade econômica", afirmou Guedes.

Considerando que falta apenas ao Governo dar sua cota de sacrifício, fazendo ajustamento via corte nos gastos públicos, Paulo Guedes descarta a solução do aumento da carga tributária como forma de reduzir o déficit. "Aumentar os impostos seria sancionar o atual grau de intervenção direta e indireta do Governo na economia. Seria optar por financiar a atual condição de inchaço do Governo empresário, manter a possibilidade de atuação de uma burocracia ineficiente, que vive em uma ilha de tranqüilidade".

O aumento dos impostos é um coquetel explosivo, disse, e significa o mesmo que decretar a morte do setor privado. Principalmente agora com o "Ministério da Fazenda sentado no controle de preços, comprimindo a receita do setor privado e aumentando o buraco operacional do setor público", explicou.

Além do aumento dos custos, decorrentes dos movimentos sindicais e greves que resultarão em aumento do salário real, o fato do Ministério do Planejamento não ter anunciado um único corte de gastos, significa que a política fiscal continua frouxa. Acha que a política que o Banco Central está executando é mais fiscal do que monetária, na medida em que está colocando títulos para financiar o déficit público.

CRISTINA CALMON e CECILIA COSTA

Desafio de legislar na economia preocupa Congresso

Brasília — Quarta-feira, quando o Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, chegar à Câmara dos Deputados para propor ao legislativo uma divisão de responsabilidades no combate ao déficit público, encontrará deputados e senadores entalados com a seguinte questão: durante as duas décadas em que protestou contra o alijamento imposto pelo Poder Executivo, o Congresso criou mecanismos para legislar sobre matéria econômico-financeira?

Não, é o que conclui a maioria dos parlamentares, desde agora preocupados com o problema. Nem a Câmara, nem o Senado têm capacidade técnica para decidir se o déficit público, que atingirá Cr$ 60 trilhões até o fim do ano deverá ser combatido com a emissão de moeda, o lançamento de mais títulos no mercado, o aumento da carga tributária ou o corte nas despesas — idéias levadas por Dornelles. Qualquer dessas propostas é amarga e joga o Legislativo numa posição, no mínimo, antipática.

Falta tudo

Mais dramático, porém, é o desaparelhamento do Legislativo para formular alternativas. A devolução ao Parlamento da prerrogativa de decidir em matéria econômico-financeira vai resultar, pelo menos agora, em deliberações totalmente calcadas nas informações do Executivo. "Não temos assessoramento à altura do Governo e vamos nos basear no que ele nos mandar", antecipa o Deputado Freitas Nobre (PMDB-SP), confiante em que a Nova República terá uma política econômica tão aberta quanto o exigir o interesse parlamentar.

Na Inglaterra, o orçamento anual da União é elaborado por uma comissão de legisladores e representantes do Poder Executivo e quando chega ao Parlamento ainda pode ser submetida a reparos. No Congresso brasileiro, ninguém ambiciona tanto, pelo menos, até a convocação da Assembléia Nacional Constituinte, até porque não há clima para tal avanço. Apesar de contar com o invejável Prodasen — o serviço de processamento de dados do Senado Federal e mais valiosa jóia daquela coroa — ainda é pequeno o acesso desse organismo aos bancos de dados do Governo.

Ao contrário do Congresso norte-americano, onde o parlamentar e seu assessor têm acesso até a informações confidenciais do Governo, como o orçamento secreto das Forças Armadas; no Parlamento brasileiro os deputados encontram dificuldades para chegar, por exemplo, às inexpugnáveis informações que cercam a quebra do Banco Sulbrasileiro. Amparado na lei de sigilo bancário, o Banco Central dificulta a liberação de informações capazes de denunciar a má fiscalização realizada naquela instituição financeira e, para conseguir dados seguros, cada parlamentar tem feito o que pode.

O Deputado Pratini de Moraes (PDS-RS), ex-Ministro da Indústria e do Comércio do Governo Médici, por exemplo, por falta de apoio técnico na Câmara, recorre aos amigos que deixou no Executivo para obter informações seguras. "Se o Executivo está pensando que o Congresso Nacional tem condições de decidir alguma coisa na área econômico-financeira, está enganado. Aqui há dificuldade até para tirar uma cópia xerox", queixa-se ele.

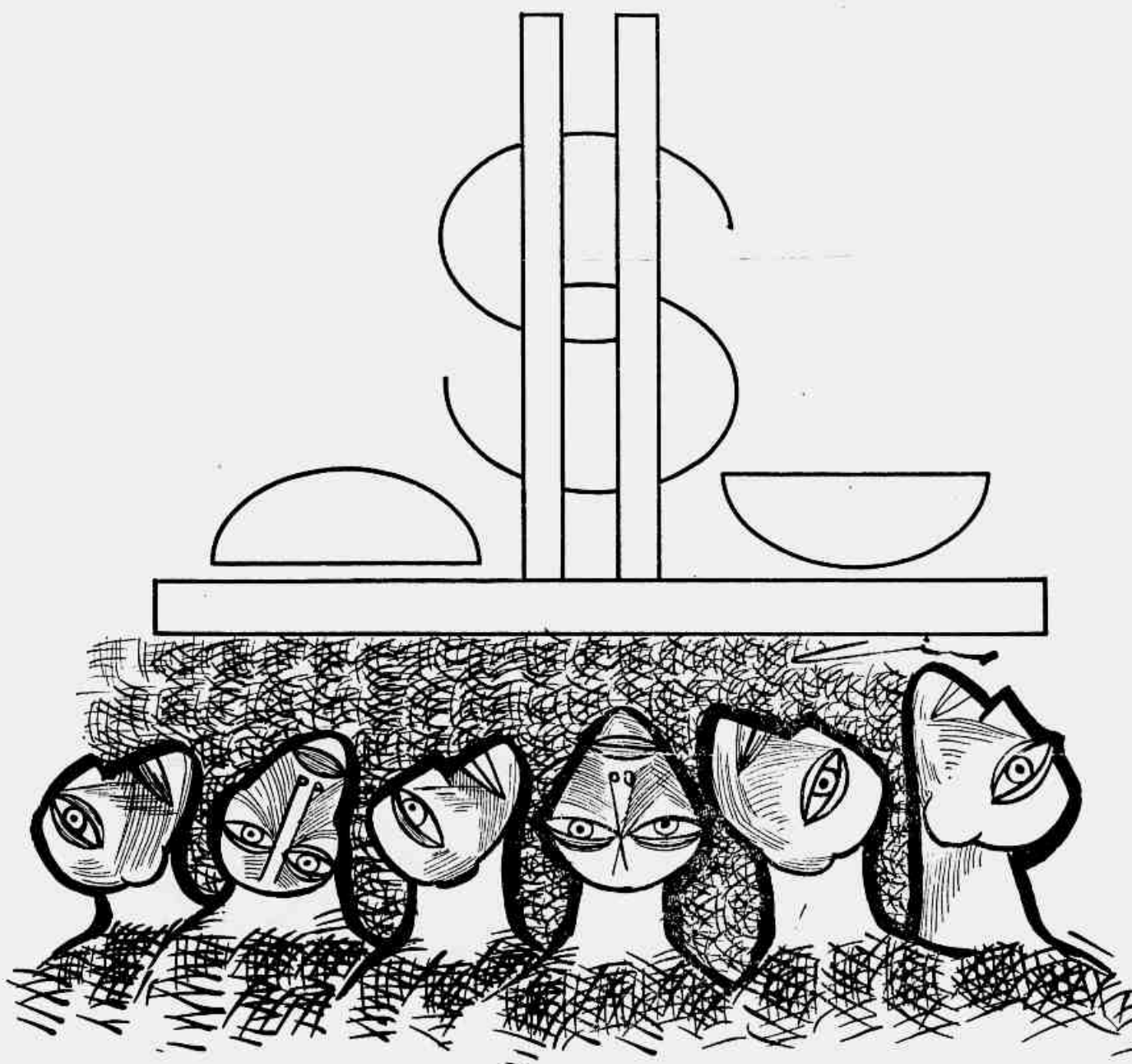
Para que o Legislativo divida com o Governo as decisões da área econômica, vai precisar de mais informações do Poder Executivo e de um qualificado quadro técnico habilitado a dirigi-las. Para desempenhar esse papel, as duas Casas do Congresso (479 deputados e 69 senadores) contam com apenas 145 assessores, entre eles, matemáticos, estatísticos, economistas e sociólogos. Mas até agora, por entraves que a própria burocracia desconhece, quando querem um estudo sobre qualquer problema nacional, os parlamentares se dirigem a fontes bem distantes de Brasília.

Assessores de emergência

O Deputado Hélio Duque (PMDB-PR) recorre aos professores (seus ex-colegas) da Universidade Estadual de Londrina. Posicionado na linha de frente dos 35 deputados com formação em Economia na Câmara, Hélio Duque acha muito difícil o Legislativo se aparelhar agora para legislar nesse campo. "A partir do AI-5, o Conselho Monetário Nacional passou a ser o parlamento econômico da Nação, daí por que fomos apanhados tão desaparelhados agora", justifica-se.

No Senado, o único economista com assento na Casa, Roberto Campos (PDS-MT), apela para a Fundação Getúlio Vargas para se municiar de informações necessárias ao debate legislativo. Diante da disposição do Executivo em interagir com o Congresso para as decisões na área econômica, ele afirma que, para fazer alguma coisa, o Legislativo dependerá da formulação de alternativas por parte do Governo. "O Legislativo não conhece sequer a dimensão do déficit", previne Roberto Campos.

O Líder do PDT na Câmara, Nadyr Rossetti (RS), é um dos poucos a se manifestar contra essa decisão do Executivo. Ele acha que o Governo está querendo dividir com o Parlamento "os ossos da política econômica" e ficar com "o filé das medidas sociais," como o reajuste de 112% do salário mínimo e o plano de emergência, destinado a atender as classes de baixa renda. Mas a verdade é que, antes de enfrentar as decisões econômicas, o Legislativo precisará se armar de toda uma estrutura para começar a fortalecer suas comissões técnicas.

Na Câmara, não existe uma só comissão com técnicos especializados e, mesmo a de Economia, não dispõe de um só economista. Pessimista com a debilidade técnica desse poder da União para acompanhar a Nova República, o Deputado França Teixeira (PFL-BA) aponta a falta de lâmpadas em seu gabinete como um indício dessa anemia. Ele denuncia que a Câmara chegou a ficar devendo Cr$ 10 bilhões a pequenos fornecedores, tão escassos são seus recursos para a administração. Mas, ainda assim, louva o ingresso do Parlamento nas decisões da política econômica do Governo.

Monetaristas ou estruturalistas?

Brasília — Definir o Congresso como monetarista ou estruturalista promete ser a moda que vai imperar na temporada do debate econômico deste ano, quando o Poder Legislativo, decorridos 20 anos, volta a pontificar no assunto. Se essa moda veio para ficar, isso é outra questão, visto que todos os indícios apontam para um único figurino: o Congresso não é monetarista, nem estruturalista. Ele é pragmático.

No fundo, o Congresso é governista, até porque é dominado por uma maioria, formada pelo PMDB e o PFL, que apóia o Governo, portanto, as idéias econômicas dos ministros do Governo. Se houver um descompasso entre o que pensa o Governo e os partidos que o apóiam, ou mudam-se os ministros ou esse apoio deixa de existir.

Mas, partindo-se de uma análise dos representantes premiados nas urnas de 1982, em que as tintas mais fortes resultam num perfil altamente conservador, chega-se a um Parlamento altamente dominado pelas idéias econômicas conservadoras. A maioria ali defende a propriedade e a empresa privada, mas isso não impede a identificação de estruturalistas **cepalianos**, monetaristas ortodoxos, conservadores radicais e marxistas assumidos.

O Congresso Nacional é um microcosmo e, segundo o Senador Roberto Campos, esse poder não representaria a sociedade se fosse dividido em correntes. No entanto, ele identifica uma maior concentração de monetaristas no PDS e de estruturalistas no PMDB. Ele próprio, um monetarista, entendendo que se o Governo quer reduzir a inflação basta reter a expansão dos meios de pagamento, diz que "o grande defeito do monetarismo está no fato de nunca ter sido aplicado no Brasil".

Mesmo os partidos, é difícil caracterizá-los conforme as escolas econômicas. Eles foram formados segundo interesses regionais, tradições familiares e ingerências do eleitorado, e seus integrantes se enquadram nisso. Em sua maioria, são conservadores no plano econômico, mas muito sensíveis aos apelos do eleitorado e, conseqüentemente, aos problemas sociais. Como na Câmara e no Senado há um grande número de empresários rurais e ex-Governadores, as idéias dominantes são privatizantes ou estatizantes, de acordo com os interesses de cada um.

Segundo o Deputado Pratini de Moraes que, do ponto de vista do combate à inflação, é um monetarista, o congressista é a favor da estatização quando se trata de recursos públicos, mas inclinado à privatização quando pode lucrar. No geral, entretanto, a maioria no Parlamento é favorável à diminuição do tamanho do Governo, a uma reversão no excesso de gastos públicos e ao fim do descontrole administrativo.

O que é "proibido gastar"

Brasília — Controlar os gastos do Governo é, sem dúvida, uma providência eficiente para reduzir o déficit público. O próprio ex-Presidente Tancredo Neves cuidou de registrar e o Presidente José Sarney tratou de enfatizar que "é proibido gastar". O recado, entretanto, se muito oportuno e necessário, não é suficiente para reduzir substancialmente um déficit estimado em Cr$ 53 trilhões.

Nos Estados Unidos, o Presidente Ronald Reagan preferiu incentivar o setor produtivo, não se preocupando tanto com o déficit, mesmo diante de um déficit equivalente ao valor do Produto Interno Bruto do Brasil. Ocorre que lá a moeda é forte e assim há quem financie esse **rombo** nas contas oficiais. No Brasil, a história é outra.

É realmente proibido gastar. Mas também é certo que nenhum governo pode-se imobilizar pela via do voto de pobreza. Especialmente quando há prioridades sociais a enfrentar. No conceito de "gastar" vem o conceito de perder. E é assim que o Senador Severo Gomes (PMDB-SP) fixa-se num advérbio: "É proibido gastar mal". Aí, está implícito o controle do orçamento.

A força da moeda

A moeda não gera distorções na sua emissão, mas na forma com que é posta em circulação. No arsenal monetarista há suficientes mecanismos de conter a expansão dos meios de pagamento, mesmo emitindo-se moeda. A venda de títulos federais (um dos haveres financeiros não-monetários) é uma dessas formas de se enxugar os meios de pagamento.

O dinheiro físico, ou **moeda manual** (como prefere o titular do Banco Central) existe em volume bem inferior ao total dos meios de pagamento. Em fevereiro deste ano, por exemplo, havia um total emitido de Cr$ 7 trilhões 153 bilhões. E os meios de pagamento somavam Cr$ 24 trilhões 545 bilhões, mais de três vezes o volume de papel-moeda.

Mágica? Não, exatamente. É que ao lado da moeda física, há a moeda escritural. A cada cruzeiro depositado num banco, este retém uma parte para fazer face às suas necessidades de caixa, deposita compulsoriamente outra no Banco Central e empresta o restante. Mas um depósito de Cr$ 100 fica contabilizado como Cr$ 100. O empréstimo vai depositado num outro banco, onde o processo se reinicia. E assim, sucessivamente.

Desta forma, os mesmos Cr$ 100 vão sendo escriturados diversas vezes. Em fevereiro, os depósitos nos bancos comerciais atingiram, assim, Cr$ 15 trilhões 67 bilhões. Esse valor é somado ao papel-moeda em circulação e mais algumas outras parcelas contábeis para se chegar aos meios de pagamento.

Desses meios de pagamento, uma parte forma a base monetária, que em fevereiro atingiu Cr$ 17 trilhões 479 bilhões. Dividindo-se o valor dos meios de pagamento pela base monetária, chega-se a um coeficiente que serve para calcular a retenção de moeda pela política monetária. Em fevereiro, essa retenção ficou em 71,22%. Aí está o aperto, a indisponibilidade de dinheiro. Estiveram retidas sete partes de cada unidade monetária teoricamente disponível.

Só emitir papel-moeda, portanto, não é suficiente. O fundamental é a forma como vai circular. Se o dinheiro emitido for usado em setores produtivos, acreditam os estruturalistas, a inflação pode até crescer num primeiro período, mas tenderá a estabilizar-se, quando o produto estiver pronto, dentro de uns cinco meses.

Mais impostos

Aumentar os impostos é a solução mais ortodoxa para melhorar o caixa do Governo. E, embora não seja a única, vem sendo utilizada em larga escala desde 1964. Isto com a agravante da concentração da carga tributária no Imposto de Renda, que teve uma arrecadação correspondente a 65,93% do total coletado pela Receita Federal até 31 de março.

No período de 1 de janeiro a 31 de março, o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) incidente no fumo (uma conhecida e importante fonte de receita) correspondeu a 4,98% do total arrecadado, somando Cr$ 1 trilhão 54 bilhões. E todo o resto do IPI atingiu 11,81% (Cr$ 2 trilhões 501 bilhões), no mesm período.

Vigilante, o Governo antecipou na fonte, a título de Imposto de Renda, nada menos de Cr$ 6 trilhões 446 bilhões, nos três primeiros meses do ano, o que representa 30,42% do total da arrecadação federal no período.

Dívida interna

"Dívida se paga com dinheiro, não com a fome e a miséria do povo". A definição do ex-Presidente Tancredo Neves, em sua primeira parte, abrange, também, um conceito para o tratamento da dívida interna. Na sua segunda parte, tanto para a dívida externa, quanto para a interna, Tancredo ensina que o povo não pode suportar mais sacrifícios.

Uma dívida de Cr$ 133 trilhões 29 bilhões (em números de março), entretanto, vem sendo paga com os mesmos títulos que a originaram: Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTN) e Letras do Tesouro Nacional (LTN).

O Governo só pode ampliar sua disponibilidade de recursos através de três alternativas: emissão de moeda, aumento da arrecadação de impostos e emissão de títulos. Dessas, as duas últimas vêm sendo mais utilizadas no Brasil.

Essa política tornou o Tesouro um grande tomador de recursos e, como tal, forçou para cima as taxas de remuneração dos investidores. Agora, o Governo bate à porta do Congresso e coloca um problema: é preciso rolar a dívida. E uma dívida que vence diariamente.

Não há como evitá-lo, num momento em que o Governo pretende reduzir o déficit público, sem relaxar o combate à inflação. A solução é ir ao mercado financeiro com mais títulos, pagando papel com papel e, evidentemente, aumentando a dívida.

Os cuidados prescritos por Tancredo Neves "com a fome e a miséria do povo" não estão na dívida em si, mas na sua forma de remuneração. O controle dos juros dessas aplicações ganha, assim, uma importância fundamental.

A remuneração oferecida pelos títulos federais é um parâmetro para as taxas de juro cobradas pelo sistema financeiro. Constituem praticamente um piso, já que não faria nenhum sentido para os banqueiros emprestar com risco maior ao público, obtendo em contrapartida uma remuneração mais baixa do que aplicando o mesmo dinheiro em títulos do Tesouro.

A mão que dá tira também

Brasília — O equilíbrio entre a redução das despesas e os investimentos sociais, um de cada lado da balança que tem como fiel a filosofia de Governo de Tancredo Neves, é a síntese do pensamento econômico de parlamentares. "A mão que dá, tira também", adverte o Senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), Líder do Governo no Congresso.

A explicação do Senador paulista expressa a essência do poder ora devolvido ao Legislativo: poder aprovar despesas atrelado ao poder de cortar verbas. Dentro disso, o aspecto fundamental é o controle do orçamento.

A necessidade de compor e controlar o orçamento é opinião unânime de senadores e deputados. Prisco Viana (PDS-BA), Líder da Oposição na Câmara, defende alterações na Constituição que confiram ao Congresso o poder de elaborar e fiscalizar o orçamento.

A concentração de poder sobre o orçamento nas mãos do Executivo chegou a provocar o descumprimento da lei, num "desrespeito evidente ao Legislativo", conforme denuncia o Senador Alberto Silva (PMDB-PI). Um projeto do Senador João Calmon (PFL-ES) que destinava um percentual orçamentário para Educação, simplesmente não mereceu rubrica no Orçamento, deixando de ser cumprida, embora fosse lei formal, aprovada pelo legislativo e sancionada pelo Executivo.

Providências fundamentadas no monetarismo são recebidas com reservas pelos congressistas. Alencar Furtado (PMDB-PR) volta-se contra o Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, dizendo não encontrar diferenças entre o comportamento de Dornelles e o de Delfim.

O Deputado paulista Airton Soares (a caminho do PMDB), é mais explícito ao dizer que as mensagens do Ministro Dornelles "não estão chegando ao Congresso com a isenção dos projetos da Nova República".

Na marola que Dornelles causou ao enviar ao Congresso, para decisão, medidas que formulam toda uma política econômica a curto prazo, há ondas de insatisfação contra a "ciranda financeira". Do topo dessas ondas, o Deputado Agenor Maria (PMDB-RN) atira farpas contra "a aventura financeira que privilegia a quem não trabalha e penaliza quem trabalha".

Ele se queixa que os rendimentos financeiros superem, "em muito", qualquer iniciativa empresarial e exemplifica com uma recente viagem a seu Estado, onde, no sertão, viu "muito pasto e pouco rastro". Segundo apurou, os pecuaristas haviam vendido duas vacas e cabras "para pôr o dinheiro na poupança, onde seca nem enchente causam prejuízo".

Uma outra reação é a maré contrária ao aumento de impostos. O Deputado França Teixeira (PMDB-BA) considerou-se "insultado e agredido" com o assunto. Prático, ele alega que se subirem os impostos sobre os ganhos de capital, com elevação das alíquotas que incidem sobre os investimentos, "vai todo mundo para o mercado paralelo do dólar". E alerta: "quem vai arcar com esse aumento de imposto é o pequeno investidor, que não pode ir para o verde".

Texto de **HELIO MOTA, TERESA CARDOSO, JUREMA BAESSE e MARIZETE MUNDIM**

Dornelles mostrará um quadro difícil

Brasília — O Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, traçará um perfil cru da economia brasileira, no pronunciamento que fará, na quarta-feira, dia 8, na Câmara dos Deputados. Dirá aos parlamentares, por exemplo, que a previsão inicial para o déficit público no final do ano, estimada em Cr$ 53 trilhões, já foi superada e o Governo já trabalha com um déficit previsto em Cr$ 60 trilhões.

No seu discurso, de pouco menos de 50 páginas, o Ministro, ao contrário das expectativas, dedicará especial atenção aos problemas econômicos e pouco espaço à abordagem política. Mostrará ao Congresso os problemas que a Nova República herdou e as alternativas possíveis para solucioná-los, especificando o custo social de cada uma delas. No caso do déficit público, apontará quatro saídas para seu refinanciamento: emissão de moeda, emissão de títulos, corte de despesas e aumento de tributos.

Respaldo

Um assessor próximo a Dornelles assegurou que, embora o Ministro considere importante o respaldo do Congresso Nacional às medidas econômicas que venham a ser tomadas, não pretende transferir a decisão sobre as soluções para os parlamentares.

Ao contrário, o Ministro — conforme relatou o assessor — já deixou claro que, se o Governo sentir necessidade de baixar decretos-lei para instituir medidas, o fará.

E, na versão deste assessor, baixará o decreto sem pudor, desde que haja urgência ou interesse público relevante, como prevê a Constituição, e desde que não haja aumento de despesa pública. Ou seja, Dornelles traçará o quadro real da economia, apontará as soluções possíveis, mas não deixará a cargo do Congresso definir a estratégia para corrigir as distorções, até por entender que esta função lhe pertence.

Equipe

O discurso de Dornelles, embora fundamentado em diretrizes traçadas pelo Ministro, é o que se pode chamar de um trabalho de equipe, envolvendo sete de seus principais assessores — a redação final foi do secretário-geral-adjunto, Carlos Von Dollinger, e do chefe da Assessoria Internacional, Álvaro Alencar. O documento já está pronto há quase um mês e foi revisto algumas vezes, em função da necessidade de atualizar os dados. A ida de Dornelles à Câmara foi adiada, pelo menos, duas vezes, em função da saúde do ex-Presidente Tancredo Neves.

Se o Governo achar necessário, e for urgente, vai baixar decretos-leis sem pudor

O Presidente José Sarney já tomou conhecimento da íntegra do pronunciamento e o endossou. Comentando a ida do ministro ao Congresso, Sarney lembrou que ministros exporem ao Congresso a política do Governo é uma norma que existe há muito tempo, só que não vinha sendo cumprida. Espero que, no meu Governo, esta prática seja institucionalizada", disse.

Os assessores do Ministro calculam que Dornelles levará uma hora e 30 minutos para le ler o documento, do qual serão tiradas 500 cópias a serem entregues aos parlamentares no dia do pronunciamento. Desde sexta-feira, Dornelles tem dado prioridade absoluta à preparação do seu discurso na Câmara: dedica o sábado e domingo para os últimos retoques no documento.

Sabatina

Os assessores do Ministro, cada um em sua área específica, prepararam uma série de perguntas que, na avaliação deles, os deputados fatalmente farão a Dornelles. Em seguida, compilaram os dados, indicadores e raciocínios para responder a estas questões. Neste fim de semana, o Ministro estuda estes documentos, preparando-se para a sabatina.

A maioria destas perguntas — confidenciou um dos assessores — será sobre a inflação, déficit público, dívida externa e acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Em torno destes temas básicos foram formuladas, pela equipe de Dornelles, questões que certamente surgirão no debate do dia 8.

Assessores

O trabalho de coordenação do discurso ficou a cargo do secretário-geral do Ministério da Fazenda, Sebastião Vital, mas participaram ativamente da sua formulação: o secretário especial de Assuntos Econômicos, João Batista de Abreu; o secretário da Receita Federal, Luis Romero Patury; o assessor especial do Ministro, Luiz Carlos Piva; além de Carlos Von Doellinger e Álvaro Alencar.

Todos estes assessores acompanharão Dornelles à Câmara dos Deputados e, além deles, irá também a chefe de gabinete do Ministro, Zazi Correa. Cada um dos técnicos levará uma pasta com os principais número de suas áreas específicas (Receita Federal, assuntos econômicos, área internacional) para o caso de, durante os debates, estes dados serem necessários.

Assembléia de dez mil metalúrgicos mantém greve

São Bernardo do Campo — Cerca de 10 mil metalúrgicos de São Bernardo e Diadema decidiram ontem, em assembléia realizada no Estádio Baeta Neves, continuar a greve, que entra hoje no seu 25º dia e atinge agora 30 indústrias dos dois municípios. Outras duas importantes decisões foram tomadas: a constituição de um fundo de greve e mudanças nas táticas de paralisações, que incluirão medidas "mais drásticas", segundo eles, para levar os patrões a negociar.

Todas as decisões foram adotadas por unanimidade. O presidente nacional do PT e diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, Luís Inácio Lula da Silva, incentivou os trabalhadores a manter a greve "até que os patrões resolvam atender as principais reivindicações". Segundo ele, a categoria "ainda tem fôlego" para mais 30 dias de greve e não se intimidará com as demissões de trabalhadores que aderiram ao movimento.

Vaca brava

O presidente do sindicato, Jair Meneguelli, não quis adiantar as novas táticas a serem adotadas na operação **vaca brava**, que até agora caracterizou-se pela adoção de diversos tipos de ações, desde a paralisação total até a redução da produção das empresas. "Não vamos avisar os patrões sobre os nossos próximos passos, mas acho que eles terão uma surpresa desagradável", afirmou.

Outros líderes sindicais, porém, acreditam que o movimento deverá, a partir de amanhã, atingir todas as grandes indústrias, como a Volkswagen e a Mercedes-Benz, que continuam produzindo, mas em ritmo muito lento, devido a falta de peças. A Ford, por esse motivo, já não consegue montar nenhum veículo, assegurou Jair Meneguelli.

Meneguelli e Lula deixaram claro aos metalúrgicos que, "devido à intransigência dos empresários", a greve pode durar vários dias mais. Por isso, o sindicato inicia amanhã a coleta de recursos para a constituição de um fundo de greve, começando por arrecadar dinheiro junto aos próprios metalúrgicos das grandes empresas e das que já fecharam acordos em separado, que deverão contribuir com o salário de um dia. Segundo a entidade, já foram assinados 58 acordos, beneficiando cerca de 20 mil trabalhadores dos dois municípios.

Os recursos arrecadados — também através da venda de brindes e camisetas — serão destinados, em primeiro lugar, aos demitidos em função da greve, que já somam 747, e aos empregados das pequenas e médias empresas. Estes, segundo Meneguelli, não receberão seus salários no próximo pagamento, não só porque deverão ainda estar em greve, mas porque certamente os patrões descontarão os dias parados. A arrecadação será feita de porta em porta das fábricas.

Em seu inflamado pronunciamento, Lula pediu aos metalúrgicos que não se intimidem com as demissões, garantindo que a greve já é "vitoriosa" só com os acordos celebrados. Observou, também, que o total de demissões seria o mesmo se a categoria não tivesse parada, "já que estas quase 750 demissões é a média de demitidos todos os meses pela indústria de São Bernardo".

Lembrou que, "mais cedo ou mais tarde", os empregadores procurarão os líderes sindicais para negociar acordos satisfatórios, "assim como já fizeram quase 60 empresas de bom senso". Os que ainda recusam-se a atender as reivindicações principais dos metalúrgicos — redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, trimestralidade, 100% do INPC, mais um percentual de aumento real — "acabarão por fazê-lo, já que as indústrias, particularmente as montadoras, não estão conseguindo cumprir seus compromissos internos e externos".

Acordos

Segundo Jair Meneguelli, as próximas indústrias que deverão fazer acordos em separado — como sempre, à revelia do Grupo 14 da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) — são a Brastemp e a Arteb. A Brastemp havia dado férias coletivas a seus trabalhadores — que retornaram quinta-feira ao serviço — e por isso não fora atingida pela greve. A Arteb é a fábrica do presidente do Sindicato Nacional das Indústrias de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças), Pedro Ebhardt. Restam, ainda, nos dois municípios, 30 fábricas paralisadas, num total de 30 mil metalúrgicos, que voltarão a se reunir em assembléia na próxima quarta-feira, às 18h30min, no Paço Municipal de São Bernardo.

Foto de Ariovaldo dos Santos

Ao discursar, Lula disse que metalúrgicos têm fôlego para mais 30 dias de greve

São Caetano decide continuar

São Paulo — Cerca de seis mil metalúrgicos do município de São Caetano do Sul realizaram assembléia ontem, no terminal rodoviário da cidade, decidindo manter a "unidade do movimento" grevista da categoria, segundo a proposta apresentada pelo Grupo Independente. A greve em São Caetano já dura mais de três semanas.

Os metalúrgicos de São Caetano aprovaram, ontem, a agilização do fundo de greve, com novas coletas de contribuições, para ajudar, principalmente, os trabalhadores já demitidos devido à greve. Na sede do sindicato dos metalúrgicos, o presidente da entidade, João Lins Pereira, convocou uma reunião, mas apenas 50 trabalhadores compareceram. A categoria, em sua maioria, não apóia o dirigente sindical.

Ficha da greve

São Paulo — *Total da categoria: 290 mil (oito sindicatos do Grupo Independente na região do ABC, São José dos Campos, Taubaté, Sorocaba, Itu, e Campinas). Total em greve: 63 mil 800.*
Início da greve: 11 de abril
Reivindicações: 100% do INPC; 40 horas semanais; aumento real (produtividade) a negociar; estabilidade e reajuste trimestral, entre 52 itens.
Proposta da FIESP: 100% do INPC; 4% de aumento real (produtividade); redução para 45 horas semanais de trabalho.
Salário médio: Cr$ 1 milhão 490 mil (53,2% da categoria recebem esse valor, com base já no 100% do INPC de abril).
Salário mínimo: Cr$ 615 mil (25,4% recebem esse valor) Salário máximo: Cr$ 3 milhões 500 mil (7% da categoria).
Movimento: incidentes em 26 e 27 de abril em São José dos Campos (ocupação da fábrica da General Motors, com colegas mantidos como reféns dentro da empresa; conflito entre sindicalista e seguranças da Embraer em 12 de abril).

Carro europeu fica sem peças

São Paulo — A exportação de 6 mil 900 motores turbo de moderna tecnologia, que iriam equipar o luxuoso modelo Mercur, novo lançamento da Ford Europa, não pode ser embarcada devido à greve dos metalúrgicos. Esse motor é fabricado pela Ford Brasil, em sua fábrica de Taubaté, no Vale do Paraíba. Ele é exclusivo à exportação. Esse motor turbo só será utilizado em 1987 nos modelos brasileiros.

A greve também afeta a Divisão Pontiac, da General Motors Corporation, nos Estados Unidos. Motores brasileiros não têm sido exportados para sua utilização no modelo de luxo J-2000, outro novo lançamento da matriz norte-americana. Quanto à Volkswagen, a greve está apenas "perturbando", segundo seus assessores, sua unidade industrial do México, que recebe, do Brasil, câmbios e motores para montagem do Fusca. A matriz alemã da Volkswagen, está na mesma situação, em relação aos câmbios para vários de seus modelos. "A greve apenas a perturba", acrescentaram assessores.

O presidente da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores), André Beer só admite voltar à mesa de negociação se os metalúrgicos retornarem ao trabalho normal. Ele admitiu: mesmo que isso aconteça, será impossível recuperar toda a produção perdida (37 mil veículos) e das exportações que deixaram de ser realizadas.

— O que poderemos recuperar é apenas uma parte da produção e outra parte da exportação, mesmo utilizando toda a capacidade das empresas automobilísticas — observou o presidente da Anfavea, André Beer.

Corretores acham que renda maior melhora situação do BNH

Porto Alegre — Somente com aumento real de renda da população, redução da inflação e crescimento econômico, o BNH retomará sua condição de carreador de recursos para o Sistema Financeiro da Habitação. Esta conclusão integra o texto da carta de Porto Alegre, elaborada ontem, ao término do XIII Congresso de Corretores de Imóveis do Brasil, que se realizou nesta Capital.

A categoria adverte, em seu documento, que "o tripé que serve de sustentáculo ao SFH — poupança popular, fundo de garantia por tempo de serviço e retorno das prestações — está seriamente ameaçado e comprometido". Os corretores afirmam que a inadimplência generalizada dos mutuários é causada pelo empobrecimento da população e pelas altas taxas de juros praticadas pelos agantes financeiros.

Alertam ainda os corretores: "Estamos próximos de uma rebeldia civil, onde as pessoas tendem a não mais pagar suas prestações." Sugerem, no entanto, como medidas adequadas para corrigir essa situação, a equivalência salarial para os novos, antigos e atuais mutuários; redução das despesas financeiras ora praticadas; eliminação da taxa de cobrança e administração das prestações; redução em dois pontos percentuais da taxa nominal anual de juros; e incentivos à produção de habitações para locação, entre outras.

Senador sugere mais subsídios

Porto Alegre — O Senador Carlos Chiarelli (RS), líder do PFL no Senado, defendeu, ontem, que a habitação destinada a populações de baixa renda deve ser "altamente" subsidiada. "É necessário que o Governo adote uma decisão política sobre habitação, entendendo que a moradia é um direito tão inalienável quanto saúde e educação", afirmou ele, durante a sessão de encerramento do XIII Congresso Nacional dos Corretores de Imóveis.

O Senador disse que o ônus do subsídio à habitação deve recair sobre a sociedade, através de aumentos de impostos, ressalvando, porém, que seriam cobrados tributos maiores de quem ganha mais. "Essa seria também uma forma de promover a redistribuição de renda no País", explicou ele, ao declarar que o BNH deve estar voltado para o aspecto social.

Chiarelli afirmou que o BNH tem competência para definir critérios de fixação de reajustes, "o que não exclui a possibilidade do Congresso Nacional vir a ser chamado para analisar o reajuste das prestações em julho".

— É necessário entendermos que, para a Nova República se transformar em realidade, a Nação precisa enfrentar com o mesmo empenho os problemas relativos a saúde, salários, habitação e educação".

Rio ganha em julho casa subaquática

Um grupo de empresas está viabilizando a realização de um audacioso projeto, inédito no mundo, a ser implantado no dia 1º de julho no Rio de Janeiro: o da casa submarina para fins de moradia, idéia de três mergulhadores cariocas que pretendem manter nela uma vida normal durante trinta dias, sem chegar à superfície nem uma vez.

Até agora, oito empresas têm participação confirmada no Projeto Futuro Ermitão, outras duas deverão confirmar por estes dias e outras ainda podem aderir. Entre os vários objetivos do projeto, um deles é o de procurar outros meios destinados à alimentação, a partir do mar, além dos já conhecidos.

O projeto

Paulo Groff, um dos integrantes da Base Oceanográfica Netuno, na Urca, contou que a idéia de construir uma casa para fins residenciais sob a água é um sonho infantil. Há menos de um mês, essa idéia começou a tomar contornos de realidade, quando seus dois outros companheiros e igualmente mergulhadores e pesquisadores marinhos, Pedro Gonçalves e Flá-Ebecken, resolveram planejar o projeto. Para interessá-lo a outras pessoas, Paulo entendeu que ele não deveria ser restrito apenas à construção da casa e por isso traçou um programa com objetivos a alcançar.

As finalidades do projeto, batizado de Ermitão porque ele será desenvolvido numa região onde o silêncio será a constante, o fundo do mar, são basicamente estas: desenvolvimento da hidroculturas animal e vegetal: estudo do comportamento humano — psicológico para terapia submarina — e animal — estudo do comportamento em cativeiro; posto de observação submarina e treinamento para fins militares (homens-rans e submarinistas); estagio profissionalizante para mergulhadores — corte e solda, fotografia, locações, pesquisas, etc.: testes de resistência de materiais marinhos; estudo de filtros para fotografias e filmagem submarina; moradia — hotel para pesquisadores e cientistas para estudos diversos; ponto de filmagem para operações de trabalho submarino como perfuração petrolífera e afins, bem como para filmagens e publicidade; moradia de baixo custo e total privacidade.

O apoio

Para tornar possível a realização do projeto está havendo a colaboração destas empresas: a Finks doou um container marítimo de fabricação estrangeira, medindo 40 pés — 12 m x 2,3 m x 2,3 m — no valor de US$ 9 mil; a Light dará o ponto de luz e os guindastes para a operação de transporte do container (casa); as Casas Sendas fornecerão a alimentação por 30 dias; as Tintas Ipiranga darão a pintura usando uma tinta especial à base de sulfato de cobre e borracha; a Casa Titus fornecerá toda a infraestrutura elétrica e hidráulica; a Gelli montará os armários, divisórias e similares; o Grupo Bandeirantes/Inconfidência de Seguros financiará as poitas (bases de cimento armado pesando 30 toneladas cada uma) e fará os seguros; a Dimep fornecerá relógio de parede.

— Ainda falta conseguirmos quem fornecerá os móveis, a decoração, incluindo um aparelho de televisão, fogão microondas, **freezer** e outros aparelhos.

Como será

A casa submarina será montada nos terrenos da Faculdade Castelo Branco, que também participará do projeto através do Instituto de Pesquisa e Tecnologia de Pesca do Rio de Janeiro, por ela mantido. Marcelo Gissoni e Luís Marcos Lomba explicaram que no projeto da casa popular o Instituto será o encarregado da parte científica. Problemas do comportamento humano em ambiente confinado; poluição e levantamento dos habitantes submarinos levantamento da poluição da própria casa. O Instituto contará com cerca de 15 pessoas, entre psicólogos, biólogos e outros técnicos, e também pretende utilizar a casa para outras atividades fora em outro municípios.

A casa, pintada provavelmente de amarelo ou laranja, descerá ao fundo cheia dágua. Embaixo, será injetado ar sob pressão que expulsará a água.

— Trata-se de um assunto de física muito primário.

A entrada será feita por um alçapão na base. 24 garrafões de ar manterão a oxigenação ambiental. A escolha da profundidade de seis metros teve por intenção não criar nenhum tipo de problema respiratório. A essa profundidade o ser humano não entra praticamente no processo de descompressão, que é o acúmulo de nitrogênio no tecido. A casa deverá emergir no dia primeiro de julho e depois haverá uma segunda fase do projeto quando se pretende que a casa, semi-autônoma na primeira, tenha autonomia.

— Autonomia do ar, já presente na primeira fase; de alimentos, quando utilizaremos as algas e os mariscos, que já deverão estar sendo produzidos pois iremos trabalhá-los agora; de água potável através da desanilização; de energia pois usaremos a energia solar, colocando as placas de captação na superfície e as baterias embaixo de água.

Paulo Froff, Pedro Gonçalves e Flávio Ebecken, que vão viver 30 dias sob as águas, já organizaram o programa de trabalho diário: às 7h30min, café matinal; às 8, revisão de equipamento interno (estruturas, escotilhas, suprimento de ar e energia), de 9 às 11, mergulho operacional, revisão das estruturas externas, revisão dos viveiros, coleta de espécies marinhas, filmagens e fotografia; às 12h30min, almoço. De 14h30min às 16h30min, mergulho operacional, cultura de algas, revisão de estruturas e fotografia; 18 horas, relatório diário de operações e rádio para base; às 19, projeção de filmes em VT internos e externos do dia; 20 horas, jantar e a parte de lazer.

Os organizadores do projeto fizeram uma consulta a todos os consulados para saber se a idéia era inédita ou não. Apuraram que somente no Japão existe uma construção submersa, mas para fins científicos, um laboratório.

— Uma casa popular, como a nossa, ninguem fez ainda.

Lula lamenta ação do líder do Governo

São Bernardo — O Presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva, lamentou ontem que "os mesmos homens que hoje são contra as greves, referindo-se ao movimento como uma ação de agitadores, conforme afirmou o Senador Fernando Henrique Cardoso, estavam conosco nos palanques da greve de 1980, dando apoio aos trabalhadores".

Segundo Lula, o líder do Governo no Congresso parece ter-se esquecido muito rapidamente dos problemas dos trabalhadores brasileiros, "que continuam sendo malpagos e explorados". Observou que "é a fome e a miséria do povo que agitam os operários brasileiros", acrescentando que "Fernando Henrique condena agora a mesma coisa que demonstrava apoiar num passado bem recente".

Na sua opinião, o Governo só está certo num ponto: não permitir que as indústrias repassem para os preços finais de seus produtos os reajustes concedidos aos trabalhadores. Deve ser exigido dos empregadores, acrescentou, que eles concedam aumentos salariais em função dos seus lucros e não em função dos repasses.

"De que adiantou a Prefeitura de São Paulo dar aumentos para os motoristas e cobradores (trocadores) de ônibus, se, no mesmo dia, anunciou que as passagens urbanas subiriam para Cr$ 900. Ora, quem vai pagar esse aumento são os peões, que trabalham muito e ganham pouco, e não os donos das empresas de ônibus", observou Lula.

Pernambuco paga melhor a servidor

Recife — Apesar de reconhecer que "na medida em que melhora a remuneração do pessoal, temos menos dinheiro para aplicar em obras", o Governador de Pernambuco, Roberto Magalhães, resolveu elevar para Cr$ 350 mil o salário mínimo pago pelo Estado aos seus servidores — Cr$ 16 mil 880 acima do nível estabelecido pelo Governo Federal.

Na mensagem enviada à Assembléia Legislativa pedindo a ratificação do aumento, o Governador informa que também está estabelecendo uma remuneração de no mínimo três salários mínimos para os servidores de nível universitários do Estado. Como os funcionários públicos pernambucanos já tinham tido o aumento correspondente ao INPC em fevereiro, os aumentos de maio, estendidos a todos os servidores, variam entre 20% e 73% sobre o salário do mês de abril.

O reajuste concedido por Roberto Magalhães surpreende não só pelo Estado ter ido além do estabelecido pelo Governo Federal, mas, também, porque o Nordeste foi sempre tido como um freio nos aumentos dos salários mínimos, pois, como informava o próprio Governo Federal, não poderia pagar o mesmo que outras regiões do país.

O Secretário de Fazenda, Luís Otavio Cavalcanti, explicou ontem a razão desta equação afirmando que o Estado tem conseguido, aos poucos, repor as perdas salariais dos seus servidores, mediante uma política que chamou de "austera" na contenção dos gastos com a máquina governamental. Em 1983, por exemplo, os gastos administrativos corresponderam a apenas um terço do crescimento da inflação, e em 1984 a tendência declinante se acentuou.

Ele reconheceu que sente "um frio na espinha" quando constata que hoje a folha salarial do Estado, que é de Cr$ 80 bilhões, corresponde a 80% da arrecadação do ICM, de onde também são tirados recursos para investimentos em obras estaduais, cada vez menos custeadas pelo Governo federal.

— Mas, o mais significativo disso tudo, afirmou, de estarmos repondo os salários, fazendo obras e impondo a redução nos gastos supérfluos, é que toda essa política se baseia na poupança interna, naquilo que está sendo produzido pelos próprios pernambucanos. Não precisamos, de 1983 para cá, recorrer a qualquer empréstimo externo, o que oneraria as gerações futuras. Só fomos ao exterior uma única vez, para conseguir 55 milhões de dólares necessários para rolar a dívida contraída por governos passados. Mas, não fomos e nem pretendemos ir buscar em dólares os recursos para fazer o Estado andar. É por isso que Pernambuco tem podido, nos últimos tempos, assegurar sua independência política.

Consultor pede auditoria para estatais e autarquias

O diretor da divisão de consultoria fiscal e financeira da Arthur Andersen, Rubens Branco da Silva, propôs, como forma de melhorar a eficiência das empresas públicas, que o Governo exija a realização de auditorias externas nas estatais e autarquias. "Seria a forma do Governo exercer controle dos gastos e da eficiência, sem a necessidade de criar comissões especiais. Bastaria definir os critérios de apuração que deseja, para os auditores externos realizarem o trabalho, como hoje já faz a Superintendência de Seguros Privados (Susep) com as seguradoras", disse.

Atribuindo responsabilidades ao auditor, o Governo poderá ter controles que hoje não tem, por falta de estrutura, de pessoal especializado e de experiência. A auditoria seria um dos caminhos para reduzir o déficit público, na sua opinião, na medida em que as estatais e autarquias, que têm poder sobre a gerência de recursos do Tesouro — INPS, IAA e DNER, teriam de realmente buscar a eficiência e a boa administração financeira.

Rubens Branco não vê muitos caminhos para o Governo aumentar a arrecadação, via aumento dos impostos, já que teria esgotado a possibilidade de tributar mais a pessoa física (recolhimento na fonte), as empresas jurídicas e o pagamento de dividendos. Lembra que a antecipação do prazo de recolhimento de impostos é um caminho — apesar de penalizar as empresas com perda de capital de giro —, assim como a possibilidade de aumentar o imposto de renda nas operações financeiras.

O diretor da Arthur Andersen acha que ainda existe espaço para aumentar a incidência de imposto nas aplicações por um dia (**overnight**) no mercado aberto, hoje de 10% nas operações de prazo inferior a 30 dias. Segundo disse, os salários e dividendos têm alíquotas maiores; as especulações financeiras, portanto, também podem ter. Ele sugere algo como 15% do rendimento.

Quanto ao imposto sobre patrimônio líquido, em estudo no Governo, ele diz que dá margem a muito fiscalismo, na medida em que fica muito difícil definir os critérios para sua cobrança. Também considera complicado aplicar imposto de renda sobre transferências patrimoniais, já que o recebimento de um bem imóvel, por exemplo, não representa produção de renda. Sugere, caso venha a ser adotado, que a tributação nesses casos só ocorra quando o bem for vendido ou começar a gerar renda.

Renda fixa

Sobre o imposto de renda decorrente de aplicações financeiras, que ultrapassem o período de um exercício, por parte das empresas jurídicas (financeiras ou não), Rubens Branco da Silva observa que a legislação vem favorecendo o fisco, no sentido de obter das empresas um empréstimo compulsório. Isso porque, ao apresentarem declaração de rendimentos, referentes ao balanço do exercício encerrado, as empresas pagam de 45 a 50% (antes do recebimento dos rendimentos) e depois recolhem na fonte de 35 a 40%, que só podem ser compensados na declaração de rendimentos do ano seguinte, com seu valor corrigido monetariamente.

Rubens Branco pondera que a Receita Federal poderia ter interpretado a legislação de forma mais favorável às empresas, no sentido de aceitar que elas difiram a tributação do rendimento, sobre o qual não poderá haver recuperação do imposto de fonte, já que o mesmo ainda não foi retido, o que só ocorrerá no resgate do título de renda fixa posfixado.

Maria Cristina é bicampeã

Ao obter uma rentabilidade de 78,08% no prazo de quatro semanas, Maria Cristina Villela, 13 anos, com o Clube de Investimentos 72, conquistou o bicampeonato do Desafio da Bolsa. Junto com Gustavo Hupsel, ela foi a vencedora da primeira etapa do concurso. Neste segundo trimestre, a família Villela venceu seis vezes consecutivas na categoria clube de investimentos.

Mas quem orienta o preenchimento dos cupons é o pai de Cristina, o consultor de investimentos Carlos Eduardo Villela. Ele revela que descobriu o "macete", um furo no regulamento "que privilegia as ações que estão oferecendo direitos" (bonificação ou dividendos). A vitória do Clube de Investimentos 72 foi obtida a partir dessa observação.

Carlos **Eduardo** escolheu ações da Paranapanema para participar do Desafio e depois trocou por papéis da Mannesmann, duas empresas que estavam em fase de concessão de direitos, sendo que esta última aprovou uma bonificação de 200% — para cada uma ação os acionistas receberam outras duas.

Quando as ações entram em fase de dupla negociação (com e sem direitos), o programa da Bolsa do Rio considera para as ações vazias a cotação que prevalecia antes do início da dupla negociação. É claro, que o erro já foi corrigido para esta próxima etapa.

AFI confirma o cálculo do ouro

A Associados em Finanças e Investimentos Ltda. (AFI) — que mensalmente realiza levantamento sobre o desempenho dos principais investimentos do mercado — confirmou o cálculo de rentabilidade para o ouro durante o último mês de abril, da ordem de 5,95%, que havia sido contestado, aoJORNAL DO BRASIL, por corretores que operam com o metal.

Originalmente, os dados divulgados pela empresa referiam-se às cotações até 25 de abril; de 29 de março até aquele data, a variação foi de 5,95%. Por coincidência, no último dia do mês — dia 30 —, a cotação era a mesma do dia 25 (Cr$ 57 mil por grama, preço da Goldmine, do Rio de Janeiro, que é o utilizado pela AFI), muito embora no dia 29 ela tivesse alcançado a Cr$ 58 mil 200, o que equivalia a uma alta de 8,18%.

Engenheiro tem surpresa

Surpreso ao receber a notícia da vitória — "eu vou mesmo para Nova Iorque?" —, o engenheiro químico Alexandre Rodrigues Vale não se conteve de alegria ao ser cumprimentado por seus colegas da Petrobrás, onde trabalha. Ele obteve uma rentabilidade de 39,51% na quinta rodada e foi o vencedor, entre os investidores individuais, da segunda etapa do Desafio da Bolsa.

Com 35 anos, só começou a comprar ações — de verdade — depois de ter participado do Desafio, "que me deu um pouco de tarimba". A única exceção foi no ano passado, quando subscreveu a colocação de ações do Banco do Brasil. Atualmente, tem em sua carteira títulos da Zanini, Construtora Better, Cica e Docas de Santos, além do Banco do Brasil, que não pretende vender agora:

— A Bolsa está em baixa e vou aguardar uma ocasião melhor.

Alexandre Vale, que ganhou o concurso incluindo em seu cupom ações da Paranapanema, Acesita, Ferbasa e Zanini, diz que o concurso despertou seu interesse pelo mercado de ações a ponto de colecionar, há algum tempo, todas as páginas com reportagens sobre ações e empresas abertas publicadas no JORNAL DO BRASIL, através das quais avalia os papéis que estão em baixa há algum tempo ou distribuindo direitos, para escolher os que têm maiores chances de rentabilidade.

Direitos dos acionistas

Empresas	Dividendos Em Cr$	Bonific. Em %	Subscrição % Cr$	Forma de Negociação
AMÉRICA S. LEASING	—	—	300/13,10	29.03 a 27.05.85
ARACRUZ	10,00	—	—	30.04 a 21.05.85
BAHEMA	0,28	—	—	08.05 a 28.05.85
BAMERINDUS DO BRASIL	0,0125	—	—	A PARTIR DE 02.05 "EX"
BAMERINDUS CRÉD.	0,03912	1.700	—	A PARTIR DE 02.05 "EX"
BAMERINDUS FINAN.	0,03937	DESD. 2.900/ BON. 25	—	A PARTIR DE 02.05 "EX"
BAMERINDUS INVEST.	0,03925	2.900	—	A PARTIR DE 02.05 "EX"
BAMERINDUS SEGUROS	0,03875	1.900	—	A PARTIR DE 02.05 "EX"
BELGO MINEIRA	0,58(ORD)/0,29(PREF)	—	—	19.04 a 10.05.85
BRADESCO	0,05	—	—	A PARTIR DE 02.05 "EX"
BRADESCO INVEST.	0,05	—	—	A PARTIR DE 02.05 "EX"
BRADESCO TUR.	0,015	—	—	A PARTIR DE 02.05 "EX"
BRASINGA	2,26	—	—	30.04 a 21.05.85
BCO. AGRIMISA		—	2,7777/ 12.00	10.04 a 14.05.85
BCO. AMÉRICA SUL	—	185	17,5030599	
BCO. BOAVISTA	—	—	756/1,00	11.04 a 07.05.85
CAEMI		—	3/63,78	08.04 a 08.05.85
CIMAF	2,70	—	—	29.04 a 20.05.85
COMERCIAL SCHRADER	12,00	—	—	15.04 a 06.05.85
CREMER	0,66(ORD)/1,32(PREF)	—	—	20.05 a 07.06.85
ELETROMOTRES WEG	0,45	100	—	28.05 a 19.06.85
FERBASA	1,38	—	—	22.04 a 13.05.85
FRAS-LE	0,27	—	—	23.04 a 14.05.85
FIBAM	6,72705812	300	—	18.04 a 20.05.85
	0,16		0,000142635/ 1.000.000	02.05 a 24.05.85
FINANC. BRADESCO	0,015	—	—	A PARTIR DE 02.05 "EX"
IND. VILLARES	—	250	—	15.04 a 14.05.85
IGUAÇU C. SOLÚVEL	0,8585	—	—	02.05 a 22.05.85
KLABIN PARANÁ	5,00	—	—	17.04 a 08.05.85
MARCOPOLO	0,10(INT)/ 0,05(P/RATA)	—	—	02.05 a 22.05.85
MICHELETTO	0,07	—	—	15.05 a 04.06.85
M.FLUMINENSE	1,00	—	—	15.04 a 06.05.85
NITROCARBONO	0,6286 ORD/PREF "A" 0,1824 PREF "B"/PREF "C"	—	OBS. "A"	22.04 a 21.05.85
PARANÁ EQUIPAMENTOS	3,6926	—	—	03.05 a 23.05.85
PETROBRÁS	2,50	—	—	18.04 a 07.05.85
POLIPROPILENO	0,30	—	—	15.05 a 04.06.85
ROMI	1,60	—	—	17.04 a 08.05.85
SADOKIN	0,45	—	—	02.05 a 22.05.85
SIDERÚRGICA GUAIRA	0,20	—	—	A PARTIR DE 29.04 "EX"
TEXTIL ARP	2,50	—	—	15.04 a 06.05.85
TRANSPARANÁ	0,50	—	—	A PARTIR DE 29.05 "EX"
TRORION	—	200	—	15.04 a 06.05.85
UNIPAR	0,325	300	—	30.04 a 21.05.85
WETZEL	0,52 (INT)/0,26(P/RATA)	—	—	10.05 a 30.05.85

OBS.: "A" — ORD. — SUBS. 4,361077% EM AÇÕES ORD. E SUBSCREVE 10,773855% EM AÇÕES PREF. "A" AS AÇÕES PREF. "A" E PREF. "C" SUBSCREVEM 15,134932% EM AÇÕES PREF. "A".

Os primeiros clubes

Resultados dos 50 primeiros colocados entre os clubes de investimento do décimo-segundo grupo deste trimestre do Desafio da Bolsa, que iniciaram suas aplicações com o cupom publicado na edição de 31 de março do JORNAL DO BRASIL. A lista completa, por ordem alfabética, sai no caderno de **Classificados** e está disponível também nas agências do JB.

POSIÇÃO	NOME DO PARTICIPANTE	VALOR TOTAL
0001	Clube de Investimento Vale Tudo	131.681.386
0002	Clube de Investimento Extra	124.824.926
0003	Clube de Investimento Bem Bom	121.917.543
0004	Clube de Investimentos 15	120.967.798
0005	Fabio Braga de Azevedo	120.940.500
0006	CBA Administração Gr Julio	120.464.250
0007	Agora ou Nunca	119.540.062
0008	Carajas Invest	118.379.904
0009	CBA Limpeza Gr do Ismaes Barbosa	117.739.050
0010	Alvimar Antonio Ulhoa Amorim	117.255.150
0011	Clube de Investimento Monte Branco	114.903.610
0012	Selma Angelina Gonçalves	114.903.610
0013	CBA Gaguinho Gr Wilson	114.700.500
0014	Clube de Investimentos Bamba	114.585.759
0015	Clube de Investimentos 70	112.767.950
0016	Patorres Zebrão	112.737.000
0017	Sepol Investimentos	112.063.788
0018	Patorres 2	111.056.000
0019	Clube de Investimentos Belem	109.883.835
0020	Adelaide Pereira de Faria	109.883.835
0021	Clube de Investimentos 72	109.513.861
0022	RCGC Investimentos	109.337.413
0023	O Misterio do Triangulo	108.685.800
0024	Compar I Clube de Investimentos	108.493.460
0025	Clube de Investimento Independência	108.020.639
0026	Clube de Investimento D. Pedro	108.020.639
0027	Clube de Investimentos Maneiro	107.948.813
0028	Clube de Investimento Petróleo	107.694.683
0029	Clube de Investimento Cacha Ação Ata Alcoação	107.385.028
0030	Hibanfra	107.335.110
0031	Clube de Investimento Doçura	107.327.896
0032	Fittipaldi Correa do Atras	106.521.932
0033	Clube de Investimento Comunicação	105.367.082
0034	Guaicuru Invest Co. Inc.	104.944.586
0035	CBA Técnico I Gr. Marcus Grael	104.911.500
0036	Clube de Investimentos Brasileiro	104.634.688
0037	CBA Técnico II Gr. Paulo Celio	104.428.400
0038	Clube de Investimentos Cartago	104.373.036
0039	Vera Lucia de Almeida Martins	104.298.300
0040	Joel Teixeira da Silva Junior	104.293.611
0041	Clube dos Leões	104.272.400
0042	Investimoc	104.129.458
0043	UTC Investimentos	103.710.750
0044	Clube de Investimentos Santissimo	103.128.793
0045	Santannu Clube	103.110.300
0046	Leonor Ferreira Sousa	102.832.361
0047	CBA Mac Gr. Laura	102.467.155
0048	Clube de Investimento Spad	102.290.603
0049	Clube Dezemes de Investimento Simulado	102.256.165
0050	Clube de Investimentos 31	102.164.151

Os primeiros individuais

Resultados dos 50 primeiros colocados entre os participantes individuais do décimo segundo grupo deste trimestre do Desafio da Bolsa, que iniciaram suas aplicações com o cupom publicado na edição de 31 de março do JORNAL DO BRASIL. A lista completa, por ordem alfabética, sai no caderno de **Classificados** e está disponível também nas agências do JB.

Posição	Nome do participante	Valor total
0001	Maria de Assunção Matos Santos	12.081.787
0002	Celia Soares Moura	12.065.581
0003	Vera Lucia de Avila Villela	12.031.777
0004	Arthur Monteiro Bastos	12.000.291
0005	Antonio Manoel Vasques Gomes	11.956.500
0006	Ricardo Biancovili	11.908.105
0007	Jerzy Jan Wieczorek	11.775.000
0008	Nara Esteves Coelho Costa	11.666.769
0009	Alexandre Gracza	11.593.500
0010	Ivan Charles Dantas Fidelis	11.486.250
0011	Elias Jose Garcia Carvalho	11.451.102
0012	Maria do Carmo Villela	11.398.565
0013	Jose Manoel de Almeida Novello	11.398.565
0014	Maria Aparecida de Andrade Alves	11.388.950
0015	Maria Cristina de Carvalho Cruz	11.357.389
0016	Carlos Heitor de Oliveira Pedra	11.345.446
0017	Nailza Nonato de Faria	11.345.185
0018	Marco Antonio de Carvalho	11.339.408
0019	Marcos Pereira Reis	11.338.428
0020	Carla Izolda Fiuza Costa Marshall	11.317.955
0021	Celio do Carmo Magrani	11.311.400
0022	Francisco de Assis Teixeira	11.311.400
0023	Abram Zyman	11.291.129
0024	Civis Pereira Eisenlohr	11.251.590
0025	Irene Araújo Bastos	11.187.156
0026	Fernando Lopes Ribeiro	11.154.350
0027	Daniel Lissovsky	11.057.148
0028	Paelo da Silva Pinho	11.011.704
0029	Ângela Maria Torres	11.002.775
0030	Cesar Trisuzzi Costa	10.966.992
0031	Ricardo da Costa Nogueira	10.909.225
0032	Luiz Renato Gaspar de Campos	10.882.382
0033	Pedro Luiz Monteiro de Andrade	10.866.977
0034	Aloisio Estevam de Morais	10.856.216
0035	Carlos Valença Teixeira	10.854.050
0036	Fábio Braga de Azevedo	10.847.450
0037	Joel Pinto Neto	10.844.060
0038	Sérgio de Faria Coelho de Sousa	10.833.733
0039	Fernando Souza Midao	10.833.522
0040	Paulo Aloysio da Costa Camelo	10.828.960
0041	Soraya Almeida da Costa	10.796.631
0042	Delton Pedroso Bastos	10.795.780
0043	Cláudio Viegas O. Guimarães	10.793.160
0044	Ariston Coelho	10.792.221
0045	Joel Fabricio Ortiz	10.772.420
0046	Hélcio de Lemos	10.758.945
0047	Sílvio Glicério Mendonça	10.742.590
0048	Maria Aparecida Villela	10.716.309
0049	José Brandão Lobato Cunha	10.715.796
0050	Vanda Fraga Gonzaga	10.709.001

As ações que entram no "Desafio"

AÇÕES	CÓDIGO	TIPO	ÚLTIMO BALANÇO	LUCRO POR AÇÃO	ÚLTIMA COTAÇÃO MÉDIA	P.L. (*)	PATRIMÔNIO LÍQUIDO(**) P/AÇÃO	PATRIMÔNIO LÍQUIDO(**) PREÇO/VLR.PATR.AÇÃO (*)	VARIAÇÃO % NA SEMANA
Acesita	ACES	OP	12/84	PR	1,55	—	3,44	0,45	-1,2
Acesita	ACES	PP	12/84	PR	1,47	—	3,44	0,43	-2,6
Banco do Brasil	BB	ON	12/84	41,44	95,56	2,3	279,68	0,34	-0,9
Banco do Brasil	BB	PP	12/84	41,44	112,49	2,7	279,68	0,40	-1,7
Belgo Mineira	BELG	OP	12/84	2,02	11,50 E--	5,7	10,83	1,06	-4,2
Banerj	BERJ	PP	12/8&	PR	2,50	—	9,13	0,27	-16,7
Banespa	BESP	PP	12/84	1,11	2,33	2,1	9,45	1,25	-7,5
Banco Nacional	BNAC	PN	12/84	1,03	2,30	2,2	15,92	0,14	+2,7
Bradesco	BRAD	PS	12/84	1,50	6,55	4,4	14,64	0,45	+9,2
Brahma	BRHA	PP	12/84	0,99	7,20 E--	7,3	14,17	0,51	-3,5
Cemig	CMIG	PP	12/84	0,45	1,43	3,2	4,93	0,29	-3,4
Correa Ribeiro	CORI	PP	03/84	0,15	1,10	7,3	1,90	0,58	+5,8
Souza Cruz	CRUZ	OP	12/84	40,95	390,80	9,5	145,90	2,68	+4,8
C. S. Brasília	CSBR	PP	12/84	0,38	2,00	5,3	4,25	0,47	-4,7
Docas de Santos	DOCA	OP	12/84	0,33	7,40	22,4	13,07	0,57	-7,4
Ferbasa	FERB	PP	12/84	1,23	8,99	7,3	6,78	1,33	+3,3
Fertisul	FERT	PB	12/84	0,55	3,32	6.0	6,24	0,05	-5,4
F. L. C. Leopoldina	FLCL	PA	12/84	0,41	1,34	3,3	6,65	0,20	-0,7
L. Americanas	LAME	OS	10/84	4,93	137,50	27,9	46,29	2,97	+8,3
Luxma	LUSC	PP	01/85	1,13	3,68	3,2	12,65	0,29	+2,5
Mannesmann	MANN	OP	12/84	0,85	2,38	2,8	2,37	1,00	-0,8
Mannesmann	MANN	PP	12/84	0,85	2,08	2,4	2,37	0,88	+0,5
Mesbla	MESB	PP	01/85	5,13	40,00	7,9	118,73	0,34	+17,3
Montreal	MONT	PP	09/84	2,57	15,73	6,1	7,08	2,22	+9,1
Petrobrás	PETR	ON	12/84	15,82	60,13	3,8	204,95	0,29	-9,0
Petrobrás	PETR	PP	12/84	15,82	113,61	7,2	204,95	0,55	-9,1
Paranapanema	PMA	PP	12/84	4,84	8,98	1,8	6,05	1,48	+7,7
Pet. Ipiranga(A)	PTIP	PP	01/85	1,07	7,10	6,6	9,63	0,74	-2,3
Samitri	SAMI	OP	12/84	5,87	36,36	6,2	24,94	1,46	+0,3
Telerj	TERJ	PN	12/84	10,48	28,09	2,7	238,53	0,12	+4,0
Unipar	UNIP	PB	12/84	1,30	8,10	6,2	7,84	1,03	+0,1
V. Rio Doce	VALE	OP	12/84	63,75	153,38 E-E	2,4	282,39	0,5	+2,6
V. Rio Doce	VALE	PP	12/84	63,75	241,96 E-E	3,8	282,39	0,86	+1,8
Aços Villares	VILA	PP	01/84	PR	3,65	—	1,71	2,13	+17,7
White Martins	WHMT	OP	12/84	0,63	1,58 EE	2,5	3,24	0,49	-1,9
Zanini	ZANI	PP	12/84	0,20	0,64	3,2	2,77	0,23	+1,6

(A) Exercício de onze meses
(*) Relativo à última cotação
(**) Último Balanço Anual + Subscrições

Invista na Bolsa sem mexer no bolso e ganhe uma viagem a Nova Iorque.

O DESAFIO CONTINUA.

O **Desafio da Bolsa** é uma simulação de investimento em ações, projetada inicialmente para universitários e que agora se estende aos leitores do JORNAL DO BRASIL. Durante três meses, em períodos que compreendem sempre quatro semanas, o leitor viverá a sensação de estar aplicando em ações, a partir da disponibilidade hipotética de Cr$ 10 milhões. Ao final de cada um dos períodos de 4 semanas, os computadores da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro processarão os cupons e o JORNAL DO BRASIL divulgará os resultados.

O leitor que obtiver a melhor rentabilidade ao final dos três meses receberá como prêmio uma visita a Nova Iorque. A BVRJ oferecerá uma matrícula em seu curso de operador de pregão, com estágio incluído.

O grupo de 10 leitores, no mínimo, que se constituir sob a forma de clube de investimento (o capital hipotético para aplicação é Cr$ 100 milhões) e chegar em primeiro lugar, além de estágio na BVRJ, ganhará um prêmio em dinheiro para constituição de uma carteira de ações.

Cada leitor ou clube de investimento somente poderá enviar um cupom por semana (a remessa tem de ser feita até o penúltimo dia útil de cada semana: use o Correio, mandando para o JORNAL DO BRASIL — **Desafio da Bolsa** — Avenida Brasil, 500 — CEP 20.940, ou entregue diretamente em qualquer Sucursal ou Agência de Classificados).

É recomendável todo o cuidado na indicação do CPF, porque dele é que sairá o código de inscrição de cada participante. Não se deve mandar mais de um cupom por semana. No caso dos clubes de investimento, a identificação se fará pelo CPF do seu responsável; a relação completa dos componentes do grupo deve ser apresentada à parte, com nomes, CPF, endereços e telefones.

O período de 4 semanas é contado a partir da semana em que o leitor remete o cupom pela primeira vez. Assim sendo, dentro de cada período, o leitor poderá participar simultaneamente como investidor individual e como participante de um clube de investimento. No caso particular do clube de investimento, o leitor poderá ser integrante de quantos desejar, com a restrição de ser responsável por apenas um dos clubes.

O preenchimento do cupom, durante cada ciclo de 4 semanas, deverá obedecer aos seguintes critérios: na primeira semana, o participante preencherá todos os espaços referentes às informações pessoais (tipo de investidor, CPF, nome, endereço etc.) e aqueles destinados às negociações; se o participante desejar alterar sua carteira inicial nas três semanas seguintes, basta remeter os cupons preenchendo apenas os espaços referentes ao CPF, tipo de investidor (se é individual ou clube de investimento) e às novas ordens de compra ou de venda (exclusivas ou simultâneas), levando em consideração que o número máximo de operações, por semana, é sempre seis.

Após a quarta semana, cada participante pode voltar ao **Desafio**, para uma nova etapa, seja de individual ou clube de investimento, obedecendo aos mesmos critérios de preenchimento do cupom.

• O **Desafio da Bolsa** está limitado às ações componentes do Índice Bolsa de Valores (IBV), normalmente as mais negociadas.

• No preenchimento do cupom, cada participante terá de assinalar o código da ação que está comprando ou vendendo. Exemplos: Banco do Brasil é BB. Petrobrás é PETR (veja na tabela os códigos das ações que compõem o IBV). Os códigos deverão ser colocados na coluna CIA.

Na coluna TIPO, o leitor ou clube de investimento indicará o modelo de ação em negociação: ordinária ao portador é OP, preferencial ao portador é PP, e assim por diante. As abreviaturas também estão na tabela.

Os algarismos 1 e 2 devem ser colocados na coluna OP para que os computadores saibam que operação está sendo realizada: 1 é compra — evidentemente na primeira semana todos marcarão 1 em seus cupons — 2 é venda.

• Finalmente, o registro do volume de ações negociadas se fará na coluna QUANTIDADE. Os computadores só aceitam múltiplos de mil, ou seja: cada participante pode comprar ou vender, 1 mil, 2 mil, 5 mil, 10 mil, 14 mil, 20 mil, 100 mil, 103 mil e assim por diante.

No cupom, não é necessário marcar os três zeros que correspondem a mil, o computador está programado para entender que apenas 2 significa 2 mil ações. Assim, quem negociar 125 mil ações deve limitar-se a escrever 125.

• O participante não deve superar a verba previamente fixada (Cr$ 10 milhões, individual; Cr$ 100 milhões, clube de investimento). Como é impossível saber, com certeza, o valor das operações marcadas no cupom, uma vez que as cotações serão sempre as do último dia útil da semana (dia seguinte ao último para recebimento dos cupons), é recomendável que se deixe uma margem de segurança em caixa, pois o "estouro" do limite de recursos para a aplicação determinará a anulação da operação.

O participante deverá conferir todos os domingos os preços de fechamento das operações que realizou e verificar se houve "estouro" ou não. As operações serão realizadas conforme a ordem de colocação no cupom (de 1 a 6).

• Como a simulação de investimento é exatamente igual ao que acontece na BVRJ, o participante paga corretagem, valor que poderá ser descontado do que efetivamente for aplicado dos Cr$ 10 milhões ou Cr$ 100 milhões.

A corretagem é a seguinte:

— 2% do valor aplicado em operação até Cr$ 2 milhões;

— 1,5% em operações de Cr$ 2 a 6 milhões;

— 1% em operações de Cr$ 6 a 12 milhões.

— 0,5% em operações acima de Cr$ 12 milhões.

Lembrete: há corretagem em qualquer operação; tente evitar as pequenas percentagens de ganho. Em caso de "estouro" de caixa, o computador sempre anulará a operação (ou as operações) que ultrapassarem o valor disponível na caixa, sem prejuízo das demais.

• Os direitos acionários — como dividendos, bonificações em dinheiro ou em título etc. — serão computados automaticamente na carteira dos participantes.

• A relação dos 50 primeiros colocados em cada período de quatro semanas será divulgada aos domingos no JORNAL DO BRASIL. A relação completa sairá ao longo da semana no **Caderno de Classificados**. Haverá listas também nas Agências de Classificados e nas Sucursais.

JORNAL DO BRASIL

Zeros caem, mas inflação continua a atacar Cruzeiro

Nova República, novo cruzeiro. A esperada reforma do padrão monetário brasileiro agora tem data para vigorar: em 1986, a moeda passará a circular com três zeros a menos. Hoje, dois dias depois de a medida ter sido anunciada pelo presidente do Banco Central, Antonio Carlos Lemgruber, o cruzeiro se encontra flagrantemente mais frágil e desvalorizado do que em novembro de 1965, quando o Governo Castelo Branco baixou o Decreto que criou o cruzeiro novo.

A partir do levantamento de preços médios de alguns produtos básicos, é possível verificar que não há um só exemplo que comprove que comprar hoje é mais fácil do que em 1965. Um quilo de carne custa o dobro e a relação é a mesma com os aparelhos de TV. A pasagem de trem quase que também duplica e a de ônibus custa quatro vezes mais. Quem curte uma cervejinha está em maus lençóis: o preço da garrafa está 714 vezes maior.

Para os que querem deixar de fumar, o momento parece adequado, pois o preço médio do maço de cigarros quadruplicou e a caixa de fósforos sai por 666 vezes mais. Morar também está mais difícil: para comprar um imóvel, a disponibilidade de moeda pelo menos duplicou em relação a 1965; os inquilinos, por sua vez, elevaram seus gastos em cerca de quatro vezes.

Os disparates não param por aí. Um cineminha está 666 vezes mais caro. Um automóvel, três vezes mais. A gasolina é a recordista, com o litro custando 1456% acima dos níveis de 1965. E quanto ao "leite das crianças", o mais popular deles — tipo C — eleva-se em 687,5% por litro.

No meio de tanta comparação desfavorável, o salário mínimo é exceção. Quando da criação do Cruzeiro Novo, o salário mínimo vigente era Cr$ 66 mil. A partir de 1º de maio deste ano, passou para Cr$ 333 mil 120. Vantagem de 505% para o atual. Mas, em compensação, a inflação em 1965 ficou nos modestos 34,4% e a estimativa para este ano é de que ela alcance 235,5%. Ou seja, o salário de agora fica em desvantagem.

Momento adequado

A receita dos economistas manda que uma reforma de padrão monetário seja feita somente em épocas de inflação pelo menos estável, tendendo para o declínio, pois medidas desta ordem não podem ser tomadas todos os dias. Fixar a data de vigência da reforma do padrão monetário para 1986 parece uma dica de que o Governo está, de fato, confiante na repetição do desempenho da inflação registrada em abril (o índice mais baixo do ano, até agora).

Se as previsões falharem, o novo cruzeiro poderá até ter seu nascimento adiado. Essa atitude cautelosa evitará a repetição de um fato curioso, ocorrido por ocasião do início de circulação do Cruzeiro Novo, em 1967: havia uma corrente que defendia a adoção do nome "Cruzeiro Forte" para a nova moeda que, antes de completar um ano de vida, acabou sofrendo sua primeira desvalorização. A lembrança da derrota do "Cruzeiro Forte" provocou, então, inúmeros suspiros de alívio.

A presença do cruzeiro, em sua forma atual, já é incômoda em diversas situações. Casos idênticos ocorriam em 1965, como lembra o relatório de Cleber Baptista Gonçalves que, na ocasião, ocupava a gerência adjunta do Meio Circulante do Banco Central e foi um dos executores da reforma do padrão monetário de então. Diz o trabalho:

"Em 1965, as dificuldades de operação com uma unidade monetária tão desvalorizada eram grandes. A capacidade das máquinas registradoras e de calcular esbarrava na enormidade das casas decimais. Em muitas empresas privadas e em órgãos da administração pública, máquinas de contabilidade, de custo elevadíssimo e de difícil reposição, esgotaram a capacidade de seus somadores. Também surgiram problemas na emissão e no manuseio do dinheiro, assim como em seu transporte. O registro contábil e a escrituração de valores nas empresas industriais e comerciais, no sistema bancário e nas instituições financeiras, se tornou bastante complicado devido à depreciação da moeda brasileira".

O texto parece ter sido feito para retratar a situação de agora. E enfrentar a inflação galopante dos últimos anos só foi possível com uma série de enxertos, entre eles a eliminação dos centavos e a criação de novas cédulas de valor mais elevado. Agora, o anunciado corte de três zeros na moeda brasileira repete a reforma decretada em 1965, quando também se decidiu pela eliminação de três casas decimais.

Essa será a terceira reforma do padrão monetário no Brasil. A primeira ocorreu em 1942, quando o Decreto-Lei 4791 criou o cruzeiro em substituição ao real (Cr$ 1 mil réis). Na ocasião, o dólar valia 18,5 vezes mais que o cruzeiro. Em 1965, cada dólar valia Cr$ 1 mil 850. Hoje, vale Cr$ 5 mil 20 (para venda, no câmbio oficial).

Ainda sem nome, a nova moeda reúne alguns pré-requisitos para surgir de moral erguida; resta a inflação colaborar e ceder. Se até lá o próprio processo inflacionário não exigir a criação de cédulas de valor ainda mais elevado, o grande vitorioso terá sido o ex-Presidente Juscelino Kubitschek: rejeitado pelo Governo Figueiredo para estampar a nota de Cr$ 10 mil, ele ressurge agora promovido, com sua efígie estampando a cédula de mais alto valor — a de Cr$ 100 mil, que em breve estará em circulação.

ISABEL CHRISTINA PACHECO

Seminário debate os casos críticos

Mais de duzentos empresários, profissionais liberais, executivos financeiros e políticos inscreveram-se para o Seminário Internacional sobre Economia, Hiperinflação e Inflação Explosiva que será iniciado amanhã pela manhã no Hotel Meridien.

O Seminário é dirigido pelo Professor Mário Henrique Simonsen, promovido pelo Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros e com o apoio do JORNAL DO BRASIL. Os casos da Alemanha, da Argentina e de Israel serão debatidos hoje pela manhã e à tarde.

Rudger Dornbusch, professor de economia internacional do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, falará sobre o caso da Alemanha. Dornbusch é também consultor do governo americano. Juan Carlos de Pablo, um professor de economia com título de doutor (PHD) e editor de economia do El Cronista Comercial, de Buenos Aires, falará sobre o caso argentino.

O caso de Israel será abordado por Stanley Fisher, também professor do MIT. O seminário continuará na terça-feira e será encerrado em um painel que terá a participação do professor Adroaldo Moura da Silva, presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Produtos	Preços (Cr$)	
	Nov. 65	Maio 85
Zero	5 milhões	16 milhões
Apto. Z.Sul 2 qtos.	46 milhões	100 milhões
Litro de gasolina	149	2 mil 170
Litro de leite	160	1 mil 100
1 mês de aluguel	100 mil	400 mil
Passagem de ônibus	120	480
Pasagem de trem	80	140
Salário mínimo	66 mil	333.120
1 maço de cigarros	400	1.600
1 caixa de fósforos	30	200
1 garrafa de cerveja	350	2 mil 500
1 par de sapatos	15 mil	50 mil
Terno de roupas	90 mil	370 mil
Entrada de cinema	600 mil	4 mil
Corte de cabelo	1 mil	15 mil
Aparelho de TV	700 mil	1 milhão 300 mil
Jornal	100	1 mil 500
Quilo de carne	4 mil	8 mil

Os preços referentes a novembro de 1965 são anteriores à perda das três casas decimais do Cruzeiro Novo. Com a reforma, o automóvel que custava Cr$ 5 milhões, passou a custar Cr$ 5 mil; um apartamento de dois quartos na Zona Sul, que tinha um preço médio de Cr$ 46 milhões, passou a valer Cr$ 46 mil. O mesmo se aplica à toda tabela acima.

Brasília colhe frutos com pequena Reforma Agrária

Brasília — A implantação do estatuto da terra (Lei 4.504) no Distrito Federal surpreendeu os responsáveis pela sua execução e pode oferecer subsídios para o Plano Nacional de Reforma Agrária. Numa área de quase 150 mil hectares, existem 1.989 lotes arrendados em 27 núcleos rurais, onde vivem produtores vindos de vários estados da Federação.

A experiência começou em 1962, após a implantação da nova Capital, orientada para dois aspectos: atender (com o arrendamento) a famílias necessitadas que procuravam terras, após a conclusão das principais obras da cidade. E iniciar o cultivo de produtos hortigranjeiros para atender às necessidades da população.

Com o desenvolvimento de tecnologias que permitiram a incorporação de áreas dos cerrados à agricultura, a Fundação Zoobotânica do Distrito Federal (responsável pela administração da área rural do Distrito Federal) iniciou um programa de assentamento agrícola, dirigido para a produção de grãos. De 1977 até hoje, foram demarcados 115 lotes, com área média de 300 hectares onde se instalaram colonos originários, principalmente, dos estados do Sul.

O êxito da experiência pode ser medido pelo crescimento da produção de grãos (arroz, milho, feijão e soja). Entre 1978 e o ano passado, o pulo foi de 4 mil 802 toneladas para 74 mil 170 toneladas. Na parte de produção de hortigranjeiros, o Distrito Federal abandonou a posição de importador desses produtos, caminhando para a suficiência de todos eles e já exportando alguns.

Atestado de probreza

Fábio Ferreira, diretor executivo da Fundação Zoobotânica, conta que a instituição do Sistema de Arrendamento Rural em Brasília começou com o início de implantação da nova Capital. Em 1955, o Governo de Goiás havia baixado um decreto (nº 480 de 30 de abril) declarando de utilidade pública e de interesse social, para efeito de desapropriação, a área escolhida para sede do Governo Federal.

Os primeiros loteamentos, destinados à produção de hortigranjeiros, estavam localizados em várzeas de terras férteis, medindo em torno de quatro hectares. "Naquela época, conforme a diretriz social da idéia de arrendamento dessas áreas, chegava-se a pedir dos pretendentes que eles apresentassem atestado de pobreza" — conta o diretor da Fundação.

Com o programa de assentamento, executado em áreas do Cerrado, a história mudou um pouco. Ali foram instalados colonos que traziam consigo tecnologia agrícola e algum capital, para começar suas atividades. Para atendê-los, foi desmembrada uma gleba de 115 módulos (lotes) e organizou-se uma cooperativa (Cooperativa Agropecuária da Região do DF Ltda — COOPA-DF) para dar-lhes suporte na produção e comercialização das safras.

Atualmente, esses produtores estão selecionando mais suas atividades, concentrando-se na produção de sementes. Alguns deles são responsáveis pela introdução do cultivo de ervilha no Cerrado, através de lavouras irrigadas, numa operação em que vendem antecipadamente toda sua safra às grandes empresas produtoras de conservas enlatadas. A Cooperativa congrega 370 associados em Brasília e estende sua atuação aos Estados vizinhos (Minas e Goiás).

Caso único

A Fundação Zoobotânica arrenda os lotes aos interessados pelo prazo de 15 anos, com direito à renovação, por mais 15. No contrato assinado com os colonos, ficam definidas as exigências quanto à conservação de solo, preservação de variedades naturais e outras exigências que o plano de utilização da área especificar.

Segundo o diretor da Fundação Zoobotânica, a experiência do Distrito Federal (único caso de arrendamento de terra pelo Governo para fins agrícolas, no país) está sendo estudada pelo INCRA, para ser adotado em outras regiões. Ele lembra que a faixa de terra de cem quilômetros junto à fronteira internacional do país, e ao lado das rodovias federais na Amazônia, pode ser aproveitada para produção agropecuária, via arrendamentos aos interessados.

A realidade observada com o arrendamento em Brasília levou o Banco Central a alterar suas normas para concessão de empréstimos às atividades agrícolas nessas áreas. Os bancos exigem como garantia, para concessão de empréstimos, o título de propriedade da terra, o que não se dá com o arrendamento.

Brasília, foto José Varella

Kanamura exibe couves no núcleo de Vargem Bonita

Produção em Brasília, em lotes cedidos sob arrendamento a colonos originários de outros estados, entre os anos de 1978 e 1984 (1.000 toneladas):

PRODUTOS	1978	1985
Hortigranjeiros	29.177	56.002
Frutas	6.469	15.074
Grãos (cereais)	4.802	74.170
Carne bovina	1.446	2.576
Carne de frango	6.582	12.069
Leite (litros)	2.425	7.108
Ovos (dúzia)	800	11.200

Fonte — Secretaria da Agricultura/DF

Plano nacional sai dia 25

Brasília — No dia 25 de maio, durante o IV Congresso Nacional dos Trabalhadores da Agricultura, previsto para Brasília, o Brasil conhecerá o Plano Nacional de Reforma Agrária, que saldará uma das promessas feitas ao país pela Aliança Democrática durante a campanha pela presidência da República, no ano passado.

O plano se encontra em fase de elaboração por um grupo de trabalho integrado por 17 comissões. A partir de sua apresentação oficial, entra em discussão pela sociedade civil, para se aprovado, e resolver o problema de milhões de famílias existentes no campo. Os recursos para sua implantação estão assegurados, conforme o artigo 28 do Estatuto da Terra (Lei 4.504, de 11 de novembro de 1964) que o ex-Presidente Tancredo Neves prometeu seguir, para executar a reforma agrária no Brasil.

Conforme este artigo, o Fundo Nacional de Reforma Agrária reunirá toda a receita auferida pelo INCRA e que está incluída no orçamento de Cr$ 700 bilhões do Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário. Além disso, haverá recursos provenientes, conforme a Lei, de 3% da receita tributária da União; financiamentos externos (empréstimos específicos tomados junto aos bancos mundial e interamericano de desenvolvimento); além dos 20% de dotações de programas governamentais envolvendo assuntos fundiários.

De enxadeiro a proprietário

Ao final de 1964, José Gomes da Silva, um agrônomo professor de sociologia rural da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da USP, localizada em Piracicaba (SP), na condição de presidente da Superintência da Republica Agrária (SUPRA) participar da redação do texto da Lei 4.504, o Estatuto da Terra. Agora, ele retorna ao INCRA, sucessor da SUPRA e, posteriormente, do IBRA, para implantar a reforma agrária.

Para ele, a reforma agrária da Nova República é a redistribuição de terras onde existirem excedentes populacionais. "Nosso objetivo é transformar enxadeiros em proprietários", afirma, com a observação de que pretende patentear este achado retórico. Mas tranqüiliza aqueles que "estão cultivando a terra nos termos da Lei". Vai seu recado: "a discussão da reforma agrária diz respeito aos que contrariam a Lei vigente (o Estatuto da Terra) e a Constituição, que estabelece claramente que a posse e o uso da terra estão condicionados ao bem-estar social".

Cerca de 12 milhões de famílias não possuem terras ou as possuem em porção insuficiente para sua manutenção. Se o projeto de reforma agrária contemplar, pelo menos, a metade deste total, possibilitando-lhes acesso às terras distribuídas, à razão de 600 mil famílias por ano, recebendo cada uma uma área de 30 hectares, ele levaria 10 anos para ser executado.

Ao final do período de dez anos, o número de unidades agropecuárias passaria de 5 para 11 milhões. A extensão da área destinada à tricultura se elevaria de 49 milhões de hectares para cerca de 100 milhões, colocando a área de cultivo do país em grandeza semelhante à de país com agricultura economicamente desenvolvida, como URSS e EUA.

Conforme estudos que já chegaram às mãos do Ministro de Reforma e Desenvolvimento Agrário, Nelson Ribeiro, a área de latifúndios improdutivos é estimada entre 160 a 200 milhões de hectares (maior que o Estado do Pará).

Vinte e um anos após ter participado da redação do Estatuto da Terra, José Gomes da Silva retorna à condução do problema da reforma agrária. Ele acha que agora a "situação é mais autêntica". Na época da SUPRA, adotou-se como estratégia "mobilizar o movimento sindical e, através dele, pressionar pela reforma agrária. Não deu certo, e o Estatuto da Terra nunca foi aplicado".

Atualmente, o maior interessado, o trabalhador rural, "mesmo desestimulado pelo regime militar a formar sindicatos, conseguiu sobreviver. A CONTAG é a maior confederação de trabalhadores agrícolas do país. Existem mais de dois mil sindicatos e duas dezenas de federações clamando pela reforma agrária".

O presidente do INCRA afirma também que o processo de reforma agrária foi entorpecido nesses 21 anos, o que representou uma lição. O torpecimento ocorreu através do paliativo da tributação progressiva (taxação de terras pouco produtivas) usada nos Governos de Castello Branco e Costa e Silva, colonização de áreas virgens (Médici e Geisel).

O presidente do INCRA tem uma explicação para o fato de o Estatuto da Terra ter sido concebido e feito pelo Regime de 64 (embora sem ter sido implantado até o momento) e haver merecido elogios do candidato Tancredo Neves, em campanha pela presidência. Conta José Gomes que, nas várias vezes em que se encontrou pessoalmente com Castello Branco, sentiu sua "visão e compreensão do momento histórico" e a preocupação do ex-presidente com a inferização do Brasil no conceito internacional.

— Como comandante do IV Exército, o então marechal era participante assíduo de um seminário promovido em Recife, Cana e Reforma Agrária, pela Fundação Joaquim Nabuco, do qual participaram figuras como Francisco Julião, Gilberto Freire e outros. Esses debates marcaram profundamente sua visão sobre a questão da terra. Afinal, ninguém tem dúvidas de que ele era um homem inteligente.

ESTA TARDE, NA GÁVEA

1º PÁREO — Às 14,30 — 1.600 metros — (AREIA) — Rec. 97s (Marquis e Champagne Bisquit) — Animais nacionais de 4 anos, com 2 a 3 vitórias —

1—1	Dino Flete	57	6 F.Pereira Fº	446 R.Carrapito	2,1,3	21/04	1º (9) Go Believing	1.3 AP 81s2	1,70 J.Ricardo
"	Gabac's	57	5 J.C.Castillo	445 R.Carrapito	8,5,4	21/04	2º (5) Nice Champion	1.6 AP 102s3	7,00 J.C.Castillo
2—2	Xis-Já	57	1 E.Ferreira	415 J.G.Vieira	4,3,6	21/04	4º (5) Nice Chapion	1.6 AP 102s3	3,30 C.Lavor
3	Luke Rosa	55	7 J.Aurélio	450 O.Ulloa	1,1,1	13/04	3º (6) Vibrante	1.3 AP 81s2	1,60 J.Aurélio
3—4	Donizetti	57	2 C.Lavor	471 L.Previatti	1,2,1	09/02	5º (5) Zafol	1.6 AM 102s	3,90 J.Malta
4—5	Galeal	53	4 J.F.Reis	447 A.P.Silva	1,1,4	28/04	7º (8) Asterix	1.5 GL 90s3	6,30 J.F.Reis
6	El Milagro	57	3 P.Cardoso	480 D.Netto	1,1,3	30/03	7º (9) Close-Up	2.0 GL 122s	10,50 G.Guimarães

DONIZETTI ● GABAC'S ● DINO FLETE — Reaparece muito bem preparado por L. Previatti o alazão Donizetti, que apesar de ser um animal com problemas, tem muita raça e corre de verdade. Gabac's mostrou muitas melhoras na última apresentação. Dino Flete ganhou e apanhou aguerrimento.

2º PÁREO — Às 15,00 — 1.400 metros — (GRAMA) — Rec., 81s2 (Arabat) — Animais nacionais de 4 anos, com 1 e 2 vitórias.

1—1	Gajo	57	3 F.Pereira Fº	435 N.A.Silva	2,2,3	28/04	2º (8) Asterix	1.5 GL 90s3	2,20 F.Pereira Fº
2—2	Rousseau	57	1 J.F.Reis	444 J.J.Tavares	2,3,6	21/04	4º (9) Dino Flete	1.3 AP 81s2	13,60 J.F.Reis
3	Madame Min	55	6 L.F.Gomes Ap.3	425 D.Netto	6,3,2	27/04	5º (8) Sarracena *	1.3 NL 82s2	2,00 A.Machado F
3—4	Dombrowsky	*57	7 G.F.Silva ap.2	440 C.H. Coutinho	1,6,4	28/04	5º (8) Asterix	1.5 GL 90s3	2,60 R.Vieira
5	Echo Summit	57	4 E.B.Queiroz	450 J.B.Silva	1,4,9	28/04	6º (8) Asterix	1.5 GL 90s3	11,10 E.B.Queiroz
4—6	Fayol	57	5 J.Aurélio	474 M.Hévia	8,7,6	28/04	3º (8) Asterix *	1.5 GL 90s3	3,80 Jz. Garcia
"	Aroldo	57	2 Juarez Garcia	462 M.Hévia	6,5,7	28/04	8º (8) Asterix *	1, 5 GL90s3	3,80 J.Escobar

GAJO ● ROUSSEAU ● DOMBROWISK — Não tem tido sorte o Gajo, pois sempre corre bem mas encontra alguém para derrotá-lo no final. Rosseau mostrou muitas melhoras na corrida anterior e deve formar a dupla. Dombrowisk decepcionou na corrida anterior. Vai mostrar mais agora.

3º PÁREO — Às 15,30 — 1.600 metros — (GRAMA) — Rec. 93s4 (Luccamo, Indaial e Cathon) — Animais de 5 anos e mais, ganhadores até Cr$ 2.400.000 — PRÊMIO:

1—1	El Festival	56	6 C.A.Martins	476 W.Penelas	4,x,7	20/04	3º(04) Don Rey	1,3 AP 82s3	3,30 D.F.Graça
2	Jiucata	54	8 E.R.Ferreira	440 J.C.Coutinho	5,6,4	21/04	3º(09) Overloquista	1,3 AP 82s3	23,10 E.R.Ferreira
2—3	Except	55	1 C.A.Maia	415 G.L.Ferreira	5,3,2	15/04	1º(10) Express	1,3 NP 84s	4,20 J.Freire
4	Iguara	53	4 E.Ferreira	416 J.Santos Fº	4,6,c	21/04	7º(09) Overloquista *	1.3 AP 82s3	2,40 E. Ferreira
3—5	Nold Abra	56	9 L.F.Gomes ap. 3	450 J.B.Silva	1,3,1	29/04	4º(05) Estalectita	1,3 NL 82s2	1,40 J.Ricardo
6	Discaneli	54	2 J.Brasiliense	458 D.Netto	2,3,6	29/04	2º(09) Express *	1.3 NL 83s	1,60 J.Brasiliense
4—7	Deach	58	7 M.Nascimento ap.3	438 J.L.Piotto	2,1,3	29/04	2º(05) Estalectita	1.3 NL 82s2	2,70 G.Guimarães
8	Coltyender	58	3 G.Bitencurt	463 C.H.Coutinho	3,2,2	23/04	1º(06) Dócio	1.3 NP 84s	2,40 J.L.Marins
"	Volo	55	5 P.Vignolas	434 C.H.Coutinho	2,3,3	28/03	6º(09) Nautique	1,3 NU 84s1	7,50 P.Vignolas

DEACH ● DISCANELLI ● COLTYONDER — A turma ficou fraca para Deach, que finalmente deve vencer. Discanelli depois de bater o recorde de **forfaits** estreou e tirou um bom segundo lugar. Coltyonder reapareceu correndo bem e venceu com sobras. Não será surpresa se repetir.

4º PÁREO — Às 16,00 — 1.200 metros — (AREIA) — Rec. 72s1 (Porter) — Animais nacionais de 5 anos e mais, ganhadores até Cr$ 3.600.000 —

1—1	Ecuador	55	6 J.Aurélio	425 V.Nahid	2,1,4	14/04	2º(05) R.dos Pampas	1,1 NP 69s	8,00 J.Aurélio
1	Gamble Boy	58	5 F.Pereira Fº	420 V.Nahid	4,5,4	23/04	4º(07) Nircasfarl.3 NP	83s	3,60 J.Ricardo
2—2	Patmos	56	1 A.Machado Fº	453 R.Nahid	4,3,6	23/04	2º(06) Sen Cheiro	1.2 NP 75s4	1,50 J.Ricardo
3	João Grandão	56	7 G.Guimarães ap.1	426 J.T.Ferrão	2,1,5	04/03	9º(09) Docimeu	1.3 NP 83s	8,60 M.Pessanha
3—4	R.dos Pampas	58	4 A.M.Andrade ap.4	512 J.C.Marchant	2,2,1	23/04	5º(07) Nircasfarl	1.3 NP 83s	6,40 A.M.Andrade
4—5	Mascoteiro	56	3 J.C.Castillo	453 P.M.Piotto	2,1,x	14/04	5º(05) R.dos Pampas	1.1NP 69s	1,90m D.F.Graça
6	Faden	58	2 A.Souza	457 L.Coelho	6,1,1	27/01	4º(06) Matanaheli	1.1 AP 68s3	3,40 J.Pinto

RASTELO DOS PAMPAS ● GAMBLE BOY ● PATMOS — Figurou com destaque na última apresentação o Rastelo dos Pampas, que com a descarga do aprendiz pode obter a vitória. Gamble Boy, em boa fase, é o maior obstáculo para o nosso indicado. Patmos tem corrido menos do que o esperado.

5º PÁREO — Às 16h30min — 1.100 metros — AREIA — Rec. 65s4 (Barter) — Éguas nacionais de 5 anos e mais, ganhadoras até Cr$ 1.200.000

1—1	Étoile du Sud	57	8 J.Aurélio	426 F.Saraiva	4,7,2	18/04	3º(08) Freluche	1.1 NP 71s2	1,80 J.Aurélio
2	Paixão	57	2 C.A.Martins	425 M.Niclevisk	5,7,5	18/04	4º(08) Freluche	1.1 NP 71s2	13,50 C.A.Martins
2—3	Arusha	56	1 M.Andrade	450 A.Correa	1,3,6	07/03	5º(06) Tia Linda	1.1 NP 72	5,90 M.Andrade
4	Berá	58	3 P.Vignolas	428 L.C.Reis	1,7,6	28/04	7º(08) Brasiluz	1.1 NL 70s1	7,60 P.Vignolas
3—5	Snow Caleche	57	7 C.Bitencurt	Est G.P.Costa	6,8,2	04/03	5º(08) Rifaldin (RS)	1.3 NL 81s4	3,70 C.Silva
6	Uruguaya	58	6 A.Ferreira	436 M.A.Silva	5,5,6	28/04	8º(08) Brasiluz-af	1.1 NL 70s1	6,10 A.Ferreira
4—7	Cantaka	56	5 E.Santos	465 L.Paiva	3,3,3	18/04	5º(08) Freluche + -af	1.1 NP 71s2	2,90 J.Escobar
8	Garmonga	57	4 Jz.Garcia	424 A.Orciuoli	6,6,7	18/04	6º(08) Freluche	1.1 NP 71s2	49,90 J.Lourenço

SNOW CALECHE ● ETOILE DU SUD ● CANTAKA — Estreia em turma fraca a tordilha Snow Caleche, que dificilmente será derrotada em corrida normal. Etoile Du Sud é sempre muito apostada e não corresponde. Cantaka tem corrido bem menos do que sabe. Normalmente pode surpreender as favoritas.

6º Páreo — às 1,00 — 1.500 metros — GRAMA — Rec. 88s1 (Alpine Sky) — Cavalos nacionais de 3 anos, sem mais de uma vitória — PRÊMIO: Cr$ 1.900.000

1—1	Pat's Fael	58	2 F.Pereira Fº	455 W.P.Lavor	2,2,3	21/04	2º(10) Iskandarani	1,5 AP 96s	1,60 F.PereiraFº
"	Parry	56	9 C.Lavor	464 W.P.Lavor	5,3,4	27/04	4º(15) Polvo +	1,4 GL 85s	2,40 F. Pereira Fº
2—2	Agran Dourados	56	8 M.Andrade	463 L.D.Guedes	3,2	13/04	1º(05) Coliseum	1,6 AP 100s3	1,80 J. Ricardo
3	Poland	56	1 J. F. Reis	418 G.L. Ferreira	2,1,7	27/04	6º(15) Polvo -d	1,4 GL 85s	6,50 J.Freire
3-4	Serrão	56	6 A.Machado Fº	448 D. Netto	3,2,4	27/04	3º(15) Polvo +	1,4 GL 85s	3,90 A.Machado Fº
5	Armador	56	3 G.Guimarães ap.1	430 A.Morales	3,1,6	21/04	9º(10) Iskandarani	1,5 AP 96s	7,30 J.M.Silva
4-6	Limpopo	56	7 L.F.Gomes ap.3	421 J.B.Silva	3,1,5	21/04	8º(10) Iskandarani	1,5 AP 96s	40,70 R.Vieira
7	Clever Joe	56	4 A.Oliveira	484 V.Nahid	c,8,7	14/04	2º(08) Crisanthemo	1,6 AP 101s1	6,80 A.Oliveira
8	El Pass	52	5 J.B.Fonseca	464 L.Acuña	x,4	30/03	9º(09) So True	1,3 GL 80s	6,20 J.B.Fonseca

CLEVER JOE ● PAT'S FAEL ● GRAN DORATO — Perdeu em cima do disco o Clever Joe, que não parece ser um cavalo com sorte. Outro azarado é Pat's Fael, eternamente favorito, mas que sempre encontra um pela frente para derrotá-lo. Gran Dorato ganhou de galope e num tempo muito bom. Não será surpresa se repetir.

7º PÁREO — Às 17,30 — 1.100 metros — AREIA — Rec. 65s4 (Barter) — Potrancas nacionais de 2 anos, sem vitória

1—1	Miracle Hill	55	7 F.Pereira Fº	408 V.Nahid	3	06/04	3º (07) Byzantine +	1.1 AL 69s3	2,00 J.Ricardo
2	Heabelle	55	2 J.F.Reis	426 A.Ricardo	5	28/04	6º (09) Hermosura	1.2 AL 75s1	20,30 J.F.Reis
2—3	Querida Amiga	55	6 G.Guimarães ap.1	434 G.L.Ferreira		20/04	4º (09) Tigara	1.1 AP 71s2	10,30 J.Freire
4	Alma Nobre	55	5 A.Machado Fº	430 D.Netto		30/03	6º (07) Gran Ball +	1.2 AL 76s4	2,70 A.Ramos
3—5	Implorer	55	1 A.Ramos	436 E.P.Coutinho	2	10/02	5º (08) Queen Call	1.0 GL 59s	9,70 A.Ramos
6	Hessita	55	4 M.Ferreira ap.1	396 W.Penelas	2,6,5	20/04	6º (08) Friclarta	1.1 AP 69s1	11,60 G.Guimarães
4—7	Brandy	55	8 L.F.Gomes ap.3	396 F.Abreu		20/04	5º (09) Tigara	1.1 AP 71s2	19,50 C.A.Martins
7	Miss Tati	55	3 C.A.Martins	Est F.Abreu	EST	—	Estreante	— —	— —

IMPLORER ● MIRACLE HILL ● HEABELLE — Implorer estreou no clássico e correu muito, pois arrematou em quinto lugar bem perto das ganhadoras. Miracle Hill atravessa fase excelente e a companhia não está forte devendo formar a dupla ou apertar a favorita. Heabelle correu pouco e havia fé.

8º PÁREO — Às 18,00 — 1.200 metros — AREIA — Rec. 72s1 (Porter) — Cavalos nacionais ganhadores de uma ou duas corridas

1—1	Sotaura	57	5 F. Pereira Fº	400 A.Orciuoli	3,2,3	18/04	1º(09) Abassay	1.2 NP 75s4	1,90 F.Pereira Fº
2—2	Boreal	57	7 A. Machado Fº	421 J.L.Pedrosa	2,2,7	20/04	2º(07) Epilóbio	1.1 NP 69s4	2,90 J.L.Marins
3	Índio Bala	57	6 J.B.Fonseca	464 L.Acuna	7,5,2	29/04	5º(07) Dumping	1.1 NL 68s1	5,40 J.C.Castillo
3—4	Narcissus	57	2 J.Aurélio	438 L.D.Guedes	3,1,8	19/01	4º(05) Puskhin	1.3 AP 79s4	2,30 L.F.Gomes
5	Negro Muzoro	57	1 J.F.Reis	436 O.Ribeiro	6,2,1	29/04	2º(07) Dumping -f	1.1 NL 68s1	13,60 J.F.Reis
4—6	Forcis	57	4 G.Guimarães ap.1	450 V.Nahid	3,4,x	26/11	9º(09) Sacripanta	1.2 NP 74s	5,60 J.Ricardo
7	Incitatus	57	3 E.R.Ferreira	456 J.M.Aragão	2,1	07/03	1º(10) Pajador	1.1 NP 70s	2,40 E.R.Ferreira

NARCISSUS ● SOTAURA ● BOREAL — Reaparece em turma fraca o Narcissus, que em corrida normal dificilmente será derrotado. Seus principais adversários são Sotaura, que vem de vitória fácil na turma de baixo e de Boreal, que está sempre chegando perto do ganhador.

9º Páreo — Às 18.30 — 1.200 metros — AREIA — Rec. 72s1 (Porter) — Cavalos nacionais de 3 anos, sem mais de uma vitória — PRÊMIO: Cr$ 1.90.000

1—1	Aché	56	7 J. Aurélio	450 R. Nahid	5,4,4	15/04	3º (10) Columball	1.3 NP 82s4	3,10 J. Ricardo
2	Augusto	56	8 L. Caldeira	432 G.L. Ferreira	7,7,6	15/04	9º (10) Columball +	1.3 NP 82s4	11,30 J. Freire
2—3	Jazz Time	56	2 C. Valgas	493 L.A. Fernandes	1,4,9	18/04	3º (6) Lord Macaco	1.2 NP 76s	4,10 C. Valgas
4	Last Man	56	1 C.A. Martins	430 F. Abreu	2,3,2	18/04	1º (9) Jazz Lider	1.1 NP 70s2	3,10 C.A. Martins
3—5	Porterhouse	56	5 F. Pereira Fº	Est W.P. Lavor	x,1,6	01/01	10º (10) Fidenco (SP)	1.3 GP 82s9	9,40 A. Rosa
6	Isco	53	3 J.F. Reis	447 L. Coelho	2,1	23/04	3º (6) Puiggros	1.3 NP 82s4	6,50 M. Monteiro
4—7	Jeu de Paume	56	6 E.R. Ferreira	438 J.M. Aragão	3,2,1	20/01	4º (8) Callipus	1.3 NP 81s	38,10 J.F. Reis
8	Nicolombo	56	4 R. Macedo	450 S.M. Almeida	6,9,9	01/04	6º (6) Mister Nick	1.6 NL 102s2	66,40 R. Macedo

ISCO ● ACHÉ ● JAZZ TIME — Isco atuou em turma muito mais forte e só foi derrotado nos metros finais. Confirmando esta apresentação é uma indicação segura. Aché reapareceu correndo bem e agora que apanhou aguerrimento será um adversário perigoso. Jazz Time chegou longe, mas melhorou podendo ganhar com uma pule alta.

CÂNTER

A melhor carreira da programação de amanhã à noite na Gávea é uma Prova Especial, primeiro páreo do programa, na distância dos 1 mil 200 metros que marca o retorno do excelente Justo Jansen às provas de velocidade. Terá como maiores adversários Goldstone e Smart Alec, ambos também muito ligeiros. A dotação é de Cr$ 2 milhões e 200 mil ao proprietário do ganhador.

Outra grande atração da noturna de amanhã à noite será o concurso de sete pontos que está acumulado mais uma vez devendo proporcionar um total líquido para ratear, de aproximadamente Cr$ 100 milhões aos ganhadores. O concurso tem início na segunda carreira já que a programação tem apenas oito páreos.

Goldstone, pensionista de Alberto Nahid e defensor da farda do stud Topázio, vai produzir ótima corrida se confirmar os exercícios que possui. Na direção do seu treinador, Jorge Ricardo, passou os 600 metros, em raia muito ruim, na marca de 35s4, junto à cerca interna, mas sem fazer correr em momento algum do percurso.

Arquivo — 3/6/84

Cidade Jardim, o hipódromo mais moderno do país, com sua pedra de apostas mecanizada, é o palco de mais um G.P. São Paulo

Rabat é o melhor nome do Grande Prêmio São Paulo

São Paulo — Rabat (Tratteggio em Risota), de criação e propriedade do Haras Faxina, é o favorito do Grande Prêmio São Paulo, que será disputado esta tarde no Hipódromo de Cidade Jardim, na distância de 2 mil 400 metros, em pista de grama e com uma dotação de Cr$ 150 milhões para o proprietário do ganhador. Vencedor do Grande Prêmio Derby Paulista e mantido em excelente forma pelo treinador Amazílio Magalhães, o castanho paulista terá a direção do jóquei campeão de São Paulo Albênzio Barroso.

Bretagne (St. Chad em Oscilação), de criação e propriedade de Fazenda Mondesir, melhor égua do turfe do Rio de Janeiro, aparece como maior obstáculo para o craque paulista. Dona de campanha espetacular nas pistas, a pilotada de Gonçalino Feijó de Almeida corre com muitas possibilidades de vitória. Mendelson, representante do turfe chileno, completa a relação dos nomes principais.

Excelente campanha

O defensor do Haras Faxina, Rabat, possui campanha invejável e nas oito apresentações que fez nas pistas venceu quatro, três delas, em 2 mil 400 metros. Dono de forte atropelada, o conduzido de Albênzio Barroso corre na expectativa para atacar seus adversários com violência na reta final. Mostrou boa forma no aprontó de 1min16s2 para os 1 mil 200 metros e não escolhe raia, sendo um sério candidato à vitória.

Bretagne correu 14 vezes e por nove venceu, tendo chegado colocada nas demais. Destes nove triunfos, oito foram em provas clássicas, o que comprova sua enorme categoria. Montada pelo principal jóquei do turfe do Rio de Janeiro, na atualidade, Gonçalino Feijó de Almeida, a defensora de Fazenda Mondesir, embora preferisse uma raia seca, vai correr com muita chance na importante prova.

Mendelson, chileno de três vitórias, duas clássicas, deixou ótima impressão na Copa Latino-Americana de Jóqueis Clubes, quando secundou o tríplice-coroado, Old Master, chegando na frente de cavalos de muita categoria. El Canchero, veterano nas pistas, e os mais novos Maro-Road e Imprudent Lark, completam a relação dos possíveis vencedores.

Na milha internacional, a maior atração é Castel, que poderá mostrar ao público de São Paulo toda a categoria, que o levou a ser o líder de sua geração no Rio de Janeiro. Nas pistas obteve 10 triunfos, oito deles em provas clássicas.

7º páreo-Grande Prêmio São Paulo "Marlboro Cup" (GR. I) — (Internacional) — 17h. Cr$ 150.000,000 — 45.000.000 — 30.000.000 15.000.000 — Criadores dos Nacionais 10% distância 2.400m — grama.

Trifeta

1—1 Rabat — A. Barroso 57 10
" Resmungador — E. Amorim 57 17
2—2 Mendelson II — D. Salinas 57 16
" Dental — S.A. Santos 61 4
3—3 Diadoro — P. Ceron 60 15
4—4 El Canchero — W.M. Carvalho 61 3
5 Great Bear — G. Meneses 61 5
5—6 Bretagne — G.F. Almeida 58 11
"Vetorial — J.M. Silva 60 1
6—7 Blessed Nest — S.M. Barbosa 57 8
8 Grand Tour — A. Matias 57 12
7—9 Maro — Road — J. Garcia 57 14
" Magno — Road — A. Bolino 57 9
8-10 Imprudent Lark — I. Quintana 57 6
11 Kiosk — J. Dacosta 60 13
12 Itapurucu — C. Canuto 57 7

VOLTA FECHADA

O grandíssimo clássico São Paulo (Grupo I), na milha e meia e na grama, a grande atração desta tarde em todo o Brasil, tem um campo objetivamente modesto (no tocante à maioria de seus concorrentes) mas que, ao mesmo tempo, conta com um potro nacional de primeiríssima ordem, ganhador, em grande estilo, do grandíssimo clássico Derby Paulista (Grupo I), dos Cr$ 150 milhões da Copa Brasil-Estados Unidos (sobre Full Love, Old Master e outros) e do importante clássico Rafael Aguiar Paes de Barros (Grupo II), o comparação de produtos de Cidade Jardim, Rabat (Tratteggio em Risota, por Jolly Kocker), criação e propriedade do Haras Faxina, com uma égua nacional de quatro anos extremamente consistente e de classe mais do que comprovada contra os machos, vindo de quarto no Latino-Americano dominado por Old Master, Bretagne (St. Chad em Oscilação, por Waldmeister), criação e propriedade de Fazenda Mondesir, e, finalmente, com um chileno de três anos que correu muitíssimo bem no citado Latino-Americano, ao chegar em segundo, Mendelson (Mr. Long em Elegantosa, por Ghirlandaio, criação do Haras Santa Amália e propriedade do Stud Trafalgar, quando foi a grande revelação do grandíssima carreira internacional em dois quilômetros na Gávea, tendo, agora, bom teste para confirmar aquela **performance**, formando um trio do maior respeito e qualidade.

Evidentemente, caso seja apresentado em condições ideais e tenha um percurso e, sobretudo, uma direção a sua altura e de acordo com suas características (infelizmente, não poderá contar com o jóquei que melhor o entende), Rabat é a força indiscutível da prova, bastando não sofrer prejuízo e ter um trajeto tranquilo até os últimos 400 metros, quando costuma desenvolver toda a sua impressionantee aceleração, para, normalmente, não perder o páreo.

Bretagne que, por enquanto, em páreos de perfil rigoroso, mostrou melhor aptidão para os dois quilômetros (na milha e meia do Brasil, embora tenha chegado perto em quinto, passando a quarto por desclassificação de Old Master, jamais deu a impressão de ganhar), é de qualquer modo, a grande candidata à formação da dupla, tendo características parecidas com o filho da notável Risota, mas com uma aceleração, comparativamente menor, ao lado do chileno Mendelson (que lhe chegou à frente no Rio), outro de características parecidas. Se correr como no Rio, Mendelson, na milha e meia, pode confirmar e chegar à frente, de novo, de Bretagne.

Além destes três, há que se registrar, ao menos, os nomes de três (ou quatro) concorrentes que, teoricamente, formam o segundo grupo de concorrentes, a rigor, bem abaixo dos já citados. São eles Maro Road (Court Road em Comare, por Master Bold), criação e propriedade do Haras Malurica (que leva o reforço do ganhador do St. Leger paulista de 84, Magno Road, Court Road em Ganancia, por Zaluar, que também não deve ser desprezado no tocante a uma atuação honrosa), que corre muito em São Paulo e cuja **défaillance** no Latino-Americano, Rio não deve se levada em conta, o veterano, consistente e bom El Canchero (Naftol em Diçara, por Irish Mail II), criação do Haras Rio das Pedras e propriedade do Stud Beira-Mar, e, finalmente, o, de quando em vez surpreendente Blessed Nest (Nest em Blessed Girl, por Carpinus), criação do Haras Gralha Azul e propriedade do Haras Faixa Branca, um paranaense de três anos que basta repetir sua vitória na seletiva paulista para o Latino-Americano, para não ser menosprezado.

ESCORIAL

Fantaisie e H. Together ganham GPs

Fantaisie, com Albênzio Barroso, venceu a primeira prova clássica do fim de semana internacional em Cidade Jardim, Grande Prêmio OSAF, em 2 mil metros na grama macia. No páreo de velocidade, Hands Together atropelou para ganhar em final difícil de Oggiato e Capo II, com o carioca Vida Mansa esmorecendo nos últimos metros. Eis o resultado dos dois clássicos realizados ontem em São Paulo:

6º páreo — GP OSAF — 2 mil metros — 1º Fantaisie A. Barroso 2º Happy Doll I. F. Ribeiro 3º Bella Sola G. GF. Almeida 4º Vistoria J. M. Silva tempo 2min03s1.

7º páreo — GP ABCCC — 1 mil metros — 1º Hands Together C. Canuto 2º Oggiato S. Martins 3º Capo II M. L. Santos 4º Vida Mansa J. M. Silva tempo 59s2.

NO RIO, VITÓRIA DE BELLE-VALLEY

1º páreo — 1 mil 100 metros — 1º Trismo A. Machado Filho 2º Dutsan R. Silva vencedor (3) 1,30 dupla (23) 1,80 place (3) 1,30 (6) 2,80 tempo 1min10s3 exata (3-6) 9,20

2º páreo — 1 mil 300 metros — 1º Egyptian Play M. Andrade 2º Vive la Rose C. Lavor vencedor (5) 1,70 dupla (44) 21,80 place (5) 1,30 (6) 4,40 tempo 1min23s3

3º páreo — 1 mil 500 metros — 1º El Milagre P. Cardoso 2º Foujita E. Ferreira vencedor (7) 3,20 dupla (24) 3.30 place (7) 1,50 (3) 1,70 tempo 1min34s2

4º Páreo — 1 mil 100 metros — 1º Travel E. R. Ferreira 2º El Indurivo R. Marques vencedor (1) 1,50 dupla (11) 5,50 placê (1) 1,30 (2) 3,00 tempo 1min08s3 exata (1-2") 7,00

5º Páreo — 1 mil 400 metros — 1º Opinião C. Lavor 2º Zalumoso J. F. Reis vencedor (6) 1,70 dupla (24) 4,10 placê (6) 1,40 (3) 2,10 tempo 1min29s2

6º Páreo — 1 mil 400 metros — grama — 1º Belle Valley J. Aurélio 2º Queen Cell F. Pereira Filho vencedor (9) 1,70 dupla (24) 3,30 placê (9) 1,20 (3) 1,60 tempo 1min24s3

7º Páreo — 1 mil 100 metros — 1º Juca Amigo J. Ricardo 2º Snow Cristal A. M. Andrade vencedor (1) 3,90 dupla (11) 6,50 placê (1) 2,00 (2) 2,80 tempo 1min10s exata (1-2) 20,50

8º Páreo — 1 mil 600 metros — 1º Alcidia G. Guimarães 2º Colunata A. Oliveira vencedor (5) 5,00 dupla (44) 5,50 placê (5) 3,70 (6) 3,00 tempo 1min43s2

9º Páreo — 1 mil 600 metros — 1º Extoller P. Vignolas 2º Portomaggiore J. Ricardo vencedor (6) 4,70 dupla (14) 2,60 placê (6) 3,00 (1) 1,20 tempo 1min45s3

10º Páreo — 1 mil 100 metros — 1º Mogno J. Ricardo 2º Don Martin J. F. Reis vencedor (3) 1,40 dupla (23) 3,00 placê (3) 1,10 (6) 1,70 tempo 1min10s1 exata (3-6) 5,40

Senna sai de novo na frente no GP em Imola

Imola, Itália — Pela segunda vez consecutiva em sua curta carreira, o piloto brasileiro Ayrton Senna é o **pole-position** em um Grande Prêmio de Fórmula-1, baixando ainda mais o tempo obtido no treino de sexta-feira (1min27s589) para 1min27s327, novo recorde extra-oficial do circuito de Imola. Ele larga hoje, às 9h30min (horário de Brasília), na frente dos outros 25 concorrentes ao Grande Prêmio de San Marino, que será disputado em 60 voltas, com transmissão direta pela televisão.

Logo em seguida larga o finlandês Keke Rosberg, da Williams, que ameaçou de perto a posição de Senna, ao fazer um tempo também excepcional: 1min27s354. Além deles, ficaram na faixa de 1min27s o italiano Elio de Angelis (terceiro), da Lotus, com 1min27s852, o outro italiano Michele Alboreto (quarto), da Ferrari, com 1min27s871, e surpreendentemente o belga Thierry Boutsen (quinto), da Arrows, com 1min27s918. O brasileiro Nélson Piquet, da Brabham, ficou em nono lugar e larga na quinta fila, com o tempo de 1min28s489.

Os inimigos

Mesmo tendo Rosberg bem junto, como ocorreu em Portugal, com uma diferença de apenas 27 milésimos de segundo, Senna não considera o finlandês seu maior adversário:

— Para mim, embora respeite a potência do Williams e a habilidade de Keke, um piloto veloz e persistente, acho que os McLaren, tanto do Prost como do Lauda, e o Ferrari, de Alboreto, são os maiores obstáculos.

Temor mesmo, Ayrton, que já se habituou a até então praticamente desconhecida pista do circuito de Imola, só tem um: que o Lotus não agüente toda a corrida.

— A **pole** é muito importante em qualquer corrida, pois permite, tendo-se uma boa largada, uma pista limpa. Quanto a isso estou tranqüilo. Meu único receio é quanto ao desempenho do carro, por ser o Lotus possuidor de um motor de menos potência que a maioria dos outros carros. Mas até agora tudo tem funcionado tão bem, a equipe tem feito tudo com tanta precisão, que só posso esperar e confiar no melhor resultado.

A tática

De manhã, no treino livre, ainda com pista seca, Senna foi o primeiro a entrar na pista: deu 24 voltas e voltou ao boxe da Lotus. Fez 1min28s920, sem forçar muito, e verificou que os pneus de classificação não estavam aderindo bem à pista. Conversou com Peter Warr e Gerard Ducarouge, e eles decidiram que à tarde, no treino decisivo, usariam pneus de corrida. A tática foi perfeita e Senna sem se impressionar muito com o tempo de Rosberg estabeleceu na 6ª volta o novo recorde de Imola e a quase certeza de que a **pole**, como em Portugal, estava assegurada.

Mas, por via das dúvidas, ficou com o carro em ponto de partida no interior do boxe, controlando a pista pela tevê depois de ver Rosberg, com o segundo jogo de pneus, voltar ao boxe da Williams sem conseguir melhorar o tempo. Senna, já seguro do primeiro lugar e faltando apenas 4min18s para o fim do treino, voltou à pista com o segundo jogo de pneus sob aplausos do enorme público, e aí fez um teste de freios na entrada da curva da reta do boxe. Com o dedo mandou um sinal de positivo para os mecânicos da Lotus, que então fecharam o boxe.

Para a corrida de hoje, Senna não faz segredo de que vai repetir a tática do GP de Portugal:

— A pista é veloz, portanto o negócio é largar rápido e ir em frente. Quanto mais pista limpa à frente, melhor:

A chuva

No momento em que saía da sala de imprensa, onde deu mil entrevistas e se dirigiu ao **trailler** da John Player sob o cerco de caçadores de autógrafos em número impressionante, que fez necessária uma rude atitude de seguranças e elementos da própria Lotus, Senna não escondeu que a chuva fina que começou a cair sobre Imola, molhando a pista, não deixava de ser muito bem recebida, como aconteceu em Portugal:

— Sei que muitos vão reclamar, mas, por mim, se chover, não ficarei aborrecido. Antes pelo contrário.

JOSÉ ANTONIO GERHEIM

Imola, Itália — Foto de Ari Gomes

Ayrton Senna empolgou os italianos com sua perícia no circuito do GP de San Marino

Mais de 100 mil vão encher o autódromo

Situado ao redor de um belo bosque, o Autódromo Dino Ferrari, da pequenina cidade de Imola, praticamente um subúrbio de Bolonha, que é uma espécie de capital da região central da Itália, conhecida como **Regia Emilia**, é o mais bonito e bem montado de quantos onde se disputam corridas de Fórmula-1 na Europa. E hoje, em seu dia maior, deve receber um público fanático por corridas, estimado em mais de 100 mil pessoas.

Seu único e até agora insolúvel problema é o acesso, tanto para quem vem de Bolonha, como de outras regiões da Itália e da Europa, e que terá que enfrentar um monumental engarrafamento com seu ponto crítico de enforcamento junto ao pedágio na entrada de Imola. Ao sair da auto-estrada que dá acesso a Bolonha, o motorista adquire um bilhete: automaticamente, ao chegar à entrada de Imola, paga a quantia que aparecer num relógio digital e que depende do ponto de procedência.

Entrando em Imola, o afunilamento é incontornável: as ruas são estreitas e de mão dupla, há um tráfego intenso de bicicletas e motocicletas, inclusive dirigidas por senhoras de idade. Não adianta perder a paciência, cada um tem de esperar sua vez de avançar, sob o rígido controle de guardas de trânsito — mulheres — que usam um aparelho de controle remoto para manejar os sinais, de acordo com a maior ou menor afluência de carros. Vencido esse difícil obstáculo, o motorista, ao chegar ao autódromo propriamente dito, encontrará estacionamento muito bem organizado, que lhe permitirá assistir tranqüilamente à corrida.

Conforto e mordomia

No interior do autódromo, há todo o tipo de serviço e mordomias à disposição: bares, banheiros amplos e limpos, meios de comunicação com a Itália e o resto do mundo, atendimento médico, dentário e bancário. As firmas que patrocinam o evento têm amplos e panorâmicos camarotes, como no Sambódromo do Rio, e verdadeiros banquetes são servidos a todo instante aos que têm acesso, o que não é para qualquer um.

As arquibancadas centrais também são amplas e com cadeiras confortáveis: ontem, já no treino livre da manhã, estavam superlotadas, bem como as arquibancadas laterais: um público seguramente maior ao do dia da disputa do GP de Portugal. É um público festivo e que torce loucamente, principalmente quando vê passar na pista um carro vermelho da Ferrari, algo semelhante a um gol do Flamengo num clássico do Maracanã.

Os boxes é que estavam quase intransitáveis: além dos repórteres e fotógrafos credenciados, bem como cinegrafistas, há sempre um número a cada dia maior de "penetras". E eles não podem ver um carro com o motor aberto para se aproximarem sofregamente. Se houver um piloto por perto ou até mesmo um mecânico, pior ainda: cercam, pedem autógrafos, pedem para posar e tirar uma foto ou dar um rabisco em qualquer parte da roupa que vestem, sejam homens ou mulheres. A defesa dos pilotos e mecânicos consiste em gritar bravíssimos palavrões ou então empurrá-los com certa agressividade.

Brabham agora torce para não chover em Imola

- Nelson Piquet chegou a ter um pouco de esperança numa melhor situação para a largada do GP de San Marino, no treino livre da manhã, quando fez o quarto tempo (1min29s344). No treino oficial, porém, voltou a ter problemas de pneus e acabou sobrando para a quinta fila (1min28s202), embora melhorasse seu tempo. O que piora para a Brabham, segundo Hebie Blasch, é a possibilidade, agora maior, de tempo chuvoso.
- As primeiras bandeiras do Brasil torcendo por Senna apareceram ontem no Autódromo Dino Ferrari. Embora poucos, principalmente em relação aos que torcem pelos italianos e franceses, os brasileiros eram logo notados pelo barulho que faziam ao verem passar na reta dos boxes da Lotus número 12, e pelas vaias que audaciosamente davam no Ferrari de Michele Alboreto.
- Quem também levou uma enorme vaia foi o segundo piloto da Ferrari, o sueco Stephan Johanson. Para os italianos, as más **performances** até agora são culpa **dele e não da máquina**, como chamam o idolatrado Ferrari.

Como foi no ano passado

1º) Alain Prost, McLaren ....em 1h36min53s679
2º) René Arnoux, Ferrari ....a 13s416
3º) Elio de Angelis, Lotus..............a uma volta
4º) Derek Warwick, Renault ....a uma volta
5º) Thierrey Boutsen, Arrows..............a uma volta
6º) Andrea de Cesaris, Ligier ....a duas voltas
Pole position: Nélso Piquet, Brabham....1min28s517
Melhor volta: Nélson Piquet, ...1 min33s275

- Quinze carros abandonaram a prova. O brasileiro Ayrton Senna, na Toleman, não conseguiu classificar-se para o **grid** de largada.

Kadafi dá 20 bilhões para ter F-1 na Líbia

Roma — O presidente da Líbia, Mohamar Kadafi, está disposto a gastar US$ 4 milhões (cerca de Cr$ 20 bilhões) para que Trípoli seja sede de um Grande Prêmio de Fórmula-1. A notícia foi dada pelo jornal milanês **Corriere dello Sport**, segundo o qual Kadafi já entrou em contato com os presidentes da FOCA, Bernie Ecclestone, e da FISA, Jean Marie Balestre.

Entre as duas guerras mundiais, Trípoli sediou um importante Grande Prêmio internacional, disputado em uma pista de areia que provocava o rápido desgaste dos pneus. Segundo o jornal, Kadafi garantiu a Ecclestone e Balestre que desembolsaria US$ 4 milhões — custo de uma prova de Fórmula-1, entre prêmios, publicidade e direitos de transmissão — para que a Líbia voltasse a figurar no calendário automobilístico internacional.

Stewart se rende ao talento do brasileiro

Ayrton Senna ganhou mais um ilustre admirador. Depois de Niki Lauda, que o considerou um dos dois pilotos mais velozes do momento (o outro é Michele Alboreto), foi a vez de outro tricampeão mundial, o inglês Jackie Stewart, render-se a seu talento:

— A vitória de Senna em Portugal foi tremenda — observou Stewart, que nunca foi de desperdiçar elogios. — Ele mostrou uma maturidade incrível para um piloto de 25 anos. Exibir aquele tipo de controle, especialmente emocional, sob aquelas condições, foi uma coisa excepcional.

A lista de admiradores de Senna continua crescendo. A **pole position** da prova de hoje valeu-lhe a simpatia de muitos rivais da Ferrari, já que foi conseguida num circuito que é considerado uma espécie de "quintal" da escuderia italiana. O quartel-general da Ferrari, em Maranello, fica a poucos quilômetros de Imola.

São Paulo vai às ruas correr a sua Maratona

São Paulo — Com 3 mil inscritos, realiza-se hoje, a partir das 14h30min, pelas ruas da Capital paulista, a Maratona de São Paulo, que pela primeira vez é incluída no calendário da AIMS — Associação Internacional de Maratonas. Os corredores favoritos são Hélio Alves Aguiar e José Antônio Ferreira, o "Ferreirinha".

A competição, a ser disputada na distância oficial de 42 mil 195 metros, é uma realização da Seme — Secretaria Municipal de Esportes. A organização está a cargo da VIVA Promoções Esportivas. A largada e a chegada da prova ocorrerão no Obelisco do Ibirapuera.

Percurso oficial

A Maratona de São Paulo, pela primeira vez, está obedecendo à todas as exigências da AIMS, quanto à medição do percurso e organização. A VIVA Promoções Esportivas e a Seme preparam um esquema, que visa a dar todo tipo de assistência aos corredores.

Antes da largada, os atletas poderão fazer uma série de exercícios físicos de aquecimento, organizados pela Academia Companhia Atlética.

O favorito é Hélio Alves Aguiar, de 32 anos, baiano, atualmente radicado em São Paulo, que correrá sua oitava maratona. Sua melhor marca foi em 3 de outubro de 1982, na Maratona do Rio de Janeiro, com 2h28min 47.

Outro destaque é José Antônio Ferreira, o "Ferreirinha", de 25 anos, natural de São Paulo. Ele completará sua quarta maratona e defenderá a equipe do São Paulo. Seu melhor tempo, até hoje, foi registrado na Maratona do Rio de Janeiro, em 13 de setembro de 1981, com 2h15min 35s. Na Meia-Maratona de Roma, em 1983, classificou-se em 25º lugar. Advaldo Cardoso Alves, de 28 anos, de São Paulo, que disputou recentemente o Mundial de Cross-Country, também é outra força da corrida.

Na parte feminina, destacam-se Lucinete de Souza, de 24 anos, carioca, que completará sua sétima maratona. Ela correrá pela equipe Sapassos e sua melhor marca é de 3h12min01, na Maratona de Seul, Coréia do Sul, em 27 de abril de 1982. Ela foi, também, a vencedora da Maratona de Belo Horizonte, no ano passado.

Sandra Magda Pereira Lima, carioca, de 35 anos, completará hoje sua oitava maratona. Seu melhor tempo foi obtido na Maratona de Nova Iorque, em 23 de outubro de 1983, com 3h06min59. A gaúcha Genny Mascarello, de 32 anos, da Sogipa, que no ano passado classificou-se em quarto lugar na Maratona do Rio, é outra forte concorrente. Seu melhor tempo é de 3h01min54.

Éder, Bebeto e Mozer vão cobrar as faltas

Salvador — A partir do jogo contra a Argentina, hoje à tarde, na Fonte Nova, as faltas que ocorrerem no lado direito do campo serão cobradas por Éder, enquanto que as do lado esquerdo serão batidas principalmente por Mozer ou Bebeto. A determinação foi dada ontem pelo técnico Evaristo de Macedo durante o treino de chutes a gol.

Apesar dos poucos treinos coletivos, existem algumas jogadas ensaiadas de dois-toques nas faltas no campo adversário que podem ser utilizadas na partida contra a Argentina:

— Treinamos essas jogadas, mas ainda não tivemos chance de utilizá-las. Nesse jogo, de repente, poderemos surpreender — disse Éder.

Muito assediado logo após o treino, pois aparentava ter sofrido uma contusão no campo encharcado, o jogador explicou que "foi apenas uma dorzinha leve no tornozelo esquerdo". Éder está ansioso para jogar contra a Argentina:

— É uma equipe forte, que vem se preparando há muito tempo e, mesmo sem suas estrelas, deve ser um forte adversário para o Brasil.

Vaias e renda

Apesar de a Seleção Brasileira ter sido vaiada por pequenos grupos de torcedores baianos nas duas aparições públicas ao desembarcar no Aeroporto Dois de Julho, sexta à noite e ontem pela manhã, ao deixar o Estádio da Fonte Nova, onde fez um treino —, a grande expectativa despertada pelo jogo de hoje contra a Argentina pode ser comprovada por um dado concreto: somente com a venda de ingressos no Banco do Estado da Bahia, encerrada sexta-feira, a arrecadação já superou toda a renda obtida em Recife, no jogo contra o Uruguai.

Os ingressos vendidos nas agências do Baneb proporcionaram uma arrecadação de Cr$ 272 milhões — no jogo de Pernambuco a renda foi de Cr$ 226 milhões. Mesmo com as fortes chuvas que caíram ontem em Salvador, a procura de ingressos continuou intensa nas bilheterias da Fonte Nova. Se fossem adquiridos todos os 81 mil 240 ingressos colocados à disposição do público — como previam os organizadores inicialmente, caso não chovesse — a renda poderia chegar a Cr$ 513 milhões.

Salvador — Fotos de Gildo Lima

Os jogadores enfrentaram a chuva e o gramado ruim no treino recreativo na Fonte Nova

Argentinos só temem alterações do clima

Superados os principais problemas de contusão com os quais a Seleção da Argentina desembarcou em Salvador há cinco dias, as condições do tempo e principalmente as mudanças bruscas de temperatura passaram a se constituir, desde o início das fortes chuvas na manhã de ontem, na principal preocupação tanto do técnico Carlos Billardo quanto dos jogadores, para a partida de hoje, na Fonte Nova, contra a Seleção Brasileira.

Mesmo se as condições do gramado dificultarem uma partida de melhor nível técnico, os jogadores da Argentina e o seu treinador garantem que o jogo de hoje não registrará o grau de violência e rispidez da partida Brasil e Uruguai da última quinta-feira: "O que se viu em Recife, praticado pelos jogadores uruguaios, foi um retrocesso para o futebol sul-americano. Os argentinos não seguirão este exemplo", garantiu o jogador Trossero, resumindo o espírito de sua Seleção.

Em razão do cancelamento do treino de apronto da equipe programado para a manhã de ontem, a delegação argentina deixou o Hotel da Bahia, onde está hospedada, às 11 horas, para um passeio turístico em Salvador. Logo à saída, caiu o forte temporal que alagou completamente o centro histórico da cidade, provocando um grande engarrafamento de tráfego na cidade baixa, que deteve por mais de meia hora o ônibus de turismo que levava os argentinos, a menos de dois quilômetros da Igreja do Bonfim.

As chuvas e os alagamentos tiraram um pouco do bom humor dos jogadores, aumentando ainda mais as preocupações do treinador Billardo, que, entretanto, ainda tem esperanças de que o sol volte hoje a Salvador e sua Seleção tenha boas condições de campo para fazer uma partida em que ele possa tirar as conclusões que espera para a disputa das eliminatórias para a Copa do Mundo no México. O técnico confessou que uma de suas principais preocupações é com a pressão atmosférica e as bruscas variações de temperatura em Salvador, que provocaram acentuada perda de peso na maioria dos jogadores da Argentina, segundo revelou o médico Raul Madero.

— Chegamos com antecedência de quase uma semana à Bahia para conseguir melhor adaptação ao clima, pois deixamos Buenos Aires com uma temperatura média de 8 graus nesta fase do ano. Aqui encontramos muito calor e umidade, um clima muito forte e, apesar da adaptação, ainda sentimos muito a pressão atmosférica no treino coletivo de anteontem na Fonte Nova — confessou o meio-de-campo Trobianni.

Em meio ao engarrafamento de tráfego no passeio pelas ruas alagadas de Salvador, a caminho da Igreja do Bonfim, Gilberto Gil canta na programação da **Rádio Cidade-Salvador** a música **Tempo Rei**, um hino contra a destruição ecológica que provoca as mudanças do clima. A canção emociona dirigentes, jogadores e jornalistas da delegação argentina, fazendo voltar o bom humor no passeio:

"Água mole/pedra dura/tanto bate que não restará nem pensamento/Tempo rei, oh tempo rei, Senhora do Perpétuo socorrei", cantava Gil.

A cobertura da Seleção Brasileira é de **Milton Costa Carvalho, Vítor Hugo Soares e Raymundo Lima.**

Bebeto prevê muita emoção

Dois anos depois de ter saído de Salvador, ainda sem ser titular absoluto do Esporte Clube Vitória, o baiano Bebeto volta a jogar na Fonte Nova, agora vestindo a camisa da Seleção Brasileira e tendo, pela primeira vez, entre os torcedores presentes ao estádio, sua mãe, Dona Carmem:

— Vai ser uma grande emoção e espero fazer uma boa partida, quem sabe até marcando um gol, para justificar o incentivo da torcida — disse.

Bebeto pediu paciência à torcida, que, a seu ver, às vezes não tem compreendido que a equipe está no início dos treinamentos, numa fase de entrosamento dos jogadores, que não têm experiência. Lembrou seu caso, afirmando que o entrosamento com o lateral Édson cresce a cada dia.

Ele ainda não está convicto de que é o titular da ponta-direita, apesar de ter participado de quase toda a partida contra o Uruguai e de ter sua escalação assegurada contra a Argentina. Considerou normal sua substituição por Jorginho no final do último jogo — "o professor Evaristo tem que testar os outros também". Não se preocupa com a convocação de quatro jogadores que estão na Itália, por entender que Zico, Edinho, Cerezo e Júnior "só virão somar ao bom elenco já existente".

Apesar de considerar um jogo difícil, porque tanto Argentina quanto o Uruguai "costumam apelar para a violência nos jogos contra o Brasil", Bebeto tem certeza de que o Brasil vai vencer a partida. O campo pesado, segundo ele, não será fator negativo para a Seleção Brasileira.

Bebeto repõe as bolas para as cobranças de falta, enquanto a Comissão faz a barreira

Juniores enfrentam México pelo título

Acapulco — México — Depois de golear a Guatemala por 6 a 0, a Seleção Brasileira de Juniores, joga hoje contra a Seleção do México, com possibilidades de conquistar o título do Torneio Internacional João Havelange pelo saldo de gols, já que os mexicanos derrotaram a Colômbia por 3 a 0, seleção que vencera o Brasil por 1 a 0.

No jogo contra a Guatemala, o destaque foi Romário, atacante do Vasco, que marcou três gols. O jogo foi amplamente dominado pelos brasileiros, que já venciam por 4 a 0 no primeiro tempo. A Seleção Brasileira adotou um esquema altamente ofensivo, diante da necessidade de marcar muitos gols, para ter a oportunidade de ainda decidir o título do torneio.

Vasco ainda invicto joga em Cajazeiras

Cajazeiras, Paraíba — O Vasco, invicto nesta excursão pelo Nordeste—duas vitórias sobre o Náutico —, volta a jogar esta tarde na cidade de Cajazeiras, enfrentando o Atlético. O estádio Governador Wilson Leite Praga tem capacidade para 20 mil pessoas e é esperada uma ótima renda. O juiz será Francisco Pereira.

O técnico Edu vai depender da revisão médica para confirmar o seu time, que a princípio deverá contar com os seguintes jogadores; Roberto Costa, Milton Mendes, Ivan, Nenê e Airton; Vítor, Oliveira e Cláudio Adão, Mauricinho, Roberto e Romulo; Atlético: Brasileiro, França, Vanvam, Nilsinho e Jorge; Edinho, Peré e Tião; Caçote, Toinho (Marcelo) e Edílson.

Verona conquista o título hoje se derrotar o Como

Roma — O Campeonato Italiano está próximo do desfecho e tudo indica que hoje o modesto Verona conquistará pela primeira vez em sua história o ambicionado **Scudetto**, um privilégio dos grandes clubes. O Verona joga em seu campo contra o Como e se vencer — resultado que seus adversários diretos não desejam, mas sabem que é o mais provável — garantirá a conquista do título por antecipação.

A vitória sobre o Como deixará o Verona, na pior das hipóteses (vitória também do Torino, de Júnior, sobre o Atalanta), com a vantagem de quatro pontos sobre o vice-líder, suficiente para garantir o **Scudetto**, mesmo que perca seus dois últimos jogos. A antepenúltima rodada parece interessar mais pela disputa de vários candidatos pelas vagas na Copa da UEFA e pelos que estão ameaçados de rebaixamento.

Volta de Zico

O Torino não tem muitas esperanças na conquista do título, mas é um dos aspirantes a uma das vagas na Copa da UEFA. Terá um adversário difícil, porém, no Atalanta, mesmo em Turim.

Há grande expectativa também pelo confronto entre Maradora e Platini, considerados os melhores jogadores da atual temporada. Nápoli e Juventus são outros que têm possibilidades de participar da Copa da UEFA.

Ausente no último domingo, Zico reaparece no Udinese contra a Fiorentina. O empate será suficiente para o Udinese afastar a ameaça de rebaixamento, o que poderia facilitar a liberação de Zico para a Seleção.

BOLA DIVIDIDA

LONGE ainda de convencer os torcedores, a Seleção de Evaristo encerra hoje a primeira fase de seus preparativos para as eliminatórias enfrentando os argentinos, teoricamente, pelos menos, seu mais forte adversário.

Até agora os três jogos, com duas vitórias e uma derrota, não chegaram a definir o time titular nem a estabelecer o seu esquema tático. É verdade que alguns jogadores, como Paulo Vítor, Oscar, Mozer, Branco e Éder, parecem ter garantido a posição. Os outros, porém, continuam se alternando na luta por uma vaga, sem que Evaristo chegue a uma conclusão.

Isto não significa que o técnico venha falhando em seu trabalho. A meu ver, Evaristo agiu certo na escolha dos convocados, reunindo os que melhor se apresentaram nos jogos da Taça de Ouro. Só que esses jogadores não renderam ainda o que deles esperava o técnico. O desacerto resultante tem levado Evaristo a constantes experiências, não permitindo à Seleção encontrar até agora a formação ideal.

No momento, Evaristo, mesmo afirmando confiar nos jogadores que chamou, aguarda com ansiedade os **italianos** para armar de uma vez a sua equipe. Ele sabe agora que a Seleção não pode prescindir mais daqueles jogadores e do talento e experiência que possuem.

De fato, do jeito que as coisas estão, não há mesmo como abrir mão desses craques. Edinho, Zico, Júnior e Cerezo, os convocados, é que vão armar definitivamente a Seleção. A presença deles transformará a insegura formação atual numa equipe com força bastante para enfrentar com sucesso bolivianos e paraguaios. Ou alguém tem dúvida de que um time com Paulo Vítor, Leandro, Oscar, Mozer ou Edinho e Branco; Cerezo, Júnior e Zico; Renato, Reinaldo ou Casagrande e Éder ganharia as eliminatórias?

Não se quer dizer com isto que os convocados de Evaristo já tenham perdido a vez. Seria, inclusive, injusto que considerássemos todos maus jogadores. A meu ver, o que prejudicou a maioria foi a falta de experiência. A camisa amarela pesou, trazendo uma insegurança e um nervosismo que eles não costumam demonstrar em seus clubes.

Bebeto, Mozer, Luís Carlos, Branco e Alemão, evidentemente, jogam muito mais do que mostraram nos amistosos da Seleção. Mas, estreantes, se perturbaram e em determinados momentos mais pareciam bisonhos jogadores em experiência.

Evaristo, no entanto, não vai cortar as chances de ninguém. Todos terão novas oportunidades e uma delas, e das melhores, é a desta tarde em Salvador. Os argentinos não abusam da violência como os uruguaios. Nem são de se fecharem em retrancas ou em marcações cerradas. Têm, é claro, seu esquema defensivo, mas jogam e deixam jogar, o que facilita a ação dos nossos. Estão com uma boa Seleção, mas a que nos enfrenta hoje não está completa. Com calma, portanto, podemos vencer. E como baiano é de aplaudir, a turma de Evaristo está à vontade para lutar pelas vagas que os **italianos** pretendem ocupar mal desembarquem. É ter peito e raça.

• • •

Histórias — Presente a uma recepção na antiga CBD, Manga foi interpelado por uma senhora meio entrada em anos, mas que gostava de parecer jovem.

— Quantos anos o senhor me dá ? — perguntou ela.

— Não dou nenhum porque a senhora já tem bastante — foi a resposta grossa, mas sincera, do sutil Manguinha.

SANDRO MOREYRA

Fluminense começa a jogar quadrangular

Depois de empatar com a Seleção do Paraguai, em Assunção, por 0 a 0, na noite de sexta-feira, a delegação do Fluminense já está em Curitiba, onde, amanhã, enfrenta o Colorado, na abertura de um torneio quadrangular. A outra partida será entre Coritiba e Atlético Paranaense. Os vencedores, jogam a partida final na noite de quarta-feira.

Sobre o jogo contra a Seleção Paraguaia, os jogadores do Fluminense disseram que foi bom, principalmente, pela chance que deram à Seleção Brasileira para observar o adversário da eliminatória. Depois deste torneio os jogadores voltam ao Rio de Janeiro e descansam durante alguns dias.

Flamengo se prepara para mais amistosos

Depois da fracassada excursão pelo Norte da África, na qual não conseguiu vencer inexpressivos adversários, como o Kassen Marroc Club, da segunda divisão, o Flamengo se prepara para alguns amistosos pelo Brasil. Dois jogos já estão confirmados: dia 19, contra o Itabuna, na Bahia, e dia 26, contra o Grêmio Maringá, no Paraná. Por cada partida, o Flamengo receberá a cota de Cr$ 45 milhões.

Se Leandro for convocado para a Seleção Brasileira, o técnico Zagalo poderá contar com ele para os amistosos. Jorginho, outro que não viajou, está recuperado da distensão muscular e também pode ser aproveitado.

Botafogo já tem time para primeira partida

O técnico Abel já tem o time do Botafogo escalado para o primeiro jogo da excursão ao Norte do Brasil e ao Caribe. Terça-feira, em Belém, contra o Paissandu vai jogar com Luís Carlos, Josimar, Osvaldo, Brasília e Vagner; Ademir, Renato e Elói; Helinho, Baltasar e Antônio Carlos. A delegação viaja amanhã à noite. Pela manhã, os jogadores realizam um treino técnico-tático em Marechal Hermes.

O presidente Altemar Dutra de Castilho solicitou ao departamento jurídico do clube um parecer sobre a situação do zagueiro Leiz, que se recusou a viajar com o time, alegando atraso no pagamento de parcelas das suas luvas.

Contusões prejudicam novo teste da Seleção

Salvador — O campo muito fofo e molhado, por causa da chuva de ontem, que alagou todo o gramado do Fonte Nova, e a possibilidade de mais chuva hoje, devido à imprevisibilidade do tempo, não são os únicos problemas da Seleção Brasileira para o jogo desta tarde, contra a Argentina: os apoiadores Alemão, com gripe, e Jandir, com um ferimento na canela direita, só terão suas escalações definidas pela manhã, durante a revisão médica. Dema e Geovani podem começar o jogo.

O técnico Evaristo de Macedo, depois de confirmar para hoje o mesmo time que jogou o primeiro tempo contra o Uruguai — fica dependendo apenas de Alemão e Jandir —, disse que a Seleção Brasileira mudará um pouco seu padrão de jogo, trocando o toque de bola rápido e envolvente, adequado aos campos secos, por um toque mais lento e lançamentos longos, como exigem os campos pesados.

Sócrates e todos

Bem-humorado e incansável no atendimento às entrevistas, apesar de preocupado com o campo e o tempo, Evaristo, de tanto ser questionado sobre o seu atual desinteresse pelo futebol de Sócrates — da Itália, convocou apenas Zico, Edinho, Júnior e Cerezo —, acabou antecipando uma intenção que vinha guardando: no próximo ano, o ano da Copa, pretendo convocar todos os jogadores brasileiros em atividade no futebol italiano que estejam em boa forma física e técnica. Depois de lembrar nominalmente Sócrates, Falcão, Pedrinho e até Dirceu, disse que todos, porém, deverão apresentar-se à Seleção com a humildade de quem virá disputar posição. E garantiu:

— Não tenho qualquer problema político com Sócrates e nem vejo nele qualquer liderança negativa. Apenas não preciso dele neste momento.

Foi um dia também de confirmações. Mais aberto ao diálogo e mais eloqüente do que nas entrevistas anteriores, Evaristo confirmou sua intenção de escalar Júnior no meio-de-campo, o que garante a Branco a condição de titular absoluto da lateral-esquerda. Pessoas da intimidade de Evaristo dizem, também, que seu sonho é formar uma zaga de área composta por Oscar e Edinho, acabando, assim, com as especulações de que ele poderia utilizar Edinho com Zico e Júnior no meio-campo, deixando a ponta-direita para Cerezo, no caso de não contar com Renato Gaúcho.

Evaristo disse, também, que tem pessoas indicadas por ele observando o comportamento físico e técnico dos quatro jogadores convocados do futebol italiano e fez questão de elogiar o comportamento profissional e disciplinar do grupo com que trabalha no momento. E saiu em campo em defesa dos atuais jogadores, segundo ele, criticados em excesso pelas atuações nos três primeiros amistosos.

BRASIL X ARGENTINA

Local: Fonte Nova
Horário: 17 horas.
Juiz: Édson Perez (Peru).
Auxiliares: Arnaldo César Coelho e Emídio Marques Mesquita.
Brasil: Paulo Vítor, Édson, Oscar, Mozer e Branco; Jandir (Dema), Alemão (Geovani) e Casagrande; Bebeto, Careca e Éder.
Técnico: Evaristo de Macedo.
Argentina: Fillol, Clausen, Brown, Ruggieri e Garré; Barbas, Ponce e Trobiani; Pasculli, Gareca e Burrochaga.
Técnico: Carlos Billardo.

Mais Seleção na página 43.

Salvador — Foto de Gildo Lima

Apesar das condições do gramado da Fonte Nova, muito fofo, os jogadores têm esperança de nova vitória

JOÃO SALDANHA

Os colaboracionistas

SALVADOR — E agora? Qual a conclusão? Lógico que exigir qualquer coisa definitiva seria de um rigor excessivo. Foi tudo às pressas e o gasto, de cerca de um bilhão de cruzeiros, praticamente inútil. Vamos lá: todos sabem que nosso calendário exigia um time formado para jogar no altiplano. Muito à sul-americana, tudo foi mudado. Veja bem, na Europa, Ásia, África e Oceania, as eliminatórias correram e estão correndo sem mudanças deste tipo.

A base de tudo é a falta de organização do futebol sul-americano. Ridícula e politiqueira. E a FIFA aceita porque parte da mesma política. Para eles, em futebol, o mais importante de tudo é a direção de federações, confederações e da própria FIFA. Pelo voto, fazem tudo. Tudo mesmo.

Para ter votos que garantam a perpetuação nos cargos que ocupam, os homens da Sul-Americana ajeitam as coisas. Estes jogos em altitudes impróprias, para que os times do nível do mar possam render o máximo, obriga-os a uma preparação custosíssima. Isto em dinheiro direto com o time. Exclui-se o incalculável prejuízo dos clubes que ficam meses sem seus jogadores.

Os calendários das ditaduras da América Latina levam ao prejuízo e colocam o futebol destas paragens na situação de pedinte. Somos obrigados a vender os melhores jogadores e desorganizar nossos times e seleções. A Europa, mais civilizada, está terminando suas eliminatórias sem um níquel de prejuízo. Lá, tais jogos são subordinados aos interesses dos clubes. Aqui, tudo se subordina aos interesses de cúpula de governos e organismos dirigentes, cúmplices das ditaduras. Daí a nossa curiosa situação. O que fazer agora?

Treinamos um time a duras penas e sem tempo, porque nosso futebol está disperso e desorganizado. E quando se caminha para uma conclusão, uma modificação desmancha tudo. Qual time vai jogar? Este que está se formando mais ou menos, ou o que seria ajudado pelos craques que estão na Europa? Olha a banana para descascar a curto prazo. Vejam bem o crime que fazem. Interesses particulares se sobrepõem a interesses de todos os times e de todos os países da América do Sul. Já disse, mas repito, que outras federações — a de tênis, então, com séria rigidez — não aceitam fazer competições incompatíveis com o esporte. Nós já gastamos um bilhão, dinheiro que faria a felicidade de uma meia-dúzia de clubes. E este dinheiro foi para os peixes. Ou para o balde, como quiserem. De que valeu todo este sacrifício? Pois é.

Agora o treinador está numa posição incômoda. Não quer que o veado morra nem que a onça passe fome. Jogam os da Europa ou ficam os daqui? Qual a conclusão? Fosse uma eliminatória esportiva, e tudo seria fácil. Os jogos ao nível do mar, e não para favorecer eleitorados de cartolas. Não se gastaria este dinheirão, que assombra países ricos. E aqui, em países que são ou pobres ou miseráveis, jogam-se bilhões fora e se desorganiza e empobrece a vida dos clubes. Como poderemos fazer? Os italianos vêm ou não vêm? E se vierem? Já ouvi dizer que a direção julga que Sócrates exerce uma liderança negativa. É, é bem destes homens.

Exigir democracia e respeito para eles é considerado negativo. Pudera, não? Como poderiam pensar diferente se são exatamente o que se chamava logo ao término da guerra de "colaboracionistas"? Enfim, como vamos ficar? Não digo que nosso time seja fraco. Não. Ainda não afinou e os jogadores não se conhecem. Mas está visivelmente faltando, ali, a marca dos craques.

caderno B

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro -- Domingo, 5 de maio de 1985

O encontro/desencontro de um casal em Um Homem, Uma Mulher, Uma Noite *sensibiliza o público, que terá em breve outro Costa-Gavras em cartaz:* Hanna K

Costa-Gavras

DEPOIS DO FENÔMENO, VEM AÍ NOVA POLÊMICA

Wilson Cunha

UM espanto: o filme **Um Homem, Uma Mulher, Uma Noite (Clair de Femme)** chegou quando ninguém (mais) esperava. Afinal, embora assinado por Costa-Gavras, um dos mais importantes diretores do cinema moderno, e tendo no elenco Yves Montand e Romy Schneider, era uma produção de 1979 — e no atual quadro da distribuição de filmes europeus no Brasil já nos haviam acostumado a deixar de ver o que de melhor se faz naquela parte do mundo. Quando se descobriu que **Clair de Femme**, baseado em um romance de Romain Gary, estava no Brasil, veio o novo susto: o título quilométrico e de difícil assimilação: **Um Homem, Uma Mulher, Uma Noite**. O filme, finalmente, depois de passar uma larga temporada sendo apenas um cartaz de porta de cinema, foi lançado: Sem grande alarde. Mas, há 21 semanas, mantém-se em cartaz no Cinema-1 — um verdadeiro fenômeno de crítica e público. Não há quem não se sensibilize com o encontro/desencontro das personagens vividas por Yves Montand e Romy Schneider, maravilhosamente secundados por Lila Kedrova e Romo Valli. Para muitos, que vêem em Costa-Gavras, este grego de 52 anos naturalizado francês, um cineasta essencialmente político, com **Clair de Femme** — um mergulho no existencial — o diretor teria realizado um filme de exceção. Costa responde rápido e seco: "Não existe nada mais político do que um casal".

Eis uma forma muito particular de ver o mundo. A ótica de Costa-Gavras é, sempre, essencialmente política, mas existe nele, sempre igualmente, uma forte dose de humanismo. Se no início, em 65, a primeira oportunidade (e o primeiro sucesso) surgiu com um filme policial — **Crime no Carro-Dormitório/Compartiment Tueurs** —, aí já estava o embrião que marcaria sua obra. De um lado, a presença de Yves Montand (e também Jacques Perrin), de outro, a forma narrativa, o **thriller** com que revesteria suas investidas políticas.

Com **Z** — seu terceiro longa-metragem —, Yves Montand e Jacques Perrin, a partir do livro de Vassilis Vassilikos, Costa-Gavras investia contra o regime de exceção da Grécia dos coronéis, através de um personagem-símbolo, o deputado Lambrakis (vivido por Montand), assassinado. Tínhamos então o exemplo perfeito do **thriller** político. Com um ritmo marcado pela música de Theodorakis — tão funcional, por exemplo, como as trilhas de Bernard Herrmann para Alfred Hitchcock —, Costa-Gavras lançava seu libelo sem o invólucro do **discurso** que marcaria, ainda por exemplo, o cinema político italiano. Houve quem acusasse sua estrutura narrativa de "americana" — como se isto pudesse ser algum tipo de flagelo — mas Costa-Gavras sabia exatamente o que estava fazendo. Os coronéis gregos, ao que se saiba e como se deixa claro em **Z**, apoiados pelos americanos, não sobreviveram. Em tempo: **Z** significa **ele vive**. E o promotor que, obstinadamente, perseguiu os assassinos de Lambrakis está hoje no poder. Costa sabia, exatamente, o que estava fazendo.

Em seu universo humanista, em 70, ele voltava a polemizar. Dessa vez, baseando-se no livro de Arthur London sobre o julgamento de Slansky na Tcheco-Eslováquia, fustigava os regimes comunistas dos países do Leste. E para o sucesso de **A Confissão**, mais uma vez, muito contribuía a participação de Yves Montand — desenvolvendo, também com Costa, sua posição de um homem de esquerda independente. Posição que vem levando às últimas conseqüências.

Chegou 1973 e um novo e polêmico Costa-Gavras: **Estado de Sítio**, um mergulho, a partir da ação dos Tupamaros no Uruguai, no envolvimento dos americanos nos regimes militares que dominavam o chamado Cone-Sul, e principalmente a participação do agente da CIA, Dan Mitrione, interpretado por Montand, no adestramento das forças de repressão. Não por acaso, naturalmente, ao ser liberado para o Brasil, em 81, **O Estado de Sítio** ainda sofreu quatro cortes.

Costa-Gavras: "Não existe nada mais político do que um casal"

A França sob ocupação nazista e como os franceses se comportaram era a matéria de nova polêmica que Costa geraria com o seu **Sessão Especial de Justiça**. A Justiça no banco dos réus, um tema que sempre lhe foi, também particularmente caro, ganhava aqui seus contornos mais definidos. Era 1975. E Costa-Gavras, dessa vez, conseguiu desagradar muitos franceses denunciando o colaboracionismo sob o Governo de Pétain.

Sempre na trilha do **thriller** político, fazendo com que a ficção e a realidade se encontrem na tela e, portanto, ganhem uma veracidade própria, o cinema de Costa-Gavras continuava desagradando aos críticos mais ortodoxos que voltavam a acusá-lo de simplista. "Não quero oferecer respostas, quero deixar perguntas" — repetia incessantemente Costa-Gavras. Recusando qualquer tipo de maniqueísmo — um erro a que a visão mais apressada de seus filmes pode levar. Quando chegou a vez de **Clair de Femme**, muita gente se interrogou por que ele enveredava por aquele caminho — mais uma vez contando com a colaboração do amigo Yves Montand. Quem viu, e quem não viu deve ir, entende perfeitamente bem por quê. "Nada mais político do que um casal" — recorde-se.

Verdadeiro cruzado do **thriller** político, Costa-Gavras enfrentaria em 82 seu, talvez, maior desafio, ao registrar em imagens o que se dizia enfaticamente no livro **A Execução de Charles Horman: um Sacrifício norte-americano**. Do Governo americano — acusado, no mínimo, abertamente, de conivência no assassinato do jornalista **free-lancer** americano Charles Horman, durante os banhos de sangue de repressão no Chile — ao de Pinochet, todos ameaçaram Costa-Gavras. Inutilmente. Elevando ao máximo sua técnica de construir um **thriller** político, burilando sua técnica de trabalhar com atores — e, assim, tornar cada vez "mais humanos" seus dramas envoltos com a política —, **Missing/O Desaparecido**, filme em questão, trazia dois desempenhos memoráveis: Jack Lemmon, como o pai do jornalista assassinado, um americano médio que vai tomando consciência dos horrores da repressão, e Sissy Spacek, a jovem mulher do jornalista. Aqui, Costa-Gavras exerce seu humanismo plenamente. O processo de **reconhecimento** entre o Sr Horman (Lemmon) e Joyce (Spacek), tendo um cadáver desaparecido como elemento de união, é emocionante.

Mas Costa-Gavras não sabe parar. Desde 1978, ao lado de Franco Solinas, perseguia a idéia de realizar um filme sobre a situação palestina. Solinas morreu em 82, mas Costa continuou com o projeto. O resultado é **Hanna K**. E enquanto **Clair de Femme** cumpre seu resto de brilhante carreira, já se podem ver os cartazes de **Hanna K.**, anunciado para breve. Nele, Costa-Gavras volta a polemizar. Seu filme foi acusado, nos EUA, de ser abertamente anti-semita — jornalistas, políticos, analistas se dividiram.

Já exibido em sessões especiais no Brasil, **Hanna K.** tem uma perfeita coerência com a obra de seu autor. Simplista, maniqueísta — ou humanamente quixotesco como em suas investidas anteriores em tantos países, e situações, que suas câmaras já percorreram. Ou ainda como diz o próprio Costa-Gavras: "Pessoalmente, acho meus filmes muito menos esquemáticos, dogmáticos do que se diz. Meus heróis, seja o juiz de **Z** ou **Hanna K.**, são pessoas abertas para o mundo, ansiosas por conhecê-lo (...). Estou sempre mais interessado no drama humano, em fazer perguntas do que em dar respostas (...)" **Hanna K.** — em toda sua complexidade da situação israelense-palestina — não podia ser melhor síntese do pensamento de Costa-Gavras. E esta polêmica comerá solta. Em breve. É só aguardar.

Uma tentativa de acertar, que se não consegue pleno êxito, pelo menos não irrita o espectador

DANÇA "João-Joana"

Cordel de Drummond

Antônio José Faro

ANTES de qualquer premissa, é preciso dizer que **João-Joana** ora em cartaz no Teatro João Caetano pelo Nós Da Dança apresenta um imenso avanço do Grupo em termos de qualidade e caminhos. Se antes havia um domínio de um **jazz** repetitivo e de criatividade duvidosa, tentaram agora levar ao palco o belo cordel de Carlos Drummond de Andrade numa produção extremamente bem cuidada, e que pode ser julgada dentro dos padrões mais profissionais, em que pese um resultado final onde as falhas e acertos se degladiam pela primazia. No meu entender vencem os acertos, pois se deixa o teatro sem aquela irritação que nos assalta quando há pretensão inatingida.

Dentre os acertos está uma interpretação impecável dos 12 bailarinos, que assumem suas longas e cansativas intervenções sem deixar a peteca cair um instante sequer, com uma alegria e vitalidade contagiantes, o que muitas vezes eleva o nível do que devem dançar. A este trunfo se somam uma primorosa iluminação de Samuel Betts, que surge como um de nossos melhores iluminadores para dança pela mostra de seus recentes trabalhos, os bons cenários e figurinos de Luciano Figueiredo, e o ritmo quase alucinante das 22 cenas, algumas das quais, no pouco mais de uma hora que dura o espetáculo, passam quase desapercebidas.

Mas há senões, e não são de pouca monta. A música de Sérgio Ricardo, em que pese a beleza de diversas melodias e a primorosa orquestração de Radamés Gnatalli, carece da necessária força para a sustentação do movimento que lhe é imposto. E o roteiro de Sonia Dias e coreografia de Regina Sauer não transpõem para o palco a saga do poema. Na verdade, não fossem os versos cantados, a maioria das cenas de ação que deveriam dar continuidade à trama passariam em brancas nuves, pois simplesmente não houve a transposição do cordel para o palco. E é mau quando se tem que ler com atenção um programa ou ouvir com cuidado o canto para se entender com exatidão o que se está vendo.

A coreografia de Regina Sauer, que registra um excelente início e passagens de belo efeito, é melhor na primeira parte, caindo no final quando apela irremediavelmente para o regionalismo jazzístico ao ritmo de nossas músicas. As memórias de **Hair** ou Alwin Nikolais na abertura ou a rede meio Gabriela meio Katharine Dunham, além de outros pontos de contato com o **deja vu** são menos importantes do que o insucesso na mescla do moderno com o **jazz**, e Regina é sempre bem mais feliz no primeiro, com o qual deveria trabalhar cada vez mais. É óbvio que houve um avanço, e é lícito esperar-se progressos maiores.

Dentre os bailarinos, além da própria Regina, destacam-se Maria Lúcia Priolli, André Vidal, Cláudio Bernardo e a presença sempre marcante de Priscilla Teixeira. O reparo que tenho é de outra natureza. Se nada tenho com a vida particular de ninguém, é extremamente perturbador ver-se um peão nordestino, ainda que estilizado, de faiscante e longo brinco, longos cabelos tingidos e esvoaçantes e ademanes preciosísticos, mormente se ele dança bem. Tal demonstração no palco, a não ser que um balé explicitamente o peça, é prejudicial ao todo, além de desnecessária. Seria conveniente se a direção da companhia tomasse providencias no sentido de coibir esta falha, pois não se trata de respeitar a individualidade, mas sim de valorizar o trabalho que se apresenta perante o público.

De longe o melhor trabalho que já vimos pelo Nós Da Dança, **João-Joana** merece uma visita pelo belo visual, agradável total, visível esforço de melhoria e principalmente por um elenco por todos os títulos merecedor de uma ida ao João Caetano.

Zózimo

Regina e Paulo Fernando Marcondes Ferraz em noite de longos e black-tie

RODA-VIVA

• A Câmara Federal se reunirá dia 29 próximo em sessão solene para homenagear a memória de Tancredo Neves. Com a presença de D Risoleta.

• **Claudine de Castro embarca hoje para Nova Iorque onde inaugura na terça-feira uma exposição de sua coleção de jóias.**

• O casal José Mariano Raggio foi anfitrião na quinta-feira de um jantar informal em torno do casal Fernando Marcondes de Mattos.

• **O Hotel Méridien abre hoje as portas às 20h para um recital Mozart a cargo de Jean Mouillere, violinista, e Chantal de Buchy, pianista.**

• O Ministro José Aparecido de Oliveira passando o fim de semana hospedado na fazenda mineira de Ronaldo Carneiro da Rocha.

• **Confirmada a vinda do professor Jean Dausset, Prêmio Nobel de Imunologia em 80, para as jornadas médicas franco-brasileiras previstas para o Rio em setembro.**

• O ciclo Bach-H. Stern promove amanhã em seu auditório um concerto de Noel e Ana Devos. Às 21h.

• **Inicia-se amanhã no palco do teatro do Hotel Nacional a fase final da II Mostra para Novos Coreógrafos, como sempre aberta ao público.**

• A galeria Paulo Prado convidando para o **vernissage** da exposição de pinturas de Herson, dia 9, às 21h.

■ ■ ■

Desabafo

• *Do General Newton Cruz, instalado no centro de uma roda de amigos, desabafando depois de um jogo de peteca:*

— Tudo que acontece nesse país o culpado sou eu. Só falta espalharem que o responsável pela morte de Tancredo fui eu.

Zózimo

Rubens Monteiro

Operação Pombo

• *A Secretaria da Receita Federal acaba de detonar o que ela está chamando de Operação Pombo — a fiscalização de casais que apresentam declarações de imposto de renda em separado.*
• *As primeiras checagens já foram feitas identificando os deslizes mais comuns:*
— Marido e mulher deduzirem despesas com os mesmos dependentes.
— Dedução dos mesmos aluguéis.
— Atribuição à mulher de rendimentos que deveriam ser relacionados na declaração do marido.

• • •

• *Os cruzamentos já começaram a ser feitos e em breve estarão chegando as primeiras notificações.*
• *Vai ser um deus-nos-acuda.*

■ ■ ■

Greve e retrocesso

• De mais de uma boca do Governo já se ouviu que as greves podem levar ao retrocesso.
• Um ano atrás, a mesma declaração teria sido dada pelo Senador Jarbas Passarinho.

• • •

• Greve é uma coisa; retrocesso, outra bem diferente.

• • •

• Recomenda-se às pessoas, por exemplo, que não andem na Vieira Souto à noite porque podem ser assaltadas.
• Não se resolve esse problema, porém, deixando de andar na Vieira Souto mas prendendo os assaltantes.

■ ■ ■

Grande óbra

• De uma raposa felpuda espantada com a velocidade da adesão do PMDB ao Governo José Sarney:
— A grande obra de engenharia política deixada pelo Tancredo foi fazer o PMDB aderir ao Sarney. Até o PC do B está todo animadinho.

Ameaça

• O Deputado Claudio Moacyr conseguiu um milagre: reunir as correntes trabalhista e socialista do PDT contra ele próprio.
• Se, como se especula, acabar ganhando uma Secretaria de Estado, o Governador Leonel Brizola corre o risco de acabar ficando sem partido.

■ ■ ■

Em "tournée"

• **Tom Jobim tomou finalmente coragem para enfrentar uma tournée nacional pelo Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Salvador a partir de 18 de junho.**
• **Em julho, faz dois espetáculos no Scala, e em agosto, encerrando sua agenda, apresenta uma semana de temporada popular no Teatro Municipal.**
• **Depois, descansa, que afinal ninguém é de ferro.**

Ziguezague

• **Já está formada a comitiva que acompanhará o Ministro Francisco Dornelles na quarta-feira a Washington.**
• **Irão o Ministro Álvaro Alencar, o assessor econômico João Batista de Abreu e o assessor de imprensa Paulo Branco.**
• **É ziguezague — partem na quarta e voltam no sábado.**

■ ■ ■

Villa Pranto

• *Os moradores da Rua Capuri se arrependem quase todas as noites de terem nascido.*
• *Sua vida ficou insuportável depois da transformação da propriedade conhecida por Villa Riso em casa de banquetes.*
• *Não quer dizer que tenham alguma coisa contra banquetes; apenas, passaram a imaginar que habitam todos um mafuá, cercados de milhares de carros, gente das mais variadas origens, uma barulheira infernal.*

• • •

• *Curiosamente, dos 78 beneficiários do condomínio criado na Capuri, a Villa Riso é um dos quatro que se recusam a pagar a taxa de segurança.*
• *Na verdade, pela algazarra que promove deveria pagar pelos 78.*

COISA DE BILHÕES

• Na trilha dos recentes escândalos do IAA, IBC, Embratur, Sulbrasileiro, Brasilinvest e da construção civil, está para pipocar em breve mais um de respeitável vulto.
• Envolve num mesmo saco de gatos capitais árabes, um grande banco estatal e pelo menos meia-dúzia de notáveis figuras da Velha República.
• É coisa para muitos milhões de dólares — mas muitos mesmo.

Ricardo Amaral com Lou e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho na movimentada noite do Rio

Decepção

• *Nem a Bolsa de São Paulo nem a do Rio reagiram como se esperava à notícia da inflação de abril de 7,2%.*
• *Esperam os investidores do mercado que o mesmo não aconteça no fim deste mês, quando as previsões mais otimistas chegam a prever uma inflação em torno dos 5%.*

• • •

• *A estabilidade imutável das duas principais Bolsas de Valores do país não surpreendeu apenas investidores e operadores.*
• *Surpreendeu, mais do que todos, o próprio Governo, que imaginava com os 7,2% estar dando uma injeção de ânimo e confiança no mercado de ações.*

Nota 10

• **Ao mandar colocar um piano no palco da Sala Cecília Meireles e sentar-se à sua banqueta, em meio às obras de reforma do teatro, seu diretor Miguel Proença não imaginou que seria aplaudido pelos operários, que pararam de fazer o que faziam para ouvi-lo respeitosamente.**
• **Pediram que tocasse a Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro, de Gottschalk, sendo atendidos de imediato.**
• **Proença testou a nova acústica da Sala, que reabre no próximo dia 16, e a aprovou com louvor. Com direito a platéia, aplausos e pedidos de bis.**

Rio se renova

• *Espera-se para esta semana a promoção pelo Governador Leonel Brizola de uma reforma do Secretariado, tanto ao nível estadual, em menor escala, quanto ao nível municipal, mais abrangente.*
• *A reforma inclui até a criação de novas Secretarias — a de Obras, municipal, seria subdividida em três outras.*
• *O objetivo é criar possibilidades — vale dizer, cargos — para o aprofundamento da aliança do Governador com o PMDB.*

• • •

• *Já se sabe também que a vassourada atingirá os segundo e terceiro escalões, que Brizola considera fraquíssimos.*
• *Mas tão fracos que sua performance suscitou outro dia o seguinte comentário do Governador a um assessor mais próximo:*
— Pouco antes de ficar doente, o Tancredo criticou o meu Secretariado dizendo que ele era ruim. Ainda bem que ele não conhecia o segundo e terceiro escalões.

■ ■ ■

De baixo para cima

• A Associação de Cabos e Soldados da PM promoverá na primeira quinzena de junho o I Encontro Estadual de Agentes de Autoridades Policiais, reunindo associações de moradores dos diversos bairros do Rio, entidades representantes de favelas e mais e mais.
• Estão excluídos da platéia Delegados de Polícia e Coronéis da corporação.
• A alegação para o veto é que em todos os encontros em que se discutiram até hoje problemas de segurança o tema é sempre tratado a nível de alto escalão e nunca a nível dos soldados.
• Querem, agora, inverter a pirâmide.

■ ■ ■

Agendaço

• *Se o Presidente José Sarney cumprir toda a agenda que está prevista para a sua vinda ao Rio no dia 8 terá que passar aqui uns seis meses.*
• *Por vontade não evidentemente dele mas dos vários anfitriões inscritos, podem-se relacionar a inauguração da Escola Tancredo Neves, no Catete, uma entrevista com correspondentes estrangeiros, visitas ao Monumento dos Pracinhas e à Academia Brasileira de Letras, entrega de comendas no III Encontro dos Veteranos da FEB, visita pessoal ao Deputado Magalhães Pinto.*

• • •

• *Se for a tudo, ganha indulgência plenária.*

Zózimo Barrozo do Amaral

Música

Bezerra e a nova safra das "bocadas"

Moacyr Andrade

A capa traz revólveres, ao invés de cuícas ou tamborins; em algumas faixas, a introdução é a sirene das viaturas policiais, quando não tiros ou rajadas de metralhadora. O que se segue, em forma de samba ou partido alto estilizado, é o jargão característico dos morros e palafitas, das comunidades assalariadas — ou nem isso — de baixa renda. Em **Malandro Rife**, seu 11º LP, lançamento da RCA, Bezerra da Silva continua a documentar a face mais cruel e sofrida da realidade favelada. Realiza essa tarefa com altas doses de um humor carregado de sátira, uma espécie de resistência ou até de vingança.

Bezerra transita com facilidade — e com gosto — pelo território de onde saem as músicas que interpreta. Vai buscá-las na fonte, nas **bocadas**, armado de um poderoso ouvido clínico e de potente gravador com que vai acumulando um hoje já precioso acervo do sofrido mas alegre cancioneiro das populações cariocas marginalizadas. Em seu novo disco — onde só quatro das 12 faixas trazem a assinatura de compositores de algum currículo —, mostra alguns exemplares da safra recentíssima dessa produção verdadeiramente **underground**. Os nomes dos autores são sintomáticos: há, por exemplo, Pedro Butina, **Zé Dedão do Jacaré e Crioulo** Doido.

Esses criadores e seus colegas desconhecidos ou quase, nos falam de tipos que "com um revólver na mão" viram "bichos ferozes", de gente cujo passado conhecem "da cadeia", de delegados que mandam "tirar a roupa do malandro e bater até o cavalo correr" ou morrer. São citados o que quer tomar do outro, "na marra, a crioula de fé", o que "babava igual a cachorro danado", o que "mete a mão no berro", o que "entrega de bandeja por qualquer nota de 100".

São quadros e destaques de um cotidiano terrível, enfrentado com humor, alguma esperança, um que outro toque de lirismo (como no samba **Saudação às Favelas**, em que o personagem continua a sua excursão pelos morros cariocas, iniciada em disco anterior) e já uma certa consciência crítica, expressa de forma alegórica (caso de **Levanta a Cabeça**, do escolado Noca da Portela) ou com a mais explícita e desembaraçada contundência. Esta última postura, exemplificada em **Vítimas da Sociedade**, de Crioulo Doido e do próprio Bezerra da Silva, alia-se à indiscutível atualidade, ao tratar dos delitos da "rapaziada de colarinho ocupado". Aos policiais que sobem o morro à procura de ladrão, Bezerra avisa que "o ladrão está lá embaixo, atrás da gravata". Ao repetir o verso na passagem final, "radicaliza": troca ladrão por patrão.

Denúncias e críticas do disco de Bezerra da Silva são feitas sem concessão na parte de ritmo e linguagem musical: é tudo samba ou partido alto. E tudo está dito com a sapiência malandra de quem tem na voz um balanço na linha direta de Jackson do Pandeiro — que foi, aliás, o intérprete de muitas das primeiras composições de Bezerra da Silva.

Foto de Edson Meirelles

Bezerra da Silva: resistência.

O Mundo dos Discos, sebo de Geraldo José de Barros, oferece preciosa coleção de LPs e 78 rotações, alguns valendo Cr$ 1 milhão.

OS MAIS PROCURADOS DOS SEBOS

1. **Louco por Você**, LP de Roberto Carlos, e **Pé de Anjo**, 78 rotações de Francisco Alves — Cr$ 1 milhão
2. **Ondas Curtas**, 78 rotações de Orlando Silva, e **Muddy Water Sings Big Bill Broonzy**, LP de Muddy Water — Cr$ 800 mil
3. **Felona e Sorona**, LP do conjunto italiano Le Orne, e o primeiro 10 polegadas de Dircinha Batista — Cr$ 300 mil
4. Delírio Três, grupo de rock progressivo italiano — Cr$ 250 mil
5. **Lela**, 78 rotações de Jaime Vogeller, e **Solambo**, do grupo progressivo francês Wapassou — Cr$ 200 mil
6. **Live**, LP do Siouxsie and the Banshees — Cr$ 160 mil
7. **Reminiscências**, LP de Gastão Formenti — Cr$ 120 mil
8. **Italianíssimo**, primeiro LP de Jerry Adriani — Cr$ 100 mil
9. **Wellcome to Hell**, LP do grupo de rock pesado Venon — Cr$ 90 mil
10. **Brotolândia**, primeiro LP de Elis Regina — Cr$ 80 mil

Nos sebos, LPs de milhões

Joaquim Ferreira dos Santos

ATRAVÉS de quatro endereços é possível, no Rio de Janeiro, mergulhar-se nos mais diferentes passados da música brasileira e internacional. São os sebos de discos, preciosidades envolvidas em pó e arranhões. Neles o primeiro disco de Roberto Carlos, **Louco por Você**, custa um milhão de cruzeiros, o mesmo preço de **O pé de Anjo**, 78 rotações de Francisco Alves. Mortais comuns riem dessas quantias. Os colecionadores sacam logo do dinheiro. Sabem que esses discos não dormem um segundo na loja. Atrás deles há centenas de interessados em pagar qualquer coisa para tê-los.

O Mundo dos Discos fica na Rua S. Cristóvão 122, sobrado, e tem 20 mil discos espalhados por três salas. É um pequeno museu da música brasileira. Seu proprietário, Geraldo José de Barros, tentou nos anos 50 uma carreira de cantor na Rádio Mauá mas não chegou a realizar qualquer gravação. Sabe tudo de disco no Brasil. O número de registro do 78 rotações **A Sapinha da Lagoa**, de Jaime Brito, é 11436, e **Se o Samba É Moda**, de Carmem Miranda, foi gravado em selo Brunswick — são informações que ele dá de cor aos seus fregueses, na verdade pesquisadores tão profundos quanto ele dos mistérios da MPB antiga. Do Rio Grande do Norte quem liga sempre para Geraldo é Gracio Barbalho, simplesmente o maior colecionador de discos do país. Está a apenas 20 peças para completar a história do 78 rotações no Brasil — e dá qualquer dinheiro se Geraldo conseguir por exemplo **Psiu, Meu Bem**, de Sílvio Caldas.

A Bausack, da Correa Dutra 99, loja 5, é mais eclética. Lá pode-se encontrar desde o primeiro 10 polegadas de Dircinha Batista (custa Cr$ 300 mil) até a fina flor do **rock** progressivo italiano, o conjunto Delírio Três (Cr$ 250 mil o LP). Administrado por Lourdes Pereira da Silva, o sebo é visitado por Ricardo Cravo Albim (comprou **Calendário Musical**, um dos primeiros de Emilinha Borba) e garotos com o dinheiro que for preciso para levar **Solambo**, do grupo francês progressivo Wapassou (custa Cr$ 200 mil). Mas é sobre a bancada dos anos 60 que os colecionadores cada vez se debruçam mais. Delícias como **O Italianíssimo**, o primeiro LP de Jerry Adriani (Cr$ 100 mil), ou The Seekers cantando **Georgy Girl** (Cr$ 40 mil), brilham em estantes bem arrumadas. Dessa década, além do famoso disco de Roberto Carlos, procura-se muito **Brotolândia**, o primeiro de Elis Regina (Cr$ 100 mil, quando aparece).

Para a Caixinha de Música, Marquês de Abrantes 177, loja 109, deslocam-se os roqueiros, gente que tem frissons diante de um LP pirata ao vivo do AC/DC e acha barato os Cr$ 160 mil pedidos por ele. Uma loja de jovens de um ex-estudante de administração, Otávio rocha, 22 anos, que largou tudo para ficar mais perto dos discos. São cerca de 2 mil LPs misturados a posters de guitarristas em plena ebulição de seus concertos. No momento uma das coqueluches da Caixinha é o **blac metal** (o **heavy metal** ligado em satanismo) do grupo Venon, cujo disco **Wellcome to Hell** custa Cr$ 90 mil. Há também o **hard core punk** do brasileiro Ratos do Porão, na faixa dos Cr$ 40 mil. Preciosidades para um grupo não muito grande de adoradores, mas gente capaz de tudo pelo prazer de tê-las em casa.

Na Chess Carlitos, Rua Djalma Ulrich 183, loja H, o acervo mais tentador é o de **blues**. Seu dono, Carlos Eduardo Patrone, 31 anos, é gaitista do grupo Atlântico Blues e tem no currículo uma gloriosa vivência nos Estados Unidos, Chicago, onde trabalhou na equipe do célebre Muddy Water e na Chess Records, a mais importante gravadora de **blues** do mundo. Na Chess Carlitos o LP **Mundy Water Sings Big Bill Braanzy** custa Cr$ 800 mil. Algumas transações são feitas como se a loja ocupasse alguma rua dos Estados Unidos — em dólar mesmo. Esta semana o LP **Chicago Blues All Star** foi negociado a 50 dólares. Afora o **blues**, a loja tem repertório de MPB, clássicos e a música jovem, brasileira e internacional, dos anos 60. Também por estes dias foi vendido um disco dos Beatles colocado no mercado em 64 e logo proibido por sua capa audaciosa: bonecas infantis misturadas às carnes de um açougue. A preciosidade é a capa, pois o disco está em catálogo. Mesmo assim custou Cr$ 400 mil.

Vitrine

Carmo ano 1 (Carmo)

PARA comemorar seu primeiro ano de existência, a gravadora Carmo editou um LP com vários dos seus artistas em registros inéditos realizados em janeiro último. A variedade musical é ampla, pois cada qual possui sua própria concepção, mesmo considerando que ouvimos gravações de violonistas em três das sete faixas. No lado A temos duas longas interpretações: **Sentimentos de Bibita**, com o pianista Luiz Eça executando variações sobre o tema com o habitual controle instrumental e lógico desenvolvimento de idéias, e **A Lua Girou, Girou**, uma adaptação de um motivo do folclore baiano, com a cantora Aleuda e o baterista/percussionista Robertinho Silva num diálogo instigante, com inteira liberdade, baseado num entendimento que lhes permite uma série de variações audaciosas. No lado B, três faixas seguidas com violonistas: **Baden In My Heart**, uma animada e expressiva homenagem de André Geraissati a Baden Powell; **A Ilha do Caju**, com Nando Carneiro (que também dobra nos teclados), uma peça com mais de uma faceta melódica, executada com bom gosto e inventiva; e o sempre estimulante Carioca, músico de real originalidade, na efervescente **Manhã de Janeiro**. O disco termina com o Grupo Papavento numa versão com tintas populares-eruditas de **Eleanor Rigby**, da dupla Lennon-McCartney. Tal como a Som da Gente, em São Paulo, a Carmo divide com a Kuarup o mesmo papel relevante de ser a gravadora dos músicos no Rio de Janeiro. (**José Domingos Raffaeli**).

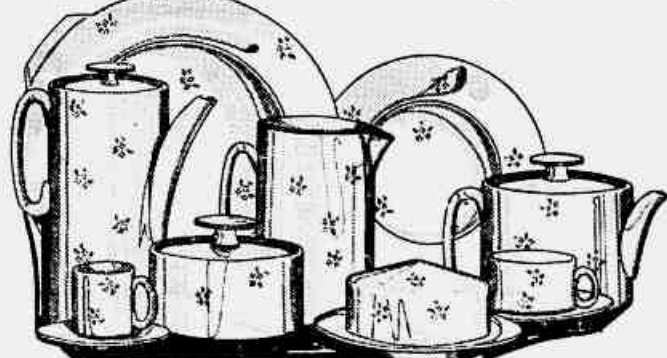
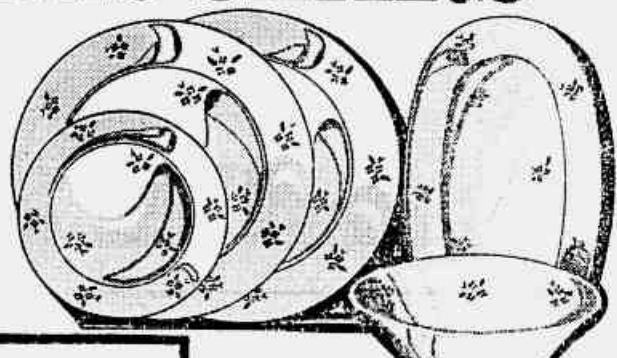
Some Great Reward — Depeche Mode (Mute/Fermata)

INICIADO em Basildon, Essex, o grupo inglês Depeche Mode (Moda Descartável) esgrime ironia e sarcasmo em textos politizados de um vanguardismo tecnopop. Formado no final de 81, o quarteto penou em anônimos espetáculos até ser descoberto — abrindo os concertos do grupo Fad Gadget — por Daniel Miller, da Mute Records. Contratado, logo o grupo se destacou pelo uso abusivo dos teclados, em substituição as guitarras. Com idade média em torno de 22 anos, o Depeche utiliza o recurso rítmico das engrenagens de fundo para uma interpretação geralmente empostada. **People Are People**, uma das faixas que simula o funcionamento percussivo de uma fábrica, prega a união do povo em todo o mundo, parafraseando o célebre manifesto comunista. **Master and Servant**, lubrificada por um chicote eletrônico do tempo da discoteque, fuzila as relações entre opressor e oprimido.

A música metálica e **cool** do Depeche não se resume a uma audição passiva ou cerebral. Assim como é possível discutir os temas eleitos pelo grupo, também é possível dançá-los com igual empenho. Ao contrário do irônico título, a arte do Depeche tem condições de consumo imediato, mas também de permanência mais longa. (**Tárik de Souza**)

Blade Runner — Vangelis (WEA)

TALVEZ muitos o desconheçam, mas o tecladista grego Vangelis, prolífero autor de trilhas sonoras para o cinema — entre as quais a de **Carruagens de Fogo**, agraciada com um Oscar, em 1982 — jamais colocou os pés (ou as mãos) nas escolas acadêmicas de música e sequer aprendeu a transcrever suas composições. Assim, para executar a versão orquestrada de **Blade Runner — O Caçador de Andróides**, criada por Vangelis há três anos, o regente Jack Elliott foi obrigado a extrair a trilha musical, nota por nota, da própria banda sonora do filme.

O esforço, contudo, não foi em vão. Elliot recriou, sem exagerada fidelidade ao original, a atmosfera futurista idealizada, em imagens, pelo diretor Ridley Scott, e amplificada pelos inconfundíveis teclados eletrônicos de Vangelis. Revezando-se entre o som progressivo, dominado por efeitos sonoros de sintetizadores, e melódicos temas musicais de três ou quatro décadas passadas, o disco adquire um estilo de vibrantes contrastes e uma beleza singular. Resgatando o gênero romântico da década de 40, **One More Kiss, Dear** aparece como única faixa cantada, na voz suave e apropriada de John Bahler. Em **Blade Runner Blues**, outro gênero é relembrado através do som aveludado do flugelhorn de Chuck Findley. É, entretanto com **Love Theme** — faixa de abertura — onde o disco alcança seu grande momento de emoção, exibindo o solo choroso e tocante do saxofonista Tom Scott. Inesquecível — a música, a trilha, o filme. (**Ricardo Largman**)

Clube do Samba seis anos depois

COM uma feijoada em sua sede na Barra da Tijuca, a partir das duas da tarde e "até que cesse o repinicado do último tamborim", o Clube do Samba comemora hoje o seu sexto ano de existência. O presidente João Nogueira convidou para os comes e bebes os mais representativos compositores, letristas, cantores, ritmistas do Brasil, todos dispostos a comemorar a data da maneira mais lógica: numa roda de samba.

Mas nem tudo é festa. Um balanço desses seis anos mostra que o Clube sobrevive de alguns poucos idealistas que ainda acreditam ser possível reconquistar o lugar que a música popular brasileira está perdendo, cada vez mais, para os ritmos e gêneros estrangeiros da moda.

O próprio João Nogueira vê como heróica a sua iniciativa de criar um núcleo de defesa dessa música. Lembra ele:

— Naquela época (5 de maio de 1979), o Brasil vivia o final do regime Geisel, e a invasão das discotecas, apoiada em forte estratégia de **marketing** das gravadoras, emissoras de rádio e televisão, era brutal.

Das primeiras reuniões na casa do próprio João, no Méier, até a fundação do Clube, com um angu à baiana, houve muita luta. E nesses seis anos que se seguiram não foi diferente. Com expressivas vitórias: os bailes organizados com músicos excelentes (Copinha, Wilson das Neves, Paulo Moura, Norato, Luna, Eliseu, Marçal, conjunto Época de Ouro, Nelsinho, Cristóvão Bastos, Zé da Velha, Altamiro Carrilho, Mané do Cavaco, Waldir Azevedo), os **shows** com o primeiro time da música popular (Elisete, Clara Nunes, Alcione, Beth Carvalho, Roberto Ribeiro, Miltinho, Paulinho da Viola, MPB 4, Chico Buarque, Monarco, Velha Guarda da Portela, Mauro Duarte, Cristina, Nara, Ivan Lins, Martinho da Vila), a criação do bloco do Clube, a edição de um tablóide mensal com tiragem de 10 mil exemplares. Mas houve, também, alguns tropeços.

— Um deles foi a saída de Márcio Braga na presidência do Flamengo — lembra João. — Os bailes do Clube realizavam-se na sede do Morro da Viúva. Mas parece que o sucessor de Márcio, o Dunshee de Abranches, não era chegado à música brasileira. E suspendeu nosso contrato com o Flamengo. Aí a coisa ficou preta. Andamos meses atrás de outro local. Conseguimos levar a festa para o Clube Municipal. Êxito total. Mas, dois meses depois, a diretoria fez exigências: queria que seus sócios entrassem de graça. Eram mais de 60 mil. Não dava para aceitar.

Novos maus tempos, novas tentativas. O local conseguido ao lado do Canecão também não vingou. Os moradores queixaram-se à polícia do barulho. Como lembra João, ali podia funcionar uma discoteca, tocar-se **rock**, sem problemas. Mas o samba era considerado barulho:

— Tempos bicudos, novamente. Coincidindo com a escalada do **break**, do **reggae**, das danceterias. Até que reunimos nossas forças e partimos para a sede atual, na Barra da Tijuca. E acho que valeu a pena.

Se a história do Clube do Samba, nesses seis anos, tem sido de lutas, não tem faltado também a esperança. João Nogueira fala de um dos principais projetos em pauta:

— Um projeto que envolve o Museu do Homem de Paris e a Unesco, com o patrocínio de uma grande empresa nacional. Destina-se a fazer o levantamento das manifestações de samba em todo o território brasileiro, com gravações de campo e registro audiovisual das diversas formas não comerciais de canto, percussão e sons instrumentais. Como a mesma Unesco já fez com a música de vários países, a Etiópia, Nigéria Central, Costa do Marfim, Império Centroafricano, etc.

Nas próximas semanas a diretoria do Clube vai procurar o Ministro Olavo Setúbal para solicitar os esforços do Itamarati junto à Unesco. Até lá, festa. Muita festa animada pela melhor gente do samba.

Sucesso em forma de pastiche

Tárik de Souza

ESTREANTE, quase amador, o grupo inglês Frankie Goes To Hollywood assombrou a Inglaterra: seus compactos de lançamento, um abordando a questão sexual (**Relax**) e outro a guerra fria das superpotências (**Two Tribes**), disputam semanas a fio, entre si, o primeiro lugar da parada de sucessos. Por trás de tal explosão — espanto maior — uma pequena e relativamente nova empresa, a ZTT (Zang Tuum Tumb). A experiência de seus sócios, no entanto, fornece a explicação para o fenômeno. De um lado, o produtor musical Trevor Horn (conhecido aqui por sua participação na remodelagem do grupo Yes). De outro, Paul Morley, um jornalista mordaz da igualmente ferina publicação inglesa **New Musical Express**. Tal como a geração **Cahiers do Cinema** foi para trás das câmaras e revolucionou o cinema francês, há alguns casos assim no **rock**. Só que os tempos e o meio são outros. No máximo, a ZTT propõe-se a rir de tudo o que é sério dentro da indústria cultural. Além, obviamente, de fabricar fortunas.

Frankie Goes To Hollywood, assim, é uma meticulosa "armação" de quem sabe fazer as coisas. Tratava-se de um grupo meio sem graça, formado por rapazes e moças usando um nome curioso, que o nosso Lobão transubstanciou no respectivo Ronaldo Vai à Guerra. O tal Frankie (de Sinatra) está a caminho de Hollywood e serve de alter-ego da banda, que já entra no mercado brasileiro pela via luxuosa do álbum duplo: **Welcome to The Pleasure Dome**, uma audácia da WEA, com selo inglês Island. Não é um **rock** para danceterias ou FMs convencionais. As faixas são contínuas. Trata-se de uma ópera-rock, oscilando entre erudição caricata e automatismo **tecnopop**. Contenta a todos os paladares sem saciar nenhum. O pastiche **come solto**, não economizando dardos de gosto duvidoso nos alvos menos esperados. Em plena fuzilaria sonora, de instrumentos e vozes grandiloqüentes (há até uma narradora de língua presa), irrompe o baiãozinho bossa nova de Burt Bacharach, **Do You Know The Way To San Jose?**, numa interpretação coloquial e estranhamente comportada.

Também **Born to Run**, pérola do repertório incandescente de Bruce Springsteen, reaparece pastichada. O **marshmellow** de Frankie Goes To Hollywood emplastra tudo. Mas também cria novas categorias, explorando ao máximo o jogo tecnológico. Os super-**hits**, **Relax e Two Tribes**, por exemplos, dinamizam os temas com blocos de vozes alternando-se às seções instrumentais. Uma prega o prazer pragmático na base do "relaxe e goze"; a outra admoesta as tribos guerreiras do fim do milênio, americanos e russos. Antes, a peça intitulada **War** já invectivava no refrão: "A guerra para que serve?/ para nada".

Os tiros, bombas e foguetes desta trilha sonora do paraíso possível não se limitam a bombardear os convencionais inimigos do hedonismo. O humor glostorado de Frankie (uma camiseta muito vendida na Inglaterra traz no letreiro, "Não me importa o que Frankie Diz") debocha também do culturalismo. As capas internas citam Baudelaire, Lautreamont, Zola, Nietzsche, Lewis Carroll, Kierkegaar, Oscar Wilde e muitos outros. O **marketing** do disco anuncia ainda **shorts** modelo Jean Genet, meias estilo André Gide e um sofisticado agasalho linha Charles Baudelaire. Tudo no rigor da pregação homossexual do grupo que está na linha de frente do **rock** inglês. Um **pot-pourri** de declarações típicas do humor frankista define ainda melhor este explosivo e fabricado grupo de tropicalistas anglicanos. **Paul Rutherford** (vocais): "Não tenho um instrumento nem uma grande voz. Talvez só um par de calças bonitas". **Peter Gill** (bateria): "Se quisesse ser um cara suave não jogaria toalhas molhadas pela janela em cima das pessoas". **Mark O'Toole** (baixo): "Eu nunca sou honesto. Tudo o que eu digo é mentira". **Holly Johnson** (vocais): "Ninguém tem o direito de me dizer que é imoral ou egoísta ou errado o que eu faço". **Brian Nash** (guitarra): "Alguma coisa do que a gente faz vai permanecer entre os clássicos de todos os tempos".

A fuzilaria sonora do Frankie Goes To Hollywood não poupa Burt Bacharach nem o superastro Bruce Springsteen

A música total de Knopfler

Luiz Antonio Mello

O escocês Mark Knopfler acaba de confirmar a sua presença no disputadíssimo país da genialidade, onde há vários anos existia uma cadeira vaga, com seu nome já rabiscado. Aos 36 anos de idade, dos quais pelo menos 20 vividos entre violões, cabos, guitarras, microfones, estúdios e amplificadores, ele acaba de demonstrar que toda a sua avassaladora energia criadora entrou no processo de plena maturação, rumo ao infinito. Lá, no infinito, já estão depositadas algumas obras que a música popular contemporânea assimilou e abrigou com admiração e respeito. Agora o mercado brasileiro (há uma semana nas lojas) recebe, finalmente, o segundo trabalho solo de Knopfler, e mais uma vez dirigido para o cinema, segunda grande paixão do músico.

O filme chama-se **Cal** (abreviação de calibre), que esperamos estar em cartaz no Brasil nesta década pelo menos. Para compor e produzir a trilha, Knopfler não poupou nada e construiu um disco impecável. Marcado pela simplicidade da primeira à última faixa, **Cal** trata de uma longa e quase interminável estória de amor entre violões, guitarras, flautas primitivas, teclados e, acima de tudo, talento. É incrível, mas esse novo trabalho de Knopfler conseguiu, sem sombras de dúvidas, rever e ultrapassar suavemente seu disco solo anterior, **Local Hero**, trilha sonora do filme que no Brasil foi rotulado pelo lastimável título de "Momento Inesquecível".

Quando colocamos a agulha em cima de **Cal** temos a nítida impressão de que estamos mexendo no coração de alguém, pois a pureza das músicas fica tão à mostra que parece difícil concebermos o disco como matéria industrial. **Cal** é matéria orgânica, de ponta a ponta.

Um discurso semimudo de um músico completo que conseguiu desvendar todos os recursos, mesmo os mais misteriosos, dos violões e guitarras, aplicados em profusão, porém em baixa freqüência. Resta sabermos, agora, se o filme vai estar a altura de trilha, algo semelhante estória do dedo com o anel de diamantes. Será que vai caber?

Fundador e líder do Dire Straits, o cantor, compositor, guitarrista Mark Knopler está hoje, domingo, entre Tel Aviv e Atenas seguindo na excursão de seu grupo que vai passar por mais de 50 cidades lançando o novo LP que até o final do mês deverá estar lançado no Brasil, segundo o entusiasta e cabeça do departamento internacional da Polygram Carlos Celles. Enquanto isso, o filme **Cal**, dirigido por Pat O'Connor e estrelado por John Lynch e Helen Mirren atravessa a outra América e cruza a Europa. Ao mesmo tempo, nos palcos a presença ao mesmo tempo tímida e ágil de um guitarrista que respeita o seu público, o seu instrumento, enfim, se respeita. É provável que Mark Knopler, há 16 anos atrás não pensasse estar rico, muito rico hoje. Mais: enquanto o dinheiro entra por um lado, é convertido automaticamente no prazer de uma vida pacata em Nova Iorque, onde vive, ou por caminhadas em Londres, cidade onde tudo começou.

Cal, a trilha, é um atestado de vivência, muita vivência musical, resultado de influências diversas que Knopfler recebeu que passaram por nomes como os de James Burton, Scotty Moore, Elvis, Miles Davies, Pat Metheny, Everly Brothers, Rickie Lee Jones, Jerry Lee Lewis, Rolling Stones, B.B. King, Mike Manieri, Lydia Lunch e muitos outros, além das calçadas de Paris, o mar das Bahamas, o sol do Egito. Ouvir Cal é sentir na carne o peso da mais pura música, sem receios e vacilações. Knopfler foi fundo e nesse mergulho convidou companheiros do Straits como Terry Williams(bateria) e John Illsley-(baixo). Guy Fletcher está nos teclados, Liam O'Flynn nas flautas e Paul Brady no bandolim. Além de produzir o disco, Mark Knopfler tocou todas as guitarras e violões. Cal é uma obra fundamental, sob todos os aspectos.

Mark Knopfler, o toque de gênio em Cal

Parada

OS LPS MAIS VENDIDOS

1 — **We Are the World** — USA for Africa (1)
2 — **Evolutión** — Menudo (4)
3 — **Corpo a Corpo Internacional** — Vários (2)
4 — **Livre para Voar Internacional** — Vários (3)
5 — **New Wave** (Mamão com Açúcar — Vários (7º)
6 — **Um Sonho a Mais Nacional** — Vários (7º)
7 — **Amante Profissional** — Herva Doce (5º)
8 — **Chico Buarque** — Chico Buarque (6º)
9 — **Chinese Wall** — Philip Bailey e Phil Collins (22º)
10 — **Profana** — Gal Costa (10º)

Fonte: Nopen

AS MÚSICAS MAIS PEDIDAS

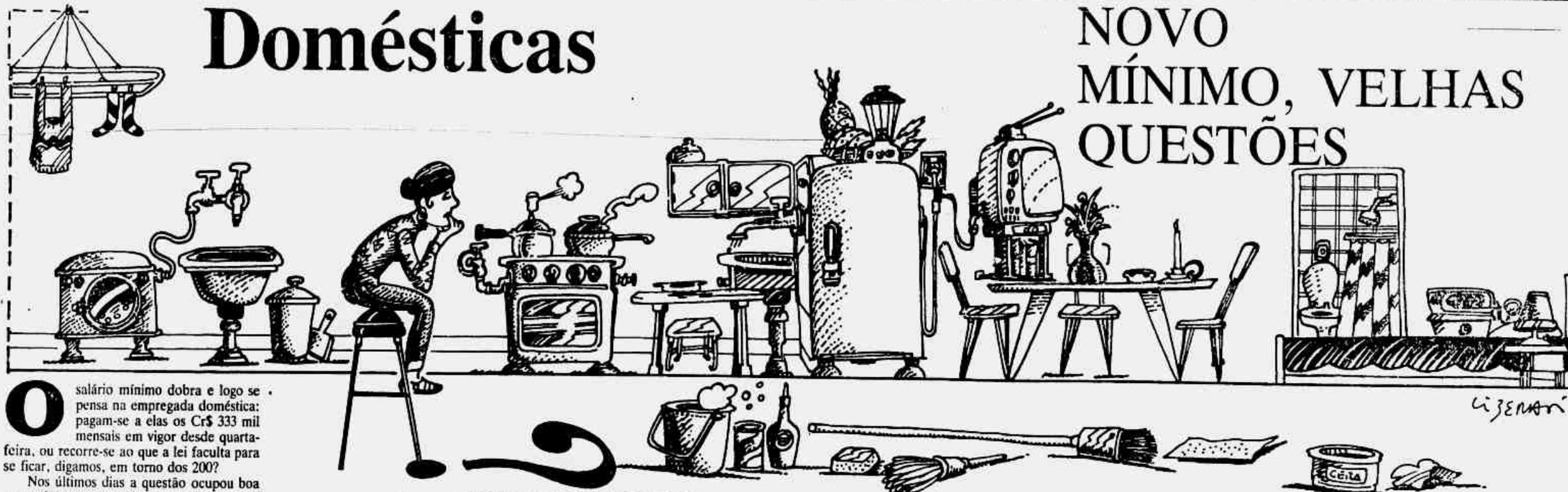
1º **We Are the World** — USA for Africa (1)
2º **Sem Nome** — Biafra (2)
3º **Me liga** — Paralamas do Sucesso (3)
4º **Amante Profissional** — Herva Doce (4)
5º **Nada Mais** — Gal Costa (7)
6º **Private Dancer** — Tina Turner (5)
7º **Tempo Rei** — Gilberto Gil (8)
8º **Rhytm of the Night** — Debarge
9º **Easy Lover** — Philip Bailey/Phil Collins
10º **Meu Erro** — Paralamas do Sucesso

Fonte: Rádio Cidade

( ) Os números entre parênteses indicam a posição na semana anterior

A grande surpresa dessa semana é a fulminante arrancada do LP **Chinese Wall**, de Philip Bailey e Phil Collins, diretamente do 22º lugar da parada dos mais vendidos até o 9º lugar. Ao mesmo tempo a música **Easy Lover**, da dupla, que havia se afastado da lista das mais pedidas pelos ouvintes da Cidade, reaparece, também na nona colocação. Espera-se agora que nas próximas semanas chegue aos LPs mais vendidos o **Óculos**, do Paralamas do Sucesso. O conjunto colocou duas músicas do disco — **Meu Erro e Me Liga** — entre as mais pedidas.

Domésticas

NOVO MÍNIMO, VELHAS QUESTÕES

O salário mínimo dobra e logo se pensa na empregada doméstica: pagam-se a elas os Cr$ 333 mil mensais em vigor desde quarta-feira, ou recorre-se ao que a lei faculta para se ficar, digamos, em torno dos 200?

Nos últimos dias a questão ocupou boa parte das conversas entre os patrões. Uns concordam com a primeira opção, outros apelam para a segunda. Há a grande minoria dos que estão dispostos até a triplicar o que suas cozinheiras ou arrumadeiras ganham: "Minha empregada vale muito mais." E os que, pagando os Cr$ 333 mil, lançam mão de recursos tais como o desconto de casa ou comida, ou ainda o não pagamento do 13°, coisas que a lei também faculta. Enfim, dobra-se o mínimo, repete-se a discussão.

As domésticas são mais de 3 milhões em todo o Brasil. Ou seja, a categoria mais numerosa de mulheres que trabalham no país, mais de um quarto da mão-de-obra feminina em nossa sociedade. E cada vez mais conscientes de que representam expressiva força econômico-social entre nós: "É só pensar no que aconteceria se todas nós parássemos de trabalhar ao mesmo tempo." Mas não o bastante para serem reconhecidas como profissionais.

Nada menos de 126 delas se reuniram em fevereiro, no Recife, por ocasião do V Congresso Nacional de Empregadas Domésticas. Para levantar questões como:

"A gente não tem por que descontar casa. O quarto em que a gente dorme é um guarda-tudo."

"No quarto não se tem conforto nem liberdade. Não posso nem receber meu pai. Por que descontar casa?"

"Também não se tem por que descontar comida. Eu como o que faço para os meus patrões. Como só o que sobra deles."

"Você come é do resto! Descontar o quê?"

Um Congresso importante para a categoria, embora ainda não tenha produzido resultados práticos. Nele se falou dos salários injustos, da excessiva jornada de trabalho, da falta de descanso semanal, da recusa de férias anuais pela grande maioria dos patrões, de não haver tempo para estudarem, da exigência de que durmam no emprego, o que impossibilita o convívio normal com a família e com o próprio meio. Foi muito enfatizada a situação da empregada doméstica na Previdência Social.

■

"As nossas dificuldades são tantas e os direitos tão poucos — diz o documento por elas divulgado após o Congresso — que o número de empregadas domésticas que podem continuar contribuindo para o INPS diminui assustadoramente, conforme dados oficiais (quase 1 milhão de contribuintes a menos). De cada empregada doméstica que pagava em 1981, três não estavam pagando mais em 1984".

E o que pensam os patrões? Sônia Mota, 30 anos, pediatra, três filhos, duas empregadas, lembra que o seu salário e o do marido não são reajustados nos mesmos índices do mínimo atual. O que fazer? No seu caso, foi encontrada uma solução alternativa: aumentos salariais por etapa, aos poucos, para que não sofra grandes baques de seis em seis meses. Quanto a questão da previdência, observa:

— Luto há muito tempo para que elas tenham carteira assinada e INPS. Falo da necessidade de uma garantia para o futuro, da aposentadoria, etc. Sem resultado. Se você analisar a situação friamente, verá que é absurda. Mas a realidade delas é diferente.

Eduardo Dusek — que fez muito sucesso com uma canção falando da redenção da doméstica que consegue se vingar dos maus tratos da patroa — acabou se tornando responsável por uma polêmica. Ouviu protestos e elogios, mas hoje acredita que a maioria entende o que quis dizer. Como Maria Lúcia da Silva, 27 anos, trabalhando numa casa do Jardim Botânico, que até hoje rende homenagem ao compositor por achar que sua letra defende a classe. Dusek diz ter apenas "jogado uma semente", atirando ao ar uma idéia, sem pretender paternalizar uma causa que não é sua.

— Mas não há dúvida de que a situação da doméstica no Brasil é muito diferente da de outros países. Aqui ainda temos muita ligação com a escravatura. No próprio inconsciente coletivo. Mas, se existe um salário com o nome de mínimo, sou de opinião que deva ser pago. Quem não tem condição de fazer isso não deve ter empregada. Falo, porém, na teoria, pois na prática isso não funciona.

Muitos se interessam de maneira mais objetiva pelos problemas da categoria. Como Herbert Souza, o Betinho, diretor do IBASE (Instituto Brasileiro de Análise Social). Por experiência vivida em seu próprio edifício — o elevador social vetado às empregadas — decidiu consultar a Constituição, cujo artigo 153, parágrafo 1°, diz que todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça, trabalho, credo religioso e convicções políticas. Começou a agir. Hoje a questão já está entregue à Comissão de Direitos Humanos do Estado, que criou um grupo para estudar especificamente a inconstitucionalidade dos regulamentos discriminatórios dos edifícios.

■

Nunca se teve muita atenção para com o conforto das empregadas. A ponto de os quartos a elas destinados terem atingido, ao longo do tempo, dimensões cada vez mais reduzidas (hoje a lei estabelece o limite mínimo de 6 metros quadrados). Atualmente, os apartamentos tornando-se cada vez mais compactos, os quartos principais muitas vezes não passando dos 9 metros quadrados, os das empregadas estão sendo simplesmente suprimidos.

Ao mesmo tempo, outras pessoas se mostram mais sensíveis às questões que envolvem as empregadas. No Instituto Metodista Bennett, por exemplo, funciona de segunda a sexta-feira um curso especial destinado a empregadas domésticas, porteiros, garagistas. Ali esses profissionais aprendem a ler e escrever, já com o pensamento no supletivo.

Sheila Barreto Santos, 29 anos, casada, dois filhos, é uma das professoras. O curso funciona das 14 às 16h30min, para empregados que, neste horário, têm regalias dos seus patrões. São exceções dentro da classe. No caso das domésticas, são empregadas que já cuidaram da casa, do almoço, das crianças que foram para o colégio, e têm nessa parte da tarde um horário pode-se dizer ocioso. Voltam às 5 horas para cuidar do jantar. O curso, diz Sheila, professora praticamente voluntária (recebe Cr$ 10 mil por aluno), está tendo bons resultados.

As empregadas que o freqüentam ganham o mínimo ou mesmo mais, descontam para o INPS, têm aumentos semestrais. Muitas estão com os patrões há mais de 10 anos. Poucas têm queixas, pois usufruem de carga horária bastante aceitável, férias anuais, 13° salário.

— Somos trabalhadores como outros quaisquer — diz Fátima Maria Silva, 31 anos, responsável por todo o serviço da casa onde trabalha na Praça São Salvador, os aumentos semestrais religiosamente observados.

Exceções que vão diminuindo — e se transformando em regra — cada vez que o salário mínimo dá novo salto (**Cleusa Maria** e **Beatriz Bonfim**).

No condomínio Parque Gaivotas, na Gávea, as empregadas têm que usar crachá

Sem o passe, entrada proibida

Cleusa Maria

NO Condomínio Parque das Gaivotas — três blocos de 11 andares e oito apartamentos em cada, perto do Planetário da Gávea — as empregadas são obrigadas, há mais ou menos um ano e meio, a usarem um passe atualmente, com foto, plastificado. Uma espécie de crachá. Sem ele, os porteiros têm orientação para não deixá-las entrar no prédio. Se a empregada sair para comprar pão e esquecer o seu, se a babá vai correndo apanhar as crianças no colégio e não está com o passe, serão barradas na portaria.

E isso já aconteceu muito. Se vai à rua 10 vezes, como conta Diva Maria Souza, babá há mais de 10 anos de filhos de moradores do prédio, tem de apresentar em todas elas o seu crachá. Um dia esqueceu, os patrões estavam no trabalho. Ela só conseguiu subir para casa com as duas crianças porque ameaçou deixá-las sob os cuidados do síndico, se não pudesse entrar.

É claro que está se falando de acesso aos elevadores e áreas de serviço, pois no Parque da Gávea, como na maioria dos prédios no Rio, empregada não anda de elevador social. Nem se estiver indo para uma festa. E é claro, também, que os moradores não são obrigados a se identificar:

— De certa maneira, isso é humilhante — diz Diva. Opinião reforçada por outra babá do prédio, Elizabeth Andrade Costa:

— Isso aqui não é uma firma e quem vem trabalhar em casa de família já traz referências — observa ela, que relutou muito em trabalhar no Parque das Gaivotas por causa desta exigência.

Segundo contam as empregadas, muitos patrões não gostaram da medida. Mas não houve reações formalizadas ao síndico. Até os porteiros acham "uma palhaçada". Diz um deles sem se identificar: "Conhecer elas a gente conhece, mas é regulamento e tem de ser cumprido".

Na administração do condomínio, onde não se encontrava o síndico nem o administrador naquele momento, um funcionário explicou que a medida é para controlar o grande número de pessoas que circulam pelos três blocos.

Como escritora, a mesma vida dura

Beatriz Bomfim

QUASE dois anos depois de o livro **Aí de vós — diário de uma empregada doméstica** ter sido lançado, não foram muitos os louros colhidos por Francisca Souza da Silva, 42 anos, sete filhos, sete netos. O percurso desta mulher que, aos cinco anos, já trabalhava em Campos, se mudou, foi apenas na emoção que conseguiu passar para outras pessoas, no título a mais no currículo: escritora.

No mesmo beco imundo em que vivia, quarto e cozinha servindo como espaço para todas as atividades, onde seis pessoas se comprimem para dormir, Francisca continua com a mesma tristeza e amargura estampadas no rosto, preocupada agora em mudar de casa. Ela, que não sabe expressar o que sentiu quando viu seu livro publicado (Editora Civilização Brasileira, capa de Lúcio Costa, prefácio de Pedro Nava), ainda hoje pára, revive alguns momentos difíceis, chora, sem esquecer o passado.

— Tem gente que pula de alegria, grita, eu não consigo demonstrar minhas emoções. Foi uma boa experiência ter escrito o livro, sempre estimulada por D. Ivna, que me dava as folhas de caderno e canetas. Felizmente, não me decepcionei porque não tinha ilusões.

Ivna Mendes de Moraes Duvivier, escultora, a patroa que quase "arrancou" de Francisca o livro **Aí de vós**, contratando até outra pessoa para deixá-la mais livre, vive hoje sem empregada doméstica — um estilo que, prevê, será o usual no futuro. Acha que estamos vivendo uma "fase de tradição" e propõe a maior profissionalização das empregadas: "É um trabalho tão digno como qualquer outro, embora muitas se sintam humilhadas como Francisca, que sofreu muito no passado e ficou traumatizada."

O dinheiro que Francisca recebeu como direito autoral (mais de Cr$ 500 mil e, em fevereiro deste ano, Cr$ 3 milhões) pelas duas edições brasileiras e pelo contrato para publicação da Alemanha, sumiram de sua bolsa como sempre. Contas de aluguel atrasado, comida, alguma coisa para ajudar os filhos desempregados que moram com ela ("uma cruz que carrego e que não sei como vai acabar"), consumiram tudo. Agora, tem apenas Cr$ 52 mil dos Cr$ 3 milhões, pretende voltar a trabalhar.

Francisca Souza da Silva: "Não me decepcionei porque não tinha ilusões"

No beco de Comendador Soares, a mulher que se diz sem ambição e que aparenta muito mais idade do que realmente temm, ficou conhecida, mas vive com os pés na terra, preocupada com o neto que está hospitalizado e já recebeu o apelido de **Tancredinho**, por estar "sofrendo demais há dois meses, depois de uma pneumonia dupla e de uma infecção hospitalar".

Francisca já fez palestra no Instituto Bennet, tem suas opiniões sobre as empregadas domésticas. Teve algumas boas patroas, outras péssimas, "umas bombas". E revolta-se contra alguns abusos, com a falta de consideração de muitos patrões que não adiantam dinheiro para a compra de remédios para um filho doente, mas mandam em seguida comprar carne para alimentar os cachorros.

— Acho que as empregadas devem ser honestas, ter direito ao INPS ("nem falo em Fundo de Garantia"), receber um bom tratamento. Uma empregada solteira pode dormir no emprego, mas uma casada deve ter o direito de vir para a sua casa ver como estão os filhos, o marido.

E, resumindo de maneira simples o que sente depois de ter um livro com cinco mil exemplares vendidos e edição alemã, afirma, mesma fisionomia contraída:

— Acho que agora ainda estou pior.

Carlos Eduardo Novaes

Mais uma façanha de Sarney

QUEM leu a notícia nos jornais — uma informação fria — deve estar pensando que Sarney subiu àquela rampa na terça-feira com a mesma naturalidade com que mudava de partido. Só Deus sabe o quanto custou a este imortal contido, reprimido, super-hipertenso pisar com seus sapatos civis neste símbolo do poder militar.

Sarney, ao ser comunicado da necessidade de subir a rampa, viveu cinco dias — desde sexta passada — à base de calmantes. Por todas essas noites maldormidas sonhou com ladeiras, tobogãs e planos inclinados. No domingo teve que ser acordado pela mulher no meio da madrugada: Sarney rolava na cama de um lado para o outro. Sonhara que estava despencando rampa abaixo. Sentou-se na cama:

— Você acha que vou conseguir? — perguntou à mulher.

— Claro, Zezinho. Você já conseguiu tantas coisas que lhe pareciam impossíveis.

Sarney, um homem culto, sempre se prepara para suas circunstâncias. Foi assim ao ser escolhido para Vice. Leu tudo sobre a vida de Truman e Mondale. Mais tarde, na presidência, fez da Constituição seu livro de cabeceira. Mas onde encontrar livros que falem tudo sobre rampas? Nem nos Estados Unidos, nem na Inglaterra, nem na França os presidentes sobem rampas. Por que não há uma rampa na Casa Branca? Os americanos já teriam uma vasta literatura a respeito explicando como subi-la, descê-la, para que lado olhar, onde botar as mãos, qual a inclinação do corpo.

Sarney ainda pensou em telefonar para algum ex-Presidente da República. Médici? Está adoentado. Geisel não fala sobre seus tempos de Planalto e Figueiredo certamente baterá com o telefone na sua cara. Lembrou-se de Jânio Quadros. Desistiu porém quando seu secretário informou que aquela tradicional foto de Jânio, todo torto, com os pés para dentro, foi tirada no momento em que ele ia subir a rampa.

Sem ter fontes de consulta, Sarney passou toda a noite de segunda-feira ensaiando, com a ajuda da família, no terreno atrás do Jaburu.

— Marly, fica aqui ao meu lado. Finge que você é o Bayma Denys. Roseana, minha filha, fique aqui do outro lado. Você é o José Hugo.

Roseana tinha mais o que fazer. Não queria participar do ensaio.

— Seja boa menina, Roseana. Você não quer que seu pai faça feio naquela rampa, quer? — ele gritou para dentro da casa— Mãe! Pode botar o disco!

Sarney pediu que as duas ficassem atentas porque tão logo terminasse o Hino Nacional eles iniciariam a caminhada pela rampa. O hino acabou, D. Marly e a filha saíram caminhando, mas Sarney permaneceu parado. Que foi Zezinho?

— Não sei. Alguma coisa me prendeu. — Sarney passou a mão na testa suada — Foi como se meus sapatos estivessem colados no chão.

A filha sugeriu um novo ensaio. Os três retomaram as posições e Sarney gritou novamente para a mãe colocar o disco. O hino acabou, as duas saíram andando e Sarney continuou imóvel. Parecia um cavalo de corridas refugando no partidor. Que houve agora, Zezinho?

— Não sei se dou o primeiro passo com o pé direito ou o esquerdo.

Tudo em Sarney, na presidência, transmite opressão, peso e uma intensa dramaticidade. Subir uma rampa vira quase que uma façanha de Hércules. D. Marly procurava incentivar o marido.

— Vamos tentar mais uma vez.

Sarney, que estava sentado, abatido, num banquinho, levantou-se e se alinhou com mulher e filha diante da suposta rampa. Gritou mais uma vez para dentro da casa:

— Mãe! Bota o disco!

Nada. Roseane tornou a gritar:

— Vó! Bota o disco!

Nada. D. Marly observou que já eram duas da matina. Sua mãe não é uma **disc-jockey**, Zezinho. Vai ver, pegou no sono. Sarney foi até a janela, esticou o braço e acordou D. Kiola, que roncava na poltrona.

— Só mais essa vez, mãe. Colabora com seu filho.

— Ahn? Uhn?

— Espera até eu dar o aviso.

Os três se alinharam. Sarney então berrou para que a mãe colocasse o disco. Uns 30 segundos e explodiu o som do **Tico-Tico no Fubá**. O ensaio foi interrompido: a mãe do Presidente tinha dormido em cima do disco do hino.

Sarney atravessou a noite de segunda para terça-feira em claro. Passou horas contando ladeirinhas mas não houve jeito de pegar no sono. Levantou-se cedo, tomou seu tradicional café da manhã, misturando melancia com jerimum e macaxeira. Bayma Denys e José Hugo vieram buscá-lo. Sarney beijou a mulher:

— Deseje-me s orte, Marly.

— Não precisa, Zezinho. Você já tem demais.

Sarney perfilou-se ao lado de Bayma e José Hugo ouvindo a banda dos Dragões da Independência executar o Hino Nacional. Ao terminar, Bayma cochichou discreto no ouvido de Sarney:

— Agora, Presidente! Vamos!

Sarney, um feixe de nervos, balançou hesitante, mas não saiu do lugar. José Hugo cochichou do outro lado:

— Agora não dá mais pra recuar. Levante a perna direita e avance firme!

— Mas... ela não obedece ao meu comando? — resmungou Sarney.

— Dá um jeito — voltou José Hugo. — Se ela não obedece o seu comando, que é o Presidente da República, vai obedecer ao de quem? Tente levantar a esquerda, então...

— Tá difícil.

Bayma já estava se sentindo desconfortável com aquela gente toda olhando:

— Faça um esforço. O senhor não pode subir a rampa aos pulos, como um Saci...

Sarney teve vontade de sair correndo e desaparecer. Desde 15 de março, esta era a 58ª vez que ele sentia impulsos de sair correndo. Afinal, depois de uma luta titânica contra as pernas, Sarney saiu caminhando. Atrás de uma pilastra, D. Marly, a velha mãe e a filha se abraçaram felizes:

— Ele conseguiu... ele conseguiu!

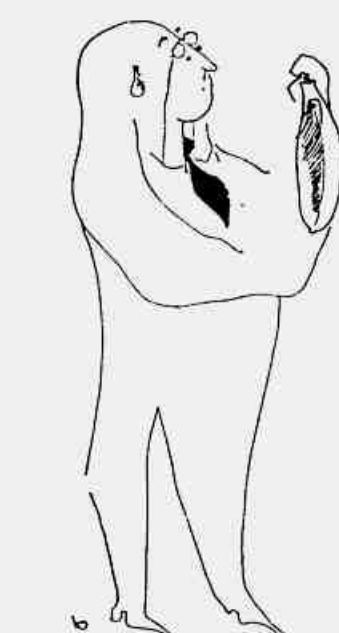
À MESA, COMO CONVÉM

Primeira mostra de comida brasileira

Apicius

É brasileiro tudo que é feito no Brasil. Seja o Cacique Juruna ou o Conselheiro Rodrigues Alves. E seria bobagem dizer que um é mais típico que o outro. Ambos participam do mesmo elenco, só que em papéis diversos. (Mas, em uma ópera, tudo é permitido e a História é antes ópera que ensaio.)

Recentemente — para dizer a verdade, não tão recentemente assim — virou moda só aceitar como brasileiro o que há de mais agreste. É um mal-entendido. O país não está pronto. Aceita sugestões. E anda muito certo Gilberto Freyre ao lembrar que nada é mais brasileiro que o **foot-ball**, um jogo de ingleses. (Bem sei, leitor, que já não é mais moda citar Gilberto Freyre. Mas que posso fazer? Vamos adiante.)

Se o rápido exemplo não basta — leitor insaciável! — aí vai outro. Pegue Gregório de Matos. Deus, os críticos e o mundo (mais os últimos, que Deus não se interessa pelo assunto) apontam o poeta como algo de muito brasileiro. É até louvado. Mas que diz o baiano sobre sua terra? Que é "tão grosseira e crassa / Que a ninguém se tem respeito / Salvo quem mostra algum jeito / De ser mulato." Um racista, talvez? E eis que leio logo depois: "Os brancos aqui não podem / Mais que sofrer e calar / E se um negro vão matar / Chamam despezas." Deus nosso Senhor) Talvez prefira os índios? "Animal sem razão, bruto sem fé, / Sem mais leis, que a do gosto, quando erra, / De paiaiá virou-se em Abaeté."E eis que descobres, leitor literato, que o brasileiríssimo poeta tem horror a pretos, mulatos e índios. Por que não mudou-se para Flandres?

Seria, no entanto, outra bobagem fazer por isto um escarcéu. Nada mais brasileiro que falar mal — e muito — do Brasil e suas coisas. E, se chegamos a um acordo neste ponto, podemor ir para a cozinha. Pois é em assuntos de comida que mais proliferam os mal-entendidos de índole nativista.

Devemos — dizem — fazer no Brasil comida brasileira. Concordo e muito. Nada, por exemplo, mais bobo que uma ceia de Natal importada da Europa. Assim como nada mais detestável que os **Bobs**, os **McDonald's**, as **pizzas**. Não pecam eles, porém, por estrangeiros, mas por primários e grosseiros. Se é justo e sensato defender produtos brasileiros, isto nada tem de nativismo. É questão de bom senso: são mais frescos os produtos daqui. (Embora, às vezes...) E não há por que achar que a manga ou a banana são mais brasileiras que o **champignon** que nasce aqui. A manga vem da Índia e a banana vem da Ásia, via África.

Tudo isto, paciente leitor, me vem à memória por causa desta **Primeira Mostra** de **Comida Brasileira** que se realiza no **Saborear-te**. É um bom restaurante. (Embora tenha, de início, insistido um pouco demais nas frutas asiáticas, servindo manga a torto e a direito). E a mostra parece sensata.

Para elaborá-la, o **chef** Edegar — que acaba de deixar a **Primavera** — teve algumas idéias bem espertas. Uma delas foi adaptar uma bela receita de sopa de batata-baroa, acrescentando-lhe aipim. Nada mais brasileiro, no sentido agradável da palavra. Mas que fazer com o público? Achou que era uma sopa estranha. E foi preciso mandá-la para o limbo.

À falta de tempo e tripas, não pude percorrer a contento o cardápio. Mas dele conheci uma excelente **Salada Alegre de Pitu**, com os bichos metidos entre alguns abacates e verduras diversas. Estive ainda com a **Panela Feita**, onde entram pedaços de tambaqui com cebolas e **champignons**, sob massa folheada. (Isto no começo. Com os dias, o tambaqui acabou substituiram-no por outro peixe mais acessível). Na sobremesa, há lindas carambolas e um ótimo torrão de chocolate.

Lendo ainda o cardápio, nele ainda encontro um **filet** grelhado coberto com queijo de cabra e molho de castanhas do Pará e de caju, que me desperta a curiosidade. Não o provei. Mas, escrito, parece um bom exemplo do que pode ser, sem folclore, a cozinha brasileira. Uma coisa inventiva feita aqui. (Como o futebol, do qual falávamos. E com esta virei sociólogo.)

Saborear-te

Av. Bartolomeu Mitre, 297, loja B. Tel. 511-1345

Cozinha ★★★ **Ambiente** ●●●

Ambiente — Simpático e pequeno. O bar é muito agradável.

Serviço — Razoável.

Pratos recomendados — Os do cardápio: é pequeno. As sobremesas estão ótimas.

Preços — Um **menu** completo, com entrada, um prato quente, uma sobremesa e um copo de vinho, custa Cr$ 70 mil por pessoa. Entradas: Cr$ 25 mil; pratos quentes: Cr$ 40 mil; sobremesas: Cr$ 12 mil.

Horário — De segunda a sexta, depois das 20h. Sábado e domingo, depois das 13h. É bom fazer reserva.

Estacionamento — A casa tem manobreiro. É o do **Antonio's**.

Convenções — **Cozinha**: ★ ruim, ★★ razoável, ★★★ boa, ★★★★ muito boa, ★★★★★ excelente. **Ambiente:** ● simples, ●● confortável, ●●● muito confortável, ●●●● luxo, ●●●●● muito luxo.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Carmem, sua vida valeu!

POR onde andaram os jornais, televisões e fotógrafos que perderam a oportunidade de mostrar uma das cenas mais raras e comovedoras dos últimos dias?

Ei-la: o caixão com o corpo de Carmem da Silva — líder feminista, segue pelas alamedas do cemitério São João Batista. Mas não são os coveiros que o transportam. Não são homens que o carregam. São mulheres. As feministas, unidas, seguram as alças do esquife e vão se revezando no trajeto. Carregar um corpo morto não é só tarefa de homem forte. Carregar o corpo da amiga é ritual fraterno daquelas que conviveram alegremente com o corpo vivo de Carmem.

Aquele caixão que segue amparado pelas mulheres, mais que um objeto, é a incorporação de um símbolo. Por isto, uma das companheiras de Carmem teve um gesto inventivo, bonito. Fez uma bandeira de cetim cor-de-rosa onde o símbolo feminista surgia em purpurina azul. Uma brincadeira ou fantasia alegre e respeitosa. E quando o caixão baixava à sepultura e, em tom de chamada, alguém gritou: Carmem da Silva!, todas as mulheres uníssonas responderam: "presente". O caixão baixava e uma delas ainda falou:

— Carmem, sua vida valeu!

Por isto não sei por onde andaram os jornais, televisão e fotógrafos que perderam a oportunidade de mostrar essa cena rara e comovedora. — Carmem, a sua vida valeu!

Eu a conheci em torno de 1960 em Buenos Aires, quando havia publicado **Fuga de Setembro**. Mas não é sobre isto que quero falar. Estou com aquela frase de adeus em minha cabeça e pensando que é uma bela despedida que qualquer um gostaria de ouvir no último dia. E essa notícia do desaparecimento de uma líder feminista, que fez a cabeça de toda uma geração, cruza com outra divulgada nos jornais: a das 46 mulheres já assassinadas no Espírito Santo nos últimos meses. E não se sabe o que é mais terrível, se os assassinatos em si, ou se a declaração do Secretário de Segurança, Dirceu Cardoso, de que as mulheres assassinadas são as culpadas, pois por serem "provocantes e sensuais" atraíram o(s) assassino(s).

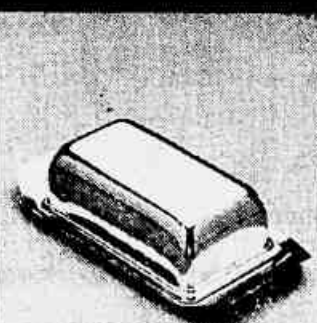
E o Secretário não pára aí. Declara ainda que o número de crimes ocorridos no Estado é reduzido em relação ao número de mulheres. Segundo essa nova filosofia criminal, deve existir uma cota de crimes para cada sexo, raça ou classe social. Será que a estatística dos assassinatos de mulheres ali só seria alarmante depois que liquidassem 50% delas?

Não sei por que, mas essa afirmação só tem paralelo na declaração do presidente da Associação Médica Brasileira, Nelson Proença, que segundo o JB da última quarta-feira, está preparando um relatório sobre a doença e a morte de Tancredo Neves, com o seguinte objetivo: "evitar uma imagem negativa, perante a história, dos médicos e da medicina, devendo-se atribuir a culpa pelo fracasso ao próprio paciente".

Meu Deus! que país é este? que medicina é esta? que polícia é esta? Deixaram morrer o Presidente, em grande parte, por incompetência, e ainda zombam de nós. Será que vamos ter que assistir agora à encenação de um novo inquérito do Rio-Centro, um Rio-Centro médico, onde um major ou médico instruído pelos seus superiores, e em nome dos "superiores interesses", vem nos mentir escancaradamente?

Ah, Carmem da Silva, você se foi a tempo de não ter que ouvir mais esta. Estamos aí praticando aquele tópico medieval, do "mundo às avessas": a mulher assassinada por maníacos é que é culpada, porque é mulher. E, sobretudo, culpada porque se deixou assassinar. Nem o Presidente do país escapa dessa lógica. É Presidente, mas quem mandou? ficou doente, agora que se dane. Médico não erra e a medicina é uma carreira onde só há sacerdotes zelosos, como me lembra em carta um médico que é comunista para uso externo, mas autoritário e stanilista para uso corporativista. É isso: a medicina é maravilhosa, o que atrapalha são os clientes (e os jornais).

— Vale mais uma vida ou a "imagem" da classe médica? Vale mais uma vida, ou a imagem da classe policial? Ah, Carmem da Silva, a nossa vida aqui continua não valendo nada. Mas a sua, valeu.

Foto de Mabel Arthou

Fernando Barbosa Lima e Roberto Parreira: apesar da crônica falta de verbas, o projeto é dinamizar a TVE, dar-lhe nova feição, a partir de julho

Os novos planos para fazer caminhar a TVE

A partir de 1º de julho, uma nova TVE estará no ar. Nova de cara e de espírito. Pelo menos esses são os planos de Roberto Parreira, presidente da Funtevê, e do jornalista Fernando Barbosa Lima, que assumiu, há menos de duas semanas, a direção geral da emissora. As novidades chegarão a todos os 16 canais que formam a rede nacional de televisão educativa. Até o final do ano, outras quatro emissoras serão incorporadas aos Sinred, reforçando o circuito que já está implantado de norte a sul do país.

A dupla sabe que tem pela frente um duro desafio. "A primeira vez que pisei na TVE pensei ter errado de endereço: parecia um hospital. Parada, silenciosa, nada parecida com uma estação de televisão", conta Parreira. Não será fácil desemperrar um órgão que passou anos acomodado, tratando a teleducação com os cacoetes de uma repartição pública. Difícil, também, é fazer caminhar uma rede de televisão com uma verba magríssima, algo em torno de Cr$ 1 bilhão por ano. Basta lembrar que apenas o seriado **O Tempo E O Vento**, da Globo, consumiu cerca de Cr$ 7 bilhões.

São problemas típicos de um país pobre que não pode, segundo Barbosa Lima, traçar o perfil de uma rede educativa com modelos trazidos de fora. A teleducação precisa de soluções novas, pensadas para o Brasil. "Nos países do primeiro mundo, onde o nível de instrução está muito acima do nosso, existe um consenso de que a finalidade da televisão é instruir, informar e, por último, divertir. Mas os problemas desses países são bem diferentes dos nossos, onde existe uma evasão de 50% de crianças entre o 1º e 2º grau. Sobe para 80% depois dos quatro primeiros anos. Temos que imaginar uma televisão que chegue a essas crianças".

O projeto da nova TVE baseia-se em três principais objetivos: a TVE nas escolas, nas emissoras comerciais e como programação aberta. "Os números da evasão escolar mostram que nossas crianças estão, no fundo, apenas aprendendo a assinar seus nomes. Precisam de muito mais que isto para se prepararem para a vida. Cabe a nós a dose de realismo necessária para admitir que, em casa, a criança prefere ver desenhos do Tom e Jerry do que uma programação educativa. Daí a idéia de levar a TVE para dentro das escolas", diz Barbosa Lima.

O projeto começaria com uma grande campanha de doação de aparelhos de televisão para escolas. E, nessa empreitada, a TVE espera poder contar com a ajuda das redes comerciais, com uma audiência indiscutivelmente maior que a sua. Às escolas, amparadas pelas Secretarias de Educação, caberia a organização de salas de televisão. A TV enviaria, em canal aberto, uma programação educativa que ficaria no ar das 7 às 17 horas, diariamente. "Não são aulas tradicionais mas uma forma de programação que dê a essas crianças maiores doses de informações. Em vez de a TVE ficar fazendo programas isolados e penar a falta de audiência, a emissora passaria a se comunicar com um público cativo que, no Rio, soma mais de 2 milhões de crianças".

Dois pontos são fundamentais para o novo diretor da TVE: "atender ao caráter didático de uma rede educativa e fazer a mágica de oferecer uma programação atrativa." Diretrizes do Ministério da Cultura, a TVE deverá continuar com seus programas de treinamento de professores leigos e de 1º grau — Qualificação Profissional — e atendimento à faixa pré-escolar, de zero a seis anos. Mas ao lado desse programação, Barbosa Lima pretende implantar novos programas como Educação no Trabalho, Saúde Preventiva e Educação Para a Cidadania. "Queremos fazer boa parte dessas produções fora dos estúdios, para que o visual dos programas seja mais agradável. É isso que faremos com a aula de inglês que passará a ter o título **I Love You**."

Encerrada a programação didática, a TVE coloca no ar, a partir das 17 horas, três horas de atrações infantis com Daniel Azulay, Carequinha, pequenos desenhos animados, filmes de Chaplin, enfim o que possa agradar à criança. Às 20 horas, de segunda a sexta-feira, será apresentado **Eu Sou O Show**, música e informações sobre o que estiver fazendo sucesso nos teatros naquela semana. O jornalismo começa às 20h30min, ao vivo. "Faremos um noticiário com boa qualidade de informação. Mais tarde, às 22h15min, entra outro noticiário: Os Editores. Para essa faixa, serão convidados os maiores especialistas do país para comentarem as principais notícias do dia. O terceiro horário de jornalismo fica com o programa **1985**, às 23h15min. Só que ele toma a forma de um grande **show** de notícias. Para fechar a programação, a TVE coloca no ar às 24h15min **O Melhor da TV**, mostrando as boas produções da televisão comercial", conta Barbosa Lima.

Tanto Roberto Parreiras quanto Barbosa Lima pretendem manter uma boa relação com as redes comerciais. "Por que não?", perguntam eles. "Afinal, a TVE não tem a menor intenção de estabelecer uma disputa de audiência com esse outro tipo de público. Poderemos apresentar programação produzida por elas e a TVE quer produzir pequenas peças de utilidade pública para serem veiculadas pelas comerciais", diz Parreiras. Esses programetes, de acordo com os planos, podem abranger a medicina preventiva, o mercado de profissões ou simplesmente serviço como indicações dos caminhos para tirar carteira de motorista ou título eleitoral. Nas televisões comerciais, ao contrário da TVE, esses programas podem ser patrocinados.

Quanto a transformar a TVE numa televisão aberta, Fernando Barbosa Lima pensa em incluir em sua programação o trabalho de produtores independentes e criar muitos horários para o debate dos mais variados temas. De política e economia a cinema, música e teatro. "Sei que não é fácil mas imagino uma televisão extremamente dinâmica e moderna, caminhando ao lado de uma televisão experimental que pudesse revelar novos valores. Uma televisão a serviço do país".

JORNAL DO BRASIL

ESPECIAL

Rio de Janeiro -- Domingo, 5 de maio de 1985

A guerra e as guerrilhas políticas

Pela primeira vez, no Brasil, publicam-se trabalhos sobre a participação da FEB na II Guerra Mundial apoiados em fontes estrangeiras. Os arquivos alemão e britânico guardam papéis desfavoráveis à atuação da FEB.

SÓ através dos jornais os militares ingleses ficaram sabendo que o Brasil ia à guerra, em 1943, e se opuseram imediatamente. Foi necessária uma intervenção direta do **Premier** Winston Churchill, em maio de 1944, para que pudesse ser vencida a resistência dos diplomatas e oficiais britânicos ao envio de soldados brasileiros à Itália.

Surpreendido com a notícia de que o Brasil se preparava para mandar tropas, a princípio, o governo britânico não queria acreditar que os americanos estivessem dispostos a bancar a aventura. "Vamos deixar que a participação de brasileiros seja uma dor de cabeça dos americanos", dizia um alto diplomata inglês num memorando interno, em 1944.

Embora aceitassem de bom grado, por motivos políticos, a entrada do Brasil na guerra, os britânicos achavam que o envio de aviões ou soldados para lutar contra os alemães não era militarmente necessário. Ao contrário, eles preferiam que os meios de transporte colocados à disposição dos brasileiros fossem utilizados para levar soldados americanos na invasão da Normandia, em junho de 1944.

Estes são mais alguns dos detalhes e evidências que continuam saindo em profusão de arquivos britânicos, abrangendo um período da história brasileira que ainda precisa de mais atenção: a participação de tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na frente italiana, em 1944 e 1945. Fugindo à norma de 30 anos, alguns dos documentos britânicos relativos à FEB estarão bloqueados até 1996 e encontram-se no cofre de segurança do Public Records Office, de Londres. Contudo, o que é de acesso público é suficiente para pintar um quadro prosaico do relacionamento entre as duas grandes potências ocidentais da época no que tange à participação de brasileiros na guerra.

Os britânicos ficaram ofendidos, por exemplo, quando os americanos proibiram a venda do célebre caça inglês **Spitfire** à Força Aérea Brasileira, embora a encomenda visasse apenas seis exemplares. A troca de correspondência entre os ministérios britânicos, por um lado, e o governo britânico e a Embaixada brasileira, por outro, revela que os britânicos suspeitavam de interesses puramente políticos e comerciais, por parte dos americanos, atrás de sua proibição (o Brasil acabou empregando caças norte-americanos **P-47 Thunderbolt**).

DE qualquer maneira, os britânicos identificavam óbvia dose de cinismo e oportunismo nas promessas americanas (nas quais se recusavam a acreditar até fevereiro de 1944) de que o Brasil iria mesmo à guerra. Por detrás do pronunciamento de autoridades americanas, os britânicos viam principalmente a tentativa de transformar o Brasil no principal parceiro e aliado dos Estados Unidos na América do Sul, em parte como elemento de controle sobre a Argentina.

"De maneira geral, o Departamento de Estado quer que o Brasil ajude os EUA a manter a América Latina em linha, através do reforço do prestígio brasileiro na região e da concessão de algum lugar para o Brasil em algumas das organizações internacionais que estão sendo criadas agora", dizia, em 1945, uma avaliação das relações entre o Brasil e os Estados Unidos, preparada pela Embaixada britânica em Washington.

Na apreciação inicial do esforço de guerra brasileiro, o Embaixador britânico em Washington mandara a Londres, em princípios de 1944, memorando dizendo que os Estados Unidos estavam "atrelando" o Brasil como seu principal parceiro sul-americano:

"O Exército brasileiro queria, naturalmente, receber suas armas ainda no Brasil, de maneira a ser uma força moderna e equipada enquanto treinasse, mas os Estados Unidos tinham outras idéias a respeito. A falta de navios foi uma excelente desculpa. Por isso, foi sugerido que apenas treino elementar fosse dado no Brasil, com o equipamento sendo suprido quando as unidades estivessem fora".

Do Rio, o adido militar britânico mandava relatórios afirmando que o "homem da rua" brasileiro tinha pouquíssimo interesse pela guerra no estrangeiro. "Há muitos **slogans** nas ruas dizendo que é melhor lutar pela democracia em casa do que se engajar em combates por liberdade e democracia no ultramar. Além disso, os brasileiros não têm homens ou recursos para treinar uma grande força, embora eu ache que uma força simbólica de uma ou duas divisões acabarão sendo embarcadas", escreveu o adido.

Quando, finalmente, percebe-ram que os americanos iam, de fato, ajudar os brasileiros a combater na Itália, os britânicos adotaram a tática do bloqueio. Em Washington funcionava, naquela época, o Estado-Maior Conjunto aliado, cujas decisões eram tomadas num difícil processo de obtenção de consenso ou por votações. Nos papéis do Ministério das Relações Exteriores britânico (Foreign Office) e nos documentos do Ministério da Guerra (War Office) desse período (1944) registra-se a rápida cristalização da opinião de que a participação brasileira era "indesejável".

Os britânicos inicialmente votaram contra a ida de brasileiros à guerra, alegando que os recursos que pudessem ser colocados à sua disposição seriam melhor empregados na operação **Overlord** (a invasão da Normandia). Contudo, a 1º de maio de 1944, reagindo prontamente a um longo telegrama do Secretário de Estado americano, Cordel Hull, o chefe de Governo britânico alterou as disposições de seus subordinados.

"Eu sou pelo emprego o mais rápido possível dos brasileiros, respeitando as condições de combate. Não se deve falar de uma força simbólica", escreveu Churchill.

Os britânicos assistiram em silêncio ao embarque dos brasileiros, com seu adido militar no Rio queixando-se de não ter recebido lugar apropriado para assistir à festa de despedida. Churchill até visitou o primeiro escalão de brasileiros desembarcados no Sul da Itália, em agosto de 1944. O interesse dos diplomatas britânicos pela FEB assumiu novos contornos em dezembro de 1944 — por coincidência ou não, justamente quando os brasileiros experimentavam os insucessos diante do Monte Castelo, nos Apeninos.

O Foreign Office solicitou ao War Office um relatório sobre o desempenho dos brasileiros. O War Office não tinha informações disponíveis e as pediu ao diretor de inteligência militar. Por sua vez, esse diretor pediu ao Quartel-General das Forças Aliadas, em Florença, que mandasse a Londres informações sobre os brasileiros em combate. Quem acabou escrevendo o relatório foi o Destacamento de ligação brasileiro, um grupo de oficiais americanos encarregados de instruir e observar a FEB. O relatório, englobando as ações malsucedidas de novembro a dezembro de 1944, chegou a Londres em fevereiro de 45.

"É evidente que os brasileiros até agora não experimentaram combates sérios", observou um diplomata inglês. Chamou em especial a atenção dos britânicos o fato de que as baixas em combate brasileiras (um total de 939 mortos, feridos e desaparecidos de setembro ao final de dezembro) eram superadas em duas vezes pelas baixas ocorridas fora de ação (2.114). No período inicial de 45, houve intensa correspondência entre o Foreign e o War Office sobre o desempenho dos brasileiros em combate. As cópias que chegaram à Embaixada no Rio foram queimadas em abril de 45. Os originais são provavelmente os documentos que permanecerão fechados até 1996.

POR outro lado, os britânicos nunca fizeram questão de esconder sua pouca simpatia pelo regime de Getúlio Vargas. A Embaixada no Rio tinha poucas esperanças de que Vargas iniciasse um "genuíno" processo de democratização. Ao contrário, as promessas de eleições presidenciais eram encaradas como truque para satisfazer as potências ocidentais, "e os Estados Unidos de maneira alguma estarão surpresos ou desapontados se Vargas permanecer com as rédeas do regime na mão", observava a Embaixada britânica em Washington.

Óbvia importância o Foreign Office atribuía também a informações de bastidor recebidas pela BBC, em Londres, através de seu correspondente junto à FEB, Francis Hallawell. Com cuidados para que sua correspondência não caísse em "mãos erradas", Hallawell dirigia relatórios escritos à máquina, sem data ou assinatura, encaminhados a Londres. Pelo menos um deles foi mandado por seu chefe para o Governo britânico, e tratava justamente do que aconteceria quando oficiais da FEB regressassem ao Brasil.

"O medo de que os oficiais da FEB possam acelerar o processo de democratização levou o Governo a colocar em prática um acurado sistema de substituição, pelo qual oficiais servindo no ultramar serão substituídos em rotação, e quando retornem ao Brasil são dispersados cuidadosamente para diversas regiões. Trata-se de um plano elaborado para quebrar a FEB como unidade", afirma o relatório do correspondente da BBC.

Hallawell dispunha também de informações sobre as preferências americanas em relação a um possível substituto de Vargas. Em sua opinião, o General Cordeiro de Farias teria sido o favorito de Washington. Ele fora inclusive condecorado ("pela repressão à Quinta Coluna no Sul"), discretamente numa cerimônia à qual, para surpresa do próprio Hallawell, nenhum jornalista tivera acesso.

"Por tudo isto", conclui, "será interessante ver o que realmente acontecerá quando a FEB regressar ao Brasil. A maior parte dos soldados aqui acredita que as potências aliadas terão uma atitude firme nessas questões, insistindo em que um governo democrático tem de ser democrático no espírito e na letra".

WILLIAM WAACK
Correspondente do JORNAL DO BRASIL em Londres

William Waack
AS DUAS FACES DA GLÓRIA

QUEM foi o adversário alemão da Força Expedicionária Brasileira, na 2ª Guerra Mundial e como avaliou os pracinhas? Que opinião tiveram os aliados ingleses e americanos sobre o desempenho dos militares brasileiros? Qual a verdadeira importância dos principais episódios dos quais a FEB participou?

"As duas faces da glória", livro que William Waack está lançando na próxima quarta-feira pela Editora Nova Fronteira, no Rio, oferece respostas preliminares a essas questões. A versão que apresenta o correspondente do JORNAL DO BRASIL na Alemanha e, mais tarde, na Inglaterra, contrasta fortemente com as narrativas oficiais e elogiosas sobre a Campanha da Itália.

"A tarefa de narrar a campanha da FEB, bem como a de interpretar os fatos, continua quase exclusivamente a cargo dos protagonistas brasileiros de então. Raramente, nos trabalhos publicados no Brasil, fez-se uso de fontes estrangeiras, nem houve, aparentemente, preocupação em cotejar a versão oficial e laudatória com o relato de alemães e americanos", diz o autor, na introdução do livro.

Durante mais de um ano, foram pesquisados arquivos oficiais e particulares na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Pela primeira vez nas últimas quatro décadas, sobreviventes alemães das lutas no Monte Castelo e no Norte da Itália foram encontrados e entrevistados.

O resultado é um material inédito que permite corrigir muito do que se vem dizendo nos últimos 40 anos sobre a participação de brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Destaca-se, no acervo pesquisado, quase uma centena de relatórios confidenciais ou secretos sobre a FEB, elaborados por oficiais americanos encarregados de instruir e observar os brasileiros.

Os americanos dedicaram-se a analisar a FEB em todos os seus detalhes. Da bota ao capacete (passando pela roupa interior), do fuzil ao canhão, da higiene às rações, dos soldados aos generais, da Infantaria à Artilharia, da mentalidade à disciplina, não deixaram quase nada sem um comentário por escrito.

Na fase inicial dos combates, marcada por alguns insucessos da FEB, os americanos destacaram a pouca experiência dos brasileiros, a incompetência dos oficiais superiores, a falta de iniciativa dos oficiais inferiores, o mau treinamento e preparo da tropa, a péssima manutenção de armas e equipamentos, a ausência de planejamento, a deficiente cooperação entre Infantaria e Artilharia e, finalmente, a recusa em aprender dos erros cometidos.

Mais tarde, com a entrada em ação de uma Divisão de elite americana (a 10ª de Montanha) ao lado dos brasileiros, além da execução de um programa especial de treinamento, os oficiais americanos acabaram melhorando substancialmente sua opinião sobre a FEB, embora o Alto Comando Aliado a tivesse vetado como tropa para participar da ocupação da Áustria.

Foi, contudo, um longo caminho até que o relacionamento entre oficiais americanos e brasileiros pudesse superar parcialmente o estágio das divergências e desconfianças mútuas. Em muitos relatórios, os americanos deixaram transparecer notável pedantismo e arrogância em relação aos brasileiros, formando do pracinha a imagem do homem apático, mal arrumado, pouco preocupado com sua higiene pessoal — apesar da coragem que os americanos lhe atestam em alguns momentos.

A julgar pela narrativa americana, a FEB não participou, de qualquer maneira, de ações decisivas em termos estratégicos. O fracasso inicial diante do Monte Castelo, em 1944, levou a que os Estados Maiores aliados atribuíssem à FEB papel apenas secundário em fevereiro de 1945, quando uma tropa de especialistas americanos foi trazida à região para a tomada de algumas elevações nos Apeninos — entre as quais não era o Monte Castelo a de maior destaque tático ou geográfico.

Essa versão coincide com a apresentação alemã da campanha dos Apeninos. Momento heróico e glorioso na história das Forças Armadas brasileiras, para os alemães Monte Castelo passou sem registro. A atenção dos comandantes alemães estava dirigida para outra montanha, o Monte Belvedere, distante 4,5 km dali. As encostas onde os brasileiros sofreram pesadas baixas, até conquistá-las, em fevereiro de 45, eram para os alemães o anônimo 101/19, ou seja, o ponto 19 do quadrado 101 da 7ª edição do mapa em escala 1:100 000, utilizado pelo 14º Exército alemão em novembro de 1944.

Sobraram poucos documentos oficiais alemães. A maior parte queimou depois de ataque aéreo aos arquivos de Potsdam, em abril de 45. Mesmo assim permitem — ao lado de diários pessoais, relatórios de prisioneiros de guerra e depoimentos de sobreviventes — reconstituir as principais ações do lado alemão. Cotejados com os relatórios do Serviço de Inteligência aliado, esse material possibilitou também determinar com exatidão que tipo de adversário os brasileiros enfrentaram.

Eram unidades alemães compostas às pressas e sem recursos, com veteranos acima dos 40 anos ou jovens abaixo dos 17, desmotivadas, mal equipadas, mal armadas, com pouca munição, reduzida mobilidade (sobretudo com cavalos), mal treinadas, sem a menor experiência de combate em montanha, jogadas numa frente que o Alto Comando alemão, em Berlim, considerava sob todos os pontos de vista secundária.

Os veteranos alemães guardaram pouca memória da FEB, que não chegou a impressioná-los decisivamente por sua capacidade de combate. Entre os oficiais entrevistados (comandantes de regimento e batalhão, além de oficiais de Estado-Maior de Divisão), uma grande parte sequer sabia que havia lutado contra brasileiros, pensando tratar-se de tropas americanas. Os que se recordam dos pracinhas, contudo, guardaram a imagem de soldados corretos.

"A idéia subjacente ao livro", assegura o autor, "não é a de reacender monótonas polêmicas entre diversas facções militares ou dar apoio a diferentes versões particulares a respeito de indivíduos ou episódios isolados. Este trabalho é dirigido em primeiro lugar à minha geração, que é chamada agora a participar da direção dos destinos de seu País e desconhece a própria história. Minha pretensão é pintar um quadro do que ocorreu em 1944, para entender também o que veio em 1964, e ambos os fatos são fundamentais para a compreensão do Brasil de 1985".

FELIX DE ALHAYDE

A guerra, os homens e as glórias

Mas, os italianos que foram testemunhas da guerra são copiosamente favoráveis à participação do Brasil no conflito. Elogiam a bravura e o humanismo dos soldados brasileiros e os recordam com carinho e saudade

Fotos de Araújo Netto

OS jovens de Porretta Terme não sabem e custam a acreditar no que os velhos contam: que há 40 anos os brasileiros importantes e conhecidos em sua cidade não eram jogadores de futebol. Foram soldados que fizeram a guerra contra os alemães.

"Ma va"... Repetem, incrédulos, sempre que um "velho" de 60 anos insiste, e indica-lhes o casarão antigo, hoje com fachada pintada de verde e amarelo, do "Albergo delle Terme" (especialmente aquelas duas janelas centrais, à direita):

— Era ali a sede do quartel-general avançado do General que comandava a divisão brasileira que integrava a força multinacional do V Exército dos aliados. Um certo De Morais, Mascarenhas. Um homem baixinho, com óculos sem aros, muito sério e enérgico.

Mesmo entre os velhos de Porretta Terme há muita imprecisão. Poucos são capazes de recordar exatamente o tempo que transcorreu entre a chegada e a despedida daqueles soldados brasileiros que substituíram os americanos numa das áreas mais difíceis e vitais da II Guerra Mundial na frente italiana. Aquela difícil e perigosa "Linha Gótica", que tantas vidas exigiu antes de ser rompida.

São poucos os que se recordam que foram 107 os dias porretanos da Força Expedicionária (FEB), do 6 de novembro de 1944 ao 21 de abril de 1945. Por falta de exercício, mesmo entre os velhos de Porretta Terme essa memória vem se esfumando. Mais nítida, embora ainda hoje pouco compreensível, eles guardaram a lembrança de um símbolo, do emblema que os soldados brasileiros usavam em suas fardas: aquela cobra fumando do cachimbo, sobre a qual se podia ler a palavra Brasil.

Ainda hoje não é fácil explicar para velhos e moços de Porretta o senso de humor que prevaleceu na escolha de um símbolo tão pouco marcial. Do calor, do sufoco que foi aquela aventura bélica para um povo sem formação ou tradição guerreira.

— Infelizmente essa perda de nossa memória não se verificou só com os brasileiros. Nesses 40 anos, o Brasil nada fez para evitar que esquecêssemos o que devemos àqueles seus soldados. Mas a culpa maior é nossa, que deveríamos ser mais interessados e nada fizemos para fixar, através de testemunhos que estão desaparecendo, essa memória que é parte importante da nossa cultura. Somos nós que temos mais a perder.

É Dr. Edolo Melchione, ex-**partigiano**, atual Presidente da "Azieña di Turismo di Porretta Terme", quem se lamenta nessa autocrítica feita no **hall** do Hotel Sassocardo. Ele só saiu de sua cidade, nesses 40 anos, para breves viagens. É dos poucos que viveram em Porretta Terme antes, durante e depois da guerra. Há 40 anos conheceu e fez amizade com muitos brasileiros. Com alguns deles, aprendeu até algumas palavras de português: faca, feijão, sambar, cobra, cigarro, bonito, feio; e alguns palavrões.

Lembra-se de quase tudo, salvo de alguns nomes daquelas pessoas. Preservadas, muito mais vivas conservou as reações orgânicas e sensuais que pelo resto de sua vida estarão ligadas aos brasileiros. Como as recordações do aroma do café, do gosto do chá amargo, de uma tragada dos cigarros que os soldados brasileiros recebiam e dividiam com a gente de Porretta.

ENTRE os soldados brasileiros e nós — diz o Dr. Melchione — criou-se facilmente uma relação de estima e compreensão. Eles entenderam logo que éramos uma população leal. Os episódios de espionagem entre nós, naqueles dias, foram raros, muitas vezes foram resultados mais de suspeitas do que de certezas. Para nós, italianos de Porretta, a melhor filosofia naquele momento era a de sobreviver. Não tínhamos nada, tínhamos sido abandonados à nossa sorte; sendo um território de montanhas, não éramos um território rico. Nossa indústria tinha ido embora. Uma grande parte da população era de indigentes. Com os brasileiros foi logo fácil estabelecer boas relações, principalmente porque por natureza e índole eram generosos. Fizeram ver imediatamente essa sua generosidade. Não exagero se reconheço que naqueles três meses de guerra que passaram conosco, devemos a eles a nossa sobrevivência.

Várias vezes, interrompendo-se, o Dr. Melchione advertiu-nos que não contava essas histórias para ser gentil. Era a primeira vez que nos víamos e falávamos, há muito tempo ele não encontrava e conversava com um brasileiro em Porretta — mas o que dizia correspondia a uma necessidade, ao dever de testemunhar honestamente.

— Nem o tempo que passou nem a falta de outros contatos com brasileiros — prossegue o Dr. Melchione — podem alienar-me da experiência que tive com eles entre novembro de 1944 e fevereiro de 1945. Penso que os conheci bem e em circunstâncias as mais diversas. Numa antiga casa de nossa família, vi inclusive muitos deles mortos. Naquela casa, transformada em necrotério, ajudei inclusive a preparação daqueles cadáveres para serem levados à sepultura.

É ainda o Dr. Edolo Melchione quem nos diz o que Porretta Terme ofereceu aos brasileiros há 40 anos. Na verdade, o mais desagradável.

— Além da guerra, o nosso inverno com muita neve. Hospitalidade que jamais deveríamos dispensar, principalmente a eles, homens dos trópicos, que não conheciam a neve nem sabiam como proteger-se dela e viver com ela. Foi nessas circunstâncias que conhecemos toda a humanidade daqueles soldados. A neve naquele inverno chegou com atraso. Quando muitos dos brasileiros que tinham recebido um vestuário bom e adequado para enfrentá-la, já o haviam doado a nós, que não tínhamos nada. Nem o que comer nem o que vestir. Em minha própria casa, fui testemunha de um desses exemplos de generosidade do soldado brasileiro. A um deles que nos visitava, meu sogro perguntou se não seria possível obter uma camiseta de lã pura. Sem pensar duas vezes, nosso hóspede começou a despir-se para oferecer a sua camiseta ao meu sogro. Difícil foi interromper seu gesto de solidariedade.

— O mais triste — lamenta o Dr. Melchione — é que se perdeu a memória de tudo isso. Os jovens, quando ouvem essas histórias, não nos acreditam; pensam que lhes estamos contando fábulas. Se alguma coisa não for feita, e rapidamente, por nós e possivelmente por alguma iniciativa brasileira, todo esse patrimônio pode ser perdido.

A Porretta Terme que visitamos agora é uma das mais tranqüilas, prósperas e humanas das pequenas cidades italianas. Suas águas sulfurosas não são remédio apenas para fígados, intestinos, estômagos e reumatismos burgueses. Estão na base da reconstrução e do desenvolvimento da cidade. Porretta destes dias não é só uma estação termal. É uma verdadeira e bem administrada indústria termal, produtora de bem-estar, com resultados econômicos e sociais que a fazem um caso excepcional, até mesmo no quadro da crise italiana.

— Aqui, até o índice de desemprego é muito inferior ao do resto do país — diz-nos Luciano Masini, outro porretano que não esqueceu os brasileiros de 40 anos atrás.

Em Porretta Terme, o "albergo"(D) que foi quartel-general do General Mascarenhas de Morais

Monte Castelo, ao fundo

Da imagem que, através da FEB, se projetou do Brasil de 40 anos atrás, falou-nos Renato Manglia, filho de camponeses, outro ex-**partigiano** que só depôs as armas e parou de lutar no dia em que os americanos entraram em Porretta Terme, antes dos brasileiros.

Renato Manglia foi prefeito de Porretta Terme durante dez anos, de 1972 a 82. Há 40 anos foi anfitrião e companheiro de muitos pracinhas da FEB. A velha casa de seus pais, na "borgata" Centro de Corvela, a dois quilômetros do Centro de Porretta, na direção de Sila, foi usada como alojamento e posto de observação para militares americanos e brasileiros nos dias mais perigosos da II Guerra.

Manglia não esquece que os brasileiros em pouco tempo passaram a chamar os alemães de "tedescos", assimilando o termo italiano. Lembra-se ainda que gostavam de canivetes e relógios antigos — e que só perdiam o bom humor se lhes recordavam que os italianos tinham ganho a última Copa do Mundo de futebol, disputada em 1938 na França. Inclusive derrotando o time do Brasil.

— Nesses momentos nos ofendiam: diziam que éramos **"spia do tedesco"**, lembra Manglia.

O soldado brasileiro foi o terceiro estrangeiro que Manglia conheceu em Porretta Terme durante a II Guerra Mundial.

— Antes dele, tínhamos conhecido o alemão e o americano, e há muito já sabíamos como era o nosso, italiano. Os alemães chegaram prontos para comandar tudo e todos. Um cabo deles era capaz de dar ordens e governar toda uma cidade. O americano, via-se logo: era um soldado que tinha tido um bom treinamento e apresentava-se com todas as características do profissional autêntico. O brasileiro parecia-se demais com o nosso soldado. Dava imediatamente a impressão de não ser um guerreiro no senso pior da palavra. Era um militar que se limitava a cumprir seu dever, e contemporaneamente conservava uma carga humana que não permitia ver nele apenas um soldado. Comunicar-se, relacionar-se com ele, com o homem que era mais forte do que o militar, foi quase sempre a nossa primeira reação. Só peço que se observe e sublinhe uma coisa importante: estou falando de um soldado brasileiro que conheci e vi em ação na primeira linha em combate. Não um soldado de brinquedo, diz Renato Manglia.

Foi também esse homem e soldado que transmitiu a Renato Manglia, e a tantos outros italianos como ele, a primeira ilustração que tiveram em suas vidas sobre o Brasil:

— Recordo-me de homens baixos e altos, brancos, negros e mestiços. Por eles, a guerra nos fez ver um Brasil que se apresentava com todas as suas diversidades. Outra impressão que conservo muito nítida do soldado brasileiro que esteve em Porretta e, em várias ocasiões, dormiu em nossa casa, é a da sua religiosidade. Eram mais religiosos, mais católicos do que nós; antes de ir para o front, isolavam-se para rezar. Suas fardas eram cheias de orações e imagens sagradas.

Dentro de sua casa na Borgata de Corvela, que primeiro foi posto de observação (de uma janela se dominava toda a cidade de Porretta) e depois foi local de repouso para soldados que voltavam da frente de combate, Renato Manglia foi testemunha também das difíceis relações entre os soldados americanos e brasileiros, dois aliados que nem sempre se entenderam bem quando não lutavam juntos contra o mesmo inimigo.

DURANTE 15 ou 20 dias, não me lembro exatamente, nossa casa em Corvela foi alojamento para alguns militares americanos. Quando os brasileiros chegaram para substituí-los, a mesma acolhida que dispensávamos aos americanos passamos a dar a eles, que em pouco tempo se transformaram nos hóspedes mais agradáveis, cordiais e solidários que podíamos desejar. Nós, que vivíamos em estado de penúria quase total, e que aos soldados aliados só podíamos oferecer algumas camas limpas e o calor de nossa casa, dos brasileiros passamos a receber tudo, e do melhor. Tanto que minha mãe passou a vê-los e tratá-los com filhos que a guerra lhes tinha trazido de um país do qual nunca tínhamos ouvido falar.

— O que estou a contar aconteceu num dia em que em nossa casa se encontravam quatro brasileiros, aquecendo-se ao redor de um fogão a lenha, duas semanas depois que tinham substituído as tropas americanas.

— Foi aí — recorda Renato Manglia — que chegaram seis americanos em repouso, nossos hóspedes em outros dias, que vinham nos fazer uma visita de cortesia. A primeira coisa que fizeram foi protestar contra a presença "daquela gente", no caso os quatro brasileiros. O mal-estar de minha mãe não durou muito porque, em seguida, cheguei e pude reagir como ela não teve coragem de fazer. Disse aos americanos que aqueles brasileiros eram soldados e amigos que tínhamos o prazer de receber em nossa casa. Não podíamos admitir que fossem insultados por ninguém. E por isso pedia a eles (americanos) que saíssem logo de nossa casa.

— Não posso esquecer as duas reações dos brasileiros. A primeira, de surpresa, de perplexidade total. Tinham compreendido o protesto dos americanos, mas, por respeito a nós e constrangimento, não haviam esboçado qualquer gesto ou palavra de indignação. A segunda reação foi de satisfação e felicidade. Não ficaram só comovidos, mas agradecidos à atitude que tínhamos assumido.

O testemunho de Renato Manglia sobre as relações dos soldados brasileiros com seus aliados americanos estimulou outro, do médico Edolo Melchione. Os dois se encontravam sentados à mesma mesa de café, reunidos por nós, para recordar a guerra feita pelos brasileiros na Itália.

As relações dos soldados brasileiros com os americanos eram de pura e simples conveniência. E isso percebemos imediatamente, diz o Dr. Edolo Melchione.

Continua na pág. seguinte

No quarto assalto, os soldados brasileiros conquistaram Monte Castelo. Perto dele, passava a estrada que ia de Florença a Modena, pela qual passou Carlos Magno na noite de Natal de 800, depois de ter sido coroado imperador pelo Papa.

— A primeira coisa que irritou os americanos foi o fato de a praça de Porretta Terme ter sido confiada aos comandantes militares brasileiros. A idéia de dever submeter-se ao comando brasileiro foi imediatamente uma causa de incompreensões, desconfianças e até de irritação. Os americanos não aceitavam a idéia de abrir mão do comando que tinham exercido em Porretta. São muitos e variados os episódios que nos fizeram compreender a situação das relações entre americanos e brasileiros. Posso contar alguns que dão a dimensão do fato.

Prossegue o Dr. Edolo Melchione: — Os americanos tinham regras que não permitiam outras interferências nas suas atividades. Há um episódio, muito desagradável, de que me lembro bem: no **Hotel Campana**, que existe ainda hoje, funcionava um clube de sargentos americanos. Era freqüentado por suboficiais americanos que combatiam durante o dia e, à noite, bebiam e comiam naquele salão. Tudo animado por uma orquestra. Bailava-se todas as noites. Naturalmente os americanos podiam receber hóspedes italianos, cuidadosamente selecionados por eles. Eu me lembro que num fim de tarde, estava ali, conversando com alguns sargentos americanos, quando dois brasileiros tentaram entrar. Devo dizer que tentaram entrar de modo violento, pelo menos provocador. A polícia militar do local era comandada por um certo Mike Zampino, de Ohio, que dizia ter lutado com Joe Louis. Por duas ou três vezes, Zampino tentou impedir o ingresso dos brasileiros, que não desistiam da idéia de entrar no local. Até que a um certo ponto, Zampino desferiu dois socos contra eles. Lembro-me, ainda hoje, que um dos brasileiros, atirado ao chão, cuspiu dois dentes, ensangüentados, que tinham sido quebrados pelo americano.

— OUTRO episódio — continua o Dr. Edolo Melchione — mais significativo, que diz bem o que era a mentalidade americana em relação ao seu aliado brasileiro, devo referir como médico. Tinha me feito quase amigo de um oficial médico americano que tinha sua barraca de acampamento lá embaixo, no leito do rio. Lá, eu podia encontrar e dispor de todos os tipos de instrumentos médicos, remédios, tudo o que para nós, naqueles dias, era precioso. Um dia, visitando esse hospital de emergência, fui surpreendido pela presença de dois estranhos e grandes vasos de vidro. Dentro deles, vi cérebros humanos conservados no formol. Graças à quase amizade que se tinha estabelecido entre nós (entre outras coisas, já o havia convidado a jantar em minha casa), perguntei-lhe sem constrangimentos: de quem são esses cérebros, onde os recolhestes, serão de alemães? Não, não — disse o americano. "Esses são cérebros brasileiros".

— Sua resposta me perturbou muito. De repente estabeleci uma relação entre ela e uma conversa que tínhamos tido poucos dias antes, durante a qual aquele oficial médico americano me confessou não saber explicar o que estava fazendo aqui, em Porretta Terme, participando de uma guerra que, na sua opinião, não se devia fazer contra Hitler mas contra os judeus.

Mas, se a memória dos jovens e até dos velhos de Porretta Terme é falha, esfumaçada, imprecisa a respeito da presença e da luta dos brasileiros na guerra de 40 anos atrás contra o fascismo e o nazismo, em Bolonha ainda hoje se encontra um homem, o advogado Francesco Berti Arnoaldi Veli (Via Solferino), que não esquece dos pracinhas da FEB.

Há pelo menos seis anos, o advogado Francesco Berti Arnoaldi Veli, proprietário do Monte Castelo, vem teimando em ver sua gratidão aos pracinhas da FEB reconhecida pelo Governo brasileiro.

Em 1944 ele tinha 18 anos de idade e era **partigiano** numa pequena brigada antifascista com um nome grande e solene. "Justiça e Liberdade". Formada por rapazes de Gaggio Montano, cidadezinha do Alto Apenino bolonhês, onde se encontra Monte Castelo, a meia hora de automóvel de Porretta Terme. Na Itália de hoje, dificilmente se encontrará outro italiano que saiba e reconheça a importância que aquele Monte Castelo — que lembrava o "espinhaço de um burro" — teve para a libertação de Bolonha e a derrota militar do fascismo em todo o país.

Na carta que escreveu ao arquiteto Oscar Niemeyer, em 29 de maio de 1979, convidando-o a projetar e erguer o monumento ao pracinha brasileiro em qualquer terreno do Monte Castelo, o advogado Arnoaldi Veli não se limita a recordar, como ninguém fez ou faz ainda agora na Itália, a importância e a história de Monte Castelo, que os historiadores contemporâneos ignoram, ou na melhor das hipóteses consideram um dos episódios mais insignificantes da II Guerra Mundial.

Em meados de outubro de 44, os alemães poêm-se em retirada e abandonam Gaggio Montano, libertada pela brigada "Justiça e Liberdade". Esperávamos que os americanos do V Exército chegassem, que a guerra terminasse. Mas, por decisão estratégica, todo o **front** italiano pára. Liberta, Gaggio Montano permanece dividida em dois **fronts**. Metade americano, metade alemão. Ao alto, sobre a crineira que divide Bolonha de Modena, se instalam e fortificam os alemães. Ali ficam por todo o longo e branco inverno de 1944-45. A posição-chave da linha fortificada alemã é lá em cima, o Monte Castelo, que domina todo o vale. Um Monte doméstico, cheio de pacíficos castanheiros, cheio de história escondida. O seu nome é antigo, porque na Idade Média, sobre o seu cume, surgia o Castel Leone, importante ponto na geografia militar das lutas entre cidades. Na sua base passava a estrada que de Florença levava a Modena, pela qual passou Carlos Magno na viagem de volta da França, depois de ter sido coroado imperador pelo Papa em Roma, na noite de Natal do ano 800.

Conheço bem essas histórias, como conheço bem as pedras e os castanheiros de Monte Castelo. Porque o cume pertence à minha família e minha casa está lá embaixo, bem defronte ao Monte, circundada de terra que também me pertence. A Guanella — assim se chama a minha casa — marca ainda agora o ponto mais avançado das posições americanas: no jardim foram escavadas as suas trincheiras. Além do jardim, nos campos, começa a terra de ninguém. Foi daí que, no mês de novembro de 1944, guerrilheiros e civis viram chegar soldados, vestidos de verde, que substituíram as tropas americanas da Tenth Mountain Division. Eram os "pracinhas" da FEB, que seriam nossos vizinhos e companheiros de luta contra o inimigo comum. Com os quais foi fácil familiarizar-se; começar a compreender a língua que falavam, ficar com eles em casa, perto do fogo das lareiras enquanto o vale se afundava na neve, coisa que eles viam pela primeira vez. Tudo isso enquanto as crianças, nas casas dos camponeses, aprendiam a cantar "Mamãe eu quero".

— Mas a guerra não foi uma festa, recorda ainda o advogado Francesco Berti Arnoaldi Veli, proprietário do Monte Castelo que os brasileiros conquistaram na quarta tentativa, no quarto e mais sangrento assalto que deixou o "vale da morte", la no pé do Morro, coberto de cadáveres e homens feridos.

— Os alemães espiavam e bombardeavam do alto, lá da crista do Monte. De noite, a música era feita pela Matraca das metralhadoras. Todos os dias, reforçava-se a convicção de que era preciso expulsar os alemães da crista do Monte Castelo, que àquela altura já virara um mito, até mesmo porque sua presença ameaçava todo o vale. Nós o víamos como uma distante majestade à qual todos parecíamos submetidos; ele, lá em cima; nós aqui debaixo.

Enquanto viver, **partigiano** Francesco Berti Arnoaldi Veli diz que não esquecerá o que viu no 21 de fevereiro de 1945. Aquelas horas intermináveis de bombardeio das artilharias americanas contra Monte Castelo. Por algum tempo, o Monte desapareceu dentro de uma nuvem negra.

— Quando o rumor cessou, os brasileiros partiram para o ataque final. Monte Castelo caiu. Não sei mais quantos alemães contei, prisioneiros dos pracinhas. Mas, nunca mais esquecerei o espetáculo a que assistimos no vale, concluído o ataque. Quando vimos rostos transformados em máscaras de lama dos vencedores de Monte Castelo. Surpreendidos e felizes por ainda estarem vivos. Para Gaggio Montano tinha acabado o pesadelo da guerra. Um mês depois, Bolonha era libertada, e em pouco tempo toda a Itália. O fascismo e o nazismo tinham sido vencidos.

— QUANDO voltei à minha casa, construída sobre uma torre medieval, na Guanella, transfigurada mas inteira depois de quatro meses de combates, descobri que ela tinha sido útil. Tinha servido de guarida para os pracinhas brasileiros. Em um livro da biblioteca, um soldado do Ceará deixou escrito: "Brasil, o meu Brasil, terra de liberdade. Os italianos recomeçam a viver livres. Os brasileiros lhes deram uma mão".

— Hoje Monte Castelo voltou ao seu silêncio secular. Seus castanheiros renasceram. É preciso procurar muito para encontrar um estilhaço de granada ou uma cápsula de projétil, que recorde aqueles dias de 40 anos atrás.

— O advogado Francesco Berti Arnoaldi Veli continua com a sua casa na Guanella, construída sobre uma torre medieval. Todo fim de semana, ele e sua família desfrutam a paz, o silêncio, o ar fino, puro que em Monte Castelo, como em poucos outros lugares da Itália, se pode encontrar.

— Sua oferta de doar um terreno, seja qual for a sua dimensão ou localização, ao governo brasileiro para erguer um monumento ao pracinha da FEB nunca foi aceita, e nem mesmo sua afirmação de que Monte Castelo é um monte que, por direito, pertence ao Brasil, sensibilizou até agora os governantes brasileiros.

— Provavelmente porque a única e irreversível condição, condição que impus — reconhece o advogado Francesco Berti Arnoaldi Veli — era inaceitável, porque queria e quero que esse movimento não seja uma glorificação do militarismo, mas dos mortos na luta comum contra o nazismo e o fascismo.

ARAÚJO NETTO
Correspondente do JORNAL DO BRASIL em Roma

O julgamento de uma nação

O Presidente Alfonsín fala em esperança, mas a inflação cresce. Seu partido — a UCR — está dividido e o peronismo também. A direita, sem prestígio e força, sonha com um golpe militar.

O julgamento das três Juntas Militares que governaram a Argentina de 1976 a 1982 acontece num momento político e econômico muito difícil para o Governo da União Cívica Radical — UCR — de Raul Alfonsín, que resolveu enfrentar a situação propondo à sociedade civil uma série de medidas que pode constituir o marco do terceiro movimento, uma aspiração antiga e bem conhecida da ala renovadora do partido no poder em Buenos Aires.

A União Cívica Radical, de raízes históricas sociais democráticas, nasceu justamente no seio do chamado primeiro movimento empreendido pelo caudilho Hipolito Irigoyen, o fundador. Já o segundo, contudo, surgiu da iniciativa de políticos radicais, mas resultou, ao contrário, da guinada à direita que a UCR deu com um conseqüente isolamento em relação às bases trabalhadoras. O general Juan Domingo de Peron criou, desde os anos 40, um movimento popular e político que afastaria os radicais do primeiro plano na cena política argentina durante muito tempo. O Justicialismo, mais justamente conhecido por Peronismo, pela força pessoal do caudilho, empolgou a classe trabalhadora argentina, conquistou os espaços perdidos pelos radicais e ocupou, durante muitos anos, o poder efetivo sobre a máquina do estado.

Raul Alfonsín foi o político civil capaz de aglutinar as forças antiperonistas nas eleições presidenciais de 1983, conquistando a Presidência da nação com 52% dos votos, à cabeça de uma aliança política cujos compromissos iam além das idéias de Irigoyen porque tinham o respaldo da direita econômica e de uma série de agrupações políticas que só não queriam ver na Casa Rosada o ex-Presidente provisório Ítalo Luder, peronista. A eleição foi, assim, essencialmente, bipolarizada e Alfonsín a venceu mercê de seu charme pessoal e de um discurso político que, ademais, resgatava velhos compromissos dos radicais com os operários.

A herança econômica da ditadura militar foi, contudo, pesada demais para os ombros da UCR e seu governo. A aliança política antiperonista liquefaz-se nos fatos concretos do dia-a-dia. As autoridades econômicas mostram-se incapazes de conter um processo inflacionário quase surrealista a que se submete a Argentina, o custo de vida atinge índices insuportáveis e o Governo constitucional não consegue achar instrumentos eficazes o suficiente para conter a insustentável desmoralização da moeda e a valorização sem controle da especulação financeira como produtora única de riquezas.

O Governo Alfonsín enfrenta, então, o problema crítico de uma imagem desgastada a de ineficiência e falta de iniciativa. A sociedade argentina continua a reclamar mudanças e a tendência é, mais uma vez, a bipolarização das correntes e tendências políticas. A direita, inexpressiva eleitoralmente, sonha com o golpe de estado, pensando inscrever o atual regime constitucional na velha tradição de governos livres eleitos diretamente que se deixam impotentemente substituir por regimes de fato.

A derrota na guerra das Malvinas/Falklands, a desconfiança norte-americana na solução golpista para o país e o violento desgaste de opinião pública, aqui e no exterior, sofrido pelo regime das Juntas Militares, contudo, não autorizam o crédito a esses pesadelos.

Na oposição, os peronistas continuam a ser a única alternativa viável de poder conquistado nas urnas. Os 40% dos votos dados a Ítalo Luder em 1983 levam aos peronistas a certeza de que, se se comportarem com um mínimo de competência política, poderão vir a suceder a Alfonsín na Presidência constitucional, aproveitando na campanha eleitoral o natural desgaste de sua política econômica, até agora deficiente. Os peronistas dominam a grande maioria dos sindicatos filiados à poderosa Confederação Geral do Trabalho — CGT. Têm 3 milhões de militantes inscritos e ainda mantêm a mística de um grupo político comprometido com a mudança sócio-econômica a que aspira a maioria do povo argentino diante da crise econômico-financeira que atravessa.

Os peronistas, contudo, padecem do mal crônico da dissenção interna. Para começo de conversa, o Partido Justicialista, instrumento político do movimento, tem hoje duas direções: a de Rio Hondo, nome da cidade onde se realizou o congresso dos chamados líderes renovadores do segundo movimento, e a condução do Teatro Odeon, lugar do congresso em que aconteceu a divisão fundamental. No segundo grupo se congrega a direita peronista e aí estão os dirigentes que sistematicamente se opõem à reclamada democratização interna do partido fundado por Perón. As facções são presididas pela viúva do caudilho, Isabelita Perón, mas isso quer dizer muito pouco: ela, que vive na Espanha, é a única figura capaz de reunir as duas grandes tendências justamente por ser apenas uma espécie de símbolo sem real controle da máquina partidária.

NO Congresso Nacional, são quatro as bancadas peronistas e a tendência não é que se unam, mas que se esfacelem ainda mais, pelas diferenças ideológicas profundas de um partido que abrigou, à direita, Lopez Rega, "El Brujo", e à esquerda, os Montoneros, que pretendiam tomar o poder pelo processo violento da luta armada. Inúmeras seguem sendo as facções ideológicas da juventude peronista que vão às ruas de Buenos Aires com seus tambores e seus cantos de guerra.

Dos pequenos partidos alternativos ao peronismo e ao radicalismo apenas um tende a crescer aproveitando o clima de liberdade política e a descrença popular na solução adequada à crise econômica pelas autoridades do Governo. Trata-se do Partido Intransigente que se situa à esquerda, no espectro político da oposição a Alfonsín e tem na credibilidade de seu velho líder e fundador, Oscar Alende, o principal patrimônio político.

Foi justamente com um olho na falta de alternativas à oposição e outro no impasse que se apresenta a um governo sitiado pelo mau desempenho na economia e por uma política ainda débil por indecisa que o Presidente resolveu tomar a iniciativa no combate e levar os adversários, de dentro da UCR, ou na oposição, às cordas numa ofensiva dramática, iniciada na véspera da abertura do rumoroso processo no qual a restaurada Justiça argentina julga os excessos do regime militar. Seu primeiro ataque foi dirigido contra os pequenos grupos da direita civil que, por sua insignificância eleitoral, sonha com a possibilidade de um golpe militar que os aproxime da sacada da Casa Rosada. Num discurso violento, Alfonsín expôs na vitrina da execração pública tais grupos sem cacife eleitoral que tentam convencer comandantes militares a uma eventual aventura golpista anticonstitucional.

Com a manifestação popular de sexta-feira na Plaza de Mayo, o Presidente desfechou o segundo ataque, tentando matar dois coelhos de uma sua só cajadada: reforçou o discurso antigolpista de domingo, 21 de abril, e tentou, num **clinch**, imobilizar o braço direito de seu próprio partido, levantado pelo Vice-Presidente e Presidente do Congresso Nacional, Victor Martínez.

O terceiro ataque foi o lançamento do terceiro movimento na abertura das sessões da 102ª legislatura, a 1º de maio último. Na sessão presidida por Victor Martínez, Alfonsín fez mais um discurso dramático explicitando de forma mais clara suas intenções reformistas.

Na Plaza de Mayo, o Presidente assumiu uma posição liberal na defesa da redução do déficit fiscal do meio de um controle rigoroso dos gastos do Estado e até por um programa de privatização de empresas que se mostram ineficientes sob a direção estatal. A coragem do Presidente calou a multidão, mas a retirada de um grupo de jovens peronistas e de manifestantes intransigentes não impediu que Alfonsín convocasse o povo a mais sacrifícios, numa festa a que ele chamara para instituir uma grande guarda popular das instituições democráticas.

A julgar pelo discurso de 90 minutos lido pelo Presidente ante senadores e deputados a 1º de maio; os planos de Alfonsín são lançar as bases de um "alfonsinismo" dentro do partido de Irigoyen, dando apoio à idéias dos jovens técnicos oficiais que defendem uma retomada histórica dos ideais sociais democráticos do fundador da UCR. Desde 1º de maio, "alfonsinismo" passou a ser sinônimo de descentralização. Ao contrário dos peronistas, caudilhistas e centralizadores por excelência, criticados pela falta de democracia interna de suas organizações, os radicais têm uma arraigada tradição de democracia interna. "Alfonsinismo" está pretendendo justamente querer significar a disseminação da tradição descentralizadora da União Cívica Radical pelos variados corpos da sociedade argentina.

O Presidente começou a implantar, esta semana, os fundamentos de uma modernização de idéias e de organizações em seu país que começam pela participação intensa das bases e terminam na solidificação institucional. O programa de Alfonsín é ambicioso, a ponto de propor uma reforma judicial que reduza a frondosa legislação argentina a um regime jurídico de "poucas leis, administradas por juízes decentes e baseadas no princípio da confiança na boa-fé do cidadão comum", numa flagrante tentativa de evitar que o delinqüente fique solto por causa das complexidades dos mesmos galhos da árvore em que se enredam os homens de bem.

A busca da simplicidade na Justiça, perante a qual todos são iguais, é a explicação mais óbvia para o processo em que se julgam os nove membros das três Juntas Militares que tomaram o poder dos justicialistas em 1976 e o passaram à 4ª Junta que convocou as eleições de 1983, vencidas pelos radicais. A intenção do julgamento não é a de abrir feridas nas Forças Armadas, mas, ao contrário, de fechar as feridas abertas na dividida sociedade argentina depois das traumáticas experiências da guerra suja entre as Forças Armadas e a subversão dos Montoneros e a guerra contra os ingleses no Atlântico Sul.

ALFONSÍN está disposto também, pelo que evidenciou no discurso de 1º de Maio, a reordenar a corporativa organização sindical que a Argentina herdou do populismo peronista. Ao contrário da política brasileira, de gabinete, com decisões tomadas sem necessidade de mobilização popular, a Argentina contraiu o hábito de instrumentalizar as lutas operárias nas disputas políticas clássicas. Perón, como Vargas, contudo, impôs o corporativismo de forma tão forte que, tal como acontece no Brasil, as lideranças sindicais se burocratizaram.

Alfonsín fez referências constantes à participação de 90% dos trabalhadores nas eleições sindicais realizadas em sua gestão e tem procurado, em seus discursos recentes, defender uma reorganização sindical que oxigene as decisões gremiais, livrando-as do mesmo centralismo que tornou o Estado argentino ineficiente e arruinado.

Habituado à elegância e ao consumo, o argentino sente os golpes de uma inflação que chega ao recorde absoluto de 30% ao mês, talvez de uma forma tão profunda como a com que sentiu os golpes da guerra suja que as Forças Armadas e os Montoneros travaram nas ruas. Alfonsín deve saber que precisa apresentar alguma conquista concreta na direção da inversão da curva da decadência econômica de um país orgulhoso de sua tradição civilizatória. Por isso, fala sempre em esperança, quando descreve as duras condições com que pretende esmagar a dominação da especulação sobre o trabalho produtivo. Tal dominação é inevitável em quadros inflacionários agudos como o argentino (os brasileiros sabem disso) e extingui-la é a única possibilidade para uma saída viável da crise. O Governo argentino está dizendo isso à população agora, e todos — até mesmo as autoridades — parecem ter certeza de que já se perdeu muito tempo — 17 meses — na espera.

O terceiro movimento que os jovens da ala renovadora do radicalismo exigem e Alfonsín ensaia também pressupõe a reforma partidária nos mesmos termos descentralizadores. Resta saber em que fatos os velhos partidos políticos argentinos, inclusive o do Governo, poderão concretizar essa esperança de transformação.

> "A intenção do julgamento dos membros das Juntas Militares não é abrir feridas nas Forças Armadas, mas, ao contrário, fechar feridas abertas na dividida sociedade argentina."

JOSÉ NÊUMANNE PINTO
Repórter do JORNAL DO BRASIL em São Paulo, está em Buenos Aires, na cobertura do processo contra os militares

VIDA NO CAMPUS

□ Minhocas e rãs

Os mineiros estão (re)descobrindo as minhocas. O pioneiro da nova"mania" foi o professor José Horácio, do curso de Ciências Biológicas da PUC, que começou a produzir minhocas para alimentar seu ranário no campus. Depois dele, estimulados, surgiram outros criadores, privados e públicos.

A Prefeitura de Divinópolis, no Oeste do Estado, já criou o seu minhocário. A intenção, porém, não é alimentar rãs ou vender para pescadores. Em Divinópolis, as minhocas são utilizadas pela Prefeitura para produzir húmus. Quer dizer, são "fábricas" de adubo.

□ Falta de verbas

Como outros reitores, Germano Tabacoff, da Universidade Federal da Bahia, passará o mês de maio com uma dor de cabeça. Sua preocupação: arranjar verbas suplementares para evitar a paralisação gradativa das atividades no campus, comprometidas por problemas financeiros. A UFBA, cujo orçamento deste ano era inicialmente de Cr$ 10 bilhões, acabou às voltas com um corte de 25 por cento, o que lhe garante apenas Cr$ 7 bilhões.

"Essa verba só permite o funcionamento da Universidade até o final do mês", advertiu Tabacoff. O caso mais complicado, se os recursos não chegarem a tempo, será o do Hospital das Clínicas, que funciona como hospital-escola da UFBA. Sua dotação foi gasta em apenas 4 meses e ele pode fechar esta semana.

O Ministro Marco Maciel, avisado, vai recorrer a seu colega da Fazenda, Francisco Dornelles, para assegurar uma injeção financeira que revigore as combalidas universidades.

□ Educação gratuita

Dia 15 de maio, os defensores do ensino público e gratuito vão se movimentar numa jornada nacional destinada a sensibilizar as autoridades educacionais brasileiras.

O coordenador do movimento, Paulo da Silveira Rosas, da Universidade Federal de Pernambuco e membró da comissão de reforma universitária a ser implantada pelo Ministro Marco Maciel, já avisou que a manifestação não ficará apenas no discurso.

Ele está recolhendo projetos capazes de mostrar a viabilidade da iniciativa, apesar da escassez de recursos com que se defronta o setor da educação no País.

□ Direito em Rondônia

O Reitor Euro Tourinho Filho e seu vice, Raymundo Nonnato Castro, estão prestes a concretizar uma antiga aspiração da comunidade universitária de Rondônia: a implantação de uma escola de Direito. Se suas idas-e-vindas a Brasília derem certo, em julho a Universidade Federal de Rondônia estará convocando os interessados para o vestibular.

Vantagens do curso em Rondônia: os estudantes deixarão de procurar faculdades de Direito em outros Estados, como Acre e Pará, distantes 500 e quase 2 mil quilômetros, respectivamente.

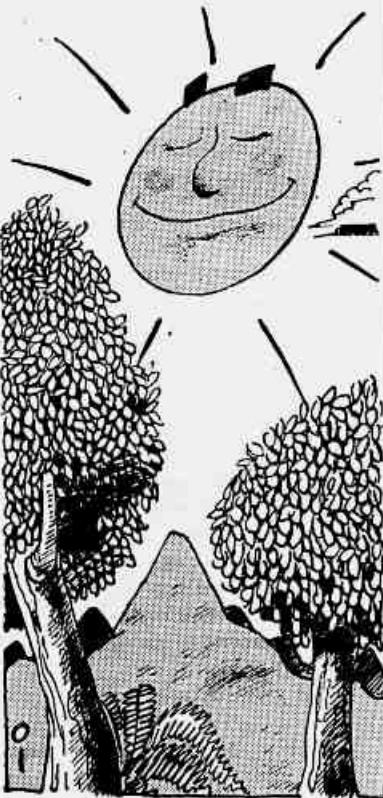
□ Bioengenharia

A Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais está oferecendo, a partir deste mês, uma disciplina opcional — Bioengenharia em Medicina. Poderão inscrever-se estudantes de Engenharia e de Medicina. As aulas práticas serão nas oficinas do núcleo de Engenharia Biomédica do Hospital das Clínicas da UFMG, criado o ano passado.

Esse núcleo trabalha na manutenção de equipamentos hospitalares e pesquisa novos aparelhos, entre os quais um medidor de débito cardíaco, usado para calcular a quantidade de sangue que passa pelo coração. Importante, este aparelho custa Cr$ 20 milhões. Para a UFMG, ficará em cerca de Cr$ 1 milhão.

□ Semana ecológica

Os amantes da natureza terão a partir do dia 13 uma alentada programação, por iniciativa do Centro Acadêmico de Geografia da UFRJ. Estão previstas palestras, mesas-redondas, exibição de filmes, balé e até uma caminhada ecológica (ao Pico da Tijuca). As palestras serão no auditório do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN), sempre às 10h.

Foram convidados para as palestras José Augusto Pádua, Antônio Lago, Carlos Valter, Orlando Valderde, Carlos Minc, Joaquim Soriano, Antônio Teixeira Guerra, Lizt Vieira e Rui Moreira. Entre os filmes, destacam-se Mato eles? e "Um minuto para a meia-noite. A caminhada ecológica sairá da Praça Afonso Viseu, no Alto da Boa vista às 8h.

□ Equipamentos nacionais

A Escola de Engenharia da Universidade Católica de Petrópolis resolveu dar seu apoio à nacionalização de equipamentos industriais. Através de seu Centro Técnico de Engenharia (CETEG) programou para o dia 7 de maio um seminário em que divulgará às indústrias as mais recentes práticas de nacionalização de equipamentos, destacando sua importância na empresa e no contexto nacional.

Os organizadores convidaram para falar no seminário Gilberto Gomes de Andrade, de Furnas Centrais Elétricas, que abordará os equipamentos da indústria nuclear; Amauri Francisco Winter, da Cia. Eletromecânica Celma, que debaterá o tema na área aeronáutica; Oswaldo Luiz Guimarães Fernandes, da Petrobrás; e técnicos de Cobra Computadores.

■ Affonso Romano de Sant'Anna, Marina Colasanti e Fernando Gabeira estarão dias 8, 9 e 10 na PUC do Rio Grande do Sul distribuindo inteligência em palestras dentro do projeto "Encontro marcado".

■ **A Universidade Federal do Ceará está promovendo todas as semanas "Encontros tecnológicos". O objetivo é debater as alternativas tecnológicas para o Nordeste, a fim de reduzir a dependência econômica da região. Cada encontro tem um módulo para análise de um tema específico.**

■ A Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Goiás realizará de 14 a 16 de maio a 9ª Semana de Estudos Farmacêuticos, com palestras, conferências e mesas-redondas.

■ **Derbloy Galvão é o novo Subsecretário de Desenvolvimento das Instituições de Ensino Superior, da Secretaria de Educação Superior. A nomeação acaba de ser assinada pelo Ministro Marco Maciel.**

■ Entre 15 e 17 de maio, a Universidade Federal da Bahia sediará o 2º Encontro Nacional de Editoras Universitárias. O encontro é promovido pelo Programa Interuniversitário para Distribuição do Livro. Seu objetivo é analisar o desempenho do Estado na área da editoração universitária.

■ **A Unisinos (RS) promoverá a partir de 9 de maio um curso de microscopia avançada para professores, alunos e especialistas.**

■ O Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas está pesquisando as plantas medicinais existentes na região e que contêm substâncias de alto valor terapêutico.

■ **"Fundamentos básicos de proteção radiológica" será o tema do curso de extensão promovido pelo Instituto de Biociências da UFRGS, de 6 a 14 de maio.**

■ O Departamento de Engenharia Agrícola da Universidade Federal de Viçosa desenvolveu um pulverizador de defensivos agrícolas de fácil manutenção. O aparelho tem maior capacidade que o pulverizador costal e é montado sobre rodas, para tração humana.

■ **Ricardo Rodrigues, 27 anos, estudante de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, foi o primeiro colocado, a nível nacional, no Prêmio Fiat para a área universitária. Segundo colocado em 1984, no mesmo concurso, Rodrigues saiu vencedor com um trabalho sobre como "A Nova República poderia ou deveria tentar a organização nacional".**

■ As professoras Teresinha Caraher e Analúcia Schiemann, do Mestrado de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, acabam de concluir pesquisa sobre um tema candente: "O fracasso escolar — uma questão social".

■ **A comunidade acadêmica amazonense acaba de formar uma lista sêxtupla para a reitoria da Universidade do Amazonas, em eleições diretas. Compõem a lista os professores Roberto Vieira, Marcus Barros, Onias Bento, José Serafico de Assis Carvalho, Renan Pinto e Joaquim Melo.**

■ Dia 7 de maio, o Centro Cultural Cândido Mendes estará promovendo na Pace University, em Nova Iorque, a exibição de um conjunto de programas de vídeo produzidos pela produtora paulista Olhar Eletrônico, seguido de debates com especialistas. Os teipes, organizados sob o título "Brazil: a video profile", serão depois levados a Chicago, Minneapolis, Los Angeles e São Francisco.

Mobral/ Dinossauro ou golfinho?

A História Natural nos dá boas metáforas para entender as instituições que nos cercam. Tamanho e força não faltavam ao dinossauro. Quem poderia enfrentá-lo? Mais eis que mudam as condições e de nada vale seu porte e vigor. Lá se vai o dinossauro para o rol das espécie extintas.

Como nos ensina a Biologia Evolutiva, os primeiros seres vivos se desenvolvem na água. Progressivamente alguns viraram animais terrestres. Mas diante de situações que os antepassados dos golfinhos consideraram inóspitas, estes mamíferos voltaram para água. E, ao cabo da evolução subseqüente da espécie, foram capazes de se tornar superlativamente adaptados às novas condições.

O Mobral foi uma instituição criada no momento em que as condições ecológicas eram diferentes. Com o passar do tempo, tornou-se um animal inadaptado. A grande questão é saber se é dinossauro ou golfinho. Saberá adaptar-se no ritmo necessário às novas condições? Será capaz de aprender com a experiência vivida nesses 15 anos?

Rememoremos os fatos. Na iminência de sair da vala comum do atraso e do subdesenvolvimento, ao início da década de 70, o Brasil começa a tomar consciência das suas elevadíssimas taxas de analfabetismo. Mais de um terço da sua população incapaz de ler e escrever deixou de ser apenas uma estatística desagradável para tornar-se uma nódoa na vaidade de um país que queria ser grande. E aí estavam as estatísticas implacavelmente copiadas pela Unesco e exibidas pelo Mundo. Havia que se fazer alguma coisa. E fez-se o Mobral, com dinheiro, excelentes cabeças e exemplar organização. Tudo muitos furos acima do que até hoje existe no ensino oficial.

Lamentavelmente, não funcionou. Uma simplificação heróica das razões indicaria a sua maior preocupação com as estatísticas de analfabetismo do que com o destino dos analfabetos. Documentos da UNESCO sobre a experiência de alfabetização em outros países, lidos e discutidos pela direção do Mobral, já indicavam explícita e claramente que não funcionavam as soluções que o Mobral viria então a adotar. O Mobral decidiu oferecer cursos padronizados, baratos e indiscriminadamente a quem se inscrevesse. O treinamento dos instrutores era o melhor que se podia oferecer mas, infelizmente, inadequadamente curto. Para os milhões incorporados nas metas do Mobral, não mais do que isso seria possível oferecer. E era isto que a Nação envergonhada queria: uma oportunidade, qualquer que fosse, para os muitos milhões de analfabetos.

Mas, como já se podia prever da experiência de outros países, isto não podia funcionar.

Em primeiro lugar, devemos entender que analfabetismo não é uma patologia local, como se fora um tumor que se instala em um organismo sadio. Pelo contrário, o analfabetismo é uma condição perfeitamente natural em sociedades pobres e atrasadas. É com a progressiva transformação do País que ganha funcionalidade aquilo que se aprende na escola e onde passa a ser necessário usar essa escola como instrumento de aprofundamento desta transformação.

Como se tem dito muitas vezes, não vivemos num país homogêneo. Àqueles alunos que conviviam com a leitura e escrita no seu cotidiano, o Mobral veio oferecer o que lhes faltava. Mas, para a esmagadora maioria, o Mobral se revelou uma intervenção leve demais. Não tinha a intensidade, profundidade e persistência para fazer o que a escola não havia feito. De fato, cerca da metade dos alunos do Mobral já havia estado na escola e, se voltava ao Mobral é porque ele não havia tido êxito. Os resultados, embora jamais medidos com muita precisão, são bastante eloqüentes.

METADE dos matriculados não chega ao fim do curso. Um bom número não consegue aprender a ler. A experiência internacional indica que em cursos desse tipo a metade dos que conseguem ler com um ou dois anos já se esqueceu das técnicas de leitura. Pode-se então estimar que apenas entre 5 e 10% dos que entram chegam a se alfabetizar de forma definitiva.

As implicações são óbvias. Somente uma pequena fração dos analfabetos consegue aprender a ler pela via de programas curtos e padronizados. Para os outros, não apenas o esforço tem que ser maior de ambos os lados mas também é necessário criar um entorno que estimula o uso do que foi aprendido. E bem sabemos que isso não se consegue senão com um esforço e recursos imensamente superiores aos que foram mobilizados.

O Mobral tentou fazer o impossível e, previsivelmente, não conseguiu. Não é culpado de não haver conseguido mas sim de haver tentado fazer o que já se sabia não ser possível.

E aí está o Mobral. Fracassado na nobre missão que se havia atribuído e, de quebra, acusado de dois crimes lesa-majestade nos dias que correm: centralismo e excesso de intimidade com a chamada "comunidade de informações".

Terá o destino dos dinossauros?

Isto não é certo, o Mobral, mercê da excelente qualidade de sua gente e da sua organização, vem experimentando de tudo e aceitando todas as empreitadas que lhe são oferecidas. Usa a técnica do chumbo fino ou a estratégia de acertar pela lei dos grandes números. Instinto de exploração não falta a este animal. Programas culturais, bibliotecas (Mobralteca), cursos profissionais curtos, pré-escola, educação para a saúde, desenvolvimento comunitário, apoio a microempresa e a pequenas iniciativas de produção local, são alguns exemplos.

A esta cacofonia de experimentos, os críticos do Mobral têm sido implacáveis: está fugindo da sua tarefa maior que é alfabetizar, acusam alguns; está tentando fazer coisas demais, acusam outros. Jamais poderá controlar ou fazer bem tantas coisas, diz-se ainda.

Até onde vão, estas denúncias têm cabimento. Porém estes disparos pegam apenas de raspão por não tomarem conhecimento de uma mudança muito importante que se vem realizando. O Mobral, de fato, está-se descentralizando. Todas essas coisas são cada vez mais iniciadas, coordenadas e dirigidas localmente. No princípio, o Mobral apenas tolerava ajustes locais aos seus grandiosos planos; progressivamente o cardápio do que vai ser feito passa a ser elaborado localmente. Se extrapolarmos a tendência ao seu extremo lógico, terminaríamos com alguns milhares de Mobrais municipais, frouxamente coordenados e representados por uma confederação nacional que seria a descendente do atual Mobral. Ora, os mais impenitentes críticos do Mobral ortodoxo e os mais fervorosos defensores da descentralização pouco encontrariam a criticar nesta fórmula. A confederação nacional seria não mais do que uma forma eficaz de repassar recursos, trocar idéias e prestar assistência técnica. Na verdade, todas essas muitas coisas que o Mobral vem fazendo são intrinsecamente defensáveis, alguém deveria fazê-las. É correto dizer que não devem ser feitas por uma grande burocracia centralizada, sem a sensibilidade para o problema, para a sua ressonância local, para os meios locais necessários para enfrentá-lo e para os mecanismos locais de acompanhamento e controle. Ou seja, no mesmo fôlego com que se acusa o Mobral de fazer essas coisas, defende-se a necessidade de que sejam feitas localmente.

Vejamos como são delicadas as diferenças. A história do país indica que estas atividades de assistência e desenvolvimento local não brotam espontaneamente. Pelo contrário, elas vêm sendo progressivamente difundidas, migrando do centro para a periferia. Isto significa que onde não existem, instituições não muito diferentes do Mobral deverão ser mobilizadas para tal.

E por que não o Mobral reencarnado em algum formato organizacional aceitável? Mas é preciso ver que nem haverá uma única fórmula apropriada para todo Brasil e nem o Mobral é mais a grande burocracia centralizada que foi em outros dias. De fato, o Mobral é uma organização em transição e há muito mais descentralização do que pensam os observadores externos e há ainda muito mais na cabeça dos que o governam. Mas certamente, menos do que o necessário.

Recapitulando, o Mobral recebeu uma missão inviável que era alfabetizar de repente os milhões de analfabetos brasileiros. Mas, ao sentir na carne essa impossibilidade, ele explora a enorme variedade de iniciativas locais que buscam ajudar uns, assistir outros, construir e consertar, seguindo os relevos das necessidades locais. Redescobre que existe espaço para instituições ágeis e versáteis que possam responder às muitas necessidades de um povo pobre e desassistido. Mas descobre também que somente instituições com foco decisório local têm o perfil para tal atuação. A descentralização do Mobral é mais do que uma versão cosmética para uso externo. Se der certo, tudo resolvido. "Le roi est mort!" Morre o Mobral onipotente e ex-afilhado do SNI. Vivam os milhares de Mobrais coordenados por uma confederação nacional!

Ficam duas questões:

Será que o Mobral vai mesmo se descentralizar?

E o que fazer com os analfabetos que continuam aí? O próprio Mobral verificou que os seus programas de alfabetização de maior êxito se davam no contexto de ações sociais maiores, por exemplo, ao dar apoio a uma associação de moradores do Piauí que continuadamente necessitava comunicar-se por escrito com o BNH. Ou, programas gerados dentro de fábricas, como aconteceu no Rio Grande do Sul. As metas quantitativas, naturalmente, têm que ser muito mais modestas. Se a sociedade estiver disposta a pagar o elevadíssimo preço de alfabetizar os seus adultos, talvez caiba ao Mobral tentar uma tarefa que sequer foi pensada até hoje. Se a resposta é negativa como implicitamente parece ser o caso, cabe ao Mobral recusar-se a ser um mero fabricante de estatísticas de diplomados. Temos que nos conformar com o quase inevitável que é ter uma geração adulta que em boa medida não é alfabetizável pelos métodos massificados. A lição mais importante talvez seja não cometer erro nas gerações seguintes.

CLÁUDIO DE MOURA CASTRO
Do Centro Nacional de Recursos Humanos do IPEA, órgão da Secretaria de Planejamento da Presidência da República

Universidades na "Guerra das Estrelas"

O Governo Reagan está atraindo para a "guerra nas estrelas" os mais importantes centros de pesquisa das universidades norte-americanas. Com isso, espera envolver em seu programa bélico os melhores cérebros do País na área de computadores. Tais computadores seriam empregados como armas especiais, no sistema de defesa dos EUA contra mísseis nucleares baseados no espaço.

O primeiro passo da Administração Reagan para aliciar as universidades foi dado pelo Departamento de Defesa, que injetou verbas num consórcio de nove centros de pesquisa acadêmica: os do Instituto de Tecnologia da Califórnia, a Universidade de Stanford, a Universidade Carnegie-Mellon e os Laboratórios Lincoln do Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

O consórcio receberá inicialmente nove milhões de dólares em três anos para simples pesquisas. Vai desenvolver tecnologias de computador ainda não testadas, mas que os cientistas acreditam que podem ser da maior importância para o sistema de defesa norte-americano. Embora os críticos da "guerra nas estrelas" considerem tecnicamente impossível, o Governo espera que este sistema de defesa funcione como escudo contra um ataque nuclear.

Como tais pesquisas não são simples nem baratos, acadêmicos e funcionários do Governo nelas envolvidos acham que serão necessários muitos milhões de dólares além dos 9 milhões iniciais. Além disso, o Pentágono planeja ter dentro de alguns meses mais sete ou oito grupos de pesquisa em atividade, reservando 28 milhões de dólares para as despesas só este ano.

A participação das universidades nas pesquisas secretas encomendadas pelo Governo já causa polêmicas nos **campi**. Muitas se recusaram categoricamente a qualquer envolvimento no desenvolvimento de sistemas de armas. Para preservar a liberdade acadêmica — que exige a livre divulgação das pesquisas — muitas universidades decidiram que trabalhos secretos só poderão ser feitos fora de seus **campi**.

Funcionários do Departamento da Defesa explicam que, em geral, as universidades convidadas para a "guerra nas estrelas" terão liberdade de publicar suas descobertas básicas.

Ressalvam, entretanto, que muitos pesquisadores precisarão de autorização do Governo para trabalhar no projeto. Mais: exigirão segredo sobre o funcionamento de equipamentos que venham a comprometer a segurança do programa.

As novas pesquisas têm em vista uma mistura de duas tecnologias fundamentais para a "guerra nas estrelas": supercomputadores e tecnologia ótica. O Departamento da Defesa está em busca do chamado computador ótico, que usa fótons, partículas de luz sem massa, em vez de elétrons para a transmissão de informações através do circuito de um computador.

O computador ótico é considerado o ideal para captar a imagem de um míssel e dirigir raios laser contra ele. Até hoje estes computadores não puderam realizar operações matemáticas com a mesma precisão dos computadores convencionais. Com as máquinas óticas, isso seria possível, facilitando a vida de quem está cada vez mais preocupado em aperfeiçoar as armas da "guerra nas estrelas".

DAVID E. SANGER
The New York Times

O perigo dos raios laser em "shows"

A nova moda de shows de raios laser está preocupando as autoridades sanitárias. Com razão: projetados em um auditório, os raios brilham rapidamente e incidem diretamente nos olhos dos espectadores. Se o mecanismo de projeção der defeito, o laser pode causar danos permanentes às retinas das pessoas.

Os laser industriais foram usados pela primeira vez como diversão há cerca de dez anos. Coube o pioneirismo ao grupo de rock The Who, que incorporou a seus concertos de metal pesado o fino da tecnologia. Mal surgiu a nova moda, na Inglaterra, os cientistas do Greater London Council (GLC) abriram fogo contra os empresários de tais shows. Com sua autoridade, eles conseguiram impedir tais espetáculos sob a justificativa de "infração à saúde pública".

Ainda assim, multiplicaram-se os shows de laser na Inglaterra. Hoje, uma dúzia de empresas oferece sua parafernália para deslumbrar os olhos de platéias interessadas em também "esquentar" os ouvidos. Cada empresa dessas tenta fazer algo mais espetacular do que a outra. Resultado: riscos enormes para a saúde.

O Greater London Council não gostou disso. Nas suas investidas em benefício da saúde pública estabeleceu regras: só serão autorizados shows com laser se o foco for dirigido primeiro contra uma esfera espelhada pendurada no teto. Assim, se o mecanismo de projeção der defeito e o laser parar de se mover, a bola continuará girando e espalhando os raios até que o operador da máquina possa desligar os raios laser.

Partos difíceis geram suicidas?

EXISTE alguma relação entre adolescentes suicidas e as dificuldades que tiveram para nascer? Pesquisadores norte-americanos acabam de concluir que sim. Examinando o crescente número de suicídios de jovens nos Estados Unidos, os especialistas perceberam que a maioria delas quase morreu no parto.

A pesquisa, apresentada no número atual da revista médica **The Lancet**, aponta ligações entre os suicídios de adolescentes e três fatores de risco: problemas respiratórios por mais de uma hora no nascimento; ausência de cuidados pré-natais; e doença crônica das mães durante a gravidez.

Os suicídios entre os jovens são, hoje, três vezes mais comuns do que há 30 anos. Os autores da pesquisa, desconcertados pela sua investigação, indagam se o ato de "ressuscitar" bebês poderia contribuir para uma posterior morte prematura por suicídio. Esse fenômeno, para ter respostas convincentes, ainda precisa ser mais exaustivamente estudado. Mas, atualmente, já se comprova que os suicidas adolescentes tiveram, de alguma maneira, problemas para vir ao mundo.

Aumentam erros de diagnóstico

UM novo estudo revela que um grande número de pacientes psiquiátricos de um hospital de Nova Iorque é vítima de graves erros de dignóstico. Este trabalho veio alimentar a antiga controvérsia sobre o problema, existente em muitas outras instituições e clínicas para doentes mentais dos Estados Unidos, principalmente nas que enfrentam problemas de pessoal e de recursos.

Alguns psiquiatras acreditam que graves danos têm sido causados por erros de diagnóstico. Segundo o relatório, o erro mais freqüente é considerar como esquizofrenia vários tipos de depressão — e os maiores danos são causados, principalmente, por remédios poderosos mas inadequados.

O estudo que redespertou a controvérsia foi realizado por Alan Lipton, ex-chefe dos serviços psiquiátricos do Estado de Nova Iorque, e Franklin Simon, psiquiatra do Manhattan Psychiatric Center. Os dois realizaram a pesquisa porque acreditam que, apesar das tentativas dos psiquiatras em aumentar a exatidão de seus diagnósticos, ainda existe uma grande margem de erro neste campo.

Segundo Lipton, a pesquisa demonstrou que até 75% dos pacientes podem ter recebido diagnósticos errados. Quanto à situação da psiquiatria nos Estados Unidos, outros especialistas acreditam que estas críticas são exageradas.

O estudo de Lipton e Simon observa que muitos pacientes do Manhattan Psychiatric Center que se suicidaram na instituição aparentemente tiveram seus casos diagnosticados como esquizofrenia quando na verdade estavam sofrendo de depressão.

Os riscos de um diagnóstico errado são menos graves quando o paciente recebe uma psicoterapia que não inclui remédios fortes pois, segundo os especialistas, assim há menos possibilidade de que seus verdadeiros sintomas sejam mascarados pelos efeitos de uma droga — também não havendo o perigo do paciente sofrer os efeitos colaterais de um remédio que, para começar, não era necessário.

JOSÉ Donoso é o autor do artigo **O Chile todo é uma censura só**, publicado neste caderno, no domingo passado, 28 de abril.

José Donoso é chileno, romancista, autor de vários livros, entre eles **O obsceno pássaro da noite**, publicado no Brasil. Ele vive há muitos anos na Espanha, que já lhe concedeu vários prêmios.

A nova face da ansiedade

■ Especialistas europeus e norte-americanos põem em xeque a teoria de Freud sobre a ansiedade. Os ansiosos, afirmam, devem trocar os divãs dos analistas pelos balcões das farmácias

A sociedade psicanalítica volta a agitar-se. Analistas do mundo inteiro, freudianos ou heréticos, aguardam ansiosos a confirmação ou o desmentido das inquietadoras conclusões de dois congressos recentes — um na França, outro na Inglaterra — que questionaram uma antiga noção psiquiátrica: a de que a ansiedade seria conseqüência de perturbações do inconsciente. A contestação dessa teoria de Sigmund Freud sobre esse mal, responsável pelo sofrimento de milhões de pessoas, está escorada em experiências realizadas por institutos de saúde mental dos Estados Unidos e pesquisas desenvolvidas por especialistas europeus. A ansiedade, afirmam esses pesquisadores, resulta de uma anomalia do sistema nervoso. E só em alguns casos seria efetivamente provocada por angústia.

Os psiquiatras ortodoxos, de arraigadas convicções freudianas, não demorarão a contestar essa (nova?) revisão da teoria da ansiedade. Entende-se. Afinal, deitados nela, administram há quase um século a saúde de milhões de pacientes supostamente vítimas de ansiedade. E têm resistido com relativo êxito às investidas dos heréticos contra os pilares da psicanálise instituída por Freud. Desta vez, porém, esses pilares vão balançar. Amparando a sacudidela na teoria da ansiedade estão reputados nomes da psiquiatria do Velho e do Novo Mundo. E seus reparos às teses do mestre vienense passaram por inúmeros testes antes de virem à luz nos congressos recém-realizados.

Nas páginas do **Le Monde** de 24 de abril, o Dr. Escoffier-Lambiotte, respeitado psiquiatra francês, faz um balanço das atuais correções de Freud feitas por ingleses e norte-americanos. No cerne delas, transparece menos a ambição de abalar o **establishment** psicanalítico e psiquiátrico do que o desejo de tirar dos divãs vítimas de uma doença que requer outro tratamento. "A angústia é o maior problema psiquiátrico dos tempos modernos", sentencia uma autoridade britânica para justificar a necessidade de uma terapêutica adequada. "A ansiedade patológica é atualmente o sintoma psiquiátrico mais comum na prática médica", completa o especialista francês J. P. Boulenger.

Apesar das cifras espantosas assinalando seus sintomas em todos os países civilizados, a ansiedade era desconhecida dos médicos até o começo do século. Foi Freud quem a diagnosticou pela primeira vez, em 1895, ao descrever a neurose da angústia. Segundo ele, o indivíduo é atacado pela ansiedade quando ocorre no seu inconsciente um conflito entre o Ego e as tendências eróticas ou agressivas, originadas de traumas psíquicos na infância. Cem anos depois, surgem na Europa e nos EUA "noções revolucionárias" destinadas — segundo o professor francês L. Singer — a mudar radicalmente a fisionomia e o tratamento dessa doença antiga.

A ansiedade está presente em todas as pessoas. As pesquisas revelam um aumento contínuo da doença, em conseqüência da carga de problemas gerados pela sociedade moderna. Geralmente, as vítimas não sabem como identificar a ansiedade. Seus sintomas, porém, são facilmente diagnosticados. Ela pode ser detectada em quem sofre de sudorização intensa, rói as unhas e não dorme bem, tem taquicardia, palpitações, perturbações gastrointestinais. São esses os sinais de ansiedade patológica, que ainda compreende os casos de falta de concentração, queda de rendimento no trabalho e perturbações da libido.

Inúmeros fatores podem originar ansiedade. Existem os fatores clássicos (falta de dinheiro, o medo de ser assaltado, o tráfego louco e enlouquecedor, a instabilidade profissional, o medo da inflação). E há as de tipo neurótico (o medo de morrer, o temor de enlouquecer, o sentimento de irrealidade, a sensação de catástrofe, a perda da personalidade). Essas últimas são as chamadas ansiedades patológicas. Inúmeras vezes chegam a ser confundidas com a ansiedade de natureza social. Sobre essa modalidade de ansiedade, observa o Dr. Escoffier-Lambiotte:

— O desgaste das estruturas religiosas e as mutações permanentes das sociedades modernas agravaram o sentimento de insegurança dos indivíduos, e os psiquiatras e analistas passaram a confundi-lo com ansiedade patológica. Esse mal-estar social nada tem a ver com neurose.

Para desfazer de uma vez por todas os mal-entendidos a respeito é que, em Paris e Londres, psiquiatras e professores se reuniram com suas teses revolucionárias. Apoiadas em noções biológicas, clínicas e terapêuticas, essas propostas ensinam que, ao contrário do que pregavam Freud e seus discípulos, a ansiedade nem sempre provém do inconsciente. Assim, torna-se necessária uma revisão da estratégia terapêutica da ansiedade. Mais: é preciso corrigir o conceito de neurose da angústia.

Desde 1960, os ansiosos têm sido submetidos a tratamentos diversificados. Técnicas de relaxamento, como ioga, massagens orientais, acupuntura e outros tipos de higienização para a mente e o corpo, foram empregadas com êxito nos casos de pacientes com a sintomatologia da ansiedade social. Em outras situações, os médicos recomendam aos pacientes autocontrole, recreação, uma boa divisão entre trabalho e lazer. Se a doença se agrava, recorre-se então à farmacoterapia.

Nesse campo é que têm sido realizadas as experiências dos psiquiatras e cientistas norte-americanos. No Instituto de Saúde Mental de Washington, pesquisadores localizaram no cérebro de doentes "o substrato da ansiedade". Daí para a descoberta de morfinas naturais, segregadas pelo organismo, e para a produção de substâncias químicas capazes de atenuar os estados de ansiedade, foi um passo rápido. Mais rápida ainda foi a conclusão de que, se uma anomalia bioquímica do sistema nervoso é a causa da ansiedade, ela deve ser tratada de acordo com a medicina clássica. Em síntese, droga neles.

Um psiquiatra brasileiro, Joaquim Alho Filho, faz restrições a uma terapêutica essencialmente farmacológica. Os ansiolíticos (medicamentos específicos para a "cura" da ansiedade) atuam diretamente no sistema límbico e em grande parte das regiões do sistema nervoso central, causando dependência. Por conterem em suas fórmulas os benzodiazepínicos, os ansiolíticos têm efeito sedativo — diminuem os reflexos, provocam sonolência excessiva, tonturas e dificuldade em caminhar. Quer dizer, são tranqüilizantes fortes demais para tratamentos de ansiedades banais.

Mas há os casos de doentes crônicos, vítimas quase irrecuperáveis de ansiedade. Nessas circunstâncias, o ansioso exibe sintomas (mêdo pânico de rua, de multidão, de elevadores, de ônibus, de lojas, de avião) que pedem uma terapêutica diferente daquela habitualmente prescrita nos divãs. Só que não têm sido eficazes os métodos alternativos. A propósito, assinala um psiquiatra norte-americano, D. Sheehan, que se medicamento desse resultado ele não teria mais nenhum paciente. E ilustrou seu ceticismo na farmacologia atual lembrando que 57 de seus ansiosos absorveram — sem qualquer efeito — mais de 500 mil doses de benzodiazepínicos.

DE qualquer maneira, os neurobiologistas estão exultantes. Não descobriram ainda nenhum poderoso tranqüilizante para uso na terapêutica da ansiedade, mas se consideram no caminho certo para diagnosticar a ansiedade como uma doença de natureza genética. E quem tenta desfazer as dúvidas a respeito é um francês, o psiquiatra Edouard Zarifian. Sua argumentação é a seguinte: existe nas pessoas uma anomalia genética que provoca no organismo variações bioquímicas. Em certas pessoas, quando ocorre uma conjugação dessa anomalia com as variações bioquímicas, elas ficam mais propensas do que outras à inadaptação a seu meio social. A tese do Dr. Zarifian fica, assim, num meio-termo entre as concepções de Freud e as noções de neurobiologistas como Jacques Glowinski e Jean-Charles Schwartz. Não chega a abalar os alicerces da psiquiatria clássica — a do Dr. Freud — como ambicionam os neurobiologistas. Apenas mexe com a cabeça. Pois é lá que, segundo Zarifian, poderá ser detectada a tal anomalia genética. Por enquanto, os pesquisadores e defensores da nova tendência ainda não conseguiram produzir aparelhos capazes de tal proeza. Mas estão morrendo de ansiedade para obtê-las.

Cérebro artificial/UMA IDÉIA DE FUTURO

UMA pessoa que tenha perdido parte do córtex cerebral em conseqüência de acidente ou doença, ou então que nunca tenha desenvolvido normalmente determinada atividade cerebral por causa de um erro genético, está irremediavelmente condenada a uma vida vegetativa. Isso, hoje. No futuro, as coisas poderão ser diferentes.

Num laboratório de pesquisa do St. Elizabeths Hospital, nos Estados Unidos, tecidos cerebrais estaão sendo cultivados dentro de uma microchip de cerca de uma polegada quadrada. Essa curiosa associação de eletrônica com células nervosas vivas foi imaginada pelo psiquiatra Richard Jed Wyatt, chefe do Departamento de Neuropsiquiatria do Instituto Nacional de Saúde Mental.

O que ele pretende é que um dia as **microchips** concebidas para interagir com células vivas possam ser introduzidas em cérebros humanos lesados e conectadas às células sãs, assumindo as funções das destruídas por acidente ou por doença. **Chips** implantáveis são um sonho ainda distante, mas Wyatt e outros cientistas do cérebro estão trabalhando em uma forma simplificada que possa, dentro de uma década, ser usada para ajudar pessoas com lesões cerebrais a recuperar, pelo menos, as perdidas capacidades de andar, ver, caminhar ou lembrar.

Alguns desses implantes poderiam ser grupos de células que produzem as substâncias cerebrais faltantes. Outros seriam diminutos dispositivos eletrônicos. Daí para a construção de um cérebro artificial, é um passo, imagina Wyatt, ressalvando:

— É uma idéia futurista. Mas é provável que essas coisas se tornem comuns dentro de 30 ou 40 anos. Com todas essas pesquisas em andamento, vejo boas razões para ser otimista.

Entre os primeiros beneficiários das novas técnicas deverão estar os pacientes com a doença de Parkinson em estágio avançado e que já não conseguem controlar seus movimentos. Atualmente, os médicos tratam os pacientes com doença de Parkinson ministrando-lhes a química ausente —dopamina — em forma de L-dopa. A dopamina não pode ser ministrada diretamente, porque não consegue cruzar a barreira sangüínea do cérebro, um obstáculo químico que impede a passagem de moléculas estranhas.

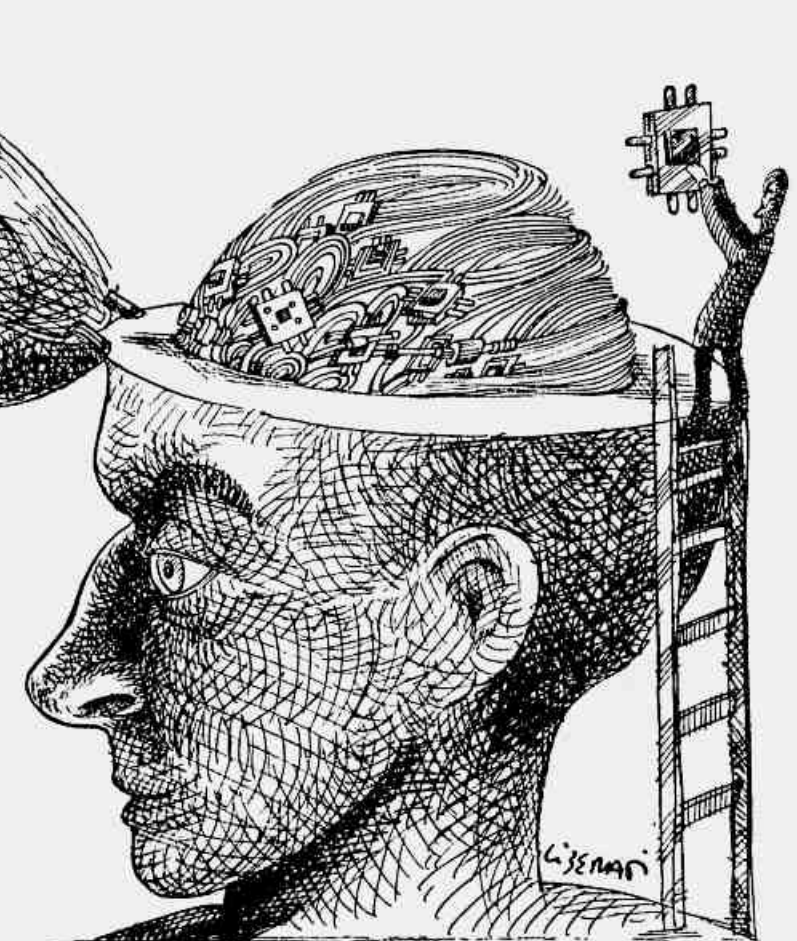
A L-dopa, porém, pode cruzar essa barreira, e, uma vez no cérebro, converte-se em dopamina. O tratamento nem sempre é efetivo, e pode causar graves efeitos colaterais, incluindo convulsões que se tornam mais freqüentes na medida em que a doença avança.

Na tentativa de eliminar os efeitos colaterais causados pelo tratamento com L-dopa, o grupo de Wyatt começou, há seis anos, a implantar células produtoras de dopamina nos cérebros de ratos e macacos. O cérebro é um dos poucos "lugares privilegiados" do corpo onde células ou tecidos estranhos são raramente rejeitados pelo sistema imunológico. Os cientistas pretendiam descobrir se as células transplantadas sobreviveriam e continuariam a produzir dopamina.

Para induzir a doença de Parkinson em ratos, William J. Freed, um neurologista do St. Elizabeths, danificou quimicamente as células produtoras de dopamina em um lado de seus cérebros, deixando as do outro intactas. O resultado foi que um lado dos ratos tornou-se rígido, enquanto eles perdiam o controle dos movimentos voluntários. Isso fez com que caminhassem de forma estranha, em círculos.

OS cientistas tentaram então reparar o dano mediante o implante de **substantia nigra**, fresca, retirada do cérebro de embriões de ratos.

— Tivemos um êxito relativo com os enxertos — conta Wyatt. — Conseguimos corrigir comportamento semelhante ao dos portadores da doença de Parkinson em uma parte dos ratos. Ao cabo de alguns meses, descobrimos que o andar em círculos tinha parado na maioria dos casos. Ao olharmos seus cérebros no microscópio, vimos que os enxertos tinham se desenvolvido. Sua células pareciam estar produzindo dopamina suficiente para corrigir a perda inicial.

Mas os cientistas perceberam que haveria problemas de ordem ética se usassem embriões humanos no implante de células produtoras de dopamina para tratar a doença de Parkinson. Para solucionar esse problema, passaram a buscar uma fonte diferente de tecidos.

Eles então dirigiram sua atenção para as glândulas supra-renais — que estão situadas uma em cima de cada rim — produtoras de adrenalina. Uma glândula produtora de adrenalina pode ser removida, sem maiores problemas, de um organismo — seja de rato ou de homem —, desde que a outra continue em boas condições. Os pesquisadores descobriram que, quando retiravam uma porção particular dessa glândula e a implantavam no cérebro do mesmo animal — que havia tido um dos lados lesados, para que se produzisse algo semelhante à doença de Parkinson —, era corrigido o andar circular em pelos menos metade dos casos.

Quando retiradas de uma glândula supra-renal e colocadas no cérebro, as células eram capazes de sobreviver e produzir baixa concentração de dopamina, suficiente para restaurar a normalidade dos movimentos. O próximo passo foi tentar esse tipo de implante em macacos, que são mais próximos do homem na escala evolutiva. Dessa vez os cientistas não procuraram provocar ou corrigir qualquer comportamento estranho.

Talvez uma das explicações para isso seja o fato de o cérebro do macaco ser cem vezes maior que o do rato, possivelmente requerendo a feitura de implantes em diversos lugares diferentes.

— Estamos conseguindo gradualmente um índice maior de sobrevivência. Atualmente, 600 de cada mil células sobrevivem ao transplante — informa Wyatt.

Enquanto isso, na Suécia, cientistas do Instituto Kakolinska, de Estocolmo, retiravam células de supra-renais de um paciente com um caso grave de doença de Parkinson e as implantavam em seu cérebro. Se os transplantes não prejudicaram o paciente, também não provocaram qualquer melhora. Wyatt acredita que, antes de fazer esse tipo de experiência com seres humanos, é preciso avançar mais nas pesquisas com macacos.

Os pesquisadores suecos trabalharam com ratos normais idosos que já não conseguiam caminhar em cima de uma vareta sem cair. Duas semanas após receberam implantes de embriões de ratos, os animais idosos recuperaram sua capacidade de caminhar sobre a vara com facilidade.

Alguns cientistas, porém, estão usando métodos radicalmente diferentes em implantes cerebrais. Eles não trabalham com células vivas, mas com com dispositivos eletrônicos, a maioria dos quais é destinada a pessoas que perderam a audição e a visão. Essas pessoas usariam câmaras e microfones que lhes permitissem captar sinais luminosos e sonoros. Esses sinais seriam então traduzidos para impulsos elétricos e transmitidos a células específicas por eletrodos implantados no cérebro.

Entre as muitas experiências relacionadas com a recuperação da audição figura a introdução de eletrodos com o diâmetro de um fio de cabelo diretamente no cérebro, para substituir o nervo auditivo lesado. Por enquanto, a experiência está sendo feita em gatos.

De acordo com Terry Hambrecht, do Instituto Nacional de Desordens Neurológicas, os eletrodos inseridos no cérebro precisam ser extremamente flexíveis, finos e leves, para que possam flutuar em meio ao tecido dessa região. Ainda segundo explicações de Hambrecht, um eletrodo que não tivesse essas características tenderia a danificar o tecido do cérebro cada vez que a pessoa que o portasse virasse a cabeça subitamente.

— DENTRO de dois ou três anos, provavelmente, começaremos a estudar a viabilidade do implante desses eletrodos em seres humanos — informa Hambrecht, adiantando que, provada a factibilidade desses implantes e estimulada sua feitura a nível comercial, outros pesquisadores tentarão desenvolver algum tipo de "prótese visual" — implantes cerebrais que restituirão parte da visão a pessoas cegas.

Contudo, esse tipo de implante prevê apenas comunicação em uma via com as células cerebrais, na base da transmissão para células específicas de sinais captados por câmaras e microfones. Mas o grupo de Wyatt tem meta mais ambiciosa: implantes que possibilitem comunicações em duas direções. Esses implantes receberiam sinais de células de outras partes do cérebro e os passariam para células vizinhas, integrando-as, exatamente como acontece com um cérebro de células normais.

Refazer a Justiça para fazer justiça

SEU método e estilo fizeram escola, por mais de meio século, nos Tribunais do Júri e fora deles, sempre exercendo uma advocacia de renúncia, com idealismo e desprendimento. Se ficou conhecido como um dos maiores tribunos do país, também se notabilizou como ardoroso defensor de acusados de crimes políticos, nos períodos de maior ditadura no Brasil. Seu nome tem projeção internacional: Evandro Lins e Silva.

Nesses 54 anos de luta pelo Direito, ele afirma não ter feito outra coisa senão repetir o Mito de Sísifo: "Trabalhei muito, empurrei sempre a pedra da lenda para levá-la ao topo da montanha. E quando lá chegava, descia outra vez, para empurrá-la de novo. Tem sido um esforço incessante, durante toda a vida".

A prova desse esforço — "o de defender os interesses de meu país, dentro e fora de suas fronteiras" — foram os altos cargos que ocupou: a Procuradoria-Geral da República, no Governo João Goulart, a chefia da Casa Civil e, após uma curta passagem pelo Ministério das Relações Exteriores, galgou o mais alto posto dentro do Poder Judiciário — o de Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Foi na condição de Ministro do STF, onde julgou 5 mil processos como relator e participou de cerca de 38 mil julgamentos, que Evandro Lins e Silva — o ardoroso defensor da Justiça — foi injustiçado. Abatido pelo AI-5, foi obrigado a deixar o cargo, em 1969, sem qualquer explicação e sem qualquer chance de defesa. Ainda hoje, a respeito de sua aposentadoria compulsória, ele diz apenas: "A História julgará esse episódio".

Na época, não se deixou abater, reabriu sua banca de advocacia, ganhando a consagração popular no famoso Júri de Cabo Frio, no caso Doca Street, o julgamento que foi o seu "canto de cisne". Em tribunais, ele garante que agora só fará a sua defesa, no Juízo Final, quando for julgado pelo que fez e pelo que deixou de fazer: "Só peço ao Criador que me dê duas horas. Pois o resto a tribuna me ensinou como fazer."

JB — A Nova República vai reformular leis criadas na época do arbítrio, por serem defeituosas. A Lei Orgânica da Magistratura Nacional é um dos exemplos. Quais as mudanças que o senhor considera necessárias nesta lei, que é um reflexo do pacote de abril de 1977?

Evandro Lins e Silva — Ela tem de ser inteiramente refundida. Foi preocupação maior, dos que cuidaram desse assunto, a reforma em relação aos Tribunais superiores. Mas a Justiça precisa de uma reforma estrutural e ousada em sua base e não na cúpula. A máquina judiciária é uma máquina emperrada, congestionada, que precisa ser modificada, transformada. E aí entra a Constituinte que não pode descurar e esquecer, de forma nenhuma, da necessidade imperiosa de uma reforma do Poder Judiciário. Uma reforma de fundo, de suas estruturas. Uma reforma que permite a Justiça chegar ao povo, pois, hoje, as pessoas têm medo de ir até ela. Para isso, precisam ser reformulados a Constituição, os códigos, a legislação e se implantar um sistema racional para acabar, de vez, com todos os vícios que a rotina criou e está perpetuando.

JB — Então, como efetivamente racionalizar e agilizar esta Justiça emperrada?

Evandro — Fazendo com que um grande número de pequenas questões sejam julgadas por pequenos tribunais, funcionando dia e noite. Neles, haveria três juízes: um juiz togado e dois homens do povo, dois leigos, moradores do bairro que sairiam da lista de jurados. Não julgariam apenas as causas cíveis, mas também as criminais, tudo sendo resolvido naquele momento, rapidamente. Sem papelório, com oralidade. Processo puramente oral: a justiça do martelinho. Seria a criação dos Juizados de Pequenas Infrações, retirando do julgamento dos juízes assuntos insignificantes que entulham as Varas.

JB — Mas essa descentralização da Justiça já não está prevista na criação dos Juizados de Pequenas Causas?

Evandro — Essa lei federal, que ainda não entrou em funcionamento, contém modificações que são úteis. Mas ela é tímida, quando deveria ser muito mais ousada. A reforma deve ser estrutural, no sentido de levar ao conhecimento desses pequenos tribunais, o maior número possível de conflitos, de desajustes, de divergências. A lei precisa ser ampliada. Há quem sustente a atuação de um só juiz. Sou contra a Justiça singular. Por isso, nesses Juizados de Pequenas Infrações funcionariam três juízes, um togado e dois leigos, porque um morador de um bairro conhece muito melhor o problema de cada esquina do que um juiz daqui (do Palácio da Justiça). O Judiciário, hoje, é hermético, fechado, inexistente para o pobre. Se forem instituídos esses tribunais, o pobre irá até ele. E eles decidiriam pequenas infrações e causas cíveis de pequeno valor, mas compreendendo assuntos muito amplos.

JB — Se a pessoa se sentisse prejudicada, injustiçada com a decisão desses pequenos tribunais, teria a quem recorrer?

Evandro — Não tenho nenhum fanatismo pelo duplo grau de jurisdição. Mas a pessoa que se julgasse prejudicada, fosse vítima de uma iniqüidade, de um julgamento evidentemente errôneo, teria o direito de ir ao Judiciário reclamar contra aquela decisão. Então, se inverteriam os papéis: em vez de começar a questão por um julgamento solene, se teria 90% ou quase 100% dos problemas solucionados nesses tribunais. E isso permitiria aos juízes decidirem as causas de maior expressão e maior dificuldade. Mesmo tendo o direito de mover uma ação na Justiça ordinária, a pessoa se desanimaria e se desencorajaria diante da taxa judiciária, das custas processuais... A perda seria tão grande que, para ela, melhor deixar resolvido na base do que foi decidido ali mesmo, no bom senso.

Você já viu pobre reclamar quando ele estraga um sapato na rua?

> "A Constituinte não pode esquecer, de forma nenhuma, de uma reforma do Poder Judiciário. Uma reforma que permita à Justiça chegar ao povo, pois, hoje, as pessoas têm medo de ir até ela."

Reclamar de uma roupa que rasga em um parafuso? E ele não tem como comprar outra. Mas não tem a quem reclamar. A esses pequenos tribunais, ele teria acesso. Um juiz togado e dois leigos compenetrados de seu dever de fazer Justiça. E os leigos não têm aqueles calos, os hábitos que, na Justiça, ao fim de algum tempo, caem na rotina criando de tal maneira entraves que não se consegue mais vencer. Um processo pode rolar anos e não ser decidido. Indo a uma Vara Criminal, você encontra um enorme, um imenso número de processos que deviam ter sido julgados há muito tempo. Sou partidário da participação popular porque educa. Quando um leigo é convocado para julgar, ele se compenetra da função de julgador, de fazer Justiça.

JB — E o custo para serem instalados esses Juizados de Pequenas Infrações não exigiriam maiores despesas no orçamento do Poder Judiciário, justamente agora, quando a Nova República está em regime de contenção?

Evandro — Nenhum. O serviço que o juiz leigo prestará será gratuito como os serviços prestados pelos jurados nos Tribunais do Júri. E os leigos, evidentemente, trabalhariam em regime de rodízio. E também há a possibilidade de se reduzir, em muito, a massa de juízes e desembargadores que poderiam atuar nesses tribunais. O local onde funcionariam seria uma sala da Região Administrativa. É a Justiça rápida, eficiente, de custeio barato, acessível ao povo, para se implantar sobretudo nos grandes centros, onde há volume muito grande de litígios. Aliás, a Justiça está se tornando tão inviável que até para os ricos está ficando difícil. Numa causa de Cr$ 100 milhões, por exemplo, são necessários Cr$ 2 milhões de taxa para ingressar em Juízo. Mais os honorários de advogados, mais as custas... Isso desencoraja. A pessoa faz o cálculo e verifica que está arriscando uma pequena fortuna naquela causa.

JB — Essa idéia de tribunais de bairro, nas regiões administrativas, desafogaria a Justiça. Mas não afetaria a classe dos advogados, já que as partes discutiriam na presença do juiz togado e de dois leigos, sem se fazerem acompanhar pelo profissional?

Evandro — Esse problema dos advogados tem sido muito discutido. Os advogados, em geral, são contrários às reformas do Poder Judiciário. Acham que vão perder clientes. Mas não é o caso, porque se criará outro tipo de atividade. Há causas em que se pode estabelecer que a parte tem de comparecer com um advogado para ver solucionado o problema. Como também se há de designar advogado para estar presente, defendendo aqueles que não têm recursos. Não haverá prejuízo para a classe.

Mas os advogados, em geral, são contrários a um tipo de reforma dessa ordem. Eu apresentei, na Conferência dos Advogados de Curitiba, há seis anos, uma tese exatamente sobre isso: um trabalho longo sobre a reforma estrutural do Poder Judiciário, pegando desde cima até embaixo. Solucionando a primeira instância, desafoga também a segunda, que não receberá tantos recursos.

JB — E qual foi a receptividade dos advogados nesse encontro, há seis anos?

Evandro — No começo, boa. Mas no fim, a receptividade não foi inteiramente favorável, não. Houve grandes objeções. Mas houve também apoios, pois muita gente entende que a Justiça é um serviço para a população, não é para os advogados. Então, aquilo que for melhor para o povo é melhor para o país e não para uma classe. Aos Juizados de Pequenas Infrações, o povo irá. A empregada doméstica que não recebeu o dinheiro da patroa, por exemplo. E tantos outros assuntos...

JB — Há quanto tempo o senhor defende essa tese de Juizados de Pequenas Infrações, já que algumas modificações estão previstas na lei federal que criou o Juizado de Pequenas Causas, no final do ano passado? O senhor foi o pai da idéia?

Evandro — Eu escrevi sobre isto em 1947. E já havia antes. Logo depois da Revolução de 1930, houve a tentativa de se criar Juízos de Pequenas Infrações. Não era Juizado. Havia quem fosse partidário de um juiz sozinho julgar. Batista Luzardo, que era chefe de polícia, sugeriu a criação do Juizado de Pequenas Infrações. Mas ele idealizava — e aí sou contrário — o aproveitamento de delegados de polícia como juízes. E também não havia a possibilidade de a pessoa que se sentisse prejudicada recorrer à Justiça ordinária.

JB — Se o senhor defendia essa tese desde 1947, por que durante esses 38 anos não houve qualquer tentativa de implantá-la? O senhor encontrou muitos entraves?

Evandro — Muitos. Por parte de juízes que achavam que perderiam o poder; de advogados que pensavam que perderiam causas; de políticos, por temerem que a reforma estrutural criasse um novo Judiciário, confundindo a população. Tiveram medo de que a rotina fosse alterada. O homem do povo não sabe julgar, diziam. Mas nós, do povo, julgamos todos os dias. Sabemos o que é certo e o que é errado. Porém, o importante é que o povo saiba que tem perto de si, nos morros, nos bairros, um juiz que pode ouvir sua queixa sobre uma questão aparentemente insignificante para a maioria das pessoas, mas que para ele é importante. Era como havia antigamente: a Justiça do bom varão.

JB — Com o advento da Nova República, o senhor sentiu alguma mudança no comportamento dos magistrados?

Evandro — A Nova República tem um mês e meio. Mas acho que está havendo uma transformação do Poder Judiciário e, naturalmente, os juízes sofrerão a influência do sistema democrático que se quer implantar.

JB — Quer dizer que, durante esses 21 anos de Revolução, o senhor acha que o Poder Judiciário se afastou dos ideais da democracia, em razão de um Poder Executivo mais forte?

Evandro — Durante esse período, o Judiciário não tinha garantias para ser independente. Vivia sob o temor e sob os atos arbitrários do Executivo que, sem dar satisfações a ninguém, podia demitir, aposentar, colocar qualquer juiz em disponibilidade, até ministro do Supremo Tribunal Federal. Não podia ter independência. A independência e a harmonia entre os Poderes só ficava no papel. Por isso, a Constituinte precisa acabar com a supremacia do Executivo sobre os outros e dividi-los de modo harmônico e independente. Para isso, a participação do povo deve ser efetiva. O povo está bastante amadurecido para dizer aquilo que quer, com condições de fazer chegar suas idéias aos constituintes que vão elaborar o novo pacto social, a nova Constituição, que deve ser solene.

> "A Justiça está se tornando tão inviável que até para os ricos tudo ficou difícil. Em qualquer causa, gasta-se uma pequena fortuna."

JB — Essa ingerência do Poder Executivo no Judiciário poderá continuar? Afinal, é o Executivo que promove os magistrados. Podem ficar os juízes, de certa forma, comprometidos julgando causas de interesse do Governo?

Evandro — Na promoção de juízes, o Executivo tem a faculdade apenas de escolher um nome de uma lista tríplice. Embora não tenha uma opinião radical, acho que o critério de promoção por merecimento poderia ser alterado, ou seja, o próprio Tribunal poderia resolver. Mas o juiz tem suas prerrogativas constitucionais: é inamovível, é vitalício, tem irredutibilidade de seus vencimentos. Não deve obediência a ninguém. Caso contrário não teria consciência de seus deveres. Ele tem de julgar de acordo com as leis, os princípios e os interesses sociais. Só porque o Executivo o promoveu, não significa que ele fique comprometido. Não deve obediência ao Executivo, pois entrou pela porta larga do concurso.

JB — Quando os Presidentes da Revolução aumentaram o número de ministros do STF, o senhor chegou a pensar que objetivo era o de facilitar, por uma via oblíqua, decisões favoráveis ao Governo?

Evandro — Alguns pensam que aumentando o número de juízes, descongestionaria o Supremo Tribunal Federal. Nós fomos contrários, à época, quando se anunciou essa reforma, e me manifestei contra o aumento do número de juízes. Mas muitos consideram que, em havendo maior número, se divide mais a responsabilidade do julgamento e se reduz a carga de cada um. Durante meus cinco anos e quatro meses como ministro do Supremo, julguei, como relator, 5 mil processos, e participei de cerca de 38 mil julgamentos. Não sei qual foi a intenção do Governo. Mas o fato é que foram nomeados juízes que honraram o Tribunal. E todos eles julgaram com isenção e independência. A situação se agravou depois com o AI-5, foi aí que a ditadura chegou a extremos de repressão, em todos os setores. Basta dizer que nós, ministros do Supremo, fomos aposentados em 1969 e a Revolução é de 1964.

JB — O anteprojeto de lei elaborado pelo Ministério da Justiça para punir os crimes de colarinho branco só atingirá os futuros criminosos, porque não pode retroagir. O senhor não acha que deveria haver uma lei de caráter extravagante, mesmo contrariando esse princípio da reserva legal, para punir os responsáveis pelos estouros financeiros que lesaram em trilhões a economia popular?

Evandro — O princípio da reserva legal não pode sofrer nenhum arranhão. Não pode retroagir a lei penal. Existem os códigos, as leis para reprimir esse tipo de infração. Não têm sido eficazes. Agora, a lei específica como está sendo projetada, talvez venha atender as necessidades atuais, porque a Lei da Economia Popular é realmente anacrônica. E, por isso, ela ficou desajustada do momento atual. Há muitas formas, hoje, de delinqüência, de crimes, na exploração do mercado financeiro, para os quais deve haver uma lei nova que, segundo se anuncia, está sendo elaborada no Ministério da Justiça. Mas só deve alcançar daqui para frente. Os que já lesaram devem ser julgados pela lei atual.

JB — Mesmo em detrimento do povo?

Evandro — Não se pode transigir, absolutamente. Não será em detrimento do povo. Os processos estão em andamento. É preciso acelerar a marcha, não é isso? A própria Justiça pode acelerar. Fazendo o processo caminhar para julgar.

JB — E como se pode acelerar um processo quando há interesse, de uma das partes, de que ele fique parado, esperando a prescrição do crime?

Evandro — A Justiça sabe se movimentar. O defeito aí é estrutural: a Justiça não está aparelhada para julgar com presteza casos que devem ser decididos com essa presteza. Se ela julgasse, provavelmente chegaria à solução de acordo com a lei e de acordo com o entendimento comum. Um cidadão cometeu um crime na gestão de uma sociedade financeira e ele será punido.

JB — O que o senhor achou da decisão do juiz da 11ª Vara Federal de São Paulo, não decretando a prisão preventiva do Presidente do Brasilinvest, Mário Garnero?

Evandro — Não conheço os dados de que ele dispunha no processo. E não opino sobre causas defendidas por colegas.

JB — A Lei de Liquidação Extrajudicial deve ser radicalmente modificada para permitir um maior alcance do Poder Judiciário?

Evandro — Claro. Provavelmente será alterada. A Lei 6024 deve ser modificada e, na minha opinião, os casos de liquidação extrajudicial, nos quais a Justiça não se mete, devem ser levados, imediatamente, ao conhecimento do Poder Judiciário, lhe dando capacidade de intervir e de julgar a fraude. Precisam ser estabelecidos critérios que tornem mais célere o pronunciamento da Justiça. Pode estabelecer prazos, reduzi-los etc... para fazer julgar com rapidez e presteza.

JB — O que o senhor sugere como mudanças na Lei de Segurança Nacional? Não seria interessante que os crimes contra essa lei fossem julgados por um tribunal popular, isto é, por representantes da sociedade?

Evandro — Até a escola adversária do Júri, para o julgamento de crimes comuns, era partidária de que os Tribunais do Júri julgassem crimes políticos. Os crimes de imprensa também foram julgados, durante 100 anos — de 1822 a 1923 — pelo Júri. Os crimes políticos e de opinião devem ser julgados pela Justiça comum, como garantia dos cidadãos. A Justiça Militar deve decidir sobre delitos propriamente militares e contra a segurança externa do país, como na Constituição de 1946. Os militares não têm a tarefa de julgar crimes. Sua função é outra: a defesa da Constituição, da ordem pública, e não julgar os civis. E durante a guerra, devem julgar os crimes de espionagem.

JB — Já que as leis da época do arbítrio não foram inspiradas no princípio da liberdade dos cidadãos, como resolver tal impasse, agora, na democracia?

Evandro — O que se chama de entulho autoritário deve ser reestudado, repensado, alterado. As reformas estão sendo anunciadas e a principal delas, e a mais importante, é a convocação de uma Constituinte para, através de um pacto social novo, se estabelecer as garantias dos cidadãos e, ao mesmo tempo, também organizar,

> "Os advogados, em geral, são contrários às mudanças do Judiciário. Acham que perderão clientes. Isso não acontecerá porque a agilização dos tribunais criará outro tipo de atividade."

política e juridicamente, e institucionalizar a República. De forma a assegurar a todos um mínimo de vida decente, trabalho e subsistência. Há as dificuldades que a Nova República tem de vencer: temos uma dívida de 100 bilhões de dólares, uma inflação galopante, problemas de desemprego... Tudo isto tem de ser resolvido, sob pena de se chegar até a convulsão social. Eu penso que a Constituinte deve ser instalada em 1986, com um prazo para terminar seus trabalhos, e deve cuidar só da Constituição. Não sou partidário de que os constituintes se transformem depois em legisladores. Devem ser apenas constituintes.

JB — Por quanto tempo o senhor acha que deve se prolongar o mandato do Presidente José Sarney?

Evandro — A Constituinte, o povo brasileiro, é que deve decidir. Tancredo propôs quatro anos, mas a Constituinte é que deve resolver. O próprio quadro político vai encontrar uma saída para isso.

JB — O senhor acha que o Presidente Sarney tem o mesmo carisma de Tancredo Neves? O mesmo apoio popular, com condições de sustentar a esperança de 130 milhões de brasileiros? Ou ele, no poder, poderá desencadear uma campanha pelas diretas-já, com o povo indo para as ruas?

Evandro — É imprevisível o que pode ocorrer dentro de muito pouco tempo. Pelas dificuldades econômico-financeiras do país e porque um presidente tem de conquistar o povo. Ele vai ter de fazer um esforço muito grande para se adaptar a um tipo de conduta política que atenda aos interesses do povo, que estava cheio de esperanças na eleição de Tancredo Neves. Mas aconteceu a desgraça, a morte. Então, o Presidente deve se manter na legalidade partidária. Que continue o senhor Sarney até que a Constituinte delibere o prazo de seu mandato, a data de sua saída, e a data em que o povo deve eleger diretamente o novo Presidente da República. E isto a Constituição deve fazer. E só pode ser em 1986, porque neste ano se anunciam eleições municipais para a Prefeitura das capitais. E no próximo ano, terminam os madatos dos governadores e deputados estaduais. O resto, o tempo dirá.

Entrevista concedida a
MARILEIA MIRANDA
repórter do JORNAL DO BRASIL

Ano 10, nº 470, 5 de maio de 1985 Não pode ser vendida separadamente

DOMINGO

JORNAL DO BRASIL

Duas faces de um vôlei milionário

Um campeonato com Isabel e sem Jaqueline. Por quê?

EU
PAULO SCHEU

Capa: Fotos de Zeka Araújo/F4

DOMINGO
JORNAL DO BRASIL

Diretora
Maria Regina Brito
Editor de revistas
Zuenir Ventura
Editor
Artur Xexéo
Editora de arte
Vilma Gomez
Editora de moda
Iesa Rodrigues
Repórteres
Lucia Rito
Rose Esquenazi
Diagramadores
Maria do Céu
João Carlos Guedes
Paulo Cézar Lobo
Fotógrafos
Agência F4
Colaboradores
Catarina Brust
Dulce Caldeira
Eva Spitz
Joaquim Ferreira dos Santos
Helena Carone
Liliane Schwob
Rosa Nepomuceno
Gerente Comercial
Fábio Matos
Redação
Av. Brasil, 500/6° andar
Telefone: 264-4422
R. 410, 481 e 497
Publicidade
Av. Brasil, 500/5° andar
Telefone: 264-4422 — R. 322
Composição e fotolito
JORNAL DO BRASIL
Impressão
JB Indústrias Gráficas
Av. Suburbana, 301
Domingo é uma publicação da Editora JB. Não pode ser vendida separadamente.

sumário

Arte de beber

O **chef** José Hugo Celidônio reúne um grupo de **socialites** para ensinar como se deve beber um vinho (Pág. 39)

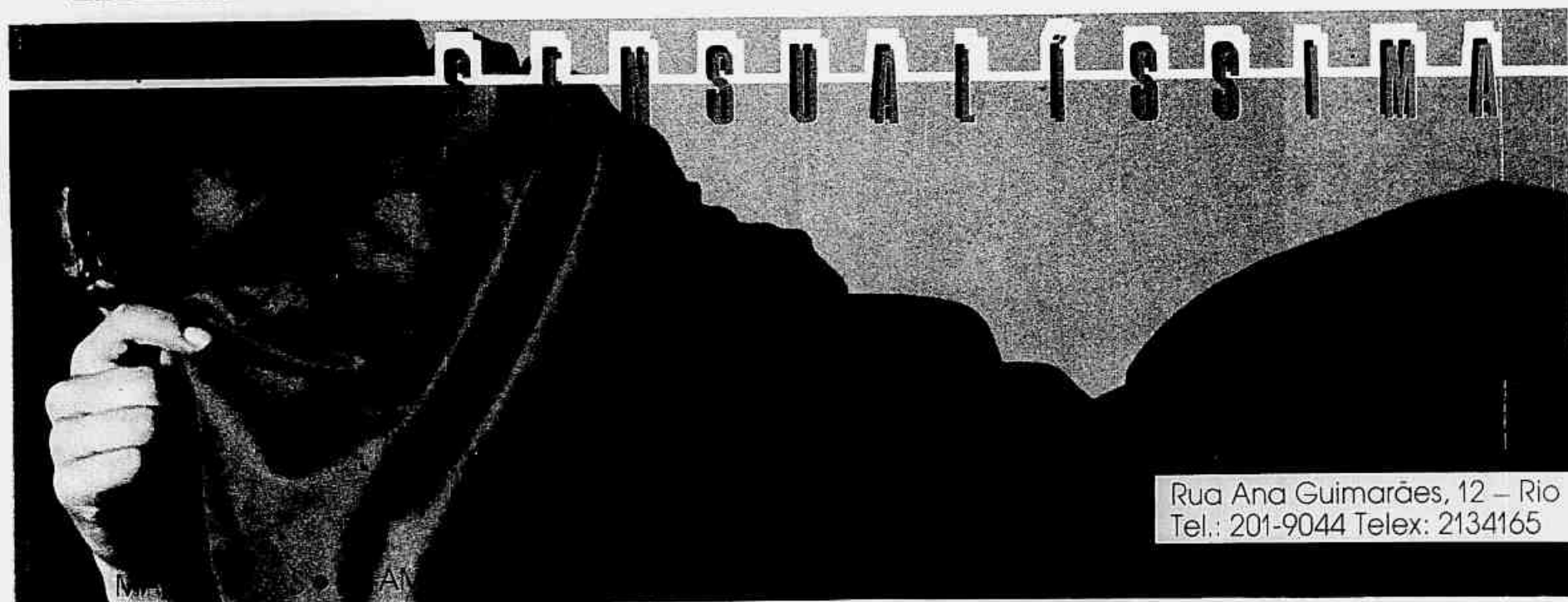
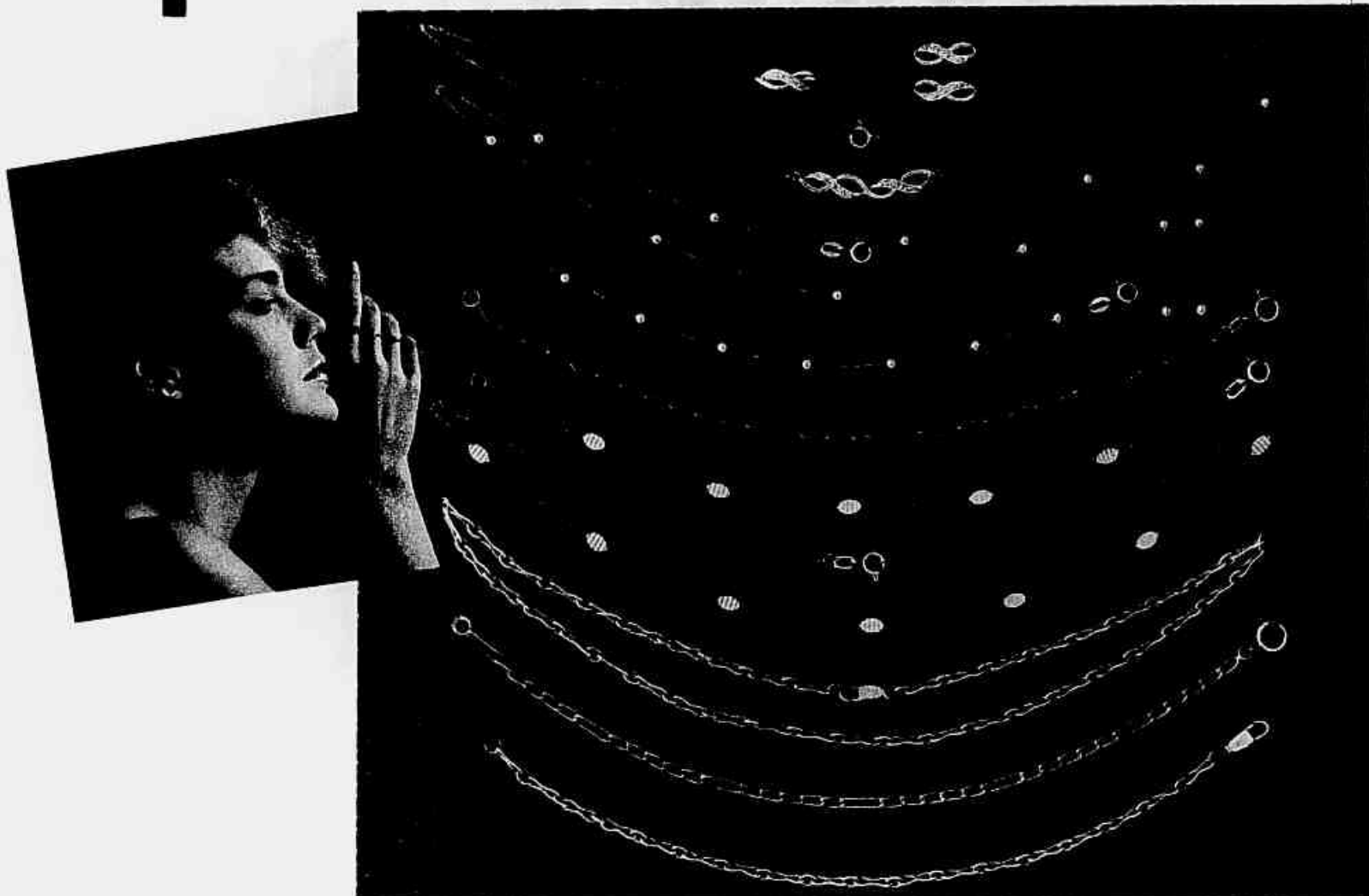
Arte natural

A pesquisadora Marli Lhamas propõe um passeio pelo Rio guiado pelas árvores notáveis da cidade (Pág. 26)

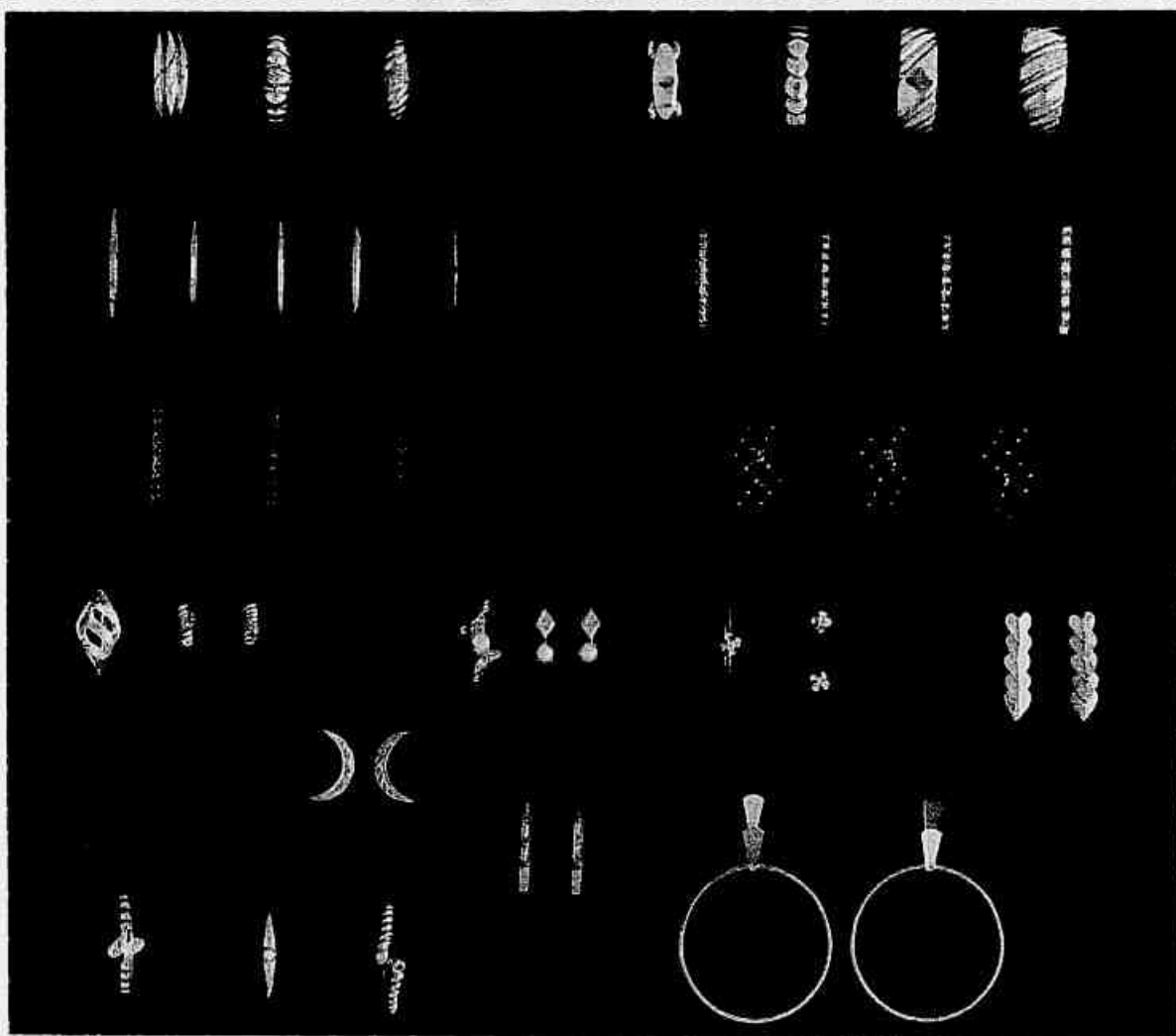
Poder jovem

O escritor Marcelo Paiva relata suas primeiras impressões como assessor do Ministério da Cultura (Pág. 46)

Amor jovem

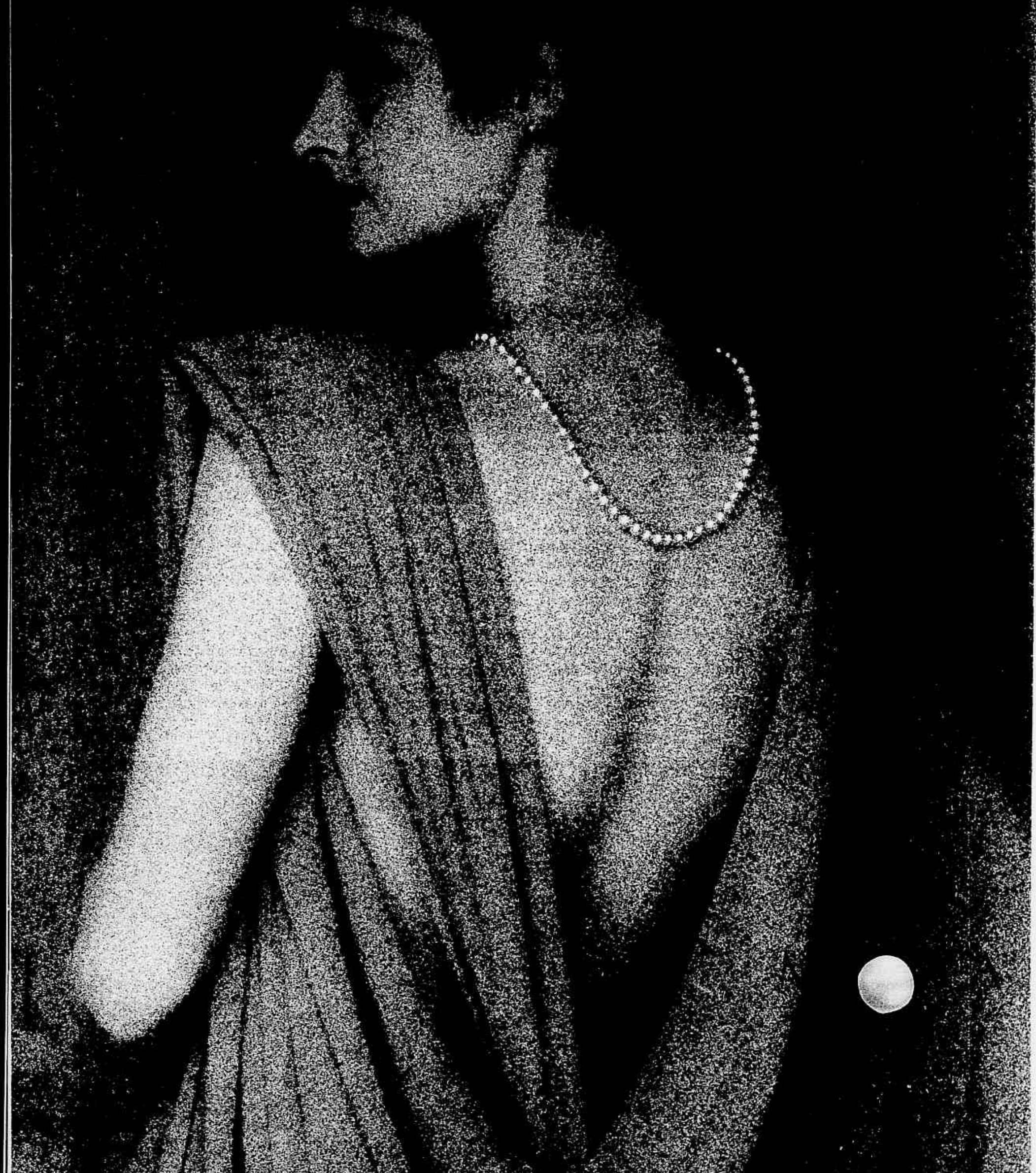
Paula Toller, do Kid Abelha, e Herbert Vianna, do Paralamas, contam como é a vida de um casal de roqueiros (Pág. 14)

Oportunidade de Ouro.

Dê uma jóia para a mamãe em 5 vezes sem juros ou à vista com 20% de desconto.

Grande promoção de jóias na Mesbla. São anéis, brincos, pendentes, pulseiras e colares a preços incríveis e sensacionais condições de pagamento. Não perca essa oportunidade de ouro. Venha até a Mesbla e dê um presente jóia para a mamãe.

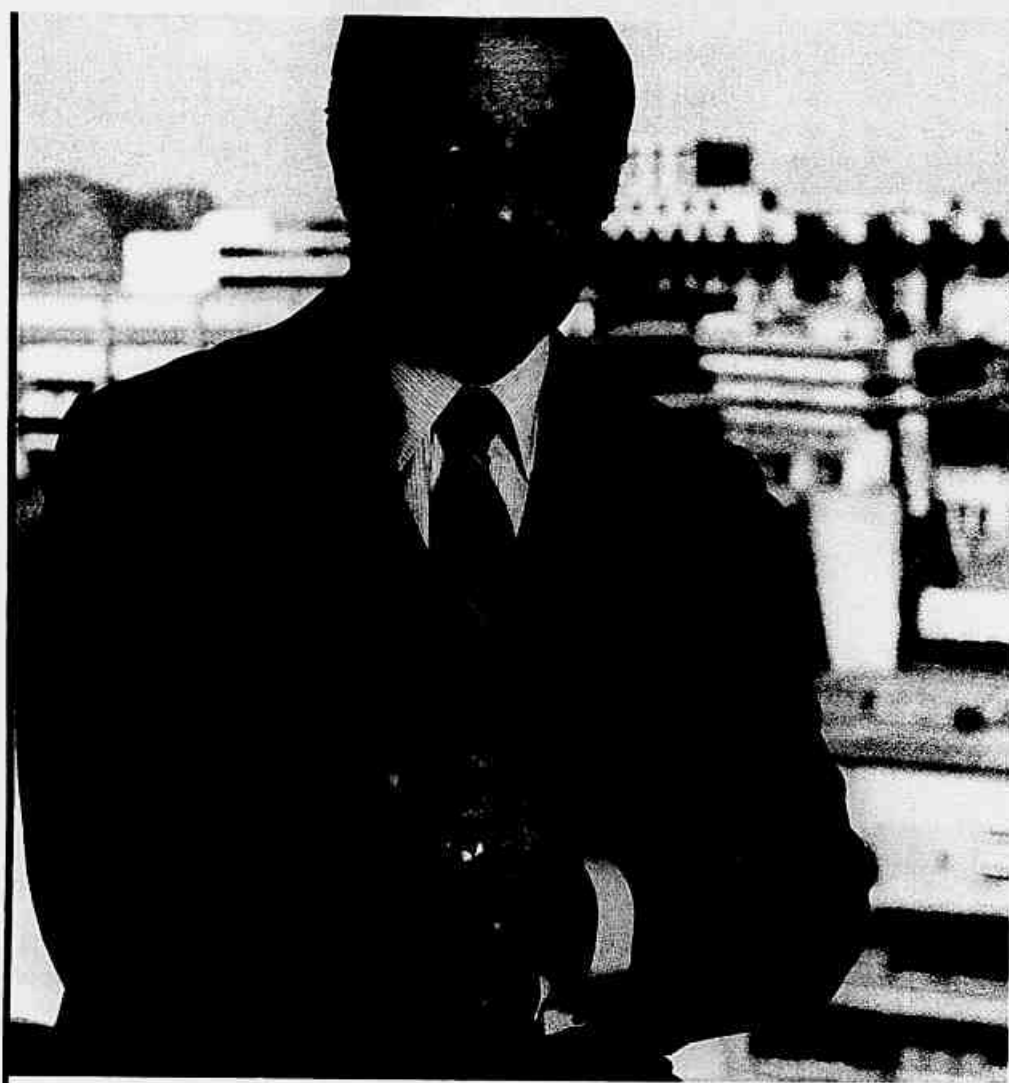
Ofertas válidas até 18/05/85 ou enquanto durar nosso estoque

Utilize seu Cartão de Crédito Mesbla ou compre pelo Credi-Mesbla sem entrada.

O Melhor Para Você.

PROVAREJO

CHEGARAM AS PEROLAS DE MAIORCA.

PARA MULHERES MUITO RICAS EM CHARME E BOM GOSTO.

BRINCOS E COLARES À VENDA EXCLUSIVAMENTE NA MESBLA ATÉ [illegible]

nomes

Rui recomenda trabalho contra crise

RUI SCHNEIDER

Dez anos na presidência da Associação Brasileira de Marketing, a atual presidência do Conselho Superior da entidade e a vice-presidência do Montrealbank de Investimentos credenciam Rui Schneider a opinar sobre o momento político e econômico do país: "Como banqueiro, sinto-me como devem estar se sentindo os empresários, as donas-de-casa e os trabalhadores — muito ansioso. Como homem de **marketing**, extremamente frustrado, quando constato que um liquidificador está custando o mesmo que cinco quilos de carne." Segundo Schneider, as perspectivas para o futuro são esperançosas, mas extremamente difíceis. "A grande curiosidade do brasileiro hoje", diz, "é saber como será executado o prometido processo de crescimento econômico com o controle da inflação. É um desafio muito grande." A posição de expectativa é compreensível — afinal, agora é que a Nova República está começando de verdade e o esgotamento da Nação depois de quatro, cinco anos de recessão é um fator inquestionável. Para Schneider, não existe uma fórmula mágica para se alcançar novamente o bem-estar social e político. Acredita, no entanto, que é preciso atacar o problema da inflação em várias frentes simultâneas, a saber — o custo de vida, o disciplinamento dos gastos do Governo ("Eu não gosto da expressão contenção"), o estímulo à iniciativa privada e uma efetiva política de apoio à capitalização das empresas. "O resto acontece como uma decorrência", diz Schneider. "E, mais do que tudo, é preciso não se esquecer de que é preciso muito, muito trabalho."

AMAURY CAMPINHO

Ele pode não ser tão conhecido quanto Sidney Sheldon, não distribui autógrafos quando sai à rua, mas pelo menos no Brasil é tão ou mais lido quanto o escritor norte-americano. Seu público leitor é outro, mas **best-seller** por **best-seller** o seu tem mais peso e consistência. Amaury Campinho é o autor do **Manual da Falência e Concordata**, uma obra que de uns tempos para cá passou a ser quase tão consultada no país quanto o catálogo de telefones ou o dicionário do Aurélio, a ponto de, apesar de um livro eminentemente técnico, já estar entrando em sua sexta edição em menos de dois anos de lançado.

RAY & CHARLIE

Chama-se Ray Reyes Leon o Menudo Ray que não encontrou melhor lugar no mundo para morar quando se aposentar — aos 16 anos, vale dizer, ano que vem — do que o Brasil. Os menudomaníacos que se regozijem! Ray não vai ser o único a passar a fazer carreira solo nos ouvidos brasileiros — seu companheiro de conjunto, o igualmente porto-riquenho Charlie, está pensando seriamente em fixar residência em São Paulo para também cantar (cantar?) sozinho. A continuar nesse ritmo de preferência, dentro de uns três anos o conjunto estará se reencontrando nas churrascarias paulistas — todos então com 18 anos, ou 19, ou 20. Em último caso, poderão formar o conjunto Ray-Charlie para enganar os incautos.

JOSÉ WILKER

Não se pode dizer que o ator José Wilker não tenha escolhido bem como celebrar sua **rentrée** em cena depois de dez anos afastado do teatro. A peça, **Assim É, se lhe Parece**. O autor, Pirandello. A tradução é de Millôr Fernandes. O elenco será dividido com Sergio Brito, que também produz a montagem. A direção fica por conta de Paulo Betti. "Minha volta aos palcos não significa que vá abandonar a televisão ou o cinema", explica Wilker. "Ao contrário: vou passar a me dedicar mais aos três."

SUEHIRO E KAZUO HIRAHATA

Quando Tóquio ainda se chamava Edo já havia a tradição da família Hirahata no apuro da cozinha japonesa. Hoje, quase dois séculos e muitas gerações depois, ela é representada no Brasil pelos irmãos Suehiro e Kazuo, que assinam a quatro mãos no restaurante Edo, em São Conrado, o que os críticos gastronômicos consideram o melhor sushi do Rio. Alegres, simpáticos e exímios em sua arte, os dois irmãos preparam-se para assumir de vez o balcão da casa mês que vem, quando o resto da equipe original vai-se mudar para a nova sucursal do restaurante a ser inaugurada na Barra. Suehiro e Kazuo vão ampliar então seus **shows** à mesa, partindo para explorar e criar também nas demais tendências da cozinha japonesa — mas sem abandonar jamais o sushi.

João R. Ripper/F4

Fazendo o melhor sushi do Rio

Fred Suter

JOSÉ ALBERTO GUEIROS

A maior **shakespeariana** da América Latina, com mais de 5 mil volumes, quase muda de mãos há semanas: uma fundação norte-americana tentou comprá-la de seu proprietário, o advogado, jornalista e escritor José Alberto Gueiros. Recebeu um não como resposta. "Herdei o Shakespeare de meu pai, Nehemias, e não pretendo me deixar comover pelas ofertas, por mais gordas e polpudas que possam ser", explica o colecionador. Entre as preciosidades alinhadas em sua biblioteca da bonita casa da Barra estão, entre outras, exemplares das segunda, terceira e quarta edições dos fólios de Shakespeare, a primeira delas datada de 1616 e a última de 1632, além de um belíssimo volume de gravuras, da mesma época, mostrando as heroínas do autor. A maior batalha de Gueiros para preservar sua **shakespeariana**, entretanto, foi travada há poucos meses quando, numa ação conjunta, a Sotheby's, a Christie's e a Swan Gallery tentaram resgatar sua coleção, digna de figurar em qualquer dos melhores museus do mundo. O colecionador venceu a batalha e para comemorar incorporou a seu acervo mais uma obra rara — **Shakespeare and the Lawyers**.

PRISCILLA PRESLEY

Priscilla Presley, viúva de Elvis, que passou recentemente pelo Rio exibindo seu namorado brasileiro, não deve voltar tão cedo ao Brasil, ao contrário do que partiu afirmando. A pelo menos uma amiga carioca, Priscilla foi clara: "Iglesias já recusou o convite; Pelé agradeceu mas explicou que não tinha tempo." Quanto a Xuxa, última estrela do hipotético elenco da comédia da viúva Presley, dificilmente aceitará o papel sem ter Pelé a seu lado como **partner**. Em suma, o filme não sairá do papel, pelo menos com o elenco imaginado pela produtora e atriz.

Das passarelas ao rock

JACKIE SPERANDIO

Ela não quer ser apenas a modelo de sucesso que é, nem a Musa da Praia do Pepino, título a ela atribuído pela **Interview** no verão passado, e muito menos mais um rosto bonito desfilando eternamente pelas passarelas. Jackie Sperandio, loura e de olhos azuis, como convém a uma sulista que se preze, sabe que o sucesso em sua profissão é efêmero. "Quero diversificar minhas atividades o mais cedo possível", conta, "e é por isso tenho que me dedicado à produção de **videoclips** e de capas de discos." Entre uma foto e outra, Jackie encontra tempo para preparar-se para dar uma guinada em sua carreira — está estudando canto com a professora Vera Maria do Canto e Melo. "Quero tentar o disco e vou começar pelo **rock.**"

Ehrlich e o novo surf

ROGÉRIO EHRLICH

Patrícia Barros, Karen Bertrand, Fernanda Barbosa, Giselle Poubel e Sandra Bandeira são algumas de suas descobertas no campo da moda. A revista **Momentos** é sua criação, assim como grandes festas o têm como anfitrião e a maioria das gincanas que movimenta a cidade leva a sua assinatura. Rogério Ehrlich, 29 anos, que tem na bagagem a responsabilidade de ter organizado em 1980 o primeiro campeonato de **windsurf** no Brasil, vai dar em junho mais uma mostra de pioneirismo organizando na Barra um campeonato de **morrey boogie**, um versão 85 do surf especialmente para **gatinhas** douradas da Zona Sul. "Não se esqueça de dizer", recomenda Ehrlich, "que também sou fotógrafo. E dos bons".

AYRTON SENNA

O craque Ayrton Senna, campeão do Grande Prêmio de Fórmula-1 de Estoril, aumentou o preço mínimo para o leilão dos espaços ainda existentes em seu macacão destinados à publicidade. Inspirado certamente na escala alucinada da inflação de seu país, Senna corrigiu seus preços em 200%. Foi modesto.

GONÇALO IVO

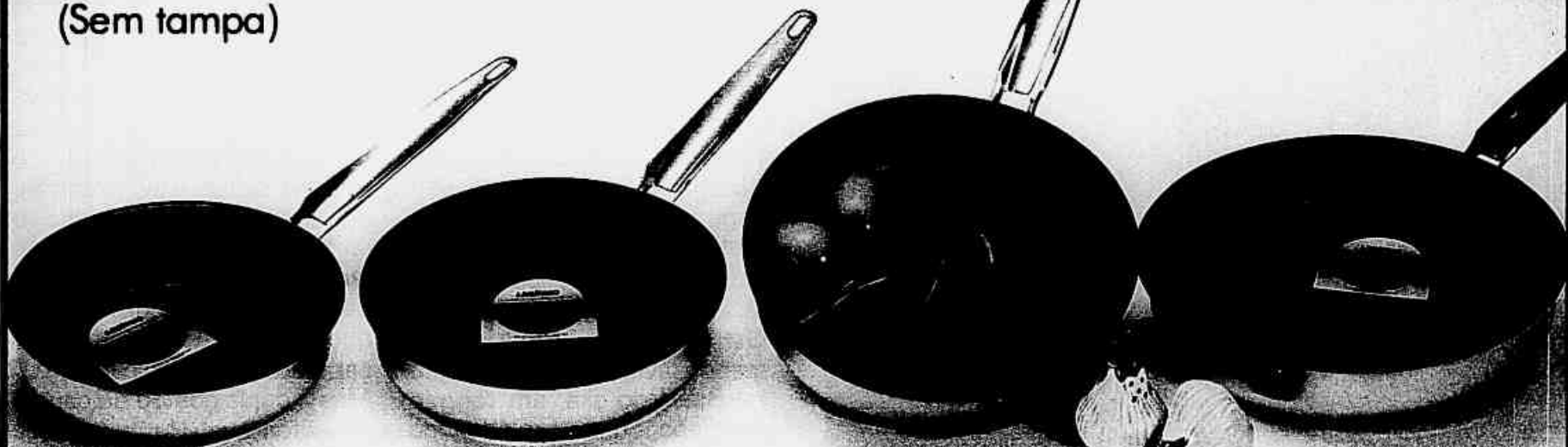
Dividido entre Teresópolis, onde montou seu atelier, e o Rio, onde leciona na oficina do Museu de Arte Moderna, Gonçalo Ivo, 26 anos, prepara-se para inaugurar depois de amanhã, na Galeria Arte Espaço, sua quarta exposição individual. Com estudos em Londres, Madri, México e Nova Iorque, o jovem arquiteto, professor, ilustrador, aquarelista e pintor busca em seus trabalhos recriar a natureza, como a enxerga. "Quero inventar universos, povoá-los de signos-objetos e com eles criar relações imprevistas, poéticas, executando-as com uma paciência de monge medieval". O próximo passo de Gonçalo Ivo será a gravura em metal, mas isso já vai ser assunto para outra exposição.

COM COZINOX® MERIDIONAL

FRIGIDEIRAS COM TAMPA E TEFLON II

∅18cm - Cr$130.000 ∅20cm - Cr$144.000 ∅22cm - Cr$164.000 ∅24cm - Cr$184.000

FRIGIDEIRAS COM TEFLON II

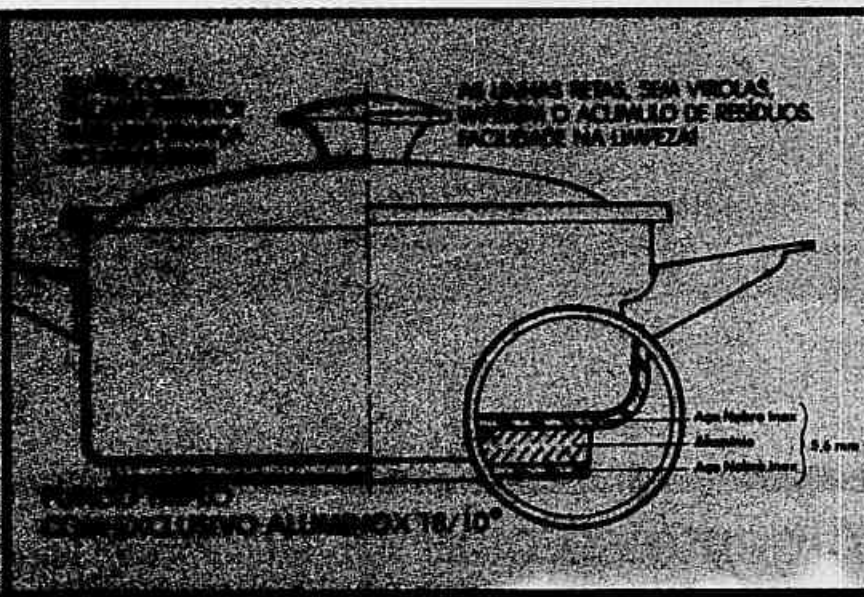
(Sem tampa)

∅18cm - Cr$92.000 ∅20cm - Cr$104.000 ∅22cm - Cr$119.000 ∅24cm - Cr$135.000

FRIGIDEIRAS *Forno & Fogão*

∅18cm - Cr$74.000 ∅20cm - Cr$84.000 ∅22cm - Cr$97.000 ∅24cm - Cr$109.000

CABO REMOVÍVEL AVULSO

Cr$ 23.000

Este cabo facilita o manuseio das panelas, caçarolas e frigideiras "Forno e Fogão" da linha COZINOX

Presentes Rachel

CASA DANIEL

Luzes Shopping

BAZAR 606

Bazar Para Todos

Fotos de Salomon Cytrynowicz/F4

Coisas de casal

Eva Spitz

Eles podem ser considerados frios e distantes. Ou, quem sabe, cautelosos. Mas são, inocentemente, verdadeiros. Formam um casal jovem — ela tem 22 anos e ele, 23 —, produto genuíno das diabruras do **rock**: Paula Toller e Herbert Vianna. Ela é a principal vocalista e letrista do **Kid Abelha e os Abóboras Selvagens**, a primeira e mais importante banda **new wave** do país. Ele é o principal vocalista, letrista, guitarrista do grupo **Os Paralamas do Sucesso**, responsável pela introdução no Brasil do **ska**, um **reggae** rapidinho, que explodiu no **Rock in Rio**. Os dois se conheceram na fila da Ordem dos Músicos do Brasil, onde suas guitarras se destacavam no meio de tanta gente do samba. Iam fazer prova para tirar carteirinha de músico. Eram os dois universitários, descontentes com a faculdade, à beira de largar tudo e viver só de música. É o que estão fazendo.

Juntos há quase um ano, Paula e Herbert casaram-se há dois meses, usam até aliança no dedo e fogem de quase todas as tentativas de tornar pública suas vidas em comum. "Não queremos ser responsáveis pela expectativa de ninguém", explicam em coro, quando rejeitam o chamado para aparecerem em colunas de mexericos. Preferem os passeios noturnos, em motocicleta, a qualquer badalação em boates. Recentemente fizeram uma exceção. Aconteceu no dia em que o superastro Prince, de passagem pelo Brasil, foi entronizado na galera chique da **music culture** carioca. A festa era na boate Hippopotamus e Paula e Herbert apareceram vestindo roupas idênticas. Roubaram a noite.

Paula agora acha graça de como ficou preocupada com o que deveria vestir na ocasião. "Não gosto de sair feito uma árvore de Natal e descobri que não tinha nada para vestir. Só as roupas de sempre", conta. A solução partiu de Herbert. Os dois chegaram de camiseta pólo azul-marinho, calça e saia brancos e, é claro, calçando tênis. "Foi a primeira e última vez que fui ao Hippopotamus", desabafa o **band leader**. "O Prince é um coitado que precisa de babá para dançar e até para ir ao banheiro." Mas a dupla gostou de causar impacto visual. Herbert, que já foi apontado por colunistas do setor como lançador das bermudas quadriculadas até o joelho, descobriu que continua lançando moda. Dois dias depois, leu numa revista **Interview**, na edição americana, que não há nada mais chique que casal usando roupas iguais. É invenção do estilista Jean Paul Gaultier.

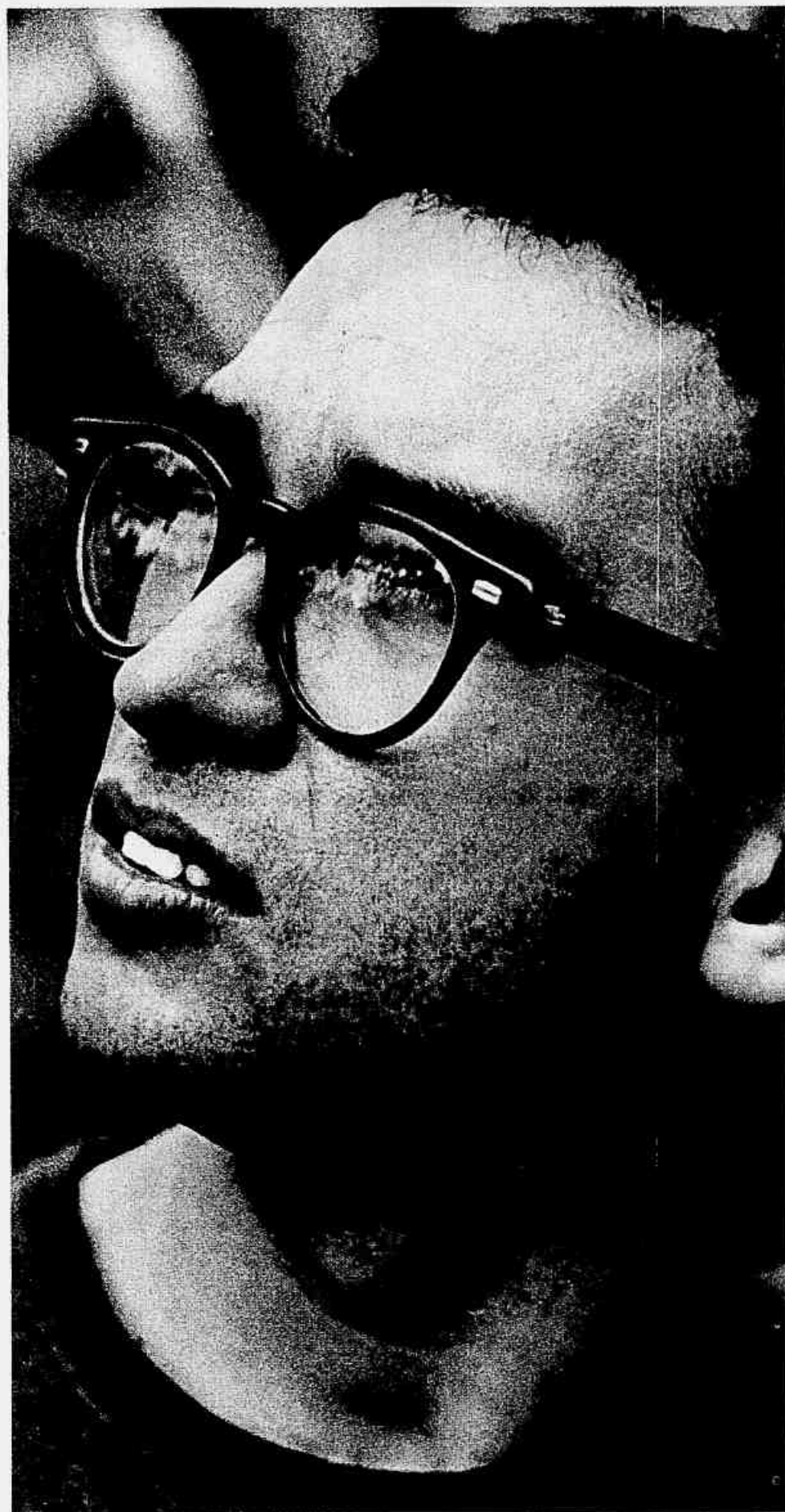
Paula e Herbert são mesmo um casal moderno. Daqueles em que um não interfere na vida do outro, a não ser para obter mais prazer. Para o novo disco que o Kid Abelha está gravando, Herbert Vianna escreveu uma letra. Já foi assim no primeiro LP, **Seu Espião**. A mistura no trabalho dos dois acaba aí. Quando coincide de um grupo estar fazendo **show** e o outro parado, um roqueiro vai ao encontro do outro, nem que seja em Belém do Pará. Como aconteceu no último Ano Novo. Quando os dois estão em casa, eles preparam juntos o café-da-manhã: chá, torradas, geléia, queijo, suco e sucrilhos com leite e banana. De resto, jantam e almoçam quase sempre fora, gostam de fazer pequenas viagens de moto e

"A gente só quer fazer música juntos. Não somos exemplo de nada", garante Paula Toller

planejar viagens grandes. Por exemplo, para a Europa, ainda este ano. "Dinheiro", diz Herbert, "não é para guardar. É para viajar." Embora eles já possuam uma renda mensal que leve Herbert a afirmar: "Se a população brasileira ganhasse metade do que a gente ganha, estava bem de vida." Até pouco tempo atrás, andavam num Fusca 75, presente do pai de Herbert. Agora, compraram um Fiat Uno. "A gente só quer tocar e fazer música. Não somos exemplo de nada", insiste Paula. Por isso, recusam dar entrevistas em dupla. "Tem muita gente que seca", acredita Paula. Mas ela se defende usando a intuição que garante possuir. "Se olho uma pessoa e não gosto, não adianta nem ela ficar de joelhos...", ameaça. Herbert recorre a práticas menos conhecidas. Aprendeu um grito japonês com Eduardo Dusek, ótimo para limpar o astral. "Se eu não der o grito posso ficar o dia inteiro chateado, cheio de lembranças negativas", confessa. "São coisas que fazem mal a gente." Dar o grito pode ser uma solução. Mas o importante, garante Paula, é tentar ser feliz todos os dias. "Não é só casar e dizer **pro** outro: eu quero viver com você a vida inteira. Se você não tenta ser feliz todos os dias, não adianta."

"Nós somos dois músicos, duas pessoas famosas, que têm uma vida supersimples e que por não terem muito tempo para ficar juntos, mantêm uma relação estimulante", analisa Herbert. "Quando a gente se encontra, um sempre tem coisas para contar ao outro."

Herbert é filho de um coronel-aviador. Nasceu em João Pessoa e morou 10 anos em Brasília. Guarda boas recordações. "Meu pai foi quem me deu a primeira guitarra", conta. Paula foi criada pelo avô, médico. Os dois foram estudantes aplicados e largaram as faculdades antes de completar o último período. Ele fazia Arquitetura; ela, Desenho Industrial. "Se você não sabe o que quer, não faça faculdade", aconselha Herbert. "Dê um tempo." Paula tinha certeza do curso que queria fazer, mas se decepcionou. "A gente quer melhorar o mundo e no final acaba desenhando móveis, criando lojas chiques ou fazendo embalagens", deduz.

Herbert trabalhou um ano como despachante de carga no aeroporto e Paula, entre uma arte final e outra, vivia da mesada da família. No primeiro **show** depois do lançamento do primeiro disco do Paralamas, um compacto simples, Herbert ganhou mais dinheiro que em um mês inteiro de trabalho. Ficou deslumbrado. "Minhas letras não são material de grande valor literário", admite. "Mas exprimem, junto com a música, as coisas que sinto. Pelo jeito, são sentimentos comuns." O conjunto de Herbert se inspira no **rock** inglês, pós-punk. Paula já gosta de qualquer tipo de música. E adora imitar cantores. Diz que é perfeita na imitação de Gal Costa e Elba Ramalho, fã dos **Pretenders** e do, pouco conhecido no Brasil, grupo **Everything But The Girls** (Tudo, Menos Garotas). Ela é de Virgem; ele, de Touro. Combinação perfeita. É o que garantem, literalmente, os astros. Paula reforça: "Que nem a Scarlet Moon e o Lulu Santos."

"Quando a gente se encontra, um sempre tem coisas para contar ao outro", diz Herbert

perfil

Um rock bem comportado

Ele gosta de Lulu Santos e não usa drogas. Ela prefere Rita Lee e só fumou maconha.

Paula Toller e Herbert Vianna não pensam só em **rock** ou na vida a dois. Mas quando discorrem sobre outros assuntos, também mostram por que vivem bem juntos. Como ao falar de política. "Tenho certa esperança e certo medo de Sarney", confessa Herbert. "A morte de Tancredo me deixou muito desolado. Ele simbolizava essa vontade de tirar o ranço do país". Paula também está cheia de dúvidas: "O Sarney tem obrigação de andar na linha. Ele não tem apoio popular. Se não se comportar, pode se dar mal. Ou pode até surpreender". Eles não pensam diferente quando o assunto é drogas. "Não tenho definições para as drogas. Não uso, mas não condeno quem usa", diz ele. "Nunca usei nenhum tipo de droga", avisa Paula. "Só experimentei maconha e não senti nada. Além disso, droga está fora de moda." Ela rejeita a condição de estrela da música: "Isto não existe mais, nem há mais lugar para isso. O Roberto Carlos não deve nem carregar a bolsa. Eu carrego um monte de coisas. Seria insuportável não poder sair na rua." Entre suas preferências musicais, Paula destaca Rita Lee. "Sempre foi minha ídola maior, mesmo quando comecei a me desinteressar pelo seu trabalho. Disse isso a ela e ficamos as duas envergonhadas". Herbert prefere Lulu Santos e Robertinho do Recife, "este foi meu superídolo nos anos 70". Não diferem ainda quando discutem amor e sexo. "São bons quando estão juntos", pensa Herbert. "Nunca tive casos descompromissados", acrescenta Paula. "Comigo, foi sempre com a pessoa que eu mais amaria na vida, que eu queria para a vida toda". Ela é pessimista quando imagina o destino do mundo. "Até no síndico do edifício a gente encontra corrupção", afirma. Ele tem mais fé na humanidade: "Se fosse pessimista, não planejaria ter filhos". Mas numa questão, pelo menos, eles respondem com as mesmas palavras: "Fidelidade é fundamental".

Lúcia: um bom retrato do PSD

Para quem é do ramo

Agora que a extinta UDN subiu ao poder com José Sarney, um ex-membro da ala Bossa Nova do partido, vai-se poder conferir o que se afirmava como axioma durante a velha República que começou com a queda do Estado Novo e terminou com a Nova República. Dizia-se então que a UDN era o partido dos problemas morais; o PTB dos problemas sociais; e o PSD, dos problemas administrativos. Em outras palavras, garantia-se que só o PSD de Tancredo Neves tinha capacidade de governar, como provara governando com os ex-presidentes Dutra e Kubitschek. A UDN e o PTB, ao contrário, eram incapazes. Um tentou com Jânio Quadros e o outro com João Goulart e ambos, de uma maneira ou de outra, fracassaram. Cabe a Sarney agora desmentir essa história.

"O PSD acaba mas não morre", dizia o pessedista Tancredo. Curiosamente, 20 anos depois de extintos pelo AI-2 de 65, os três principais partidos criados pela reforma da Constituição de 46 — PSD, UDN e PTB — parecem ter mais vida que seus sucedâneos Arena e MDB. Mais do que o Tancredo pepista ou pemedebista, foi o pessedista que ganhou as eleições; mais do que arenista ou pedessista, Sarney é udenista. Por isso, ganha atualidade a tese da cientista social Lúcia Hippolito, 35 anos (**De raposas e reformistas — o PSD e a experiência democrática brasileira — 1945-64**, da Paz e Terra), que será lançado na próxima quarta-feira na livraria Argumento. O livro, escrito originalmente como tese de mestrado e numa linguagem clara como em geral não são essas obras, fala de um partido do qual se costuma dizer que foi o fiador da estabilidade política da Constituição de 46. "O seu desaparecimento é o desaparecimento do regime democrático", diz no prefácio o pessedista e agora ministro Renato Archer. Qual é o segredo da sobrevivência desse partido ou de sua herança?

— O que sobreviveu por esses anos", responde Lúcia, "e que o Dr. Tancredo soube veicular tão bem por todo o território nacional é o estilo pessedista. Mais do que um estado de espírito, mais do que um partido ideológico, o pessedismo é um estilo de prática política. Vimos isso com o espetáculo que Tancredo nos proporcionou".

O pessedista Ulysses Guimarães até hoje fala com orgulho da sua escola: "No PSD não havia improvisadores; eram todos do ramo". De fato, nessa escola, os alunos tinham uma formação que começava no município, passava pelo estado e só depois chegava ao plano federal. Quando aí chegava, explica Lúcia, o político tinha uma intimidade com a administração pública que fazia dele "um profissional no melhor sentido da palavra".

Mas há quem identifique o PSD com uma nem sempre elogiável esperteza de raposa. Essa escola seria responsável, pela política de interesses menores, dos cambalachos. "São intrigas da oposição", brinca Lúcia, lembrando que "a UDN jamais ganhou o PSD no voto, só na intriga".

A sério, o que há de estranho é que, como diz a autora, o PSD, que "nasceu das entranhas da ditadura do Estado Novo, respeitou a lei e o voto como nenhum outro", enquanto a UDN, criada por oposição a Vargas, "alimentada pelos grandes ideais de liberdade e democracia, tornou-se o partido mais golpista do período".

A má fama do PSD é atribuída também pela autora à "depreciação da atividade política durante o recente período de arbítrio". Ela acha que a recuperação da idéia de raposa como um valor positivo é mais um serviço que a classe política fica devendo a Tancredo.

— O que é a raposa pessedista?", pergunta e responde: "É o homem da conciliação, da transigência, da negociação, da habilidade política. É o Dr. Tancredo.

O manual do bom pessedista

Quase 20 anos depois de sua extinção, o PSD ainda fornece modelos de comportamento político. Lúcia Hippolito organizou um "manual do bom pessedista" com algumas dessas regras:

1. Respeito ao voto e à lei. A autora cita o exemplo de Tancredo e Ulisses, "parecidíssimos no reverencial respeito à lei, ao voto e à constituição".
2. Respeito ao centro. Como ensina Amaral Peixoto, o PSD "era formado com a esquerda da direita e a direita da esquerda".
3. Respeito à conciliação. "O pessedista é o homem do bom senso e do equilíbrio", declara Amaral Peixoto.
4. Firmeza na decisão. Não se deve confundir moderação e espírito de conciliação com indecisão. Tancredo ainda é o exemplo.
5. Competência política. "No PSD eram todos do ramo", diz Ulysses.
6. Competência administrativa. "Os grandes administradores eram do PSD", garante Amaral Peixoto.

Política aos milhares

O Complô que Elegeu Tancredo traz o tema político para as listas de livros best sellers

Trata-se de um fenômeno — principalmente considerando que política é em geral um assunto pouco vendável. Lançado há pouco mais de um mês, apenas em Brasília e Recife, **O Complô que Elegeu Tancredo** (Editora JB) já é um **best-seller** no gênero. Esgotou três edições de quatro mil exemplares cada. Enquanto isso, o grande sucesso de vendas em ficção, **A Insustentável Leveza do Ser**, de Milan Kundera, só agora chega à quarta edição de cinco mil exemplares cada. Quatro meses após seu lançamento.

O Complô..., que resgata os bastidores da sucessão do Presidente João Figueiredo, aparece nos primeiros lugares em todas as listas dos mais vendidos publicadas por jornais e revistas da grande imprensa. Na semana passada, a Veja e o JORNAL DO BRASIL o indicavam em terceiro lugar na categoria não-ficção, só perdendo para dois campeoníssimos estrangeiros, **Complexo de Cinderela** e **Síndrome de Peter Pan**, ambos há mais de 20 semanas em cartaz. Na lista dos jornais nordestinos de João Pessoa, Natal e Recife ele aparece em primeiro.

"Li de uma vez só. Gostei muito. A história foi assim mesmo que aconteceu", atesta a filha do Presidente José Sarney, Roseana. Um dos autores, Gilberto Dimenstein, diz por que acha que o livro está fazendo tanto sucesso: "A Nova República está na moda. As pessoas estão curiosas por reações, comportamento, idéias, caráter, intimidade, pontos de vista e ideologia dos homens responsáveis pelo futuro do país." Além de Dimenstein, assinam o livro outros quatro repórteres políticos da Sucursal de Brasília do JORNAL DO BRASIL: Ricardo Noblat, José Negreiros, Roberto Lopes e Roberto Fernandes.

Lopes, Dimenstein e Negreiros

Com o troféu de melhor jogadora do torneio no Japão e as filhas Pilar e Maria Clara, Isabel não tem queixas. Só lamenta não jogar mais com Jackie

Fotos de Zeka Araújo/F-4

Um vôlei de estrelas e contradições

Lucia Rito

Tudo parecia correr bem. Nos últimos 13 anos elas se emocionaram juntas, ganharam dezenas de medalhas e ajudaram a transformar o vôlei num esporte popular. Saíram do anonimato dos clubes para formar equipes de grandes empresas e viraram celebridades nacionais. Isabel, a cortadora da seleção brasileira de vôlei, e Jaqueline, a levantadora, deram centenas de entrevistas, posaram para anúncios milionários e quando o prestígio parecia definitivamente consolidado aconteceu o desastre: ao renovar seu contrato para o ano de 85, Jaqueline pediu alto — Cr$ 100 milhões de luvas e Cr$ 15 milhões por mês — teve sua proposta recusada pelo Flamengo e pela Supergasbrás e, de um dia para o outro, viu-se desempregada. No próximo dia 25, quando começarem os jogos da Copa Brasil — que reunirá as sete melhores equipes do vôlei feminino — a dupla que por tantos anos emocionou a torcida estará desfeita. Enquanto Isabel, com a camisa do Bradesco, estiver brilhando nas quadras, Jaqueline estará rifando sua lambreta e 500 camisetas, para conseguir dinheiro para sobreviver. A história dessa dupla ilustra as contradições do vôlei feminino no país — um esporte que conquistou a massa, que esse ano contará, só para as meninas, com um investimento mínimo de Cr$ 4 bilhões e que, no entanto, dirigido por empresas, vê-se ameaçado de perder suas melhores estrelas, simplesmente porque elas acreditaram valer tanto quanto os anúncios milionários que passaram a fazer.

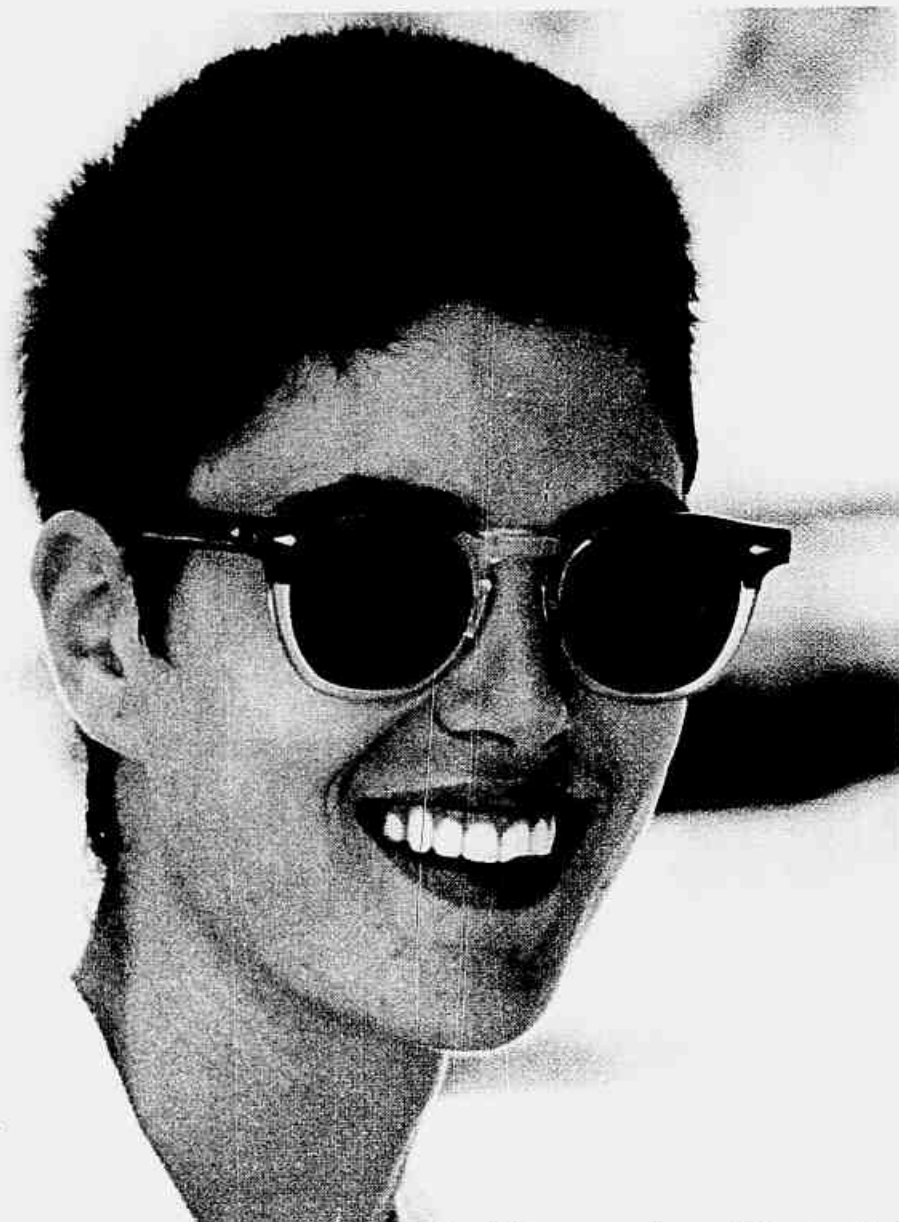
Além de riscar o nome de Jaqueline das competições — a chance dela é a convocação para a seleção nacional em julho — o mercado do vôlei brasileiro impediu que o Flamengo e o Juiz de Fora continuassem com seus times. Por causa da inflação dos salários, o clube da Gávea, pela primeira vez na sua história, acabou

As medalhas não impedem Jaqueline de rifar sua Vespa

com a equipe feminina. A única empresa que se arriscou a entrar no páreo foi a Lufkin, de Sorocaba, que formou um novo time. O assessor de imprensa da Supergasbrás, Ricardo Ramalho, pede prudência ao analisar o fenômeno. Ele acha que o sucesso do esporte é muito recente e que, apesar de o retorno institucional das empresas ser enorme, é preciso respeitar os orçamentos. "Quando começamos com o vôlei feminino, em 83, as estrelas de hoje ganhavam uma ajuda de custo mínima dos seus clubes. Com o interesse das empresas, elas passaram a se supervalorizar e isso gerou distorções como a de Jaqueline", analisa. Ramalho informa que a Supergasbrás vai investir Cr$ 800 milhões este ano para manter suas atletas, pouco mais que o dobro do investimento do ano passado, mas acha que as pretensões de Jaqueline eram altas demais. "É lamentável, porque ela tem condições de pertencer a qualquer equipe, mas não podemos estourar o orçamento." Ele lembra que a inflação de salários tem afastado muitas empresas do vôlei. "É preciso que a Confederação estude fórmulas para regular o passe porque, se continuar assim no ano que vem, muita coisa pode mudar", adverte. O presidente da CBV, Carlos Arthur Nuzman, também acha arriscado falar em salários milionários. "O que aconteceu este ano é que as decisões foram tomadas em cima da hora e foram muito mais emocionais do que frias. Isso demonstra que o emocional ainda interfere na realidade de cada atleta e cada clube, e isso acaba gerando situações penosas." Nuzman vê pontos de contato entre a situação de Jaqueline e a de alguns jogadores de futebol que também ficam sem times. Mas ele não sabe como ajudá-la.

"Não posso ajudar individualmente um atleta. Cada um tem que saber resolver seus problemas com os clubes."

Enquanto dirigentes e empresários discutem os caminhos do vôlei feminino, Jaqueline Louise Cruz Silva, 23 anos, aprende a redimensionar a importância do vôlei na sua vida. Jogadora desde os 9 anos, ela participou de todas as competições importantes com a seleção brasileira e foi uma das primeiras a ser contratada pela Supergasbrás em 1983 para formar a nova equipe da empresa. À medida em que o interesse das empresas aumentava e o dos anunciantes também, Jaqueline começou a mudar. Hoje ela vê o esporte como uma profissão dura, cheia de sacrifícios. Por isso, pediu o que achava justo para renovar seu contrato com o Flamengo. "Percebi que jogávamos cercadas de propaganda nos estádios, vestíamos o uniforme coberto de anúncios e levávamos uma vida dura". Ela não esquece que viajou o mundo todo sem ter tempo de conhecer nenhuma cidade, gastando quase tudo o que recebia em telefonemas internacionais. "Não temos INPS e, se ficarmos doentes, não temos direito a nada. Fiz então a minha proposta e, apesar de tudo que aconteceu, continuo achando justo o que pedi". Como não conseguiu apoio nem do Flamengo nem da Supergasbrás, Jaqueline vai tentar ainda esse mês rifar sua lambreta e 500 camisetas com o símbolo da copa do Japão: uma cachorrinha atirando-se ao chão para dar uma manchete, "um símbolo perfeito para mostrar que a vida da gente é dura como a de um cão", exagera. Diante das dificuldades, Jaqueline tentou a permissão da Confederação para jogar fora do Brasil, mas esbarrou no impedimento da CBV. Atletas brasileiras não podem jogar em outros países. Assim, ela tem feito o treinamento por conta própria, correndo na praia, nadando e querendo dar aulas para se manter até julho, quando espera ser convocada

Zeka Araújo/F-4

Vera ganha Cr$ 150 milhões, o maior salário do vôlei

Tatiana Constant/F-4

Ana Richa não está preocupada com a inflação

para treinar com a seleção, três meses antes do jogo de novembro na Copa Japão. Outra opção é reestruturar o restaurante Palavollo que sua mãe e uma irmã de Isabel abriram em Ipanema e que está em obras.

A situação de Jaqueline entristece Isabel. Recém-chegada do Japão, onde ganhou um troféu como a jogadora de maior mobilidade em campo, ela acha que tudo aconteceu não por causa do salário pedido por Jaqueline, mas pela maneira como a história chegou aos jornais. "Foi antiético divulgar as pretensões dela. Não se pode usar uma atleta como fizeram com a Jackie. Ano passado, a Supergasbrás trouxe a Aurora, uma jogadora peruana, pagando em dólares e ninguém falou nada. Isso demonstra que todos ainda têm uma cabeça de **sub. Sub** para Isabel, é subdesenvolvido. Na sua opinião com o currículo que tem, Jaqueline pode pedir o que quiser. Ninguém arrancará dela qualquer crítica à amiga, até porque teme que um dia isso possa acontecer consigo. "Da mesma forma que ela, uma jogadora brilhante, não conseguiu um contrato esse ano, eu posso não conseguir ano que vem". Hoje, porém, Isabel está tranqüila e tem boas razões para estar em paz com a vida. Na semana passada, ao mudar-se para a cinematográfica casa do cineasta Rui Solberg, iniciou seu terceiro casamento. Aos 24 anos, mãe de duas filhas, de seis e dois anos, ela recebe da Bradesco Cr$ 8 milhões por mês. "Jogo vôlei porque sinto prazer", confessa. Esse prazer já lhe deu um apartamento no Jardim Botânico, uma motocicleta Honda de 250 cilindradas e, em breve, dará um carro. "O que eu recebo dá para viver bem, mas não para viajar para a Europa e fazer estripulias". Atualmente, Isabel treina seis horas por dia. Ela gostaria de poder ajudar Jaqueline. "Mas nós temos apenas o mês de fevereiro para cuidar das transferências. Cada uma fica batalhando para si, não há tempo útil para se organizar nada". O único compromisso de Isabel, fora o vôlei, é um programa semanal para a TVS, gravado todos os dias. Chama-se **Cultura Jovem** e vai ao ar todos os domingos às 11h. "Um mercado novo que consegui por causa do vôlei, e são essas coisas e os convites para publicidade que funcionam como pagamento extra."

Outra superestrela do vôlei feminino bem-sucedida é Vera Mossa. Ela é paulista, tem 20 anos e trocou a Pirelli e sua cidade natal, Campinas, para jogar no Rio na Supergasbrás.

Vera, que namora o jogador Bernardinho, é o maior salário do vôlei feminino: Cr$ 150 milhões por ano, somando as passagens que recebe para ver sua família e as luvas. Pessoalmente satisfeita, ela acha, porém, que o vôlei cresceu muito, mas a consciência profissional das jogadoras, não. "Nós ficamos alheias ao que acontece nos bastidores. Nossa função é jogar aqui e ali, viver viajando, sem oportunidade de conversar sobre os caminhos do esporte", raciocina. Ela acha difícil conciliar a dureza dos treinamentos diários com uma participação mais efetiva em favor da classe. "Acho imprescindível sentar para discutir sobre o direito de arena, a participação dos times nas rendas, mas isso não é coisa para se tentar sozinha." Vera tem um procurador para cuidar dos seus interesses comerciais e foi ele quem tratou com a Nestlé o comercial sobre o lançamento do iogurte Bliss, no ano passado. Pela campanha — que durou seis meses e foi veiculada nacionalmente na TV, em **out doors** e em **posters** — a jogadora recebeu o equivalente a Cr$ 60 milhões. "A Vera hoje é a que tem a melhor imagem, se comparada aos jogadores do vôlei masculino. Ela recebe quase o mesmo que um ator de televisão que não esteja no ar", diz Ronaldo Brito, dono da Proeza Produções Esportivas, que defende também os interesses de jogadores como Renan, Bernardinho, Bebeto e Bernard, no exterior. Bernard é o que cobra mais caro — cerca de Cr$ 150 milhões — mas Vera

Mossa, com o tempo, pode chegar lá. É só não se expor demais. Um dos responsáveis pelo esporte amador do Flamengo, Pedro Paulo Ferreira, ficaria assustado com essas cifras. Ele conta que o antigo vice-presidente do clube Isidoro Danon, em fevereiro, resolveu acabar com o time adulto, diante da proposta de Jaqueline. "Gastamos em 84, Cr$ 20 milhões com o vôlei", explica. "Esse ano, se fossemos atender às pretensões das jogadoras, gastaríamos Cr$ 60 milhões. Seria impraticável." Sem a equipe adulta, o Flamengo continua promovendo os times infantil e juvenil e gastará esse ano Cr$ 100 milhões em todas as modalidades: basquete, vôlei, remo, atletismo, judô e xadrez. Além da inevitável comparação com os salários dos jogadores de futebol, os comentários no meio esportivo atribuem o impasse de Jaqueline à ascendência emocional que teria sobre ela a amiga Pati, uma espécie de empresária que, ao que dizem, teria dificultado suas negociações com os clubes. Foi Pati quem teve a idéia da rifa e das camisetas.

O diretor da Fábrica da Coca-Cola em Juiz de Fora, Guilhermo Sarmento, também implica com a supervalorização das atletas do vôlei feminino. Ele patrocinava o time adulto do Esporte Clube Juiz de Fora desde 82, mas agora desistiu. No ano passado, Sarmento gastou Cr$ 270 milhões para manter o time, e tinha jogadoras do porte de Dora e Silvana, hoje na Transbrasil em São Paulo, e Flávia, no Paulistano. "Mas, se mantivéssemos essa equipe, precisaríamos gastar Cr$ 1 bilhão para manter pelo menos seis apartamentos alugados, pagar passagens e as luvas. Desistimos, mantemos só o juvenil e vamos gastar Cr$ 300 milhões. Preferimos formar gente da cidade e não ficar pagando o pessoal de fora." Ao contrário dos outros empresários envolvidos com o vôlei, Guilherme Sarmento acredita que só vale a pena patrocinar times que sejam da empresa, para que haja retorno. "A Supergasbrás e o Bradesco, assim como o Lufkin e a Transbrasil, têm esse retorno porque os times pertencem a elas. No caso da Coca-Cola, o nome que aparecia nos jornais era o do Esporte Clube Juiz de Fora e não o da empresa, assim como é o do Minas Tênis Clube que aparece e não o do patrocinador, que é a Fiat." Essas preocupações já não fazem parte do cotidiano de Célia Regina Garritano, até o ano passado outra das levantadoras da seleção. Como Vera Mossa, Jaqueline e Isabel, ela joga vôlei desde cedo, participou de todas as viagens da seleção, mas, ao contrário de suas colegas, preocupou-se em terminar a faculdade. Hoje, com 34 anos, descobriu que podia parar sem susto para se dedicar à medicina e às aulas na UniRio. Célia parou em feveiro, apesar de ter recebido uma proposta ótima de Sorocaba. Ela preferiu ficar no Flamengo, porque poderia continuar trabalhando no Hospital Gafrée Guinle e dando aulas de clínica cirúrgica. Como o time acabou, mudou de idéia. Tentou com as amigas arrumar uma equipe para todas, mas não conseguiu. "Cada uma foi para um lado e eu fique chateada. De brincadeira sugeri que Isabel ligasse para a Bradesco." A brincadeira deu certo. Isabel foi, mas quem ficou como levantadora foi Ana Richa, já contratada. Célia não se arrepende."Antigamente nós jogávamos porque gostávamos", relembra. "A entrada das empresas facilitou a vida, mas eliminou esse lado prazeroso. "A levantadora Ana Richa, 18 anos, a mais jovem da seleção, está há dois anos na Bradesco, onde ganha Cr$ 5 milhões por mês. Joga na seleção juvenil e na adulta e acabou de voltar de uma temporada de 10 dias e seis jogos no interior paulista. "Como ainda sou muito nova, não me preocupo com transferências e altos salários", garante. "Acho que a Jaqueline pediu o que achava justo. É uma pena não ter conseguido um clube, porque na seleção ela não vai ganhar nada." Ela está juntando dinheiro para comprar um apartaamento porque mora com a família e não tem maiores despesas. Nuzman certamente aplaudirá esse comportamento. Segundo ele, as jogadoras da seleção não recebem porque não têm patrocínio, ao contrário dos jogadores, vice-campeões do mundo e patrocinados. "Eu joguei 16 anos na seleção e não ganhava nada. As meninas do vôlei têm que entender que não adianta correr, porque não se consegue nada. "O que ele talvez não lembre é que, no seu tempo, os jogadores não eram os ídolos que são hoje e não atraíam como agora o interesse das empresas.

Ricardo Azoury/F-4
Nuzman pede calma às meninas

Tatiana Constant/F-4
Célia preferiu a medicina

artes plásticas

Fotos de Ricardo Azoury/F-4

Os quadros custam 1.500 dólares

Toyota volta a expor no Rio

Lucia Rito

Agora, além das esculturas ele vai mostrar seus novos quadros

A partir dessa terça-feira os apreciadores da arte de Yutaka Toyota, o japonês que procura refletir o mundo em suas esculturas de aço, poderão ver suas mais recentes obras na galeria de Ana Maria Niemeyer no Shopping da Gávea. Há cinco anos sem expor no Rio, Toyota, além de 10 esculturas, mostrará uma nova vertente do seu trabalho: depois de 20 anos sem pintar, ele redescobriu o prazer de mexer nas tintas e preparou vinte óleos para a exposição. Em todos eles, com fundos luminosos e ultracoloridos, há a mesma preocupação de soltar as formas, como se Toyota quisesse aprisionar no espaço das telas as esculturas que cria para expor ao ar livre. Por causa da falta de matéria-prima e da proibição de importações, o artista acabou buscando na pintura uma forma alternativa de trabalho, embora continue fazendo esculturas fora do Brasil. "Vivo pelo menos quatro meses por ano no Japão e na Colômbia, onde tenho material de trabalho à vontade. E só assim consigo produzir em alta escala", conta ele. Toyota não gosta de fazer esculturas pequenas. Ele prefere imaginar obras monumentais às vezes de até duas toneladas, como a que fez para a Faculdade de Belas Artes Alvarez Penteado de São Paulo, ou a que enfeita o **hall** do hotel Macksoud Plaza, em São Paulo, com 50 metros de altura. Atualmente, ele prepara uma de sete metros para o hotel Mofarrej, em São Paulo, em latão, "um material não tão bom como o aço, mas o melhor que encontrei". Adepto do zen budismo, Toyota, há 27 anos no Brasil, cobra caro por seus trabalhos. As 20 pinturas da exposição serão vendidas ao preço médio de 1.500 dólares (Cr$ 6,7 milhões), os múltiplos custam entre 200 e 500 dólares e as esculturas, cinco mil dólares, preços até modestos, se comparados com os que o artista cobra pelas esculturas monumentais — entre 15 e 30 mil dólares. Mesmo assim, ele tem um bom mercado em São Paulo, na Colômbia e no Japão. No ano passado, colocou uma de suas obras no Palácio Presidencial em Bogotá, e é o único estrangeiro a ter pelo menos uma exposição anual no país. Ele agora está acabando outra enorme escultura para a prefeitura de Yamagata, no Japão, a cidadezinha onde nasceu há 54 anos. Homem de gestos medidos e voz pausada, é ele mesmo quem gosta de preparar o aço de suas esculturas, numa oficina do Butantã, o bairro onde mora com a mulher e os três filhos em São Paulo. Toyota começou a trabalhar no Japão, pintando pessoas e paisagens. Formou-se na Universidade de Arte de Tóquio, mas só em 1958, quando veio para o Brasil, descobriu o aço: "É meu material preferido porque reflete outro ambiente, outra dimensão."

PROGRAMA

Última chance

O ator Dusek e o cantor Caetano se despedem da programação

O FIO DA NAVALHA (The Razor's Edge), de John Byrun, com Bill Murray, Theresa Russel, Catherine Hicks, Denholm Elliott e James Keach. **Coral** (Praia de Botafogo, 316 — 266-2545): 16h, 18h30min, 21h. **Art Casashopping-2** (Av. Alvorada, 2.150 — 325-0746): 14h30min, 16h45min, 19h, 21h15min. Censura: 14 anos.
Drama americano baseado no romance de Somerset Maugham. Um homem tenta dar novo sentido à sua vida, depois de lutar na Primeira Guerra Mundial.

DUNA — O MUNDO DO FUTURO — (Dune), de David Lynch, com Kyle MacLachlan, Francesaca Annis, Jurgen Prochnow, José Ferrer e Sting. **Metro Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 240-1341): 12h10min, 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min. **Condor Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610), **Largo do Machado-1** (Largo do Machado, 29 — 205-6842), **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), **Barra-1(Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min.** Baronesa **(Rua Cândido Benício, 1.747 — 390-5745),** Art Méier **(Rua Silva Rabelo, 20 — 249-4544),** Carioca **(Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178),** Madureira-2 **(Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 14h, 16h20min, 18h40min, 21h. No** Metro Boavista, **cópia em 70 mm. Projeção em dolby stereo nos cinemas** Condor, Largo do Machado, Leblon-2, Carioca e Madureira-2. **Censura: 10 anos. Ficção científica americana, ambientada no ano 10.091, no planeta Duna onde se luta pela água. Uma produção de quase 50 milhões de dólares, baseada no** best seller **de Frank Herbert.**

OS ELEITOS (The Right Stuff), de Philip Kaufman. Com Sam Shepard, Scott Glenn, Ed Harris, Dennis Quaid, Pamela Reed, Kim Stanley e Fred Ward. **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953: 14h, 17h20min, 20h40min, com som **dolby stereo**.
Drama americano que relata a história dos homens que iniciaram a corrida espacial nos Estados Unidos. Baseado no livro de Tom Wolfe.

O EXTERMINADOR DO FUTURO (The Terminator), de James Cameron. Com Arnold Schwarzenegger, Michael Biehn, Linda Hamilton, Paul Winfield e Lance Henriksen. **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 266-2545): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 264-4246): 13h30min, 15h30min, 17h30min, 19h30min, 21h30min. **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 13h, 15h, 17h, 19h, 21h. **Paácio** (Campo Grande): 15h, 17h, 19h, 21h. (16 anos)
Ficção-científica americana ambientada na Los Angeles do futuro e na de agora. Um guerreiro volta no tempo para matar a mulher que ainda vai gerar um herói do futuro.

CARMEM (Carmen), de Francesco Rosi. Com Julia Migenes Johnson, Placido Domingo, Ruggero Raimondi, Faith Esham e Jean-Philippe Lafont. **Studio-Gaumont Copacabana** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 14h, 16h40min, 19h20min, 22h. Há um intervalo de oito minutos em cada sessão. (Livre)
Filme-ópera francês, na linha de La Traviata, que mostra a obra de Georges Bizet em cenários naturais. A história do trágico triângulo amoroso formado por Carmem, o chefe de guarda Dom Jose e o toureiro Escamillo.

EU, VOCÊ, ELE E OS OUTROS (Double Trouble), de E.B. Clucher. Com Terence Hill, Bud Spencer, April Clough e C.V. Wood Jr. **Bristol** (Av. Ministro Edgar Romero, 460 — 391-4822), **Coper Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 615): 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre)
Comédia-pastelão com a dupla popularizada pela série Trinity, toda ambientada no Rio de Janeiro. Produção americana.

Astrônomo vê 2010

A maior parte das pessoas que assistem ao 2010 — O Ano em que faremos contato acabam sempre por fazer uma comparação com o 2001 — **Uma Odisséia no Espaço**, de Stanley Kubrick. Até porque ele se apresenta como uma continuação deste. O astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, espectador assíduo de filmes de ficção científica, foi ver **2010** (agora em cartaz no Rio Sul) e não escapou — acabou também por compará-lo àquele que é considerado a obra-prima no gênero.

"Achei o 2001 muito superior. Ele deixava muita coisa em suspenso. O seu maior valor era deixar margem a várias interpretações, gerando debates. O segundo filme procura dar soluções racionais, não deixa mistério, quer explicar tudo. E na verdade sempre haverá coisas a serem explicadas no Cosmo", diz o cientista. Rogério Mourão considera pouco consistente o fato de **2010** ter levado para o futuro o antagonismo Rússia X EUA. "Acho um pouco ridículo. Seria como se um cineasta da década de 40 visse no futuro uma permanente oposição entre França e Alemanha. Podem emergir outras potências com atos, idéias e posições diferentes."

Os efeitos especiais, grande ingrediente do **2010**, parecem igualmente não ter impressionado o astrônomo. "Não causam nenhum impacto. Vejo um espírito criativo maior, por exemplo, em **Guerra nas Estrelas**," critica. Mas como um apaixonado pelos astros e pela ciência, Rogério Mourão prefere apostar no bom cinema de ficção científica. "Acho muito útil, porque às vezes conduz as pessoas a um certo interesse pela ciência, mostrando que ela sempre avançará."

campeões de bilheteria

1 — **O Exterminador do Futuro** (Ópera-2 e grande circuito). Público: 520 475 na 5ª semana
2 — **Passagem para a Índia** (São Luiz e grande circuito). Público: 233 612 na 6ª semana
3 — **Os Gritos do Silêncio** (Veneza e grande circuito). Público: 199 825 na 6ª semana
4 — **Um Homem, Uma Mulher, Uma Noite** (Cinema-1). Público: 185 651 na 19ª semana
5 — **Duna — O Mundo do Futuro** (Metro-Boavista e grande circuito). Público: 128 708 na 1ª semana
Fontes: UIP, Warner, Franco Brasileira e Columbia-Fox

LUIZ SEVERIANO RIBEIRO S/A

Todo espectador que entrar nestes cinemas antes das 3h. pagará apenas o preço da SESSÃO PROMOÇÃO

HOJE

HORÁRIOS DIVERSOS

DOLBY STEREO

ODEON fone 220-3835 · ROXY fone 236-6245 · TIJUCA 264-5246

SÃO LUIZ 1 · BARRA 3 · IMPERATOR MEIER fone: 249.7982

OLARIA URANOS 1414 fone 230.2666 · ICARAÍ fone 717.0126 · PETRÓPOLIS fone 42 2798

A Dama de Vermelho

Cuidado com o que você quer... porque você pode conseguir.

OSCAR DE MELHOR CANÇÃO ORIGINAL "I Just Called To Say I Love You"

2ª semana

14 ANOS

GENE WILDER CHARLES GRODIN JOSEPH BOLOGNA JUDITH IVEY MICHAEL HUDDLESTON KELLY LE BROCK . GILDA RADNER

VICTOR DRAI "THE WOMAN IN RED" JOHN MORRIS STEVIE WONDER

STEVIE WONDER . DIONNE WARWICK FRED SCHULER JACK FROST SANDERS

JEAN LOUP DABADIE . YVES ROBERT VICTOR DRAI

GENE WILDER ORION

LS · CINEMA É A MAIOR DIVERSÃO ·

anuncie em DOMINGO

PROGRAMA

LUIZ SEVERIANO RIBEIRO S/A

Todo espectador que entrar nestes cinemas antes das 3h. pagará apenas o preço da SESSÃO PROMOÇÃO

AMANHÃ

SÃO LUIZ 1 · COPACABANA FONE: 255.0953

2.10 · 4.00 · 5.50 · 7.40 · 9.30

PALÁCIO 2

1.40 · 3.30 · 5.20 · 7.10 · 9.00

UM FILME MALICIOSO CHEIO DE EROTISMO E TRANSAS LEGAIS!

LAURA ANTONELLI

GLORIA GUIDA

um filme de Dino Risi

com JOHNNY DORELLI

SEXUALMENTE FALANDO

16 anos

HOJE

DOLBY STEREO

VENEZA · PALÁCIO 1 · BARRA 2 · COMODORO · CENTER ICARAÍ fone 711.6909

HORÁRIOS DIVERSOS

VENCEDOR DE 3 OSCARS

MELHOR COADJUVANTE HAING S. NGOR

MELHOR FOTOGRAFIA CHRIS MENGES

MELHOR MONTAGEM JIM CLARK

16 ANOS

THE KILLING FIELDS

OS GRITOS DO SILÊNCIO

7ª semana

HOJE

PALÁCIO 2 · MADUREIRA 1 · OPERA 2 · PAZ-CAXIAS fone 771.6330 · AMÉRICA

HORÁRIOS DIVERSOS

7ª semana

PRÊMIO DE MELHOR FILME NO FESTIVAL DE "AVORIAZ"

O EXTERMINADOR DO FUTURO

16 ANOS

LS · CINEMA É A MAIOR DIVERSÃO ·

cinema

UM LUGAR NO CORAÇÃO (Places in the Heart), de Robert Benton. Com Sally Field, Lindsay Crouse, Ed Harris, Amy Madigan e John Malkovich. **Bruni Ipanema** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 521-4690), **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Bruni Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 370 — 254-8975) **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos)
Melodrama americano ambientado na década de 30, dirigido pelo mesmo realizador de **Kramer vs Kramer**. Ganhou dois Oscar na última festa da Academia de Hollywood: Melhor Atriz e Melhor Roteiro Original.

PASSAGEM PARA A ÍNDIA (A Passage to India), de David Lean. Com Dame Peggy Ashcroft, Judy Davis, James Fox, Alec Guiness, Victor Banerjee e Nigel Havers. **São Luiz-2** (Rua do Catete, 307 — 285-2296), **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048): 15h, 18h, 21h. **Tijuca-Palace-1** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 14h30min, 17h30min, 20h30min. Nos cinemas **São Luiz-2** e **Leblon-2**, projeção com som **dolby stereo**. (Livre)
Superprodução inglesa, do mesmo diretor de **A Filha de Ryan**, baseada no livro de E. M. Forster. Romance e aventura num país exótico. Dois Oscar na premiação de 85: melhor atriz coadjuvante e melhor trilha sonora.

OS GRITOS DO SILÊNCIO (The Killing Fields), de Roland Joffé. Com Sam Waterston, Haing S. Ngor, John Malkovich, Julian Sands e Gragig T. Nelson. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 295-8349) **Barra-2** (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 14h, 16h30min, 19h, 21h30min. **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): 16h, 18h30min, 21h. **Palácio-1** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541): 13h30min, 16h, 18h30min, 21h. **Barra-3** (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 14h, 16h30min, 19h, 21h30min. No Veneza e Palácio-1, a projeção é em **dolby stereo**. (16 anos)
Drama de guerra americano que narra a amizade entre um correspondente do **New York Times** e seu intérprete, durante a guerra do Camboja. Ganhou três Oscar: melhor ator coadjuvante, melhor fotografia e melhor montagem.

UM HOMEM, UMA MULHER, UMA NOITE (Clair de Femme), de Costa-Gavras. Com Yves Montand, Romy Schneider, Romolo Valli, Lila Kedrova e Heinz Bennent. **Cinema-1** (Av. Padro Júnior, 281): 15h30min, 17h30min, 19h30min, 21h30min (14 anos). Drama francês que relata um encontro casual entre um homem e uma mulher que muda a vida dos dois.

JULES E JIM — UMA MULHER PARA DOIS (Jules et Jim), de François Truffaut. Com Jeanne Moreau, Oskar Werner e Henri Serre. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min (16 anos).
Drama francês que narra a amizade entre um alemão e um francês, apaixonados pela mesma mulher. Em preto e branco.

DERSU UZALA (Dersu Uzala), de Akira Kurosawa, com Youli Solomine e Maxime Mounzouk. **Studio Gaumont Catete** (Rua do Catete, 228 — 205-7194): 15h 30min, 18h10min, 21h. Censura livre.
Drama japonês baseado no livro de Vladimir Kladievitch Arseniev que ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro de 1976. O confronto entre a comunhão com a natureza e a civilização.

2010 — O ANO EM QUE FAREMOS CONTATO (2010), de Peter Hyams. Com Roy Scheider, John Lithgow, Helen Mirren, Bobo Balaban, Keir Dullea e Douglas Rain. **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 247-4532): 14h, 16h, 18h, 20h e 22h. Com som **dolby stereo**. (Livre)
Ficção científica americana que dá continuidade a **2001**, Uma Odisséia no Espaço, também baseada em livro de Arthur C. Clarke.

O BAILE (Le Bal), de Ettore Scola. Com Christophe Allwright, Aziz Arbia, Marc Berman, Regis Bouquet, Chantal Capron e Martine Chauvan. **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 266-2545): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre). Comédia dramática co-produzida por França, Itália e Argélia. Num salão de bailes, um grupo de dançarinos conta a história da França nos últimos 50 anos e, ao mesmo tempo, um pouco da história do cinema neste período.

HOTEL MUITO LOUCO (Hotel New Hampshire), de Tony Richardson. Com Jodie Foster, Beau Bridges, Rob Lowe, Nastassja Kinski e Wilford Brimley. **Jóia** (Av. Copacabana, 680), **Jóia** (Av. Copacabana, 680): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos). Comédia dramática americana baseada no romance **Hotel New Hampshire**, de John Irving, e dirigida pelo mesmo realizador de **As Aventuras de Tom Jones**.

O PICOLINO (Top Hat), de Mark Sandrich, com Fred Astaire, Ginger Rogers. **Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): 15h, 16h40min, 18h20min, 20h, 21h40min (livre).
Comédia musical com a famosa dupla de dançarinos e música de Irving Berlin.

PINK FLOYD — THE WALL (Pink Floyd, the Wall), de Alan Parker, com Bob Geldof, Christine Hargreaves, Eleanor David e Kevin McKeon. **Lido 1** (Praia do Flamengo, 72): 17h30min, 19h30min, 21h30min. **Bruni Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 256-4588): 15h, 16h40min, 18h20min, 20h, 21h40min. (16 anos)
Vendo um velho filme de guerra na TV, um cantor de **rock** mistura as imagens com seus sonhos. Produção britânica.

A DAMA DE VERMELHO (The Woman in Red), **de Gene Wilder, com Gene Wilder, Charles Grodin, Joseph Bologna, Judith Ivey, Kelly Le Brock e Gilda Radner. Roxy (Av. Copacabana, 945 — 236-6245),** São Luiz-1 **(Rua do Catete, 307 — 285-2296),** Tijuca **(Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246),** Barra-3 **(Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 13h40min, 15h20min, 17h, 18h40min, 20h20min, 22h.** Imperator **(Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982),** Olaria **(Rua Uranos, 1.474 — 230-2666): 14h20min, 16h, 17h40min, 19h20min, 21h. Odeon (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835): 14h, 15h40min, 17h20min, 19h, 20h40min. Nos cinemas** Roxy, Tijuca **e** Odeon, **a projeção é em** dolby stereo. **Censura: 14 anos.**
Comédia americana, refilmagem de O Doce Perfume do Adultério. **Um marido tido como exemplar fica completamente louco ao conhecer uma modelo lindíssima. Oscar de melhor canção para** I Just Called To Say I Love You.

SINFONIA DA PRIMAVERA (Fruhlings Sinfonie), de Von PeterSchamoni, com Nastassja Kinski, Herbert Gronemeyer, Holf Hoppe, Andre Hellere Bernhard Vicki. **Art Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 264-4246), **Art São Conrado-2** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 14h40min, 16h30min, 18h20min, 20h10min, 22h. **Art Casashopping-3** (Av. Alvorada, 2.150 — 325-0746), **Art Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 254-9578): 14h, 15h50min, 17h40min, 19h30min, 21h20min. Censura: 10 anos.
Drama romântico alemão baseado no amor entre o compositor Robert Schuman e sua mulher, uma pianista jovem e talentosa.

O MENSAGEIRO DO DIABo (The Night of the Hunter), de Charles Laughton, com Robert Mitchun, Shelley Winters, Lilian Gish, Evelyn Varden e Peter Graves. **Largo do Machado-2** (Largo do Machado, 29 — 245-7374): 15h, 16h40min, 18h20min, 20h, 21h40min. Censura: 14 anos.
Drama de suspense americano em torno da trajetória de um psicopata. Na cadeia, ele conhece um ladrão que escondera o produto do roubo em casa. Em liberdade, ele tenta obter o roubo a qualquer custo.

ERENDIRA (Erendira), de Ruy Guerra, com Cláudia Ohana, Irene Papas, Michael Lonsdale e Oliver Wehe. **Coper-Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 88): 14h, 15h50min, 17h40min, 19h30min, 21h20min. Censura: 18 anos. Drama co-produzido entre México, França e Alemanha, baseado em romance de Gabriel Garcia Marquez.

A ARTE DE MATAR (The Big Sleep), de Michael Winner, com Robert Mitchum, Sarah Milles e Richard Boone. **Art São Conrado-1** (Estrada da Gávea, 899 — 3212-1258): 15h, 16h45min, 18h30min, 20h15min, 22h. Censura: 14 anos.
Drama americano narrando uma aventura do detetive particulart Philip Marlowe. Ele tenta resolver um caso de chantagem que envolve um general velho quase à morte e suas duas filhas.

O ILUMINADO (The Shining), de Stanley Kubrick, com Jack Nicholson, Shelley Duvall, Danny Lloyd e Barry Nelson. **Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63 — 267-7098): 14h, 16h30min, 19h, 21h30min. Censura: 18 anos. Drama de terror inglês baseado em romance de Stephen King.

A ESPADA DE FOGO (The Sword of the Barbarians), de Michael E. Lemick. Com Peter Mac Coy, Sabrina Siani, Anthony Freeman e Margareta Range. **Art Madureira** (Shopping Center de Madureira — 390-1827): 14h40min, 16h20min, 18h, 19h40min, 21h20min. **Pathé** (Praça Mahatma Gandhi, 45 — 220-3135). A partir de 13h40min. Censura: 16 anos.
Filme de aventuras italiano que conta a trajetória de um guerreiro conduzindo seu povo para um lugar onde viver.

PORKY'S III (Losint'it), de Curtis Hanson, com Tom Cruise, Shelley Long, Jackie Earle e John Stockwell. **Art Casashopping-1** (Av. Alvorada, 2.150 — 325-0746): 14h40min, 16h20min, 18h, 19h40min, 21h20min. Censura: 16 anos.

MEMÓRIAS DO CÁRCERE, de Nelson Pereira dos Santos, com Carlos Vereza, Glória Pires, Jofre Soares, José Dumont e Nildo Parente. **Lagoa Drive in** (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999): 20h15min, 22h30min. Censura: 16 anos.
Drama brasileiro que retrata a perseguição ao escritor Graciliano Ramos na época do Estado Novo.

UNIVERSO EM FANTASIA (Heavy Metal), de Michael Gross. Direção de Gerald Potterton. Roteiro de Dan Goldberg e Len Blum. Sessões às 17h e 19h no **ineclube Jean Renoir** da Aliança Francesa do Méier (Rua Jacinto, 7). Censura: 16 anos.
Desenho animado americano inspirado nas histórias em quadrinho da revista **heavy metal**.

O CRIADO (The Servant), de Joseph Losey, com Dirk Bogarde, Sarah Miles e James Fox. Sessão às 20h30min na **Cinemateca do MAM** (Av. Beira Mar, s/nº.) Censura: 18 anos.
Drama inglês, em preto e branco, que narra a história de um aristocrata que contrata um criado com ambição de poder que explora suas fraquezas e o leva a uma posição submissa.

ELAS GOZAM DE QUATRO (Maneatears), de R. J. Lincoln. **Bruni Méier** (Av. Amaro Cavalcanti, 105 — 591-2746): 14h, 15h30min, 17h, 18h30min, 20h, 21h30min. Censura: 18 anos.
Pornô.

SEDENTAS DE SEXO, de José Adalto Cardoso. **Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 240-8385): 13h30min, 16h20min, 19h10min. Censura: 18 anos.
Pornô brasileiro.

O FILHO DO SHEIK (The Son of the Sheik), de George Fitzmaurice, com Rudolph Valentino e Vilma Banky. Sessão às 18h30min, na **Cinemateca do MAM** (Av. Beira Mar, s/nº).
Dentro do ciclo **Recordando Valentino** com intertítulos em francês.

GAROTAS QUENTES PARA MARUJOS TARADOS (Supergirls do the Navy), de Henri Pachard. **Scala** (Praia de Botafogo, 320 — 266-2545): 14h, 15h30min, 17h, 18h30min, 20h, 21h30min. **Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21), a partir de 14h30min. **Tijuca Palace-2** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610), **Astor** (Rua Ministro Edgar Romero, 236 — 390-2036): 15h, 16h30min, 18h, 19h30min, 21h. Censura: 18 anos.
Pornô.

SEXO DOS ANORMAIS, de Alfredo Sternheim. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 220-1783): a partir de 13h30min. **Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 35 — 266-4491): 14h, 16h40min, 19h20min. Censura: 18 anos.
Pornô brasileiro.

Niterói

ART UFF — Beth Balanço, com Déborah Bloch. Às 15h30min, 18h30min, 20h, 21h30min (14 anos)

ICARAÍ — **A Dama de Vermelho**, com Gene Wilder. Às 14h50min, 16h30min, 18h10min, 19h50min, 21h30min (14 anos)

CINEMA — 1 — **Sinfonia da Primavera**, com Nastassja Kinski. Às 14h40min, 16h30min, 18h20min, 20h10min, 22h. (10 anos)

CENTRAL — **Duna** com Kyle MacLachlan. Às 13h30min, 16h, 18h30min, 21h. (10 anos)

CENTER — **Gritos do Silêncio**, com Sam Waterston. Às 14h, 16h30min, 19h, 21h30min (16 anos)

VELÔ — Espetáculo de despedida de Caetano Veloso, antes de o artista embarcar para **tournée** na Europa. Basicamente é o mesmo **show** já mostrado no Canecão. Com a Banda Nova, Caetano canta, **Podres Poderes, O Quereres, Shy Moon, É Proibido Proibir, Qualquer Coisa, Pra que Mentir**. Dentro do **Projeto Verão no Parque**. Às 19h, com ingressos a Cr$ 10 mil. No **Parque Laje**, Rua Jardim Botânico, 414. Último dia.

CONFIDÊNCIAS DE UM ESPERMATOZÓIDE CARECA — Com Carlos Eduardo Novaes. Texto de Carlos Eduardo Novaes e Caulos. Direção de Benjamin Santos. **Teatro Delfin**, Rua Humaitá, 275 (266-4396). Sessões às 18h e 22h. Ingressos a Cr$ 15 mil e, para estudantes, a Cr$ 10 mil.

JUNTOS — Espetáculo do cantor, compositor e pianista Ivan Lins, acompanhado da Banda Furiosa. **Canecão** (Av. Venceslau Braz, 215 — 295-3044). Sessão às 20h. Ingressos a Cr$ 30 mil na arquibancada, Cr$ 35 mil em mesa lateral e no jirau e a Cr$ 40 mil em mesa central.

ORQUESTRA DE VOZES A GARGANTA PROFUNDA — Sob a regência do Maestro Marcos Leite. Direção musical de Nestor de Hollanda Cavalcanti. Às 20h na **Casa de Artes de Laranjeiras**, Rua Rumânia, 44. Ingressos a Cr$ 5 mil.

VOU QUERER TAMBÉM SENÃO EU CONTO PRA TODO MUNDO, de Gugu Olimecha, Agildo Ribeiro, Max Nunes, Jésus Rocha e Ziraldo. Com Agildo Ribeiro. **Teatro Princesa Isabel**, 186 (275-3346). Sessões às 19h e 21h. Ingressos a Cr$ 12 mil.

HOMEM NÃO ENTRA Nº 2 — Texto de Heloneida Studart e Cidinha Campos. Direção de Wima Dulcetti. Com Cidinha Campos. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de São Vicente, 52/3º (274-7246). Sessão às 17h. Ingressos a Cr$ 15 mil. É proibida a entrada de homens.

DOMINGUEIRA VOADORA — Baile com a Orquestra Tabajara e Oficina Livre de Dança. A partir de 21h30min no **Circo Voador**, Lapa. Ingressos a Cr$ 7 mil.

GAFIEIRA DO PROJETO VERÃO NO PARQUE — Apresentação da banda de Paulo Moura. Às 21h30min, na Rua Jardim Botânico, 414. Ingressos a Cr$ 10 mil.

GOLDEN RIO — Espetáculo musical com a cantora Watusi e o ator Grande Otelo à frente de um grande elenco de bailarinos. Direção de Maurício Sherman, coreografia de Juan Carlo Berardi e a orquestra do Maestro Guio de Moraes. **Scala**, Av. Afrânio de Melo Franco, 296 (239-4448). Sessão às 23h. **Couvert** a Cr$ 50 mil.

SONHO SONHADO DE UM BRASIL DOURADO — Os cantores Sapoti da Mangueira e Sílvio Aleixo e mais 125 artistas, mulatas, ritmistas e orquestra sob a regência do Maestro Sílvio Barbosa. Direção de J. Martins e Sonia Martins. Às 23h. Consumação a Cr$ 70 mil. **Plataforma**, Rua Adalberto Ferreira, 32. (274-4022)

SAMBA RIO — Com Iracema, Ronaldo (Golden Boys), Maria Helena e o cantor Olavo Sargentelli. Orquestra do maestro Índio e espetáculo com passistas e ritmistas. Às 23h. **Couvert** a Cr$ 35 mil. **Oba Oba**, na Rua Humaitá, 110 (286-9848).

revista

AS MIMOSAS QUEREM PODER — Com os travestis Camile, Alex Mattos, Tania Letieri. **Teatro Brigitte Blair** (Rua Miguel Lemos, 51 — 521-2955). Sessões às 18h30min e 21h30min. Ingressos a Cr$ 10 mil.

EU VOU NA BANGUELA DELAS — Com Nélia Paula, Reny de Oliveira e Colé. **Teatro Rival**, Rua Álvaro Alvim, 33 (240-1135). Sessões às 18h30min e 21h. Ingressos a Cr$ 10 mil e, para estudantes, a Cr$ 7 mil.

A GAIOLA DAS MIMOSAS — Com Alex Mattos. **Teatro Serrador** (Rua Senador Dantas, 13 — 220-5033). Sessões às 18h30min e 21h15min. Ingressos a Cr$ 10 mil.

casas noturnas

BENITO DI PAULA — Com a participação da orquestra do maestro Cipó. Às 23h, na **Gafieira Asa Branca**, Av. Mem de Sá, 17 (242-4428). Ingressos a Cr$ 30 mil.

SOFT ROCK — Com Paulinho Soledade (violão), Toca Delamare (teclados) e grupo. Às 23h, no **Mistura Fina**, Rua Garcia D'Ávila, 15 (259-9394). A casa abre às 22h. Ingressos a Cr$ 15 mil.

JAM SESSION — Com Nilson Matta (baixo), Wanderley Pereira (bateria) e outros. Às 19h, **O Viro do Ipiranga**, Rua Ipiranga, 54 (225-4762). **Couvert** a Cr$ 6 mil.

GRETCHEN — E o conjunto Bruma. Às 22h, no **Forró Forrado**, Rua do Catete, 235 (245-0524). Ingressos a Cr$ 5 mil, homens e Cr$ 1 mil 500, mulheres.

RICARDO DUARTE — Apresentação do cantor às 22h, no **Amigo Fritz**, Rua Barão da Torre, 472 (267-4347). **Couvert** a Cr$ 4 mil.

SIDNEY MARZULLO — Apresentação do pianista a partir das 20h, no **Valentino's, Hotel Sheraton**, Av. Niemeyer, 121 (274-1122). Recomenda-se fazer reserva.

CONCERTO PARA UMA VOZ — Apresentação da cantora Cláudia no **Un, Deux, Trois**, Av. Bartolomeu Mitre, 123 (239-0198). **Couvert** a Cr$ 25 mil.

B5Z — O grupo de **rock** se apresenta no **Let It Be**, às 22h. Ingressos a Cr$ 7 mil. Rua Siqueira Campos, 206.

LUIZ CARLOS VINHAS — Além do pianista, um **show** com grupo de salsa. Às 22h no **New Privé**, Rua Jangadeiros, 28 (267-2544). Ingressos a Cr$ 10 mil.

TERRA MOLHADA — O grupo se apresenta às 22h30min mostrando músicas dos Beatles no **People**, Av. Bartolomeu Mitre, 370 (294-0547). Couvert a Cr$ 11 mil.

EDSON FREDERICO — Piano bar com a cantora Lygia Drumond. **Calígola**, Rua Prudente de Moraes, 129 (287-1369). Às 22h30min. **Couvert** a Cr$ 10 mil.

ROSE — A cantora, ao lado dos pianistas Aécio Flávio e Fernando Costa e dos vocalistas Dely e Vitor Hugo, apresenta-se no piano-bar **Alô-Alô**, Rua Barão da Torre, 368 (247-7178). A partir de 22h. **Couvert** a Cr$ 10 mil.

Gretchen no Forró Forrado

Cláudia no Un, Deux, Trois

Novaes no Teatro Delfin

teatro

Mão na Luva no Gláucio Gil

GRANDE E PEQUENO — Drama de Botho Strauss, tradução de Millôr Fernandes, direção de Celso Nunes, com Renata Sorrah, Paulo Villaça, Selma Egrey. **Teatro Nelson Rodrigues**, Av. Chile, 230 (212-5695). Sessão às 19h. Ingressos a Cr$ 15 mil e, para estudantes, a Cr$ 10 mil. Duração: 2h10min, censura: 14 anos.

ESCOLA DE MULHERES — Comédia de Molière. Tradução, adaptação e direção de Domingos de Oliveira. Com Jorge Dória e grande elenco. **Teatro Copacabana**, Avenida Copacabana, 291 (257-1818). Sessões às 18h (com ingressos a Cr$ 12 mil e Cr$ 9 mil, para estudantes) e 21h15min (com ingressos a Cr$ 9 mil e Cr$ 7 mil, para estudantes). Duração: 1h50min. Censura: 14 anos.

CABRA MARCADO PARA CORRER — Comédia de Martins Pena. Direção de Antonio Pedro. Com Andrea Dantas, Anselmo Vasconcelos, Ricardo Petraglia e outros. **Teatro da Cidade**, Avenida Epitácio Pessoa, 1.664 (247-3292). Sessões às 18h30min e 21h. Ingressos a Cr$ 15 mil. Duração: 1h30min, censura: 14 anos.

MÃO NA LUVA (INTRODUÇÃO AO HOMEM DE DUAS FACES) — Drama de Oduvaldo Vianna Filho. Direção de Aderbal Júnior. Com Marco Nanini e Juliana Carneiro da Cunha. **Teatro Gláucio Gill**, Praça Cardeal Arcoverde (237-7003). Sessão às 19h. Ingressos a Cr$ 15 mil. Duração: 1h30min, censura: 16 anos.

BRINCANDO EM CIMA DAQUILO — Monólogos de Dario Fo e Franca Rame. Direção de Roberto Vignati. Tradução de Roberto Vignati e Michèle Picoli. Com Marília Pera. **Teatro Teresa Rachel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Sessão às 19h. Ingressos a Cr$ 18 mil. Duração: 1h45min, censura: 16 anos.

UM BEIJO, UM ABRAÇO, UM APERTO DE MÃO — Texto, direção e cenografia de Naum Alves de Souza. Com Marieta Severo, Pedro Paulo Rangel, Analu Prestes e outros. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel (275-6695). Sessões às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 15 mil e, para estudantes, Cr$ 10 mil. Duração 1h50min. Censura: 16 anos.

CLASSIFICADOS DESCLASSIFICADOS — Comédia com textos de Vicente Pereira, Luiz Carlos Góes, Maria Lúcia Dahl e Miguel Falabella. Com Eduardo Dusek e Thais Portinho. Direção de Jacqueline Lawrence. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63 (227-9882). Sessões às 18h30min e 21h30min. Ingressos a Cr$ 15 mil. Duração: 1h30min, censura: 14 anos. Último dia.

NEGÓCIOS DE ESTADO — Comédia de Louis Verneuil. Direção de Flávio Rangel. Com Vera Fischer, Perry Salles e outros. **Teatro Clara Nunes**, Rua Marquês de São Vicente, 52 (274-9696). Sessões às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 18 mi e Cr$ 14 mil, para estudantes. Censura livre. Duração: 2h10min.

A MÃE — Drama de Bertold Brecht, direção de João das Neves. Com Lélia Abramo e o grupo Jovens Atores da Casa de Artes de Laranjeiras. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17 (220-6997). Sessões às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 15 mil e, para estudantes, Cr$ 10 mil. Na vesperal, Lélia Abramo é substituída por Clarisse Carvalho. Duração: 2h, censura: 18 anos.

DISQUE M PARA MATAR — Drama de suspense de Frederic Knott. Direção de Cláudio Cavalcanti. Com Cláudio Cavalcanti, Maria Lucia Frota, Roberto Pirilo, Rogério Froes e Marcos Wainberg. **Teatro Senac**, Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2641). Sessões às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 15 mil. Censura: 18 anos.

MIGUEL FALABELLA E GUILHERME KARAM FINALMENTE JUNTOS EM FINALMENTE AO VIVO — Esquetes humorísticos com Miguel Falabella e Guilherme Karam. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói (719-5115). Sessão às 21h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

O ANALISTA DE BAGÉ — O MUSICAL TCHÊ — Comédia musical adaptada de crônicas de Luís Fernando Veríssimo por Cláudio Cunha. Direção de Cláudio Cunha. Com Cláudio Cunha, Simone Carvalho e grande elenco. **Teatro Casa Grande**, Avenida Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4046). Sessão às 20h. Ingressos a Cr$ 10 mil. Censura: 16 anos, duração: 1h50min.

BOCAGE — Comédia com texto e direção de Paulo Afonso de Lima. Com Cláudio Gonzaga, Suzane Carvalho, Isolda Cresta, Lia Farrel e outros. **Teatro do Planetário**, Av. Pe. Leonel Franca, 240 (274-0096). Sessão às 19h30min e 21h. Ingressos a Cr$ 10 mil e, para estudante, Cr$ 8 mil.

FRANK SINATRA 4815 — Comédia de João Bethencourt. Direção de Cláudio MacDowell. Supervisão de Domingos de Oliveira. Com Milton Moraes, Suely Franco e outros. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 61 (240-6141). Sessões às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 15 mil. Duração: 2h, censura: 14 anos.

SUA EXCELÊNCIA, O CANDIDATO — Comédia de Marcos Caruso e Jandira Martini. Direção de Attílio Riccó. Com Felipe Carone, Paulo Figueiredo, Tony Ferreira e outro. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 3º andar (274-7246). Sessões às 19h e 21h30min. Ingressos a Cr$ 12 mil. Duração: 2h, censura: 16 anos.

OH, CALCUTTA! — Musical de Kenneth Tynan com textos de John Lennon, Jules Feiffer, Dan Greenburg, Jacques Levy e outros. Direção de Kiko Jaess, coreografia de Marilena Ansaldi. Com Manoela Assunção, Inês Aguiar e outros. **Teatro Ginástico**, Avenida Graça Aranha, 187 (220-8394). Sessões às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 15 mil (setor A) e Cr$ 10 mil (setor B). Não aceitam cheques. Duração: 2h15min, censura: 18 anos.

FELISBERTO DO CAFÉ — Comédia de Gastão Tojeiro. Direção de Amir Haddad. Cenários e figurinos de Naum Alves de Souza. Com Arlete Salles, Roberto Bonfim e outros. **Teatro Maison de France**, Avenida Antônio Carlos, 58 (220-4779). Sessões às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 15 mil e, para estudantes, Cr$ 10 mil. Duração: 1h50min, censura: 10 anos.

O AVESSO DO AVESSO — Comédia de Michael Frayn. Adaptação de João Bethencourt. Direção de José Renato. Com Sandra Brea, Sônia Guedes, Ewerton de Castro e outros. **Teatro da Praia**, Rua Francisco Sá, 88 (267-7749). Sessões às 18h e 21h15min. Ingressos a Cr$ 15 mil e Cr$ 10 mil, estudantes. Duração: 2h15min, censura: 10 anos.

LAÇOS — Drama de Odavlas Petti baseado na obra de Ronald D. Laing. Direção de Odavlas Petti. Com Ademir de Souza, Ana Zettel e outros. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). Sessões às 19h30min e 21h. Ingressos a Cr$ 8 mil e Cr$ 5 mil, para estudantes. Duração: 1h, censura: 18 anos.

QUIXOTE — Roteiro de Eric Nielsen baseado na obra de Cervantes. Direção de Eric Nielsen. Com Dudu Sandroni, Luiz Carlos Parsagani e outros. **Teatro Delfin**, Rua Humaitá, 275 (266-4396). Sessão às 20h. Ingressos a Cr$ 7 mil. Duração: 1h, censura: 14 anos.

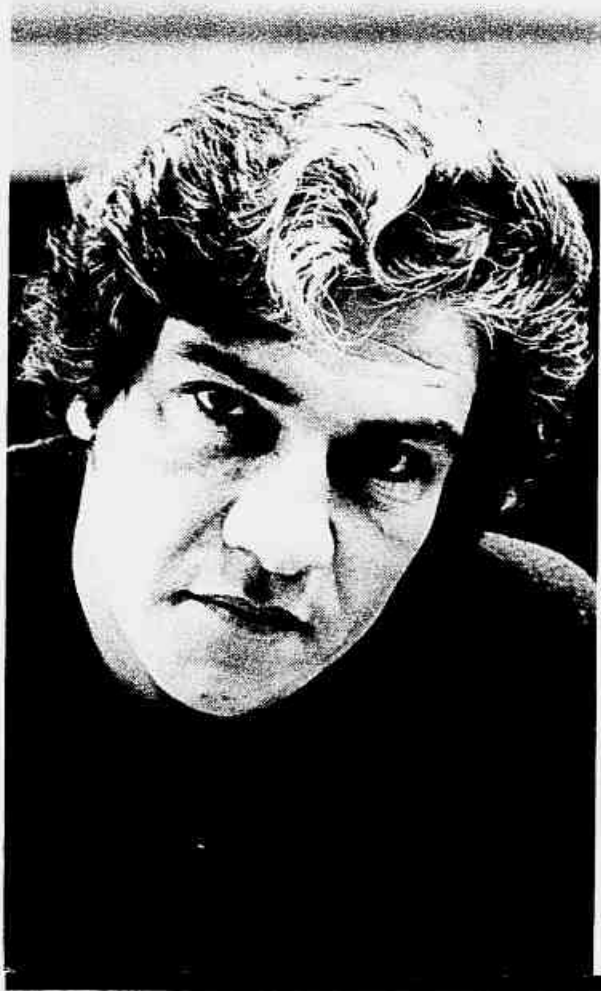
UM TOQUE DE HITCHCOCK — Comédia de terror de Yoya Wursch. Direção de Paulo Afonso de Lima. Com Edson Laim, Sonaira D'Avila e outros. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). Sessões às 19h e 21h15min. Ingressos a Cr$ 10 mil e Cr$ 7 mil, para estudantes. Duração: 1h, censura: 14 anos.

BABY SITTER — Comédia de René de Obaldia. Tradução e direção de Denny Perrier. Adaptação de Jésus Rocha. Com Denney Perrier, Faly Siqueira e Cláudia Raia. **Teatro Cawell**, Rua Desembargador Isidro, 10 (268-9176). Sessões às 18h e 20h. Ingressos a Cr$ 10 mil. Duração: 1h10min, censura: 18 anos.

A NOITE DAS MALDORMIDAS — Texto e direção de Petersen. Com Guilherme Osty, Niels Petersen e Carlos Adib. **Teatro do Sesc de São João do Meriti**, Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66 (756-4615). Sessão às 21h. Ingressos a Cr$ 8 mil e, para comerciários, Cr$ 4 mil.

O SANTO E A PORCA — Comédia de Ariano Suassuna. Direção de Dylmo Elias. Com o grupo Euivocê. **Teatro do América**, Rua Campos Salles, 118 (234-2060). Sessão às 21h. Ingressos a Cr$ 7 mil. Censura: 14 anos.

campeões de bilheteria

De 17 a 21 de abril
1 — **Um Beijo, Um Abraço, Um Aperto De Mão** (Teatro Villa-Lobos). Público: 2.463 em sete representações
2 — **Mão Na Luva** (Teatro Gláucio Gil). Público: 1.473 em cinco representações
3 — **Escola de Mulheres** (Teatro Copacabana). Público: 1.470 em seis representações
4 — **Grande e Pequeno** (Teatro Nelson Rodrigues). Público: 752 em cinco representações
5 — **Homem Não Entra** (Teatro Vanucci). Público: 364 em cinco representações
Fonte: SBAT

Novidades no Senac

O Teatro Senac, em Copacabana (Rua Pompeu Loureiro, 45), está em via de se tornar um movimentado ponto cultural. Pelo menos é para isso que se vem empenhando em tempo integral o ator Cláudio Cavalcanti, que acaba de vencer a concorrência para ocupação do teatro pelo prazo de dois anos. Seus planos são ambiciosos: prevêem a utilização do palco para **shows** de humor, **rock'n'roll**, teatro infantil, palestras e vídeo, além da apresentação de peças teatrais.

"Não fazia sentido entrar numa concorrência para um teatro num ponto privilegiado como o Senac, ganhar e ocupar o espaço apenas das 21h às 23h", diz Cláudio. E ele não poupou idéias. Armou intensa programação, de terça a domingo, que deverá estar toda em cartaz até o final do mês. A terça-feira será o dia de música, com o nome de Terça Aberta, porque aí caberão ritmos variados. A quarta-feira dará vez aos **shows** de humor. O primeiro será com Rogério Fróes, daqui a duas semanas.

De 5ª a domingo o horário nobre é para teatro. E já está sendo ocupado em curta temporada pela peça **Disque M para Matar**, que esteve em cartaz no Centro da cidade por 4 meses, por duas semanas em Niterói e marcou a estréia de Cláudio Cavalcanti como diretor. No elenco: Maria Lúcia Frota, Rogério Fróes, Roberto Pirilo e Marcos Weimberg. A companhia que está com Cláudio nesta empreitada.

Sexta-feira, meia-noite, é um horário **maldito**. Está reservado para **shows** de **rock**, com a programação a cargo de Durval Ferreira. As tardes de sábado e domingo são das crianças. No próximo sábado entrará a revista infanto-juvenil **Criançando**, de Luis Carlos Niño, com a vedete Marlene Silva no papel principal.

Como se tudo isso não bastasse, Cláudio resolveu colocar no hall do Teatro Senac alguns monitores que passarão **trailers** das diversas atrações da casa. "O cara que vai ver o **rock** ou levar os filhos ao teatro, enquanto espera para entrar, pode ficar informado sobre o que mais estará acontecendo ali nos outros dias", explica o novo agitador.

vídeo

VIDEO ROCK — Exibição de **Rock Gala, Show** com Robert Plant, Peter Towshend, Ian Anderson, Phil Collins e outros. Sessões às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Sala de Vídeo Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63.

VÍDEO-BAR — Exibição no painel-vídeo de **clips** com Rolling Stones, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Otis Reding e Mama Cass. Em sessões contínuas das 19h às 21h. No telão, às 16h30min.: **Alexanderplatz**, de Werner Fassbinder (4ª parte), baseado no clássico da literatura alemã de Alfred Doeblin, que dificilmente será exibido em circuito comercial. É necessário fazer reserva. No telão, às 23h: **Tears For Fears — Thompson Twins.** No **TV Bar Club**, Rua Teresa Guimarães, 92.

ESPAÇO PRÓ-VÍDEO — **Menudo**, vídeo com apresentações do grupo, algumas inéditas da excursão ao Havaí. Sessão às 17h30min. **Let's Spend The Night Together**, musical com os Rolling Stones. Sessões às 19h e 21h. Na Estrada dos Três Rios, 90 — sala 336.

VÍDEO-SHOW — Exibição de vídeos com **shows** ao vivo dos **Beatles**. Sessões a partir das 22h, no **Mistura Fina**, Rua Garcia D'Ávila, 15.

passeio

RIO COLONIAL — Passeio guiado pelo Professor Carlos Roquete através do reduto mais antigo da cidade. Visita-se igrejas barrocas e seus interiores em estilo rococó; o local de desembarque da Família Real e o Palácio dos Vice-Reis; entre outros marcos da história do Brasil. Saída às 15h do **Monumento ao General Osório**, na Praça XV. A Cr$ 5 mil por pessoa.

de graça

PROJETO AQUARIUS 85 — Concerto sob a regência do maestro Isaac Karabtchevsky, com a Orquestra Sinfônica Brasileira e o Coral da Universidade Católica de Petrópolis. Às 16h30min, na **Quinta da Boa Vista.**

PINTE NO PARQUE — 2ª Gincana de Pintura, aberta a amadores e profissionais com premiação aos melhores colocados. Para as crianças, haverá uma aléia de pintura com exposição dos trabalhos. Das 9h às 18h, no **Museu da República,** Rua do Catete, s/nº.

exposições

PATRICK CAULFIELD — Gravuras na **Sala Bernardelli do Museu Nacional de Belas-Artes**, Av. Rio Branco, 199. De 15h às 18h. Último dia.

BERNARD MARTINEZ — Fotografias. **Café des Arts**, Av. Atlântica, 1.020 — 4º andar (Hotel Meridien). Das 9h às 18h. Último dia.

ELETROPOESIAS — Apresentação em **display** do poema **Rio**, de Antonio Cícero. **Galeria do Centro Cultural Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. De 9h às 24h.

DA ADVERSIDADE VIVEMOS — Coletiva de pinturas, desenhos e esculturas reunindo obras de oito artistas de Niterói. **Galeria de Arte da UFF**, Rua Miguel Frias, 9 — Icaraí. Das 16h às 20h.

UM PANORAMA DO RIO — Obras de Carlos Oswald, Carlos Geyer, George Blow e outros. **Sala Carlos Oswald do Museu Nacional de Belas Artes**, Rua México, esquina com Heitor de Mello. Das 15h às 18h.

GILBERTO BAPTISTA — Pinturas. **Associação Atlética Banco do Brasil**, Av. Borges de Medeiros, 829. Das 11h às 20h.

LETÍCIA GACEK — Óleos sobre tela. **Restaurante Manga Rosa**, Rua 19 de Fevereiro, 94. Das 11h30min às 14h30min e a partir das 20h.

O BONDE NA PAISAGEM CARIOCA — Fotografias de Bira Soares sobre a importância cultural do bonde no Rio de Janeiro, desde os tempos de Lima Barreto. **Casa da Marquesa de Santos**, Av. Pedro II, 293. Das 13h às 17h.

15 ANOS DE RESISTÊNCIA INDÍGENA — Fotografias de Edilson Martins e Ilana Lansky. **Museu do Parque da Cidade**, Estrada de Santa Marinha, s/nº. Das 12h às 17h.

CARA DE PAPEL — Máscaras de Nonato Tavares. **Sala Memória Aloísio Magalhães do Cenacen**, Av. Rio Branco, 179. Das 9h30min às 21h.

MESTRE VITALINO, UM ESPAÇO DA CULTURA POPULAR — Exposição com cerca de 100 obras do Mestre Vitalino, além de trabalhos de seus contemporâneos e filhos. **Galeria Mestre Vitalino**, Rua do Catete, s/nº, **Museu do Folclore**. Das 15h às 18h.

RIO DE JANEIRO VISTO POR DEBRET — 36 aquarelas de Debret. **Museu da Chácara do Céu**, Rua Murtinho Nobre, 93. De 11h às 17h.

CARMEN É O SHOW — Fotos documentando a carreira de Carmen Miranda no Brasil e no exterior. **Museu Carmen Miranda**, Parque do Flamengo, em frente ao nº 560 da Av. Rui Barbosa. De 13h às 17h.

danceteria

MANHATTAN DISCOTÉQUE — Música para dançar com fita e vídeos. A casa abre às 16h. Ingressos a Cr$ 5 mil com direito a um drink. Estrada Grajaú—Jacarepaguá, 3 020. (392-8757).

HELP — Música para dançar a partir das 21h30min. Ingressos a Cr$ 15 mil, homem e Cr$ 10 mil, mulher. Vesperal às 16h, a Cr$ 7 mil. Av. Atlântica, 3432 (521-1296).

METRÓPOLIS — Matinê para crianças a partir de oito anos, com vídeos e música para dançar. Das 16h. às 22h.
Ingressos a Cr$ 7 mil. Estrada do Joá, 150 (322-3911).

DANCETERIA MISTURA FINA — Discoteca e vídeos a partir das 22h. Ingressos a Cr$ 8 mil. Estrada da Barra da Tijuca, 1636 (399-3460)

MAMUTE — Videodisco com música e projeção em telão do show Tonight He's Yours, com Rod Stewart e participação de Tina Turner. Gravado ao vivo em Hollywood em 82. A casa abre às 17h, sessão às 19h. Ingressos a Cr$ 7 mil. Rua Conde de Bonfim, 229 (234-8367.

dança

BALÉ DE STUTTGART — **Um Bonde Chamado Desejo**, com coreografia de John Neumeier, música de Prokofiev (**Visions Fugitives**) e Schnittke (**Sinfonia nº 1**). As 17h, no **Teatro Municipal**, Cinelândia (262-6322). Ingressos a Cr$ 120 mil, platéia e balcão nobre; a Cr$ 80 mil, balcão simples; a Cr$ 50 mil, galeria, e a Cr$ 800 mil, frisa e camarote.

JOÃO JOANA — Cordel de Carlos Drummond de Andrade. Músicas de Sérgio Ricardo. Coreografia de Regina Sauer. Com o grupo Nos da Dança. Direção e roteiro de Sônia Dias. Solista: Maria Lúcia Priolli. **Teatro João Caetano**, Pça. Tiradentes (221-0305). Às 17h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

CANIBAIS ERÓTICOS — Direção e coreografia de Ciro Barcelos. Com a Cia. Balé do Terceiro Mundo. Às 19h e 21h, no **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93. Ingressos a Cr$ 15 mil e, para estudantes, a Cr$ 10 mil.

Márcia Haydée no Teatro Municipal

feira

II FEIRA DO RIO GRANDE DO SUL — Exposição e vendas de artigos da indústria e do comércio gaúcho. E mais, mostra de costumes, folclore e tradições. Apresentação de grupos de dança e música, regados a bebida e culinária regionais. Das 11h às 22h, no **São Conrado Fashion Mall**. Ingressos a Cr$ 6 mil. **Último dia**

FEIRA DE ANTIGÜIDADE — São 33 barracas com grande variedade de objetos antigos. Tem sido o programa de milhares de cariocas. No **Casa Shopping** (Av. Alvorada, 2150, entre o Carrefour e o Makro). Das 10h às 22h.

I FEIRA COMUNITÁRIA — Esta será uma feira nos moldes da Feira da Providência, com várias barracas nacionais e internacionais com comidas típicas, artesanato, vinhos, jogos, brincadeiras, roupas e bijuterias, chope, churrasco e a presença de artistas e atletas famosos. Quem estiver preocupado com a saúde poderá recorrer à barraca que fará indentificação do tipo sangüíneo e medição de pressão. Para o público infantil terá fliperama, piscina de bolas, pescarias, caixa de surpresa e outras atrações. A partir das 8h no **Estádio de Remo da Lagoa**. Entrada Franca.

o domingo de cada um

Christiane Torloni

Um domingo é o do circo, o outro do silêncio. Essa é a melhor maneira que a atriz Christiane Torloni encontra para definir seus fins de semana. Quando não está gravando na televisão, ela costuma dividi-los entre as crianças e o marido, o psicanalista Eduardo Mascarenhas. O domingo das crianças é o do circo porque, além dos seus dois filhos — do casamento com Dênis Carvalho — Christiane recebe a visita das duas filhas de Eduardo e de mais meia dúzia de crianças que enchem a casa. Como mora num condomínio na Barra da Tijuca, as crianças ficam soltas, à vontade. Christiane e Eduardo gostam de dormir até tarde e só quando eles acordam é que a maratona começa. "Aí vira sempre um plebiscito, porque não impomos nada e são as crianças que decidem aonde querem ir", conta a atriz. As escolhas são variadas: parque de diversões, teatro e uma praia até tarde, quando começa a escurecer e os holofotes iluminam a areia. Nos domingos do silêncio, Christiane e Eduardo ficam sozinhos e não recebem ninguém. Aproveitam para dormir muito, para ler, ver televisão e estudar. "Gosto de ficar num canto decorando os capítulos e sentir o Eduardo me observando de longe. É uma maravilha estar com o outro, sem ter nada para fazer", diz Christiane. Para variar um pouco, o casal gosta também de passar o final de semana fora do Rio, nas cidades serranas ou numa praia. Mas sempre sozinhos.

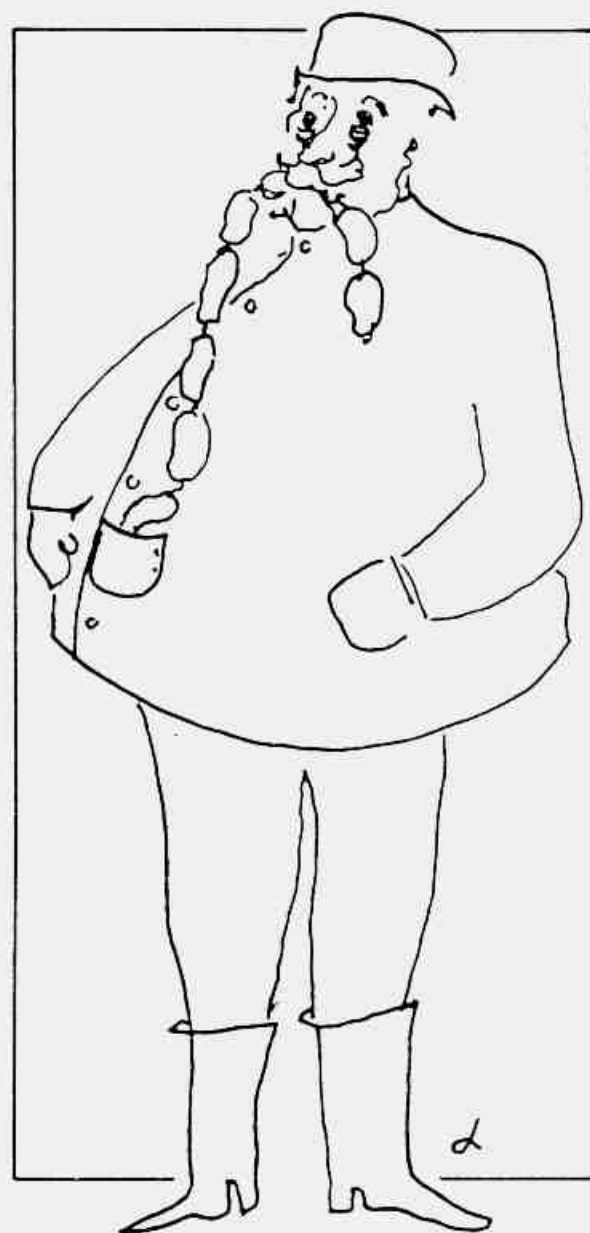
Cozinha alemã

Os restaurantes do Rio têm uma característica curiosa: são, em geral, muito idosos. O **Bar Luís,** na Rua da Carioca, tem quase um século. O **Ficha**, na Teófilo Otoni, anda pelos 60 anos e o **Lucas** tem mais de 40. Que prova isto? Nada. De um ponto de vista culinário, pelo menos. Se quisermos, porém, fazer teorias do gênero que excita os sociólogos, poderemos inventar que a salsicha é um bem mais estável que os molhos de França ou os peixes do mar sempre agitado.

Na verdade, esta estabilidade da salsicha é uma coisa ilusória. Dos velhos restaurantes alemães, só o **Bar Luís** (que até a Guerra se chamou **Adolfo**, para grande confusão de seus donos) e o **Ficha** mantêm a dignidade. O **Lucas** sucumbiu à conquista da Avenida Atlântica pelos espanhóis. Perdeu a qualidade da cozinha e até mesmo o encanto da varanda aberta. O **Bar Lagoa,** outro reduto do chope bem acompanhado, foi vítima dos novos bárbaros. Milhares de jovens tomaram de assalto suas mesas e as transformaram em tambores. Até o chope ficou massudo, o que é um fenômeno muito estranho.

Se sairmos, porém, dos restaurantes tradicionais, a comida alemã no Rio mantém-se dentro de um padrão de médio anonimato. Ou seja: raras vezes consegue ultrapassar com garbo o capítulo dos frios. (E os frios são, quase que por definição, anônimos, já que feitos fora do restaurante. Cabe a este, somente, o cuidado de manipulá-los com honestidade, comprando-os no lugar certo e não deixando que envelheçam demais. O resto é o chope.)

Quase nunca as casas alemãs daqui vão mais longe. Há duas exceções. Uma é o **Suppentopf,** onde se conseguiu criar uma agradável atmosfera de balbúrdia cervejeira. Outra é o **Restaurante Margô,** na estrada Washington Luís, pouco antes da entrada para Teresópolis. Lá servem uma comida feita com alegre competência. Pena que fique longe.

Apicius

LUCAS — Avenida Atlântica, 3744. Tel.: 247-1606. Aberto diariamente das 11 às 2 da manhã. Aceita cheque e todos os cartões de crédito. Há 44 anos o Lucas conserva seus relógios antigos, pinturas medievais, janelas com cortinas xadrezinho branco e vermelho. Mais adiante o retrato de seu fundador, Henrique Lucas, acompanha silenciosamente as mudanças que vêm acontecendo, nunca em detrimento da qualidade de sua cozinha. Há três anos a clientela estranhou quando a casa foi vendida para espanhóis. Mas os **chefs** Carlos Bazoz e Julio Otello continuaram fiéis à qualidade. As iguarias são infindáveis mas o gerente Antonio Marquez recomenda o **kassler** (costeleta defumada com chucrute, e molho do **kassler** com batata cozida (Cr$ 13 mil), salsicha branca acompanhada de chucrute ou purê (Cr$ 9 mil) e o Linguado a Lucas, prato mais forte da casa: linguado grelhado com molho de amêndoa, arroz de passas e batata cozida (Cr$ 18 mil). Como sobremesa é difícil escolher entre o **apfelstrudel** e a torta de maracujá, ambos a Cr$ 4 mil. Música ambiente, salão com capacidade para 280 pessoas, o Lucas oferece também uma belíssima vista para o mar. Mas se você faz questão de ficar perto da janela não esqueça de telefonar para fazer sua reserva.

BAR LUÍS — Rua da Carioca, 39, Centro. Telefone: 262-1979. De segunda a sábado, das 10 às 24 horas. Aceita cheques e cartão Diner's. Tradição e excelente cozinha são marcas registradas do Bar Luiz que, este ano, abre duas filiais: em Niterói (Rua José Clemente, 27) e Barra Shopping. Mas não é só a cozinha à base de joelhos de porco, costeletas defumadas, salsichões e presuntos, que fazem a fama do Bar Luís. Sua clientela, composta de músicos, artistas, intelectuais é um espetáculo à parte. Sérgio Cabral, assíduo freqüentador, chegou a dizer um dia: "Uma das boas coisas que a profissão de jornalista me ensinou foi a de freqüentar o Bar Luís, o melhor de nossa cidade". A salada de batatas, uma tradição de casa, está hoje por Cr$ 5 mil. Outros pratos bem cotados são o joelho de porco (Cr$ 13 mil) e o escalope (Cr$ 17 mil). Como sobremesa não poderia faltar o **apfelstrudel** (Cr$ 3 mil).

BAR FICHA — Rua Teófilo Otoni, 126, Centro. Telefone: 233-8496. De segunda a sexta-feira das 10h30min às 16 horas. Aceita cheques. Aos 71 anos de idade, a casa é comandada por D. Maria Schaade e seu filho Geraldo. Apesar do pouco espaço, dividido em dois andares, o clima é agradável, salpicado de retratos de D. Maria, relógios antigos, jacarés pendurados e provérbios em alemão. Da cozinha D. Maria nunca se afasta, já que é ela a responsável pela qualidade dos pratos que saem dali para a mesa do freguês. Entre os de maior prestigio estão o **kassler**, chucrutes, lingüiças, salsichões, batatas e as trutas ao molho de amêndoas que variam de Cr$ 13 mil a Cr$ 15 mil. Sobremesa há para todos os gostos desde os doces de banana e goiaba, passando pelo **apfestrudel** até deliciosas lulas com creme. Cada um por Cr$ 4 mil.

ALPINO — Avenida Epitácio Pessoa, 40, Ipanema. Telefone: 259-1198. Aberta de terça a sábado, das 17h às duas da manhã. Domingo, das 12 à meia-noite. Aceita cheques. O alemão Herbert Barabeisch, ex garçom do Hotel Ouro Verde com curso de hotelaria em Heidelberg (Suiça), mostrou que conhecia muito bem os segredos da cozinha alemã quando, há 21 anos, instalou o Alpino numa bucólica casa de pedra cercada por amendoeiras. Desde aquela época a cozinha permaneceu inalterada. Os pratos são variados, como o chucrute garni à Estrasburgo, filé-mignon à Munique ou o escalope de filé à milanesa, variando de Cr$ 20 mil a Cr$ 27 mil. Para quem gosta de pratos diferentes aconselha-se o **Mah-Meh**, uma combinação de arroz com curry e pedaços de filé grelhado, peixe frito, camarão, lombinho, frango, ameixa, abacaxi, camarão e pêssego com creme de Chantilly.

SUPPENTOPF — Avenida Princesa Isabel, 350, lojas E, F, G, Copacabana. Tel: 275-1896. Aberto diariamente de meio-dia às três da manhã. Aceita cheques. Quando o alemão Klaus e a brasileira Lúcia se casaram e resolveram abrir um restaurante não imaginavam que a iniciativa poderia dar tão certo. Inaugurado há nove anos, o Suppentopf, que quer dizer sopa na panela, acertou em cheio. O primeiro passo foi, é claro, a criação de deliciosas sopas. A mais famosa delas é a de ervilha com bacon e salsichão por apenas Cr$ 9.800. Outras pedidas são o goulasch, o picadinho de porco marinado e o bife tártaro, cada um a Cr$ 18.200. Como não há sobremesas os donos recomendam alguns goles da cachacinha de maçã feita artesanalmente. A porção sai por Cr$ 3 mil.

FRANKFURTER HAUS — Rua Teófilo Otoni, 102. De segunda a sexta das 11 às 16 horas. Aceita cheques, cartões de crédito e tickets. Telefone: 253-6025. Manoel Gil, um jovem biólogo espanhol proprietário do restaurante, optou pelo ambiente confortável e pelas travessas fartas. Ali, num ambiente com ar condicionado, cadeiras vermelhas acolchoadas, o freguês pode se defrontar com pratos irretocáveis, como o frango defumado com purê de maçã e bolinho de batatas, escalope Conde Holstein (à milanesa, ovo estrelado à cavalo, batatas e legumes). Os preços variam de Cr$ 12 mil a Cr$ 21 mil.

Aqualoucos no Barrashopping

parque

TIVOLI PARK — Parque com 14 brinquedos para adultos e oito para crianças. Avenida Borges de Medeiros, Lagoa. Das 10h às 22h. Ingressos a Cr$ 13 mil (para crianças até 10 anos) e Cr$ 15 mil (para adultos), com direito a todos os brinquedos.

planetário

CARRINHO FELIZ — Às 17h, e às 18h30min. De AKM—2 — À GALAXIA DX. No **Planetário**, Avenida Padre Leonel Franca, 240. Ingressos a Cr$ 2.200 e, para crianças com menos de 10 anos, a Cr$ 1.100.

show

HOLIDAY ON ICE — Espetáculo com o grupo europeu que retorna ao país após uma ausência de dois anos e meio. Traz um elenco de 150 figurantes e diversos campeões de patinação internacional, entre eles Anite Siegfried, medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Inverno, em Berna, Suíça. **Circo Tihany**, Av. Presidente Vargas, Cidade Nova. Sessões às 15h, 18h e 20h. Ingressos, à noite, de Cr$ 10mil a Cr$ 30mil; de crianças, à noite, de Cr$ 5 mil a Cr$ 25 mil; matinê, de Cr$ 5 mil a Cr$ 20 mil.

PÃO DE AÇÚCAR DAS CRIANÇAS — Grupo Melancia, Mimo Tropical. Além de discoteca mirim. Sessão às 16h. **Concha Verde do Morro da Urca**, Av. Pasteur, 520 (541-3737 ramal 23). Ingressos a Cr$ 3.800 e, para crianças entre quatro e 10 anos, Cr$ 1.900.

AQUALOUCOS CIRCUS — Apresentação de aqualoucos e bailarinas aquáticas. Sessões às 16h, 17h30min e 19h. Ingressos a Cr$ 5 mil, para crianças, e Cr$ 7 mil, para adultos. No Barrashopping, Av. das Américas, 4.666.

matinês

PETER PAN — Lido-1: **14h e 15h50min. (Livre)**

SESSÃO COCA-COLA — Desenhos do Pato Donald — Lagoa Drive-In: 18h30min. (Livre)

A DAMA E O VAGABUNDO — **Coral**: 13h, 14h50min. Metro: 10h. (Livre).

MARIONETES DE JIRI TRNKA (II) — Exibição de Velhas Lendas Tchecas (Stare Povesti Ceske), de Jiri Trnka. Filme de marionetes narrado em português. Às 16h30min, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira Mar, s/nº.

* Outros filmes com censura livre ver na seção de CINEMA.

teatro

O MÁGICO DE OZ — Original de Lyman Frank Baum. Adaptação de Nelson Wagner e Francis Mayer. Direção de Fernando Berditchevsky. **Plataforma-I**, Rua Adalberto Ferreira, 32 (239-4391). Sessão às 17h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

PINÓQUIO — Direção de Eduardo Tolentino. Com o grupo Tapa, Teatro Arthur Azevedo, Rua Vitor Alves, 454 (394-1622), Campo Grande. Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

SAPOMORFOSE ou O PRÍNCIPE QUE COAXAVA — Musical humorístico de Cora Rónai. Direção de Antonio Grassi. **Teatro Gláucio Gil**, Praça Cardeal Arcoverde, s/nº (237-7003). Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 7 mil.

O DRAGÃO VERDE — Texto de Maria Clara Machado. **Teatro Tablado**, Avenida Lineu de Paula Machado, 795. Sessão às 17h. Ingressos a Cr$ 5 mil.

MORANGOS E LUNETAS — Texto de Denise e Beto Crispun. Direção de Beto Crispun. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Moraes, 824 (247-9794). Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 6 mil.

BETO E TECA — Texto de Volker Ludwig. Direção de Renato Icarahy. Com o grupo TAPA. **Teatro do Planetário**, Rua Padre Leonel Franca, 240 (274-0046). Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 6 mil **Último dia.**

OS SALTIMBANCOS — Comédia musical de Sérgio Bardotti adaptada por Chico Buarque de Hollanda. Direção de Jorge Correa. Com os bonecos do grupo Salamê Minguê. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-9185). Sessão às 16h, ingressos a Cr$ 6 mil.

OS MONSTRENGOS DO REI — Texto de Marília Gama Monteiro. Direção de Lucia Coelho. Com o Grupo Navegando. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Às 17h.

BAGUNÇAS E GOSTOSURAS — Texto de Ana Campo e Daniel Barcelos, com José Prata e Suzana Queiroz. Direção de Daniel Barcelos. **Circo Voador**, Lapa. Sessão às 15h. Ingressos a Cr$ 6 mil.

A IDADE DO SONHO — Texto de Tonio Carvalho, direção de Vicente Maiolino. Com o grupo Feliz Meu Bem. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (295-9933). Sessão às 17h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

LUSTROSA E MISTERIOSA — Ópera-rock com texto e direção de Sylvia Orthof. **Teatro de Arena**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-5348). Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 7 mil.

MARIA MINHOCA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Bernardo Jablonsky. Música de Oswaldo Montenegro. **Teatro do América**, Rua Campos Salles, 118 (234-2060). Sessão às 17h. Ingressos a Cr$ 5 mil.

CABARÉ INFANTIL — Teatro da UFF, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói. Sessão às 17h. Ingressos a Cr$ 6 mil. Último dia.

BOM-DIA COMADRE — Musical com texto e direção de Paulo Afonso de Lima. Adaptação de **As Alegres Comadres de Windsor**, de Shakespeare. Teatro da Cidade, Avenida Epitácio Pessoa, 1664. Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 5 mil. Professores entram de graça.

ARCA DE NOÉ — Musical de Toquinho e Vinícius de Moraes. Roteiro de Maria de Lourdes Martini. Direção de Alice Viveiros de Castro. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de São Vicente, 52/2º (274-9895). Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 6 mil.

PLANETA LILÁS — Texto de Ziraldo. Com o grupo Cante Conte. **Teatro Delfin**, Rua Humaitá, 275 (266-4396). Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 6 mil.

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO — Adaptação de Lenita Plocinsky para a peça de Shakespeare. Direção de Moacyr Goes. **Teatro Glauce Rocha**, Avenida Rio Branco, 179. Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

A CASA DE CHOCOLATE — Texto de Nazareth Rocha. Adaptação de Henrique Nunes. Direção de Wagner Lima. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (239-1498). Sessão às 17h30min. Ingressos a Cr$ 8 mil.

O CIRCO — Musical de Hugo Sandes. Direção de Lia Farrel. **Teatro Casa Grande**, Avenida Afrânio de Mello Franco, 290 (239-4046). Sessão às 17h. Ingressos a Cr$ 6 mil.

DUCA VAI À LUTA — Musical de Antônio Carlos Bernardes. Direção de Henrique Nunes. **Teatro de Bolso**, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (239-1498). Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 6 mil.

ASTROFOLIAS — Musical de Antonio Adolfo, Chico Xaves e Paulinho Tapajós. Teatro de Ana Luiza Job. **Teatro do Planetário**, Avenida Padre Leonel Franca, 240. Sessão às 17h30min. Ingressos a Cr$ 6 mil.

NOSSO HÓSPEDE É UM PALHAÇO — Texto de Luna Brum. Sessão às 17h30min no **Tijuca Tênis Clube**, Rua Conde de Bonfim, 451. Ingressos a Cr$ 3 mil.

A ABELINHA CASAMENTEIRA — Texto e direção de Eduardo Marins. **Teatro Teresa Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143. Sessão às 16h30min. Ingressos a Cr$ 5 mil.

A ROSA BRANCA ENCANTADA — Texto de Sílvio Romero e direção de Lutero Luiz. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). Sessão às 11h15min e 17h15min. Ingressos a Cr$ 10 mil, adultos, e Cr$ 5 mil, crianças.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Texto de Eliseu Miranda. Com o grupo Eu e Você. **Teatro do América**, Rua Campos Salles, 118. Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

LENDA DO BEIJA-FLOR — Comédia musical de Ana Elisa Gregori. Direção de Marcos Miranda. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17 (220-6997). Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

COMO A LUA — Texto de Vladimir Capella. Direção de Vladimir Capella e Marco Miranda. **Teatro Rival**, Rua Álvaro Alvim, 33 (240-1135). Sessão às 16h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

ZEZEU E O MINI-TOURO — Texto de Claudio Carvalho. Direção de Humberto Abrantes. **Teatro Cadwell**, Rua Desembargador Isidro, 10 (268-9176). Às 16h. Ingressos a Cr$ 5 mil.

ET E OS TRÊS PORQUINHOS — Revista musical de Brigitte Blair. Elenco infantil. Teatro Brigitte Blair, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). Sessão às 17h. Ingressos por Cr$ 7 mil.

CHAPEUZINHO VERMELHO E O LOBO MAU — Com o grupo Carrossel. Teatro Dom Camilo, Rua Tonelero, 76 (236-2200). Sessão às 17h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

A CASA DE CHOCOLATE — Texto de Nazareth Rocha. Adaptação de Henrique Nunes. Direção de Wagner Lima. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (239-1498). Sessão às 17h30min. Ingressos a Cr$ 6 mil.

VERDE QUE TE QUERO VER — Texto de Edmundo Souto e Paulinho Tapajós. Direção de Cláudio Tovar. **Teatro Municipal de Niterói**, Rua 15 de Novembro, 35. Sessão às 17h. Ingressos a Cr$ 7 mil.

A FLAUTA DE PÃ — Texto de Paulo Cesar Coutinho. Direção de Michel Robin. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói. Às 16h. Ingressos a Cr$ 5 mil.

Ricardo Azoury/F4

Ankito é o Mágico de Oz

NA adaptação de **O Mágico de Oz**, de Lyman Frank Baum, que estreou ontem para o público o mágico aparece na figura de um palhaço. Quem faz o papel é Ankito, que está pela primeira vez experimentando o teatro infantil. Resolveu fazê-lo porque gostou do projeto e um pouco pelo prazer da "coisa nova". "Me entusiasmei. Afinal, era a única experiência que não tinha tido". E é verdade.

Aos seis anos Ankito já se apresentava como o palhaço Suspiro e como trapezista. É que seu avô era dono de uma cadeia de circos e seu pai, o acrobata, trapezista e palhaço Faísca. Foi campeão sul americano de acrobacia aos 14 anos. Excursionou por vários países. Fez vibrar as platéias chiques do famoso Cassino da Urca, do Copacabana Palace, do Lido, em Paris. Até que foi fazer cinema e gostou tanto que registra orgulhoso: "fiz 54 filmes". Ele não se lembra de ter feito nada parecido ao que está experimentando agora em **O Mágico de Oz**. "Estou achando ótimo. As músicas são lindas, o cenário, o guarda-roupa. Estou mesmo admirado."

Seu mágico não tem por objetivo fazer rir. "Embora ele apareça na peça como um palhaço, ele não chega a ser engraçado. Digamos que seja gracioso", diz Ankito. Na quarta-feira passada, ele dizia estar vivendo o clima característico de véspera de estréia — "um certo tumulto que acaba sempre dando certo. Acho que vai ficar muito bom."

Nos últimos tempos Ankito diminuiu o ritmo de suas atividades. Deu uma parada em cinema, em teatro e só tem feito algumas gravações para televisão (venho, trabalho um pouco, canso e vou embora"). E vai para o sítio que tem em Retiro Feliz, um lugar a 40 quilômetros da zona sul do Rio. Lá, ele gosta de ficar mexendo nas suas memórias, brincando com seus cachorros. "Coisa de velho", brinca ele. O trabalho em **O Mágico de Oz** caiu como uma luva nesse projeto de vida.

A peça marca ainda a abertura do palco do **Plataforma-1** para o teatro infantil.

rádio JB
AM 940 KHz

Programação esportiva
10h05min — **REVISTA ESPORTIVA JB**
11h05min — **TORCIDA JB**
12h05min — **CONCENTRAÇÃO**
12h45min — **DOMINGO BOM DE BOLA**
14h00min — **JB FUTEBOL SHOW**
20h00min — **GRANDE PLACAR ESPORTIVO JB**
20h45min — **DOMINGO ESPORTIVO JB**

FM Estéreo — 99,7 MHz

10h — **Sinfonia Fúnebre e Triunfal,** de Berlioz (Davis — 34:51); **Variações e Fuga em Mi bemol, op. 35,** de Beethoven (Arrau — 25:50); **Don Juan,** de Gluck (Marriner — 45:40); **Concerto para piano, violino e quarteto de cordas, op. 21,** de Chausson (Margalit, Maazel e Quarteto de Cleveland — 39:18); **Macbeth, op. 23,** de Richard Strauss (Kempe — 19:35).

20h — **Cantata Nupcial, BWV 202,** de Bach (Peter Schreier — 22:45); **Sonata nº 20, em dó menor,** de Haydn (Brendel — 27:00); **Sinfonia nº 4, em fá menor,** de Vaughan Williams (Bernstein — 33:37); **Sonata nº 23, em fá menor — Appassionata, op. 57,** de Beethoven (Arrau — 26:30); **Quinteto em si menor, para clarinete e cordas, op. 115,** de Brahms (Leister e Quarteto Amadeus — 36:40); **Aubade, para piano e 18 instrumentos,** de Poulenc (Tacchino — 20:14).

Domingo de craques

AYRTON Senna (foto) disputando o Grande Prêmio de San Marino (Globo, 9h20min), o jogo do Campeonato Italiano de Futebol (Globo, 11h30min) e a transmissão ao vivo da partida de futebol entre as seleções do Brasil e da Argentina (todas as estações, menos a TVS, 17h) prometem um domingo superesportivo na TV. Na Bandeirantes, como acontece todos os domingos, o gênero ocupa quase toda a sua programação a partir de 11h, com o Show do Esporte. Para encerrar a noite, ainda dá a reprise da corrida, compactada, no **Fantástico** e, logo depois, Os Gols do Fantástico. É a programação ideal para os atletas da poltrona.

televisão

manhã

6:20 (4) SANTA MISSA EM SEU LAR
6:30 (11) GINÁSTICA — Programa educativo
7:00 (7) TERRA VIVA — Noticiário rural
7:20 (4) GLOBO RURAL — Reportagem sobre um homem que vive, sozinho, há mais de 20 anos, na ilha do Coral (SC), mantendo uma plantação de várias culturas, uma horta e criação de cabras. Entrevista com o ministro Nelson Ribeiro. Uma reportagem com os fazendeiros que utilizam os carneiros para fazer a capina nos cafezais.
7:30 (11) REX HUMBARD — Programa religioso
8:00 (7) A CONQUISTA DA TERRA — Programa jornalístico sobre o campo
(11) SESSÃO DESENHO — Seleção de desenhos animados
8:20 (4) SOM BRASIL — Programa de música sertaneja apresentado por Lima Duarte. Hoje o programa fará uma homenagem às duplas caipiras, focalizando de Tonico e Tinoco — a mais antiga dupla do Brasil — até Milionário e Zé Rico, a dupla de maior sucesso nos últimos anos.
8:50 (7) O MELHOR NEGÓCIO — Jornalístico de depoimentos
9:00 (7) EMPÓRIO BRASILEIRO — Programa de músicas sertanejas apresentado por Rolando Boldrin
(9)NOVA VIDA — Programa religioso
9:15 (9) BIKE SHOW — Programa jornalístico sobre veículos de duas rodas.
9:20 (2) PALAVRAS DE VIDA — Mensagem religiosa com D. Eugênio Salles
(4)GP DE SAN MARINO — FÓRMULA 1 — Terceira prova do campeonato mundial de fórmula-1, diretamente do Autódromo Dino Ferrari. Narração de Galvão Bueno e comentários de Reginaldo Leme.
9:50 (2) AS LÉGUAS TIRANAS DO NORDESTE — Produção da TVE de Pernambuco
10:00 (6) PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA
(7) SHOW DE TURISMO — Atrações turísticas do Brasil e do mundo, com apresentação de Paulo Monte
10:15 (9) FUTEBOL DE MINI-CRAQUES — Jogos de futebol disputados por times dente-de-leite
10:20 (2) TELECURSO 2º GRAU — Aula inédita de biologia e recapitulação semanal
10:57 (11) PROGRAMA CULTURA JOVEM
(7) SHOW DO ESPORTE — Atualidades esportivas. Apresentação de Alys Marina, Juarez Soares e Luciano do Vale
11:00 (9) PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Programa de variedades apresentado por Sílvio Santos, com musicais, competições e prêmios
11:20 (11) PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Programa de variedades apresentado por Sílvio Santos, com jogos, gincanas e programas de calouros
11:30 (4) CAMPEONATO ITALIANO DE FUTEBOL

tarde

12:00 (2) NO MUNDO DO ESPORTE — Reportagens esportivas
(6) SESSÃO ANIMADA — Seleção de desenhos animados
12:50 (4) VÍDEO-SHOW — Programa apresentado por Miriam Rios e Paulo Betti. O programa apresenta hoje algumas curiosidades do Rock in Rio, o raio laser que chega às artes plásticas, o fantástico mundo do circo, números musicais com Sidney Magal, Simone e Ivan Lins.
13:55 (4) CASAL 20 — Seriado com Robert Wagner e Stefanie Powers. Episódio de hoje: **Halteres de Ouro**
14:00 (2) FORRÓ — Programa com músicas características de diversas regiões do Brasil
(6) XINGU — Reapresentação do terceiro capítulo
14:50 (4) DURO NA QUEDA — Seriado com Lee Majors. Episódio de hoje: **Os Perdedores e os Chorões**
15:00 (2) VIOLA MINHA VIOLA — Programa de música regional
(6) DOMINGO NO CINEMA — VII SEMANA DE OURO — Filme: **O Belo Brummell**
15:50 (4)15:50 TEMPO QUENTE — Seriado sobre as aventuras de três jovens detetives. Episódio de hoje: **A Máquina do Amor**
16:00 (2) OS MAIS BELOS DESENHOS — Cinema de animação com premiações internacionais
16:50 (4) FUTEBOL INTERNACIONAL — Jogo: **Brasil x Argentina**, direto de Salvador. Narração de Fernando Sasso.
17:00 (2) FUTEBOL — Jogo: **Brasil x Argentina**, direto de Salvador.
(6) FUTEBOL — Jogo: **Brasil x Argentina**, direto de Salvador. Narração de Paulo Stein.
(7) FUTEBOL — Jogo: **Brasil x Argentina**, direto de Salvador.
(11) FUTEBOL — Jogo: **Brasil x Argentina**.

noite

19:00 (2) ISTO É HOLLYWOOD — Tema de hoje: **As Mulheres Más de Holywood**
(4) OS TRAPALHÕES — Programa humorístico com os quatro trapalhões.
(6) ESPECIAL — A MAGIA DO CINEMA — O especial dos especiais mostrando os maiores romances, os melhores musicais, os bangue-bangues clássicos, os filmes de guerra e os filmes de humor. Roteiro de Wilson Cunha.
20:00 (2) JORNAL DE DOMINGO — Programa jornalístico
(4) FANTÁSTICO, O SHOW DA VIDA — Programa de variedades.
(6) PROGRAMA DE DOMINGO — Programa de variedades apresentado por Renée de Vielmond. Juca de Oliveira apresenta uma reportagem sobre o TGV, o trem mais veloz, mais confortável e mais pontual do mundo, no trecho entre Paris e Lion. De Nova Iorque uma reportagem sobre a plena forma do vídeo-arte. A história de João/Joana, o poema de cordel de Carlos Drummond de Andrade com música de Sérgio Ricardo. Reportagens sobre o Dia Nacional da Mulher e o Dia da Vitória, 40 anos depois do fim da guerra. No vídeo-clip, a mais nova tendência do **rock new wave**, com o rock político do grupo irlandês U-2, apresentando a música **Unforgetable Fire**. Entrevistas com Renata Sorrah sobre a peça **Grande e Pequeno** e uma reportagem de Roberto D'Ávila com as Madres da Plaza de Mayo.
(7) BOLA NA MESA — Programa esportivo com entrevistas, debates e reportagens sobre as diversas categorias de esporte.
(9) SEMPRE AOS DOMINGOS — Filme: **O Gladiador Invencível**
21:00 (2)SEMPRE UM SHOW — **Musical com Lô Borges**
(11) CHIP'S — Seriado
22:00 (2)PRIMEIRO TIME — **Programa esportivo ao vivo**
(4) OS GOLS DA RODADA — Apresentação dos gols da rodada nas diversas partidas realizadas durante o dia.
(6) PERSONA — Programa de entrevistas apresentado por Roberto D'Ávila. Entrevistado de hoje: Franco Montoro.
(7) APITO FINAL — Os gols da rodada. Apresentação de Juarez Soares
(9) GENTE DO RIO — Show de entrevistas e variedades. Apresentação de João Roberto Kelly, Ruy Porto, Nina Ribeiro e Maria Joana
(11) LONGAMETRAGEM — Filme a programar. **A Caminho do México**
22:20 (4) RJ TV — Noticiário local
22:25 (4) CINECLUBE — Filme: **Onde Começa o Inferno**
22:30 (7) CRÍTICA E AUTOCRÍTICA — Programa de entrevistas e debates. Apresentação de Roberto Muller Filho
23:00 (6) DEBATE EM MANCHETE — Análise dos fatos nacionais da semana. Apresentação Arnaldo Niskier.
00:00 (9) NOVOS TEMPOS — Programa sobre informática. Apresentação de Arcádio Vieira e Marie Claude
(11) PROGRAMAÇÃO ESPORTIVA
00:30 (7) TV INFORMÁTICA — Jornalístico de entrevistas, debates e informações sobre o mercado de computadores. Apresentação de José Levy
00:40 (2) CONVERSA DE FIM DE NOITE — Programa apresentado por Jonas Resende. Tema de hoje: **Lições de Vida**
00:55 (4) DOMINGO MAIOR — Filme: **Scaramouche.**

EM FOCO

FUTURE MAMAN

● A coleção da **FUTURE MAMAN** reúne o que você sonha encontrar em criatividade e bom gosto. Com lindíssimos lançamentos exclusivos e personalizados para você brilhar ainda mais no dia das mães. Curta os conjuntos de saia, os jumpers super atuais, os camisões, os modelos para festas, as jardineiras e a linha esportiva. A única loja do Rio com tudo para gestante. Faça uma visita a **FUTURE MAMAN** e ganhe até o dia 12 de maio um brinde muito especial. A **FUTURE MAMAN** como em Paris ou Nova York é muito procurada nas suas duas filiais: Copacabana — R. Barata Ribeiro, 759—loja C — Tel.: 255-0440, 255-0244 e Tijuca na R. Conde de Bonfim, 370—loja 4 — Tel.: 254-7588.

PRESENTE PARA AS MÃES

Um lançamento muito carinhoso para o Dia das Mães. Numa embalagem de delicado desenho encontramos 3 sabonetes com fragrâncias inesquecíveis que certamente nossas mães irão adorar. O preço não chega a 5 mil. Esta prova de carinho você encontra nos magazines Mesbla e Sloper.

CONGELADOS NO DIA DAS MÃES

● a promoção no dia das mães, a **SINHÁ MARIA** está oferecendo 16 pratos (sobremesa grátis), pelo preço fixo de Cr$ 86.400. Vale a pena experimentar. Anote o seu endereço: Rua Figueiredo Magalhães, 615 — Loja E — Copacabana ou peça pelos tels.: 236-6615 e 230-2709.

Tissot	Cr$ 360.000
Citizen 150 m	590.000
Cásio Protec.	290.000
Champion Fem.	159.000
Technos c/7 puls.	240.000

Rua Visc. de Pirajá, 595 lj. 103 tel.: (021) 274-0145, Barra Shopping, loja 115-G Nível Lagoa. Tel.: (021) 325-0187

UBIRAJARA FIDALGO FAZ NOVOS PROFISSIONAIS DA MODA

● São muitos os interessados na profissão de modelista, o campo de trabalho é amplo, quer para emprego ou para montar uma pequena ou média confecção e é por isso que a procura é grande no atelier do modelista e estilista **UBIRAJARA FIDALGO**, que criou um método sensacional de corte para confecção de roupas, rápido e prático, mesmo para quem não tem noção de costura. Num programa intensivo de 10 aulas com 4 horas de duração, Fidalgo passa toda a técnica de modelagem para tecido, malha, lycra e linha infantil. Novas turmas terão início dia 20/05 e as vagas são limitadas. Faça sua reserva pelo tel.: 542-4943 — Inscrições no Atelier, R. Siqueira Campos, 143—s/118—Shopping Center de Copacabana. Estão à venda no local as camisões unissex com a etiqueta "**FIDALGO**".

FALE BEM, FITAS K-7

● Caso o seu tempo seja escasso para aprimorar a comunicação oral, através de consultas, o Prof. Simon Wajntraub aconselha as 3 fitas K-7 com exercícios de: DICÇÃO, IMPOSTAÇÃO DA VOZ E ORATÓRIA, 1ª e 2ª série, valor Cr$ 150.000 cada série. PROBLEMAS DA FALA E INIBIÇÃO, consultas CRIANÇA QUE DEMORA A FALAR E PERDA DA FALA NO ADULTO, sistema áudio-visual especial. Matriz RJ: 236-5223, 256-1644. Filiais: SP, DF, BH, BA. 18 anos de experiência, atendimento das 9 às 21 h.

SAÚDE PRÁ VOCÊ MAMÃE

● Durante todo o mês de maio, a ordem 3ª do Carmo está oferecendo 50% de desconto na taxa de matrícula, e mais todos estes benefícios: Consultas **grátis** sem limite e sem carência **mesmo**; exames totalmente **grátis** durante a internação; uma série de exames **grátis** à nível ambulatorial; diária **grátis**; check-up anual **grátis**; desconto em lojas; consultoria jurídica; **não é cobrado honorários médicos**; Hospital Geral e todos os serviços próprios. Diretor Técnico: Dr. Pedro B. de Araújo Penna — CRM 5200834.9-RJ. Infs. R. Riachuelo, 43 — Tels.: 252-1645/222-0115 e 224-8747 — R. 28 e 32.

CURSO DE FRANCÊS

● A professora Elizabeth Paz de Almeida está reiniciando os seus cursos de francês para grupos de apenas 4 alunos. Valendo-se de técnicas utilizadas na formação de atores, o trabalho por ela desenvolvida garante um aprendizado dinâmico e seguro da língua francesa. Outras informações à Rua Barão do Flamengo, 22 — Gr. 1003, ou pelo telefone 285-3643.

SALVAÇÃO DOS CABELOS

● O **Instituto Lane**, de fama internacional, está promovendo a primeira campanha de salvação dos cabelos. As pessoas que sofrem de queda dos cabelos, caspa, coceira, seborréia, calvície precoce, etc., podem se dirigir ao referido Instituto onde receberão uma completa avaliação do problema de seus cabelos, o que poderão fazer a respeito. O tratamento é personalizado para homens e mulheres. Durante esta campanha as **consultas serão inteiramente grátis.** O INSTITUTO LANE fica na Av. N. S. de Copacabana, 807-Gr. 701-Tel: 255-6243 e Praça 15 de Novembro, 38-A — 7º andar — Gr.76 — Perto da Bolsa de Valores — Tel.: 232-4574.

SALADAS NATURAIS

● É a nova casa na Tijuca, que transforma o seu almoço em um prazer muito especial, com a qualidade que você exige e preços convidativos. A estréia do **cozido para dois** à 14.800 no domingo, já foi o maior sucesso. As saladas naturais receberam total aprovação pelo sabor e qualidade. Comprove: Rua Almirante Cokrane, 103.

REABILITAÇÃO

● A CLÍNICA DE REABILITAÇÃO "CASA DO SOL" dispõe de uma equipe multidisciplinar atendendo a crianças e adolescentes portadores de diversos comprometimentos, tendo ainda a oferecer na parte da noite psicoterapia individual ou em grupo, orientação familiar e vocacional e eletrocefalografia. A "CASA DO SOL" fica na URCA à Rua CANDIDO GAFFRÉE, nº 112 Tel: 295-0779

MERGULHE SEM IRRITAR OS OLHOS

● Mergulhe sem a companhia de algas, bactérias, fungos e germes. Agora você pode eliminá-los eletronicamente, sem auxílio de cloro e outros produtos químicos que irritam seus olhos, ressecam seus cabelos e pele. AQUALUX, o primeiro processo automático que transforma a água da sua piscina em água potável, pura como um lago nas montanhas, sem usar nenhum produto químico. AQUALUX você encontra na R. Visconde de Pirajá, 351 — S/618 tel. 267-9293.

PROJETOS E REFORMAS

Se você está pensando em reformas de cozinha ou banheiro guarde este nome: TECONGE. Firma especializada em projetos e reformas de interiores em geral, TECONGE oferece idéias arrojadas que certamente valorizará o seu ambiente. Vale a pena consultar. Tels: 240-6428 240-5878, 240-7028 e 262-7713.

OURO E BRILHANTES

● **A Doarel Jóias está comprando ouro, jóias modernas e antigas, *art nouveau*, *art* decô e brilhantes. Contudo, essa comercialização só acontece na loja que a Doarel mantém na Barata Ribeiro, 473, na Galeria Menescal — Copacabana.**

● Anel com 4 fios em ouro 18k e pedras brasileiras, por Cr$ 684.000 à vista ou Cr$ 913.000 a prazo e par de brincos turqueza por Cr$ 210.000 à vista ou 280.000 a prazo.

PROMOÇÃO DOAREL

● A coleção de relógios femininos da DOAREL, destaca-se neste lindo modelo Vivatron Quartz, em marfim ou preto por apenas Cr$ 95.000.

Em promoção até 12 de maio na DOAREL JÓIAS

CONSERTO DE RELÓGIOS

● A DOAREL JÓIAS E RELÓGIOS, com seu laboratório especializado em conserto de Relógios Rolex, Patek Phillip, Omega, Tissot, Mido e outros, inclusive eletrônicos e ainda mais, torca de pilhas na hora.

Doarel Barata Ribeiro, 473-A (Galeria Menescal) Copacabana — Aeroporto Internacional, 3º andar (diar. até 22h30min).

O BELO BRUMMELL
TV Manchete — 15 horas
(**Beau Brummell**) — Produção americana de 1954, dirigida por Curtis Bernhardt. Elenco: Stewart Granger, Elizabeth Taylor, Peter Ustinov, Robert Morley e Rosemary Harris. **Colorido** (111 minutos).

George Bryan Brummell (Granger), capitão de ordens inglês, vence um torneio militar e conhece o Príncipe de Gales (Ustinov). Os dois alimentam uma sólida amizade. O aventureiro sobe ao palácio e influencia o poder. Trama para que o Príncipe torne-se regente contra a demência do pai, Rei George III (Morley). Seus planos fracassam e ele é obrigado a exilar-se na França.

O GLADIADOR INVENCÍVEL
TV Record — 20h
(**The Invencible Gladiator**) — Produção italiana de 1963, dirigida por Anthony Monple. Elenco: Richard Harrison, Isabelle Corey, Livio Lorenzon, Edoard Nevola. **Colorido**.

No século III d.C., Rabites, Primeiro-Ministro ambicioso de reino independente na fronteira Leste do Império Romano, é morto pelo próprio povo, cansado de seus desmandos. Como consequência, Dario, de apenas 12 anos, filho do falecido rei de Acastros, que passa a ser disputado.

ONDE COMEÇA O INFERNO
TV Globo — 22h25min
(**Rio Bravo**) — Produção americana de 1959, dirigida por Howard Hawks. Elenco: John Wayne, Dean Martin, Ricky Nelson, Angie Dickson, War Bond, John Russel, Pedro Gonzalez. **Colorido**.

Xerife de Rio Bravo (Wayne) prende irmão do homem mais influente da região, que contrata pistoleiros para matá-lo e só encontra apoio num bêbedo (Martin) e um velho coxo (Gonzalez). Exibido com som original e legendas em português.

SCARAMOUCHE
TV Globo — 0h55min
(**Scaramouche**) — Produção americana de 1952, dirigida por George Sidney. Elenco: Stewart Granger, Mel Ferrer, Eleanor Parker, Janet Leigh, Henry Wilcoxon, Nina Foch, Lewis Stone, Roger Coote, Richard Anderson. **Colorido**. Autor de um livro revolucionário (Granger) se disfarça em ator durante a Revolução Francesa para vingar a morte de um amigo nas mãos de um perverso marquês (Ferrer). Baseado no livro de Rafael Sabatini.

Um domingo de aventuras

O Belo Brummell (TV Manchete, 15 horas) é drama histórico sobre uma das mais pitorescas e controvertidas figuras da Inglaterra do século XVIII, George Bryan Brummell, um ousado aventureiro que estremeceu os padrões morais e a sociedade da época. De capitão-de-ordens, ele torna-se dono de terras e aspira um lugar na nobreza através de sua amizade e influência com o Príncipe de Gales, mas, por fim, acaba pobre e esquecido exilado na França. Sua trajetória, contada em **O Belo Brummell,** tornou-se um capa-e-espada repleto de arremedos de outros tantos filmes do gênero.

O Gladiador Invencível, (TV Record, 20 horas) é épico no estilo italiano, produzido em massa em Cinecittá que muito pouco acrescenta ao montante de produções semelhantes.

Onde Começa o Inferno (TV Globo, 22h25min) é um dos melhores dos cinco **westerns** dirigidos por Howard Hawks. John Wayne, como xerife de um vilarejo mexicano, é um herói clássico, ambíguo em sua construção psicológica. Em termos de narrativa, Hawks faz uma análise dos mitos e clichês do gênero, introduzindo-os com bom humor e sofisticação estilística. Tornou-se um marco na carreira dos atores principais, Wayne e Dean Martin, da mesma forma como determinou a carreira do diretor. Serviu de base para outros bons **westerns** com Wayne, a destacar: **El Dorado,** em 1966, e **Rio Lobo,** em 1970. Sua pulsação é um tanto longa para um filme de ação, mas compensa pelos esquetes cheios de boas soluções.

Scaramouche, (TV Globo, 0h55min) é talvez um dos melhores capa-e-espada a sair dos estúdios de Hollywood nos anos 50, e apresenta o duelo mais longo (sem cortes) da história do cinema americano, que dura quase oito minutos, no qual Stewart Granger (ele de novo) e Mel Ferrer, dois consagrados canastrões, exibem seus inegáveis dotes de espadachim. Os cenários de Cedric Gibbons e as duas belezinhas hollywoodianas, Eleanor Parker e Janet Leigh, são os complementos perfeitos desta movimentada aventura passada à época da revolução francesa.

Scaramouche é o filme da madrugada na Globo

Na Manchete, Festival de Judy Garland

televisão

Depois de muitos adiamentos, estréia finalmente esta semana uma das boas promessas do ano: **A Amazônia de Jacques Cousteau**. Dividida em quatro capítulos de uma hora cada, a série será exibida às quintas-feiras, às 21h20min, na Globo. O trabalho de edição e redação coube ao jornalista Eric Nepomuceno, que resumiu as seis horas apresentadas na televisão americana em 1984.

A preocupação fundamental da equipe do **Globo Repórter**, encarregada da reedição da série, foi manter o clima de aventura da expedição de Cousteau, que consumiu 18 meses de estudos e investigações sobre os segredos que cercam a Bacia Amazônica. O trabalho da equipe de Cousteau foi realizado em 1982 e, segundo o cientista, "o projeto foi o mais excitante de todas as viagens do **Calypso**". É a primeira vez que a terra tem uma importância tão grande quanto a água nos estudos da Sociedade Cousteau.

Os planos de estudar a Amazônia foram traçados em 1970. Para realizá-los, Jacques Cousteau usou mais de 40 cientistas — muitos brasileiros — e um sofisticado equipamento que inclui helicóptero, um **hovercraft**, um carro anfíbio e um minissubmarino. Seus homens foram divididos em três equipes que percorreram a região do Pantanal Mato-grossense e o rio Amazonas em suas duas direções. Além de todos os dados científicos, um dos melhores resultados colhidos pela expedição é a beleza das imagens, até agora praticamente desconhecidas.

A dança dos botos cor-de-rosa, um raríssimo mamífero da Região Amazônica, foi captada pelas câmeras de Cousteau. Assim como as cenas de um mergulhador alimentando, debaixo d'água, um cardume de piranhas. No programa de estréia, **A Amazônia de Jacques Cousteau** mostra a violência da pororoca, o encontro das águas do rio com o mar. Mostra, também, imagens de um pedaço da Cordilheira dos Andes, a mais de 3 mil metros de altura, onde nascem as águas de pequenos riachos que se juntam para formar o Amazonas. O seriado é considerado pela Globo como um dos pontos fortes de sua programação 20 Anos.

Além de Cousteau, outra boa atração esta semana, um presente para os cinéfilos. A TV Manchete inicia na quarta-feira, às 21h20min, o **Festival Judy Garland**. Apresenta o filme **Desfile de Páscoa**, realizado em 1948. Uma comédia musical estrelada por Fred Astaire, Peter Lawford e Judy Garland. Vai ao ar em sua versão original, em inglês, com legendas em português.

Miriam Lage

música

Um dos melhores violinistas em atividade no Brasil, Erich Lehninger apresenta-se esta terça-feira no auditório do IBAM com um difícil repertório para solo de violino. Nesse tipo de repertório, que só os artistas muito seguros ousam abordar, há obras-primas como a **Partita em ré menor**, de Bach (incluída no programa), que termina com uma famosa **Chaconne**. Lehninger também tocará, de Bach, a **Sonata nº 1 em sol menor**; de Prokofiev, a **Sonata em ré maior op. 115**; de Ysaye, a **Sonata op. 27 nº 3**, fechando o programa com o **Capriccio nº 24** de Paganini. Nascido na Alemanha, Lehninger foi aluno de Max Rostal; foi **spalla** (1º-violino) de várias orquestras européias e fixou-se definitivamente no Brasil em 1974. Um ano depois, participava da criação do Trio Brasileiro — um de nossos melhores conjuntos de câmara, com o qual continua se apresentando até hoje.

Quinta-feira, no Teatro Municipal, é dia de ouvir Radamés Gnattali, na série **35 Anos de Música Brasileira** que começou com Cláudio Santoro. Gnattali estará presente como solista de um de seus concertos para piano. O programa também têm um concerto para violão, um original concerto para acordeão e orquestra (solista: Chiquinho do Acordeão) e a estréia de uma nova sinfonia de Radamés.

Segunda-feira, às 21 horas, volta à ação o Auditório H. Stern, em boa hora inaugurado em Ipanema, com um recital de Noel Devos (fagote) e Ana Devos (violoncelo). No programa, Mozart, Mignone, Oswaldo Lacerda, Boismortier, Bacha e Couperin. Devos é um de nossos melhores instrumentistas, fundador de uma verdadeira escola de fagotistas, que já estão enriquecendo as estantes das principais orquestras brasileiras.

Luiz Paulo Horta

teatro

A semana teatral é francamente do humor. **As Múltiplas Faces de Hélice**, de Bia Montez, com direção de Dulce Conforto inicia temporada amanhã no Teatro de Bolso Aurimar Rocha. Monólogo interpretado pela autora conta a história de uma mulher, "que perturbada por sua não-identidade procura um analista a quem revela suas experiências passadas através da hipnose." O tom é de um humor algo absurdo e com muito **nonsense**. Os figurinos e adereços são de Marco Garcia e Wilma Leanah, a coreografia de Ana Célia Leite, as músicas de Fafy Siqueira. **C de Canastra**, textos, direção e interpretação da dupla Felipe Pinheiro e Pedro Cardoso tem estréia quarta-feira no Teatro Cândido Mendes. No templo do "teatro-brincadeira" voltam os atores que, praticamente, inauguraram esse gênero de espetáculo no qual a inconseqüência e o **divertissement** se sobrepõem a qualquer tentativa de um humor mais crítico ou cáustico. Desde **Bar Doce Bar**, despretensioso **show** teatral que revelou o histrionismo de Pedro Cardoso, e em seguida com **A Porta** e **Última Alternativa**, que a dupla Pinheiro-Cardoso investe nesta forma de espetáculo. Nos três anos que separam o **Bar** deste **C**, a fórmula pouco mudou. Como os próprios criadores definem, "é um espetáculo de variedades que conta com várias personalidades: Batman e Robin, os soldados norte-americanos Bob e Makensen, os roqueiros Corn e Flakes e muitos outros que pediram para não serem revelados." Espetáculo bem ao estilo do verão, **C de Canastra** (e tantos outros que continuam em cartaz na cidade) estréia em pleno outono, guardando o espírito dos frequentadores da praia, que independe da estação do ano.

Macksen Luiz

show

Dona Ivone Lara é a atração do Pixinguinha

As cantoras dominam a semana em programação aberta por Dona Ivone Lara fazendo, de segunda a sexta-feira, o Seis e Meia do Teatro João Caetano lançando LP no show **Raiz da Liberdade**. O samba continua a rolar na segunda-feira, com a continuação das comemorações de fundação do Clube do Samba, que apresenta em sua sede da Barra da Tijuca o pagode de fundo de quintal reunindo nomes como Ney Lopes, Luís Carlos da Vila e Beto sem Braço.

Na terça-feira e quarta-feira o Circo Voador recebe o canto forte e bonito de Tetê Espíndola iniciando mais um roteiro do Projeto Pixinguinha ao lado de Marlui Miranda e Dalva Torres. E na Sala Funarte Sidney Miller, a estréia de terça-feira traz uma boa supresa: Paulinho Boca de Cantor (é aquele mesmo dos Novos Baianos, conjunto que marcou época pois contava ainda com as participações de Baby Consuelo e Moraes Moreira) e Marito, dirigidos por Dilma Lóes.

E o Arquivo Geral da Cidade homenageia a memória do compositor Gastão Lamounier promovendo, terça-feira, além da inauguração de uma exposição, um encontro musical reunindo Carlos Galhardo, Paulo Marquez, Oswaldo de Souza, Alfredo Delgado e Tereza Kury, a partir das 18h. No People, que comemorou aniversário semana passada, a atração é a cantora Alaíde Costa, de quarta a sábado, acompanhada pelo Quarteto Amigo integrado por João Palma, Alberto Chimelli, Tibério Cesar e Chiquito Braga.

Luís Carlos da Vila continua suas apresentações no Arco da Velha, sexta-feira e sábado, os mesmos dias da música instrumental do The Tinker com o cantor e compositor Paulo Steinberg. E somente sábado o Circo Voador fecha a semana das cantoras repetindo o duo formado por duas belas vozes: Olivia Byngton e Clara Sandroni, além de suas respectivas bandas. Vale a pena.

Diana Aragão

artes plásticas

Terça-feira, às 20h30min, na Cimeira das Artes, as pinturas de Tiziana Bonazzolla inicia uma série de exposições que a galeria pretende realizar, este ano, tendo como tema o corpo, a casa, o espaço de viver. Na abertura da mostra, o crítico Mário Barata fará uma palestra explicando a pintura de Tiziana inserida em duas épocas: a Itália pós-guerra e o Brasil pré e pós-Bienal. Tiziana nasceu em Varese, na Itália, em 1921 e veio para o Brasil em 1949. Na Galeria Macunaíma, às 18h30min, o mineiro Angelo Marzano expõe 20 desenhos a nanquim e guache. O artista considera que seus trabalhos são "redesenhos de objetos banais do cotidiano — cadeiras, pianos, máquinas, escadas etc — pervertendo a ordem e a função especifica a que foram destinadas a cumprir". Faz então "escadeiras", cadeiras do Não-Sentar, Estantes Instáveis e Máquinas de Máquinas, as Maquinavélicas. Yutaka Toyota, um japonês radicado no Brasil desde 1958, mostrará na Galeria AM Niemeyer cinco esculturas, cinco modelos de múltiplo e 20 pinturas. Para Oscar Niemeyer, que faz uma pequena apresentação do artista, o que lhe agrada na escultura de Toyota é a simplicidade natural e não premeditada. Também a idéia de utilizar o aço e a cor com seus reflexos imprevisíveis. "São objetos que se adaptam a qualquer ambiente e, numa escala maior, à própria arquitetura. Parece que a pureza do aço o atrai e desse material talvez decorram as formas diferentes, construtivas ou geométricas, que imagina." (Veja reportagem na pág. 24.) Na Artespaço, às 21h, Gonçalo Ivo, de 26 anos, arquiteto e professor do MAM, mostra um conjunto de aquarelas que são "pequenas pinturas que remontam ao fazer artístico das iluminuras medievais, tanto pelo tamanho quanto pelo rigor, precisão, técnica e certa afinidade literária." Na Maria Augusta, às 21h, uma coletiva reunindo cinco artistas: Carlos Scliar, Geraldo de Castro, José Paulo Moreira da Fonseca, Luiz Perri e Percy Deane. Quarta-feira, na Paulo Klabin, saem as inquietantes esculturas de Iole de Freitas e entram as pinturas de Ivald Granato, um inquieto artista. Pode haver **performances.** Quinta-feira, no Museu Nacional de Belas-Artes, às 18h, retrospectiva de Bella Paes Leme.

Wilson Coutinho

cinema

Estreia solitária, mais promissora, para quinta-feira: **Um Amor de Swann**, assinada pelo alemão Volker Schlondorff. Levar Marcel Proust para as telas parecia uma causa perdida, à qual a atriz e produtora Nicole Stephane dedicou-se durante 20 anos. Desde que comprara os direitos de adaptação de uma parte de **Em Busca do Tempo Perdido**, a produtora tentou concretizar o projeto com os cineastas mais expressivos — Joseph Losey, Visconti, Peter Brook, entre eles. Finalmente, o realizador de **O Tambor** e **A Honra Perdida de Katharina Blum** mostrou-se preparado para o desafio.

A história de uma época, os salões da burguesia retratando toda uma sociedade compõem o pano de fundo de **Um Amor de Swann**, que tem como eixo a paixão obcecada de Swann por Odette de Crécy. E para retratar o sutil universo de Proust, todas as suas peculiaridades, recorreu-se a uma equipe de primeiríssimo time: o roteiro básico vem assinado por Jean-Claude Carrière (o roteirista preferido de Buñuel), e mais Peter Brook, Maire Helen Estienne, e ainda o próprio Schlondorff. Um dos papas da fotografia mundial — o sueco Sven Nykvist, que habitualmente trabalha com Bergman — também foi chamado, e o elenco é dos mais abalizados: Jeremy Irons (Swan) Ornella Mutti (Odette de Crécy), Alain Delon (Barão de Charlus), Marie-Christine Barrault (Mmme. Verdurin) e Fanny Ardant (como Duquesa de Guermantes). Sem dúvidas, um desafio a conferir.

Susana Schild

Mãe.
Um gesto infinitamente natural...
Que ilumina!...
Que afaga!...
Que perfuma!...
No Dia das Mães,
dê um presente exclusivo.
Acqua Fresca
Sabonete Perfumado de luxo

Fotos de Cora Rónai

A professora Marli diante da árvore que germinou num muro

Casos de amor e sombra

Rosa Nepomuceno

A história de uma cidade e de um povo pode ser contada através de suas árvores. É o que quer mostrar a professora de música e pesquisadora de cultura popular Marli Gonzalez Lhamas, 40 anos, assim que seu livro **Roteiro das Árvores Notáveis do Rio de Janeiro** for editado. Foram dois anos de trabalho apaixonado, que levou essa carioca de Oswaldo Cruz a percorrer ruas e bairros da cidade, seguindo um roteiro improvisado, apontado por amigos e desconhecidos, em busca de árvores que fossem expressivas para os cariocas, ou pela sua beleza, raridade da espécie, idade, popularidade, pela resistência às agressões urbanas, sua história, ou simplesmente pelo carinho com que era tratada pela comunidade vizinha.

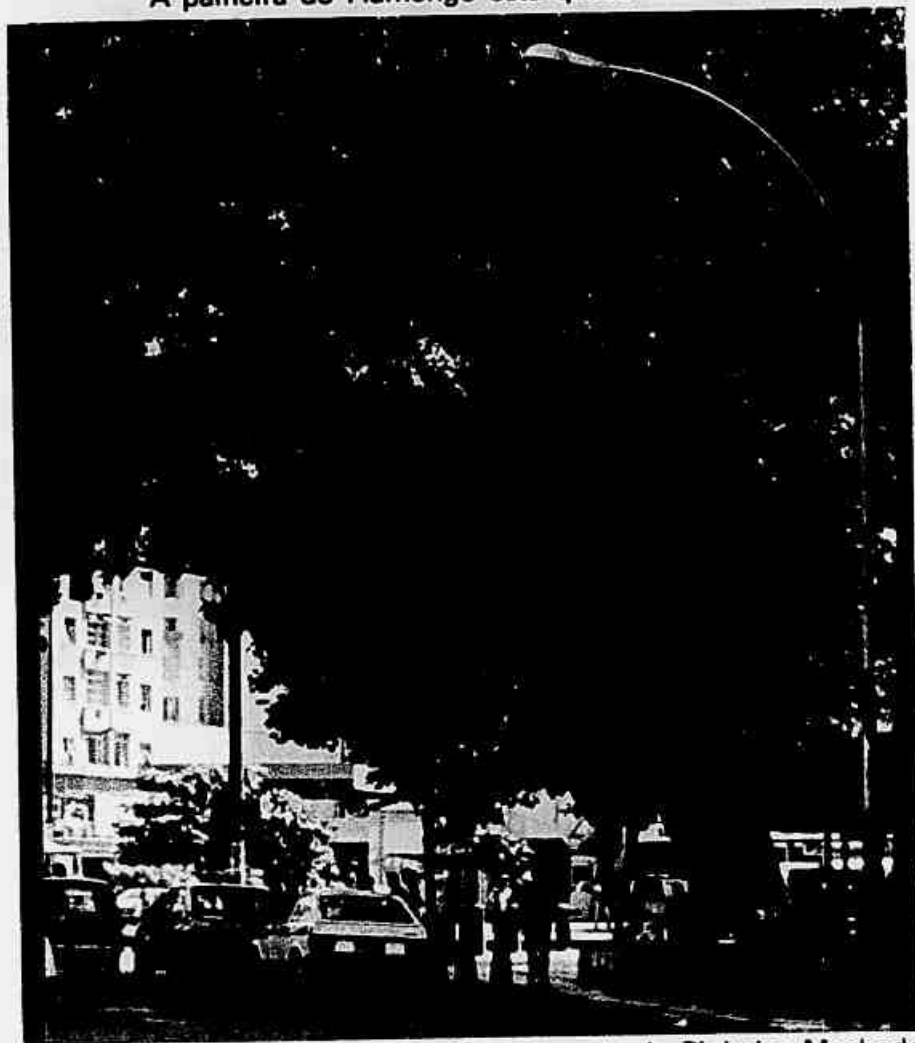
Nessa peregrinação catalogou 145 árvores de 54 espécies diferentes, do assa-cu da rua Pompeu Loureiro, no coração de Copacabana, aos oitis do campo de instrução do Gericinó, na Vila Militar, território fechado aos civis, na Zona Norte da cidade. Algumas são

de grande beleza, como a paineira do Aterro do Flamengo que está começando a florescer e, em junho, inteiramente cor-de-rosa, é vista por todos os que trafegam em direção a Botafogo e Copacabana; ou são pequenas e raquíticas como o abiu do Engenho de Dentro, que atraiu a estima e o cuidado da população do bairro. Nobres, com **pedigree**, como o pau-ferro da rua Marquês de Olinda, plantada em 1864 no terreno que pertenceu à família de Joaquim Nabuco, "exemplo de árvore de paletó e gravata", como define Marli — ou forte e resistente às agressões da cidade, como a tamarineira que sustenta o sinal de trânsito na Avenida do Exército, em São Cristóvão, sob cuja sombra — reza o populário — D. Pedro e a Marquesa de Santos namoravam. Entre as árvores que comprovadamente compuseram o cenário de passagens históricas da vida brasileira, citadas no livro, está a figueira da Rua Senador Dantas, à altura do número 5, hoje ainda forte e frondosa, que serviu de apoio para que o povo visse do alto o corpo do então vice-presidente do senado e chefe do Partido Republicano Conservador, Pinheiro Machado, assassinado ali em frente, em 1915.

Segundo Marli, fazer o livro foi um aprendizado que a levou a conhecer e compreender melhor não apenas a natureza de sua cidade, mas principalmente o comportamento do seu povo. Durante o tempo de pesquisa, 10 árvores relacionadas desapareceram do seu cenário natural como a figueira que sinalizava a entrada do estacionamento do Rio Sul, que foi envenenada aos poucos até secar.

Esses fatos ainda comuns na cidade provocaram uma frase do paisagista Burle Marx, num artigo que assina no livro: "Notável mesmo é o homem que consegue passar perto de uma árvore com seu trator, sem derrubá-la". Mas as perdas são às vezes compensadas pelos presentes que a própria natureza oferece à cidade, é o que constatou a pesquisadora, ao registrar a notável figueira da Praia Vermelha, na Urca, que germinou num muro de pedra e cimento, por obra de um passarinho, segundo explicações botânicas. Respeitando as tradições populares, não poderia portanto deixar de incluir no livro uma grande jaqueira há muito desaparecida da Rua Pacheco Leão, à altura do número 400, tida como mal-assombrada desde que um jovem se matou sob seus galhos e "cuja alma dali não saía", segundo narrativa de Sebastião de Oliveira Rocha, o seu Manduca, à época da pesquisa com 88 anos, morador do Jardim Botânico.

A jaqueira desapareceu quando a Pacheco Leão foi alargada, mas ficou na memória dos moradores antigos do bairro. É vontade da pesquisadora que essas histórias não se percam, sejam conhecidas pelas crianças. "Porque o adulto predador foi uma criança que nunca plantou uma sementinha de feijão".

A paineira do Flamengo está quase ficando cor-de-rosa

A figueira testemunhou a morte de Pinheiro Machado

O garotão do rock

Joaquim Ferreira dos Santos

Num clip que faz sucesso na tv brasileira surge o novo ídolo da música americano

Na música **pop** todo mundo faz tipo. Boy George é andrógino, Cyndi Lauper, maluquete, Prince, um taradinho. Bruce Springsteen é o garotão simples das ruas de New Jersey. Entra no palco de **jeans**, camisa sem enfeites, os músculos estourando a camiseta branca. Nas músicas fala de carros e garotas — geralmente ao mesmo tempo. É imprevisível. Algumas são convidadas caretamente ao casamento, outras, jogadas no banco traseiro. Ao fundo o ritmo vai do **rock** mais visceral à balada emocionada. Nos Estados Unidos não se fala em outra coisa. Bruce ganhou todos os prêmios de discos de 84. Chegou a nossa vez. Bruce é aquele sujeito que aperta os olhos, esforça-se para lançar a voz no **clip We Are the World**, este acontecimento diário em nossas vidas televisivas. Está rodeado por Michael Jackson, Steve Wonder, Ray Charles e mais 40 feras. Mas não se impressiona. Bruce faz o melhor vocal de todos.

Ele foi lançado dez anos atrás por um crítico da Rolling Stone que, depois de assistir a um concerto seu, escreveu: "Conheci o futuro do **rock and roll**". Era verdade e basta ouvir **Born in the USA**, o último LP, que completou um ano nos cinco primeiros lugares do **hit-parade**. Bruce gostou da frase, mas assim que a gravadora começou a imprimi-la no anúncio de seus discos, mandou parar com a coisa:"Quem gostaria de ser o futuro todas as noites no palco? Eu não". Já tentaram rotular Bruce de o novo Bob Dylan pela maneira algo laudatória e eloqüente de versejar. Não pegou. Ronald Reagan encaixou uns versos dele num discurso para jovens — e ganhou um pito do garotão Bruce, 35 anos, mas com uma vitalidade capaz de mantê-lo em cena durante quatro horas e meia, a média de seus **shows**. Na música **pop** todo mundo tem um rótulo. Iron Maiden é pauleira, Steve Wonder, **Motown sound**. Bruce não cabe em nenhum. É o velho e bom **rock**, com algo **country**, e letras onde está sempre acontecendo alguma coisa. Sem gordura. "Detesto cascata" — define-se.

Bruce é o ídolo dos que querem o **rock** atrelado a suas origens de rua, descompromissado em saber se está fazendo vanguarda ou total caretice. Há uma coisa meio **beat** na sua obsessão por carros e estradas, uma pitada de Chuck Berry na maneira de tratar algumas garotas e uma mistura indefinida de soltar o gogó — meio cantor negro, meio barítono italiano, sangue que lhe corre nas veias. Os brasileiros podem sentir tudo isso num **clip** que está passando na televisão. Bruce canta a música **Estou Pegando Fogo** e é ajudado por uma garota que sobe da platéia, também no mesmo estado que Bruce. Ele costuma sair desses **shows** e jogar **fliper** na primeira esquina. Ensina que, depois de tanto gelo seco, sintetizador, andróginos, niueives, o truque no **rock** é não ter truque.

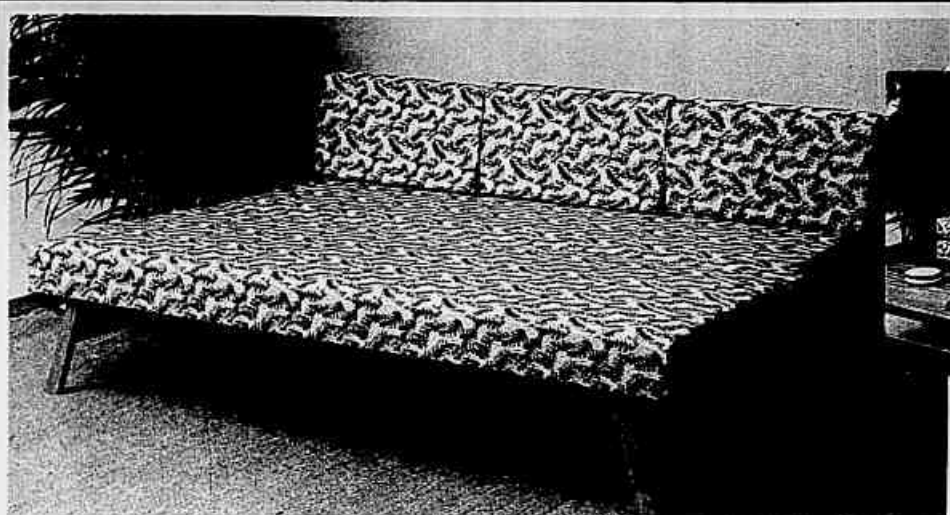
LA BAGAGERIE

SÃO CONRADO FASHION MALL

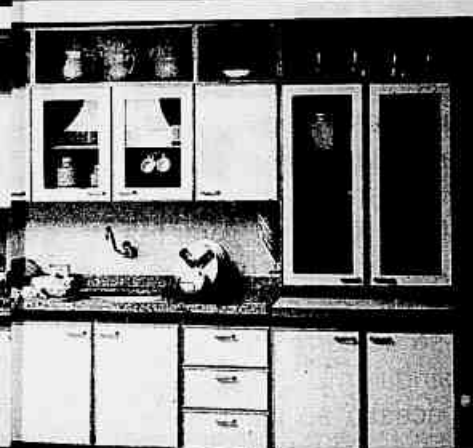
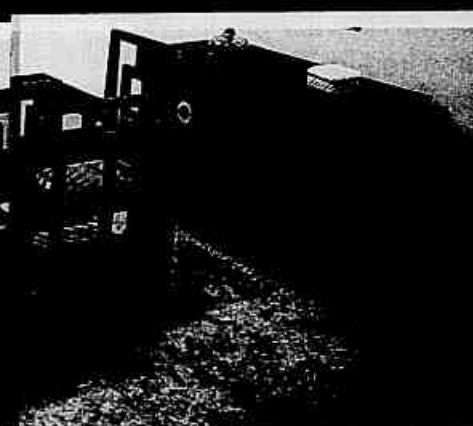
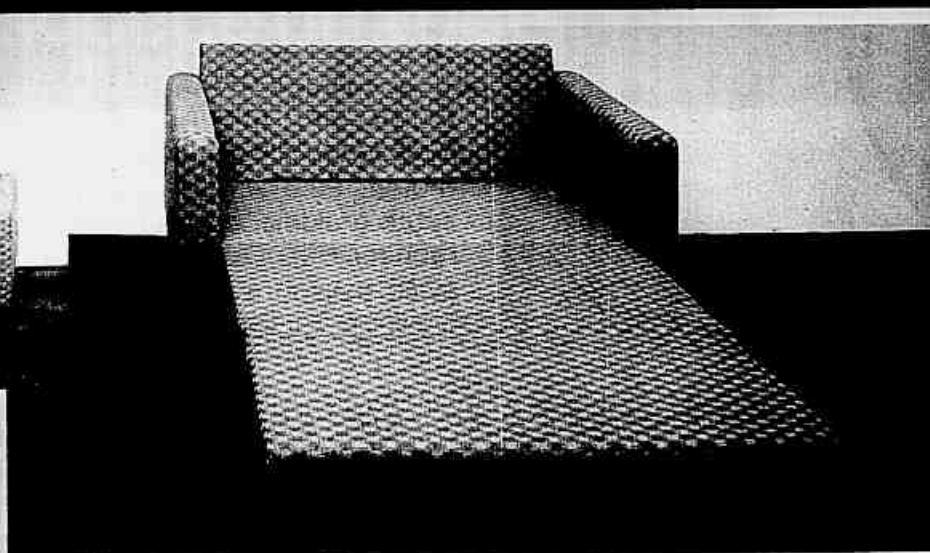
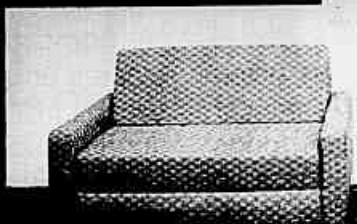
SHOPPING CENTER RIO SUL

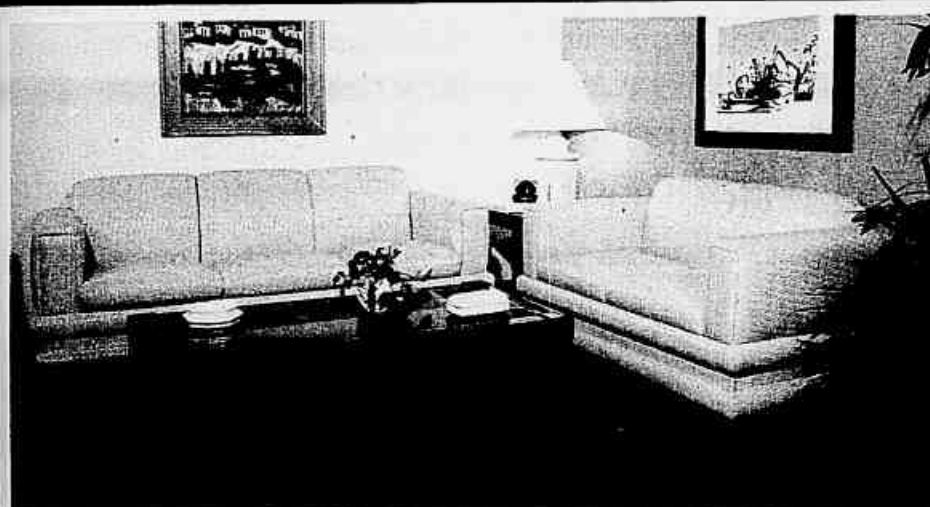
FORUM DE IPANEMA

IPANEMA. RUA ANÍBAL DE MENDONÇA, 112

SHOPPING CENTER MORUMBI - SP

BARRA SHOPPING

BOLADO

2 banquetas em rádica com detalhes em espelho.
e Cr$ 1.140.000 sem juros.
e Cr$ 2.000.000 sem juros.
e Cr$ 181.000 sem juros (cada).

vezes iguais sem juros.

com 1.70 × 0.90 com 6 cadeiras estofadas
o bege.
Cr$ 857.000 sem juros.
r$ 142.000 sem juros (cada).

Sofá-cama Soft, revestido em tecido rústico, formando cama de casal.
5 vezes iguais de Cr$ 278.000 sem juros.

Conjunto Estofado Fortaleza, composto de sofás de 2 e 3 lugares, revestido em couro cor tijolo.
5 vezes iguais de Cr$ 1.796.000 sem juros.

Conjunto Estofado Vitória, composto de sofás de 2 e 3 lugares, revestido em tecido bege.
5 vezes iguais de Cr$ 718.000 sem juros.

Uma amizade impossível

Emoção na tela

Avaeté revive no cinema um crime da década de 60

Foi um caso pouco divulgado e nada esclarecido. Em 1962, um agrupamento de cintas-largas foi dizimado por ordem de um fazendeiro da região que queria reaver suas terras ocupadas pelos índios. Armou um plano mortal. Pelo ar, um avião jogava açúcar sobre a aldeia, o que fez os índios todos reunirem-se. Quando estavam juntos, o avião passou a jogar dinamite. Por terra, outra expedição aproximou-se da aldeia para matar os possíveis sobreviventes. Na época, o JORNAL DO BRASIL registrou a crueldade e a revista Fatos e Fotos publicou uma reportagem. Chegou a ser aberta uma Comissão Parlamentar de Inquérito, um inquérito policial, mas a única pessoa considerada culpada — um cozinheiro que participou da expedição terrestre — foi justamente a testemunha que, arrependida, tornou pública a matança. Hoje, ele está internado num manicômio paulista.

No início do segundo semestre, esta história vai machucar de novo o Brasil quando entrar em cartaz **Avaeté**, o novo filme de Zelito Viana (**Minha Namorada, Terra dos Índios**). Na semana passada, durante uma seção privada no Cine Copacabana, o filme emocionou uma platéia que quase lotou o cinema. Com roteiro de José Joffily e do próprio Zelito, fotografia de Edgar Moura, música de Egberto Gismonti e uma produção de Cr$ 800 milhões, **Avaeté** se inicia com a narração do massacre. A partir daí, a história real mistura-se com a ficção. Até o nome dos índios massacrados, os avaetés, foi inventado por Zelito. No filme, aliás, eles são interpretados por outro grupo de índios verdadeiros, os erikbatsas. Interpretado por Hugo Carvana, Ramiro, o cozinheiro arrependido, abandona a expedição e, na fuga, encontra um indiozinho sobrevivente. Até o fim do filme, Ramiro será acompanhado por garrafas de cachaça, que acalmam sua culpa e o indiozinho, que não o deixa esquecer o massacre. "Quis contar a história de uma amizade impossível', revela Zelito. No encalço da dupla estará sempre o capataz Cabeça Branca (Milton Rodrigues), o executor da matança. Avaeté, como passa a ser chamado o índio, planeja uma vingança. De seu lado, estão um padre progressista, interpretado por Jonas Bloch, a quem Ramiro confessa o crime; o deputado que estimula a criação da CPI, vivido por Cláudio Marzo; o delegado que comanda o inquérito (José Dumont) e, na pele de Renata Sorrah, uma jornalista que, a serviço da televisão alemã, começa a rodar um documentário sobre a Igreja no Brasil que acaba se transformando numa reportagem sobre a tragédia. Há cenas inteira, legendadas, em que Renata fala em alemão.

Zelito tomou contato com o massacre quando, em 1976, fazia uma pesquisa para seu documentário **Terra dos Índios**. O relato estava no livro **Os Índios e a Civilização**, de Darcy Ribeiro. "Ali havia pelo menos 10 histórias para serem filmadas. Esta foi a que me tocou mais", conta o cineasta. Desde o início, ele não queria fazer mais um documentário e criou um argumento em que uma criança sobrevivia à matança para, mais tarde, vingar-se. Rodado durante seis semanas na região de Fontanilha, em Mato Grosso, **Avaeté** deu trabalho nas locações. Para chegar lá, tomava-se um avião no Rio até Cuiabá, outro até Juína e ia-se de carro até Fontanilha. Foi preciso ainda improvisar uma estrada que desse acesso ao local onde foram registradas as cenas de selva. A situação se complicava com a presença de Renata Sorrah. Gravando a telenovela **Transas e Caretas** no Rio, ela precisava repetir este percurso todas as semanas. Mas o resultado compensou. "Quis fazer um filme sobre sentimentos humanos: a amizade, a vingança, os ideais", explica Zelito. Pela reação da platéia na semana passada, conseguiu.

A matança...

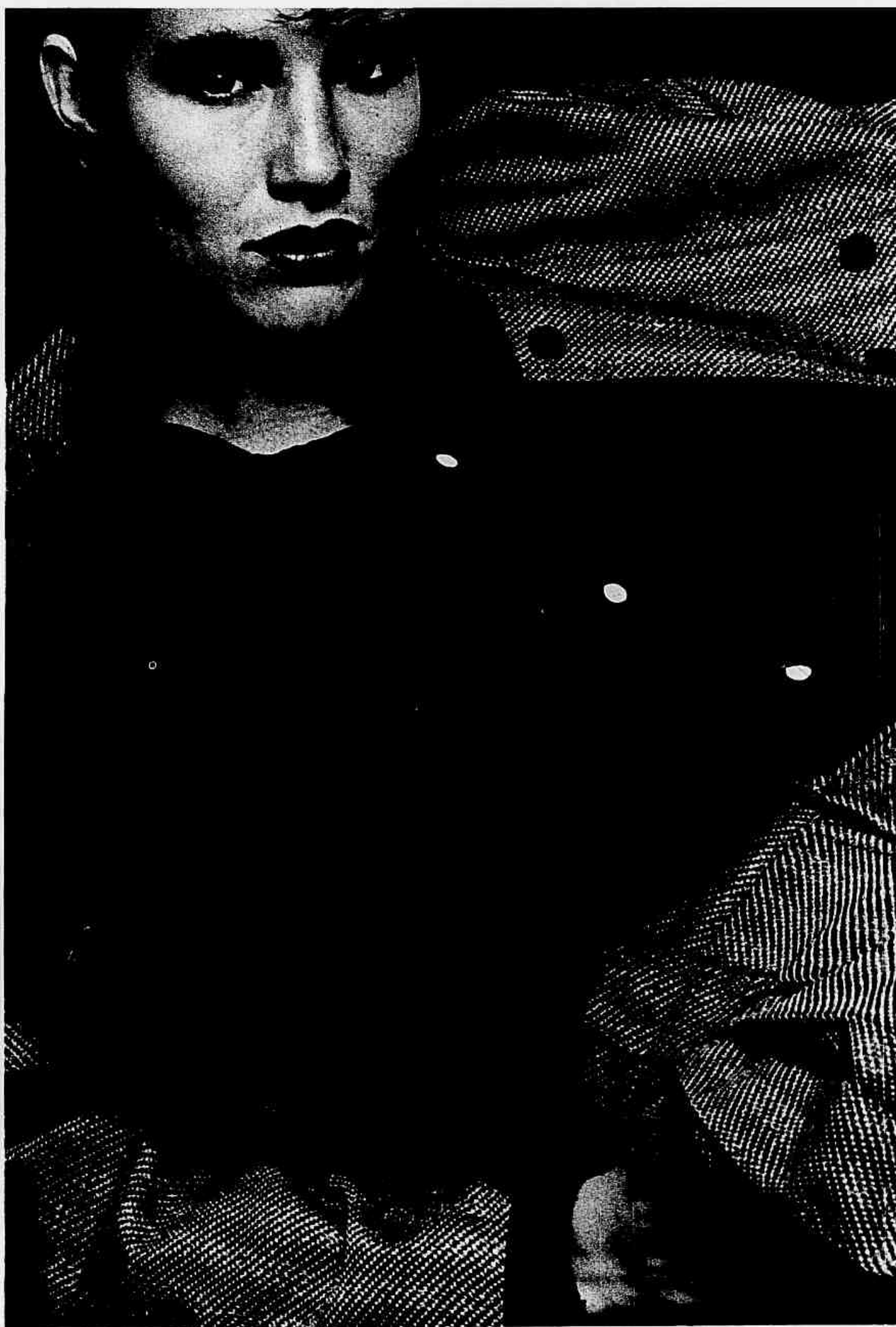
... a jornalista (Renata Sorrah)...

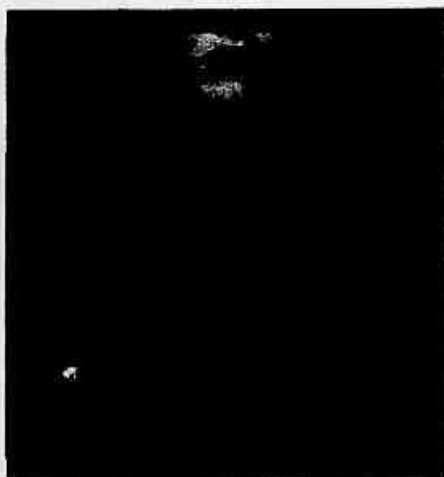
... e o executor (Milton Rodrigues)

Prince é a inspiração

Iesa Rodrigues

Até que os roxos e rosados vinham evoluindo bem, conquistando os guarda-roupas internacionais e conseguindo superar alguns tabus brasileiros, que ligavam sempre seus tons às quaresmas da vida. Aí veio o fenômeno Prince, o cantor que, apesar de seu aspecto pouco heróico e modos anti-sociais, demonstrados em sua rápida viagem ao Rio, está impondo seu bom/mau gosto como estilo de vestir. E os lilases, rosados e roxos-uvas fazem parte de suas escolhas. Por enquanto, seria demais usar seus babados e bordados, mas vale a blusa de seda uva (qual delas? moscatel? rosada?) com o **spencer** e a calça discretamente espinha-de-peixe (Folly Dolly). Brincos (Back Stage) e baton (Spy).

Produção: Arlette Rocha — Fotos de Rogerio Reis/ F 4

O impacto do roxo-uva favorece a simplicidade. Prince adoraria acrescentar mais uns bordadinhos no **tubo** sanfonado (Fiorucci), aquecido pelo casaco de carapinha (Marco Rica). Nós preferimos as pérolas e pedras do colar (Back Stage) ou o sapato de verniz e lona (Mariazinha).

Bonito, quando ilumina casacos pretos ou acinzentados, o roxo pode se aproximar do rosa-seco ou do azul-rei. No caso da malha, que se divide em **top** justo e curto e saia baixa e longa, o total-**look** adota o tom vibrante (Moda Rica). Nos colares, a madeira laqueada e as pérolas tingidas (Back Stage).

NOVA COR, MAIS ATUAL

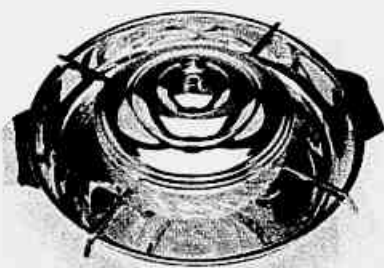
Útil no escritório ou em casa, prendendo recados, retratos prediletos ou saudosos cartões-postais, a presilha maleável agora tem nova cor, o lilás, que segue a moda de perto. Custa Cr$ 14 mil, e é criação do **designer** Mendel Schlis. Da Cao Stationery

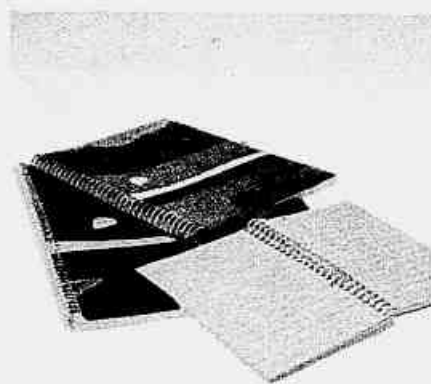
Fotos de João R. Ripper/F-4

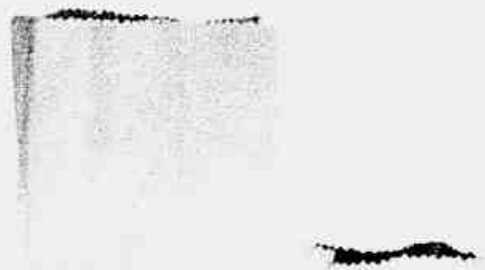
APONTANDO NA RETA

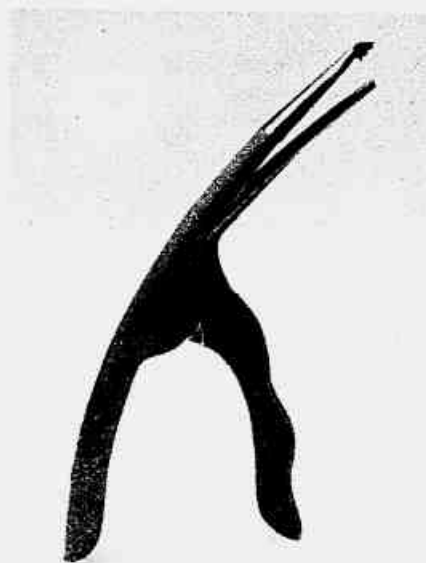
Um dos **best-sellers** da linha Company Papers é o apontador em forma de capacete de motociclista, em várias combinações de laranjas com verdes, azuis e vermelhos, etc. Funciona como depósito da **casca** retirada. Por Cr$ 3 mil 500, na Company (R. Garcia d'Ávila, 56)

PARA O CAVIAR

Dentro da tigela de prata, fica o gelo, garantindo a delícia do caviar, servido no pote de vidro com tampa de prata. Um luxo que acompanha bem a iguaria, e custa Cr$ 410 mil na Roberto Simões

GRAFISMO ESTILO PUCCI

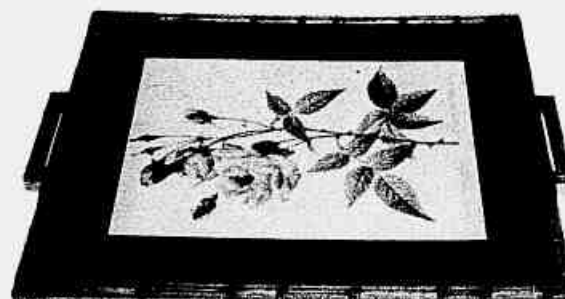
As estampas abstratas e coloridas que enfeitavam os vestidos de Pucci na década de 60 surgem agora em capas de cadernos, na coleção Grafiti da Cao Stationery. Preços desde Cr$ 6 mil

FALSAS EMBALAGENS

Saindo dos hiper-realismos, lembrando a arte do Soho nova-iorquino, estes **cache-pots** e porta-lápis são cópias em cerâmica dos sacos de compras mais comuns. Só que com o **design** de Rosa Colaferi acabam virando **gadgets** sofisticados. A partir de Cr$ 22 mil, na Cao Stationery (Fórum de Ipanema)

UTILIDADE NA COZINHA

Uma forma exótica, entre alicate e tesoura, e uma utilidade rápida: descascar camarões. Colocando o camarão entre as hastes, a casca sai inteira em segundos, basta apertar. Facilita o trabalho de fazer os bobós e moquecas e custa apenas Cr$ 3 mil 290 na Mesbla (Shopping Rio Sul)

DISCRETOS E SOMBRIOS

E também confortáveis, os tênis da Soft Shoes (R. Visconde de Pirajá, 351) em modelos com ou sem cano, desde Cr$ 79 mil. Pretos, porque é moda e porque fica mais prático de usar

BANDEJA QUASE QUADRO

Uma idéia com arte: bandeja reproduzindo a gravura de botânica, com moldura feita à mão, imitando bambu envelhecido. O fundo tem cores de laca. Da galeria Colaço (R. Maria Angélica, 129)

Um luxo de F-100

Fotos de Rogério Reis/F-4

Não fosse Milton Carvalho um empresário bem-sucedido na moda carioca, e seria estranho seu sonho em matéria de carro. "Uma casa sobre rodas, esportiva, como os **motor-homes** americanos." E a paixão súbita resultou na compra e adaptação de um **pickup** F-100 da Ford, alterado desde o comprimento da carroceria até os painéis pela Sousa Ramos, em São Paulo. "Existem dois tipos de donos deste modelo: ou é o estilo **country**, barulhento, que quer tração nas 4 rodas para enfrentar tudo, ou é o sujeito esportivo, que só quer colocar o adesivo **I love sailing** na janela, mas gosta de muito conforto." E Milton, dono da etiqueta e lojas Dimpus, dirige em ambiente atapetado, com rádio, TV, pintura personalizada e motor a álcool. "Diesel era muito barulhento". Afinal, carro também é estilo.

Desfile na calçada

Fotos: Tatiana Constant/F-4

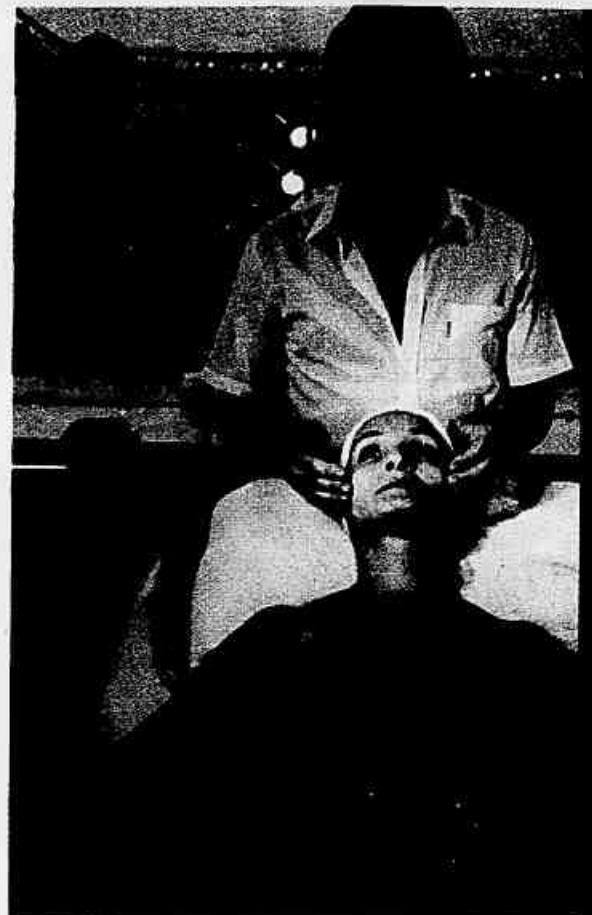
A rua mostra a aprovação das novidades lançadas, mas também pode inspirar muito os criadores. No Rio, um dos redutos mais respeitados pelos confeccionistas de roupa jovem é Ipanema, mais especificamente a calçada da Faculdade Cândido Mendes, na R. Joana Angélica. Ali, entre motos e cartazes, há sempre um desfile

Diariamente, camisetas de protesto, camisões enamorados, calças **op art**, gravatinhas para mulheres lançam uma moda informal. Os rapazes, por exemplo, preferem o **look** americano no estilo clássico

A beleza em cores

Seminário vai mostrar que o azul evita rugas e o vermelho combate a flacidez

O azul é anestesiante e ajuda a evitar as rugas, o vermelho combate a flacidez, o lilás favorece os tratamentos pré e pós-operatórios nas cirurgias plásticas. É o que dizem os esteticistas cariocas, que nos próximos três meses estarão reunidos no Othon Palace Hotel, em Copacabana, no III Seminário de Atualização em Estética Aplicada. A utilização das cores nos tratamentos de pele é apenas uma das técnicas que serão mostradas às 200 pessoas inscritas, todas interessadas em descobrir o que fazer para manter o rosto jovem. O compositor alemão Richard Wagner já apostava no efeito relaxante da cor e usava a luz violeta, filtrada dos vitrais das igrejas, para compor suas músicas, mas foi a esteticista francesa Teresa Colli quem descobriu, no início dos anos 70, que as cores podiam também ser usadas nos tratamentos de beleza."Ela popularizou a técnica na Europa, e no Brasil, há três anos, os esteticistas começaram a usá-la com excelentes resultados", diz Maria Celina Meirelles, 46 anos, presidente da Associação Profissional de Estética do Rio de Janeiro, que vai aproveitar o seminário para lançar o primeiro Manual de Estética nacional, analisando em detalhes 32 técnicas e sugerindo tratamentos. Maria Celina usa as cores não só para relaxar suas clientes, como também para favorecer os tratamentos: a luz vermelha, por exemplo, além de ativar a musculatura, ajuda nos tratamentos de rugas, assim como a luz indigo — azul com filete vermelho — é altamente anestesiante e impede que as mulheres sintam as picadas das agulhas utilizadas para acabar com as rugas. Outra cor importante é a laranja, usada nas técnicas de revitalização e que tornam a pele eudérmica, ou seja, equilibrada; e a lilás para os tratamentos de drenagem linfática, feitos no pré e pós-operatório das cirurgias plásticas.

No Rio existem 3.500 esteticistas, no Brasil 17 mil, mas são poucos os que já tiveram acesso às técnicas que serão mostradas no Seminário. Uma delas, por exemplo, desenvolvida pela japonesa Ioko Kato, 40 anos, ajuda as pessoas a manterem o corpo jovem, a partir dos ensinamentos dos monges japoneses nos cerimoniais. Ela mora no Rio mas pesquisou dois meses em Tóquio. Ioko descobriu que eles mantêm uma aparência descansada graças a uma postura perfeita e que facilita a oxigenação. "As tensões do dia-a-dia, o stress e a vida das cidades fazem com que as pessoas fechem os ombros e comecem a se curvar" — explica ela. "Com isso, o sangue não leva o oxigênio necessário à circulação, e o processo de envelhecimento se acelera". Kato propõe um tratamento para que o corpo volte ao normal e cada músculo seja reconduzido ao seu lugar. Ela garante que tem obtido bons resultados com suas clientes. O seminário terá também conferências sobre a maquiagem na antiguidade e sua influência nos tempos atuais, o uso de laser, a utilização da energia vital e quase uma dezena de técnicas explicadas com detalhes. Nos três dias de duração será dado também um curso sobre os fundamentos básicos da cosmetologia, dirigido pela farmacêutica Eliane Brenner, formada no Rio Grande do Sul e pós-graduada em microbiologia na UFRJ. Eliane é a dona da Dermatus — uma farmácia dermatológica da Zona sul com filiais na Tijuca e no Leblon — e dará um conselho a todos os participantes: "é preciso utilizar os cosméticos com a mesma disciplina que temos ao usar a pasta de dente". Segundo ela, se forem usados com regularidade e disciplina, os cosméticos, além de manterem a higiene da pele, impedem o envelhecimento precoce. "O problema é que as pessoas reagem a isso e só usam de vez em quando. E assim não há creme que resolva. É preciso incorporar o uso do cosmético à nossa rotina diária", ensina.

A luz laranja para revitalizar a pele

Celina lançará um Manual com 32 técnicas

Ioko propõe libertar o corpo do stress

Fotos de Salomão Cytrynowicz/f4

Primeiro veja a temperatura

Depois, olhe contra a luz

Em seguida, cheire

Finalmente, prove

Aprenda a beber vinho

Celidônio mostrará a melhor maneira de se conhecer e de beber um bom tinto ou branco

Ninguém vai chegar ao exagero de sair de casa com um termômetro no bolso, como costuma fazer o **chef** José Hugo Celidônio. Mas saber a temperatura correta de um vinho é uma das lições que ele dará no curso organizado pelo Clube Gourmet a partir de terça-feira às 19h15min.

Para alunos ilustres, como a atriz Maitê Proença, o socielite Renato Bonjean e o empresário Jair Cozer, entre outros, Celidônio dirá, por exemplo, que, com exceção do Beaujolais, que deve ser servido entre 12 e 15 graus, os outros vinhos tintos devem ficar entre 18 e 20 graus, enquanto os brancos secos devem ser bebidos entre 8 e 10 graus e os do tipo Sauternes, entre 10 e 12 graus. Essas temperaturas são aceitas no mundo inteiro, ensinará Celidônio, mas de nada adianta resfriar um vinho tinto, se ele passou dias em temperaturas altas de um verão. O curso terá uma parte teórica — "o que pode ocasionar os diferentes aromas e gostos" — e outra prática, quando os alunos provarão 60 vinhos: 30 brasileiros e 30 estrangeiros: portugueses, franceses, italianos e alemães. As aulas serão dadas no Clube Gourmet (Rua General Polidoro, 186. Tel: 295-3494) e o curso completo custará Cr$ 500 mil.

Boas lições

Essas são algumas das recomendações que Celidônio fará aos candidatos a bons bebedores de vinho:

- Guarde as garrafas no lugar mais fresco da casa e sem trepidação, com pouca luz e em posição horizontal, para que a rolha não resseque, quebre e se misture ao vinho.
- Abra a garrafa e examine a cor do vinho na luz. Em seguida, agite a bebida no copo e perceba: outros perfumes vão surgir. Já foram identificados mais de 200 aromas diferentes. Há cheiro de vegetais, como os frutados ou florais; há os animais, como cremoso ou manteiga; e os minerais, como cheiro de mato ou de terra depois da chuva.
- Prove o vinho fazendo com que ele "passeie" pela boca. Com bastante treino, é possível sentir o doce na ponta da língua, o salgado e o ácido na região central e o amargo no final da língua. O gosto pode mudar conforme o copo. Recomenda-se uma taça de cristal, leve e transparente, ou de material semelhante.
- Um detalhe importante: a taça, levemente abaulada na borda, deve ser segura pelo pé, para que o calor da mão não altere a temperatura do vinho.

Tome Nota

LOGOPEDIA, FISIOTERAPIA, E TERAPIA OCUPACIONAL

• Atividades integradas em uma Clínica com o cuidado em avaliar as necessidades de maneira abrangente, visando atender a carências nas três áreas. Tudo dentro de um único ambiente.Rua Marechal Pires Ferreira 88, Cosme Velho. Tel.:225-6697

DESODORANTE DE ROUPA NOVA

• A linha Moderato ganhou uma nova embalagem e um novo produto: Moderato roll-on-antitranspirante com uma fórmula leve, que não irrita a pele, e pode ser usado depois da depilação. Sua função moderadora da transpiração é assegurada pela ação bactericida.

UM PRESENTE PARA O SEU FREEZER

• Um jogo de 5 potes de aço inox com tampas plásticas, ideais para conservar e congelar alimentos em geladeira ou freezer é a última novidade da Tramontina. Além da beleza, o aço inox garante maior durabilidade e higiene absoluta.

A HORA DA SAÚDE CELULITE

• Um método francês de combate à celulite acaba de ser introduzido no Brasil: Mesoterapia Clínica. Consiste na aplicação de microdoses de enzimas, que dura no máximo 15 minutos, e é indolor. Informações na Clínica Bellecenter pelos telefones: 285-5048 e 230-4998.

MAIS UMA GRIFFE

• Polo by Kim faz sucesso no verão com sua coleção leve e descontraída. E, no inverno...aguardem. Polo by Kim fica no Shopping Riosul 3º piso, loja C-34.

ARTES E DANÇAS NA TIJUCA

• Agora na Tijuca existe um espaço para você desenvolver a sua arte. O Studio Artes e Danças oferece cursos de Teatro, Criatividade, Ballet, Jazz e Dança Afro, complementados com aulas de Teoria e História da Dança. Turmas para adultos e crianças. Anote o Endereço: R. Baltazar Lisboa, 32 (Transversal à Av. Maracanã-próximo ao Tijuca Off Shopping) Tel.: 254-5799.

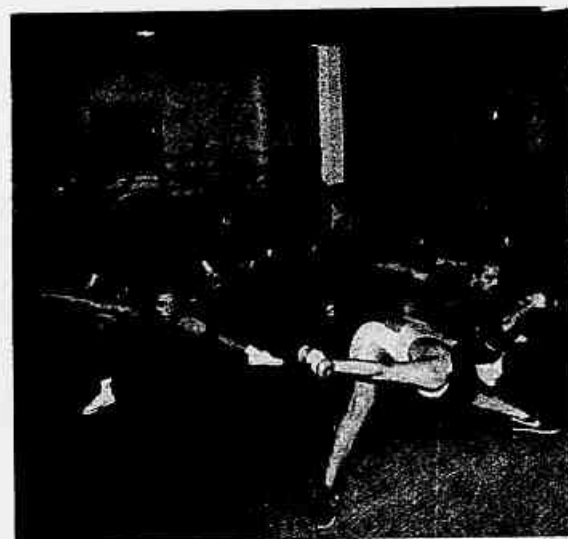
ALIMENTA E EMAGRECE

• Natural, sem aditivos químicos, poderoso suplemento alimentar e nas dietas de emagrecimento pode substituir as refeições. É o Vitasã, um composto de vitaminas A, D e Folacina, complexo B, sais minerais e fibras. Informações e vendas: Cardinalli's Produtos Naturais, Rua Visconde Pirajá, 365-B, loja 19 — telefone: 267-8339.

NOVO ENDEREÇO

• O cabeleireiro Fernando e o tinturista Josué estão agora no Gossip Studio que fica na Rua Ataulfo de Paiva, 1.079/2º andar — telefone: 274-7296

CABELOS FAZEM SHOW NA EUROPA

• A L'Oreal (Rio) levou quatro cabelereiros para o Congresso da Inter-Coiffure, em Paris. O Julinho do Salão do Rio Sheraton Hotel surpreendeu os europeus com cortes em alto estilo, e muitas novidades no show La Femme Tropical.

ABRINDO SALÕES

• A Academia Corpore do Flamengo, rua Marquês de Abrantes, 88 s/1 ampliou suas instalações. Agora possui uma área de 970m² para ginástica, musculação, ballet, jazz e mil outras atividades. E, depois da sauna, um ótimo papo no bar natural.

A NOVA CALCULADORA FINANCEIRA DE MESA

• A Texas Instruments acaba de lançar no mercado a calculadora TTI-5310, uma calculadora financeira de mesa que executa: fluxo de caixa, opções de compra e leasing, pagamento hipotecário, previsões de lucro sobre vendas ou aplicações e toda uma gama de cálculos financeiros. Informações na ASTEX pelos telefones: 232-0269 e 252-4148.

AAG

KORRIGAN. O SEU ESTILO.

cartas

Bach comemorado

A Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) esclarece aos leitores da revista **Domingo** que não se esqueceu de festejar os 300 anos de Bach, como foi declarado na última revista na seção **cartas**. Propositadamente resolveu antecipar as homenagens e fez, no ano passado, vários concertos em comemoração aos 299 anos de Bach, como foi amplamente divulgado aos seus assinantes. Esta decisão foi tomada partindo-se do pressuposto que Bach seria justa e exaustivamente tocado em todo o mundo por ocasião dos seus 300 anos de nascimento. A OSB achou mais conveniente oferecer outras alternativas ao seu público. De qualquer forma, convidamos os interessados a assistirem ao concerto de 23 de outubro vindouro, basicamente dedicado a Bach. Não houve omissão, sim antecipação. **João Carlos Alvim Correa, Coordenador Geral da OSB — RJ.**

E o interior?

Sou leitor assíduo do matutino JB desde 64. O jornal é de primeira qualidade e o **Informe JB** é a minha seção predileta. Entretanto, a organização do jornal falhou na remessa dos jornais de domingo à banca do Sr Magno Peres, em São Fidélis. Veio junto a revista **Domingo**, mas faltou o encarte **Domingo Programa**. Preciso deste encarte por causa do horário da TV. Solicito que o interior também receba as duas revistas que saem domingo no jornal. Para mim faz falta. **Carlos de Castro Skury, São Fidélis.**

N.R. Para os jornais enviados ao interior, a programação de televisão aos domingos está sendo publicada no **Caderno B.**

Cidadania

Palpite infeliz, o de um vereador de Olinda que procurou impedir um título de cidadania ao grande artista pernambucano Alceu Valença, no momento a única liderança de Pernambuco nas artes brasileiras, antes lideradas por Capiba, Luís Gonzaga, Antônio Maria, Orlando Dias, Ascenço Ferreira e João Condé. Esse vereador que procurou negar a Alceu Valença o honroso título de Cidadão de Olinda deu provas de que não sabe ser um homem do povo, muito embora tenha sido eleito pelo próprio povo.

Combater um artista do povo é ser contra o povo. Os infelizes eleitores que votaram nesse infeliz vereador fazem lembrar mais uma vez o samba de Noel Rosa intitulado **Palpite Infeliz**, composto em 1936 e gravado na RCA Victor por Aracy de Almeida, numa polêmica que o Poeta da Vila manteve com o seu rival Wilson Batista. **Mário Filho — Recife (PE).**

Parabéns a **Domingo**

Foi com muita satisfação que vi a nova revista **Domingo**. O intuito desta é parabenizar toda a equipe pela belíssima transformação efetuada na referida revista. **Maria da Graça Lima da Cunha**, assessora de imprensa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Parabéns pelo sucesso da revista **Domingo. Hélio Rodrigues, RJ.**

Sugestões

Gosto muito da revista **Domingo**. Por isso mesmo, quero fazer algumas sugestões: entrevistas com atores americanos, um perfil da televisão americana, uma coluna médica, crônicas com temas internacionais, uma coluna literária, outra de artes plásticas. Peço mais destaque à moda masculina e, finalmente, que vocês lancem uma seção sobre o rádio carioca. Um abraço, **Ibelmar Rodrigues de Mello Júnior**, RJ.

Desmentido

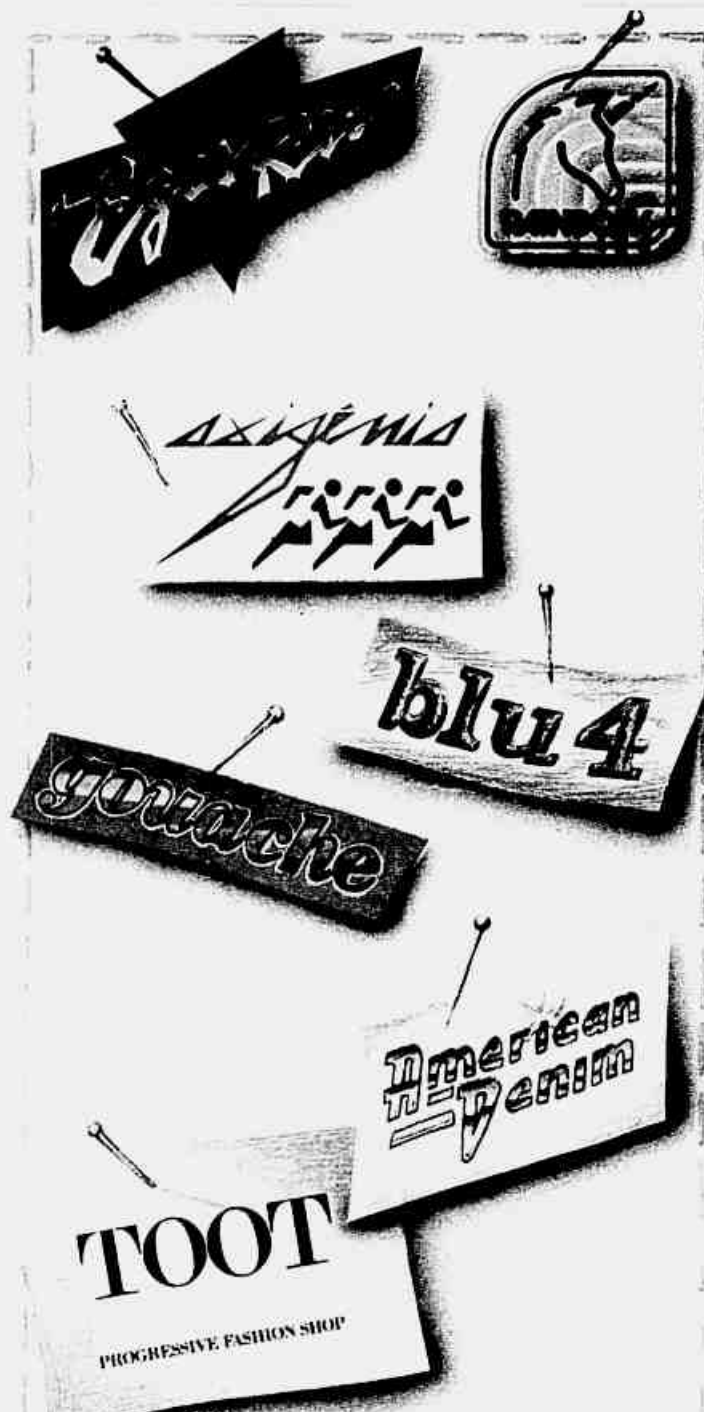
Renovo minhas felicitações pela nova revista **Domingo**. Traz a marca do talento. Por esta razão e pelo respeito que tenho aos leitores do JB é que escrevo para esclarecer uma informação contida na matéria **Uma lista sem fim**, edição de 21 de abril último. Em certo trecho está dito que eu ajudei "a pagar o material de panfletagem utilizado na inauguração de um comitê pró-Jorge Leite, em Bangu".

Esta informação é absolutamente despida de qualquer veracidade. Como improcedente é, já que parte de premissa falsa, a afirmação contida no mesmo texto de que "em retribuição, Leite irá apoiar Moreira na sucessão estadual."

Não firmei nenhum acordo, quando do meu retorno ao PMDB, que envolva apoio a uma eventual candidatura minha ao Governo do Estado ou engajamento na campanha de um dos candidatos do meu Partido à Prefeitura do Rio.

A sucessão estadual é cedo para ser tratada.

Quanto à Prefeitura, tenho reiteradamente advogado a unidade das correntes políticas que formam o PMDB-Rio em torno de uma candidatura, como condição indispensável à vitória nas urnas. E nisso reside, no momento, o esforço de minha atuação partidária.

Enquanto acreditar na possibilidade de alcançar esta unidade, conversarei com todos os candidatos e com todas as correntes, ajudando-os, sem compromissos, no que me for possível. E nesta atuação visarei sempre a conciliação e o entendimento. **Wellington Moreira Franco, RJ.**

O CAMINHO DA MODA RIO

ALÔ REVENDEDORAS DE TODO BRASIL

VENHA CONHECER A NOVA ETIQUETA DA CIDADE.

PRONTA ENTREGA: calças jeans e tecidos, blusas, saia, calças, camisetas, moda jovem.
EM COPACABANA: R. Sta. Clara, 33/S 601.
Tel. 235-7683

NA TIJUCA 2 ANDARES COM MUITA VARIEDADE:

Rua Afonso Pena, 101 — junto ao metrô na Afonso Pena. Tel: 264-7592

ATENÇÃO REVENDEDORAS E LOJISTAS.

Tudo em roupas é na **Samby's**, fabricação própria, a melhor qualidade pelos melhores preços. Calças jeans, conjuntos, blusas, camisetas c/estampas exclusivas, camisas polo, saias, etc.

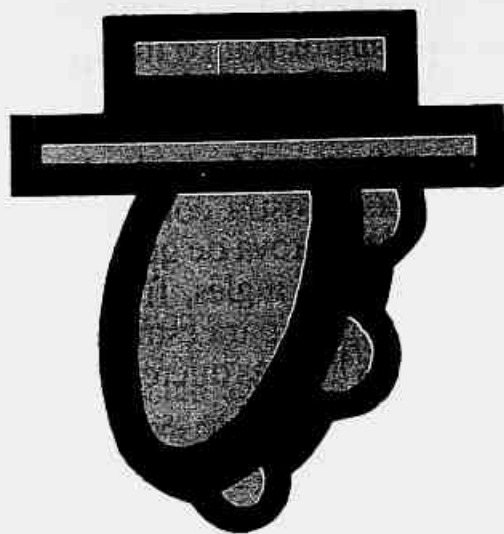
Pronta entrega – Av. Brasil, 11.857 — Penha. Em frente à Casa do Marinheiro. Tel.: 280-5399

CHEGOU O 1º SHOPPING CENTER DA MODA NA ZONA NORTE.

ATENÇÃO: Penha, Olaria, Ramos, Bonsucesso, B. de Pina, Cordovil, V. Geral e Vista Alegre. Roupas para todos os fins MODA JOVEM, também temos CAMA e MESA.

SAM WAY — Rua Montevideo, 1251 — Penha. Tel: 290-5497 — RIO.

F. ESTEU

O BAMBA DOS TECIDOS

CONFECCIONISTA!

CONHEÇA A NOSSA PRONTA ENTREGA EM MALHAS E TECIDOS. VISITE AO NOSSO NOVO DEPARTAMENTO DE LINHAS, ELÁSTICOS E FECHOS EM COPACABANA.

Todas as cores de Outono-Inverno. Em moleton liso-xadrez e listrado, suedine, malha canelada, meia malha, lothar, turquine, piquet, lycra, jersey, nylon, elásticos e linhas.

O BAMBA DOS TECIDOS *— Av. N. S. da Penha, 190*
Penha, perto da Igreja. Tel.: 280-0588
PRONTA ENTREGA *— R. Barata Ribeiro, 717 — Copacabana.*
Tel.: 235-5048. Rio.

IDIOMAS

HOJE, PARA ENSINAR, É PRECISO APRENDER O QUE O ALUNO QUER

Já ficou para trás a época dos cursos de duração determinada e uma só didática inflexível para todos os alunos. Até porque, cada vez mais, os cursos de línguas atendem pessoas que trabalham, que precisam aprender outro idioma até um certo nível, com uma finalidade bem específica e num tempo disponível bastante curto.

É por isso que os cursos personalizados estão ganhando terreno na dura disputa pelo mercado de ensino de idiomas. A professora Marli Martins, diretora do **Auding Idiomas,** explica:

"Com base nos desejos, necessidades e expectativas do aluno é que programamos o curso que ele terá. O tempo de que ele dispõe é que determina a carga horária. E, é claro, existe a opção entre ter aulas individuais, em casa ou no escritório, ou fazer o curso, em turmas pequenas, nas próprias salas de aula".

IMERSÃO: UM BANHO DE IDIOMAS

Para atender pessoas que precisam aprender uma língua a curto prazo, vêm-se multiplicando os chamados cursos de imersão, onde o aluno fica acompanhado de um professor até 10 horas por dia e em 15 dias domina o idioma. Mas há a questão dos sotaques diferentes.

"No nosso curso", destaca Marli, "a imersão é completa e rotativa. Nós fazemos questão que o aluno tenha vários professores, em rodízio permanente a cada nível, inclusive nos cursos normais. Assim, evitamos vícios de linguagem e ensinamos também os timbres, pronúncias e sotaques diversos que compõem uma língua viva".

Neste tipo de curso sob medida, uma atenção especial é dada ao ensino do universo vocabular específico da área técnica de interesse do aluno e às situações básicas que se enfrenta em contato com outro país e outra cultura.

O PENSAMENTO FALA

Outra diferença entre os cursos de nova geração e seus antepassados ainda no mercado é o ensino do raciocínio em outra língua.

"Aqui", continua Marli, "transparências, vídeo-cassete, projetores, gravadores, mapas e livros não são utilizados simplesmente para transmitir estruturas frasais repetitivas e sem vínculo com a realidade. Todo este equipamento trabalha no sentido de dar ao aluno uma visão e um pensamento em outra língua para que, a partir daí, ele possa realmente falar e entender o idioma em que está interessado".

E este tipo de curso está realmente fazendo sucesso. Um grande número de pessoas e até empresas importantes têm-se declarado satisfeitas com o resultado. Banco Nacional, McDonald's, Odebrecht, Philips, Control Data, Esso, Brahma, Petrobrás, Gillette, Banco Itaú, Texaco, Embratel, Coca-Cola, DNOS e Shell estão entre uma extensa lista que a professora Marli, do **Auding Idiomas,** mostra com orgulho: "afinal, é a prova de que realmente ensinamos inglês, francês, alemão, português para estrangeiros e até outras línguas diferentes".

CENTRO - rua da Quitanda, 20 - Sobreloja - Tel.: 252-8790 e 232-7395 - TIJUCA - rua Dr. Pereira Santos, 35 - 8º andar - Ed. Sloper - Tel.: 208-4949.

horóscopo

Max Klim

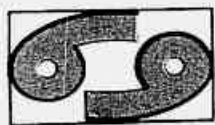
áries
(21/3 a 20/4)

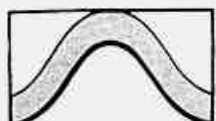
Regência positiva na maior parte do domingo. Decisões acertadas envolvendo pessoas muito íntimas. Procure mostrar-se mais disposto ao diálogo. Tarde e noite excelentes para o amor.

touro
(21/4 a 20/5)

As influências mais fortes do seu domingo mostram um quadro de favorecimento especial em relação a festas e comemorações. Em família, procure ser mais compreensivo. Saúde boa.

gêmeos
(21/5 a 20/6)

O nativo de Gêmeos, neste domingo, terá boa oportunidade para solucionar antiga pendência doméstica. Busque o diálogo. Surpresas agradáveis no amor. Dedicação. Saúde irregular.

câncer
(21/6 a 21/7)

Um notável apego à família e boa disposição para seus assuntos íntimos. Este é o quadro predominante nas influências astrológicas de seu domingo. Evite excessos físicos.

leão
(22/7 a 22/8)

Momento que conjuga, em favor do leonino, aspectos de forte influência quanto aos seus sentimentos. Demonstre mais disposição ao carinho. Noite de agradáveis acontecimentos.

virgem
(23/8 a 22/9)

Um acontecimento inesperado poderá mudar inteiramente o curso de seu domingo. Procure agir com cuidado e dele você obterá resultados muito favoráveis. Bom trato com o sexo oposto.

libra
(23/9 a 22/10)

Possuidor de invejável faculdade de premonição, você poderá agir hoje baseado exclusivamente nesta sua distintiva qualidade. Momentos muito significativos no amor. Saúde estável.

escorpião
(23/10 a 21/11)

Quadro que resume boas influências a seu favor com posicionamento astral muito favorecido. Influência lunar. No amor, reside sua melhor casa do domingo. Alegria. Saúde regular.

sagitário
(22/11 a 21/12)

Dia que marca a seu favor um quadro de grande positividade para seu conceito junto a outras pessoas. Sua honestidade será reconhecida. Seja menos irrealista no amor. Saúde estável.

capricórnio
(22/12 a 20/1)

Momento astrológico que influencia o capricorniano diretamente em duas de suas melhores qualidades: a lealdade e a sinceridade. Use-as em seu proveito. Romantismo acentuado.

aquário
(21/1 a 19/2)

As indicações desta sua quadra astral mostram a concentração no domingo de aspectos fortes quanto ao brilhantismo de seu comportamento. Elogios podem ser esperados. Saúde instável.

peixes
(20/2 a 20/3)

A predominância de fatores positivos faz de seu domingo um bom instante de afirmação pessoal. Negligência quanto a interesses domésticos. Amor carente de maior atenção de sua parte.

O sonho de mudar o poder

SOU um brasileiro insensato: não gosto de carnaval. E por isso decidi passar os meus dias de reclusão num lugar onde o grito das orquestras chegasse no menor volume: Brasília. Fiquei na casa onde a Legião Urbana ensaia. Ao invés de samba, acordava com a brusca voz de Renato Russo acompanhada por idealistas timbres deste grupo de rock. Entre as delirantes paisagens do Planalto filosofávamos: será só imaginação? Será que nada vai acontecer? Será que é tudo isso em vão? Será que vamos conseguir vencer?

Quinze dias depois, atravessando as nuvens sobre a Capital Federal, o avião pousou me levando novamente ao centro do poder. Voltava a Brasília solicitado pelo novo Ministro da Cultura. Assunto: um convite para assessorá-lo. O avião deslisou sobre a pista cruzando jatinhos da FAB, do Banco do Brasil, da Presidência, abuso ou urgência?

No saguão não encontrei andreazetes ou malufetes. Uma Kombi velha do ex-MEC cujo motorista não respeitava o limite da velocidade, me levava por ruas futuristas. No eixão, via que cruza a cidade de ponta a ponta, uma pista no centro demarcada por linhas amarelas não era usada. O motorista brincou comigo:

— Por essa pista só o carro da Presidência.

Me lembrei de ter visto uma vez a comitiva do general Figueiredo, quando ainda era Presidente deste país, passar pela Avenida Paulista em São Paulo. Primeiro uns motoqueiros do DSV interromperam o trânsito das transversais. Em seguida batedores do Exército iam expulsando os carros da avenida mais movimentada de São Paulo, jogando suas motos contra eles. Uma senhora reclamou se recusando a tirar o carro da rua. O gorila chutou o veículo, enfiando o cacetete na garganta da pobre coitada. Outros batedores cercaram o carro e começaram a dar porradas até sair. A rua foi esvaziada, com dezenas de carros engarrafados nas esquinas e transversais. Passou uns dez camburões da Polícia e um jipe do Exército com uma metralhadora engatilhada. Um Opala preto, outro, e outro, e... e mais um monte. Finalmente um Gálaxie preto com seguranças pendurados no estribo, seguido por uma ambulância, um carro do Corpo de Bombeiros e mais outra fila de Opalas pretos. Acabou a caravana, os batedores seguiram para interromper outra avenida.

À noite, vi no Jornal Nacional: "... o presidente fora a um almoço na casa do empresário e amigo George Gazale..." Quando nascemos fomos programados a receber o que vocês nos empurraram.

Novamente dentro da Kombi, um ônibus parou ao nosso lado esperando o farol abrir. Os passageiros que se apertavam me olhavam com a visão transparente. Sedados, estavam acostumados com a situação. Me. senti voltando ao Império Egípcio vendo filas de escravos caminhando para a construção de uma pirâmide inútil.

No prédio do ministério, as secretárias estavam tensas trabalhando sem parar. Não sabiam se com a mudança de governo teriam que mudar de emprego. Pareciam estar a um palmo de um colapso. Na ante-sala deputados e senadores esperavam audiências. Estavam ali para indicar algum amigo ou parente para um cargo no segundo ou terceiro escalão. Vícios da velha república.

Fui recebido pelo ministro. Ganhei um abraço carinhoso lembrando que há muito não nos víamos. Anoitecia. Falamos dos velhos tempos, do novo e do futuro. Olhei em volta: uma sala maior que um cinema. Potentes ar-condicionados davam um clima glacial. Móveis luxuosos lembrando a luxúria que o poder construiu para si. Uma mesa tão grande que intimidava o próprio ministro. Percebendo minha surpresa, ele me disse seriamente: — Isso tem que mudar...

Ficamos suspensos, perdidos no espaço.

Aceitei assessorá-lo numa atitude talvez ingênua e idealista, sonhando em mudar o mundo, mas sabendo que é mais fácil o mundo me mudar. Tenho consciência de que serei sempre pixado. Vão beber do meu sangue. Sei que poderei falhar, procurando descobrir a verdade no meio das mentiras da cidade, mas por sorte, existem Legiões Urbanas prá me defender.

Juca Martins/F 4

Marcelo Paiva

O autor tem 26 anos, publicou o **best seller** Feliz Ano Velho que já está na 45a. edição e é assessor do Ministério da Cultura para assuntos de juventude.

Da natureza vêm as flores, as ervas e as frutas que o Boticário utiliza para fazer sua linha de produtos naturais.

São shampoos, colônias, cremes hidratantes, sabonetes, todos feitos com muito carinho.

Dar presentes no dia das mães é um gesto de carinho tão natural como os produtos d'O Boticário, na Maçã Verde.

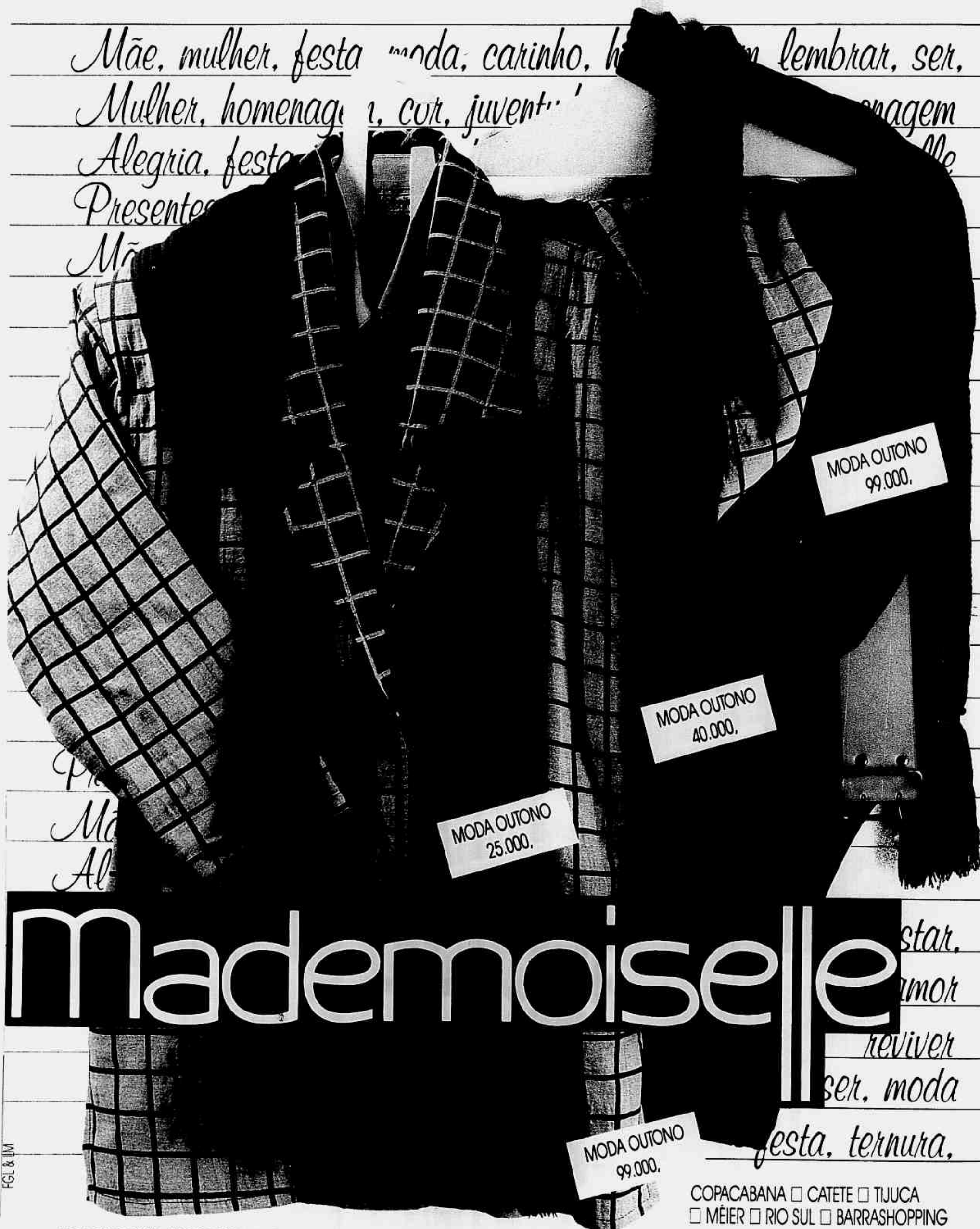
Pra você dar este carinho, nem é preciso sair de casa.

Porque já existe o CHEIRINHO NATURAL A DOMICÍLIO. Você liga para 294-4996, faz suas compras, e a gente leva até sua casa ou seu escritório sem cobrar nada.

Carinho é isto: dar de presente pra mamãe um pouquinho da mamãe natureza.

O Boticário
produtos naturais

Ipanema - Rio Sul - Praça Saens Peña, 45 - Off Shopping - BarraShopping - Almirante Barroso - Buenos Aires - Bonsucesso - Campo Grande - Friburgo - Petrópolis - Teresópolis - Cabo Frio - Parati - Vassouras - Campos - Itaperuna - Cachoeiro de Itapemirim.

Mãe, mulher, festa moda, carinho, lembrar, ser,
Mulher, homenag , cor, juvent nagem
Alegria, festa
Presentes
MODA OUTONO 99.000,
MODA OUTONO 40.000,
MODA OUTONO 25.000,
Mademoiselle
star,
amor
reviver
ser, moda
festa, ternura,
MODA OUTONO 99.000,
COPACABANA □ CATETE □ TIJUCA
□ MÉIER □ RIO SUL □ BARRASHOPPING
USE O SEU CARTÃO MADEMOISELLE SPECIAL
FGL & EM

QUALIDADE ACIMA DE TUDO

Pronto atendimento por especialistas. Projetos, sem qualquer compromisso, para modulados e decoração. Aproveitamento integral do espaço. Lojas em pontos estratégicos. Fácil estacionamento.

COMPARE PREÇO FINAL.

MODULADOS ROMA

OS ÚNICOS SOB MEDIDA

PREÇO ABAIXO DE TODOS

Venha comprovar. Nossa fabricação própria permite: 2[illegible]% de desconto à vista. Ou em 7 vezes, sem juros. Ou em outros planos de sua conveniência. Converse conosco. E tome nota: nossa entrega é rápida. E rigorosamente cumprida.

MODULADOS ROMA

FÁBRICA: Av. Suburbana, 5027 - Fone: PBX 289-2595
LOJAS: Av. Ataulfo de Paiva, 19
Loja G - Fone: 239-0748 - Leblon.
Estrada do Galeão, 634 - Fone: 396.7991 - Ilha.
Barra da Tijuca - Casa Shopping - Fone: 325-0955.

ferrari

3
4
5
6
7
8
9
10
14
16
17
19

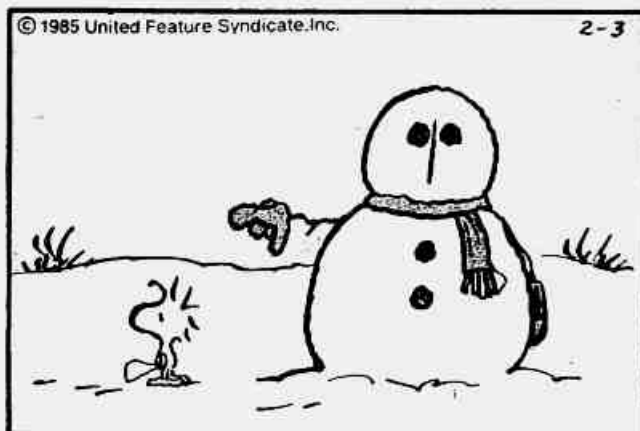
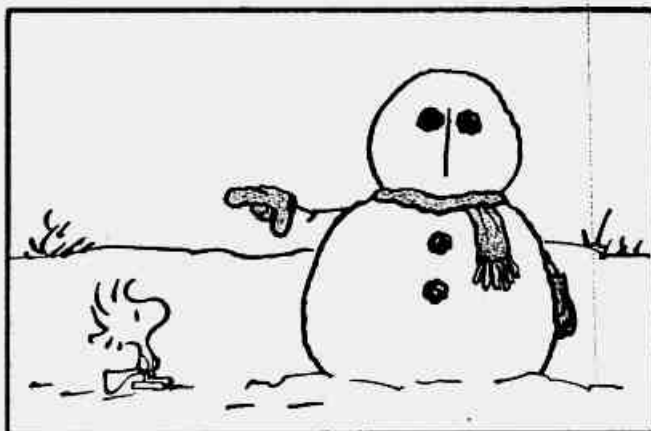
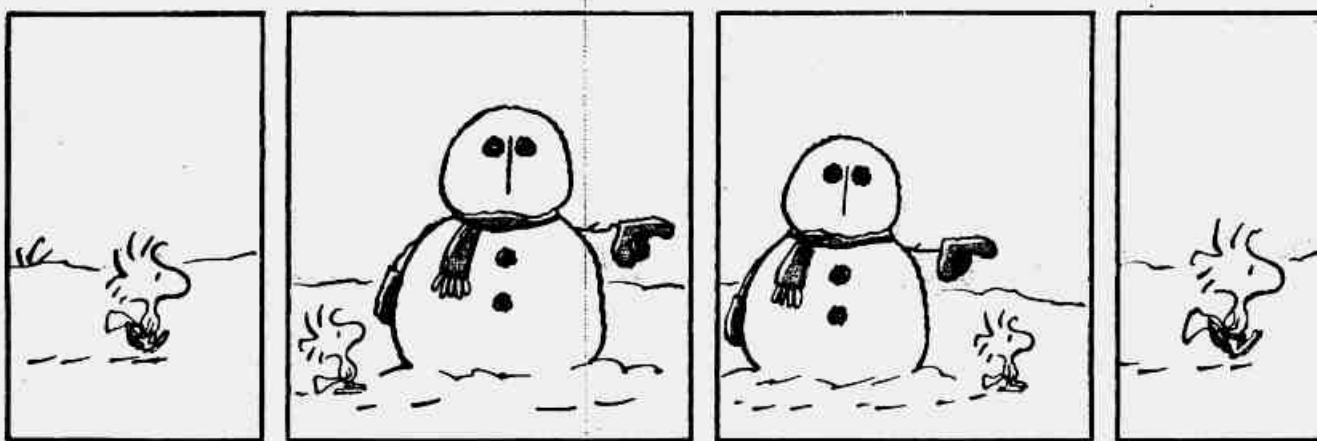
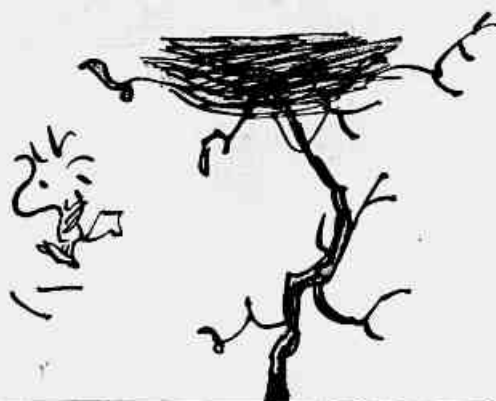
CADERNO DE

QUADRINHOS

Nº 473 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 5 de maio de 1985 Não pode ser vendido **separadamente**

PEANUTS

Charlie Brown e sua patota

por SCHULZ

ARCA dos BICHOS de Addison

FRANK E ERNEST

TM

TURMA DO LAMBE-LAMBE

Daniel Azulay

BELINDA
de YOUNG e GERSHER

CORA VEM PARA CÁ!

E ESTÁ EM PÉ DE GUERRA!

ONDE ESTÁ AQUELE BODE VELHO?

SOCORRO, POR FAVOR!

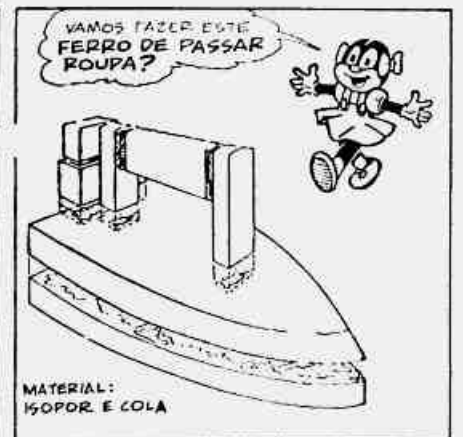
NINGUÉM ME AJUDA???

SOCORRO, POR FAVOR!

VOU PEGAR MEU EQUIPAMENTO.

COMPREI UM CAPACETE DE FUTEBOL AMERICANO PARA UMA OCASIÃO DESTAS.
© 1984 King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

PAREM, VOCÊS DOIS! JÁ CHEGA!

NÃO SE META!
WHAM
WHAM

FUTEBOL AMERICANO TEM PENALTI?...
10-7
YOUNG + GERSHER

WALT DISNEY
MICKEY MOUSE

MINHAS COSTAS ESTÃO DOENDO!
CIMENTO

POR QUE OS SACOS DE CIMENTO NÃO VÊM COM RODINHAS?...

MEU NOVO ACESSO PARA A GARAGEM VAI FI- CAR UMA BELEZA!

PRONTINHO! AGORA SÓ FALTA SECAR!

AGORA VOU TOMAR BA- NHO E...
SPLOOK!
DIG! DIG!
SPLORG!

PLUTO! NÃO! PARE COM ISSO!
DIG! DIG!
SPLOOP!

OH.

BEM, COMO É QUE EU IA SABER?...
12-30
Distributed by King Features Syndicate

KID FAROFA

T.K. Ryan

O MAGO DE ID
®
parker — hart

NOVE HORAS E TUDO LEGAL HIC...

...NO BAR DO GUGA!

DEZ HORAS E TUDO PERFEITO NO BAR DO VINAGRE!

ONZE HORAS E TUDO...
EI!

© News America Syndicate, 1985

ACABO DE RECEBER UM BOLETIM...
3-17

O ESCRITÓRIO DE METEOROLOGIA PREVÊ CHUVAS...

...AS TROVOADAS INCOMODARÃO BASTANTE!
PARKER.

ELE NUNCA OUVIU VOCÊ RONCAR!

Zezé e Cia

de MORT WALKER e DIK BROWNE

VERISSIMO
AS COBRAS
85-18

OLHA ALI...

UMA LÂMPADA DE ALADIM!

SUSH!

FAÇAM SEUS PEDIDOS

QUALQUER COISA?

O QUE QUISEREM

DESDE QUE NÃO SEJA INFLACIONÁRIO